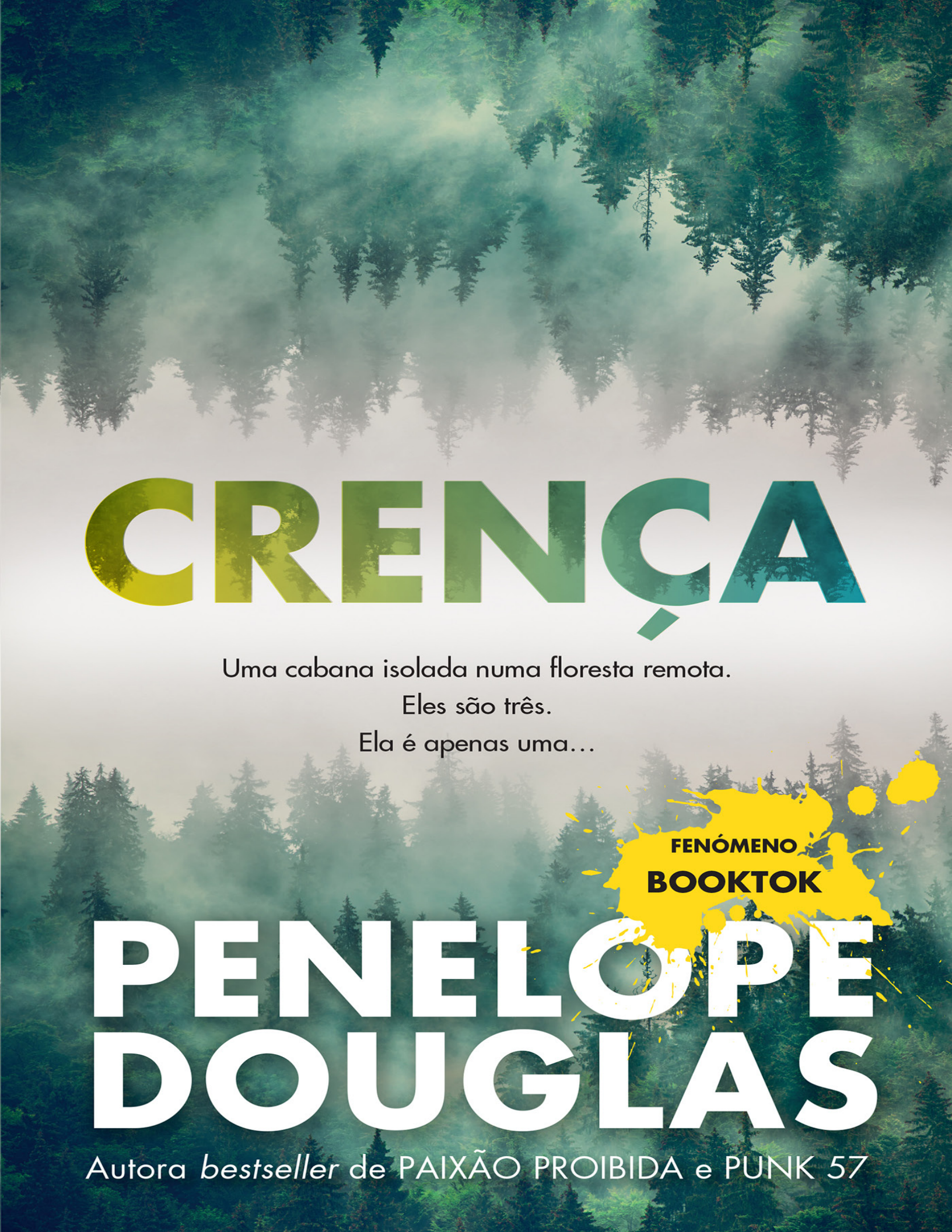

CRENÇA
Uma cabana isolada numa floresta remota.
Eles são três.
Ela é apenas uma...
FENÓMENO
BOOKTOK
PENELOPE
DOUGLAS
Autora bestseller de PAIXÃO PROIBIDA e PUNK 57

Penelope Douglas

CRENÇA

Tradução
Rui Azeredo

Quinta Essência

Ficha Técnica

Título: Crença
Título original: Credence
Autor: Penelope Douglas
Tradução: Rui Azeredo
Revisão: Domingas Cruz
ISBN: 9789896618087

QUINTA ESSÊNCIA
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Penelope Douglas, 2020
Esta edição foi publicada com o acordo de Dystel, Goderich & Bourret LLC.
através de International Editors and Yañez Co.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.leya.com

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Índice

Ficha Técnica
1 Tiernan
2 Tiernan
3 Tiernan
4 Tiernan
5 Jake
6 Tiernan
7 Tiernan
8 Tiernan
9 Noah
10 Tiernan
11 Tiernan
12 Tiernan
13 Tiernan
14 Noah
15 Tiernan
16 Tiernan
17 Jake
18 Jake
19 Tiernan
20 Tiernan
21 Tiernan
22 Noah
23 Tiernan
24 Tiernan
25 Tiernan

26
27 Tiernan
28 Tiernan
29 Tiernan
30 Tiernan
31 Tiernan
32 Tiernan
33 Tiernan
34 Tiernan
35 Tiernan
36 Tiernan
EPÍLOGO Kaleb
Agradecimentos

«Não é de luz que necessitamos; não de um chuvisco ligeiro,
mas de trovoada. Necessitamos da tempestade,
do furacão e do terramoto.»

Frederick Douglass

1

Tiernan

É estranho. O baloiço de pneu no jardim é a única coisa que parece indicar que vive aqui uma criança. Nunca houve desenhos na casa, nem no frigorífico, nem nas paredes. Nada de livros infantis nas estantes. Nada de sapatos à porta, nem boias na piscina.

É um lar de um casal, não de uma família.

Olho pela janela, observando o pneu a balançar para a frente e para trás ao sabor da brisa pendurado no carvalho, e alheadamente coço a fita vermelha no meu cabelo entre os meus dedos, sentindo o conforto da superfície macia.

Ele sempre teve tempo para a empurrar no baloiço, não foi? Ele tinha tempo para ela.

E ela para ele.

Walkie talkies emitem bipes e ouve-se um ruído branco algures atrás de mim ao mesmo tempo que ecoam passos nos degraus e portas batem acima de mim. A polícia e os paramédicos estão atarefados lá em cima, mas sem dúvida que em breve quererão conversar comigo.

Engulo em seco, sem pestanejar.

Eu achara que o baloiço de pneu era para mim quando ele o instalou há dez anos. Eu podia lá brincar, mas a minha mãe era a única que verdadeiramente o adorava. Costumava observá-los pela janela do meu quarto noite dentro, o meu pai a empurrá-la e a magia da alegria e risos deles a levarem-me a querer lá estar no meio. Mas sabia que, assim que me vissem, a magia alterar-se-ia. Desapareceria.

Assim, ficava à janela, meramente a olhar.

Como ainda faço.

Mordo o canto da boca, observando uma folha verde a flutuar no ar para lá do baloiço e a pousar no pneu onde a minha mãe se sentou vezes sem conta. A imagem do seu roupão branco e cabelo louro-claro a flutuar na noite enquanto balançava lá encontra-se ainda muito presente, pois a última vez foi ainda ontem.

Ouço alguém a pigarrear atrás de mim e finalmente pestanejo, baixando os olhos.

– Eles disseram-te alguma coisa? – pergunta-me Mirai, com uma voz chorosa.

Não me viro para trás, mas ao fim de um momento abano ao de leve a cabeça.

– Quando é que falaste pela última vez com eles?

Não sei responder a isso. Não sei ao certo.

Atrás de mim, sinto-a a aproximar-se, mas para a uns passos quando se ouve o chocalhar da maca da primeira ambulância a descer a chiar as escadas ao ser retirada da casa.

Ergo o queixo, preparando-me para a agitação distante no exterior conforme os paramédicos abrem a porta. Os chamamentos e as perguntas, as buzinas com a chegada de mais gente, para lá dos portões, onde os *media* sem dúvida que conseguem espreitar o corpo a ser levado.

Quando é que falei pela última vez com os meus pais?

– A polícia encontrou alguns medicamentos no quarto dos teus pais – comenta Mirai na sua voz suave. – Tem o nome do teu pai inscrito, por isso ligaram ao médico e souberam que ele tinha cancro, Tiernan.

Não reajo.

– Eles nunca me contaram nada – diz-me. – Sabias que o teu pai estava doente?

Volto a abanar a cabeça, ainda a ver o pneu balançar.

Ouço-a a engolir em seco.

– Ao que parece, experimentou uns tratamentos, mas a doença era agressiva – revela. – O médico explicou que ele… ele não ia durar nem um ano, querida.

Uma rajada de vento corre no exterior, agitando o baloiço, e vejo a corda a rodopiar o pneu ao torcer-se.

– Parece que… Parece que eles… – Mirai interrompe-se, sem conseguir levar o pensamento até ao fim.

Eu sei o que parece. Percebi quando os encontrei esta manhã. *Toulouse*, o *terrier* escocês da minha mãe, estava a arranhar a porta e a implorar por entrar no quarto deles, pelo que entreabri a porta. Ocorreu-me que era algo estranho ainda não se terem levantado, mas ainda assim deixei entrar o cão. Antes de voltar a fechar a porta, ergui os olhos e vi-os.

Na cama. Abraçados. Completamente vestidos.

Ele usava o seu fato preferido *Givenchy* e ela o vestido *Oscar de La Renta* que usou no Festival de Cannes de 2013.

Ele tinha cancro.

Ele estava a morrer.

Sabiam, e a minha mãe decidiu que ele não partiria sem ela. Entendeu que nada mais havia além dele.

Nada mais.

Sinto uma picada atrás dos olhos, mas desaparece de imediato.

– A polícia não encontrou nenhum bilhete – diz Mirai. – Tu encontraste…

Mas eu rodo a cabeça, olhando-a nos olhos, e ela cala-se de imediato. Que pergunta estúpida.

Cerro os maxilares, engolindo as agulhas que sinto na garganta. Ao longo de todos os anos com amas e colégios internos e acampamentos de verão, onde eu era mantida ocupada e criada por alguém que não eles, pouco havia que os meus pais fizessem que me causasse dor. Mas parece que ainda há partes de mim que se magoam.

Não me deixaram um bilhete. Nem agora houve algo que me quisessem dizer.

Pestanejo para travar as lágrimas e volto-me de novo para a frente, tentando olhar fixamente para o baloiço enquanto roda e balança para a frente e para trás ao sabor do vento.

Ouço Mirai a fungar e soluçar discretamente atrás de mim, ela sabe. Sabe o que sinto, pois está cá desde o início.

Ao fim de mais um minuto, vejo-a do outro lado da janela, a passar diante de mim, e nem sequer percebera que ela saíra da divisão.

Leva uma tesoura de poda na mão e avança para o baloiço e, ao levantar a tesoura para a corda, cerro os punhos sob os braços e vejo-a a pressionar, cortando a corda até o pneu ficar dependurado por uns fios e cair.

Uma lágrima isolada por fim cai e pela primeira vez desde que cheguei a casa no verão sinto algo semelhante a amor.

Horas mais tarde, o Sol pôs-se, a calma regressou à casa e estou só. Quase só. Ainda há jornalistas a rondar os portões.

Mirai queria que eu fosse com ela para o pequeno T1 onde vivia, sendo que por certo receberia o suficiente para não ter de morar lá. Mas dado que sempre aqui esteve dia e noite e a viajar para onde a minha mãe fosse, fazia mais sentido não ter sequer um apartamento, quanto mais alugar um grande. Educadamente, recusei.

Ela levou o *Toulouse*, dado que o cão dá-se tão bem comigo como se daria com um gato e Mirai disse que regressaria logo pela manhã.

Deveria ter sido mais simpática com ela. Quando se ofereceu para ficar aqui, eu só queria que toda a gente se pusesse a andar. O ruído e a atenção deixaram-me nervosa e não queria ouvir os telefonemas que Mirai teria de fazer esta noite, que serviriam apenas para recordar como o mundo e as redes sociais estavam a mergulhar num caos.

Diziam coisas sobre os meus pais.

Especulavam sobre mim, sem dúvida.

A pena. As previsões de quando seguiria a minha mãe e o meu pai, ou por *overdose* ou através do meu próprio suicídio. Toda a gente tem uma opinião e acha que sabe tudo. Se já antes achava que vivia num aquário…

Regresso até ao forno, suspirando. Os meus pais deixaram-me a lidar com esta merda.

Ergue-se vapor do tacho e desligo a boca do fogão e verto o ramen para uma taça. Esfrego os lábios secos e olho para o caldo amarelo enquanto o meu estômago ruge. Passei o dia sem comer nem beber, mas não faço ideia se tinha alguma intenção de comer isto quando por fim me desloquei até à cozinha para o preparar. Simplesmente, sempre apreciei o processo de cozinhar. A receita, o procedimento… Sei o que fazer. É meditativo.

Envolvo a taça com as mãos, saboreando o calor que passa pela cerâmica e me sobe pelos braços. Sinto arrepios a irromper por todo o corpo e quase engulo, mas percebo então que requer mais energia do que aquela de que disponho.

Eles estão mortos e nem chorei. Estou apenas preocupada com o amanhã e em lidar com tudo.

Não sei como agir e a ideia de me obrigar a fazer conversa de ocasião com executivos de estúdios e velhos amigos dos meus pais ao longo das próximas semanas enquanto sepulto a minha mãe e o meu pai e lido com tudo o que herdei faz com que a bílis me suba à garganta. Sinto-me nauseada. Não aguento.

Não aguento.

Eles sabiam que eu não tinha capacidade para resolver situações como esta. Não sei sorrir nem fingir coisas que não sinto.

Retirando pauzinhos de comer da gaveta, enfio-os na taça e pego-lhe, levando-a para o andar de cima. Nem sequer paro ao desviar-me da porta do quarto deles, dirigindo-me para a esquerda, para o meu quarto.

Coloco a taça em cima da minha secretária, paro, com o cheiro a ramen a revirar-me o estômago. A seguir, encosto-me à parede e deixo-me deslizar até me sentar no chão. O soalho fresco de madeira apazigua-me os nervos e sinto-me tentada a estender-me e colocar a cara no chão.

É estranho eu ter ficado esta noite em casa tendo eles morrido ao fundo do corredor esta manhã? O médico-legista estimou que a morte terá ocorrido às duas da manhã. Eu só acordei às seis.

Sinto a cabeça dar voltas, apanhada entre não querer saber e querer processar o modo como tudo aconteceu. Mirai está cá todos os dias. Se não fosse eu a dar com eles, teria sido ela. Porque é que não esperaram até eu ir para a escola na próxima semana? Ter-se-iam lembrado sequer que eu estava em casa?

Deixo a cabeça descair para trás contra a parede e assento os braços sobre os joelhos dobrados, fechando os meus olhos ardentes.

Não me deixaram um bilhete.

Vestiram-se. Puseram o cão lá fora. Deram ordens a Mirai para que viesse tarde esta manhã em vez de vir cedo.

Não me escreveram um bilhete.

A porta fechada do quarto deles paira ali à minha frente e abro os olhos, olhando pelo meu quarto, pela porta aberta, pelo corredor e até ao quarto deles do outro lado do *hall*.

A casa parece a mesma.

Nada mudou.

Mas então ouço um leve zumbido vindo de algures e pestanejo face ao suave som, com o medo a devolver-me à realidade. O que é aquilo?

Pensei que tinha desligado o meu telefone.

Os jornalistas sabem que devem fazer pedidos para comentários meus através dos representantes dos meus pais, mas isso não trava os mais gananciosos – a maioria deles – de tentarem sacar o meu número de telemóvel.

Levanto o braço, tateando para encontrar o meu telefone sobre a secretária, mas ao carregar no botão *Ligar* vejo que ainda se encontra desligado.

O zumbido continua e quando percebo do que se trata o meu coração falha uma batida.

O meu telemóvel privado. O que está enfiado no fundo da minha gaveta.

Apenas os meus pais e Mirai conheciam esse número. Era um telefone para me contactarem caso houvesse algo urgente, pois sabiam que era frequente eu desligar o outro.

Mas nunca usaram esse número, por isso já nem andava com ele.

Erguendo-me, apoiada nos joelhos, estendo a mão até à gaveta da minha secretária e arranco o velho *iPhone* do carregador e volto a estender-me no chão, olhando para o ecrã.

Colorado. Não conheço ninguém no Colorado.

Mas este telefone nunca recebe chamadas. Podia ser um repórter que conseguiu de alguma maneira localizar o telemóvel, mas nem sequer está registado em meu nome, portanto não é nada provável.

Atendo.

– Estou?

– Tiernan?

A voz do homem é profunda, mas nota-se um certo tom de surpresa como se não contasse que eu atendesse.

Ou está nervoso.

– Daqui fala Jake Van der Berg – anuncia.

Jake Van der Berg…

– O teu *tio* Jake Van der Berg.

E então recordo.

– Do lado do meu pai…?

– Sim, irmão – esclarece. – Ou melhor, irmão por afinidade.

Esqueci por completo. Jake Van der Berg raramente era mencionado nesta casa. Não cresci na companhia de quaisquer parentes, por isso esquecera por completo que os havia.

A minha mãe foi criada em famílias de acolhimento, nunca conheceu o pai e não tinha irmãos. O meu pai tinha apenas um irmão por afinidade, mais novo, que eu nunca conhecera. Eu não contei com tios, tias ou primos na minha infância e os pais do meu pai já tinham morrido, pelo que nem avós tive.

Só há um motivo para ele me ligar ao fim de dezassete anos.

– Hum – murmuro, em busca de palavras. – A assistente da minha mãe vai tratar dos preparativos do funeral. Se precisa de pormenores, não os tenho. Eu dou-lhe o número dela.

– Eu não vou ao funeral.

Paraliso por uns momentos. A voz dele soa tensa.

Não me dera os pêsames pela «minha perda», o que é invulgar. Não que necessite deles, mas, então, o que o levou a telefonar-me? Será que acha que o meu pai o incluiu no testamento?

Sinceramente, é capaz de o ter feito. Não faço ideia.

Mas, antes de lograr perguntar-lhe o que deseja, ele aclara a garganta.

– O advogado do teu pai ligou-me há pouco, Tiernan – afirma. – Dado que sou o teu único familiar ainda vivo, e como ainda és menor, pelos vistos os teus pais deixaram-te ao meu cuidado.

Ao cuidado dele?

Pelos vistos. Soa como se também fosse novidade para ele.

Não preciso que ninguém tome conta de mim.

Ele prossegue:

– Mas daqui a uns mesitos fazes dezoito anos. Não vou obrigar-te a nada, por isso não te preocupes.

Muito bem. Hesito por momentos, sem saber se deva sentir alívio ou não. Ainda não tivera tempo para interiorizar que legalmente não sou adulta e o que representa isso agora que os meus pais morreram, antes de ele me garantir que isso não tinha significado. A minha vida não iria mudar.

Ótimo.

– Tenho a certeza de que tendo em conta a tua educação nesse tipo de vida – diz ele –, és muito mais conhecedora do mundo do que nós e sabes tomar conta de ti sozinha.

– Nós? – murmuro.

– Os meus filhos e eu – responde ele. – Noah e Kaleb. Na verdade, não são muito mais velhos do que tu. Talvez uns anitos.

Então, eu tenho primos. Ou… primos por afinidade.

Tanto faz. Basicamente, não é nada. Remexo na linha azul dos meus *shorts* de dormir.

– Só quis ligar-te para te dizer isso – conclui por fim. – Se quiseres emancipar-te, não vou opor-me. Não tenho qualquer interesse em complicar-te a vida arrancando-te da vida que tens agora.

Olho para a linha, apertando-a entre as minhas unhas ao esticá-la. *Então, está bem.*

– Bem… obrigada por ter ligado.

E vou a afastar o telemóvel do ouvido, mas volto a ouvir a voz dele.

– Queres cá vir?

Encosto de novo o telefone à orelha.

– Não quis dar a ideia de que não eras bem-vinda – diz ele. – És bem-vinda, só achei…

Interrompe-se e fico à espera.

Ri-se.

– É só que nós levamos aqui uma vida muito reclusa, Tiernan – explica-se. – Não é muito divertido para uma jovem, em especial para quem não faz a mínima ideia de quem eu sou, percebes? – O seu tom de voz torna-se solene. – Eu e o teu pai, nós… nós nunca estávamos juntos.

Fico ali parada, sem abrir a boca. Sei que seria de bom-tom responder-lhe. Ou talvez ele espere que eu faça perguntas. Tipo, o que se passou entre ele e o meu pai? Ele conhece a minha mãe?

Mas não quero falar. Não me interessa.

– Ele contou-te que vivíamos no Colorado? – pergunta Jake, num tom discreto. – Perto de Telluride, mas no alto das montanhas.

Inspiro fundo e expiro, enroscando a linha à volta do meu dedo.

– Com tempo bom, a viagem até à vila é simples, mas neva ao longo de meses seguidos no inverno – prossegue. – É muito diferente da tua vida.

Ergo os olhos, deixando que vagueiem lentamente pelo quarto enfadonho onde raramente durmo. Estantes cheias de livros que nunca acabei de ler. Uma secretária repleta de diários giros que gostava de comprar, mas onde quase nunca escrevi. Passou-me pela cabeça decorar o

espaço durante as férias em casa, mas, tal como tudo o resto, nunca foi comprado papel de parede, pois nunca era capaz de me decidir. Falta-me imaginação.

Pois, a minha vida…

O peso da porta do quarto dos meus pais paira diante de mim, ao fundo do *hall*.

Neva, disse ele. *Ao longo de meses.*

– Sem TV por cabo. Sem barulhos. Às vezes sem *Wi-Fi* – acrescenta. – Apenas os sons do vento, das cascatas e da trovoada.

Sinto um ligeiro aperto no coração, mas não sei se devido às palavras dele ou à voz. *Apenas os sons do vento, das cascatas e da trovoada.*

Para ser sincera, parece-me o máximo. Tudo aquilo soa bastante agradável. Ninguém chega até nós.

– Os meus rapazes estão habituados ao isolamento – conta-me. – Mas tu…

Volto a puxar a linha e enrosco-a em volta do dedo. *Mas eu.…*

– Vim para cá quando era pouco mais velho que tu – reflete ele, e é como se lhe ouvisse o sorriso na voz. – Tinha mãos macias e a cabeça cheia de merdas com as quais não sabia lidar. Era quase como se nem estivesse vivo.

Sinto uma impressão na garganta e fecho os olhos.

– Há algo a dizer sobre suor e sol. – Suspira. – Trabalho árduo, conforto e mantermo-nos ocupados. Construímos tudo o que temos. É uma boa vida.

Talvez seja mesmo disso que preciso, fugir como ele fizera quando tinha a minha idade. Lançar-me em algo diferente, porque a única coisa que hoje em dia sinto é cansaço.

– Tens tido uma boa vida? – questiona, quase num sussurro.

Mantenho os olhos fechados, mas é como se tivesse um pedregulho em cima dos meus pulmões. Tenho tido uma boa vida. Tenho um armário cheio com a roupa e carteiras de estilista que toda a gente conta que a filha de uma estrela famosa use. Visitei duas dúzias de países e posso comprar o que quiser. A minha casa é enorme. Tenho o frigorífico cheio. Quanta gente adoraria trocar de lugar comigo? Sou uma sortuda, certo?

– *Queres* vir até cá, Tiernan? – insiste.

2

Tiernan

Retiro os meus auscultadores *wireless* deixando-os à volta do pescoço enquanto observo a divisão. O espaço de recolha de bagagens dispõe apenas de duas passadeiras. É do tamanho de uma casa de banho do aeroporto de Los Angeles.

Ele está cá? Olho em volta, tentando reconhecer alguém que nunca vi, mas provavelmente irá ver-me antes disso. Neste momento, é difícil evitar as nossas fotos de família que aparecem *online*.

Sigo a multidão em direção ao segundo tapete e espero que comecem a aparecer as malas. Provavelmente, trouxe tralhas a mais, em especial tendo em conta a possibilidade de não ficar por muito tempo, mas, sinceramente, não foi algo que me ocorresse. Ele enviou-me um bilhete por *email* – disse-me que podia utilizá-lo ou não – e eu peguei nas minhas malas e comecei a enchê-las. Senti-me aliviada por ter algo que fazer.

Consulto o meu telemóvel para me certificar que não perdi nenhuma chamada dele a indicar um ponto de encontro e em vez disso dou com uma mensagem de Mirai.

Só para te pôr a par… O médico-legista
vai confirmar a causa de morte no final
da semana. Vai ser notícia. Se precisares
de conversar, estou aqui. Sempre.

Inspiro fundo, mas esqueço-me de libertar o ar enquanto enfio o telemóvel no bolso de trás. *Causa de morte.* Já sabemos como morreram. Todos os maluquinhos religiosos do *Twitter* estão presentemente a condenar os meus

pais como pecadores por se terem suicidado e não consegui olhar para aquilo. Apesar de eu poder dizer o que bem me apetecesse sobre os meus problemas com Hannes e Amelia de Haas, não queria saber de tretas da parte de estranhos que nem sequer os conheciam.

Devia desligar o telemóvel. Devia…

Uno as sobrancelhas. *Devia ir para casa.*

Não conheço este tipo e não gosto das pessoas que conheço.

Mas, na noite passada, nada me pareceu melhor do que pôr-me a andar de lá para fora.

O tapete começa a rolar, despertando-me dos meus devaneios, e olho quando as malas começam a aparecer. Uma das minhas malas pretas avança na minha direção e estico o braço para lhe pegar, mas de repente surge outra mão, erguendo-a por mim. Olho para cima, ficando cara a cara com um homem.

Bem, não é propriamente cara a cara. Ele fita-me do alto e abro a boca para falar, mas não me ocorre… nada. Os olhos dele estão praticamente paralisados e não pestaneja enquanto ali estamos, presos.

É ele?

Sei que o irmão por afinidade do meu pai é de ascendência neerlandesa, tal como o meu pai, e este tipo sem dúvida que tem o esperado aspeto atlético de um metro e noventa, com cabelo rente louro-escuro e olhos azuis em que um leve divertimento trai o seu maxilar rígido e presença intimidante.

– É o Jake? – pergunto.

– Olá.

O olhar dele não se desvia de mim e por momentos também não consigo deixar de olhar. Sei que ele e o meu pai não eram do mesmo sangue, mas por algum motivo achei que seriam parecidos. Não sei porquê.

Mas as minhas expectativas saíram completamente ao lado e não me ocorrera que havia uma diferença de idades entre eles. Jake deveria ser pelo menos uns dez anos mais novo que Hannes. Trinta e muitos? Quarenta e poucos?

Talvez isso tivesse a ver com o facto de não serem chegados. Em dois lugares completamente diferentes, sem muito em comum enquanto cresciam?

Ficámos ali parados por uns momentos e sinto que este seja o momento em que a maioria das pessoas se abraçaria, ou algo do género, mas recuo um passo – afastando-me dele –, pois nunca se sabe.

Mas ele não se lança num abraço. Em vez disso, o seu olhar desvia-se para o lado e aponta.

– Esta também é?

A voz dele é profunda, suave, como se estivesse algo assustado comigo, mas nada mais o assustasse. A batida do meu coração intensifica-se.

O que me perguntou ele?

Oh, as malas.

Espreito por cima do ombro e vejo a minha outra mala preta a avançar nesta direção.

Assinto com a cabeça, esperando que venha pela passadeira até nós.

– Como é que me reconheceu? – pergunto-lhe, recordando como pegou na minha mala sem uma palavra que confirmasse a minha identidade.

Ele sorriu.

Fecho momentaneamente os olhos, recordando que terá visto fotografias minhas algures, pelo que não seria difícil identificar-me.

– Pois – murmuro.

– Dá-me licença – diz ele, estendendo o braço para pegar na segunda mala. Recuo um passo, atrapalhada, o corpo dele roçando no meu.

Retira-a da passadeira e acrescenta:

– E és a única com malas *Louis Vuitton*, por isso…

Lanço-lhe um olhar, reparando nas calças de ganga com joelhos manchados com terra e na *T-shirt* cinzenta simples que veste.

– Conhece a *Louis*? – pergunto.

– Mais do que gostaria – responde, olhando-me então diretamente. – Também fui criado nessa vida, lembras-te?

Nessa vida. Di-lo como se marcas e luxo apagassem qualquer essência. As pessoas podem viver em realidade diferentes, mas a verdade é sempre a mesma.

Aclaro a garganta, estendendo a mão para uma das malas.

– Posso levar alguma coisa.

– Não é preciso. – Abana a cabeça. – Estamos bem assim.

Levo a mochila às costas e deito a mão à pega do meu trólei, enquanto ele agarra as minhas duas malas com rodinhas.

Estou pronta para partir, mas ele olha para mim, com timidez, e ao mesmo tempo assombro.

– O que foi? – pergunto.

– Nada, desculpa – responde, abanando a cabeça. – És parecida com a tua mãe.

Baixo o olhar. Não é a primeira vez que ouço tal, e é um elogio, sem dúvida. A minha mãe era linda. Carismática, escultural…

Mas nunca me faz sentir bem. É como se todo a gente a visse primeiro a ela.

Olhos cinzentos, cabelo louro, embora o meu seja num tom escuro natural, enquanto o dela era pintado para parecer mais dourado.

Mas as sobrancelhas mais escuras são só minhas. Uma pequena fonte de orgulho. Aprecio o modo como me realçam os olhos.

Ele inspira fundo.

– Há mais? – pergunta, e assumo que se refere à minha bagagem.

Abano a cabeça.

– Muito bem, toca a andar.

Abre caminho para a saída e sigo logo atrás, enquanto avançamos pela escassa multidão até ao exterior.

Assim que saímos para o sol, inspiro o ar denso de final de agosto, cheirando o asfalto e as árvores que delimitam o parque de estacionamento atrás. A brisa arrepia-me os pelos dos braços e, apesar de o céu se apresentar sem nuvens, sinto-me tentada a pegar no casaco que enrolei à cintura para o vestir. Atravessámos a passadeira, mal sendo preciso estar atento aos carros, pois o trânsito é até pior na fila para o arrumador no clube de campo dos meus pais a um domingo à tarde. Gosto. Nada de buzinas nem colunas de som a fazer vibrar o piso.

Ele para atrás de uma carrinha preta, mas, em vez de abrir a tampa traseira, iça a mala pela lateral para a caixa aberta da viatura. Estendendo o braço para trás, pega na outra mala e faz o mesmo.

Agarro no meu trólei para o ajudar, mas ele depressa lhe deita a mão, com os tendões do braço a fletirem e a brilharem ao sol.

– Devia ter viajado com menos bagagem – penso em voz alta.

Ele vira-se para mim.

– Não estás só de visita.

Pois, talvez. Ainda não sei ao certo, mas pareceu-me mais indicado trazer o suficiente para uma grande jornada caso decidisse ficar.

Subimos para a carrinha e ponho o cinto de segurança assim que ele liga a ignição. Por reflexo, pego nos auscultadores que trago ao pescoço. Mas paro. Seria má educação ignorá-lo quando acabo de o conhecer. Os meus pais nunca se importaram, mas pediram-me que não o fizesse junto de outras pessoas.

Largo os auscultadores e olho antes para o autorrádio. *Por favor, que haja música.*

E assim que a carrinha ruge ao ganhar vida, o rádio liga-se, soando alto *Kryptonite*, e, por um segundo, sinto-me aliviada. A conversa de ocasião é penosa.

Ele sai do parque de estacionamento e uno as mãos no colo, rodando a cabeça para a janela.

– Ora então, andei a ver – diz ele, falando por cima da música. – Temos uma escola secundária *online* que pode tratar de ti.

Olho para ele.

Explica-se melhor:

– Temos aqui imensos miúdos necessitados, nos ranchos e isso, por isso é muito comum as aulas em casa ou aulas *online* integrais.

Oh.

Descontraio um pouco. Por momentos, achei que quisesse que eu fosse à escola. Preparara-me para viver num lugar novo, mas não a adaptar-me a novos professores e colegas. Mal conhecia quem me acompanhou nestes três últimos anos.

De uma maneira ou de outra, não necessitava de se ter dado ao incómodo. Eu tratei disso.

– Posso ficar em Brynmor – respondo, devolvendo o olhar à janela. – A minha escola no Connecticut ficou grata por poder trabalhar comigo na minha… ausência. Os meus professores já me enviaram por *email* o plano de estudos e vou poder concluir tudo *online*.

A via rápida começa a dar lugar a uma estrada com uma ou outra casa à vista, ranchos ao estilo dos anos oitenta com vedações de rede de arame enferrujado, *bungalows* e até uma loja da Craftsman, tudo envolvido pelas agulhas escuras das árvores perenes em redor dos jardins.

– Ótimo – diz Jake. – Isso é ótimo. Mas avisa-os que pode haver períodos em que vais estar *offline* pois o *Wi-Fi* da minha casa falha e apaga por completo durante as tempestades. Se calhar é melhor enviarem-te os teus trabalhos em papel, para não ficares para trás quando for abaixo.

Olho para ele, vendo-o a desviar o olhar da estrada para me fitar. Assinto com a cabeça.

– Mas, quem sabe… – reflete. – Se calhar ao fim de uma semana na cabana sais a correr para as colinas.

Porque…?

Inclina a cabeça, brincando:

– Não há centros comerciais nem *macchiatos* de caramelo por perto.

Desvio o olhar para a janela, murmurando:

– Não bebo *macchiatos* de caramelo.

É sensato da parte dele antecipar que talvez não me sinta confortável com eles ou que vá sentir «falta» da minha vida em casa, mas sugerir que sou uma *prima donna* incapaz de viver sem um Starbucks é um pouco parvo. Acho que se pode agradecer à televisão por o resto do mundo pensar que as raparigas da Califórnia são todas umas parvinhas de *top*, mas com secas, incêndios florestais, terramotos, deslizamentos de terras e um quinto dos assassínios em série a ocorrerem no nosso quintal também somos rijas.

Seguimos de carro por um bocado e felizmente ele não fala mais. A vila surge mais adiante e distingo estátuas esculpidas em madeira e uma rua central de edifícios quadrados geminados. Pessoas deambulam pelos passeios, conversando, vendo-se flores envasadas penduradas em postes de iluminação, dando ao lugar um ar exótico bem tratado. Há adolescentes sentados na caixa aberta das suas carrinhas estacionadas na berma e observo os estabelecimentos – tudo lojas familiares e nada de grandes cadeias.

Festa de Verão do Fumeiro de Chapel Peak!
26-29 Agosto

Chapel Peak…

– Isto não é Telluride – comento, olhando para ele.

– Eu disse que era fora de Telluride – corrige. – Beeeem fora de Telluride.

Ainda melhor, sinceramente. Telluride era uma famosa estância de esqui – montes de lojas e comércio de topo. Isto será diferente. Quero algo diferente.

Vejo as lojas ao passar. Grind House Café. Porter's Post Office. The Cherry Cherry Ice Cream Shop. The…

Rodo a cabeça para observar o toldo giro às riscas vermelhas e brancas ao passarmos por uma pequena loja e quase sorrio.

– Uma loja de doces…

Eu adorava lojas de doces. Já não entrava numa há anos.

Rebel's Pebbles, leio na placa. Soa tanto a oeste selvagem.

– Trouxeste a carta de condução?

Viro a cabeça para trás e assinto.

– Perfeito. – Faz uma pausa e dou com ele a olhar para mim. – Estás à vontade para pegar em qualquer um dos veículos, mas diz-me sempre onde vais, está bem?

Qualquer um dos veículos. Será que se refere ao seu e aos dos filhos? Já agora, onde estão eles?

Não contava que estivessem no aeroporto, mas deixa-me algo nervosa a possibilidade de não estarem muito entusiasmados com a minha vinda, dado que não vieram receber-me. Algo mais em que eu não pensara devidamente. Eles tinham um antro de rapazes confortável e cheio de testosterona e eis que chega a rapariga a quem acham que têm de poupar as suas piadas grosseiras.

Claro, é quinta-feira. Talvez estejam simplesmente a trabalhar.

O que me recorda…

– O que faz na vida? – pergunto-lhe.

Espreita para mim.

– Eu e os meus filhos transformamos motos todo-o-terreno – refere. – Motoquatro, *buggies* das dunas…

– Tem aqui uma oficina?

– Hã?

Aclaro a garganta.

– Tem aqui uma… oficina? – volto a repetir, mais alto.

– Não. Aceitamos encomendas e trabalhamos na nossa garagem em casa e depois enviamos o produto pronto – explica e não consigo evitar olhar de novo para ele. Enche por completo o assento, os músculos beijados pelo sol

no antebraço retesados ao agarrar o volante.

Tão diferente do meu pai, que detestava estar ao ar livre e nunca andava sem uma camisa de manga comprida, a não ser que fosse deitar-se.

Jake olha-me nos olhos.

– Em breve, vamos receber muitas encomendas – informa. – Mantém-nos bastante ocupados no inverno e depois, na primavera, enviamo-las, bem a tempo do início da estação.

Então trabalhavam em casa. Os três.

Iriam estar sempre por lá.

Esfrego alheadamente as palmas das mãos ao olhar em frente, sentindo a pulsação a bater nos ouvidos.

Até em Brynmor os meus pais trataram para que tivesse um quarto só para mim, sem colega de quarto. Prefiro estar sozinha.

Não era uma eremita. Sabia falar com os meus professores e participar em discussões e adoro ver o mundo e fazer coisas, mas preciso de espaço para respirar. Um sítio sossegado só meu para descomprimir e os homens são ruidosos. Vamos passar a vida uns em cima dos outros, se trabalham em casa.

Fecho momentaneamente os olhos, de repente arrependida por fazer isto. Porque é que o fiz?

As minhas colegas de turma odeiam-me, pois encaram o meu silêncio como snobismo.

Mas não é nada disso. Só preciso de tempo. Nada mais.

Infelizmente, não há muita gente que seja paciente o suficiente para me dar uma oportunidade. Estes tipos vão achar-me rude, tal como as raparigas da escola. Porque é que me enfiei de livre vontade numa situação destas em que tenho de conhecer gente nova?

Cerro os maxilares e engulo em seco, espreitando-o pelo canto do olho. Olha para mim. Há quanto tempo me observa?

Obrigo-me de imediato a relaxar o rosto e a respirar mais pausadamente, mas, antes de conseguir enfiar a cara no telemóvel para disfarçar o meu ataque de pânico, ele vira a carrinha para a esquerda e volta para trás, regressando na direção de onde vínhamos.

Fantástico. Vai levar-me de regresso ao aeroporto. Já o assustei.

Mas ao acelerar pela rua central, e enquanto me agarro ao cinto de segurança sobre o peito para me segurar, vejo-o a passar por dois semáforos e guinar para a esquerda, estacionando na berma da rua.

O meu corpo é sacudido para a frente quando para de repente e, antes de eu ter sequer a possibilidade de pensar no que se passa, desliga o motor e desce da carrinha.

Hum…

– Anda – diz-me, fitando-me antes de bater com a porta.

Olho pelo para-brisas e vejo Rebel's Pebbles gravado a dourado na placa preta de estilo vitoriano.

Trouxe-nos de novo à loja de doces.

Mantendo a minha pequena bolsa de viagem sobre o peito, desço da carrinha e sigo-o pelo passeio. Abre a porta, fazendo soar um sininho, e faz-me sinal para que entre antes dele.

O aroma intenso a chocolate e caramelo atinge-me com força e sinto crescer-me um enorme desejo de o provar. Já não comia desde que ingerira um punhado de mirtilos naquela manhã antes do meu voo.

– Ei, Spencer! – chama Jake.

Ouço o chocalhar de uma panela algures nas traseiras e algo – tipo a porta de um forno – a fechar.

– Jake Van der Bong! – exclama um homem que sai vagarosamente de detrás de uma parede de vidro, limpando as mãos ao avançar para nós. – Como raio vai a tua vida?

Van der Bong? Olho de repente para Jake.

Sorri-me.

– Ignora-o – diz ele. – Nunca fumei[1]. Ou melhor, já não fumo. São merdas do passado. – Sorri ao outro tipo. – O meu velho eu. O meu eu mau.

Desatam ambos a rir, cumprimentam-se com um aperto de mão e olho para o homem que acabou de aparecer. Terá a mesma idade que Jake, embora seja uns centímetros mais baixo, veste uma camisa de flanela vermelha e azul e usa o cabelo castanho despenteado.

– Spencer, esta é a minha sobrinha, a Tiernan – apresenta-me Jake.

Spencer incide o olhar em mim, acaba de limpar a mão e estende-ma.

– Sobrinha, hein? – O seu olhar é curioso. – Tiernan. Que belo nome. Como estás?

Assinto uma vez, aceitando a mão dele.

– Deixa-a levar o que quiser – diz-lhe Jake.

– Não, não é preciso. – Abano a cabeça.

Mas Jake soergue uma sobrancelha, avisando-me:

– Se não encheres um saco, enche ele por ti, e vai ser só alcaçuz preto e pauzinhos de menta.

Instintivamente, enrugo o nariz. O outro homem suspira. O alcaçuz preto que fosse para o diabo.

Jake afasta-se, pega num saquinho de plástico e começa a enchê-lo com chicletes enquanto eu permaneço ali parada, o meu orgulho a deixar-me pregada ao chão. É sempre o que mais me pesa sobre os ombros. Não gosto de dar às pessoas o que querem.

Mas, então, sinto o cheiro a açúcar e sal e o aroma do chocolate quente dos fornos atinge-me o fundo da garganta e ruma diretamente à cabeça. Adoraria provar.

– ‘Tás à espera de quê, de Haas? – ouço o meu tio dizer.

Pestanejo.

Ele vira o frasco das chicletes e agita os doces enquanto olha para mim. Olho de volta. Chamar-me pelo apelido deveria soar tipo brincadeira. Como ele, é… brusco.

Expiro com força e avanço para os saquinhos, pegando num.

– Eu pago – informo-o.

Nem olha para mim.

– Como queiras.

Abrindo o saco, passo instintivamente pelos chocolates e encaminho-me para as gomas menos calóricas, servindo-me de argolas de pêssego, fatias de melancia e tubarões azuis. Enfio também umas cápsulas e bonequinhos coloridos, sabendo que não comerei nada disto.

Avançando distraidamente para o frasco seguinte, enfio a colher e retiro uma porção vermelha.

Os peixinhos Swedish Fish *são recheados com xarope de milho, corantes e aditivos*, dissera em tempos a minha mãe. Olho para os doces, então teria adorado senti-los entre os dentes, mas não os saboreando desde os meus treze anos. Na altura em que comecei a mostrar-me disposta a

abdicar de tudo para que ela me desse valor. Talvez, se comesse como ela, usasse a mesma maquilhagem, comprasse carteiras *Prada* e *Chanel* como ela, e usasse qualquer coisa espalhafatosa da *Versace*, ela…

Mas abano a cabeça, sem terminar o pensamento. Encho o saco com duas colheres de doces. Jake aparece ao meu lado, enfiando a mão no frasco.

– Também são os meus preferidos – diz, enfiando dois na boca.

– Ei, seu porco! – ouço Spencer gritar.

Mas Jake limita-se a rir. Olho de novo para baixo, fechando o frasco e torcendo o saco para o fechar.

– Cada saco custa sempre sete cêntimos e noventa e cinco, por isso enche-o – diz-me Jake, passando por mim e percorrendo a fila de recipientes de doces.

Sete e noventa e cinco. Praticamente tanto como as garrafas de água suíça em que a minha mãe se banhava. Como é que ele se tornara tão diferente deles?

Percorro os dois corredores, passando pela montra dos chocolates e salivo um pouco ao pensar no delicioso sabor que tudo teria.

– Pronta? – Jake passa por mim.

Sigo-o até à caixa registadora e pouso o saco no balcão, temendo que ele vá à minha frente e pague.

Pego rapidamente no dinheiro e o homem, Spencer, parece compreender, pois atende-me quase sem hesitar.

Pago e recuo, dando espaço a Jake.

Ele regista a despesa de Jake, mas olha para mim.

– Vais ficar… muito tempo lá no pico? – pergunta, parecendo de repente hesitante.

Pico?

Mas Jake responde por mim.

– Sim, possivelmente até ao verão.

O homem olha para Jake, apreensivo.

– Não te preocupes – ri-se Jake, pagando ao tipo. – Vamos protegê-la dos elementos grandes e maus.

– Desde quando é que consegues controlar o Kaleb? – riposta Spencer, pegando no dinheiro de Jake.

Kaleb. Um dos filhos dele. Olho para Jake, mas limita-se a fitar-me e a abanar a cabeça, não dando importância ao assunto.

Jake pega no troco e nos doces e preparamo-nos para sair.

– Obrigada – agradeço a Spencer.

Ele limita-se a assentir com a cabeça e a ver-nos sair, deixando-me mais perturbada do que quando entrei.

Entramos na carrinha e o meu tio arranca, retomando a direção em que seguíamos antes.

As pétalas de petúnias cor-de-rosa penduradas nos vasos agitam-se ao vento face ao céu azul e jovens em camisolas sem mangas içam sacos de algo do cais de descarga da loja de alimentos para a carrinha deles. Aposto que toda a gente conhece os nomes uns dos outros.

– Não é Telluride – indica Jake –, mas não quero ver vila maior do que esta.

Concordo. Pelo menos, por ora.

Passamos pelas últimas lojas, por uns carris, e começamos a serpentear por uma rua pavimentada pejada de árvores perenes, subindo lentamente uma inclinação.

A estrada é estreita e olho pelo para-brisas, vendo as árvores a tornarem-se mais altas e tapando cada vez mais da luz do entardecer à medida que vamos avançando mais para o interior, deixando a vila para trás. Da estrada principal saem umas ruas de gravilha e terra e tento espreitar para os caminhos escuros, mas nada vejo. Dão acesso a outras propriedades? Casas?

Subimos durante um bocado, o motor a zumbir enquanto Jake serpenteia em cada curva, e deixo de ver por completo a vila lá em baixo. Raios de sol brilham por entre os ramos e pestanejo com a luz, sentindo a carrinha a sair da estrada alcatroada para um caminho de terra enquanto balanço no meu assento com os saltos.

Apoio uma mão no tablier, vendo o caminho à minha frente delimitado por abetos. Subimos por mais uns vinte minutos.

– A viagem ainda é grande – diz-me à medida que o céu vai escurecendo –, por isso se quiseres ir à vila leva um dos meus filhos, está bem?

Assinto.

– Não te quero sozinha nesta estrada depois de anoitecer – acrescenta.

Pois, nem eu. Ele não brincava quando disse «reclusa». É bom que se tenha o que é preciso, pois não é um caminho rápido para se ir buscar leite, açúcar ou xarope para a tosse.

Vira à direita para uma rampa de gravilha íngreme, as pedras a serem esmagadas sob os pneus e começo de novo a ver estruturas. Brilham luzes entre as árvores, fáceis de ver, dado que está a escurecer.

– No inverno, toda aquela estrada por onde viemos fica debaixo de neve – informa-me e vejo-o a olhar para mim – e com parte do terreno íngreme e gelado é impossível ir à vila durante meses com as estradas encerradas. Antes de começar a nevar, levamos-te à cidade para reabasteceres de doces.

Ignoro a piada e espreito pela janela, tentando ver as construções de que nos aproximamos entre os últimos vestígios de luz solar, mas com as árvores por todo o lado pouco vislumbro. Algo que se parece com uns estábulos, um par de barracões, e mais umas quantas estruturas pequenas enfiadas entre o arvoredo e então…

Leva finalmente a carrinha para terreno plano e estaciona diante de uma casa com janelas enormes e poucas luzes acesas no interior. Olho para a esquerda, para cima, para baixo, observando o lugar enorme, e, apesar não distinguir pormenores no escuro, é grande, tem três pisos, assim como varandas amplas em cima e em baixo.

Sinto-me aliviar. Quando ele falou em cabana, registei de imediato «sobrevivencialista do dia do juízo final com o básico para sobreviver», pensando mais na solidão e no espaço longe de Los Angeles do que na potencial cabana que poderia ter de concordar em viver. Só ao chegar cá comecei a preocupar-me com a minha decisão intempestiva e naquilo em que realmente me metera. Não precisava da internet, mas contava com o mínimo, canalização dentro de casa.

E – olho fixamente para a casa, ainda sentada enquanto ele desce da carrinha – *acho que estamos com sorte.*

Hesito apenas mais um momento antes de abrir a porta e sair da carrinha, levando comigo a minha mochila. Talvez tenha exagerado. Talvez não houvesse grandes motivos para me sentir nervosa. É mais ou menos como esperei e inspiro o ar, o aroma puro da água e das rochas a arrepiar-me os braços. Adoro aquele cheiro. Recorda-me caminhadas em Vernal Fall no Yosemite no meu acampamento de verão há dois anos.

Ele leva-me as duas malas e, apesar de estar um pouco de frio, mantenho o pulôver atado à cintura e sigo-o pelos degraus de madeira. A frente da casa é quase só janelas no rés-do-chão, pelo que vejo o interior. O piso térreo parece uma grande divisão de tetos altos e apesar de haver imenso de uma cor – madeira castanha, couro castanho, chifres de veado castanhos e tapetes castanhos – também distingo algumas formas em pedra.

– Olá! – chama Jake, entrando na casa e pousando as malas. – Noah!

Sigo-o, fechando com cuidado a porta ao entrar.

Aparecem dois cães a correr, um *labrador* castanho e outro, esquelético com pelo cinzento e preto e olhos pretos vidrados. Jake curva-se, fazendo uma boa dose de festas a cada um enquanto olha em redor pela casa.

– Está cá alguém? – volta a gritar.

Olho de imediato para cima, vendo um par de traves horizontais, apesar de o teto inclinar para a esquerda e também para a direita onde se situa a cozinha. Aqui não há muitas paredes, pois sala de estar, sala de jantar, sala de convívio e cozinha unem-se num espaço aberto, sem grande privacidade.

Mas é espaçoso.

– *Yeah*, estou aqui! – ouve-se uma voz masculina.

Um jovem sai da cozinha trazendo duas garrafas de cerveja e abana a cabeça na direção de Jake.

– Porra, o raio da *Shawnee* voltou a sair – diz ele.

Avança lentamente na nossa direção, como se fosse entregar a Jake uma das bebidas, mas então olha para mim e para.

O seu cabelo louro-escuro está puxado para trás sob um boné de basebol e não parece muito mais velho do que eu, talvez uns vinte ou vinte e um anos. Mas o corpo dele… Os seus braços fortes estão morenos do sol sob a sua *T-shirt* verde e é largo. Os seus olhos de um azul cristalino estão arregalados e na boca nota-se um meio-sorriso.

– Este é o Noah – apresenta-me Jake. – O meu mais novo.

Levo um momento, mas ergo a mão para apertar a dele. Em vez de lhe pegar, ele deposita lá uma garrafa e diz:

– Aprende a gostar. Aqui bebemos imenso.

O ressuado da garrafa cola-se à minha mão e eu olho de repente para Jake. Ele pega na garrafa e olha para o filho.

– O teu irmão?

– Ainda está lá – responde Noah, mas sem desviar de mim o olhar.

– Certo.

Lá? Começo a pensar no que significará, mas esqueço o assunto, limpando a minha mão húmida aos meus *jeans*, ainda a sentir o olhar dele a incidir em mim. Porque me olha assim?

Volto a olhá-lo nos olhos e mostra um genuíno sorriso. Devo dizer algo? Ou deve ele dizer algo? Acho que isto é estranho. Somos basicamente primos. Devo abraçá-lo, ou isso? É má educação não o fazer?

Não interessa.

– Por quanto tempo procuraste a égua antes de desistires? – pergunta-lhe Jake, com um suspiro que conteve a toldar-lhe a voz.

Noah sorri amplamente e encolhe os ombros.

– A minha lógica é que se não a encontrarmos, ela não volta a fugir.

Jake arqueia uma sobrancelha ao espreitar para mim e explica:

– Temos uma égua jovem que parece arranjar sempre maneira de fugir do estábulo dela. – Então, fita de novo o filho como se este fosse um assunto já muito batido. – Mas os cavalos são caros, por isso tem de ser encontrada.

O rapaz ergue a cerveja e recua.

– Só vim atestar. – E então cruza o olhar com o meu enquanto se afasta para as traseiras da casa. – Se tomares um duche, deixa alguma água para mim – diz-me.

Vejo-o a passar diante da enorme lareira de pedra, por um corredor comprido, e acabo por ouvir uma porta de tela a bater com força algures nas traseiras da casa. Ele vai procurar a égua à noite?

– Está escuro, por isso mostro-te a propriedade pela manhã – comenta Jake, avançando para a direita –, mas tens aqui a cozinha.

Ele contorna a ilha no espaço amplo, mas deixo-me ficar para trás.

– Como é evidente, serve-te à vontade do que quiseres – explica, olhando-me nos olhos. – Ainda vamos muitas vezes à vila antes de o tempo piorar nos próximos meses, para podermos encher a despensa com o que quiseres. Também vamos preparar conservas. – Fecha a porta do frigorífico, que, calculo, o filho tenha deixado aberta, e informa-me: – Tentamos plantar, caçar e matar tanta comida quanto possível.

Faz sinal para que o siga e junto-me a ele quando abre uma porta na parede da cozinha.

– Se precisares da máquina de lavar e de secar, está lá fora na oficina – indica-me, acendendo uma luz. Desce uns degraus e vejo outra carrinha estacionada na garagem bem iluminada, esta vermelha.

Jake pega num cesto de verga com roupa suja pousado no chão de cimento e põe-no em cima da máquina de secar, mas, quando avanço, algo me chama a atenção e paro no cimo das escadas. Há um veado pendurado pelas patas traseiras à direita, com uma pequena poça de sangue acumulada em volta do ralo sobre o qual o animal morto está suspenso. Os seus chifres pairam a uns trinta centímetros do chão, balançando um pouco.

Que mer…? Fico de boca aberta, espantada a olhar.

De repente, Jake está ao meu lado nas escadas.

– Tal como eu disse… plantar, caçar e matar. – Ele parece divertido com o que quer que seja que vê na minha cara. – Não és vegetariana, pois não?

Afasta-se antes de eu ter a oportunidade de responder e recuo face à garagem, volto a entrar na casa e fecho a porta. Não sou vegetariana, mas ocorre-me que nunca conheci a minha carne antes de ser carne.

Engulo em seco umas quantas vezes para humedecer a boca.

– Sala de estar, casa de banho, televisor – indica conforme seguimos caminho. – Não temos televisão por cabo, mas temos imensos filmes e podes usar *streaming* enquanto a internet aguentar.

Sigo-o pela sala grande, vendo sofás de couro rústicos, uma mesa de café e cadeiras. A lareira é suficientemente grande para alguém se sentar em frente e a chaminé estende-se por entre as traves. Madeira e couro por todo o lado. Cheira ao Home Depot com um toquezinho de *bacon* queimado.

– Queres o *Wi-Fi*? – pergunta-me Jake.

Detenho-me ao recordar que aqui posso manter-me ligada ao mundo.

Mas, se recusar, ele vai achar estranho.

– Claro – respondo.

– Chama-se Cobra Kai.

Olho para ele. *Giro*.

Procurando as redes disponíveis, percebo que Cobra Kai é a única que aparece.

– Palavra-passe?

Mantém-se em silêncio por uns momentos, até que diz:

– Um homem ataca-nos, é o inimigo. Um inimigo não merece…

Paro antes de abanar a cabeça e escrever «Misericórdia». Liga em segundos.

Jake põe-se ao meu lado e espreita. Ao ver que acertei na palavra-passe, assente com a cabeça, impressionado.

– Podes ficar.

Deixa-se ficar perto e inspiro fundo e afasto-me um pouco, olhando em volta pela divisão em busca do que virá a seguir. Mas não sai do seu lugar, observando-me, e passa-lhe algo pelo olhar a que ele não dá voz. Tal como eu, estará a pensar no que raio faço aqui e o que vai fazer comigo por uma semana, ou um ano, até eu partir.

– Tens fome? – pergunta.

– Estou cansada.

Assente para si mesmo como que recordando que os meus pais morreram há dois dias e que hoje atravessei quatro estados.

– É evidente.

Mas não estou sequer a pensar nisso. Só preciso de estar sozinha.

Pega nas minhas malas e sigo-o para o andar de cima, o corrimão envolvendo o patamar quadrado no cimo. Paro por momentos e dou uma volta, observando as sete ou oito portas espalhadas por todos os lados, perdendo-me facilmente neste novo lugar.

– O meu quarto. – Jake aponta diretamente para a nossa frente para uma porta de madeira escura e depois numa rápida sucessão em volta pelo patamar ao passarmos pelas outras divisões. – Casa de banho, quarto do Noah e este é o teu.

Pousa a minha bagagem junto a uma porta no canto do patamar, com a luz ténue do candelabro de ferro forjado no alto mal possibilitando que me aperceba da disposição da casa aqui em cima, mas neste momento isso não me interessa.

Então, ocorre-me que indicou apenas o seu quarto, o de Noah e o meu.

– Tem outro… filho – digo-lhe. – Fiquei com o quarto dele?

Havia mais portas. Não estava a invadir o espaço deles, certo?

Mas limita-se a rodar a cabeça e a apontar com o queixo para a direita. Para a única porta na parede das traseiras. A única porta entre mim e a casa de banho.

– O quarto do Kaleb fica no segundo andar – explica. – É o único quarto que há lá em cima, por isso não precisas que te mostre. Mas tem uma bela vista. Muito ar e espaço. Ele gosta de ter espaço. – Suspira, as suas palavras carregadas de frustração ao abrir a porta do meu quarto, com ambos os cães a correrem, entrando à nossa frente. – Tem isso em mente quando o conheceres e não leves nada a peito.

Detenho-me por momentos, curiosa com o que ele quererá dizer, mas as pessoas dizem o mesmo em relação a mim. Espreito de novo para a porta, calculando que houvesse escadas por detrás, dado que Jake disse que o quarto do filho ficava no segundo piso. Kaleb estará lá em cima? O irmão disse que ele estava «lá».

Jake abre a minha porta e leva as malas, e eu sigo-o, ouvindo o clique de um interruptor e vendo o brilho da lâmpada a preencher o quarto.

Sinto de pronto uma certa emoção e quase sorrio.

É agradável.

Não que contasse com muito, mas é acolhedor e sóbrio, e até tenho a minha própria lareira. Há uma porta dupla do outro lado do quarto, uma cama, uma cómoda e uma cadeira almofadada, tudo em tons de madeira e deixando imenso espaço para andar de um lado para o outro e instalar-me no chão se quiser sentar-me como muitas vezes faço.

Bocejo e sinto os olhos a lacrimejar um pouco.

– As toalhas estão aqui – diz-me Jake da entrada. – Se precisares de alguma coisa, avisa-me.

Recua e ocupa toda a porta e eu permaneço no meio do espaço.

– Serve? – pergunta.

Assinto, murmurando:

– É agradável.

Sinto-o a observar-me e os meus músculos retesam-se.

– Não és de falar muito, pois não?

Olho para ele.

Sorri, curvando os lábios.

– Havemos de mudar isso.

Boa sorte com isso.

Jake deita a mão à maçaneta da porta e começa a fechá-la.

– Odiava o meu pai. – Olho para ele, detendo-o. – Não era?

Endireita-se e fita-me.

– Não é desconfortável para si ter-me aqui… Tio Jake?

Se odiava o meu pai, eu não o faço recordar dele?

Mas o olhar dele torna-se penetrante e diz num tom equilibrado:

– Tiernan, ao olhar para ti não vejo o teu pai.

Paraliso, sem saber o que ele quer dizer ou se devo sentir-me melhor.

És parecida com a tua mãe. No aeroporto, dissera que eu era parecida com a minha mãe. Então, via-a ao olhar para mim? Era isso que queria dizer?

O seu olhar ensombrece e vejo-o a esfregar o polegar na parte interior da mão antes de a cerrar num punho.

Fico imóvel, sentindo um peso no estômago.

– E não precisas de me tratar por tio – diz. – Na verdade, não o sou, certo?

Mas, antes de eu poder responder, faz um estalido com a língua para chamar os cães, que o seguem para o exterior, e fecha a porta, deixando-me sozinha.

Fico ali parada, mas com os nervos à flor da pele. Um telefonema, um lugar em económica e quatros estados mais tarde, finalmente ocorre-me… Não conheço estas pessoas.

Trocadilho em inglês, dado que «bong» significa «cachimbo de água». (*N. do T.*)

3

Tiernan

Bocejo, sentindo o aroma quente de café acabado de fazer a entrar suavemente pelas minhas narinas enquanto arqueio as costas na cama e me espreguiço para despertar o corpo.

Porra. Dormi mal como a merda.

Estico o braço até à mesa de cabeceira para pegar no telemóvel e ver as horas, mas a minha mão não encontra nada, limitando-se a cair no espaço vazio.

O quê?

É então que reparo. Na aspereza dos novos lençóis. No chiar da cama sob o meu corpo. Na almofada que não é a de penas a que o meu pescoço está habituado.

Pestanejo para acordar, vendo o feixe suave de luz matinal que cruza o teto a partir de onde entra pelos vidros da porta dupla do meu quarto.

Na verdade, não é o meu quarto.

Apoio-me nos cotovelos, com a cabeça a andar à roda e as pálpebras com dificuldade em manterem-se abertas quando volto a bocejar.

E de repente cai-me a ficha. O que aconteceu. Onde estou. Como fugi, fui impetuosa e não estava a pensar. A incerteza que me revirou um pouco o estômago, pois nada me é familiar.

A forma como não gosto disto e como me esqueci de que não gosto da mudança.

A forma como ele olhou para mim ontem à noite.

Apuro os ouvidos, ouvindo o ranger de ramos de árvores a dobrar-se com a brisa lá fora e como essa brisa fica presa na chaminé enquanto sopra.

Não se ouve o tagarelar distante do escritório do meu pai e os seis ecrãs planos que ele liga enquanto se prepara para o dia. Não há uma comitiva de estilistas e assistentes a subir e a descer as escadas a correr, a preparar a minha mãe para o dia dela, pois nunca sai de casa sem estar completamente penteada e maquilhada.

Não há telefones a tocar nem jardineiros com os seus cortadores de relva.

Por um instante, sinto saudades de casa. Passam-me pela cabeça imagens não solicitadas. Eles deitados em lajes frias de metal neste momento. A serem enfiados em gavetas frias. A pele azul do meu pai, a minha mãe de cabelo molhado e sem maquilhagem. Tudo o que eram – tudo o que o mundo reconheceria – agora inexistente.

Fico ali, paralisada e a querer que os meus olhos ardam. O ardor das lágrimas. A dor na garganta.

À espera das lágrimas.

A desejar que cheguem.

Mas não chegam. E isso preocupa-me mais do que a morte dos meus pais. Existe um nome para pessoas que não sentem remorsos. Pessoas incapazes de sentir empatia. Pessoas que demonstram atitudes fortemente antissociais.

Não sou uma sociopata. Quer dizer, chorei durante a Batalha de Winterfell na *Guerra dos Tronos*. Mas não choro – nem uma única vez – quando os meus pais morrem?

Pelo menos nesta vila ninguém vai querer saber de mim ou de como estou a lidar com a morte deles. A única pessoa que iria compreender é Mirai.

E depois pestanejo, apercebendo-me finalmente.

– Mirai…

Merda. Atiro os lençóis para trás e saio da cama, dirigindo-me à cómoda onde o meu telemóvel está a carregar. Pego-lhe, ligo-o e vejo uma lista de notificações perdidas – a maioria chamadas da assistente da minha mãe.

Ignoro as mensagens de voz e ligo a Mirai, reparando que ainda não são seis horas da manhã na costa oeste quando encosto o telemóvel ao ouvido.

Ela atende quase de imediato.

– Mirai – digo antes de ela dizer alguma coisa.

– Tiernan, graças a Deus.

A respiração dela é ofegante, como se tivesse corrido para o telefone ou acabado de acordar.

– Desculpa, estava com o telemóvel sem som – explico.

– Estás bem?

– Estou ótima.

Sinto um arrepio nos braços, por isso, abro a mala e tiro a minha camisola preta, equilibrando o telemóvel enquanto tento enfiá-la na cabeça.

– Então… vais ficar? – pergunta, após uma pausa. – Sabes que não tens de fazê-lo. Se a casa não for confortável ou se não te sentires à vontade…

– Estou bem – digo-lhe. – A casa é bonita, e ele é… – Não termino a frase, à procura da palavra seguinte. O que é ele? – Acolhedor.

– Acolhedor – repete ela, claramente desconfiada.

Aclaro a voz.

– Então, como vai o mundo? – pergunto, mudando de assunto. – Alguma coisa que precise de mim?

– Toma conta de ti – diz ela, e não me escapa a forma como me interrompe. – Não volto a incomodar-te. Liga-me se quiseres, quero que o faças, mas contento-me com mensagens de tempos a tempos. A única coisa que quero é que esqueças tudo o que se passa aqui durante uns tempos, *okay*? Tenho tudo controlado.

Olho em redor pelo quarto em que dormi, grata por tê-lo só para mim, pois pelo menos tenho aqui um lugar que é meu onde posso estar sozinha.

Mas só de pensar em sair deste quarto e enfrentar pessoas novas dá-me a volta à barriga, e eu…

Reserva-me um voo para casa, Mirai. Quero dizer-lhe isso.

Mas não o faço.

Jake parece não se importar em me deixar em paz e não forçar demasiado, mas Noah é amigável. Demasiado amigável.

E ainda não conheci Kaleb, portanto, é mais uma pessoa que está por vir.

Dirijo-me às portas duplas, a precisar de ar.

A última das minhas preocupações deveria ser o que as pessoas pensam ou dizem sobre a minha ausência – e o que pensam e dizem sobre os meus pais –, mas não consigo evitar. Sinto que estar longe e afastada do assunto é, subitamente, o último lugar onde deveria estar agora. Principalmente

quando me instalei no meio de nenhures, com um tipo qualquer que o meu pai odiava, e numa terra que cheira a bosta de cavalo e a carcaças de veado mortas e putrefactas.

Prendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto abro as portas para trás.

– Deveria estar aí para…

Mas não termino a frase, com as portas escancaradas e a vista à minha frente.

Fico boquiaberta. De repente, sinto-me ínfima.

– Deves fazer o que achas que tens de fazer – reage Mirai.

Mas mal registo o que ela diz. Olho em frente, saindo abstraidamente para a enorme varanda de madeira à medida que absorvo a imensidão à minha frente na qual não reparei na escuridão da noite anterior.

Sinto o coração a bater com força no peito.

Então aquilo é «o pico». Não me passou pela cabeça que a vila tivesse um bom motivo para ter esse nome.

À distância, numa vista perfeita entre as árvores para lá da minha varanda, vê-se uma montanha, com um pico de granito cinzento e ominoso, ladeado por pinheiros verdes e encimado por nuvens brancas que tornam a cena tão bela que fico momentaneamente sem respiração.

Meu Deus.

Ali está. Uma catedral, perante um céu azul, e, antes que me consiga impedir, levanto a mão, tentando alcançá-la como se a quisesse fechar no meu punho, mas tudo o que consigo sentir é a brisa matinal entre os dedos.

Inspiro, sentindo o cheiro da terra e da pedra no nariz até a esta distância, a memória do cheiro a animal morto da noite anterior esquecido. Sente-se o aroma de água no ar, fresca mas bafienta onde se enfia no solo e na rocha, e volto a inspirar, fechando os olhos.

Os pelos dos meus braços eriçam.

Tenho de sair daqui agora. Não me quero habituar àquele cheiro, pois não tarda irá deixar de ser especial.

– Se quiseres vir ao funeral, então vem – continua Mirai, como se eu ainda me importasse com o que quer que estamos a discutir. – Se não quiseres, não creio que alguém irá questionar a única filha de Hannes e Amelia de Haas se ela estiver demasiado destroçada pela morte repentina de *ambos* os pais para assistir ao funeral.

Abro os olhos, parte de mim querendo sorrir e parte de mim desiludida comigo mesma, pois sei que não vou. Não hoje. Ergo a cabeça e olho para o pico, não querendo ainda deixar de apreciar aquela vista.

Engulo em seco, lembrando-me de Mirai.

– Obrigada – digo-lhe. – Vou tirar uns dias para pensar no que quero fazer.

– Amo-te, Tiernan – diz ela.

Faço uma pausa. Ela é a única que me diz isso.

As memórias voltam todas numa torrente, embora apanhe agora coisas que não apanhava antes.

Todas as vezes que ela – não o meu pai ou a minha mãe – me ligava para a escola para ver se precisava de algo. Todos os presentes debaixo da árvore que sei que ela – e não eles – comprou para mim e os postais de aniversário que assinava por eles. Todos os filmes para maiores de dezoito anos que ela me deixava ver que de outra forma eu não poderia ver, e todos os livros de viagens que deixava na minha mochila, por saber que eram os meus favoritos.

O primeiro par de brincos compridos que usei foram uma prenda dela.

E assinto com a cabeça ao telefone, porra, pois é tudo o que faço.

– Respira fundo, *okay*? – acrescenta ela.

– *Tchau*.

Desligo, com um formigueiro na garganta, e continuo a olhar para a linda vista, com os cabelos a esvoaçar devido à brisa suave e ao cheiro selvagem no ar tão parecido com uma droga. Inebriante.

Ao longe, um pica-pau fura uma árvore e o vento varre pelos choupos e pinheiros, o solo da floresta escurecendo cada vez mais à medida que se entra pelo mato até não se conseguir ver mais nada.

Será que fazem caminhadas? Jake, Noah e Kaleb? Alguma vez se aventuram para o interior da floresta? Dão-se ao trabalho de explorar?

Uma motosserra corta o silêncio, alto e a zumbir, e pestanejo com o feitiço quebrado. Viro-me, atiro o telemóvel para cima da cama e dirijo-me a uma das minhas malas, desencantando o meu saco de *toilette*. Avanço até à porta, agarro na maçaneta e rodo-a lentamente.

A porta guincha e estremeço. Os meus pais não gostavam de barulho de manhã.

Saindo suavemente para o corredor ensombrecido, o chão de madeira escura e as paredes apaineladas iluminados apenas pelo brilho de duas arandelas e um candelabro rústico, passo pé ante pé pelo quarto que Jake me disse ser o seu na noite anterior e dirijo-me à porta ao lado, esticando a mão para a maçaneta.

Mas, antes que a consiga agarrar, a porta abre-se para trás, a luz escorre para o corredor e aparece uma jovem, praticamente nua. Os cabelos acobreados e despenteados dela envolvem-lhe o rosto e param mesmo acima dos seios.

Credo… Viro a cara. Mas, que raio? Será a mulher do meu tio? Ele não mencionou que era casado, mas também não disse que não era.

Volto a olhar para ela de relance, vendo-a a sorrir e a cruzar os braços sobre o peito.

– Com licença – diz ela.

A barriga dela é dura e lisa, a pele macia, e não tem aliança no dedo – não é mulher dele. Nem a mãe dos rapazes, definitivamente. Não faço ideia quantos anos tem Kaleb, mas Jake disse que Noah era o mais novo e ela não tem idade suficiente para ter filhos adultos.

Aparenta ser pouco mais velha que eu, na verdade. Talvez namorada de um dos rapazes?

Ela fica ali por um instante e o meu choque começa a transformar-se em ira. *Tipo, mexe-te ou assim?* Preciso de entrar.

– A diferença entre a piza e a tua opinião é que eu pedi a piza – recita ela.

Hesito e viro a cabeça para olhar para ela, mas fita a minha camisola. Baixo o olhar, apercebendo-me do que vesti e da frase que ela leu na frente.

Ela ri-se das palavras e depois passa por mim, saindo da casa de banho. Apresso-me a entrar, e estou prestes a fechar a porta, mas penso melhor e volto a espreitar para o corredor. No entanto, infelizmente, ouço apenas uma porta a fechar. Ela desapareceu antes de eu conseguir ver em que quarto entrou.

Fecho a porta e ocupo-me a lavar o rosto, a escovar os dentes e a retirar a fita que uso para prender o cabelo para o afastar do rosto todas as noites. Há anos, a minha mãe começou a fazer isso, pois disseram-lhe que era mais saudável para os cabelos do que os elásticos.

Portanto, por alguma razão, comecei a fazê-lo também.

Após escovar os cabelos, abro a porta tão silenciosamente como abri a do meu quarto e espreito com cuidado para o corredor não fosse haver mais estranhos nus por perto. Folgo em saber que não estrago o estilo de vestir a mais ninguém.

Não vendo ninguém, corro de volta para o meu quarto, cheirando o aroma do café que me acordou a subir a partir do andar de baixo. Faço a cama, visto um par de *jeans* e um *top* de mangas compridas, e começo a desfazer as malas, mas depois paro quando estou a tirar uma pilha de camisolas.

Posso não ficar. Volto a pôr as camisolas na mala e fecho-a, decidindo esperar.

Permaneço plantada no meio do quarto por mais oito segundos, mas, por muito que adie, não me ocorre mais nada que possa fazer aqui para adiar a minha aparição. Saio do quarto, expiro e fecho a porta atrás de mim, sem parar antes de mergulhar de cabeça e descer as escadas para tratar do assunto.

Mas, quando entro na sala e olho em volta, os meus ombros relaxam ligeiramente. Não está ninguém aqui. Um par de candeeiros iluminam a sala espaçosa e viro a cabeça para a esquerda, vendo a cozinha, pouco iluminada por umas quantas luzes penduradas sobre a ilha central, também ela vazia. Mas reparo numa luz vermelha na máquina de café e vou até lá, descalça, a ver se está alguém.

Encontro uma caneca no escorredor de louça e sirvo-me de café.

– Bom-dia.

Dou um salto, quase deixando escapar a caneca da mão quando o café transborda. Caem pingas a escaldar no meu polegar e solto um silvo.

Olho por cima do ombro, vendo Jake a entrar na cozinha e a abrir o frigorífico.

– Bom-dia – murmuro, sacudindo o líquido quente da pele com a mão.

– Dormiste bem? – pergunta.

Volto a olhar, vendo-o a tirar uma bebida, já com suor a brilhar nos braços, pescoço e costas, e a *T-shirt* pendurada no bolso de trás. Só são cerca das sete horas da manhã. Quão cedo acordam eles?

– Sim – resmungo, pegando em papel de cozinha e limpando o café. Na verdade, dormi bastante mal, mas isso só levará a mais perguntas, por isso é mais fácil mentir.

– Ainda bem – reage.

Mas limita-se a ficar ali, e sinto-me a querer suspirar, pois esta é a parte em que as pessoas normalmente esperam que eu faça um esforço para continuar com a conversa.

A cozinha torna-se ainda mais pequena e o silêncio mais ensurdecedor, exceto por um pássaro a chilrear à distância. Vasculho o meu cérebro à procura de algo para dizer, arrastando os segundos desconfortáveis e fazendo com que queira fugir.

Mas então ele aproxima-se de repente, e eu endireito-me, ficando alerta quando o peito dele quase toca no meu braço. Estou prestes a afastar-me, mas estica o braço à minha frente e vejo-o a desligar a máquina de café.

– Estava só a mantê-lo quente para ti – diz, com a respiração a soprar por cima da minha cabeça.

O meu coração começa a bater com mais força. *A mantê-lo quente…?* Ah, o café. Ele deixou a máquina ligada para mim.

– Tens umas mãos bonitas – observa ele.

Olha para elas, enroladas na caneca.

– O teu pai também tinha – acrescenta e consigo ouvir o tom de gozo na voz dele.

Franzo as sobrancelhas. Foi uma piadinha seca?

– O meu pai tinha mãos bonitas – rumino as palavras, dando um gole sem olhar para ele. – Então os homens a sério usam motosserras e carrinhas todo-o-terreno em vez de relógios de luxo *Mont Blanc* e telemóveis? – pergunto.

Viro o rosto, olhando para ele de soslaio, e ele fixa os seus olhos azuis nos meus.

– Bem, ele agora está morto – digo a Jake. – Ganhou.

Ele baixa o queixo, com o olhar fixo no meu, e vejo o maxilar dele fletir. Viro-me e bebo mais um gole de café.

Independentemente dos desentendimentos entre ele e o meu pai, a última pessoa que ele deveria atacar com os insultos dele é a órfã. As boas maneiras são importantes em todo o lado. Este tipo é um idiota.

No entanto, apesar disso, sinto um calor na barriga e sorvo mais café para disfarçar os meus nervos.

Sinto-a. A necessidade de me envolver.

Depois da tristeza, a raiva foi a minha companheira constante quando era miúda. E a seguir a raiva foi-se, e não restou mais nada. Esqueci-me do quão bem sabia. A distração das minhas emoções.

Gosto de não gostar dele.

– Muito bem – diz alguém e ouço os passos dela a entrar na cozinha. – Vou-me embora.

Olho de relance, ainda a sentir os olhos de Jake em mim, e observo a mulher nua – agora vestida – a saltitar até Jake com uma mochila de couro castanho ao ombro enquanto o puxa pelo pescoço. Aproxima-se dele e ele hesita por um instante – ainda a olhar para mim – antes de finalmente se virar para ela e deixar que o beije.

Então ela é dele. Observo a pele macia do rosto dela, sob a sombra do boné de basebol, e o corpo firme e tonificado. Está longe de ser da idade dele.

Os rapazes não estão tão isolados da civilização como eu pensava. Pelo menos, até o tempo mudar.

A ponta da língua dela sai e entra na boca dele durante um milésimo de segundo antes de se afastar, e viro-me de novo para o meu café, sentindo uma irritação estranha a atravessar-me o corpo. Vai haver montes de gente a entrar e a sair?

– Vemo-nos hoje à noite? – pergunta-lhe ela.

– Talvez.

Ela deve ter feito beicinho.

Espeta-lhe mais um beijo e sai, e eu expiro, mais ou menos contente por ele não me apresentar a outra pessoa.

– Queres dar-me uma ajuda? – pergunta Jake.

Olho para ele, mas esqueci-me do que ia perguntar. Ele parece-se muito com o filho.

Mais do que me apercebi ontem à noite.

Os cabelos louros fartos, como se tivesse acabado de sair da cama. O meio-sorriso preguiçoso. A piada constante que se vê atrás do olhar dele. Quantos anos terá Jake? O meu pai tinha quarenta e nove e Jake é mais novo. É tudo o que sei.

Com filhos com pelo menos vinte anos, diria que estará provavelmente no início dos quarentas?

É claro que poderá ser mais velho. Parece apanhar bastante sol e está em forma. O meu pai não tinha excesso de peso, mas não era como este tipo.

Volto a virar-me para a frente e bebo um gole do café.

– Ajuda com o quê?

– Já vais ver – diz-me ele. – Calça uns sapatos.

Ele afasta-se, a chamar por *Danny* e *Johnny*, e após um instante os cães seguem-no até à oficina. Quase reviro os olhos. Os cães dele chamam-se *Danny* e *Johnny*? Mais uma referência a *Karate Kid*.

Bebo mais uns goles do café já frio, despejo o resto e rodo sobre os calcanhares, subindo para o meu quarto.

Depois de calçar uns sapatos, pego no telemóvel para o enfiar no bolso de trás das calças, mas penso duas vezes.

Olho para ele, hesitando apenas por um momento antes de o desligar e o deixar a carregar.

Fecho a porta atrás de mim, saio do quarto e dirijo-me às escadas, apurando brevemente os ouvidos na direção da porta do quarto do filho – pelo menos, o que eu conheci – e pergunto-me se já terá acordado.

Mas não ouço nada.

Saio da casa, abrando quando chego ao alpendre, apreciando a vista à luz do dia e virando o olhar para a direita para ver a ponta do pico através das árvores a partir deste nível mais baixo.

Respiro fundo, fechando os olhos por um momento e incapaz de me fartar do cheiro a madeira e pinheiro. Os pelos dos meus braços arrepiam-se com o frio do ar da manhã, mas não me incomoda. A casa é rodeada por árvores e absorvo os troncos espessos e espreito para a floresta ao longe, o solo escuro sob as copas das árvores. Tenho uma necessidade súbita de caminhar. Aposto que seria possível caminhar durante horas sem ver nem ouvir vivalma.

O alpendre da frente é enorme, tão largo quanto o interior da casa, com uma cobertura que cobre metade e cadeiras de baloiço em madeira e um baloiço a decorar o espaço. Há um par de carrinhas na frente da casa antes do terreno que se espalha para baixo na direção de uma vasta floresta com a vila ao fundo.

Pelo menos, creio que seja. A estrada de gravilha que dá para a propriedade vem dessa direção. Ainda não vi as traseiras da casa, mas presumo que me leve ainda mais para o interior da floresta.

Olho para a direita e vejo Jake a descer a rampa de acesso e a parar em frente às escadas. Voltou a vestir a camisola.

– Sabes montar? – pergunta ele.

Cavalos ou…?

Limito-me a assentir com a cabeça, presumindo que se refere a cavalos.

– Sabes disparar uma arma?

Abano a cabeça.

– Sabes responder sem ser com acenos de cabeça e frases de uma palavra só?

Fico a olhar para ele. Não é que não esteja habituada a essa pergunta.

Quando não respondo, limita-se a rir, abana a cabeça e faz um gesto para que o siga.

Desço do alpendre e atravesso um pequeno quintal com alguma verdura, pedaços de lama e poças esporádicas. O orvalho da relva demasiado alta ensopa as bainhas das minhas calças e molha-me a parte de cima dos pés, expostos nas minhas sabrinas *Tiek* turquesa, quando o sigo até ao celeiro. A madeira cinzenta está rachada e apodrecida junto ao chão, e olho para cima, vendo a porta do feno aberta junto ao telhado do celeiro, mas as portas principais permanecem fechadas. Antes de chegarmos à entrada, ele vira à esquerda e abre a porta de uma estrutura mais pequena ligada à principal e eu sigo-o lá para dentro e sinto de imediato o cheiro familiar a animais. É um estábulo.

Ele dirige-se para a terceira porta e eu espero até que a abra, retirando de lá uma égua castanha com marcas de tinta no focinho e nas patas dos joelhos até aos cascos. Já tem sela, e eu olho para as minhas sabrinas, cheias de lama em volta das solas. Tenho sapatilhas no quarto, mas, se ficar, vou precisar de arranjar botas de trabalho na vila.

E depressa.

Pegando nas rédeas, conduz a égua para fora do estábulo e eu sigo, vendo Noah a aproximar-se de nós e a atirar um par de pás para uma pilha junto ao celeiro.

– Oh, meu Deus, estás bem? – atira ele, olhando para mim com um ar preocupado. – Houve algum ataque de animal de que eu não tenha conhecimento?

O quê?

E é então que vejo o olhar de espanto dele a descer, e sigo os seus olhos, reparando nos rasgões propositados nas minhas calças de ganga elásticas de marca que a assistente de compras da minha família depositou no meu armário há umas semanas.

Veem-se pedaços de coxa a espreitar entre rasgões de ganga escura lavada e Jake ri-se entre dentes quando vejo um sorrisinho no rosto convencido de Noah.

Cerro os dentes e desvio o olhar.

Está a gozar comigo. Mas não estou para aí virada.

Obviamente que não estou para aí virada há anos, por isso acho que é isto quem sou agora.

Prendo o cabelo atrás da orelha e ele acaba por passar por mim, com os lábios cingidos com o riso que está a conter.

– Tiernan – chama Jake.

Vou até onde o meu tio está do outro lado da égua e sigo a dica dele quando me mostra o estribo. Levanto os braços e empunho as rédeas com uma mão e agarro-me à sela com a outra, enfiando o pé esquerdo no estribo. Ergo-me, passo a perna por cima da égua e ajeito-me na sela, acomodando o outro pé no estribo direito. Serve-me perfeitamente. Não preciso que ele me ajuste nada. Não perguntei o que estávamos a fazer ou onde íamos, sabendo que não interessa. Não vou discutir.

Olho em volta para ver onde tem o cavalo dele, mas então, de repente, ele ergue-se e monta mesmo atrás de mim.

O que está a fazer?

– Eu disse que sabia montar – digo-lhe.

Mas ele põe os braços à minha frente e pega nas rédeas, forçando-me a largá-las. Agarro no fuste da sela com ambas as mãos, arrastando-me para a frente o mais que consigo, pois ele está mesmo ali, e estou praticamente no colo dele.

O meu coração começa a bater um pouco mais depressa à medida que a irritação se entranha na minha pele.

– Não preciso de ajuda – digo-lhe.

Limita-se a dar estalidos com a língua e incentiva o animal a andar com um leve toque, fazendo-nos rodear o celeiro. Contornamos a cerca de madeira e galopamos para a floresta enquanto a égua sobe uma colina

íngreme, levando-nos para a sombra das árvores, e aperto os punhos no fuste para tentar impedir-me de escorregar para trás.

Mas, por muito que tente, ainda sinto o corpo dele ali.

O dia começa a escurecer à medida que as árvores nos escudam do sol e o ar arrefece, mas tenho uma sensação agradável ao sentir o animal debaixo de mim. Os músculos da égua a mover-se contra as minhas pernas para nos fazer subir a colina. A minha pulsação começa a acelerar um pouco, mas não desgosto. É algo refrescante, na verdade. Jake permanece sólido atrás de mim e sinto-me segura. Até ver.

– Estás desconfortável?

A voz dele vibra nas minhas costas.

Mas não respondo.

– Estás confortável? – insiste.

Continuo em silêncio. O que importa? Ele impôs-se apesar dos meus protestos. Faz diferença se eu estiver confortável com ele na égua ou não?

Ele não se importa. Só quer que eu responda.

O suspiro dele atinge-me o ouvido.

– Sim, o teu pai também conseguia irritar-me sem dizer grande coisa.

Mas eu não consigo ouvi-lo. As pernas dele estão completamente encostadas às minhas e eu encaixada entre as coxas dele.

Aconchegada. Protegida.

Estás desconfortável?

Não sei, mas tenho consciência de que deveria estar. Isto é esquisito. Não devíamos estar sentados assim.

Continuamos a subir a colina, as pedras e poeira a levantar com os cascos da égua enquanto olho em volta, vendo a casa atrás de nós mais abaixo. O terreno aplana e Jake incentiva a égua a acelerar enquanto eu relaxo no abraço dele, ambos a saltitar para cima e para baixo na sela.

Ele sopra um par de vezes, como se tivesse algo no rosto, e depois os seus dedos roçam no meu pescoço. Fico tensa, arrepiada com o toque.

– Faz-me um favor, *okay*? – diz ele enquanto afasta o meu cabelo sobre o meu ombro direito. – Mantém o cabelo preso o mais possível. Temos muita maquinaria que o pode apanhar.

Aliso o cabelo sobre o meu ombro, afastando-o do rosto dele.

Paramos no cimo da colina.

– Torre de água, celeiro, oficina… – diz ele, apontando à medida que nos viramos e olhamos sobre o penhasco para a propriedade dele lá em baixo. – Também há uma estufa do outro lado daquela colina.

Sigo o olhar dele até onde fica a casa entre as árvores ao longe abaixo de nós, obtendo uma vista decente sobre todo o rancho. A casa situa-se alegremente ao centro, as traseiras viradas para nós, com a garagem à esquerda – ou a oficina a que presumo ele se esteja a referir – e depois um celeiro no lado oposto. À direita fica uma torre de água. A colina rochosa em que estamos fica atrás da casa, e imagino que exista um tanque de gás propano e um gerador algures na propriedade.

As folhas dançam com a brisa matinal, e algo bate as asas à minha direita enquanto ouço um barulho constante e suave ao longe. Água, talvez?

Jake afasta-se da beira do penhasco e continuamos, ainda para mais longe da casa e para o interior da floresta, e olho para baixo, vendo os dedos dele enrolados em cada tira das rédeas, praticamente encostados às minhas coxas. Estou presa entre os braços dele e, apesar do fresco da manhã, não sinto frio.

– Não se consegue trazer a carrinha até aqui, mas os cavalos e os todo-o-terreno sim – informa-me. – Pede ao Noah para te mostrar como funcionam os veículos todo-o-terreno antes de os usares, está bem?

Assinto com a cabeça. Frequentei um acampamento de desportos radicais durante um verão, mas é provável que ele queira que o filho me mostre como se fazem as coisas.

Continuamos a avançar, e embora sinta alguma fome por não ter comido nada há bastante tempo e desejos de beber outro café, pois as minhas pálpebras começam a pesar com o baloiçar relaxante do passeio, permaneço calada. Aqui, ao ar livre, não estou a pensar em nada, o que é agradável.

Fecho os olhos.

Mas após alguns instantes, o barulho da água aumenta e o cavalo para. Abro os olhos, vendo que estamos na beira de um penhasco. Olho em frente, para longe.

O pico.

O meu coração palpita e sustenho a respiração por um instante quando absorvo a vista agora desimpedida.

Meu Deus.

Abaixo de nós, um vale estreito passa por duas montanhas, uma delas com uma cascata que dá para o rio. Entre as duas montanhas, ao longe, fica o pico. Rocha cinzento-escura, pintalgada de verdura. É lindo.

– Gostas? – pergunta Jake.

Assinto com a cabeça.

– Gostas? – volta a perguntar num tom rígido, e sei que quer que eu use as palavras.

Continuo a olhar em frente, capaz apenas de sussurrar.

– Adoro.

– Podes voltar aqui as vezes que quiseres, agora que sabes o caminho. – Sinto-o a mexer-se atrás de mim e a sela move-se um pouco. – Mas precisas de ter proteção contigo quando saíres de casa, compreendes?

Volto a assentir com a cabeça, praticamente sem ouvir enquanto olho, boquiaberta, para a vista.

Mas segura-me no queixo e vira a minha cabeça para olhar para ele.

– Isto é muito importante – insiste. – Compreendes? Isto não é Los Angeles. Nem sequer é Denver. Temos ursos-pretos, leões da montanha, coiotes e uma ou outra cascavel… Tens de manter os olhos abertos. Estás no domínio deles, agora.

Afasto-me do controlo dele e viro-me de novo para a frente, mas depois vejo-o a pegar em algo atrás de mim e desvio o olhar do pico vendo que ele segura uma arma.

Ou, melhor, uma espingarda.

Abre a câmara e mostra-me as balas douradas, compridas e afiadas, puxando o ferrolho para trás, travando a bala e assegurando-se que estou a observar o que faz.

– Vês aquela ponte de corda partida ali ao fundo?

Olho para o outro lado do rio, vendo os vestígios de uma ponte de madeira e corda a pender da face da rocha.

Credo. O meu coração salta uma batida, observando a queda até ao chão. Aquela ponte chegou mesmo a existir?

Ele deposita a espingarda nas minhas mãos.

– Aponta para lá.

Agarro na espingarda, cujo cano está encaixado num invólucro de madeira escura, e fico algo agradecida. Pelo menos, ele não quer falar.

Ele matou aquele veado com isto?

Expiro.

Provavelmente não. O homem da montanha tem possivelmente um armário cheio destas coisas.

Hesito por um instante, mas levanto finalmente a espingarda, encostando a coronha ao ombro e enrolando a mão na guarda com o dedo no gatilho. Fecho o olho esquerdo e espreito pela mira, em direção à ponta do cano.

– *Okay* – diz ele. – Agora acalma a tua respiração. A bala já está na câmara, por isso basta olhares pela mira e alinhares…

Puxo o gatilho, a bala dispara do cano, ecoando no ar, e um baque atinge a rocha do outro lado, formando um pouco de poeira e cortando a tábua ao meio. Ambas as metades caem e ficam penduradas pelas respetivas cordas no penhasco.

Uma brisa faz com que o meu cabelo esvoace um pouco, e baixo a espingarda, abrindo os dois olhos à medida que o troar do tiro desaparece ao longe e o som pacífico da cascata volta a preencher o ar.

Jake continua sentado atrás de mim e devolvo-lhe a arma, voltando a minha atenção de novo para o pico, vendo uma espécie de ave grande a passar pela minha linha de visão.

Ele aclara a voz.

– Bem… Ia sugerir aos rapazes que esvaziassem umas quantas garrafas de cerveja para ti hoje à noite, mas… parece que não precisas de praticar. Pensei que tinhas dito que não sabias disparar.

– Não consigo disparar contra animais – digo-lhe. – Pensei que se referisse a isso.

O pico é enorme. Mas tão próximo. É uma sensação tão estranha, algo tão grande, fazendo-nos lembrar o quão pequenos somos, mas também recordando-nos que fazemos parte de um mundo repleto de coisas magníficas. Que coisa tão boa ser capaz de ver – e reaprender – todos os dias.

Jake desmonta da égua e encosto-me para trás na sela, que continua quente do corpo dele.

– Vou verificar algumas armadilhas, por isso volto a casa a pé – informa.

Olho para baixo, fitando-o nos olhos quando pego nas rédeas.

– Começa a fazer o pequeno-almoço quando chegares a casa – diz-me ele. – Depois de teres tirado a sela à égua, claro.

Estreito o olhar sem pensar. *Cozinhar?*

Não tenho problema algum em ajudar, mas isso?

Desvio o olhar.

– Eu contribuo, mas não fico na cozinha. – Não sei se tenho problemas em cozinhar ou se é por ser onde ele me quer.

Põe a rapariga na cozinha, pois é óbvio que ela não sabe andar a cavalo nem disparar uma arma, certo?

– Sabes tratar das colheitas? – pergunta.

Endireito a coluna, antecipando já onde ele quer chegar.

– Arrancar ervas daninhas, regar, fertilizar? – continua. – Arejar a terra? Plantar? Sabes como preparar o armazenamento de algumas destas colheitas para alimentar os cavalos e o gado durante os meses de inverno?

Continuo sem olhar para ele.

– Ordenhar vacas? – continua, divertido. – Treinar cavalos? Trabalhar com uma motosserra? Esfolar um veado?

Sim, *okay*.

– Sabes apanhar fruta e vegetais? Conduzir um trator? Construir uma moto de raiz?

Cerro o maxilar, mas não respondo.

– Então, fazer o pequeno-almoço será – diz ele. – Cada um faz a sua parte, Tiernan. Se quiseres comer.

Vou fazer a minha parte e mais ainda.

– Não é meu pai, sabia? Vim para aqui de livre vontade e posso ir-me embora quando quiser.

Mas, em vez de se afastar e me ignorar, vislumbro um brilho de malícia nos olhos dele, e ele sorri.

– Talvez – troça. – Ou talvez eu decida que podes beneficiar de passar algum tempo aqui e que, afinal, não te podes ir embora.

O meu coração acelera.

– Pelo menos até te ver rir – acrescenta. – Ou berrar, ou gritar, ou chorar, ou lutar, ou brincar, e tudo mais do que acenos e respostas de uma palavra só.

Fico a olhar para ele e sinto os olhos a arder de raiva.

Ergue uma sobrancelha.

– Talvez decida honrar os desejos dos teus pais e ficar contigo até seres maior de idade.

– Serei «maior de idade» daqui a dez semanas.

– Vamos ficar presos na neve daqui a oito. – E ri-se, afastando-se de mim.

Sinto o fantasma de uma rosnadela nos meus lábios.

– Queima o *bacon*, Tiernan – instrui ele enquanto se afasta. – Gostamos dele assim.

4

Tiernan

Penduro a sela no banco do celeiro sem me preocupar se é ali que é suposto deixá-la ou não.

Ele não me vai manter aqui se eu não quiser ficar, pois não?

Quer ele tencione fazê-lo ou não, assusta-me menos do que saber que o pode fazer. Vim para cá a pensar que era uma convidada e que ele tinha um poder que nunca lhe ocorreria usar sequer.

Bem, pelos vistos tinha. Talvez ele pense que me pode cobrar renda.

Ou talvez pense que o facto de eu ser mulher queira dizer que sou boa cozinheira? Não sou.

Saio do estábulo e dirijo-me à casa, fazendo um atalho pela oficina adjacente e caminhando até à porta que me leva diretamente à cozinha.

Abano a cabeça para mim mesma. *Não posso ir para casa.*

E não quero regressar a Brynmor. Meu Deus, a ideia de ver alguém que conheça… Fecho os olhos. *Ou cheirar aquela casa.*

Não consigo encarar isso. As paredes completamente brancas. Sentar-me em salas de aula apinhadas de gente com quem não sei falar.

Sinto o estômago a revirar-se, e paro, encostando a testa a qualquer coisa pendurada do teto na oficina. Pouso o braço em volta de um saco de boxe e fecho os olhos.

Não posso ir para casa.

Agarro-me ao cabedal, apertando-o no punho, e tudo – a minha nova realidade – começa a assentar.

Não importa onde eu vá – como mude o meu meio ambiente ou fuja dos lugares e pessoas que não quero ver. Continuo a ser eu. A fugir, a ir-me embora, a esconder-me…

Não há escapatória.

À medida que um calor líquido se espalha no meu braço, formo um punho e dou um murro no saco, a minha mão mal fazendo mossa no cabedal. Volto a fazê-lo, uma e outra vez, os meus murros patéticos cada vez mais fortes, pois estou transtornada e cansada e confusa… Não sei como sentir-me melhor.

Inspiro entre dentes, puxando finalmente o braço atrás e socando o saco com força. As correntes chiam quando tenta baloiçar, mas continuo com o outro braço em volta dele.

Talvez decida honrar os desejos dos teus pais e ficar contigo até seres maior de idade.

Cerro os dentes, sentindo uma súbita explosão de energia, e solto o saco, dou um passo atrás e volto a dar um murro, plantando o meu punho diretamente no saco.

Pelo menos até te ver rir. A raiva aquece-me o corpo e dou outro murro. *Ou berrar, ou gritar, ou chorar, ou lutar, ou brincar, e tudo mais do que acenos e respostas de uma palavra só.*

Bato de novo com força no saco.

E de novo.

Solto um grunhido.

– Vamos estar presos na neve daqui a oito – zombo das palavras que ele me disse, num murmúrio.

Enfio o punho no saco duas vezes mais e afasto-me, pontapeando o saco uma vez. Depois duas. E mais outra vez.

E depois limitei-me a deixá-lo ir embora e não disse nada, nem quando me disse como gosta que preparem o maldito bacon *dele.* Quer dizer, se alguém está a fazer uma boa ação para alguém – digamos, preparar o pequeno-almoço –, não se queixa de como é feita. Come-se.

Por Deus, quem me dera ter *bacon* vegan para ele realmente começar bem o dia. Sinto um sorriso a formar-se nos meus lábios, mas obrigo-me a controlá-lo.

Continuo a bater e a pontapear o saco, sentindo um ligeiro suor na testa ao pensar em todas as coisas com que poderia ter respondido. Porque me incomoda tanto não ter tido a última palavra?

Porque deixo *tudo* andar e nunca digo nada?

Atiro o punho ao saco e, de repente, está ali alguém, a segurá-lo do outro lado.

– Olá – diz Noah, espreitando do outro lado do saco.

Ele parece divertido e eu paro, endireitando-me. Estava a observar-me? Eu estava a falar sozinha?

Os olhos dele semicerram um pouco e vejo um sorriso convencido a espreitar.

– Não pares – diz-me ele.

A *T-shirt* azul-escura faz sobressair a cor dos olhos dele e o mesmo boné de basebol virado ao contrário segura-lhe o cabelo para trás. Ele e o pai são muito parecidos.

Deixo os braços descair para o lado e afasto-me, ofegante. Sinto os músculos abdominais a arder.

Ele continua a provocar-me.

– Anda lá. – Bate no saco onde o meu último soco bateu. – Ele é capaz de fazer perder a cabeça a um santo. Porque achas que pendurei este saco de boxe aqui?

Comprimo os lábios, ainda sem me mexer.

Ele suspira e endireita-se.

– *Okay*. Então vais tratar do pequeno-almoço?

Franzo as sobrancelhas, incapaz de me conter, e torço o corpo, atirando a minha perna com toda a força ao saco de boxe. Ele lança-se para longe do saco mesmo antes de o meu pé o atingir e fica ali de olhos esbugalhados com as palmas levantadas e viradas para a frente. Vejo o saco a baloiçar para a frente e para trás.

Não estava a tentar atingi-lo. Teria sido uma feliz coincidência.

Mas as minhas pernas ainda estão cheias de energia, e quase desejo que o meu tio entre agora mesmo, para lhe pedir que seja ele a segurar o saco.

Sinto-me zangada.

Sinto-me mesmo zangada.

E sinto-me bem.

Continuo aqui.

Noah dá uma gargalhada e avança, prendendo o braço no meu pescoço.

– Tens garra.

Sinto-me demasiado esgotada para me afastar e deixo-o levar-me com ele até ao interior da casa.

– Anda. Dá-me uma ajuda com o pequeno-almoço.

Ponho o terceiro prato na mesa e pouso um garfo e uma faca de manteiga junto, avançando para o armário para guardar o quarto prato.

– Não, não – diz Noah, fechando o frigorífico com o pé e pousando a manteiga e a compota na mesa. – Põe o quarto prato na mesa. O Kaleb pode aparecer a qualquer momento.

Olho para a mesa e depois viro-me para o armário, voltando a guardar o prato extra lá dentro.

– O Kaleb tem um prato na mesa.

– Não vais comer?

– Vai, sim – diz Jake subitamente, entrando na cozinha.

Dirige-se ao frigorífico e tira um jarro de sumo que pousa no centro da mesa, servindo-se de uma caneca de café antes de se sentar.

– Não tenho fome – digo-lhe.

Avançando até à banca, passo por água a faca e a espátula que Noah acabou de usar.

– Não jantaste – salienta Jake. – Senta-te.

– Não tenho fome.

E, antes que ele diga alguma coisa, saio da cozinha e subo as escadas. Sinto os olhos dele nas minhas costas e, quanto mais me afasto deles, mais me preparo para um confronto.

Mas ele não vem atrás de mim.

Deixa-me ir e, passado um instante, estou no meu quarto, a fechar a porta atrás de mim.

A verdade é que estou esfomeada.

Sinto dores no estômago e os ovos mexidos que fiz – enquanto Noah estava ocupado a queimar o *bacon* – pareciam maravilhosos.

Felizmente, Noah não insistiu em fazer conversa enquanto cozinhávamos, mas, se comesse com eles, teria de falar com eles. Vou esperar que voltem lá para fora e depois arranjo qualquer coisa para mim.

A luz verde do meu telemóvel, pousado na cama, pisca e vou até lá e pego nele.

Desbloqueio o ecrã e vejo o meu *email* e aplicações das redes sociais marcadas com dúzias de notificações. Só o *Twitter* tem mais de noventa e nove alertas.

Sinto um nó a apertar-me o estômago.

Raramente uso o *Facebook*, o *Twitter* parecia uma forma mais eficaz de seguir as notícias, e estou no *Instagram* devido à pressão dos meus colegas de acampamentos de verão de quem já não me lembro.

Pairo o polegar sobre o *Twitter*, e sei que não deveria ver. Não estou pronta para enfrentar as coisas.

Mas, de qualquer modo, toco no ícone da aplicação, atualizando as notificações.

As minhas condolências… diz alguém.

Percorro as notificações, algumas delas *tweets* diretos de pêsames e outras onde estou identificada na conversa.

Rapariga corajosa. Mantém-te forte, escreve RowdyRed.

E outra diretamente para mim. *Como é que uma mãe decide abandonar a filha pelo marido? Lamento tanto. Merecias melhor.*

Cala-te!, responde outra pessoa àquele *tweet*. *Não fazes ideia do que eles estavam a passar…*

Vejo *tweet* atrás de *tweet* e não demoro muito até perder o pouco interesse que tinha em ver as minhas mensagens diretas.

Pessoas a gritar comigo, porque não podem gritar com os meus pais. Pessoas a gritar umas com as outras em conversa.

O suicídio é auto-homicídio. O homicídio é o mais grave dos pecados.

O teu corpo pertence a Deus. Tirar a própria vida d'Ele é roubo!

Ao menos a tua mãe deu o contributo dela ao mundo, escreve um idiota, mostrando uma fotografia da minha mãe quase nua num dos primeiros filmes dela.

Fecho os olhos e não os volto a abrir até ter passado pela imagem.

E fica cada vez pior enquanto continuam a conversa, seja por estarem alheios ou demasiado insensíveis para se importarem com o facto de eu estar identificada em tudo o que dizem.

Ela nem sequer fez um comunicado. Acho que ela tem Síndroma de Asperger ou assim.

Ya*, já viste fotos dela? É como se não registasse emoções.*

E é então que «Deep State» Tom contribui com a pérola de sabedoria dele: *Asperger é a desculpa mariquinhas dos tempos modernos para o que no meu tempo se chamava de cabra frígida.*

Não sou frígida.

E, obviamente, outros preocupam-se com os projetos por terminar do meu pai: *Quem vai terminar a trilogia* Sun Hunter *agora que o de Haas partiu?*

Sinto que devo dizer alguma coisa. Um *tweet* ou assim, mesmo sem pensar que seja importante estas pessoas ouvirem-me, mas sinto-me compelida a lembrá-las que está aqui um ser humano, e eu…

Abano a cabeça, voltando a fechar os olhos.

Não quero que pensem que não amava os meus pais.

Mesmo não estando certa de os ter amado.

Engulo em seco e começo a escrever um *tweet*.

Obrigada a todos por todo o apoio, enquanto eu…

Enquanto quê? Faço o luto pela morte deles? Paro, com os dedos a pairar sobre as letras antes de apagar o que escrevi.

Volto a tentar. *Obrigada pelos pensamentos e orações durante este momento difícil…*

Não. Apago. Tudo o que escrevo soa falso. Não sou uma pessoa emocional, especialmente em público. Quem me dera conseguir exprimir-me. Quem me dera que isto fosse mais fácil. Quem me dera ser diferente e…

Quem me dera… escrevo.

Mas não me sai nada.

Hesito por um instante, com vontade de falar, mas sem a coragem, e apago o rascunho, fechando a aplicação.

Encosto o polegar ao ícone do *Twitter*, arrasto-o para o caixote do lixo e faço o mesmo com o meu *Facebook, Instagram, Snapchat* e *email*. Vou à loja das aplicações e desinstalo todas, isolando-me do mundo. Quero falar, mas não estou pronta para lidar com a resposta ao que quer que diga, por isso retiro a tortura da equação. As contas continuam a existir, o meu acesso imediato a elas é que não.

Volto a pôr o telemóvel a carregar e longe da minha pessoa, e não consigo evitar passar a hora seguinte a desfazer as malas e a reorganizar o quarto. Não cheguei a decidir se fico, mas sei que não me vou embora hoje, e preciso de fazer qualquer coisa que me mantenha longe deles.

Roupa interior na gaveta de cima, depois a roupa de dormir, roupa de exercício e *T-shirts*. Penduro tudo o resto – casacos, blusas, camisas, calças, calças de ganga… da esquerda para a direita, do mais escuro para o mais claro.

Organizo os meus sapatos todos no chão do armário, sabendo que os meus saltos altos não vão ver a luz do dia aqui, mas já seria de esperar. Parece-me ótimo não ter ninguém para quem me vestir.

Enfio as poucas revistas e livros que trouxe na estante embutida e ponho as minhas malas de maquilhagem, secador de cabelo e prancha de alisar o cabelo junto à escrivaninha e depois levo o meu champô e amaciador para a casa de banho. Pouso os meus sabonetes na borda da banheira antes de tirar a minha escova e aplicar um pouco de pasta de dentes.

Acabo de escovar os dentes, volto a pousar a escova no tubo de viagem e levo-o e à pasta de dentes de novo para o quarto, colocando-as na mesa de cabeceira. Deixava sempre a escova na minha casa de banho em casa, mas só porque era a única a usá-la.

Mas os homens são nojentos. Deixam a tampa da sanita aberta e, segundo um estudo que li uma vez, a matéria fecal espalha-se pelo ar quando se puxa o autoclismo. As bactérias enfiam-se em todo o lado. Não, obrigada.

Escovo o cabelo, prendo-o num rabo-de-cavalo, e olho em volta para o quarto arrumado à procura de alguma coisa. Qualquer coisa.

Não quero deixar o quarto, e posso voltar a fazer as malas amanhã, mas, pelo menos, não pensei nos meus pais enquanto desfazia as malas. Ou enquanto estava zangada com Jake, mais cedo.

Expiro longamente e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim, e desço ao andar de baixo. Ouve-se o barulho de uma broca vindo da oficina, e um martelar da frente da casa, por isso vou até lá fora, consciente de que não percebo nada sobre montagem de motos.

Jake está à minha esquerda, com o braço apoiado na parede da casa e a martelar uma peça de revestimento.

– Posso ajudar? – pergunto com relutância.

Mas não o olho nos olhos.

Ele para de martelar e, do canto do olho, vejo-o a fitar-me.

– Anda cá e segura nisto – indica.

Desço do alpendre.

Atravessando a relva, aproximo-me até ao lado dele e encaixo as mãos junto das dele, substituindo-o a segurar na tábua. Ele aponta um prego à tábua e martela-o antes de acrescentar outros dois.

Baixa-se para pegar noutro pedaço de madeira e eu sigo-o, ajudando-o, mas é então que vejo algo na cintura dele. A *T-shirt* está de novo pendurada no bolso de trás e tento perceber a tatuagem.

My Mexico. Está escrito a tinta azul, num arco sobre a anca esquerda, no lado do torso dele, mesmo acima da linha dos *jeans*.

Seguro a tábua seguinte e ele aplica um prego no centro, e depois vejo outro martelo na caixa de ferramentas ao nosso lado e pego nele e retiro um prego de uma lata de café.

Encosto a ponta à madeira e Jake bate com o dedo no espaço uma polegada acima do sítio onde o pus.

– Aqui mesmo – diz ele e faz um gesto com a mão para cima, mostrando uma linha de pregos nas tábuas anteriores. – Segue o padrão.

Assinto com a cabeça, mudando o prego de sítio. Martelo, martelo, martelo, ciente dos olhos dele em mim.

– Olha, assim – diz ele e estica o braço na minha direção.

Mas eu tiro o martelo e o prego, vendo-o a recuar imediatamente.

Volto a pôr o prego no sítio e martelo-o na casa, batendo acidentalmente na borda e dobrando a peça de metal. Cerro os dentes e tiro o prego, substituindo-o por outro e volto a tentar.

Ele continua a olhar para mim.

– Não aprendo nada se não me der uma oportunidade – digo-lhe.

Ele mexe-se, com uma pontinha de humor na voz.

– Eu não disse nada.

Continuamos a trabalhar em silêncio, ambos a erguer tábua atrás de tábua, martelando prego atrás de prego. O meu ritmo acelera, e ele observa-me cada vez menos, provavelmente porque já não estou a atrasá-lo, embora este *seja* um trabalho para duas pessoas. Porque é que Noah não o ajuda? Está na garagem, mas isto teria sido feito muito mais depressa do que tentando fazê-lo sozinho.

Relembro as palavras de Noah desta manhã e compreendo finalmente o seu significado, horas depois.

Eles não se dão bem, pois não?

E quase sorrio levemente. De súbito, sinto uma ligeira camaradagem com Noah.

Jake pega numa tábua, e eu pego na minha ponta, e juntos encaixamo-la debaixo da peça anterior de revestimento, mas, quando deslizo a mão pelo comprimento dela para a segurar melhor, sinto algo afiado a espetar-se na minha pele e solto um silvo.

Largo a minha ponta da tábua e levanto a mão, vendo um pedaço comprido e espesso de madeira enfiado na palma.

Estremeço e puxo com cuidado a metade que ainda está de fora, intensificando a força quando esta não se mexe. Sinto uma picada na mão e preciso de mais luz.

Mas, antes de conseguir virar-me para ir para dentro de casa, Jake pega na minha mão e inspeciona a farpa.

Tento puxar a mão.

– Eu trato disto.

Mas ele ignora-me.

Concentrado na minha mão, pressiona a minha pele para baixo onde a farpa está enfiada, mantendo-a no lugar antes de a partir ao meio e deitando o resto fora.

Retraio-me, aspirando ar entre dentes.

– Quem te ensinou a disparar? – pergunta ele, tocando no resto da farpa. – Não consigo imaginar o Hannes a participar em atividades ao ar livre que não incluíssem iates ou um carrinho de golfe.

Levanto o olhar de repente para o rosto dele. Já são duas piadinhas, hoje.

Olha para mim durante um instante como se estivesse à espera que eu dissesse algo.

– Não ficas triste quando se fala nele.

É uma observação, não uma pergunta.

Sinto os meus ombros a retesar, um pouco constrangida, pois sei o que ele espera.

Não estou a agir da maneira certa, e ele reparou.

Desvio o olhar, ouvindo os sons agudos e longínquos de motores de moto a aproximar-se.

– Não quero falar do meu pai.

– Pois, nem eu.

Enfia o polegar sob a farpa, tentando empurrá-la para cima e para fora, e eu tento puxar a minha mão para trás.

– Pare com isso.

Mas segura-me ainda com mais força e puxa a mão de novo para ele.

– Para de te mexer.

Enquanto continua a trabalhar na farpa, tentando retirá-la, ouço o zumbido de motor a aumentar e avisto um grupo de motos de motocrosse a acelerar pela estrada de gravilha. Cerca de cinco tipos rodeiam a área junto à carrinha do meu tio e param, tirando os capacetes e rindo uns para os outros. Estão todos vestidos com cores vivas, com um estilo muito motocrosse. Ou supercrosse ou o que quer que seja que fazem por estas bandas.

Noah trota para fora da oficina e aproxima-se de um dos tipos.

– Ei, meu.

Dão um aperto de mão e ele continua a limpar o óleo dos dedos enquanto circunda as motos, vendo o que os tipos estão a conduzir.

– Ei, como vai isso? – cumprimenta outro. – Correste hoje?

Eles falam e Jake aperta ainda mais a minha mão antes de se virar e me puxar para dentro da oficina.

Dirigindo-se a uma bancada, acende um candeeiro e assenta a palma da minha mão debaixo dele para ver melhor.

– Desculpa – diz ele.

– O quê?

Olho para ele.

– A provocação sobre o teu pai – explica, ainda a inspecionar a farpa. – Sou um parvalhão. Tenho a certeza de que estraguei a cabeça dos meus próprios filhos de várias maneiras, por isso não tenho moral para falar.

Viro a cabeça, vendo Noah fazer a ronda pelos amigos, um deles ainda montado na moto e acendendo um cigarro. Ele olha-me de relance.

– És diferente do que eu pensei – diz Jake baixinho.

Volto a olhar para ele.

– Complicada – explica ele. – Difícil de perceber. E, mesmo que te conseguisse perceber, não tenho a certeza de poder ser um conforto para ti. – Mostra um sorriso débil. – Não estou perturbado com as mortes deles, Tiernan, mas lamento que tu estejas.

Volto a desviar o olhar para os tipos lá fora.

– Não estou perturbada.

O tipo no grupo de amigos de Noah com o cabelo à gajo de universidade e olhos cristalinos continua a olhar para mim, com um sorriso malicioso nos lábios enquanto fuma. Será Kaleb?

Sinto os olhos de Jake em mim, também.

– Não quero falar do meu pai – volto a afirmar antes que ele tenha hipótese de continuar.

Mas sinto uma dor na mão como se fosse uma mordidela de aranha e solto um silvo, voltando a olhá-lo nos olhos.

Que raio! Isso magoou!

Mas, enquanto lhe lanço um olhar furioso, a farpa é esquecida e paro de respirar por um instante.

Sinto um calor a subir pelo pescoço enquanto ele olha para mim, um olhar duro e zangado, mas… também um pouco intrigado. Como se estivesse a tentar compreender-me.

Os olhos dele não são azuis. Pensei que fossem. Como os de Noah. São verdes. Como a relva de verão.

Uma brisa sopra pelas portas abertas da oficina, a conversa e risos lá fora a quilómetros de distância quando uma madeixa do meu cabelo, que se soltou do rabo-de-cavalo, roça os meus lábios.

Os olhos dele baixam para os meus lábios e paro de respirar, sentindo calor por todo o lado.

Uma gota de suor escorre pelo pescoço dele e os pelos dos meus braços eriçam-se, cientes do seu tronco nu.

Estamos demasiado próximos.

Eu…

Engulo em seco, com a boca áspera e também seca.

Por fim, pestaneja algumas vezes e leva a palma da minha mão aos lábios dele, a boca quente a tentar chupar a madeira da minha mão.

Abro um pouco a boca quando os dentes dele mordem a farpa e a minha pele é chupada e acariciada.

As pontas dos meus dedos roçam a barba por fazer na face dele.

Eu posso fazer isso. Não preciso da tua ajuda.

Mas não consigo dizê-lo em voz alta.

– Oh, merda – ouço alguém a dizer lá fora.

Desviando a atenção do meu tio, olho lá para fora e vejo Noah a ver a moto de alguém.

O tipo que parece saído da capa de uma revista volta a olhar para mim.

– Quem é? – pergunta a Noah.

Noah segue o olhar dele e vê-me, mas ignora-o.

– Afasta-te dos tipos da terra, compreendes? – diz-me Jake.

Olho para ele.

Ele continua:

– Seja como for, se arranjares um namorado, não poderás vê-lo quando estivermos presos na neve. Além disso, não fazem o teu tipo.

– Como sabe?

– Porque te estou a dizer que não fazem o teu tipo – responde ele. – Eu digo-te quando um deles fizer.

Que troglodita. Por amor de Deus.

Mantenho-me em silêncio, sem vontade de discutir com ele. Não estou à procura de ninguém, mas posso tomar conta de mim. Os filhos dele cresceram com ele em cima deles. Eu estou habituada a tomar as minhas próprias decisões.

– Eles estão entediados – refere. – E, quando se está entediado, só se quer duas coisas, e a cerveja não dura para sempre.

Olho para ele, considerando o facto de morar agora com três homens semijovens saudáveis, todos eles também pertencentes ao grupo dos «tipos da terra» sobre o qual ele me alerta.

– Não se sente entediado aqui em cima durante o inverno? – gozo, baixando a voz para manter a conversa apenas entre nós. – Quando a cerveja acaba?

Os olhos dele cingem nos cantos, percebendo o que quero dizer. Ele e os filhos serão diferentes? Haverá mais mulheres nuas a passear junto à casa de banho?

Finalmente apanha a farpa e puxa-a para fora, mas não desvio o olhar, mesmo estando a doer.

Baixa a minha mão, esfregando o polegar na pequena ferida.

– Está ótimo. – Puxo a mão para trás, limpando o pouco sangue que tem.

– Estás arrependida de ter vindo? – pergunta ele.

Surpreendentemente, não sou apanhada de surpresa pela pergunta. Provavelmente, por não ter medo de ser rude se a verdade fosse negativa.

– Não sei – respondo com honestidade.

Não estou feliz, mas não estaria feliz em casa, ou em Brynmor, ou provavelmente em qualquer lado. Não esperava sentir-me feliz por vir para aqui, por isso não interessa.

Olho para fora da oficina, onde todos os tipos estão a ligar os motores e a virar as motos para se irem embora. Noah afasta-se, obviamente não se juntando a eles.

– Gostas de estar aqui? – insiste Jake.

– Não sei – volto a dizer.

– Onde preferirias estar?

Não sei. Porque quer ele saber? Eu não…

Olho-o finalmente nos olhos, mordendo o canto do lábio.

– Eu não quero estar… – Não termino a frase, tentando encontrar as palavras. – Eu não quero estar…

Mas a frase sai incompleta. Como se essa fosse a minha resposta. *Eu não quero estar.*

Fita-me com um olhar atento.

– Eu não quero estar em lado nenhum – digo apressadamente.

Posso ter percebido mal o que esperar aqui, mas pelo menos pensei que três homens solteiros não quereriam ter muitas conversas lamechas. Este tipo parece querer criar uma ligação, o que me incomoda.

Viro-me e começo a sair da oficina, mal as motos de motocrosse aceleram para longe.

– Prepara umas sanduíches, por favor – diz Jake atrás de mim. – Põe-nas no frigorífico para pegarmos nelas e andar. Não interessa o tipo. Não somos esquisitos.

Não somos esquisitos.

Entro em casa, dirijo-me à cozinha e abro as duas portas do frigorífico. Depois, abro as gavetas dos frescos e do congelador em baixo e faço um inventário do que tenho para trabalhar.

Ele está a manter-me ocupada. Deveria sentir-me grata. E está a dar-me uma tarefa onde não tenho de falar com ninguém. Eu gosto de cozinhar. Posso ouvir música e ser deixada em paz.

E as sanduíches não são difíceis de fazer.

Bato levemente com os dedos no puxador da porta enquanto mantenho o frigorífico aberto. Não sei. Há qualquer coisa nele que me deixa incomodada, como se estivesse a gostar demasiado de ser meu tutor. Os meus pais não se teriam importado se eu tivesse orgias no meu quarto desde que não aparecesse nada no *Snapchat*.

Mas este tipo…

Ele já está a forçar a dominância dele. Não é que eu tenha interesse em orgias – ou em homens, neste momento, seja como for –, mas cuido de mim há anos e agora tenho de abrandar. É pedir demasiado. Posso ter apenas dezassete anos, mas é apenas no papel.

Mas por que raio é que ele quer o almoço agora? O pequeno-almoço foi há uma hora.

E, com isso, o meu estômago ronca. Hesito por um instante, levando a mão à barriga.

Não tomei pequeno-almoço.

Ou fosse o que fosse desde as bagas ao pequeno-almoço de ontem.

Pego em fatias de carne, condimentos e alguma alface e meto-me ao trabalho, fazendo algumas sanduíches, trincando uma para pôr alguma coisa no organismo, e depois corto-as na diagonal e ponho os triângulos num prato grande. Encontro película aderente e embrulho o prato, pousando-o no frigorífico.

Não faço ideia se vai ser o almoço deles, mas é tudo o que vão sacar de mim. Vou ver se ele precisa que eu vá à vila buscar algo. Não me fazia mal conduzir.

Mas, quando estou a fechar a porta do frigorífico, vejo uma gota de água a cair no vidro mesmo acima da gaveta dos frescos. Debruço-me e ponho a mão na pequena poça de água.

Há uma fuga.

Espreito para trás do frigorífico e tento avaliar de onde vem e vejo o motor embaciado e coberto de gelo.

Endireito-me e mordo o canto da boca. Digo-lhe? Estou certa de que sabe.

Vejo o *iPad* deles no balcão, pego nele e ligo-o. Pede-me a palavra-passe e insiro logo «misericordia», tentando a minha sorte. O aparelho desbloqueia de imediato.

Vou ao *YouTube*, verifico o modelo do frigorífico e seleciono alguns vídeos. Durante a hora seguinte, esvazio o frigorífico e afasto-o da parede, usando todo o meu peso para o puxar para desligar a tomada. Depois, vou buscar algumas ferramentas à oficina e sigo as instruções do vídeo, partindo o gelo e descongelando o motor, reparando a fuga no tubo e voltando a montar tudo. Não sei se vai funcionar, ou o quão zangado ele vai ficar se piorar as coisas, mas é a vantagem de se ser rico. Compro-lhe um novo.

Paro de rodar a chave de parafusos, apercebendo-me de repente da situação. Será que lhe posso comprar um novo? Quer dizer, os menores não podem herdar dinheiro. Os tutores têm uma procuração até à maioridade.

Portanto, tecnicamente, a minha herança está completamente nas mãos dele. A menos que os meus pais tenham posto alguma coisa num fundo, algo que o advogado deles possa ter pensado fazer, mas…

Deverei ficar preocupada? O dinheiro nunca me interessou, mas apenas porque sempre o tive. Falo de boca cheia, mas se não for capaz de pagar a universidade então tudo muda. Os meus pais confiaram-me a ele, tal como o meu bem-estar, ou… não havia mais ninguém? Não sei se posso confiar nele, mas definitivamente não confiava neles para fazerem a coisa certa por mim. Este tipo tem o meu futuro nas mãos.

Pelo menos, durante as próximas dez semanas.

Apesar do acelerar da minha pulsação, continuo em frente – perdida nos meus pensamentos – e volto a apertar a cobertura do motor e enfio o braço atrás do aparelho para o voltar a ligar. O motor ronrona suavemente e começa a emanar ar frio para a máquina. Por enquanto, tudo bem.

– Fizeste isso? – ouço alguém perguntar.

Viro a cabeça, vendo Noah junto à ilha da cozinha, sem *T-shirt*, transpirado e ofegante, enquanto vê o vídeo no *iPad* que pousei no balcão.

Olhando para onde costumava estar a fuga, ele vê que agora está seco.

– Bom trabalho – comenta. – Andamos a querer arranjar isso.

Viro-me de novo, mas não sem antes dar outra olhadela, reparando no tronco e braços dele completamente livres de qualquer tatuagem. Não sei porque acho isso estranho. Talvez por o pai ter uma, pensei que ele também tivesse.

Para me manter ocupada, volto a pôr a comida toda dentro do frigorífico, ouvindo vagamente uma máquina qualquer lá fora e penso que poderá ser Jake.

– Então, quando é que fazes dezoito anos? – pergunta Noah.

Não paro quando ele se encosta à ilha, a observar-me.

– Dia um de novembro.

– Vais-te embora nessa altura?

Olho para ele, parando um instante para compreender o que quer dizer.

Não preciso de ficar agora. O pai dele não lhe disse que me deu essa escolha ao telefone?

– Eu ia-me embora – diz ele. – Ia-me embora num piscar de olhos. Estás aqui e não tens de estar. Eu tenho de estar aqui, mas não quero estar.

– É um lugar tão bom como qualquer outro – respondo baixinho, guardando alguns molhos e condimentos na prateleira da porta.

– Porquê?

– Porque continuas a ser tu, independentemente de para onde fores – respondo.

Paro e olho para ele, com os cabelos suados a cair-lhe para cima dos olhos e o boné pendurado nos dedos. Ele continua com um ar confuso.

– Há tantas pessoas felizes em Cleveland como há em Paris – explico. – E tantas tristes também.

– Sim, bem, preferia estar triste numa praia.

Solto uma fungadela, não conseguindo evitar sorrir. Rio-me um pouco, viro-me de costas rapidamente, tentando abafar a minha diversão.

Mas num instante, ele está ao meu lado, colocando o molho inglês e o *ketchup* na prateleira da porta.

Olha para mim e sinto o meu estômago a encolher.

– Tens um sorriso bonito, prima – diz-me ele. – Se ficares, vou fazer-te sorrir mais.

Oh, credo. Não é charmoso?

Ignoro-o e acabo de repor tudo no frigorífico, sem me importar se está organizado. Ele ri-se entre dentes e ajuda-me – os dois acabando o serviço em poucos minutos.

Jake entra na cozinha e dirige-se ao frigorífico, e eu saio da frente, deixando-o passar.

Pego nas ferramentas que usei e começo a sair para as voltar a pôr na oficina onde as fui buscar, mas ouço a voz áspera do meu tio.

– Onde estão as salsichas? – pergunta.

Viro-me para ele, vendo-o à procura nas prateleiras, onde agora nada está onde ele deixou.

– Estavam com bolor – digo-lhe.

Deitei-as fora, juntamente com algumas outras coisas.

Mas ele limita-se a olhar para mim e endireito a coluna.

– Isso pode ser cortado – diz ele.

Cortado?

Que nojo. Há níveis de decomposição. O bolor só torna mais fácil ver as partes mesmo más.

– Tu não perdes tempo, pois não? – resmunga ele, afastando as coisas, parecendo estar à procura de outra coisa. – Está tudo fora do sítio.

– Pai…

Noah tenta interromper, mas o pai endireita-se e olha para o filho.

– E onde raio estavas tu? – pergunta Jake.

Ele saíra antes. Não era suposto?

Mas Noah cerra o maxilar e, em vez de responder, abana a cabeça e vai-se embora. Não sei se invejo Noah ou não. Ele também não se dá com o pai, mas pelo menos tem a atenção dele.

Baixo o olhar e toco no ecrã do *iPad*, fechando o *YouTube* e o vídeo de reparação do frigorífico que usei.

– Ouve – diz Jake, virado para mim e com a voz mais baixa. – Não é preciso esforçares-te tanto, *okay*? Nós temos uma máquina bem oleada aqui, por isso faz apenas o que eu te peço. Reorganizar o frigorífico, ou armários, ou decorar, algo assim, não é necessário. Nem muito apreciado, para dizer a verdade. Se precisares de ideias para tarefas, posso dar-te bastantes.

Assinto com a cabeça.

E pouso as ferramentas no balcão e saio da cozinha.

Naquela noite – horas depois de uma trovoada ter começado a troar logo após o jantar – acordo de repente, sentindo todos os músculos do meu corpo tensos e quentes. Agarro com força os lençóis ao meu lado, com o peito a subir e a descer com a respiração rápida, e suor a escorrer pelo pescoço.

Solto um arquejo, tentando respirar, mas não me consigo mexer, caramba. Tento engolir, mas só à quarta vez consigo humedecer a minha garganta seca.

Varro o quarto com o olhar, ainda com vestígios de medo no cérebro, mas não tenho a certeza porquê enquanto inventario o que me rodeia.

O quarto está às escuras, a tempestade continua a abanar as minhas janelas, e ouço a chuva a cair com força na varanda do lado de fora do meu quarto.

Devagar, estico os dedos, soltando as mãos dos lençóis, e sento-me na cama, estremecendo com a dor nos ombros e pescoço por estarem tensos durante demasiado tempo.

Será que sonhei? Fecho os olhos, sentindo as lágrimas que não me lembro de chorar a escorrer e juntarem-se às que já molham o meu rosto.

Não me lembro de nada, mas devo ter estado a chorar ou a gritar, pois a minha garganta arde e os nós dos dedos doem de cerrar os punhos com tanta força. Dou uma olhadela rápida à porta, aliviada por ver que permanece fechada. Ainda bem que não fiz barulho suficiente para acordar ninguém.

Atiro o edredão para trás e vou até à cómoda para pegar no telemóvel.

Quando era miúda tinha episódios terríveis de gritos e choro – uma total loucura de meia-noite – onde despertava e continuava a fazê-lo, mas completamente a dormir. Disseram que eram terrores noturnos, e quando acabavam – quando Mirai ou uma ama qualquer me acalmava até voltar a adormecer – nunca me lembrava de nada. Sabia apenas que acontecia, pois os meus músculos ficavam esgotados, a minha garganta secava e acordava com os olhos a arder das lágrimas.

Pego no telemóvel e ligo-o.

Uma e um quarto da manhã. Sinto as lágrimas a começarem a formar-se na garganta, mas empurro-as para baixo.

Era sempre por volta da uma e um quarto da manhã, diziam os meus pais. Uma espécie qualquer de relógio interior.

Mas os meus terrores noturnos acabaram. Não tenho um desde… o quarto ano, talvez?

Volto a pousar o telemóvel em cima da cómoda, apoiando lá os cotovelos e segurando a cabeça com as mãos.

Sou uma adulta. Estou sozinha.

Olho de novo para a porta. Não quero que me ouçam gritar como se fosse uma maluquinha.

Reparo, por fim, num ardor no meu braço e olho para ver três meias-luas vermelhas no antebraço, e sei de imediato o que são, lembrando-me como se fosse ontem.

Arranhei-me durante o sono.

O saco de doces continua em cima da minha cómoda e varro-o com o braço para o cesto do lixo que está ao lado. Mas que raio estava a fazer durante o sono? Como não acordei? O que acontecerá se estiver sozinha em Los Angeles ou quando for para a universidade e tiver uma companheira de quarto?

Não devia estar sozinha.

Mas não tenho a certeza se deveria estar aqui com eles. A morte dos meus pais pode estar a desencadear isto.

Ou pode tratar-se de outra coisa qualquer.

5

Jake

Ela não devia estar aqui. Isto foi um erro.

Não posso fazer bem nenhum a Tiernan. Mal consigo manter os meus próprios filhos sob controlo. Noah está a dez segundos de fazer as malas e partir um dia destes, e Kaleb…

Credo, Kaleb… Nunca fui capaz de imaginar o futuro daquele miúdo, pois homens como ele não duram muito. Ele faz demasiados inimigos.

Atiro a roupa da cama para trás, tendo uma noite de merda apesar do espaço todo na cama sem Jules aqui.

Preciso de começar a trancar as portas à noite. Quer dizer, qual é o tipo que não quer acordar às duas horas da manhã com uma ruiva de vinte e três anos, nua, em cima dele? Mas ela está a fazer disto um hábito.

E o sexo não é lá muito bom.

Esfrego o rosto com as mãos. *Não sei*. Talvez seja bom e eu esteja apenas entediado. Não consigo falar com ela. Nem com as três que a precederam.

É certo que não tenho nada que ter mais responsabilidades debaixo do meu teto neste momento.

Ou nunca. Sou um péssimo pai, e sou demasiado velho para mais surpresas como uma adolescente a viver na minha casa. Hannes que se vá foder onde quer que esteja no inferno.

Sento-me e atiro as pernas para o lado da cama e levanto-me, pegando nos meus *jeans* pendurados na cadeira.

Aquele filho da puta. Não falava com o meu irmão por afinidade, ou ninguém daquela família, há mais de vinte anos, mas mereço uma menção no testamento dele? Não havia mesmo mais ninguém que a conhecesse e

quisesse ficar com ela?

Mas não, liguei-lhe naquela noite, ouvi algo na voz dela que me prendeu e falei sem pensar.

A miúda tem problemas.

É claro que isso não a torna diferente dos meus próprios filhos, mas Hannes e Amelia lixaram-na bem. Ela é tão diferente do que eu pensei. Calada, rígida, assustada. Não faço ideia de como lidar com ela. Não sou esperto o suficiente para isto. As pessoas como ela, que não mostram emoção, encontram outras formas de a libertar.

Então, como o faz? Com drogas? Álcool? Corta-se?

Sexo?

Paro, com a imagem de Tiernan no banco traseiro de um carro qualquer – com suor no rosto, cabelos colados às maçãs do rosto, olhos fechados, respiração ofegante – subitamente na minha cabeça.

Respiro fundo e arranco a *T-shirt* da cadeira, enfiando-a no bolso de trás das calças para mais tarde. *É bom que ela não o faça.* Não vou fornecer rata nova a esta vila. Inclino o pescoço de um lado para o outro, ouvindo-o a estalar um par de vezes.

Hannes e Amelia nunca deveriam ter tido uma filha. Nunca percebi o que os pais dela viam um no outro, mas a merda mantém-se junta, pelos vistos. O melhor que podia ter acontecido a Tiernan foi perdê-los, e só tenho pena que não tenha acontecido antes.

Dirijo-me à porta do meu quarto, abro-a e atravesso o corredor até ao quarto dela.

Bato à porta.

– Tiernan.

Passa pouco das cinco horas da manhã e massajo os músculos doridos do meu pescoço. Não quero acordá-la, mas não tive a oportunidade de me desculpar ontem pois ela não saiu do quarto durante o resto do dia.

Mas não vou deixá-la esconder-se ali por ter sido um parvalhão.

Quando não obtenho resposta, volto a bater à porta.

– Tiernan?

A casa está silenciosa além da música baixinha com a qual Noah dorme a passar por debaixo da porta do quarto dele.

Hesitante, abro levemente a porta dela, devagar para o caso de ela se passar, e enfio a cabeça lá dentro.

– Tiernan, é o Jake – digo baixinho.

O cheiro dela atinge-me as narinas e pauso.

Cheira a…

A pele, molhada da chuva. Sinto um súbito *déjà vu* e inspiro mais profundamente. Pele com um leve indício de uma fragrância. Como aquele sítio suave e escondido atrás da orelha de uma mulher, o cheiro próprio dela, mas também um pouco a perfume, champô e suor.

E, de repente, consigo saboreá-lo. Costumava ser o meu sítio preferido para a beijar.

Meu Deus, tinha-me esquecido.

Aclaro a voz, endireitando a coluna.

– Tiernan – chamo, mas sai como um latido. Não sei porque me sinto agora zangado.

Dou um passo para entrar no quarto, mas ao ver a cama reparo que já está feita e ela não se encontra lá deitada. Sinto um baque no coração e empurro mais a porta, olhando em volta do quarto.

Ela não teria ido embora…

As luzes estão apagadas, mas a suave luz matinal entra pelas portas da varanda, e vejo o quarto tão arrumado como quando ela chegou, embora tenha mudado algumas coisas. Os artigos pessoais estão em cima da escrivaninha e da cómoda, e vejo um par de chinelos havaianos junto à mesa de cabeceira.

Okay, então não se foi embora. Não faço ideia como o poderia ter feito – tão remotos como estamos –, mas acredito que tentasse fazê-lo.

Saio do quarto, fecho a porta atrás de mim e bato com força duas vezes na porta de Noah quando passo por lá e desço as escadas. Ele também precisa de levantar o traseiro, e é ridículo o facto de ainda precisar de servir de despertador ao meu filho de vinte anos.

Mas, assim que chego à sala de estar, sinto o cheiro a café e sei que não sou o único a pé. Tiernan faz algo na mesa, e olho para lá, tentando ver o que está a fazer quando me encaminho para a cafeteira.

O cabelo dela está preso num puxo descontraído no topo da cabeça enquanto ela aparenta a estar a colar peças de alguma coisa.

Sirvo-me de uma caneca de café, engolindo em seco.

– Obrigado por teres consertado o frigorífico – digo, sem olhar para ela.

Senti-me um parvalhão ontem quando Noah me disse que estava tudo fora do sítio no frigorífico porque ela o teve de esvaziar para o consertar.

Um parvalhão do caraças.

E, após me ter passado o choque, fiquei impressionado. Há tanta gente no mundo que se limita a substituir coisas estragadas ou contrata quem as conserte, sem querer dar-se ao trabalho de aprender a fazer algo sozinha. Até com a superabundância de ajuda que há na internet.

Ela é autossuficiente.

Quando ela continua sem responder, viro-me, bebendo um gole da caneca enquanto me aproximo lentamente.

Está a consertar um prato que parece ter partido, colando cada peça com cuidado.

É um dos nossos verdes. O canto da minha boca ergue-se num pequeno sorriso.

Ela não tinha nada que se incomodar. É um prato barato, e estes partem-se facilmente.

Volto a olhar para o rosto dela – está com o olhar focado, a comprimir os lábios, e a respiração ritmada e controlada como se eu não estivesse mesmo ali.

– Tiernan? – repito.

Mas continua sem responder. Credo, é como falar com os meus filhos. Os adolescentes são todos assim?

Assenta o último pedaço no lugar, segura-o durante alguns instantes e depois pega em papel de cozinha para limpar o excesso de cola.

– Há alguma coisa em que possa ajudar hoje? – pergunta-me de repente, olhando finalmente para mim.

Hã?

Ela olha para mim, com pequenas madeixas lisas emoldurando-lhe o rosto e por cima dos olhos, e, mais uma vez, sou apanhado de surpresa. Preparei-me para um confronto depois da forma como agi ontem, mas… está pronta para seguir em frente. Devo forçar uma conversa ou deixar o assunto em paz?

Passo a mão pelos cabelos. Que seja. Se ela vai fazer com que isto seja mais fácil para mim, não me vou queixar.

– Sim – digo, soltando um suspiro de alívio.

Ela levanta-se da cadeira, ficando de pé mesmo à minha frente, mas os olhos dela recaem de imediato para o meu peito, e desvia rapidamente o olhar.

Comprimo os lábios e tiro a *T-shirt* do bolso de trás das calças para vesti-la. Com Hannes, que nasceu já de fato vestido, e Brynmor, uma educação composta por colegas do mesmo sexo, pelos vistos não está habituada a isto. Mas aqui vai habituar-se.

– Onde me quer? – pergunta ela, parecendo pronta a estar em qualquer lado que não a cozinha.

Escondo um sorriso.

– Tenho de… hmm, ordenhar a *Bernadette* – digo-lhe quando me viro para pegar numa caneca de café.

O olhar dela vacila.

– A vaca – explico. – É preciso alimentar os cavalos e limpar as baias. O Noah mostra-te como se faz.

– E depois?

E depois?

Seguro na caneca, encostando-me ao balcão.

– Temos trabalho a fazer na oficina, por isso, se quiseres tratar do pequeno-almoço… seria uma grande ajuda.

Devia ter pedido de forma mais simpática ontem.

Ela limita-se a assentir com a cabeça.

Começo a passar por ela, mas paro e olho-a.

– O *bacon* exatamente como fizeste ontem – digo. – Percebeste?

Mantém os olhos plantados no chão durante mais um instante, mas depois levanta a cabeça e olha-me nos olhos.

– Percebi.

Fixo o olhar no dela.

Quem me dera que ela sorrisse. Não o espero, dado o que lhe aconteceu, mas tenho a sensação de que não sorri muito, seja como for.

Mas é bonita. Dou aos pais esse crédito. Pele imaculada que quase parece porcelana. Maçãs do rosto subidas, rosadas. Sobrancelhas um pouco mais escuras do que o cabelo, pestanas compridas que emolduram os olhos cinzentos tempestuosos de Amelia, mais perfuradores que os da mãe, pois tem o mesmo anel escuro em volta da íris que o pai tinha.

Mas é mais parecida com a mãe. O pescoço esguio, a curva da cintura, a coluna e ombros que por vezes parecem esculturais. Em Amelia parecia frio. Em Tiernan… faz-nos questionar como se contorceria e mexeria nos braços de alguém.

De alguém.

Sinto o corpo a aquecer e mantenho o olhar no dela. *Amelia e Hannes.* Os cantos dos meus lábios puxam para cima, divertidos, mas não o mostro.

Não preciso que ela fique. Quero lá saber se ela se vai embora ou não.

Mas *posso* proibi-la de partir, se quiser.

Quanto mais não seja para queimar o excesso de frustração que sinto em relação ao pai dela. Fazê-la pagar a dívida que ele tinha para comigo.

Lixar a vida dela só um bocadinho.

Fazê-la…

Ela humedece os lábios cor-de-rosa e sustenho a respiração por um instante.

Se eu fosse um homem pior…

Pouso a caneca, dirijo-me ao armário e tiro o meu boné *Rockies* do cabide, enfiando-o na cabeça. Tenho de sair daqui. Não sei para onde raio a minha cabeça está a ir, mas é errado. Ela é responsabilidade minha. Não uma oportunidade para me vingar. Já para não falar que é sossegada, aborrecida e um pouco patética. Não posso torturar alguém que não dá luta.

Instantes mais tarde, ouço os passos de Noah nas escadas e vejo-o a ir até à cafeteira com a *T-shirt* pousada no ombro e sem sapatos nem meias calçados.

– Temos bastante que fazer hoje – aviso-o, sabendo que ele demora pelo menos vinte minutos a sair pela porta depois de acordar.

Tenho dois filhos e nenhum deles está totalmente presente. Kaleb foi mais fácil. Quando estava aqui. E Noah sempre esteve aqui, mas nunca foi fácil.

– Mostra à Tiernan como lidar com as baias e alimentar os cavalos.

Ele assente com a cabeça sem olhar para mim enquanto um bocejo se estende pelo seu rosto.

Calço as botas e dirijo-me ao fundo da cozinha, transferindo o café para uma caneca portátil para levar comigo lá para fora.

Ouço a voz de Noah.

– Tens uma camisola interior vestida?

Olho para ele e para Tiernan, vendo-a acenar com a cabeça. Está de *jeans* e uma blusa à camponesa, nada de muito elegante, mas é branca.

– Então tira a blusa – diz ele, dando um gole.

Ela franze as sobrancelhas.

– Vou dar-te uma nova – explica, atirando a camisa de flanela por cima do ombro para as costas de uma cadeira. – E descalça os sapatos.

Atravessa a cozinha, abre a porta da oficina e estende a mão lá para dentro. Saca um par de botas velhas e lamacentas dele quando tinha uns treze anos e atira-as na direção dela.

É uma boa ideia. Ela não vai querer estragar as roupas caras.

Olho para ela, à espera que pareça incerta, mas hesita apenas por um instante antes de começar a desabotoar lentamente a blusa.

Aclaro a garganta e desvio o olhar. Ela devia fazer isto na privacidade da casa de banho.

Pelo canto do olho, vejo-a a tirar a blusa e dobrá-la sobre a cadeira. Tem outra coisa branca vestida por baixo, e vejo Noah a aproximar-se, mas mantenho o olhar desviado quando pego numa maçã para levar comigo lá para fora.

Sinto um gancho invisível a puxar-me o queixo – a puxar-me de modo a que olhe para ela – mas limito-me a pestanejar algumas vezes e apresso-me a sair da divisão, dando uma forte trinca na maçã.

Isto é uma treta.

Uma hora depois, estaciono o todo-o-terreno junto aos estábulos com alguns fardos de feno quando o meu telemóvel toca.

Pego nele, olho para o número e vejo que é da mesma área de onde Tiernan veio.

– Estou? – respondo. Não quero porcaria nenhuma, mas pode ser o advogado dos pais dela a ligar, por isso…

– Sim, senhor Van der Berg? – pergunta uma mulher com um ligeiro sotaque. – Daqui fala Mirai Patel. A assistente da senhora de Haas.

Encosto o telemóvel à orelha, tirando as luvas de trabalho.

– Como é que uma morta ainda tem uma assistente?

Mas ela não responde, e quase sorrio, pois consegui ser insensível.

– O que deseja? – pergunto, levantando um fardo e pousando-o junto ao estábulo. – A Tiernan tem um telemóvel se quiser falar com ela.

– Na verdade, queria falar consigo.

Pelo amor de Deus, porquê?

A senhora Patel permanece calada por uns momentos e depois pergunta:

– Como está ela?

Como está ela? É por isso que me está a ligar?

– Está bem – respondo com um grunhido, tirando mais um fardo de feno do todo-o-terreno.

Volta a calar-se e, após alguns instantes, pego no telemóvel com a mão, prestes a desligar. Não tenho tempo para isto.

– Olhe, não sei como dizer isto de uma forma que não seja totalmente esquisita – diz ela, por fim –, por isso vou dizê-lo.

Ainda bem. Olho para a entrada do estábulo, vendo as cabeças de Noah e Tiernan numa das baias enquanto remexem o feno.

– Gostaria que ela voltasse para casa – diz Patel.

Tiernan pode ir embora quando quiser. Não a obriguei a vir para aqui.

Mas, por outro lado, quem é esta mulher para me dizer o que fazer com a *minha* sobrinha?

Mirai Patel continua:

– Não a posso obrigar, e é provável que ela fique zangada por eu estar a falar consigo, mas...

– Mas?

– Estou preocupada com ela – acaba por confessar. – A Tiernan não fala sobre as coisas, e o facto de os pais terem morrido como morreram não lhe deu a oportunidade de resolver os problemas que tinha com eles. Quero apoiá-la. Receio que tudo o que se está a acumular dentro dela acabe por transbordar.

– Transbordar?

Quem é esta mulher? Que arrogância, para pensar que não consigo lidar com isto. Quer dizer, não consigo, mas ela não sabe disso.

– Estou certa de que reparou que ela é calada – diz-me Patel.

E? Se tudo com o que tiver de lidar é uma miúda calada, então talvez tenha toda a experiência necessária para lidar com isto.

– E a senhora acha que pode educá-la melhor? – pergunto.

– Eu acho que o senhor não a conhece. Eu conheço.

Aperto o punho em volta do telemóvel.

Uma estranha que nunca conheci nem de quem ouvi falar até hoje quer tomar posse da filha do meu irmão e achou que esta conversa ia correr bem?

– E eu acho que se lhe entregar a guarda da Tiernan – digo – isso a põe a tomar conta não só do apoio emocional dela como também das finanças. Tenho ou não tenho razão, senhora Patel?

Ela cala-se e sorrio para comigo. Porque haveria alguém sem qualquer obrigação com uma órfã menor de idade querer essa responsabilidade, a não ser pelo facto de essa órfã menor de idade ser podre de rica?

Mas, então, ela fala, com um tom decidido.

– Tenho acesso ao dinheiro dela desde que comecei a trabalhar para os pais dela há dez anos – afirma ela. – Sou de confiança. E o senhor, é?

Estreito o olhar.

– Pense só no que todos aqueles milhões poderão fazer pelo seu negócio, senhor Van der Berg – diz ela.

E eu cerro os dentes com tanta força que sinto uma dor no maxilar como se tivesse sido atingido por um relâmpago. É isso o que ela pensa? Mais depressa atirava o dinheiro pelo raio da retrete abaixo.

– O lugar dela… – acabo por dizer entre dentes – é com a família dela.

– O lugar dela é com alguém que a ama.

– Esta conversa está terminada.

E começo a afastar o telemóvel da orelha.

Mas depois volto a ouvir a voz dela e paro.

– Ela costumava acordar todas as noites por volta da uma da manhã – diz Patel. – Como um relógio e sem alarme. Sabia disso, senhor Van der Berg?

Permaneço em silêncio, sem saber se ela está a dizer a verdade e odiando o facto de saber algo que eu não sei, se estiver.

– Sabe porquê? – provoca ela ainda mais.

Olho na direção do estábulo para Tiernan, vendo-a a saltar para fora de uma das baias com o braço a cobrir o nariz e boca devido à náusea que o cheiro lhe provoca. Noah bate-lhe devagarinho nas costas, rindo-se silenciosamente atrás dela, mas ela afasta a mão dele e ele ri-se ainda mais.

– Seria de pensar que «a família dela» soubesse isso sobre ela – troça Patel. – Adeus, senhor Van der Berg.

E a chamada cai.

Olho para o ecrã durante um instante e depois de novo para Tiernan. Ela e Noah resmungam um com o outro, ele com um enorme sorriso na cara e mantendo o ancinho afastado dela enquanto ela tenta recuperá-lo. Por fim, ela agarra-o e marcha de volta para dentro da baia.

Sorrio para comigo. Ela é mais forte do que esta mulher pensa. Mirai Patel pode gostar de Tiernan, mas teve-a durante dez anos. Que bem fez isso à miúda? Aquela mulher teve a oportunidade dela.

Enquanto tiro um pano do bolso de trás das calças, dirijo-me ao estábulo, abanando o quadrado de tecido e dobrando-o num triângulo. Vejo Tiernan numa das baias, debruçada, a remexer o feno com o rabo-de-cavalo a sair de um dos bonés de Noah.

– Ei – chamo, tocando-lhe nas costas.

Ela sobressalta-se e vira-se, indo contra o meu peito.

Ergo o pano, fazendo um gesto na direção do rosto dela.

– Está limpo – digo-lhe. – Ajuda com o cheiro.

Faço um movimento para o atar em volta do nariz e boca, mas ela abana a cabeça.

– Estou bem.

Rio-me entre dentes, já à espera daquela reação.

– Porque és tão teimosa?

E circundo-a, atando-o na nuca antes de ela ter hipótese de recusar outra vez.

De novo em frente a ela, vejo apenas os olhos a espreitar por baixo do boné e o resto coberto com o lenço.

Parece uma assaltante de bancos, e quase solto uma fungadela de riso, mas não parece muito contente, agora, por isso guardo a piada para mim.

– Não precisas de ser tão dura – brinco, batendo-lhe na pala do boné. – Cheira mal como o caraças, aqui. Mas habituas-te.

Mas em vez de dizer «obrigada», ela limita-se a virar costas e continua a trabalhar.

Fico ali durante um pedaço, com os músculos tesos de ligeira frustração. *Estou certa de que reparou que ela é calada.*

Sim, minha senhora, ela é calada. Lentamente, viro-me para sair do estábulo, mas olho por cima do ombro para ela uma vez mais.

Porém, quando o faço, ela está a olhar para mim. Parou de remexer o feno com o ancinho.

Os olhos dela, escuros devido à sombra do boné, fazem o meu coração saltar um batimento, e eu paro.

Mas, de pronto, como se não tivesse acontecido nada, volta a baixar a cabeça e retoma o trabalho. Fico ali, a observá-la.

Receio que tudo o que se está a acumular dentro dela acabe por transbordar, disse Mirai.

Os meus lábios erguem-se num leve sorriso. Talvez seja exatamente disso que esta miúda precise.

– Já acabaram? – pergunto quando Noah e Tiernan avançam na minha direção.

Estou junto à caixa da carrinha, varrendo os últimos vestígios de feno, terra e bosta que tive de transportar esta semana.

– Não te preocupes – atira Noah. – Fizemos tudo bem. Mas ela está numa missão.

– Tem mais? – Tiernan olha para mim, expectante, com o meu lenço em volta do pescoço.

Mais?

Ela respira fundo, e eu saco do telemóvel para ver as horas. Acabaram muito antes do que quando é só Noah e Kaleb.

Enfio o telemóvel no bolso das calças.

– Tira a roupa do estendal – digo-lhe. – E preciso de água com sabão fresca. Quente. – E então olho para ela. – E depois o pequeno-almoço.

Ela assente com a cabeça e vira-se, apressando-se em direção à casa.

Noah segue-a com o olhar.

– Lembro-me de quando era um novato das tarefas – diz ele com um ar nostálgico. – Até era divertido. Durante uns minutos.

Abano a cabeça. Não acho que Tiernan as ache divertidas.

– Se a treinarmos, será como se eu nem sequer tenha ido embora – diz-me ele.

Lanço-lhe um olhar duro, mas não paro de tirar mais uma pilha de lixo da caixa da carrinha.

– Não me chateies hoje – aviso.

Ele não se vai embora e Tiernan não está aqui para fazer o trabalho dele.

Consigo vê-lo a olhar para mim pelo canto do olho, a querer ter esta conversa, mas não vou tê-la. Já tivemos esta conversa e estou farto. Ele não se vai embora. Ele tem vinte anos, caramba. Não sabe o que quer. Ou o que precisa.

Um erro comete-se em segundos. Viver com ele leva uma vida e não quero que os meus filhos sofram assim.

Antes que ele tente discutir de novo comigo, salto de cima da carrinha e dirijo-me à casa para ir buscar a minha própria água com sabão.

6

Tiernan

– Posso usar uma carrinha para ir à vila comprar alguma comida? – pergunto, sentada à mesa do pequeno-almoço, a brincar com o *bacon* queimado na mão e sentindo-o a desfazer-se para o prato como se fosse uma batata frita de pacote. – Também posso trazer o que vocês precisarem, quando for.

Jake olha para mim, a mastigar, e fixo-me no sítio mesmo entre os olhos dele – focando-me – para afastar da mente o facto de a *T-shirt* estúpida dele estar outra vez despida. Quer dizer, a sério? Estes homens alguma vez se vestem completamente? Nós, mulheres, sobrevivemos com o calor e com o suor o tempo todo sem descartar a nossa roupa.

– O que mais precisas de comer para além de *bacon?* – pergunta ele.

Mantenho a expressão serena, não cedendo à brincadeira.

Por fim, ele ri-se.

– É claro que podes pegar na carrinha.

Levando a mão ao bolso de trás das calças, tira a carteira e saca algum dinheiro, atirando-o para o meio da mesa enquanto Noah sorve o resto do leite.

– Tenho dinheiro – friso. – Posso contribuir para as minhas próprias despesas.

Mas ele limita-se a argumentar.

– Também eu – afirma. – Não precisamos de dinheiro de Haas nesta casa.

Dinheiro de Haas.

Ele volta a enfiar a carteira no bolso e olho para os cem dólares que atirou para cima da mesa – bastante mais do que eu preciso.

Mas acho que ele sabe disso. Só quer que eu veja que é capaz de acomodar os meus *padrões elevados* tanto como o irmão era.

Infelizmente, não consigo impedir-me de dizer:

– Não aceita dinheiro de Haas, mas aceita uma Haas.

E volto a levantar o olhar, fixando os olhos nos dele. Se não quer o dinheiro dos meus pais nesta casa, então certamente não me quer nesta casa também.

– Tu és *nossa* – afirma ele de forma clara. – Nós pagamos o que precisas.

Fico a olhar para ele por mais um instante e então Noah estica o braço para o meio da mesa e pega no dinheiro.

– Eu vou com ela. Preciso de umas merdas.

Levantamo-nos os dois, pegando nos nossos pratos e pondo a louça na máquina de lavar.

– Atirem os sacos de plástico para o barril quando arrumarem as compras – diz-nos Jake, ainda a comer à mesa. – Vou queimar lixo esta tarde.

Paro e olho furiosamente para a nuca dele.

– Queimar lixo? – repito, à procura de um argumento que ele ouça. – Por favor… não. Faz mal, respirar isso, e é mesmo mau para o planeta. – Contorno a mesa para o olhar nos olhos. – Há uma razão para isso ser ilegal.

Queimar folhas é uma coisa. Mas plástico e…

Ele deixa cair o garfo no prato com barulho e pega na caneca de café.

– Os camiões do lixo não vêm até cá acima, querida.

– Nós arranjamos uma solução – respondo. – Não se pode queimar plástico, nem papel com tinta ou…

– As raparigas californianas são conscientes do ambiente, não são? – ri-se Noah desde a banca. – Nada de palhinhas de plástico. Deve levar-se os próprios sacos para o supermercado. Ouvi dizer que também só fazem a descarga do autoclismo vez sim, vez não.

Franzo as sobrancelhas de tal forma que magoa.

– Sim, às vezes até tomamos banho juntas para poupar água. É um espetáculo.

Ouço Jake soltar uma fungadela de riso, e baixo de novo o olhar, soerguendo uma sobrancelha para mim mesma. Não sei de onde veio o meu recém-achado sarcasmo, mas cerro o maxilar, não me permitindo apreciá-lo.

Viro-me para sair, mas paro e volto a lançar um olhar furioso a Jake.

– E esse dinheiro de Haas foi ganho com muito trabalho – digo. – Os meus pais contribuíram para o mundo. As pessoas valorizam o que eles fizeram, quer gostasse deles ou não. Quer eu gostasse deles ou não.

Pestanejo ao ouvir as palavras que me saíram da boca, surpreendendo-me. Mas, apesar de ter os meus problemas com os meus pais, apercebo-me pela primeira vez que sou um pouco protetora do legado deles.

– O mundo vai lembrar-se deles – afirmo.

– Também eu. – Jake recosta-se na cadeira, olhando-me com um ar divertido. – Especialmente contigo por aqui.

Hesito, um pouco enervada com as palavras dele, por alguma razão. O sentido de permanência no tom dele. Como se eu estivesse aqui para sempre.

– Posso não ficar – atiro de repente.

Mas arrependo-me de imediato. Ele acolheu-me quando não tinha de o fazer. E vim para aqui voluntariamente. Devia sentir-me mais grata.

Mas… ele também ameaçou manter-me aqui contra a minha vontade, ontem.

– Às vezes é um bocado parvo – digo-lhe.

Noah vira de repente a cabeça na nossa direção, de olhos arregalados enquanto olha de mim para o pai e vice-versa.

Mas Jake não se mexe, limitando-se a ficar ali sentado e a olhar para mim com o mesmo ar divertido no rosto.

– Sou um ursinho de peluche, Tiernan. – Jake levanta-se, com os dedos na asa da caneca de café. – Ainda não conheceste o Kaleb.

Ouço Noah a rir-se atrás de mim, ambos a partilhar uma piada que eu claramente não percebo. Viro-me, dirigindo-me ao meu quarto para me arranjar.

– Veste uma camisola a sério quando saíres! – berra Jake atrás de mim.

Rosno para comigo, batendo com os pés com mais força do que quero ao subir as escadas.

Eu preparo a tua comida. Não é lá muito inteligente provocar-me.

Tomo um duche rápido, lavando o suor peganhento do meu corpo, assim como a terra e o cheiro do celeiro. Tenho a certeza que terei de tomar outro duche mais tarde, para poder lavar o cabelo. Mas agora não tenho tempo para isso.

Escovo o cabelo, enfio o mesmo boné de basebol que Noah me emprestou esta manhã, e saio do quarto a correr com a minha bolsa e um par de *jeans* lavado e uma *T-shirt*.

Jake está bem abastecido de comida, em especial comida fresca, mas com a pressa de vir para cá esqueci-me de algumas… outras coisas de que precisava.

Quando saio de casa, Noah já está à minha espera. Está montado numa moto de motocrosse com um capacete na cabeça e outro na mão.

Hesito por um instante, olhando para a carrinha atrás da moto dele. Vamos em veículos separados ou…?

– O que estás a fazer? – pergunto, descendo os degraus largos de madeira.

– A levar-nos à vila?

Ele estende-me o capacete extra, para o qual olho, fitando-o depois a ele outra vez, vendo pequenas madeixas de cabelo louro a pender sobre a testa debaixo do capacete.

Ergo as sobrancelhas. Vamos de moto à vila?

– Onde é suposto trazermos as compras? – pergunto.

Mas ele limita-se a rir entre dentes, liga a moto e roda o punho, acelerando para aquecer o motor.

– Sobe. Eu não mordo – diz-me ele. E depois lança-me um olhar matreiro. – Quanto mais não seja as minhas priminhas.

Quase reviro os olhos. Pego no capacete, coloco-o por cima do boné, mas a parte da frente esbarra na pala, tornando-o desconfortável. Atrapalho-me por um instante, acabando por tirar o capacete e depois o boné.

Mas Noah agarra-me os braços, detendo-me.

– Assim – diz ele. E pega no boné, vira-o ao contrário na minha cabeça, e depois enfia o capacete por cima, ficando com a pala agora encostada à minha nuca.

Ah.

Prefiro ter o boné na vila, já que o meu cabelo está uma desgraça neste momento, por isso isto serve.

Ele aperta a fita sob o meu queixo e tento desviar o olhar, mas tem um sorrisinho preguiçoso nos lábios que faz o meu corpo vibrar um pouco. E olhos azuis atrás de pestanas pretas com os lados da *T-shirt* cinzenta cortados para revelar braços dourados e musculados, e veste calças de ganga persistentemente desalinhadas, pois nunca tem de tentar demasiado para impressionar alguém.

Tenho inveja. Ele não tem um plano.

Podia ter sido fixe ter primos enquanto crescia. Talvez tivesse sido divertido passar aqui os meus verões, a crescer ao sol, a brincar na terra com ele.

Ele também me deixa menos nervosa do que Jake.

Olha-me nos olhos e desvio o olhar, retomando o controlo e afastando as mãos dele para acabar de apertar a fita.

– Já andaste de moto? – pergunta.

– Não. – Monto atrás dele, pondo a minha bolsa, cuja fita cruza o meu peito, para o lado.

– Sou gentil – assegura-me. – Podes perguntar a qualquer rapariga.

– Eu não sou uma rapariga qualquer – digo, pondo os braços em volta dele e apertando as mãos em frente. – Se me magoares, vais ter de vir para casa e lidar comigo.

– Tens razão.

Fecha o visor do capacete dele e arranca, fazendo-me suster a respiração.

Credo. Instintivamente, agarro-o com mais força e aperto as coxas em volta dele quando o meu estômago parece cair-me até aos pés. A moto abana mais do que uma carrinha, e olho de lado para lado, tentando manter o equilíbrio, mas ele não está a abrandar e tudo o que posso fazer é agarrar-me. Ele pode saber o que está a fazer, mas isto é novidade para mim. Pestanejo e depois limito-me a olhar para baixo, mantendo os olhos longe da estrada.

As colinas eram um pouco íngremes quando subi na carrinha com Jake. Acho que não preciso ver-nos a descer numa moto de motocrosse. É legal andar com isto na estrada, sequer?

Agarro-me bem a ele, mantendo o olhar na sua *T-shirt* para não ter de olhar para mais nada, mas, passado algum tempo, tento soltar um pouco as mãos. Estou colada às costas dele. Provavelmente, a deixá-lo desconfortável.

Mas ele tira uma das mãos do guiador e puxa os meus braços para o agarrar bem, forçando o meu peito contra as costas dele.

Ele vira a cabeça, levantando o visor.

– Agarra-te bem! – grita.

Okay. Volto a cingir as mãos em volta dele.

Descemos a estrada de gravilha até à estrada pavimentada, virando à esquerda e fazendo o mesmo percurso que fizera a subir dois dias antes, a gravidade a originar que o meu corpo se cole ao de Noah durante todo o tempo.

Mal alcançamos o asfalto, e o terreno é um pouco mais plano, levanto a cabeça e admiro as árvores de ambos os lados, assim como as áreas densamente arborizadas que nos rodeiam. Declives, penhascos e pedras caídas, vejo a terra à nossa volta com muito mais clareza do que quando subi a colina durante a noite, anteontem.

Jake não mentiu. Mesmo com todas as árvores que ficarão despidas de folhas no inverno, há muitas coníferas que irão impedir a visibilidade durante os nevões. A terra muda, com ravinas abruptas em penhascos íngremes, e os lados da estrada decorados com pilhas de pedras esporádicas que caíram de terreno incerto. É perigoso o suficiente estar aqui com bom tempo. O município não vai pagar um camião para limpar a neve e salgar as estradas por causa de uma família.

O que é – calculo – exatamente o que o meu tio quer. Será que Noah gosta que assim seja? As palavras que me disse ontem voltam a girar na minha cabeça. *Eu ia-me embora. Ia-me embora num piscar de olhos. Estás aqui e não tens de estar. Eu tenho de estar aqui, mas não quero estar.*

Então porque fica? Jake não o pode obrigar. É legalmente um adulto.

Viramos e tornamos a virar, serpenteando na estrada à medida que se torna numa via rápida e levamos uns bons vinte minutos até avistarmos a vila. Veem-se uns quantos campanários a espreitar do cimo das árvores, e edifícios de tijolo a ladear estradas com a sombra de áceres abundantes que sei ficarão cor de laranja e vermelhos quando outubro chegar.

Chegamos ao nosso primeiro sinal de *stop* e ele levanta a viseira agora que estamos a abrandar.

– Tens mais? – pergunto. – Primas?

Não sei porque quero saber.

Mas ele limita-se a abanar a cabeça.

– Não. – Mas depois pensa melhor. – Bem, talvez. Não sei.

Eu sou a única do lado do pai dele, por isso resta apenas o lado da mãe. Onde está ela? Não conheço Jake há muito tempo, mas é difícil imaginá-lo domesticado. Eram casados?

Por um momento, é fácil pensar bem dele, a criar dois rapazes sozinho, mas também é fácil compreender como poderia deixar alguém tão louco ao ponto de fugir a sete pés.

Tenho a pergunta na ponta da língua, questionar Noah sobre ela, mas, se ele me conta algo triste, como ela estar morta ou tê-los abandonado à nascença, não sei como responder a coisas que não posso resolver. A minha compaixão normalmente aparenta ser insincera.

Ele agarra bem o guiador, as veias dos antebraços salientes na pele, e volto a segurar-me bem quando arranca de novo, entrando na rua principal da vila, totalmente ladeada por lojas.

Estacionamos junto a uma loja e parque, onde Noah recua para um lugar de estacionamento e desliga a moto.

– Se quiseres, ensino-te a guiar – oferece Noah quando desmontamos e tiramos os capacetes. – Se ficares.

Sigo a deixa dele, deixando o capacete no outro punho do guiador e viro o boné para a frente, seguindo-o até ao passeio.

– Mal me conheces e não sou muito simpática – resmungo. – Porque queres que fique?

– Porque nada muda no pico. Nunca.

O que quer isso dizer?

Entro na loja, sem responder, pois não estou certa do que ele quer dizer.

– Ei, Sheryl – chama ele e a senhora ao balcão devolve-lhe o sorriso enquanto entrega um saco a uma cliente.

Olho em volta, vendo que a loja é bastante pequena. Por amor de Deus, há tipo seis corredores. É bom que tenham *ramen*.

– Traz o que precisas – diz Noah. – Encontramo-nos na caixa.

E arranca, desaparecendo no corredor da direita.

Pego num cesto, grata por ele ir na direção contrária, e viro para as traseiras, em direção à farmácia.

A loja é pequena, mas até é gira. Tem aquele ar de viragem de século com uma caixa registadora antiga e madeira polida por todo o lado. Passo por um balcão com uma velha fonte de refrigerante e um menu de *sundaes*

e outras guloseimas, onde uns quantos clientes estão sentados em bancos altos a apreciar batidos caseiros.

Paro no balcão ao fundo da loja, olhando rapidamente em volta à procura de Noah antes de me dirigir ao farmacêutico.

– Posso ajudar? – pergunta ele com um sorriso.

– Sim – digo baixinho. – Gostaria de transferir uma receita para aqui, se possível. Dou-lhe o número da minha farmácia em Los Angeles?

– Ah, sim. – Ele tira uma caneta da bata branca e pega num bloco de papel. – Isso é fácil. Basta-me ligar para a sua farmácia. Podemos aviar a sua receita ainda hoje.

Fixe.

– Qual é o número?

Dito o número, vendo-o a apontar.

– 213-555-3100.

– O seu nome?

– Tiernan de Haas. Data de nascimento: um de novembro de dois mil e um.

– E a receita é de quê? – pergunta ele.

Volto a procurar Noah.

– Hmm, é a única receita que tenho lá.

Ele levanta a cabeça, rindo-se um pouco.

– Só preciso do nome para saber o que tenho de confirmar com eles.

Bato levemente com o pé no chão.

– *Tri-Sprintec* – respondo depressa sem mexer os lábios.

Ele assente com a cabeça como se nunca tivesse tido um primo demasiado curioso e brincalhão, que adoraria saber porque tomo contracetivos e porque precisaria deles, presa numa montanha o inverno todo sem acesso a homens.

Vejo-o a ligar, a inserir dados no computador e por fim a desligar o telefone.

Ele olha para mim.

– Dê-me dez minutos – diz antes de se virar para as traseiras da loja.

Fico tentada a pedir-lhe que me adiante vários meses, mas ainda não sei se vou ficar, portanto, se precisar de mais durante o inverno, volto. Da próxima vez de carrinha e sem Noah.

Para ser sincera, nem sequer preciso de tomar a pílula, quanto mais durante todo o inverno, mas é mais fácil manter a rotina que tenho desde os meus catorze anos do que parar e ter de começar de novo.

Percorro a loja, encontrando algumas coisas da minha lista aqui e ali. Uns *snacks* de que gosto, mais protetor solar, as multivitaminas de que me esqueci e algumas velas. Pego nuns auriculares extra, canetas e papel, e encontro *ramen* no último corredor. É do barato, do que custa quarenta e sete cêntimos, mas quero-o.

– Ei – diz uma voz feminina atrás de mim.

Viro-me, vendo uma rapariga mais ou menos da minha idade a olhar para mim.

– Olá – devolvo o cumprimento. Mas recuo um passo, pois ela está muito perto.

Ela veste calças de ganga justas, botas de trabalho e tem cabelos compridos escuros que caem em caracóis soltos. Tem as mãos enfiadas numa camisola camuflada justa e os lábios franzidos pintados de vermelho.

– Boné giro – diz ela.

É? Acho que nem li o que dizia antes de Noah mo dar e o pus. Mas não é novo.

– Obrigada.

Os lábios vermelhos dela estão comprimidos e a rapariga estreita o olhar na minha direção. Será que me conhece? Ainda não conheci ninguém aqui.

Contorno-a, avançando pelo corredor.

– És uma das namoradas dos corredores? – pergunta ela, seguindo-me enquanto ando.

Olho para ela de relance enquanto pego numa esponja e gel de banho. Namoradas dos corredores?

Ah, claro. Há a cena do motocrosse na região. Não sei o que a leva a pensar que isso tem algo a ver comigo.

– Não. Desculpa.

Avanço pelo corredor, mas continua atrás de mim.

– Então, onde arranjaste esse boné?

O meu boné… Paro e viro a cabeça para ela, abrindo a boca para responder, mas depois volto a fechá-la. Fiz algo de errado? Quem é ela?

– Se não estás no motocrosse – insiste –, então porque o tens?

– Deram-mo – respondo secamente e dirijo-me à caixa, pegando num saco de café em grão a caminho. – Há algum problema?

– Só estou a perguntar – responde ela. – Não moras aqui, pois não?

Quase fungo de riso. Ela soa tão esperançosa.

Mas mantenho a boca fechada. Não sei se isto é coisa de cidade pequena, mas de onde venho não se distribui informação pessoal só porque alguém é uma abelhuda incontrolável. Pode pensar que sou antipática, mas em Los Angeles chamamos a isso «não ser assaltada, violada ou morta».

– Ela mora aqui, sim – responde-lhe Noah, colocando-se ao meu lado. – Mora connosco.

E depois larga um monte de coisas no balcão e põe o braço à minha volta, sorrindo para a mulher como se estivesse a esfregar-lhe qualquer coisa na cara.

O que se passa?

Mas algo chama a minha atenção e baixo o olhar para a pilha de coisas que ele vai comprar. Estreito o olhar enquanto conto. Uma, duas, três…

Oito caixas de preservativos. Oito.

Olho para ele, soerguendo uma sobrancelha.

– Tens a certeza que não precisas do *pack* económico que vendem *online?*

– Chega a tempo para hoje à noite? – riposta ele, olhando para mim de cima.

Reviro os olhos, mas quase sinto vontade de sorrir ou… rir, pois ele é tão parvo.

Mas controlo-me.

Desvio o olhar, pois não consigo dar uma resposta à altura e ele limita-se a rir, a atitude dele arrefecendo quando volta a focar a atenção na mulher.

– Afasta-te – avisa ele.

Ela olha entre mim e ele e finalmente afasta-se quando Sheryl começa a registar as nossas compras. Tiro um par de sacos de compras reutilizáveis de uma estante próxima e pouso-os também no balcão.

Pelos vistos tinha razão. Ela estava a ser mal-educada, pois Noah parecia não estar com paciência para ela quando chegou.

– Cici Diggins – diz-me ele, sacando do dinheiro que o pai pousara na mesa. – Fica bastante insegura quando alguma rapariga mais gira aparece por cá.

Está a falar de mim?

– Não vai ficar contente por saber que estás a morar connosco – acrescenta Noah.

– Porquê?

– Vais ver. – Ele ri-se e pega nos sacos de compras. – Vou divertir-me bastante ao ver como isto se desenrola.

Ao ver como isto se desenrola? Franzo o sobrolho. Não gosto de dramas.

Deixo Noah carregar as coisas para fora da loja enquanto corro de novo para a farmácia para ir buscar a minha receita. Deito o saco fora e enfio a embalagem de comprimidos tipo cartão de crédito no bolso de trás das calças ao sair da loja.

Quando me aproximo da moto, vejo uma mochila enorme presa em frente ao guiador, e solto a respiração, aliviada por não ter de carregar as coisas *e* agarrar-me a ele durante a viagem de regresso.

Volto a virar o boné para trás e pego no meu capacete, vendo Noah a olhar fixamente para o outro lado da rua com o capacete dele ainda na mão. Tem um ligeiro sorriso malicioso nos lábios.

Sigo o olhar dele.

Um tipo qualquer – o mesmo tipo, acho, que foi ontem à casa com o grupo de pilotos – está sentado a uma mesa de café com vários outros, ele e Noah com o olhar fixo um no outro.

Pensei que pudesse ser Kaleb, mas ele não parece ter crescido a ordenhar vacas e a limpar baias de cavalos. O tipo enverga os *jeans* usados por gajos que põem amaciador no cabelo e parece do género de se chamar Blaine e de o género preferido dele de raparigas se chamar Kassidee.

– Conhece-lo, certo? – Viro-me de novo para Noah.

Ele assente com a cabeça.

– Terrance Holcomb. Estrela do motocrosse em ascensão. – E depois puxa-me de encontro ao corpo dele, fazendo com que eu prenda um arquejo na garganta quando ele me aperta a tira do capacete. – E ele não está a olhar para mim, Tiernan.

Noah aproxima-se mais, com o peito encostado ao meu, fazendo-me sentir um friozinho na barriga, e subitamente a minha mente esvazia-se. Sobre o que falávamos, mesmo?

Inclina-se para a frente, a respiração dele no meu rosto, e reparo numa cicatriz de uns oito centímetros no maxilar quando me sorri com um ar malicioso.

– O que estás a fazer? – pergunto. Porque está tão perto?

Mas ele limita-se a sorrir de novo.

– A esfregar-lhe na cara – responde. E depois os olhos dele viram-se para trás de mim para o tipo do outro lado da rua enquanto aperta bem a tira do meu capacete. – O facto de seres intocável para ele.

Porquê? Sou tua? Que nojo.

– És nojento – resmungo.

E ele limita-se a soltar uma leve gargalhada, empurrando-me na brincadeira e enfiando o capacete dele.

Montamos na moto e não perdemos tempo a regressar a casa. Pensei que ele ia de certeza tentar perder tempo com os amigos ou uma namorada, mas acelera pela vila como se estivesse com pressa.

Ou com pressa de me levar de novo para casa.

Começo a juntar as peças do *puzzle* na minha cabeça. O espetáculo que ele acabou de dar àquele tipo na vila. O conselho de Jake para me afastar dos tipos da terra. A ordem para vestir uma camisola adequada antes de sair hoje. Pai e filho não se dão, mas parecem estar de acordo sobre isso, pelo menos. Ambos são sufocantes.

Não é totalmente mau. Teria gostado de ver o meu pai agir assim de vez em quando. Bastante sufocante é mau. Um pouco sufocante… não sei. Parece que alguém se importa comigo. Talvez eu tivesse gostado de ter mais regras enquanto crescia.

Infelizmente para Jake e Noah, aprendi a viver sem elas, portanto, é um pouco tarde.

Agarro-me bem a Noah enquanto ele sobe as estradas que levam de novo até à montanha, mas vai muito mais devagar agora, felizmente, pois sinto a gravidade a puxar-me para trás e tenho medo de escorregar da moto.

Cerro os punhos, sentindo os músculos a arder enquanto me agarro a ele.

Quando chegamos a um ponto em que o terreno nivela, solto-o um pouco para relaxar os braços durante um instante, e ele encosta à berma da estrada, com a moto junto a um precipício.

Sinto o estômago revirar por um momento, mas depois reparo na vista através das árvores lá em baixo. A vila espalha-se à nossa frente num vale com um fundo de montanhas, árvores e terra ao longe. A grande vastidão – tudo numa só imagem – enche-me o coração.

– Uau – digo baixinho.

Ficamos ali sentados durante algum tempo, absorvendo a vista e Noah tira o capacete, passando a mão pelo cabelo.

– Tu não falas muito, pois não? – pergunta.

Pestanejo lentamente, voltando à realidade. Os meus pais acabaram de morrer. É suposto tagarelar?

Mas engulo as palavras antes de as verbalizar. A morte deles não é a razão para ser como sou, mas não me vou explicar só porque toda a gente tem as suas próprias ideias sobre como o «normal» deve ser.

– O meu pai acha que estás ressentida com os teus pais e é por isso que não estás triste por terem morrido – diz Noah, ainda a olhar para o vale lá em baixo. – Eu acho que estás triste, mas não tanto quanto estás zangada, pois, na verdade, era o contrário, não era? Eles sentiam-se ressentidos *contigo*.

Cerro o maxilar. Ele e o pai falaram sobre mim? Quem diz que não estou triste? O que é que ele acha que sabe? Há alguma lista de comportamento específico aceitável quando morre um membro da família? Há quem se suicide depois da morte de um ente querido. Isso prova que estão mais tristes que eu?

Retiro os braços do corpo dele.

– Aqui também temos internet, sabias? – comenta. – Hannes e Amelia de Haas. Eram obcecados um pelo outro.

Vira a cabeça, para que eu veja os lábios dele enquanto fala, mas estou paralisada.

Ele continua:

– E tinham uma filha, pois era o que era suposto fazerem, e depois aperceberam-se que a paternidade não era assim tão boa. Criar-te afastou-os um do outro.

Obrigo os picos que sinto na garganta a descer, começando a sentir as lágrimas a formarem-se, mas não as deixo verter. Como é que ele sabe tudo isto?

– Por isso, passaram-te a quem puderam assim que tinhas idade suficiente – diz-me ele. – Colégios internos, acampamentos de verão, amas…

Sinto o queixo a tremer, e deixo-o tremer, pois sei que ele não me consegue ver.

– Tu não estavas ressentida com os teus pais – diz ele, por fim. – Tu amava-los.

Horas mais tarde, muito depois de me ter deitado, volto a ouvir as palavras dele. *Criar-te afastou-os um do outro. Eles sentiam-se ressentidos* contigo. *Tu amava-los.*

Não.

Tento recuar, mas algo me prende a mão e magoa. Puxo e volto a puxar com mais força, mas a dor aumenta, e continuo a dar passos para trás, mas não importa o quanto tente não vou a lugar nenhum, e não consigo soltar a mão.

O que me prende? Deixa-me. Deixa-me.

Eu amei-os outrora. Amei. Mas…

Puxo a mão violentamente, tentando libertá-la do que quer que a prenda, mas não me consigo virar, não consigo fugir.

Amei-os outrora. Mas não agora.

Não sei. Não sei.

Os meus olhos abrem-se de repente e sinto o meu polegar frio contra a pele nua do meu estômago. Pestanejo e sento-me na cama, sentindo a dor na minha mão a latejar quando estremeço. Olho para baixo e vejo que tenho a mão presa na minha *T-shirt*, o pequeno buraco que tinha quando fui para a cama agora um enorme rasgão na camisola.

Solto a mão, fechando-a e voltando a abri-la para o sangue voltar a circular.

– Merda – digo com um silvo.

E depois estico a outra mão, atirando o despertador que tenho na mesa de cabeceira ao chão com um rugido.

Vim para aqui para ter espaço. Para fugir, mas, se tanto, estou pior do que quando cheguei. Três dias e estou a ter pesadelos e terrores noturnos pela primeira vez desde o quarto ano. Não preciso desta merda. Noah não

tinha nada que trazer coisas pessoais à baila, quanto mais em relação a uma situação sobre a qual nada sabe. Se eu quiser falar, falo.

Limpo o suor do lábio superior, atiro os lençóis para trás, acendo o candeeiro e deito-me no chão, procurando a minha mala debaixo da cama. Não tenho de ir para casa, mas não tenho de ficar aqui. Eles não gostam de mim. Eu não gosto deles. Há milhares de lugares onde as pessoas me deixarão em paz. Sempre quis ir até à Costa Rica. Alugar uma casa na árvore. Caminhar com as aranhas e as cobras. Viver entre os insetos de tamanho pouco usual. Tudo isso soa muito melhor do que ficar aqui.

Saio do quarto a correr, desço as escadas, vendo todas as luzes desligadas, e ouço o tiquetaque do relógio de sala.

Jake estará a pé daqui a poucas horas. Devia ir-me embora antes de ele acordar. Não sei o quão longe conseguirei ir. Provavelmente, vou demorar dois dias a caminhar até à vila com a minha bagagem.

Contorno o corrimão e sigo até à cozinha, abro a porta da garagem e desço os cinco degraus a correr até às máquinas de lavar e secar roupa. As minhas pernas arrepiam-se com o frio, despidas devido aos meus calções de dormir no frio da noite, e abro a máquina de secar, tirando de lá a pouca roupa que sequei mais cedo, incluindo a camisa de flanela de Noah.

Pego numa *T-shirt* nova e lavada, erguendo a rasgada que tenho vestida para me mudar rapidamente.

Mas a maçaneta da porta da oficina começa a girar de repente.

Viro a cabeça para a esquerda, largando a *T-shirt*.

Fico boquiaberta e com milhares de pensamentos a voar na minha cabeça quando apuro os ouvidos no caso de ter ouvido mal. Jake e Noah estão lá em cima a dormir, certo? Passa da uma hora da manhã.

Menos de um segundo depois, a maçaneta volta a abanar, e ouço um baque do outro lado da porta. Dou um salto e pego numa barra de ferro ferrugenta pousada na mesa de trabalho. Fico paralisada por mais um instante antes de recuar e decidir correr de volta a casa para chamar o meu tio.

Mas, antes que consiga virar-me, alguém abre a porta para trás com o pé, e sustenho a respiração quando o vento sopra folhas para dentro da oficina e vejo uma confusão de animal e sangue ao tropeçar para trás para o corrimão e caio. Caio com o traseiro no chão e seguro-me com as mãos atrás de mim, sem fôlego. Mas que raio?

Entra um homem na oficina, vestindo calças de ganga e com sangue a escorrer pelo tronco nu abaixo, proveniente da carcaça de animal que tem ao pescoço. Olho, com a boca subitamente seca e o coração na garganta, quando ele se dirige à mesa de madeira comprida e atira o veado morto, hastes de trinta centímetros e tudo, para cima da mesa e se vira para voltar a fechar a porta com o pé.

Estou boquiaberta, horrorizada. Ele tem rios de sangue nas costas, que lhe cobrem a coluna, e olho sub-repticiamente para o animal, vendo a cabeça a pender da mesa, inerte. Desvio o olhar por um instante, empurrando a bílis que sinto na garganta de volta para o estômago.

Foi dele que veio o veado que estava aqui quando cheguei há alguns dias, também?

Virando-se, os olhos dele encontram os meus quando se dirige à pia junto à máquina de secar roupa. Ele desvia o olhar e abre a torneira.

Tento humedecer a boca, gerar qualquer tipo de saliva, mas o sangue que o cobre… Credo. Cerro os punhos atrás de mim.

Quem…?

E é então que chego lá.

Este é Kaleb. O filho mais velho.

Ele pega na mangueira e debruça-se sobre a pia, passando água pelos cabelos escuros e costas, lavando a sujidade que tem no corpo. Quando se volta a endireitar, observo enquanto esfrega água no pescoço e reparo numa tatuagem fina e deslavada que corre na vertical do fundo do crânio até ao ombro. Uma espécie qualquer de escrita.

As mãos dele deslizam para baixo, sobre o estômago, fazendo com que os músculos flitam e a água encharque os *jeans*. A lâmpada no teto balouça para a frente e para trás com o vento que ele deixou entrar, a luz a iluminá-lo e depois a escuridão voltando a engoli-lo.

Mas vejo-o a virar a cabeça outra vez – a olhar para mim. Os olhos escuros dele percorrem o meu corpo e param, focando-se com o cerrar do maxilar dele, e sinto o meu estômago a revirar e depois a cair, cada pelo do meu corpo arrepiado. A divisão parece muito pequena, de repente.

Inspiro.

– Hmm, tu és, hã… – digo, levantando-me. – Tu és… ah, o Kaleb, certo?

Ele volta a olhar-me nos olhos, e vejo que os dele não são realmente escuros, afinal. São verdes.

Mas parece zangado.

Franze as sobrancelhas pretas, formando uma sombra sobre o olhar, e vira as costas como se eu não estivesse ali, acabando de se lavar. Desliga a água e pega num pano da oficina, secando o rosto e o pescoço e depois passando-o pela cabeça, puxando o cabelo para trás e retirando o excesso de água dos cabelos.

Sim?

Qual é o problema dele? Porque não me responde?

Mas ele vira-se para mim e atira o pano para a pia, volta a olhar-me nos olhos, fixando o olhar no meu, e depois inclina a cabeça ligeiramente para o lado. Quase me rio. O gesto fá-lo parecer tão inocente. Como um cachorrinho curioso.

Mas depois o olhar carregado dele volta a incidir na minha barriga e o seu peito sobe e desce com mais força, e contraio as coxas. Instintivamente, ponho a mão onde os olhos dele se fixaram e sinto-o.

A pele nua da minha barriga.

Sinto a respiração sustida na minha garganta, e olho para baixo, vendo que ainda envergo a minha *T-shirt* despedaçada, o tecido rasgado que expõe a minha barriga. Encolho-me. Este tempo todo…

Mas, quando ergo a mão, os meus dedos roçam a parte inferior exposta do raio do meu seio, e paro de respirar por completo. Puxo a *T-shirt* para baixo o mais que consigo e recuo, pronta para correr na direção das escadas.

Assim que me mexo, ele mexe-se, avançando diretamente para mim. Aproxima-se, com gotas de água a escorrer pela pele, e corro para as escadas, mas ele estica a mão, agarra-me e empurra-me contra a parede.

O que…

Arquejo, sentindo o medo a azedar-me o estômago.

Ele encosta o corpo dele ao meu, pegando-me na cintura com uma mão e assentando a outra na parede acima da minha cabeça, e baixa a testa para a minha, olhando-me nos olhos. O abraço é íntimo, e parece que me vai beijar, mas não o faz. Abro a boca para dizer qualquer coisa, mas o hálito dele roça os meus lábios – quente e inebriante – e a divisão parece andar à roda.

Ele está frio, mas sinto-me mais quente por dentro. Como se estivesse prestes a começar a suar.

Erguendo a mão, ele pega na fita que uso e passa-a pelos dedos antes de levantar uma madeixa do meu cabelo até ao nariz e cheirar.

Depois inclina-se levemente para o lado, percorrendo com o nariz a minha orelha, até à raiz dos meus cabelos e à minha testa, inalando-me.

Cheirando-me.

É estranho, mas não me consigo mexer. Estremeço, sentindo prazer com o gesto que faz o meu corpo reagir. A minha pele contrai-se, a carne dos meus mamilos arrepiada e a roçar contra a minha *T-shirt*, e fecho os olhos por um instante, adorando a corrente elétrica que flui sob a minha pele.

Devia afastá-lo de mim.

Mas, por algum motivo, não consigo levantar os braços.

– Eu, hmm – gaguejo. – Acho que não devias…

Mas ele assente uma mão entre nós, com a testa apoiada na minha e fogo no olhar à medida que começa a desapertar o cinto e a abrir os *jeans*.

Espera, o quê? A minha boca abre-se.

– Espera, para! – Planto as mãos no peito dele. – Não podes… O que estás a…

Mas ele encosta-se a mim, com a respiração ofegante e a arreganhar um pouco os dentes, e sinto o contorno duro dele a esfregar-se entre as minhas pernas.

Expiro profundamente, as pestanas a tremular.

Ele desliza as mãos para a parte de trás dos meus calções, agarrando-me pelas nádegas enquanto me ergue para os braços dele e nos gira. Sinto uma volta na barriga, e consigo apenas agarrar-me a ele quando me pousa no capô de um carro, puxando o meu traseiro para a frente, para se aninhar entre as minhas pernas.

– Kaleb – digo, tentando empurrá-lo. – Kal…

Ele fecha um punho em volta do meu cabelo e encosta o corpo dele ao meu enquanto se baixa na direção da minha boca, esfomeado e selvagem, beijando-me e calando-me. A língua dele mergulha na minha boca e solto um gemido ao sentir o meu baixo-ventre a pulsar.

Para!

Merda.

Ele rola as ancas contra as minhas, cada vez mais depressa, ofegante, enquanto morde e trinca os meus lábios antes de chupar a minha língua com uma força tal que as minhas coxas parecem arder.

Mas o que raio está ele a fazer? Foda-se! Mas já nos conhecemos ou quê?

Por fim, engulo em seco.

– Para! – grito, sentindo a minha pulsação nos ouvidos. – Para! Para!

Mas ele desce para cima de mim, encostando-me de novo ao carro, e a boca quente dele encontra a minha barriga.

Abano a cabeça, com lágrimas nos cantos dos olhos, pois a sensação é tão boa, e não quero que seja. Não quero que ele desça mais. Não quero enroscar as minhas pernas em volta dele. Nada disto sabe bem, nem é quente, e nada disto me faz sentir suave por dentro como se eu pudesse devolver o beijo.

Fecho os olhos quando os lábios dele chupam e mordiscam o caminho até ao meu estômago, e sinto o ar no meu seio esquerdo, sabendo que voltou a sair pelo rasgão da *T-shirt*. Sinto-o parar, e cravo as unhas no carro, porque sei que ele o vê.

Espero que aconteça, querendo abanar a cabeça para o impedir, mas fracassando até em tentar, e então… ele prende o meu mamilo entre os dentes, a boca quente dele enviando calor pelo meu corpo todo. Emito um grunhido alto, ouvindo as minhas unhas a raspar no capô do carro.

– Por favor, para – sussurro, mas sei que ele me ouve. Ele ruge e puxa-me de novo para baixo, voltando a atacar o meu estômago à medida que começa a puxar os meus calções de dormir para baixo.

Cerro os dentes.

– Para – resmungo.

Mas ele não para. Os beijos dele continuam a descer, percorrendo as minhas ancas enquanto me devora, e sinto um calor entre as pernas, quase a arder de vontade de ter ali alguma coisa.

– Para – digo.

Puxa os meus calções e calcinhas até abaixo do traseiro e desce, chupando a parte inferior do meu ventre, a uns dois centímetros do meu clitóris, e eu levanto-me, soltando um grunhido enquanto lhe esbofeteio o rosto.

– Eu disse para! Para!

Ele estanca, olhando-me nos olhos com um olhar furioso. O suor escorre-lhe pelo pescoço abaixo, a brilhar, e a respiração dele é irregular quando enterra os dedos nas minhas ancas, cerrando os punhos.

– Quando alguém te diz para parar, tu paras! – atiro. – Não compreendes, foda-se? És estúpido ou quê?

E ele rosna, agarrando-me pelo braço e fazendo uma carranca. Solto um gemido choroso, mas devolvo-lhe a carranca, foda-se!

O peito dele sobe e desce, e consigo sentir-lhe o calor do hálito e ainda lhe vejo o desejo nos olhos, e sinto-o, também, embora odeie admiti-lo. Por um instante – talvez mais – quis fazer isto. Por um instante, voltei a ser suave.

Foi difícil parar.

Mas a culpa é dele. Eu disse-lhe para parar umas seis vezes e não pedi este tipo de atenção, por isso ele só tem de se culpar pela sua própria frustração. Eu não preciso de amar a primeira pessoa que foder, mas também não quero ter medo. Ele parece uma máquina.

Olha furiosamente para mim, sem me largar, e eu devolvo-lhe o olhar.

– Ei, ei, ei – diz alguém, correndo para a garagem. – Para! Meu, sai de cima dela.

Noah aparece, retirando os dedos de Kaleb dos meus braços e afastando-o de mim.

– Meu, ela não é da vila – diz a Kaleb, segurando-o nos ombros e olhando-o nos olhos.

Mas o olhar furioso de Kaleb continua a incidir em mim. Escorrego rapidamente de cima do capô do carro e arranjo os meus calções, vendo o olhar dele percorrer de novo o meu corpo. Não sou da vila? Como se fosse correto tratar qualquer pessoa assim?

– Meu, olha para mim – diz-lhe Noah num tom firme.

Lentamente, Kaleb tira os olhos de mim e olha finalmente para o irmão.

– É a filha do irmão… do pai – explica Noah e ouço o humor na voz dele. – Lembras-te? O irmão por afinidade que ele odeia? Esta é a filha dele. – Noah gesticula na minha direção. – Ela é da família. Vai ficar aqui connosco por uns tempos. Não a podes foder.

E então Noah larga-o, rindo entre dentes.

– Isto não tem piada! – expludo. E depois olho, furiosa, para Kaleb, agora finalmente capaz de encontrar a minha própria voz. – Mas o que raio se passa contigo? Hã?

– Dá-lhe um desconto – diz Noah. – Ele está sempre esfomeado quando volta depois de estar muito tempo lá na floresta.

– Então que coma!

– Era isso que ele estava a fazer – responde Noah, olhando para mim de lado.

A comer.

A comer-me.

Oh, és muito espertinho, não és? Imbecis.

Kaleb observa-me, voltando a inclinar a cabeça um pouco para o lado, e depois levanta o polegar, limpando um canto da boca como se faz depois de uma refeição.

Lá na floresta. Lá. Era isso o que eles queriam dizer. Kaleb desaparece na floresta durante períodos de tempo.

Talvez devesse desaparecer outra vez.

– Porque é que estás sempre a responder por ele? – pergunto a Noah.

– Porque ele não fala.

– O quê?

– Ele não fala, Tiernan. – Noah vira a cabeça apenas o suficiente para eu ver os lábios dele mexer. – Ele não fala desde os quatro anos.

Olho para Kaleb, sem saber como processar a informação. Sinto uma pontada de pena, mas acho que ele a vê, pois lança-me um olhar enquanto fecha as calças e puxa o cinto, cuja ponta estala no ar com a raiva dele.

Cerro o maxilar.

– Também é surdo? – respondo com violência. – Eu disse-lhe para parar.

– Ele ouve-te perfeitamente. – Noah suspira. – Ele só não está habituado… a mulheres…

– Dizerem que não?

– A mulheres como tu – responde Noah.

Como eu? Há imensas mulheres como eu na vila.

Kaleb lança-me outro olhar antes de virar costas e subir as escadas, de volta a casa, e Noah olha para mim, observando a minha roupa. Puxo a *T-shirt* para baixo depressa, mas estou demasiado zangada para ficar envergonhada.

Já nem sequer me lembro por que vim à oficina.

Mudo? É mudo? Ele *consegue* falar. Noah disse que ele não fala desde os quatro anos, não que perdeu a capacidade de falar quando tinha quatro anos. Porque não fala?

E o que faz na floresta sozinho?

Ainda consigo ver os olhos dele, a olhar para mim, quando me empurrou contra a parede e encostou a testa à minha. A forma como olhou para mim…

A boca dele na minha… Sinto as faces a arder.

– Ele não volta a fazê-lo – diz-me Noah, virando-se para mim com um sorriso divertido no rosto. – Ele não sabia quem tu eras, Tiernan. Desculpa.

Ele fica ali por mais um instante e depois vira costas, seguindo o irmão.

E eu fico na garagem, a olhar para os riscos no capô do carro onde arranhei a tinta há poucos minutos. Durante vários minutos, perco-me nos meus pensamentos sobre até onde teria aquilo ido se Noah não tivesse chegado. Se eu não me tivesse obrigado a afastar o irmão dele de mim.

E o quanto isso poderia não ter sido culpa de Kaleb.

7

Tiernan

Na manhã seguinte, o ar é cortado por risadinhas e abro os olhos, pestanejando para afastar o sono.

O som vinha de uma rapariga.

Apoiada nos cotovelos, apuro os ouvidos, ouvindo o chiar constante de algo vindo do quarto de Noah, e depois um gemido seguido de algo a bater na parede.

Reviro os olhos e deixo-me cair de novo na cama. Eles estão mesmo a viver o melhor da vida deles, não estão? Deve ser bom ter companheiros de cama a vir ter connosco. Ao nascer do dia todas as manhãs.

Portas abrem-se e fecham-se pela casa e olho para o meu telemóvel, vendo que passa pouco das cinco e meia da manhã. Viro a cabeça e vejo a minha mala por desfazer ainda aberta no chão junto à pilha de roupa lavada que trouxe para cima na noite anterior.

Não acabei de fazer as malas. E não mudei de roupa. Continuo a usar a *T-shirt* rasgada com que Kaleb me encontrou ontem à noite.

Sou acometida por memórias e o meu peito sobe e desce cada vez mais depressa à medida que tudo o que aconteceu na garagem me vem à cabeça.

Quem diria que eu cederia tão facilmente? Estava tão pronta para enrolar as minhas pernas em volta de alguém que me mostrasse o mínimo de atenção.

Fecho os olhos, ainda a senti-lo. A necessidade que ele descesse ainda mais. As minhas mãos pousam na minha barriga debaixo dos lençóis e, por um instante, finjo que é a mão dele. Será que ele gostou da sensação que eu lhe causei?

Mas pestanejo, abanando a cabeça. *Não.*

Não.

Atiro os lençóis para trás e sento-me. O comportamento dele foi ridículo. Mais ridículo ainda é que ele não tentaria meter-se com uma estranha se isso não tivesse resultado para ele no passado. Ele não gostou da sensação que lhe causei. Estava excitado e eu poderia ter sido qualquer pessoa.

Ao levantar-me, dispo a *T-shirt* e reparo em algumas pintas vermelhas junto à bainha, e levo apenas alguns segundos a perceber.

Sangue.

Sangue do veado.

Que nojo! Ele ainda tinha algum nele quando estava… em cima de mim. Solto um grunhido entre dentes e atiro a *T-shirt* para o cesto do lixo, metade presa na borda e pendurada de fora.

Saco de uma nova, pego na escova e pasta de dentes, abro a porta do quarto e dirijo-me à casa de banho. Gemidos, gritos e a canção «Wow», de Post Malone, saem do quarto de Noah para o corredor, por isso apresso-me e abro a porta da casa de banho, vendo o meu tio ali de pé junto ao lavatório, com uma toalha enrolada à cintura.

Paro, o torso e cabelos molhados dele a brilhar à luz fraca e desvio rapidamente o olhar. Esta casa é grande. Seria prudente adicionar uma segunda casa de banho.

Abro a boca para me desculpar por ter irrompido porta dentro, mas a porta tem fechadura. Não tenho culpa se ele não a trancou.

A outra porta para a casa de banho, a que vem do quarto dele, abre-se, e vejo a mesma mulher que estava ali no outro dia a aparecer. Enverga um vestido vermelho justo de alças, os cabelos castanhos compridos presos num rabo-de-cavalo e saltos altos pretos. Ela beija-o na face, demorando tempo suficiente para mordiscar o maxilar dele por um instante, e depois sai, passando por mim sem um olhar sequer. Vejo-a descer as escadas, desaparecer e depois viro a cabeça, olhando instintivamente para a escadaria escura que dá para o quarto de Kaleb.

– Chuveiro? – pergunta Jake, por fim.

Viro-me, olhando para os olhos dele no espelho enquanto ele limpa a pasta de dentes da boca. Uma gota de água escorre pelas costas dele abaixo.

– Não, eu… só queria escovar os dentes. – Viro-me para sair dali. – Eu espero.

– Quatro pessoas e um chuveiro – diz ele, parando-me. – Não sejas tímida.

– E o tio, seria tímido se eu andasse por aí de toalha? – pergunto.

A sério…

Ele olha-me nos olhos, com um ar ligeiramente divertido no rosto, e acena com a cabeça.

– Vou tentar ganhar o hábito de trazer a minha roupa comigo quando tomar banho, *okay*? – E depois clarifica: – Vou *tentar.* Não temos uma mulher nesta casa há muito tempo.

Soergo uma sobrancelha. *Há mulheres nesta casa constantemente.*

– Tu sabes o que quero dizer – responde Jake, sabendo exatamente o que estou a pensar.

O que for.

– Não precisa de mudar de hábitos – digo-lhe. – Se eu não ficar…

Ele volta a olhar para mim e pega numa embalagem de espuma de barbear, sem dizer o que quer que sei que quer dizer. Entro, abano um pouco a cabeça antes de molhar a minha escova de dentes e aplicar a pasta. Não vou esperar que ele acabe. Que tipo de homem da montanha não se limita a deixar crescer a barba?

Volto a tapar a pasta de dentes e atiro-a para trás da torneira.

– Tomou banho depois do trabalho, ontem – resmungo, levando a escova de dentes à boca. – É normal tomar outro de manhã?

– Apenas quando também me sujo à noite – responde-me.

Hesito, erguendo os olhos para vê-lo espalhar espuma da barba no maxilar e pescoço sem hesitações, pois de que outra forma um homem se sujaria na sua própria cama durante a noite? Penso na mulher com as coxas tonificadas e lábios vermelhos que acabou de sair daqui.

Pestanejo lentamente e começo a escovar os dentes.

– Fizeste um bom trabalho nas baias ontem – diz ele.

Fiz?

– Os rapazes têm-no feito a vida toda e não querem saber. Foi bom vê-lo feito como eu o faria.

Assinto uma vez, mas mantenho a cabeça baixa enquanto escovo os dentes. Ele está a apaziguar-me.

– Tens namorado, Tiernan? – pergunta.

Olho para ele de repente. Fita-me, com espuma a cobrir-lhe metade do rosto enquanto lava as mãos.

– Em Los Angeles? – clarifica. – Tens namorado?

Cuspo a pasta de dentes, mas, em vez de responder, volto a escovar.

– Já tiveste *algum* homem? – pergunta de forma mais frontal quando eu não respondo. – De todo?

Abrando os meus movimentos, a minha respiração torna-se mais superficial. Ele está a perguntar se já tive relações sexuais?

Cada centímetro da minha roupa toca-me a pele e o sangue aquece nas minhas veias. Aperto a escova de dentes com força.

Volto a cuspir, passo a boca por água e ergo finalmente a cabeça, olhando para ele através do espelho. O que quer ele de mim?

– Ainda és uma miúda – diz, adivinhando a resposta sem eu ter de lha dar – e ainda precisas de ser educada.

Olho para ele quando inclina a cabeça para trás e desliza a lâmina para cima no pescoço na direção contrária aos pelos.

– Devias ficar – diz-me ele. – É bom ter uma mulher cá em casa.

Olho para ele, tentando não o fazer. A pele macia e morena do pescoço dele revelada a cada passagem da lâmina. A água ainda colada aos ombros e peito musculados dele. A forma como a toalha lhe abraça o V em volta das ancas, e pestanejo e desvio o olhar, mas não consigo evitar dar mais uma olhadela, pois gosto de olhar para ele.

A forma como ele e Kaleb podem não ter as mesmas feições, mas percebendo-se completamente que são aparentados quando estão seminus.

Talvez lhe devesse contar sobre a noite passada. Como o filho dele me encurralou e me tentou foder no capô do carro dele e como talvez este não seja o lugar mais seguro para mim, afinal.

Não nos damos bem. Noah provoca-me constantemente e estou a dormir cada vez pior desde que cheguei aqui.

Talvez deva dizer-lhe que me vou embora.

Mas, ao invés, pego na espuma de barbear, coloco alguma na mão, e começo a espalhá-la no meu rosto quando ele para de se barbear para me observar.

Mal tenho as faces cobertas de espuma, e pareço o Pai Natal, volto a pegar na minha escova de dentes e uso o punho como lâmina de barbear.

– Não faz ideia de como educar uma miúda – digo-lhe.

Ele exibe um sorriso matreiro no espelho.

– Então queres que faça de ti um homem?

– Pode tentar. – E preparo a minha escova de dentes. Talvez, nesse caso, ele me deixe fazer algum «trabalho de homem».

Ele ri-se com uma fungadela e debruça-se no lavatório, e eu imito-o, seguindo a deixa dele.

Passagem a passagem, copio-lhe a técnica, no sentido contrário dos pelos do pescoço, de baixo para cima, na direção dos pelos nas maçãs do rosto e maxilar, e por cima do lábio superior. Encontramo-nos lado a lado, a espreitar para o espelho, e a parar periodicamente para passar as nossas «lâminas» por água antes de continuar.

Ele olha-me nos olhos e sorri antes de me guiar pelos movimentos finais, mas o braço dele a roçar no meu faz com que o meu coração bata com mais força à medida que o cheiro do corpo lavado dele enche a casa de banho.

Quando terminamos e restam apenas algumas manchas de espuma, retira uma toalha da estante e limpa-me o rosto, e por um momento sinto-me uma miúda e dá-me vontade de rir, por algum motivo.

Mas, quando ele afasta a toalha, olha para mim de cima, e o meu sorriso escondido afunda-se no meu estômago, assim como o dele. Ele está perto.

Segura o meu olhar no dele, e ficamos ali, parados, com o calor a encher a divisão de tal forma que eu…

Engulo em seco, vendo a maçã de Adão dele subir e descer, também.

– Parece que falhei – diz ele, pouco acima de um murmúrio. – Não há como esconder o que és.

Uma miúda.

Ele quase parece sentir remorsos com esse facto.

Vira costas, limpando lentamente o rosto.

– Estou com fome. Panquecas?

Mas mal o ouço, ali especada a olhar para ele e as palavras a voar-me da boca antes de as conseguir impedir.

– Posso nunca ser um homem – digo-lhe –, mas também não serei sempre uma miúda.

Pauso tempo suficiente para vê-lo hesitar e ficar sério e não consigo evitar o pequeno sorriso que tenta escapar quando me viro e saio da casa de banho.

Posso assumir mais responsabilidades, sem dúvida.

Quando for uma mulher.

Verto massa das panquecas na chapa, ouvindo-a escaldar enquanto volto a encher a concha e formo mais círculos de massa, um atrás do outro. Vejo a massa a borbulhar no calor, esfregando a superfície macia da unha do meu polegar.

Por uma vez, sinto-me verdadeiramente feliz por cozinhar o pequeno-almoço deles. Jake e Noah estão lá fora, a tratar das tarefas matinais, mas ainda não vi Kaleb e, em vez de me esconder no quarto e recear encontrá-lo, posso simplesmente manter-me ocupada.

Por que raio não está a minha mala feita?

Depois de ter deixado o meu tio especado na casa de banho, vesti-me e fiz a cama, deixando a mala vazia abandonada no chão, mas mesmo que o episódio com Kaleb na noite passada nunca tivesse acontecido, também não estou certa de que teria acabado de fazer as malas.

Pouso a concha na tigela e pego na espátula, virando as panquecas e fazendo a massa salpicar.

Talvez seja esse o motivo para eu regressar sempre a casa durante as férias. Demasiado desesperada por não estar sozinha.

Viro-me de repente para pegar num prato e vejo Kaleb.

Paro. Ele encosta-se ao frigorífico, a olhar para mim, e sinto o meu coração dar um pulo enquanto contraio as coxas. Há quanto tempo está ali?

Os olhos verdes dele observam-me, com a mesma expressão de curiosidade que tinha ontem à noite no rosto, e com a força com que a minha pulsação bate nos meus ouvidos não consigo sequer ouvir os ramos lá fora a vergastar a casa.

Para onde está ele a olhar?

Cerro o maxilar, pego no prato que está na ilha da cozinha e viro costas, depositando as panquecas no prato. Ele continua de *jeans* vestidos, mas estes estão lavados, e parece que tomou banho, embora tenha o cabelo despenteado como se tivesse acabado de acordar. Pelos vistos, Jake não lhe impõe os mesmos padrões que impõe a Noah e a mim com os seus despertares às cinco e meia da manhã.

O olhar dele arde-me nas costas, mas, após um instante, ouço a porta do frigorífico abrir e fechar, e depois sinto-o a aproximar-se do meu lado. Vai pedir desculpa? E se eu não fosse uma prima por afinidade? E se fosse realmente parente dele quando decidiu ignorar os meus protestos na noite passada?

Lentamente, limpo a chapa e verto mais quatro conchas de massa enquanto ele se serve de um copo de sumo, mas, mesmo mantendo os olhos na minha tarefa, tudo o que consigo ver é ele junto a mim. Ele cheira…

A couro. A gel de banho almiscarado. Então deve ter tomado banho. A noite passada era… a chuva, árvores, lenha de fogueira e suor. Ele cheirava a floresta. A memória faz com que se forme uma poça de calor entre as minhas pernas.

Abano a cabeça. *Pelo amor de Deus.*

– Deixa o sumo cá fora – digo-lhe.

Mas ele não ouve.

Vira-se como se não me tivesse ouvido e pega no sumo, voltando a pô-lo no frigorífico.

– Gostas de mirtilo? – pergunto. – Leitelho?

Quero lá saber do que ele gosta. Só quero que me obrigue a subir as escadas e fazer as malas.

– Pepitas de chocolate? – continuo, pressionando-nos a ambos. – Abóbora? Grão integral?

Ele pega no copo de sumo de laranja e vai para a mesa, sorvendo-o como se eu não existisse.

Cerro o punho em volta da espátula enquanto viro as panquecas, respirando fundo pelo nariz.

– Quantas queres? – continuo a falar. – Três? Quatro?

Olho de lado para ver se ele está a acenar com a cabeça ou a levantar os dedos para me dizer quantas quer, mas limita-se a pousar o copo na mesa e puxa uma cadeira.

Desligo a ficha da chapa e acrescento as panquecas frescas ao monte que está na travessa, pegando em xarope de ácer e garfos. A porta da frente abre-se e o chão range com passos quando Jake e Noah entram de rompante. Como sabem quando o pequeno-almoço está pronto?

Levo as panquecas para a mesa, pousando a travessa no centro enquanto Noah pega num copo de leite e Jake lava as mãos. Vêm ambos imediatamente para a mesa.

O vapor das panquecas de mirtilo flutua pelo ar quando os rapazes se sentam e viro-me para pegar nos pratos que estão na ilha, sentindo a minha raiva ainda a crescer.

Pouso um prato em frente a Jake, outro em frente a Noah e o último à minha frente, sentindo os olhos de Kaleb em mim, pois não lhe dei um.

Não cozinho para ti.

Noah e Jake devem aperceber-se de que se passa alguma coisa, pois param de se mexer. Levanto a cabeça, vendo os olhos deles passando de Kaleb para mim, e sei que Noah consegue perceber a tensão entre nós, mas não sei se Jake já sabe. Noah provavelmente não falou sobre a noite passada com medo de meter o irmão em apuros.

No entanto, sem pestanejar, Kaleb pega na travessa de panquecas no meio da mesa, distribui três a Jake, três a Noah e depois detém-se apenas por um instante, fixando o olhar em mim, antes de pousar a travessa na mesa, mesmo em frente a ele e ficando com o resto das panquecas. Pega no xarope, verte-o sobre o monte de panquecas sem deixar uma sequer para mim.

Idiota.

Noah aclara a voz, mas consigo ouvir-lhe o riso, enquanto Jake suspira, pegando no prato dele e colocando-o à minha frente. Estica o braço até à ilha, pega noutro prato e usa o garfo para tirar umas quantas panquecas da travessa apinhada de Kaleb.

– Estou a ver que já se conheceram – resmunga Jake.

Mas ninguém responde quando os rapazes começam a comer.

– Isto está com bom aspeto, Tiernan – diz Jake, tentando aliviar a tensão. – As panquecas de mirtilo são a única coisa que o teu pai e eu…

– Não quero saber – reajo com veemência, afastando o prato de mim.

Toda a gente se cala e levanto-me para tirar uma maçã do cesto da fruta. Dou uma trinca e vou até ao frigorífico para encher a minha garrafa de água.

Sei que estou a ser mal-educada, e lamento-o.

Talvez faça uma caminhada. Para esticar as pernas, dar-lhes algum espaço.

A cozinha permanece silenciosa durante mais uns minutos, mas ouço Noah falar.

– Vou terminar a moto do Lawrence hoje – diz ele ao pai, presumo. – Os rapazes vêm cá. Vou levá-la a Ransom's Run. Para testá-la.

– Não demores o dia todo – diz-lhe Jake, num tom um pouco seco. – Temos mais trabalho para fazer.

A paciência dele de há pouco foi-se, e sei que o chateei.

Olho para eles e vejo-o virar-se agora para Kaleb enquanto espeta o garfo no prato.

– E tu também não desapareças – ordena ao filho mais velho.

Os homens calam-se, apressando-se a comer o pequeno-almoço e a tensão na cozinha é agora mais espessa do que lama.

Fecho a tampa da garrafa e preparo-me para deixar os pratos para eles lavarem, mas, quando me viro para sair, apanho Kaleb a olhar de novo para mim. Mas desta vez os olhos dele estão nas minhas pernas.

Estou com uns calções de ganga rasgados vestidos, não demasiado curtos, e uma camisa de flanela abotoada até ao pescoço.

Percorro o olhar pela mesa, reparando que tenho mais roupa vestida do que todos eles. Jake e Kaleb estão sem camisa e a *T-shirt* de Noah tem os lados cortados, mostrando vislumbres do peito macio e bronzeado por baixo.

Os cabelos pretos de Kaleb sobre o rosto beijado pelo sol.

Os ombros musculados e cintura estreita de Jake.

As veias nos antebraços de Noah e…

Endireito-me, engulo em seco e viro-me, apressando-me a sair da cozinha.

Tenho de sair daqui.

Carrego no acelerador e subo a rampa de acesso com a carrinha até chegar ao topo do declive, sentindo a gravilha a espalhar-se por baixo. Desligo o motor, pego nas luvas de trabalho que estão no assento do pendura e salto para fora da carrinha, dirigindo-me à caixa aberta enquanto as calço.

– Deste bem com o caminho? – Jake aproxima-se, baixando a porta traseira da carrinha para mim.

Assinto com a cabeça.

– Eles ajudaram-te?

– Sim.

Subimos ambos para a caixa da carrinha para começar a descarregar o feno.

Depois do pequeno-almoço, ele pediu-me para levar a carrinha até à vila para ir buscar alguns fardos de feno e eu concordei alegremente, assim que descobri que podia ir sozinha. Algum ar. Algum espaço. Foi tão bom como fazer uma caminhada, e ei, pude ir pela primeira vez a uma loja para cavalos Tack & Feed. Felizmente, a loja não tinha escaparates com tabloides à venda, por isso consegui evitar notícias de casa.

Ouço música e risos vindos da garagem, e olho para lá, vendo um grupo de motos estacionadas ao lado. Devem ser os amigos a que Noah se referiu quando disse que ia testar a moto hoje.

Um par de raparigas encontra-se perto enquanto os outros falam na garagem, e vejo-as com as suas calças de ganga e camisolas de verão, a rir e a sorrir. Por quanto mais tempo estará bom para andar de moto? Parece divertido.

Jake e eu descarregamos o feno, agarrando nos arames e transportando os fardos para o estábulo. Uma das raparigas sorri à minha passagem.

Nenhuma delas usa maquilhagem, nem manicures chiques, nem roupas estilosas, mas não precisam de nada disso. São bonitas, vestidas para se divertirem e, por um instante, quero ser uma delas.

Carrego um fardo para o celeiro, levando-o para um dos estábulos. O Kaleb vai com eles?

Como é que se dá com os amigos sem falar? Tem amigos? Quer dizer, se é assim como mudo, imagine-se o que sairia da boca dele se falasse.

Abano a cabeça. A minha mente anda às voltas com curiosidade sobre o que lhe aconteceu aos quatro anos que o levou a deixar de falar, mas afasto esse pensamento. Todos temos problemas.

– Quero ouvir-te – diz alguém, ofegante.

Abrando quando chego ao estábulo.

– Mostra-me o que queres que eu faça – sussurra ela.

Quase deixo cair o feno ao chão.

A voz dela mal se ouve, tão baixinha que parece estar por um fio.

Pouso o feno, recuando um passo. Pode ser qualquer pessoa. Há montes de gente aqui agora, e não quero ficar envergonhada. Lentamente, retiro-me.

Mas, quando ouço um grunhido, um restolhar de feno e um gritinho, paro.

– Vou fazer-te gemer – diz ela. – Vais gostar disto a esse ponto.

Não sei porquê, mas dou um pequeno passo em frente. Sigo os sons até à última baia ao fundo do estábulo, chego à porta com a metade superior parcialmente aberta e volto a ouvir atentamente.

Mas o gemidinho suave dela chama-me de novo a atenção.

A cabeça dela mexe-se para cima e para baixo a todo o comprimento dele, as mãos a percorrer as pernas cobertas por *jeans* e agarradas ao cinto, puxando-lhe as calças ainda mais para baixo, de modo que consigo ver as ancas e curva do traseiro dele.

Não consigo ver o rosto dela, nem o que lhe está a fazer, mas sei.

Levanto o olhar – absorvendo os músculos dele, a pele, de novo a brilhar com suor, e antes de chegar ao rosto dele, sei de quem se trata.

Kaleb tem a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados e a respiração ofegante enquanto agarra o cabelo dela, forçando-a para cima e para baixo no membro dele. Os músculos dos antebraços dele fletem, e o cabelo praticamente cobre-lhe os olhos, mas observo-lhe o rosto, esquecendo-me por completo da mulher. Ele tem as pontas dos cabelos encharcadas de suor, coladas à pele, e os lábios comprimem-se de vez em quando, pois ele…

Ele gosta. Ouço-a a gemer, mesmo com ele na boca, e Kaleb volta a puxá-la para baixo, uma e outra vez, enquanto franze as sobrancelhas.

E é então que abre os olhos.

Ele volta a inclinar a cabeça para a frente, e fixa o olhar em mim através da frincha como se soubesse que eu estava ali o tempo todo.

Merda.

Sustenho de novo a respiração. O meu corpo contrai-se, e sinto a vergonha queimar-me a pele, mas ele começa a mexer-se mais depressa, penetrando a boca dela agora com os olhos a queimar um buraco em mim.

Abro a boca, pois é a única coisa que consigo mexer. Nem sequer a vejo enquanto ele se inclina na direção dela, com uma mão ainda nos cabelos dela e outra agarrada a uma tábua lateral enquanto lhe fode a boca. As ancas

dele ondulam cada vez mais depressa, os olhos dele a perfurar-me repentinamente como na noite anterior quando me empurrou contra a parede e… me cheirou.

Sinto uma gota de suor cair-me na barriga sob a camisa de flanela, e quase me vejo a mexer-me com ele, hipnotizada.

Encosto-me à porta, aproveitando-me dos últimos centímetros que posso aproximar-me.

Ela solta um gemido, ele e eu olhamos um para o outro, e tudo o que consigo ver é como ele se teria movimentado comigo na noite passada.

Se eu não o tivesse impedido.

Mas depois escapa-se um gemido, e não me apercebo que saiu de mim até ver o canto da boca dele curvar-se num sorriso. Respiro fundo, apercebendo-me finalmente do que raio estou a fazer.

Foda-se. Viro costas, tapando a boca com a mão e fechando os olhos com força.

Merda.

Atrás de mim, ouço-o a grunhir entre dentes, e depois soltar um silvo, uma respiração ofegante e pesada a entrar e a sair-lhe dos pulmões enquanto me encosto à baia, ouvindo-o a atingir o orgasmo.

Eu estremeço, ela geme, e corro para fora do estábulo e para o ar do fim da manhã.

Porque fiz aquilo? O que raio estava eu a fazer?

Tenho as costas cobertas por uma leve camada de suor, e quem me dera ter um *top* por baixo para puder despir a camisa de manga comprida.

Ele é perverso. Jake tinha razão. Ele e Noah não são nada comparados com *aquilo*.

E também aposto que ele gosta, colhendo todos os benefícios de representar a alma misteriosa e torturada que não fala, mas que é tão atraente e doce, pois as mulheres querem salvá-lo.

Quero lá saber o que lhe aconteceu quando tinha quatro anos.

E eu não fiz nada de errado. Ouvi um grito. Fui ver. O choque impediu-me de mexer assim que vi o que era. É tudo.

Tiro o boné de Noah da cabeça e viro-o, protegendo-me do sol com a pala quando regresso à carrinha onde Jake varre a caixa.

– Ei, Tiernan! – ouço Noah chamar.

Fico tensa, perguntando-me se ele me viu a observar o irmão. Viro-me e vejo toda a gente a montar nas motos, as duas raparigas que vi antes a subir para as delas e Noah a sorrir de cima da dele.

Ergo as sobrancelhas.

– Queres vir connosco? – pergunta ele.

Olho para trás dele, reconhecendo o tipo da vila do dia anterior.

Terrance. De quem ele aparentemente não gosta, mas pelos vistos frequentam os mesmos círculos, e estamos numa vila pequena, por isso… Ele tira o capacete, com um sorriso nos olhos enquanto me fita.

Olho para Jake para me dar uma desculpa para não ir.

Ele salta da caixa da carrinha para o chão, apontando o queixo na minha direção.

– Tenho de ir à vila, seja como for. Vai com eles – diz-me ele. – Diverte-te, mas fica com o Noah.

Sinto um peso no estômago. Não gosto de estar com pessoas que não conheço. Não gosto de estar com pessoas.

Quando me viro, vejo Kaleb a sair do estábulo, a vestir a *T-shirt* e a rapariga que estava com ele a segui-lo.

A rapariga da loja de ontem. A que tentou meter-se comigo.

Olho para ela – *jeans* justos, *top* largo verde, cabelo preto comprido – e sinto-me como se tivesse um tijolo no estômago.

– Vamos. – Noah estende-me um capacete. – Vem comigo.

E, por alguma razão, até que quero ir, agora. Os meus pés avançam sem pensar.

Dirijo-me a Noah olhando nos olhos Terrance Holcomb ao passar por ele.

Mas mal paro junto à moto de Noah, viro o boné ao contrário e pego no capacete, outra mão tira-mo antes que o consiga pôr.

Levanto a cabeça, vendo Kaleb. Ele hesita apenas por um instante, lançando-me um olhar furioso, antes de atirar o capacete ao chão para longe de mim. Agarra-me no braço e afasta-me das motas, e eu tropeço e endireito-me mesmo a tempo quando ele vai contra mim, obrigando-me a recuar.

Sinto o coração a bater com força no peito quando olha de cima para mim, e depois estica o queixo na direção da casa. Ele não tem de dizer uma palavra para eu saber que está a mandar-me entrar.

Para longe deles. Para longe dele.

– Kaleb – ouço Noah a ralhar.

Mas ouço risadinhas e fungadelas vindas do grupo e, apesar da pontada de raiva que sinto, os meus olhos começam a arder.

Para longe. Ele olha para mim, voltando a esticar o queixo. *Para longe.*

Não vais.

Jake está de pé na caixa da carrinha, subitamente consciente de que se passa qualquer coisa, e eu cerro o maxilar para travar as lágrimas. De súbito, não quero mais nada a não ser ir para longe. Onde não possa ser vista nem observada ou detestada.

– Não, está tudo bem – digo baixinho a Noah, engasgando-me com as lágrimas presas na garganta.

E viro costas, dirigindo-me à casa.

– Tiernan – chama Jake.

Mas interrompo-o.

– Também não queria ir – digo-lhe, com os olhos a lacrimejar. – Parece uma seca.

E subo as escadas a correr e entro em casa, ouvindo os motores a ligar e, após um instante, o chiar agudo dos pneus quando se afastam.

Vou até à escadaria, mas paro a meio da sala de estar, apercebendo-me de que não há nada lá em cima para mim. Mais uma porta fechada. Mais um lugar onde me esconder. Mais um quarto para passar tempo até…

Baixo o olhar, sentindo um formigueiro na garganta.

Até não ter de me preocupar em ser vista.

O meu queixo treme e tomba uma lágrima. Seco-a com a mão.

Não quero pensar, pois então estarei sozinha, caramba, e é tudo o que sempre estou.

A carrinha é ligada lá fora, e fecho os olhos, a pensar que deveria sentir-me aliviada por o meu tio também se estar a ir embora. Deveria sentir-me grata por ele não ter vindo atrás de mim. Nenhum de nós os dois é do tipo de ter conversas lamechas, pois não?

Ele está a dar-me espaço.

Mas limita-se a ir embora, o som do motor a desaparecer rua abaixo, e fico ali de pé por menos de um minuto até subir as escadas e abrir a porta do meu quarto.

Passo pela minha mala, ainda pousada vazia no chão, e pego na minha mochila, verificando duas vezes se o meu *kit* de primeiros socorros está lá dentro e vou buscar o meu protetor solar, enfiando-o no bolso da frente. Tiro o telemóvel de onde está a carregar, saio do quarto e desço ao rés do chão, enchendo uma garrafa de água e embalando uns quantos *snacks*.

Avanço até à porta da frente, mas depois paro, lembrando-me.

Proteção.

Volto atrás pela cozinha e abro a porta para a garagem, descendo os poucos degraus e olhando para a fila de espingardas no expositor.

Quem me dera não ter de pegar numa. Pareceria uma idiota – ou terrorista – a passear por Ventura com uma arma de fogo ao ombro. Mas o meu tio tem razão. Não estamos na cidade. Posso dar de caras com sarilhos.

Mordisco os lábios, sem ideia para onde estou realmente a olhar. Não sei nada sobre precisão ou facilidade de uso, por isso pego na que sei *como* usar e abro a gaveta por baixo, encontrando as balas. Carrego a arma e penduro-a ao ombro.

Rapidamente, vasculho por entre as ferramentas do meu tio, encontrando uma lanterna, e depois tiro uma toalha lavada do cesto em cima da máquina de secar. Enfio tudo na mochila, fecho-a e ponho-a às costas, pronta para sair.

Saio da oficina e contorno a casa, dirigindo-me à floresta, subindo o declive íngreme por onde Jake me levou a cavalo no outro dia. Acho que me lembro do caminho. É uma subida em linha reta, contornando-se algumas rochas, e depois continuo, penetrando ainda mais na floresta. Deveria haver um caminho de terra… acho eu.

Devia enviar uma mensagem ao meu tio e avisá-lo para onde vou.

Mas, em vez disso, mantenho o telemóvel guardado no bolso.

Chego ao cimo da colina, sigo o caminho de terra em volta de alguns pedregulhos, mantendo os olhos abertos e os ouvidos apurados, mas, após alguns minutos a dor de cabeça que parece afetar-me sempre na nuca desvanece, e respiro fundo, cheirando as agulhas dos pinheiros e a terra molhada sob o meu calçado.

Talvez devesse voltar atrás e calçar as velhas botas que Noah me emprestou ontem, mas, neste momento, não me importa se as minhas sapatilhas têm ou não tração. O nó no meu estômago está a desfazer-se e

tudo o que consigo ouvir é o ranger das árvores e a água a correr algures ao longe.

Após um tempo, já não presto atenção ao que me rodeia. Sigo o trilho que não tenho a certeza de se tratar de um verdadeiro trilho, mas que serpenteia por entre as árvores, guiando-me ainda mais para o interior do silêncio e da solidão, e espreito para ver se consigo avistar o pico à distância. Mas a floresta é demasiado densa.

Tiro o boné de Noah da cabeça e sacudo os cabelos, sentindo a brisa deliciosa no meu escalpe e o vento que me limpa a cabeça. Fecho os olhos.

Mas, de repente, ouço uma pedra a cair atrás de mim, ressaltando num penhasco ou assim, e viro-me, percorrendo com o olhar a floresta que acabei de atravessar.

A pulsação no meu pescoço lateja à medida que a luz do sol passa pelas árvores para o solo da floresta e foco o olhar, tentando ver à volta de troncos de árvores e pedras. Levo a mão ao meu lado, agarrando a coronha da espingarda.

Se for um animal, não vou vê-lo até que ele queira que o faça. Engulo em seco, tentando avistar algo.

Mas não há nada.

Nenhum movimento.

Permaneço quieta por mais uns instantes, certificando-me de que não há nada ali, e viro-me, olhando de vez em quando por cima do ombro e mantendo os olhos abertos no caso de… Não é nada, provavelmente. As árvores caem, as rochas desfazem-se, os animais correm…

Chego ao cimo de mais uma subida íngreme, onde o terreno aplana, e olho para o caminho em frente, tentando recordar quanto mais me falta para chegar.

Mas depois olho para a esquerda, e volto a olhar, e vejo-o.

Sorrio. Um sorriso verdadeiro.

Dirijo-me para o lago por onde Jake e eu passámos no outro dia, aliviada por não me ter perdido. Desço as rochas e chego à pequena praia, vendo as paredes de rocha que rodeiam a água. É coberta por uma vegetação luxuriante, rodeada por árvores altas, mas passa luz do sol suficiente para cintilar na água parada.

Está vazio. Não há pessoas, não há barulho, e o calor do sol sabe bem.

Penso por um instante se me devo despir, olhando em volta como se alguém pudesse estar a observar-me, mas decido manter a roupa vestida. Ou a maior parte da roupa.

Pouso a espingarda e largo a mochila antes de desabotoar a camisa de Noah. Como tenho um sutiã desportivo por baixo, dispo a camisa e deixo-a cair no chão junto ao meu boné, iniciando a minha *playlist* no *Spotify* no telemóvel e pousando-o antes de avançar até à água com as sapatilhas calçadas. Depois seco-me durante o caminho de volta. Prefiro não estar de roupa interior se alguém aparecer. Ou descalça, se aparecer um animal qualquer.

Saio da água e volto a correr para lá. Está a tocar «Look Back at It» enquanto nado até ao meio da pequena lagoa. Sinto mais um sorriso que não consigo evitar no rosto.

Isto sabe bem. A água fria arrepia-me o corpo, dando-me uma súbita explosão de energia, e mergulho e volto a subir à superfície, agora com o cabelo encharcado e escorrido para trás.

De costas, flutuo, a ausência de peso e a água nos ouvidos a fazerem com que me sinta sozinha.

Sozinha, mas não só, por uma vez na vida.

Deslizo os dedos sob a água, com os cabelos a flutuar à minha volta, e volto a sorrir, pois é a primeira vez desde que estou aqui que o mundo me parece um lugar enorme. Ajuda estar ao ar livre. Perder-me um bocadinho.

Esqueço-me sempre disso.

Ouço um ligeiro troar e levanto a cabeça, a boiar, quando vejo uma moto de motocrosse a parar na praia.

Sinto o rosto fechar e o corpo a entesar-se. Quem será?

Ele tira o capacete, revelando uma cabeça loura-escura, com cabelos espetados, tipo desalinho *sexy*, e demoro menos de um segundo a reconhecer Terrance Holcomb. Que ainda não conheci oficialmente.

– Ei – chama ele, desmontando da moto.

Não respondo. O que faz aqui? Olho e fico à escuta. Vêm todos para aqui?

Ele dirige-se à água, descalçando as botas e as meias e apercebo-me que vai entrar na lagoa. Mantendo os *jeans* vestidos, entra no lago, despindo a *T-shirt* e atirando-a para as rochas atrás dele.

Baixa o braço e apanha um pouco de água, salpicando-a no rosto, passando-a pelos cabelos e pescoço e molhando o peito.

Adooooooro as tatuagens tribais. *A que tribo pertencerá?* Quase me rio pelo nariz.

Ele aponta o queixo para mim.

– Como está a água aí?

– Fria.

Ele mergulha, submergindo completamente e dirigindo-se diretamente a mim. Emerge, salpicando água e puxando o cabelo para trás, a sorrir.

Começo a afastar-me para o lado para poder nadar à volta dele e sair.

– Relaxa – diz-me ele. – Nem tudo o que tem um pénis é uma ameaça.

– O que é exatamente o que alguém com um pénis diria.

– És a Tiernan, certo? – questiona ele. E depois inclina a cabeça para o lado. – Terrance Holcomb.

Faço uma pausa, ficando a boiar.

– Pensei que iam todos andar de moto.

Ele sorri.

– Eles foram. Eu pirei-me.

– Seguiste-me.

Se calhar ouviu-me dizer que ia fazer uma caminhada quando estávamos junto à casa e deduziu que eu estaria aqui? Começo a nadar para terra.

– Se fores – diz ele –, não sei se conseguirei estar sozinho contigo outra vez. – Viro a cabeça, olhando para ele. – Eles são bastante protetores da propriedade deles.

Paro e enfrento-o, agora com os pés a tocar no chão.

– Não sou propriedade deles.

– Tudo o que está na propriedade deles é propriedade deles. – Nada à minha volta, a água agora pelos nossos ombros. – Eles vivem sob regras diferentes aqui, Tiernan.

Por muito que queira discordar, acho que Jake, Noah e Kaleb concordariam com ele. O aviso de Jake sobre os rapazes da terra, Kaleb a mandar-me para casa em vez de me deixar juntar-me a ele nas motos. Noah e a possessividade dele na vila, ontem.

– O que queres? – pergunto, mudando de assunto.

– Tu és o brinquedinho novo de Chapel Peak – diz-me. – Só te estou a ver.

Ergo as sobrancelhas.

– Sim, isso soou mais piroso do que eu pensava – resmunga ele. – Desculpa.

– Porquê? – respondo. – É suposto brincar-se com os brinquedos.

Ele fica de boca aberta e ficamos a olhar um para o outro enquanto o peso daquelas palavras paira entre nós.

E então, como se combinado, começamos a rir ao mesmo tempo.

– Isso foi extrapiroso – goza ele.

Pois.

Mas, durante um segundo, pareceste um pouco esperançoso.

Nenhum de nós se move para sair, continuamos apenas a boiar e a rodear um ao outro lentamente.

– Já viste algum aligátor? – pergunta ele.

Estreito o olhar.

– Hã?

– Na lagoa – explica. – Temos alguns por aqui, sabias?

Ai sim?

– Não, na verdade eles foram-se embora – digo-lhe. – Mas vi alguns unicórnios.

Ele ri-se, percebendo que será preciso mais do que isso para mexer comigo.

– Muito bem – diz ele. – A minha ex caiu completamente nessa. Era tão burra que pensava que o Distrito de Columbia era o novo estado da América.

Deslizo as mãos pela água, com o corpo a flutuar para o interior do lago e ele a aproximar-se cada vez mais.

Os olhos dele focam-se, intensos, enquanto me observa, e sinto o meu estômago a revirar. Sei o que ele quer. Sentirei o mesmo que com Kaleb?

– Tens namorado? – pergunta ele, com a voz profunda quase num sussurro.

– Importas-te com isso?

Ele faz um sorriso malicioso.

– Acho que precisas de um.

Por favor. A julgar pelo olhar dele, não se importaria se eu fosse casada.

E não estou à procura de uma relação. Talvez os Van de Berg tenham razão na forma como vivem. Conseguem o que querem quando precisam, e não têm de ser responsabilizados, pois é como se vivessem no lado oculto da lua durante seis meses do ano. Nenhuma mulher – nenhuma pessoa sã – deseja essa vida. É a situação perfeita para eles.

Talvez para mim também.

– Eles vão à vila todas as sextas-feiras à noite – diz-me Terrance, aproximando-se mais. – Para se divertirem.

Sorrio para comigo. Eles não precisam de ir à vila para isso. A vila vem até eles.

– Eles também conseguem sempre as mais bonitas – continua. – Até agora. A mais bonita vão manter em casa e para eles, não vão?

Fico tensa. Aproxima-se mais, mas não recuo.

– E se eu viesse até aqui na sexta-feira à noite quando estiveres sozinha? – diz ele baixinho. – Deixavas-me entrar na casa?

O corpo dele está demasiado perto e cerro os punhos debaixo de água, pois sinto uma ânsia no fundo da barriga que não passa, e talvez eu devesse agir. Talvez eu devesse fazer algo que nunca faria, pois quero sentir algo e porque a ânsia se manifesta desde a minha primeira manhã aqui e o passeio a cavalo.

– Gostavas de te divertir também? – pergunta Terrance num tom provocador.

Engulo em seco, deixando a minha imaginação voar por um milésimo de segundo. Podíamos fazê-lo agora. Agora mesmo, na praia. Provavelmente durante horas até alguém vir à minha procura.

Os rapazes divertem-se. Porque não eu?

De qualquer forma, nunca mais vou ver este homem quando me for embora.

Ele nada na minha direção, aproximando-se e avançando para cima de mim. Quando a água me chega à cintura, rodeia-me com o braço em volta dela e puxa-me para ele.

Coloco as mãos ao peito dele. *Não.*

Ele baixa o olhar e sorri com o que vê, e eu olho para baixo, reparando no meu peito visível através do meu sutiã molhado, os meus mamilos formando pequenas pontas rijas.

Levanto os braços, cobrindo-me.

Ao contrário da noite anterior, quando nem sequer consegui sentir vontade de travar a boca de Kaleb.

Terrance pega-me no rosto e puxa-me para ele, mas, antes que eu consiga afastar-me, ouvem-se motos a zumbir algures no meio das árvores, e ambos viramos a cabeça de repente na direção do barulho.

Kaleb e Noah aparecem e param mesmo acima das rochas, Noah acionando imediatamente o descanso da moto e desmontando.

– Sai daí, foda-se! – rosna para mim. – Já!

Assusto-me.

Noah desce na minha direção, e olho para cima, vendo Kaleb a desmontar da moto dele com uma…

Uma… arma?

Está a gozar?

Kaleb fica junto à moto dele, olhando para Terrance, com a cabeça inclinada para o lado e uma expressão calma no rosto. Tem uma caçadeira pendurada na mão de forma casual.

Uma caçadeira.

Estão todos completamente loucos.

Saio a correr da lagoa, a escorrer água quando pego na minha mochila e na camisa pousadas no chão. Mas, quando me volto a baixar para pegar na espingarda, Noah apanha-a e agarra-me no pulso, puxando-me com ele. Tropeço nas rochas.

– Pelo amor de Deus – queixa-se Terrance atrás de mim, e olho para trás para vê-lo a sair da água com os braços esticados para o lado como que a desafiar os meus primos. – O que vais fazer com isso, Kaleb? Hã?

Ele sorri quando Kaleb carrega um cartucho.

Merda.

Noah puxa-me para a moto para montar atrás dele.

– Sobe, já.

Mas Terrance volta a falar, e eu hesito.

– Não vão conseguir mantê-la para vocês – diz para Kaleb e para Noah. – Ela é a coisinha mais bonita que vimos nos últimos tempos, e estou só a tentar a minha sorte antes de os cães todos começarem a ladrar à vossa porta para conseguirem um bocadinho dessa ratinha saborosa.

Encolho-me e Kaleb engatilha a arma.

– Agora, Tiernan! – berra Noah.

E eu monto na moto, abraçada à minha mochila e camisa com uma mão e segurando-me a Noah com a outra.

Noah liga a moto e vira-a na direção contrária enquanto ouço a voz de Terrance atrás de mim.

– Até breve, Tiernan.

E Noah acelera dali para fora, levando-nos de novo para a montanha.

Mas à medida que aceleramos, olho para trás mais uma vez e vejo Kaleb ainda de pé no mesmo lugar. A olhar para Terrance enquanto agarra com força a arma junto a ele.

8

Tiernan

Regressamos rapidamente a casa, com Noah a derrapar ao travar junto à carrinha do pai. Bato contra ele quando a roda de trás se levanta do chão.

O que raio se passa com eles? Assim que a moto pousa, salto para o chão e rumo à casa.

Mas Noah segue rapidamente atrás de mim, voltando a agarrar-me o pulso.

Sacudo-o para que me largue.

– Larga-me.

– Onde é que vocês estavam? – quer saber Jake, aproximando-se de nós.

Mas eu continuo a andar, voltando a vestir a camisa de flanela para me tapar.

– Preciso de um duche.

Não fiz nada de errado.

Mas Jake impede-me a passagem. Agarra-me a parte de cima do braço, exigindo uma resposta.

– Preciso de um duche – volto a dizer, torcendo lentamente o braço para me libertar.

Ele impõe-se diante de mim e olho para cima para ele.

– O que raio teria acontecido se não tivéssemos dado contigo? – resmoneia Noah.

– O que achas que teria acontecido?

– Vocês os dois pareciam muito próximos – realça ele. A seguir, olha para o pai. – Ela estava no lago com o Holcomb.

– Eu avisei-te para te manteres longe dos rapazes da terra – diz-me Jake.

Abano a cabeça, segurando na mão a minha mochila.

– Fui fazer uma caminhada – explico, num tom duro. – Não o convidei. Ele é que apareceu. Já acabámos? – E, então, lanço um olhar fulminante a Noah. – Ora bem, o Kaleb e a espingarda? A sério?

Dou a volta, encaminhando-me de novo para a casa.

– Deixaste a espingarda na praia! – rosna-me Noah! – Ficaste desprotegida.

– O que achas que ele ia fazer? – pergunto, virando-me para trás. – Atacar-me?

Noah cinge os maxilares e eu não me contenho.

– Se calhar, nem era preciso – digo-lhe, enfiando a mochila ao ombro. – Eu até estava a gostar dele.

Avança como se viesse atrás de mim, mas Jake estica as mãos e trava-o, agarrando-o. Quase sorrio.

O meu tio vira-se, impaciente.

– Vai lá tomar o teu duche – ordena-me.

Viro-me e encaminho-me para as escadas, ouvindo os rugidos irados de Noah atrás de mim.

– Aqui és uma Van der Berg – grita ele. – Se mostras o traseiro àquele imbecil, juro por Deus que não te sentas por uma semana.

Noah.

O calmo, simpático e feliz Noah.

Que surpresa. E um imbecil.

A égua remexe as patas enquanto lhe escovo a pelagem cor de ferrugem. Dá para meditar, tal como quando cozinho. Os afagos longos e suaves. Os meus auriculares estão postos, mas sem passar música, porque me esqueci de ligar a minha *playlist* quando vim para o celeiro há cerca de uma hora.

Escovo com uma mão e sigo com uma festa da outra, dando imensa atenção à miúda. Gosto de animais.

E do Colorado. Hoje, na verdade, passei um tempo agradável. Dando uma volta pelo bosque.

Nem sequer foi assim tão mau quando o tal Holcomb apareceu. Claro, ele era um idiota. Não me iludi. Ele ter-me-ia fodido, para se gabar e nunca mais me dirigir a palavra se não quisesse mais, mas…

Não sei.

Ele brincou comigo e eu brinquei com ele. Não havia que enganar em relação ao que ele pretendia. Não tive de alinhar em joguinhos ou fingir.

E, por um lado, desejei que fosse assim tão simples. Não ter de criar laços para haver uma ligação.

Sim, senti-me tentada.

Não sei falar bem, nem dizer as coisas certas, mas se calhar posso ser branda, meiga e feliz na cama. Talvez nisso possa ser adorável.

Sinto os olhos a arder com lágrimas, mas afasto-as com um pestanejar enquanto escovo a crina de *Shawnee*.

Eles odeiam-me, eu odeio-me e eu odeio-os.

Não, paro para pensar, eu não os odeio. Sei apenas que vou falhar. Não sei criar ligações.

Abandonando o estábulo, largo a escova na mesa com as outras ferramentas de tratar o pelo dos cavalos e atravesso a oficina de regresso à casa. Descalço as minhas galochas, mas mantenho a camisola de capuz preta ao abrir a porta da cozinha para entrar. A tarde está a arrefecer e sinto a chuva no ar.

Ouço um silvo ao entrar.

– Aquele idiota de merda…

Viro-me para fechar a porta, mas espreito rapidamente. Kaleb está à mesa, o nariz a sangrar e o pai a tentar limpar, mas ele arranca o pano das mãos do pai e leva-o ao nariz. Os lábios formam um grunhido.

Foi Terrance Holcomb quem lhe fez aquilo? Fiquei um pouco preocupada com a caçadeira de Kaleb, mas achei que seria só para o armanço. Afinal, não havia aqui polícia.

Noah abre e fecha o frigorífico, retirando de lá um saco de gelo e eu atravesso a cozinha rumo às escadas.

– Vamos começar a jantar – diz-me Jake quando vou a passar.

– Não tenho fome.

– Temos nós – resmoneia ele.

Paro e rodo a cabeça, os dois em volta de Kaleb, e reparo no conjunto dos outros arranhões, terra e sangue no maxilar, ombro e anca. Sinto uma pontada de culpa, mas o outro tipo provavelmente terá pior aspeto, e não pedi a Kaleb que fizesse isto por mim.

– Isso não é problema meu – riposto, lançando um olhar fulminante ao meu tio. – Se queria uma criada, contrate uma.

Ele vira de repente a cabeça na minha direção.

– E dado que não farei o que me é ordenado – acrescento –, envie-me para casa.

Não pertenço aqui. É por isso que fico melhor sozinha. Não tenho de estar sempre a sentir todas estas coisas. Embaraço, vergonha, culpa… Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

Noah e Jake ficam ali uns momentos a olhar para mim e eu olho para Kaleb, incapaz de me controlar.

– Não tenho peninha nenhuma de ti – digo-lhe. – Tiveste o que mereceste, pois usas-me como desculpa para arranjar uma briga. Não estavas a defender a minha honra.

Ele lança-me um olhar fulminante.

– Tal como qualquer macho troglodita, estás em pulgas por bater em alguma coisa. Adoraste.

Salta da mesa, olhando-me nos olhos ao dar um par de passos em frente como se fosse atirar-se a mim.

Mas Jake avança primeiro.

– Não nos conheces – declara. – Não vens aqui e desrespeitas a minha casa.

– Estou aqui há três dias e já me intimidaram, ameaçaram e insultaram. Comportaram-se como *bullies* – digo-lhes. – Não era o que queriam? Que eu gritasse? Lutasse? Não foi o que disseram?

– Eu disse que te faria bem passares aqui um tempo, e tinha razão! – riposta Jake. – Não sabes trabalhar em conjunto. Fazer parte de uma equipa. De uma família.

Avança em passada firme e recuo para a sala de estar conforme ele se aproxima.

– Deixa-me educar-te, rapariga – resmunga. – És tu a criança. Fazes o que te mandam e tudo corre bem. O sistema connosco resulta. – Impõe-se diante de mim. – Faz. O. Que. Te. Mandam!

Encolho-me por um segundo, mas depois abano a cabeça, murmurando.

– Você é impossível.

– E tu és uma menina mimada.

Baixo a cabeça, cerrando bem os olhos face ao ataque dele. Nunca antes alguém me gritou. Nunca. Acaba de me ocorrer isso e tremem-me as mãos.

É degradante. Sinto-me uma merda.

– Aqui não há criadas – continua ele –, nem mordomos.

As minhas costas batem na parede enquanto cerro os dentes e sinto a raiva a arder nas entranhas.

Ele prossegue:

– Não há aqui assistentes para te limpar o traseiro. Nada de acesso fácil ao psiquiatra para arranjares os teus comprimidos para suavizares a dor que sentes por a tua vida ser tão fútil!

– Deve estar a falar de si! – grito, olhando por fim para ele, ripostando. – Os seus problemas com a sua família não me dizem respeito!

Quero lá saber de criadas, mordomos ou comprimidos. Ele está a trazer para a discussão as merdas dele.

– Há alguma coisa que te diga respeito? – retruca ele. – Estás a cagar-te para toda a gente, só pensas em ti. Não nos perguntas nada sobre as nossas vidas. Mal comes connosco. Não te sentas connosco. Não queres saber quem somos!

– Porque passo a vida na cozinha! – despejo para cima dele, os nossos peitos quase tocando-se.

– És uma fedelha – diz entre dentes, enfurecido. – Uma fedelha snobe que só pensa em si!

– Não sou nada! Eu sou só…

Detenho-me, fazendo uma careta e desviando o olhar. Maldição. Maldito seja ele. Não sou uma fedelha. Sou…

– És só o quê? – quer ele saber. – Hã?

Não sou mimada. Sinto lágrimas a arder-me nos olhos e o meu queixo treme. Quero lá saber de luxos. Ou de dinheiro. Não sou insensível por eles viverem aqui e eu viver de maneira diferente. Não se trata disso. Eu só…

– Só o quê? – grita ele de novo. – Estás tão caladinha, agora?

– Pai… – diz Noah, algures na cozinha.

Mas não consigo vê-lo. O meu tio está em cima de mim e não consigo travar as lágrimas.

– Eu não…

Engulo em seco, sem saber o que dizer. Não faço ideia de qual seja o meu problema. Ele tem razão, certo? Qualquer pessoa educada – normal – seria capaz de conversar descontraidamente. Fazer conversa de ocasião. Fazer perguntas. Sorrir, brincar…

Abano a cabeça, mais para mim do que para eles, murmurando.

– Eu só… não estou habituada a…

– A quê? – resmunga ele. – A regras? A limite de gastos? A pouco espaço no armário?

Uma lágrima tomba e requer um grande esforço controlar o soluçar.

– Qualquer tipo de tarefa? – prossegue ele. – O que raio é tão diferente nesta casa em comparação com a tua? Ao que não estás habituada?

– Pessoas – despejo.

Não sei quando me ocorreu, mas saiu assim.

Ele tem razão. Não faço ideia de como estar com as pessoas.

Escorrem lágrimas, espalhando-se pelo meu rosto enquanto olho para o chão.

– Não estou habituada a pessoas – sussurro. – Em casa não falam comigo.

Ele não abre a boca e também não me apercebo de quaisquer movimentos por parte dos rapazes, o silêncio a tornar a divisão mais acanhada.

Ergo os olhos, sem querer saber se ele vê os meus olhos vermelhos e a cara húmida.

– Ninguém fala comigo.

E, antes de ele conseguir dizer algo, corro pelas escadas acima, desesperada por chegar ao meu quarto e longe dos olhares deles. Tranco a porta e deixo-me cair na cama, tapando os olhos com os braços para travar as lágrimas.

Meu Deus, porque é que fiz aquilo? Que merda de frasquinho de vidro. Agora, vai mandar-me para casa por ser demasiado emotiva e dar demasiado trabalho.

Choro silenciosamente contra o meu braço.

Não devia ter feito aquilo. Nunca discuto com ninguém, mas prefiro discutir a chorar. É a tática de uma pessoa fraca para acabar com uma discussão. Não é uma luta justa quando alguém desata a choramingar.

Ui, olha para a pobrezinha menina rica. A mamã e o papá davam-lhe tudo o que queria, mas não lhe davam a mão, nem a abraçavam ou beijavam todos os dias. Pobre bebé.

Agora vão encarar-me ainda com menos respeito. Frágil. Fácil de quebrar. Um problema a contornar em bicos de pés.

Quantos miúdos adorariam viver com os meus pais se isso significasse que tinham roupa e comida todos os dias? Tenho tudo e fui-me abaixo diante deles por uma coisa de nada.

Toda a gente devia ter a sorte que eu tenho.

«Acreditas?», ouvi a minha mãe gritar.

«Oh, vá lá», troçou o meu pai. «Já sabíamos que ia acontecer.»

Entrei lentamente no estúdio do meu pai, vendo o meu pai e Mirai a sorrir, e a minha mãe com as palmas unidas em frente ao peito enquanto ria.

A seguir, estendeu os braços para envolver o meu pai.

Sorrio. «O que se passa?», perguntei suavemente, entrando devagar na divisão.

Mas olham apenas um para o outro.

Mirai espreitou para mim e sorriu ainda mais.

«A tua mãe…»

Mas a voz do meu pai interrompe. «Tenho de ligar ao Tom», disse ele à minha mãe, contornando a escrivaninha. «Tem de ser alterada toda a promoção do novo filme.»

Olhei de um para o outro, parando em frente ao sofá, para que me vissem.

«Atriz nomeada para o Oscar Amelia de Haas», recitou o meu pai, como se lesse um cartaz.

Fiquei de boca aberta e mostrei um grande sorriso. «Oscar?»

A sério? Fantástico.

«Bem, não», troçou a minha mãe, ainda concentrada no meu pai. «E se eu ganhar? Então, é atriz vencedora do Oscar. *É melhor aguentares.»*

O meu pai voltou a rir-se e deu a volta à secretária para a beijar. «A minha mulher.»

Olharam um para o outro, os olhos iluminados com a excitação e o deslumbre, e dei a volta, tentando apanhar os olhares deles ao aproximar-me.

Queria abraçar a minha mãe e dar-lhe os parabéns. Queria que ela soubesse o quanto me orgulhava dela.

«Mãe.»

«Vai fazer uns telefonemas», disse ela a Mirai, sem me ouvir. «Sabes o que fazer.»

O olhar de Mirai cruzou-se com o meu, a pena sempre presente ali, e depois lançou um olhar pesaroso aos meus pais antes de abandonar a divisão em silêncio.

«Parabéns», disse eu ao aproximar-me, sempre com um sorriso na cara.

Mas a minha mãe já se tinha afastado. «Muito bem, vamos ao escritório da Janet», disse ela ao meu pai. «Tenho de fazer uma declaração.»

«Sinto tanto orgulho em ti, querida», disse ele.

E saíram ambos, levando com eles o barulho e a excitação. Como se eu não passasse de uma sombra. Um fantasma que percorria as divisões deles, mas sem ser vista ou ouvida.

Fiquei ali parada, a vê-los enquanto percorriam o hall *e desapareciam para lá de uma esquina. Uni as mãos com força à minha frente, tentando empurrar para baixo o aperto na garganta.*

Estava feliz por ela. Queria que soubesse que era espantosa e que adorava os filmes dela.

Queria que ela soubesse isso.

Porque é que ela nunca quis partilhar comigo as coisas maravilhosas que lhe aconteciam na vida? Porque ela era o primeiro lugar para onde eu corria em criança para lhe contar quando me acontecia uma coisa maravilhosa.

Antes de deixar de tentar.

Fiquei ali a olhar, especada. Não tem mal.

Não tinha a ver comigo. Era o dia dela. Eu não tinha o direito de exigir atenção.

Ouvi a porta da frente a fechar, a casa, e tudo no seu interior, a ficar imóvel e em silêncio.

Como se nada ali vivesse.

Tipo, quando partiam nada vivia.

Pestanejo ao acordar, os olhos já turvos com as lágrimas. Sento-me na cama e balanço as pernas para o lado, curvando a cabeça e inspirando fundo umas quantas vezes.

É manhã bem cedo. Percebo pelo tom azul da luz que entra pelas portas da varanda.

Uma lágrima escorre até ao lábio e limpo-a com a mão. Ainda recordo tantas pequenas coisas, tendo crescido com elas, que por si só não pareciam terríveis, mas que ao fim de anos de conversas que senti que interrompia,

ocasiões em que não fui convidada a aparecer e afeto que foi tão facilmente partilhado entre eles que não chegou a mim… Tudo isso dói. Tudo dói e continua a acumular-se ano após ano até deixar de me importar.

Ou parar de mostrar que me importo.

Solto um suspiro, inclinando a cabeça para trás, mas então algo me prende a atenção e olho para lá, vendo um saco branco em cima da minha mesinha de cabeceira. Estreito os olhos e estendo o braço, pegando no saco de papel gasto que já não parecia crocante e novo.

Isto é…?

O molho ao fundo do saco encaixa na palma da minha mão e sinto o cheiro dos ursinhos de canela antes sequer de o abrir.

Como é que isto veio aqui parar? Deitei fora todo o saco.

Mas agora, há algo escrito a preto na parte da frente, e lentamente abro o saco e procuro um raio de luz para ler as palavras.

Os teus pais nunca te deram nada doce. Por isso é que não és.

Olho para a porta do meu quarto, reparando que está entreaberta. Fechei-a e tranquei-a quando me deitei.

Uma série de pensamentos percorre a minha mente, mas o meu coração não acelera. Devia sentir-me zangada. Alguém entrou no quarto enquanto eu dormia. Alguém mexeu no meu lixo.

Alguém me provocava com um saco de papel.

Mas ele não está enganado. Passo o polegar sobre as letras.

O modo como está escrito. *Por isso é que não és.* Tão infantil, mas simples.

Levantando-me, despejo o conteúdo de novo no lixo, mas guardo o saco, alisando-o e pousando-o sobre o gaveteiro. Não sei se culpar os meus pais será uma boa razão para ser uma pessoa tão miserável, mas alguém neste mundo percebe-me, e nem sequer me sinto ofendida por dizer que não era doce. Sei que não sou e alguém percebe porquê.

Deixando o quarto, desço as escadas, o vento nas árvores em redor a soar de fundo como uma cascata perpétua. Guino para a cozinha, avançando em silêncio até à banca para encher um copo de água.

Olho para fora pela janela, as penas das galinhas da capoeira a esvoaçar com a brisa da manhã.

Não quero ir para casa. Mas também não quero ficar aqui e ser vista, porque o mundo deles é um pouco pior comigo lá dentro. Não sou um problema de Jake Van der Berg.

Nem sequer percebo que comecei a pôr café no filtro da máquina até uma mão se estender e gentilmente me tirar o pacote das mãos.

Olhando para cima, vejo o meu tio. Está parado ao meu lado, despejando café moído no filtro, e conto que ele ainda esteja tenso. Irritado. Maldisposto, no mínimo, pois eu só lhe dou dores de cabeça.

Mas está calmo. E sossegado. Retira café do pacote e despeja na máquina, fechando tranquilamente a tampa e rodando o bule.

Ouve-se um som de borbulhar quando começa a ferver e pega numa caneca de café do suporte e pousa-a à sua frente.

– Vou para casa – digo discretamente.

– Estás em casa. – Pousa uma caneca à minha frente.

O meu queixo treme um pouco.

Rodo a cabeça para o outro lado, não querendo que volte a ver-me chorar, mas então sinto os dedos dele a roçar o meu cabelo atrás da minha orelha e o gesto leva os meus olhos a fecharem-se. Sabe tão bem que me dá outra vez uma vontade do caralho de chorar.

Sem esperar mais um segundo, puxa-me para ele, envolvendo-me com os braços e segurando a minha cabeça junto ao seu peito.

Esvazio os pulmões, os meus braços caídos desamparadamente de lado, pois não consigo retribuir o abraço, embora também não me afaste. Sinto o seu peito com uma *T-shirt* vestida quente contra a minha bochecha e o seu cheiro familiar flutua até à minha cabeça, acalmando-me as lágrimas.

Já fui muitas vezes abraçada. Mais do que gostaria, aliás. Parece estar a dar, agora. Mulheres, absolutamente estranhas, alinham em abraços como forma de cumprimento. Abraços de conhecidas. Pessoas com que nos cruzamos na rua lançam-se para a frente a toda a hora, caramba, como se fôssemos grandes amigos, apesar de mal nos tocarem.

Detesto esse falso afeto.

Mas, isto é diferente.

Agarra-me com força. Como se eu pudesse cair, caso me largasse.

Músculos que eu nem sequer conhecia começam a relaxar e os lábios dele tocam no alto da minha cabeça, um formigueiro quente a espalhar-se pelo meu corpo. É quente, como algo que eu ansiasse por me arrastar para

dentro para simplesmente dormir.

Porque é que isto era tão difícil para os meus pais? Para mim era natural desejar isto da parte deles. Era mesmo. Querer partilhar a minha vida com pessoas que me estimam. Rir e chorar e construir memórias juntos.

Porque a vida só é feliz quando partilhada.

Lágrimas ficam suspensas nas minhas pestanas e a ânsia súbita por o abraçar começa a tomar conta de mim.

Já não quero estar sozinha.

Não quero ir para casa, onde estou sozinha.

O sussurro dele faz-me cócegas no escalpe.

– Toda a gente tem de passar por merdas, Tiernan. – Faz uma pausa enquanto o firme subir e descer do seu peito me embala. – Não estás sozinha. Percebes isso?

Ergue-me o queixo e olho para ele, quase perdendo o fôlego com o seu olhar caloroso que me fita intensamente.

– Não estás sozinha – volta a sussurrar.

O meu olhar baixa para os seus lábios e por momentos estou com ele, a respirar com ele e o meu sangue a fluir quente sob a minha pele ao observar o rosto bronzeado, boca macia e a barba que começa a crescer no maxilar.

Sinto uma necessidade urgente de o envolver com os braços e aconchegar-me no pescoço dele, mas ele passa o polegar pelo meu maxilar. O calor sob a minha pele espalha-se até mais abaixo e o pequeno sorriso nos lábios dele esmorece ao olhar para mim com atenção.

Por fim, pestaneja, quebrando o feitiço ao largar a mão.

– Vai-te vestir, está bem? – pede. – Calças e camisola de manga comprida. Esta manhã ficas comigo.

Largando-me, verte o café enquanto o frio matinal me atinge, e só gostaria que ele ainda me agarrasse.

Mas, mesmo assim, o meu coração aquece. *Estou com ele esta manhã*. Subo ao primeiro andar e pego numas calças de ganga lavadas e num par de meias.

Depois de prender o meu cabelo no alto, hesito por momentos e depois bato à porta de Noah. Da última vez que ele me falou ameaçou espancar-me.

Após umas quantas batidas, ouço a sua passada forte no chão.

Abre, parecendo ressacado, e apoia uma mão no caixilho, com a outra na porta como se tentasse manter-se de pé.

Não vou pedir desculpa. E também não espero que ele o faça.

– Emprestas-me uma camisola de manga comprida? – peço.

Assente com a cabeça e dá a volta, fechando os olhos ao bocejar.

– Sim, entra e pega.

Entro e avanço até ao armário dele, a porta aberta e uma camisa de flanela já à minha espera.

– Cedo como o caraças – resmunga. – Ele quer que eu me levante já?

– Não disse.

– Porreiro – murmura, deixando-se cair de novo na cama, com a cara para baixo.

Ainda veste os *jeans* da véspera e olho em volta pelo quarto dele, vendo um conjunto de roupa largada à sorte e outras bugigangas espalhadas. Desarrumado, mas não sujo.

Pegando na camisa, saio do quarto, fechando a porta ao sair, e enrolo-a à cintura, dando-lhe um nó. Virando-me para descer as escadas, ouço algo atrás de mim e olho para lá e dou com Kaleb a descer do segundo piso.

Vira para a casa de banho e, apesar de eu estar a menos de dois metros, faz de conta que não me vê e desaparece na divisão, batendo com a porta depois de entrar.

Deixo-me ficar ali por uns momentos. No corredor escuro, mal vi os golpes na cara dele, de ontem, mas vi claramente o que tinha no lábio.

Não tenho culpa que se tenha metido numa briga. Mas ainda assim…

Avançando para a porta, levo a mão à maçaneta, mas detenho-me. Encosto o ouvido, mas nada ouço e esforço-me por me afastar.

Tenho pomada… para os golpes dele… se ele quiser.

Eu…

Oh, esquece lá isso. Cerro o punho e por fim baixo a mão, dando a volta para ir embora.

Desço ao rés do chão, dando com Jake no alpendre lá fora, e vou ter com ele. Passa-me uma caneca de café e olha para a floresta e para a névoa que paira sobre os troncos.

– Gosto de me levantar cedo – diz-me. – É a única altura em que há silêncio na casa e nas terras e em que tenho energia para apreciar.

Olho para ele. *Também eu.* Bebericando do meu café, obrigo-me a soltar as palavras, embora o instinto me diga para estar calada. Quero fazer um esforço.

– Gosto que todos vocês trabalhem em casa – digo-lhe, vendo-o pelo canto do olho. – Há sempre gente por aqui.

Gente algo abrasiva, rude e autoritária, mas eu própria tenho algumas dessas características indesejáveis.

Mostra-me um meio-sorriso e bebo mais um pouco do meu café antes de pousar a caneca no parapeito.

– Vamos – diz ele, pousando também a sua.

Contornando-me, conduz-me pelos degraus e na direção do celeiro, pegando de passagem num cinto de ferramentas pousado na mesa de trabalho da oficina.

Caminhamos por trás do estábulo até ao picadeiro onde *Bernadette* e *Shawnee* já deambulam e apanham ar puro.

Olho para a parte de trás da cabeça dele ao segui-lo e ele aperta o cinto de ferramentas.

Perguntas. Ele referiu que eu nunca lhes fiz perguntas.

Não é que não tenha perguntas a fazer, mas perguntas dão início a conversas.

– Segura aqui nisto – pede, levantando um pedaço da cerca em volta do curral.

Aproximo-me e baixo-me, levantando a tábua para estar erguida enquanto ele passa pela abertura na vedação para o outro lado. Sacando de um martelo e de um prego, prega a tábua no lugar enquanto eu ajudo a segurá-la.

– Porque é que o Kaleb não fala? – pergunto.

Não olha para mim ao pegar noutro prego e começa a martelar.

– Não sei se devo falar disso, não o fazendo o Kaleb.

– Tem a ver com a mãe dele?

O olhar dele incide em mim.

– O que sabes da mãe deles?

Encolho os ombros.

– Sinceramente, nada – respondo. – Mas os rapazes obviamente vieram de algum lado e não da rapariga de vinte e cinco anos que sai do seu quarto todas as manhãs.

Ele ri-se, martelando o prego.

– Não é *todas* as manhãs, está bem?

Mas ela tem vinte e cinco anos. Ou é mais nova, pois ele não me corrigiu quanto à idade.

O silêncio paira no ar e a expressão dele torna-se reflexiva enquanto prepara outro prego.

– A mãe deles está na prisão – declara. – Dez a quinze em Quintana.

Quintana.

Dez a quinze… anos?

Olho para o meu tio, que não estabelece contacto ocular, todo um molho de perguntas agora prontas a sair. O que fez ela? Ele esteve envolvido?

Noah e Kaleb ainda falam com ela?

Ele prossegue ao longo da cerca e sigo-o, reparando noutra tábua solta.

Quando é que ela foi condenada? Há quanto tempo cria ele os rapazes sozinho?

Suavizo o olhar, observando-o. Deve ter sido duro. Um tipo de dor diferente, tenho a certeza. Ser-nos levado alguém contra alguém querer deixar-nos.

– Amava-a? – questiono.

Mas, então, baixo o olhar, envergonhada. É evidente que a amava.

– Dediquei-me por completo a ela – explica antes ele. – Por não ser capaz de deixar de amar outra pessoa.

Estreito os olhos.

Ele para e saca da carteira, abrindo-a e tirando de lá uma foto tipo instantâneo.

Passa-ma.

Olho para baixo para a foto, reconhecendo-o de pronto e sorrindo um pouco.

Não se trata na verdade de uma foto tipo instantâneo. É uma *Polaroid*, com um vinco forte ao meio e rostos desbotados a olhar.

Ele encontra-se ali, sobre uma manta de piquenique, de tronco nu e calções caqui, abraçando uma rapariga de olhos escuros, o cabelo negro dela espalhado pelas costas.

Ele tem a pele clara e era muito mais magro do que é agora, mas ostentava o mesmo sorriso que dá a ideia de estar a rir-se para nós por dentro ou a pensar em coisas adequadas apenas para trás de portas fechadas.

Mas com um corte de cabelo muito certinho e rosto de bebé que lhe dava o ar de ser o *quarterback* idiota de uma série de televisão.

– É você? – Olho para ele tentando esconder a vontade de rir.

Arranca-me a foto da mão, franzindo-me o sobrolho.

– Eu era, à época, um galã, sabias?

Era? Parece-me que ainda é.

Pega numa pá e começa a despejar terra no buraco do poste da cerca.

– O teu avô tinha uma casa em Napa Valley – diz enquanto eu seguro o poste. – Íamos até lá no verão, jogar golfe, apanhar pielas, dar umas voltas…

Íamos… O meu pai, também?

Mal me recordo do meu avô, dado que ele morreu quando eu tinha seis anos, mas quando ele se divorciou da primeira mulher, a mãe do meu pai, quando o meu pai tinha uns doze anos, escolheu outra mulher neerlandesa para segunda esposa. Ela já tinha um filho – Jake.

– Eu tinha dezoito anos e conheci a Flora – prossegue o meu tio. – Meu Deus, era linda como o caralho. A família dela trabalhava numa vinha. Imigrantes. Pobres… – Espreita na minha direção. – E, claro, as nossas famílias não podiam aceitar isso.

Eu ia desatando a rir, não por ter piada, mas por ter percebido. Pela primeira vez, percebi que eu e Jake fazemos parte da mesma família e ele conhece-os tão bem como eu.

– Ela não tinha fato de banho – recorda ele. – Todo o verão, lembro-me. Nem me ocorreu que ela não podia comprar um, pois adorava que nadasse em roupa interior quando íamos ao lago. O corpo dela era tão lindo, o modo como a roupa se colava a ela.

Imagino-o, as hormonas e as emoções ao rubro. Como será ele quando apaixonado?

Suspira.

– Era mais *sexy* do que um biquíni. Por mim, aquele verão teria durado para sempre. Não nos largávamos. Estava completamente caidinho por ela.

Mas ela não está aqui agora.

– Uma noite, a tua mãe…

– A minha mãe? – Olho de repente para ele.

Mas ele evita o meu olhar e tem os lábios cingidos.

– A tua mãe era uma estrela em ascensão e os teus pais namoravam há pouco tempo – explica. – Ela levou a Flora a sair e embebedou-a e quando a Flora acordou estava na cama com outro homem. – Por fim, olhou para mim, parando com o seu trabalho. – Um homem que não era eu.

A minha mãe levou-a a sair, embebedou-a e…

– O meu pai – digo, juntando as peças.

Jake assente com a cabeça.

– O teu avô sabia que eu não ia largá-la, por isso os teus pais ajudaram a despachá-la.

Pestanejo demorada e intensamente. Não acredito que os defendi perante o meu tio. Perante ele. Não admira que ele os odeie.

– Ela sentiu-se tão culpada, achando que fez sexo com outro homem – prosseguiu Jake, levando-me até ao estábulo para preparar a comida dos cavalos –, que foi canja para a família convencê-la de que o nosso relacionamento acabara a não ser que ela quisesse que eu soubesse o que ela fizera. «E, ei, e há cinquenta mil dólares para cobrir as despesas da mudança. Desaparece, miúda. Não lhe ligues.»

– Nunca tentou encontrá-la?

– Tentei – revela. – Dei com ela num apartamento em São Francisco.

Cala-se por momentos ao calçar as luvas.

– Ela nem sequer me deixou entrar – conta. – Não conseguia olhar-me nos olhos. Disse-me que já não podia ver-me e não queria que eu lhe telefonasse.

Ele abre os fardos de feno e pega num ancinho e começa a espalhá-lo pelo estábulo.

– Quando é que soube o que eles realmente fizeram com ela? – pergunto-lhe.

Permanece em silêncio por uns momentos e, quando por fim fala, a sua voz soa quase como um sussurro.

– Cerca de uma semana depois de eu ter ido ao apartamento dela a irmã ligou-me para dizer que ela morrera.

Morreu?

Estaquei.

– Suicídio?

Assente com a cabeça e continua a trabalhar.

– Oh, meu Deus.

– E seis horas depois disso, fiz a mala e nunca mais olhei para trás – diz-me, mostrando um sorriso tenso. – Fiz-me à estrada, planeei rumar à Florida, mas cheguei aqui e… nunca mais quis sair. – O olhar dele suavizou e coisas que achei que sabia começaram a derreter conforme as peças do *puzzle* foram encaixando.

»Mudei-me para aqui com uma casa móvel e sem canalização. Agora, tenho uma casa, uma oficina, um negócio e os meus filhos. A vida acabou por me correr bem melhor do que eu merecia.

Porque é que haveria de pensar que não merecia o que tinha? A culpa não fora sua. Ele tentou encontrá-la. Se eles queriam chegar a ela, iam chegar a ela.

Os meus pais. Teriam intervindo dessa maneira se eu me tivesse apaixonado por alguém que não caísse bem?

– Lamento – digo, apressadamente. – Lamento que eles tenham feito isso…

– Os teus pais, Tiernan – diz, interrompendo-me e olhando-me nos olhos. – A culpa não é tua.

Mas é difícil de entender. A minha mãe não era assim tão diferente de Flora. Igualmente pobre, mas pelo menos Flora tinha família. A minha mãe andou por famílias de acolhimento, sem ninguém. Como é que não se pôs do lado da rapariga?

Baixo os olhos para a cintura de Jake, a tatuagem que espreita no flanco agora tapada pela *T-shirt*, mas recordo as palavras *My Mexico*. Ele disse que Flora era imigrante, portanto, a tatuagem era por ela? Ou tal como os *cowboys* escapavam pela fronteira à época, o Colorado tornara-se o seu escape? O seu México.

– Temos de nos divertir – trina ele, aligeirando o ambiente com um sorriso. – Amanhã, vamos até ao lago.

O lago? Não a lagoa?

– Levamos música e cerveja – prossegue. – Mergulhar do penhasco.

– Mergulhar do penhasco?

O olhar dele incide fugazmente no meu corpo.

– Tens fato de banho, certo?

Mas a pergunto soa mais como um aviso, pois não me quer de maneira nenhuma a nadar com a minha roupa como acontecera ontem.

Ou em roupa interior como Flora.

Sim, tenho um… biquíni. Sinto o pavor a enroscar-se no meu estômago. Por norma, deixo que o assistente de compras trate disso, sem me preocupar, mas acho que amanhã vou ter de me preocupar.

Porque é que não tenho um fato de banho de uma só peça? Ou um de competição com camisola? Ugh…

Nas horas seguintes, dou o gás todo, correndo de tarefa em tarefa e sentindo-me grata com a distração. Jake, Noah e eu terminamos as tarefas matinais, eu preparo o pequeno-almoço e Noah limpa, e depois dou-lhes apoio na oficina, escrevendo respostas a *emails* que o meu tio me dita relativos ao negócio enquanto ele trabalha.

Eu e Jake carregamos duas motos para a plataforma, baixando-as com cordas, até que ele veste de novo a *T-shirt* e retira as chaves do bolso. Sei que precisa de levar as motos à vila para as entregar à empresa de transportes, despachando-as para onde quer que vão, mas de repente ele para e espreita por cima do meu ombro.

Acompanho o olhar dele.

Kaleb está na outra ponta do celeiro, *jeans* descaídos nas ancas, sem camisola, e o sol a brilhar sobre o seu peito despido, que está todo transpirado, enquanto ele dá uma machadada e parte um tronco em dois.

Esfrega o maxilar no ombro, sangue dos ferimentos abertos espalha-se pela bochecha.

– Vai buscar o *kit* de primeiros socorros – diz-me Jake enquanto se encaminha para o lugar do condutor. – O Kaleb precisa de ajuda.

– Sim, ajuda profissional – resmungo. – Ele…

Está-me na ponta da língua falar-lhe da noite na oficina.

E de ontem no celeiro.

Mas… não posso atirar todas as culpas para Kaleb, calculo. É melhor não falar do assunto.

– Ontem, ele ameaçou aquele tipo com uma arma – acabo por dizer.

Kaleb assusta-me.

Mas Jake dá a volta e investe na minha direção.

– Aquele tipo – diz-me – tem um clube noturno na cidade para violações em grupo com uma tabela na parede, para avaliar cada rapariga numa escala de um a dez. Há pelo menos trezentos nomes de toda a gente que ele e os amigos paparam nas suas curtas vidas. – A seguir, aponta-me para o rosto e

eu recuo um pouco, fazendo má cara. – Tens uma sorte do caralho por ter sido o Kaleb a dar contigo e não eu, porque eu não teria esperado até te afastares antes de o matar, foda-se.

Soergo uma sobrancelha, mas nada mais digo.

– Agora, mexe-me esse traseiro – ordena.

Vira-se e sobe para a carrinha e eu arrasto os pés por mais um minuto depois de ele partir até me dirigir ao celeiro para ir buscar o raio do *kit* de primeiros socorros ao armário.

Ele não quer a minha ajuda. Tanto quanto não sinto vontade de o ajudar.

E ainda assim nem por um segundo acredito que ele ou Noah estivessem a tentar manter-me em segurança. Embora, caso o que Jake disse seja verdade, foi bom terem aparecido.

Mas, não. Acho que Terrance avaliou bem. Eles são territoriais. Iam irritar-se e lutar, fosse quem fosse o tipo que estivesse com a sua priminha aqui em cima.

Arrastando-me até junto de onde Kaleb trabalha, paro, sem querer estabelecer contacto visual.

Ergo o *kit* na direção dele.

– Estás a sangrar.

Fita-me por uns momentos e depois usa o ombro para limpar de novo o sangue, antes de pegar noutro tronco, ignorando-me.

Abrindo a caixa, pego em *Neosporin*.

– A pomada vai evitar que abra – digo, suavizando a voz e fazendo um esforço. – Põe pomada nisso.

Ele para, o seu olhar hesitante saltando de mim para a bisnaga que seguro na mão.

Descontraio os ombros, obrigando-me a relaxar. Hoje não estou para discussões.

– Senta-te – digo, com brandura. – Por favor.

Ele estreita os olhos e não se move.

Aponto para o cepo da árvore, suavizando a voz praticamente para um sussurro.

– Por favor, senta-te.

Ele espera uns segundos, a olhar para mim, mas então… senta-se.

Pousando a caixa, pego num lenço antibacteriano e avanço para ele, evitando o seu olhar ao parar diante dele.

Limpo-lhe o sangue do rosto, passando com gentileza sobre os arranhões, também, mas sinto os olhos dele observando cada gesto meu. Seguem-me ao curvar-me e esfregar o sangue seco e depois ao levantar-me de novo para desatarraxar a tampa da pomada. Não tem nada a ver com a noite em que ele me queria. Agora, parece ter medo de mim. Está atento a qualquer passo errado.

Engulo em seco.

– Manter isto humedecido vai evitar que crie crosta e sara mais depressa – digo-lhe, aplicando pomada no maxilar. – Aplica várias vezes, está bem?

Cubro suavemente toda a extensão da ferida, pestanejando quando o cheiro a terra, madeira e ar húmido me atinge. Ele parece ter sempre aquele cheiro.

Ele nada diz, o peito a subir e descer com uma respiração demasiado perfeita e controlada como se cada movimento fosse um esforço para se manter calmo.

Tem os punhos cerrados assentes no colo e espreito para ele, os nossos olhares cruzando-se. Sinto um arrepio. Gosto que se sinta assustado.

Apesar de contrariada, aproximo-me, aplicando mais pomada do que aquela de que precisa.

– Ontem, não disparaste contra aquele tipo, pois não? – brinco.

Espreito e ele ainda me observa em silêncio.

Mas, para minha surpresa, há diversão no seu olhar.

O meu coração falha uma batida e as minhas entranhas parecem uma poça quente. Não é um sorriso, mas é brando. Como aquilo que senti na outra noite por uns segundos. Como se eu pudesse afundar-me em alguém.

Aclaro a garganta e levanto-me.

– Muito bem. – Volto a pôr a tampa na pomada e entrego-lha. – Toma.

Ele pega-lhe, sem pestanejar uma única vez ao olhar para mim.

– Volta a pôr antes de te deitares – indico-lhe.

Mas ele não assente, nem faz nada que indique que me ouviu, a não ser continuar pasmado.

– Almoço! – chama Noah.

Assusto-me, olhando para o outro lado do pátio para o ver deslocar-se para a outra carrinha.

– Queres vir comigo? – pergunta. – Vou buscar *cheeseburgers*.

Não percebo se fala comigo ou com o irmão, mas olho para baixo para Kaleb e vejo-o ainda a mirar-me.

E não me sinto… confiante em ficar sozinha com ele.

É melhor ir com Noah.

– Estou a ir – digo, sustendo o olhar de Kaleb enquanto me afasto, com o olhar que ele me vota a indicar-me que estou certa.

Não devia ficar ali sozinha com ele.

9

Noah

O braço dela varre para fora, derrubando peças do meu tabuleiro de xadrez Harry Potter Wizard, com algumas a cair ao chão.

Encolho-me.

– Noah, levanta-te! – ouço o meu pai gritar do outro lado da porta do meu quarto. O som dos passos dele esmorece ao descer as escadas.

Foda-se. A miúda que está em cima de mim baixa-se, agarra-se à cabeceira da cama e rola as ancas para cima e para baixo sobre o meu pénis. *Vamos*… A carne dura pulsa com calor, mas parece que não chego lá. Agarro-lhe as ancas, acelerando o movimento dela.

– Sou *sexy*? – arqueja ela.

– Sim.

– E as minhas mamas? – Ela afaga a parte de trás do meu pescoço, enfiando o seio na minha cara. – Gostas delas?

Consigo revirar parcialmente os olhos, mas por via das dúvidas mordisco-lhe o mamilo. Ela tem mamas melhores do que as de Rory, mas Rory pelo menos sabe o que são preliminares. Esta miúda a tentar saltar sobre o meu membro às seis da manhã e esperar que ele se ponha de imediato em sentido é até ofensivo.

Felizmente, fui capaz de evocar uma recordação sórdida da secundária para me preparar.

Inclinando-se para trás, ela passa as mãos pelo próprio corpo, apertando as mamas enquanto o seu cabelo louro se espalha a toda a volta dela. A seguir, bate com a mão na parede junto à cama e geme de prazer.

Porra. Foda-se. Se Tiernan ainda não tinha acordado, agora já acordou.

Puxo a mão de Remi da parede e sento-me, beijando-a para abafar os seus gemidos. Fazer barulho à noite é uma coisa. Barulho de manhã recorda a toda a gente que estou atrasado para o trabalho, porque estou aqui a foder a irmã de dezoito anos da minha ex.

– Noah! – grita o meu pai desde o andar de baixo.

Sim, sim… *Já me venho.* Vamos…

Sinto a cabeça às voltas. Não estou concentrado.

Mas também não quero sair do quarto e lidar com o meu pai. Movo mais depressa o meu corpo, beijando o pescoço dela, puxando o cabelo e fodendo-a por trás, os gemidos cada vez mais altos.

Vamos, querida. Vem-te.

– Adoro foder contigo – cantarola ela.

Assinto com a cabeça. *Pois, está bem.*

– Ainda bem que tive direito à minha vez aqui em cima.

A tua vez…

– Mais força – arqueja ela. – Sou a putinha do papá.

Argh. Que merda é esta? Fecho os olhos, com a barriga às voltas.

– Tu não me magoas, Noah – diz ela.

Caaaaa…la-me essa matraca.

– Desafio-te a tentar.

Pronto. Cerro os dentes e agarra-o pela cintura, dando a volta a ambos e prendendo-a nas costas. Tapo-lhe a boca com a mão enquanto lhe aparto mais os joelhos, abrindo-a bem.

Fodo-a com força e depressa enquanto a minha cama balança, o soalho range e olho pela janela atrás da cabeceira. Só quero que isto acabe.

Cerro o maxilar, a sensação do suor dela a levar-me a sentir como se as paredes se fechassem. Quero aquilo longe de mim.

Fecho os olhos.

Tenho de sair deste quarto.

Sair desta casa.

Sair do bosque.

Para longe da montanha.

Não quero saber se nunca mais vejo uma árvore na vida, porque, talvez agora que fodi todas as mulheres num raio de oitenta quilómetros e já não consigo ver-me ao espelho, cheguei ao limite e não vou ser um cobardolas incapaz de fazer frente ao meu pai.

As noites são melhores. Quando me sinto cansado, e só quero um traseiro antes de me deitar, mas de manhã… Não acordo a desejar estar aqui onde me encontro e ansioso por fazer merdas que não quero fazer. Sinto-me aborrecido.

Ao fim de mais um minuto, sinto os gemidos dela a vibrar na palma da minha mão, a rata dela a contrair, a apertar-me o pénis, e gemo quando a levo até ao fim, forçando uma respiração ofegante ao ouvido dela, para ela achar que também eu cheguei lá.

Sinto um formigueiro na pele nos pontos onde lhe toco.

Afasto a mão.

– Adoro sentir o teu sémen dentro de mim – arqueja ela.

Não me vim. *E estou a usar preservativo, tontinha.*

– Noah! – E ouço o taco de basebol a bater na coluna de tronco lá em baixo. – Levanta-te!

Limpo a cara com as mãos e rebolo de cima de Remi.

Canalha de merda. Sinto um suor frio a cobrir-me o corpo e levanto-me e puxo o preservativo, deitando-o fora. Visto as calças de ganga enquanto lhe atiro a *T-shirt* dela, mas sinto o seu olhar a incidir em mim ao sentar-se. Estou a precisar de ar e de espaço para remoer a minha culpa.

Se nem por uma vez consigo vir-me, isso é inaceitável. Sou bom na cama, raios. As mulheres deixam o meu quarto felizes.

Não é como a Avenida dos Sonhos Desfeitos que é a cama do meu pai quando percebem que ele só quer sexo e não um relacionamento ou a miséria no quarto de Kaleb, onde as mulheres têm sorte se saírem de lá vivas.

Eu, por outro lado, sou mesmo bom nesta merda.

Remi olha fixamente para mim, um sorriso nos lábios como se fosse suposto traçarmos planos para a próxima vez ou isso, mas eu olho para baixo e dou-lhe um beijo rápido nos lábios que, espero, diga, «adeus».

E, por favor, por favor, vê se já não estás aqui quando eu sair do duche.

Dou a volta, retiro uma *Bud* do meu minifrigorífico e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Arranco a carica e guarda-o no bolso. Hoje de manhã vou precisar de algo que me anime.

Atravessando o *hall* com a cerveja, ouço passos à minha direita e olho e vejo Tiernan a subir pesadamente as escadas.

Inspira, não a sinto propriamente triste, mas frustrada.

– Que nojo – resmoneia só para si, a voz grossa ao soluçar. – Tenho… tipo caca de galinha debaixo das unhas. Que nojo. Porque é que ele é tão esquisito? Basta comprar as galinhas na loja como toda a gente, certo?

Quase deixo escapar uma fungadela, mas mantenho-me em silêncio. Ela ainda não deu por mim e não quero que isso aconteça. Ela é engraçada como o caraças e gosto de a ver irritada. O meu raiozinho de sol nesta grande e velha espelunca.

Mas sinto pena dela. Limpar o galinheiro não é pera doce.

– E é bom que ele fique satisfeito porque se não… – E desenha aspas no ar – … toca a fazer quinze vezes até ficar bem. – Imita a voz grossa do meu pai e as ordens idiotas por ordem alfabética.

Rio-me só para mim, profundamente deleitado. Alguém que o odeia mais do que eu.

Okay, *okay*, não o odeio. Eu só… me odeio a mim mesmo.

Ela dirige-se à casa de banho e não consigo evitar correr até lá e agarrar a maçaneta da porta antes dela.

– Há outra casa de banho lá em baixo – provoco, incapaz de não lhe foder ainda mais um pouco a manhã.

– Preciso do duche. – Franze a testa ao olhar para mim, os olhos rubros, mas a boca tensa. Usa tranças francesas giras de ambos os lados da cabeça e tenta agarrar a maçaneta no meu lugar.

– Vamos pescar – argumento, enfiando o meu corpo diante do dela na nossa batalha pela porta. – Vais sujar-te outra vez.

Dá-me uma palmada na mão.

– Cheguei primeiro! – E, então, puxa-me os braços e bate-me no peito. – Se precisas de mijar, *faz* isso lá em baixo.

– Também preciso de um duche.

– Porquê? – troça ela, repetindo-me as minhas palavras. – Vamos pescar.

– Porque esta manhã me sujei mais do que tu – digo, rindo alto, provocando-a.

Lança-me um olhar reprovador, dizendo-me que sabe exatamente como me sujei, mas nenhum de nós desiste. Puxo-lhe uma das tranças, dá-me uma cotovelada e eu rio-me, vendo também um leve sorriso a espreitar nela, enquanto lutamos.

Abro finalmente a porta, mas ela enfia-se lá dentro à minha frente para tentar entrar primeiro na casa de banho. Piso-lhe o pé e ela tropeça, mas agarro-a pela cintura e puxo-a para trás enquanto se apoia no caixilho da porta, sem se render.

Desato a rir à gargalhada, tomado por uma súbita necessidade de a deitar ao chão e a torturar com cócegas. Mal posso esperar por a levar ao lago. Não sei se alguma vez brinquei com uma mulher que não estava preocupado em foder.

Puxo-a do caixilho e ela grita, mas redunda em riso quando as pernas dela – à vista com calções de ganga – me pontapeiam e os *Vans* malcheirosos dela acertam na parede.

– Merda, tu fedes – comento. – Andaste a rebolar em estrume ou quê?

– Pisei-o! – rosna.

Desato aos risinhos. É como ter uma irmã mais nova. Se calhar, o dia até não vai correr assim tão mal.

Mas assim que concluo o pensamento, penetra outra vez o silêncio.

– Noah? – alguém diz.

Sinto o estômago a afundar e estaco, o meu sorriso a esmorecer aos poucos. Eu e Tiernan calamo-nos e largo-a, ambos pondo-nos direitos em pé ao rodarmos a cabeça na direção da porta do meu quarto.

Remi está ali parada à porta, a observar-nos.

E nitidamente não percebeu a dica para se ir embora, pois envergava apenas uma das minhas *T-shirts* em vez da sua roupa.

Curva o dedo para me chamar e eu preferia cortar o tomate esquerdo.

Empurro Tiernan para a casa de banho, seguindo-a, e bato a porta com força, trancando-nos lá. Empurro-a para a sanita.

– O que raio estás a fazer? – Lança-me um olhar fulminante.

– Senta-te lá – ordeno, estendendo a mão para trás da cortina do chuveiro e ligando a água. – Senta-te… até ela sair, está bem?

– Porquê?

Porque preciso de um bloqueador de pénis. O que achas, imbecil? Se tomar um duche sozinho, Remi pode tentar juntar-se ou uma merda do género.

– Faz lá o que eu digo – acabo por dizer.

Tiernan une as sobrancelhas, baralhada, e abano a cabeça.

O suor de Remi é como sentar-me sobre os meus pulmões com o milhar de outras manhãs a despertar para ver rostos como o dela. Não sou nada e quanto mais tempo permanecer sem me embebedar, mais tempo tenho de enfrentar tal facto. Bebo um gole de cerveja.

Mas, ao beber, Tiernan levanta-se de repente da sanita e salta para a porta.

Agarro a parte de trás dos calções dela e puxo-a para trás, o corpo dela chocando com o meu.

– Noah! – repreende-me.

Mas nem por isso deixo de a envolver, afastando-a da porta.

– Não me deixes. Ela quer outra vez o meu corpo.

– Ugh.

Seguro-a, bebendo outro grande gole.

Mas, então, ouve-se uma batida na madeira e imobilizamo-nos.

Nãooooo…

– Noah? – ouço Remi chamar. – Vais ao bar logo à noite? – pergunta a rapariga desde o outro lado da porta.

– Sim! – grita Tiernan. – Ele vai…

Ponho a minha mão livre sobre a boca dela.

E, então, segue-se outro berro vindo de lá de baixo.

– Noah!

Retraio-me. Que merda é esta? Hoje está toda a gente obcecada comigo? Graças a Deus que Kaleb não consegue falar.

Tiernan sova-me os braços e não sei porquê, mas aperto-a com mais força enquanto recuo face à porta trancada, fechando os olhos.

– Noah! – grita ele de novo.

– Estou no duche! – grito a plenos pulmões ao meu pai lá em baixo.

Porra.

Mas, nesse momento, Tiernan crava o calcanhar na minha perna e cambaleio para trás, caindo com ela nos meus braços.

A parte de trás dos meus joelhos bate na banheira, desequilibro-me e caímos ambos de costas lá dentro, Tiernan ainda nos meus braços ao desabar sobre o meu peito.

Ela grita, arrancando a cortina do chuveiro de duas argolas enquanto a minha coluna bate na louça e a cabeça dela no meu queixo.

Grunho.

– Oh, meu Deus – grita ela, cuspindo água quando o duche lhe encharca a roupa e cabelo e ela tenta sentar-se. – És louco. Que raio?

Mas tapo-lhe a boca com a mão e puxo-a para trás.

– Preciso que fiques.

A água jorra ao mesmo tempo que o vapor se ergue no ar e apuro os ouvidos, à escuta das pessoas de quem me escondo enquanto sinto um nó no estômago por ser uma menina de merda.

– Noah! – grita o meu pai lá em baixo.

Deixo descair a cabeça para trás e suspiro.

– Foda-se, mas porque é que não te calas?

Afasto a mão da boca dela, mas, quando tenta levantar-se de repente, agarro-lhe o raio da gola e puxo-a de novo para mim.

– Eles vão embora se não fizermos barulho – digo-lhe.

– Viste bem o teu pai? – despeja ela. – É maior do que a porta, Noah. Basta-lhe fazer força com a mão e, se entrar por aqui dentro, vai obrigar-me a fazer mais tarefas e já fiz as minhas coisas da manhã!

– Chiu! – Tapo-lhe de novo a boca com a mão. – Vão calar-se se ficarmos mesmo, mesmo calados.

Murmura atrás da minha mão, soando algo tipo:

– És um idiota.

Sorrio. É um pouco como ser criança, escondido dos pais. Como brincar às escondidas. Nunca tive muito disso. Kaleb deixou de falar quando eu tinha três anos – demasiado jovem para me lembrar, por isso nunca o recordo como brincalhão.

Contudo, houve umas quantas vezes com o meu pai. Algumas boas recordações antes de ele ficar mais velho e mais zangado.

Olho para baixo para Tiernan.

Ontem sentia-me zangado com ela.

Mas depois já não.

Eles não falam comigo. Ninguém fala comigo.

Num minuto, apetecia-me torcer-lhe o pescoço, mas, no seguinte, queria agarrá-la.

Percebi. Sabia o que estava errado.

Ela inspira rápida e subitamente e belisco-lhe o nariz antes que espirre.

Ainda assim, acaba por fazê-lo e cospe-me na mão e resfolego com o leve queixume dela. Limpo a mão e volto a prendê-la com o braço.

– Como era em Los Angeles? – pergunto-lhe. – Conta-me algo sobre a tua vida.

Qualquer coisa. Quero ir a algum lado, mesmo se não conseguir sair da banheira.

Mas ela permanece em silêncio.

Volto a recostar a cabeça, olhando para o teto.

– Alguma vez te sentiste como se estivesses presa numa caixa? – murmuro. – E tudo o que vês são quatro paredes, faças o que fizeres? Por muito que andes, a vista nunca muda?

– Não me podes perguntar o que fazer para ser feliz – diz ela. – Vim para o Colorado.

Pois, isso não vai resultar comigo.

Mas com ela…?

– Resultou? – pergunto, puxando-lhe ao de leve a trança ao ver que permanece calada. – Prima?

Afasta a cabeça, fazendo uma careta, mas vejo um sorriso a espreitar.

– A vista é um bocadinho melhor, sim.

Mas, depois, ela faz uma cara de espanto.

– Estás a sangrar do nariz.

Limpo-o, puxando a mão atrás e vendo sangue nos meus dedos. Passo umas vezes por água, lavando o sangue.

– Não precisas de ser tão violenta – digo enquanto lhe cravo um dedo de lado por me ter dado uma cabeçada.

Contorce-se.

– Não, para – contesta quando volto a cravar-lhe o dedo. – Não gosto de cócegas.

Rio-me e continuo a espetar-lhe os dedos nos flancos. Ela guincha, tentando libertar-se, mas não tem onde ir.

– Noah? – Ouve-se uma batida forte na porta. – Vais sair daí? Tenho de ir.

Tiernan olha para mim e espeto-lhe uma vez mais o dedo.

– O Noah não está aqui – digo-lhe para ela dizer.

Ela dá-me uma palmada na mão.

– Não.

– Diz.

– Não! – diz, entre um sussurro e um grito.

Volto a cravar-lhe o dedo e ela encolhe-se.

– Diz.

– É maldoso – replica entre dentes. – Não!

Agarro-lhe o braço.

– Mordo-te.

Dá-me outra palmada quando se ouve nova batida à porta.

Lanço-me a ela. Agarrando-lhe no antebraço com os dois punhos, vejo-a a arregalar os olhos de medo e torço, vendo-a a espernear e a gritar.

– Ai!

Lutamos, com água a saltar por todo o lado, e ela pontapeia e soca, o cotovelo quase a acertar-me no meio das pernas.

– Para – cospe ela, mas desata incontrolavelmente aos risinhos e por fim largo-a.

– Estás a rir-te – digo-lhe.

– Não estou nada. – Senta-se, endireitando-se.

A minha respiração acalma e a batida do meu coração abranda quando afasta cabelo da cara, mas sem dar sinais de pretender sair do duche.

Recosto-me, ambos os braços pousados nas laterais da banheira e ela encostada à parede, as pernas para cima e as *Vans* dependuradas do lado de fora.

– Porque é que não queres sorrir? – pergunto-lhe.

Ela não pede nada – não parece querer nada. Ontem, pareceu que não a afetou quando Kaleb a excluiu.

Estendo o braço, roçando o polegar sobre a pele entre as sobrancelhas dela.

– As rugas estão sempre aqui – digo-lhe, e então passo a mão pelo canto da boca onde as rugas de riso dela deveriam estar. – Só que não estão.

Olha para mim. A água salpica à nossa volta e vejo gotas a escorrer-lhe pelo rosto e a ficarem presas nos lábios. Lábios grossos e rosados e que parecem gomas, suaves e mastigáveis.

Por reflexo, cerro os dentes.

– Noah! – O meu pai bate à porta.

Mas mal pestanejo, incapaz de desviar os olhos dela. As pernas molhadas dela, a água a deslizar pela frincha de peito visível, devido ao botão perdido da minha camisa…

Tiernan sustém o meu olhar.

– O Noah não está aqui – anuncia ela.

E sorrio, faço-lhe cócegas no pescoço e ela tenta morder-me antes de eu afastar o dedo, rindo entre dentes.

Os passos do meu pai afastam-se e não sei se ele acredita em Tiernan ou não, mas pelo menos está a ir embora.

Com sorte, Remi também estará a seguir o seu caminho. Por norma, sentia-me mal por tentar mandar as raparigas embora de casa depois de terminarmos, mas não consigo importar-me desta vez.

Mas a culpa não é de Remi. Sei disso. Ela é apenas um lembrete de como desperdiço o meu tempo.

Tiernan remexe atrás dela e agarra a minha garrafa de cerveja, que a dada altura perdi.

Ergue as sobrancelhas ao olhar para mim.

– Vamos pescar – digo-lhe. – É dia de beber.

E agarro a garrafa, percebendo que ainda vai a meio quando bebo um gole.

Ela abana a cabeça, mas vejo no seu olhar que sorri.

Mantemo-nos em silêncio por uns segundos e a modos que sinto que também ela não quer sair dali.

– Adoro a praia – murmura, por fim.

Olho de repente para ela.

– Em Los Angeles – esclarece, sem olhar para mim. – Acho que era aquilo de que mais gostava.

Oh, certo. Perguntei-lhe como era a sua vida na Califórnia.

Olha de relance para mim, um sorriso a espreitar.

– Estou a ver-te – provoca.

Então não estás. Ocupo o espaço todo.

Faz uma pausa ao olhar para mim.

– Quando eu tinha catorze anos, era obcecada por canções antigas. Não sei porquê.

Escuto, apreciando ter com quem falar na casa.

Ela prossegue:

– Descobri que «Surf City, U.S.A.» era na realidade Huntington Beach, na Califórnia. Assim, numa manhã chuvosa, peguei na *47 Ford Woody* do meu pai – riu-se um pouco –, a única coisa que ele tinha que adorava, e conduzi até Surf City. Os meus pais ainda estavam na cama e eu estava nas

férias da primavera. Eu nunca tinha pegado num dos carros dele. Ainda nem sequer tinha carta. Peguei numa mochila, enchi-a de livros e… fiz-me à estrada.

Baixa o olhar, algo que não identifico a enrugar-lhe a testa. Estreito os olhos ao vê-la remexer alheadamente na bainha da minha camisa que ela veste.

Algo aconteceu naquele dia.

Quando volta a falar, a voz é praticamente um sussurro.

– Ainda era cedo quando lá cheguei. Sentei-me na praia, a ver as ondas da manhã. – Um ar nostálgico preenche-lhe os olhos. – Era tão lindo. As pessoas adoram olhar para o mar ao nascer do Sol ou ao pôr do Sol, mas eu adoro olhar antes mesmo de o Sol nascer ou logo a seguir a pôr-se. – Uma centelha de entusiasmo ilumina-lhe os olhos cinzentos ao fitar-me. – Está tudo tão calmo e a água tem um tom azul-acinzentado, como nuvens de tempestade. Um mar de nuvens de tempestade – reflete. – Os sons das nuvens como um metrónomo a percorrer-nos o corpo. A chuva a bater-nos nos ombros. O horizonte infinito e o sonho de ir e perder-me algures por ali. Não está ninguém. É tranquilo.

Um olhar solene apodera-se dela e seguro a cerveja entre as mãos, observando-a.

– Ao fim de algum tempo – prossegue –, finalmente levanto-me, pego na mochila e ponho-o às costas. Estava tão pesada com os livros que os meus joelhos iam cedendo.

Engole em seco.

– Mas aguentei-me – murmura. – E entrei na água.

Cinjo a mão sobre a garrafa. *Entrei na.…*

– Entrei até a água me dar pela cintura – diz tranquilamente, fitando o vazio. – E depois até aos ombros.

Com um monte de livros às costas, para fazer peso.

– E, quando a água me chegou à boca, comecei a nadar – conta-me. – A esforçar-me enquanto avançava pela água o mais depressa e intensamente que conseguia, pois não era forte, e sabia que a qualquer momento o peso da mochila iria puxar-me para baixo, mas eu queria ir mais longe. Necessitava de ir mais fundo. – Hesita, sussurrando as palavras como quem

pensa em voz alta. – Tão fundo que não pudesse voltar acima. Para eu não *conseguir* voltar. Os meus pés já não tocavam no leito do mar. Eu ia cada vez mais longe, em todos os sentidos.

Eu conhecia tal sensação. O limite em que dançamos quando queremos chegar ao ponto de não retorno, para não dispormos de outra opção que não seja seguir em frente, mas acagacei-me sempre. Sempre temi aquilo que não podia desfazer.

– Recordo aquele último momento – diz ela, com pingos a deslizar pela sua pele agora morena. – Quando senti os músculos a arder, por ter recorrido a todas as minhas forças para me manter e à mochila, à tona. – Ela abanou suavemente a cabeça. – Deixa-te ir, deixa acontecer, disse a mim mesma. Fá-lo. Fá-lo. Deixar-me ir.

Imagino-a, um cais ali perto enquanto se esforça por manter a cabeça fora de água e sabendo que quase nada a poderia salvar da profundidade abaixo.

– Larguei a mochila. – Pisca os olhos. – Nem sequer fui ao fundo.

Logicamente, eu sabia disso. Ela ainda aqui estava, certo?

Mas, mesmo assim, fico grato em saber que ficar não foi uma decisão difícil.

– Porque é que a largaste?

– Não sei. Talvez não tivesse mesmo a intenção.

Estendo o braço e roço no maxilar com as costas dos dedos.

– Ou talvez soubesses que tinhas isto e ias ficar bem.

Toda a gente, a dada altura, equaciona o suicídio, nem que seja por um minuto.

E uma única coisa é por norma a raiz do tudo. A solidão.

Ela deveria ter estado connosco. Como é que o meu pai não estabeleceu contacto? Convidá-la para passar os verões? Os pais dela teriam deixado. Provavelmente, até teriam ficado contentes por se livrar dela.

E também eu teria tido todo o gosto em contar com alguém para conversar. Eu próprio menos sozinho.

– Eles alguma vez perceberam que fugiste? – pergunto.

Ela assente com a cabeça.

– Cerca de um mês mais tarde. Quando receberam a conta dos livros da biblioteca por pagar que deixei no fundo do mar.

Solto uma gargalhada e volto a puxar a trança dela, vendo-lhe também o sorriso. Primeira lição ao roubar o carro do papá, querida – não deixes rasto.

Bebo mais um gole e passo-lhe a cerveja.

– Alguma vez regressaste a essa praia?

– Sempre que chove – responde, voltando-se para mim. – Só que agora levo só um livro e os meus auriculares.

Ela bebe uma grande golada e devolve a garrafa.

Gosto disto. Não recordo a última vez que esta casa soube tão bem.

– Tens isto – ouço-a dizer.

Olho e vejo-a a olhar para mim.

– E vais ficar bem – conclui ela.

Repetiu as palavras que lhe dirigi.

E melhor ainda… Não tive de lhe dizer. Se pelo menos o meu pai visse algo mais para lá da ponta do nariz dele.

– Seca-te – diz ela, levantando-se. – E despacha-te.

Emborco o resto da cerveja, deixando-o na base do sabonete, e seco-me, trocando de lugar com ela. Os nossos peitos roçam um no outro quando ela se encolhe para passar e inclino a cabeça para trás, deixando que a água escorra pelo escalpe. Ela vira-se de imediato para a parte de trás da banheira para me dar privacidade.

– Podes querer sair. – Puxo-lhe duas vezes a trança. – Para eu poder despir-me.

– Estou encharcada.

Como queiras.

Dispo as calças de ganga e torço-as, atirando-as para fora do duche e vendo os olhos dela a acompanhar. Endireita as costas ao prender as mãos atrás das costas com uma calma forçada.

Lavo e esfrego os músculos do pescoço, mas não desvio os olhos das costas dela nem por um segundo.

Ela necessita de imensa coisa e tudo coisas que não dá para comprar. Precisa de se rir e embebedar-se. Precisa que lhe façam cócegas e de ser acarinhada e provocada. Não quero vê-la chorar, mas, se assim for, quero que saiba que há conforto.

Ela tem um lar.

Levo a cabeça do chuveiro à parede, pelo que já estou livre da água, e retiro uma toalha do toalheiro, envolvendo-a à cintura.

Aproximando-me, ponho-me logo atrás dela, apreciando o seu nervosismo. Mal respira.

Então, ao ocorrer-me o que mais pode faltar a uma jovem mulher, o meu sorriso desvanece.

Como é que ela se sente quando se deixa levar?

Pego na trança dele, esfregando-lhe o cabelo entre os dedos enquanto lambo os meus lábios de repente secos.

Olha para mim, os seus olhos por uma vez grandes, e pestanejo para despertar.

Gentilmente, volto a puxar a trança.

– Panquecas de mirtilo? – imploro.

Franze os lábios e cruza os braços, desviando de novo o olhar.

Mas não diz que não.

– Obrigado. – E, então, deposito um beijo na testa dela e volto a puxar com força a trança, rindo e saltando da banheira enquanto na fuga me dá uma palmada nas costas.

Fecho a cortina do duche para ela e retiro outra toalha do toalheiro, secando o cabelo.

Dando a volta, deito a mão à porta e rodo a maçaneta, mas então vejo algo a sair do duche pelo canto do olho e estaco.

A camisa de flanela de Tiernan – a minha camisa – está caída fora da banheira.

Ergo de repente o olhar, cingindo a maçaneta conforme se move a silhueta dela através da cortina branca do chuveiro. A seguir, caem os calções de ganga e desvio o olhar, ainda agarrando a maçaneta.

O meu corpo aquece.

Ainda o ouço. Os ventos invernosos que soprarão pelo sótão daqui a poucos meses. O cheiro da neve que virá este inverno.

Meses de uma casa silenciosa e de escuridão e divisões com ela dentro. Momentos, duches, cantos, noites pacatas…

E, por uma vez, poderei sentir-me entusiasmado por aqui estar.

Sem pensar, volto a rodar a fechadura e observo-a através da cortina.

Quase vejo a roupa interior a colar-se ao corpo dela. Recordo a barriga das pernas e as coxas tonificadas.

E se ela gosta de mim? E se é só uma vez? Um segredo? Algo que o meu pai nunca terá de saber?

Talvez não hoje, mas talvez amanhã. Ou na semana seguinte. Aqui, no chuveiro, onde ninguém tem de ver.

Mas abano a cabeça e destranco a porta, saindo rapidamente.

Jesus Cristo. Não é disso que ela precisa.

E não estou a precisar de mais uma conquista.

Tenho de fazer um exame à cabeça. A pobre miúda acabou de perder os pais.

– Oh, uau – diz Tiernan, descendo da carrinha e olhando para a cascata.

Levei duas horas a terminar as tarefas, encher a carrinha de cerveja, *snacks* e material de pesca, e vir até aqui a conduzir.

Bato a porta quando Kaleb se dirige para a água.

– Pois… – Olho para o outro lado da pequena lagoa até à cascata que verte sobre o penhasco, atingindo a superfície, e a água serena que flui do recanto até um ribeiro à esquerda.

– Já percebo porque é que nunca foi embora – comenta ela, sorrindo para o meu pai.

Ele sorri-lhe, despindo a camisa.

Espreito para Tiernan, dando com ela a corar ao desviar o olhar para a queda de água.

Cerro os dentes.

– Certo? – reajo com sarcasmo. – Porque o resto do mundo nada mais tem para oferecer.

Lanço um olhar ao meu pai e vejo-o a estreitar os olhos na minha direção.

– Vai buscar a arca frigorífica – ordena.

Sorrio maliciosamente a mim mesmo enquanto faço o que me foi ordenado. Retirando a arca da caixa aberta, levo-a para a praia, com Tiernan a seguir-me. Sinto-me chateado por ela ter ido sozinha à outra lagoa, mas ainda bem que a trouxemos a esta pela primeira vez. Esta é mais divertida.

– Mais ninguém aqui vem? – pergunta.

Pouso a arca, vendo-a a olhar em volta para a pequena praia vazia.

– Vem – digo-lhe. – Mas ainda é cedo. Mas no inverno é toda nossa.

Dispo a camisa e descalço os sapatos.

– Um lago gelado – reflete ela. – Só para nós. Fantástico.

Erguem-se penhascos diante de nós, a água jorrando enquanto árvores e vegetação nos cercam, protegendo-nos da luz solar intensa, mas à esquerda o arvoredo abre um pouco para o rio que gorgoleja sobre rochas. Granito e musgo enchem-me as narinas e poderia apreciar a vista se não tivesse aqui estado já um milhar de vezes.

Olho para Tiernan, apreciando mais essa vista. Veste um par de calções brancos e uma das suas blusas em xadrez, mas é cor-de-rosa e azul e parece ser uma das caras. Observo o conjunto dela. Vai nadar com aquilo ou…?

– Estás bem? – pergunto-lhe, ao reparar que está especada.

Mas, ao acompanhar o seu olhar, vejo que observa Kaleb. Ele trepa ao penhasco junto à cascata, vestindo apenas *jeans*.

– Sim.

– Vamos mergulhar – digo-lhe. – Queres vir?

– Mergulhar? – Baixa os óculos de sol dos olhos. – Não vais espantar o peixe?

Rio-me.

– Desculpas, desculpas.

E entro na água, mergulhando ao fim de uns passos. A queda salpica, agitando a água fria, e não consigo conter o sorriso quando alcanço o meu irmão.

– Ela é mesmo um bom motivo para ficar, não é? – digo-lhe, uns metros à minha frente. – Gosto de a ter por cá.

Kaleb prossegue caminho, trepando o declive até ao cimo da cascata.

– Assente uma vez se estás a pensar nas coisas em que estou a pensar – digo.

Por fim, ele olha para mim, os seus olhos negros inexpressivos como sempre ao deter a sua subida.

Mas eu prossigo.

– Eu sei que estás – provoco. – Lançaste-te de tal maneira a ela na outra noite que ela nem conseguia falar.

Ele desvia o olhar, de volta para a praia onde se encontra Tiernan. Eu também olho, reparando que ela despiu a blusa, ostentando um biquíni branco num corpo que ela esconde muito bem por baixo das minhas roupas.

As mamas dela são quase demasiado grandes para o *top*, e ela mantém os calções ao sentar-se na nossa manta, braços apoiados nos joelhos e olhando para nós através dos seus óculos de sol.

– A que é que ela soube? – pergunto.

Mas, quando me volto, Kaleb já trepa de novo, o suor a fazer o seu cabelo preto colar-se ao pescoço e têmporas.

– Kaleb? – Pego num seixo e atiro-lho às pernas. – Como foi?

Mostra-me má cara, mas continua a subir.

Espreito de novo para trás para ela. O meu pai agacha-se ao lado dela, mostrando-lhe como se põe o isco num anzol. Tenho de lhe dar crédito. Ela está a fazer-lhe as vontades. Odeio pescar, foda-se.

– Como será ela quando se sente feliz? – digo-lhe. – Quando se entrega a alguém e permite-se a desejar.

Adoraria ver como ela é quando se sente viva.

– Detestei aquilo ontem, sabes? Vê-la daquela maneira. – Nem sei se ele me presta atenção, mas estou sempre a olhar para ela. – Ela precisa de nós.

Eu preciso de outra presença na casa se quero aguentar mais um inverno aqui.

Volto-me para Kaleb e ele parou. Olha para baixo para mim.

– Não a espantes – aviso-o. – Falo a sério. Se ela ficar, eu fico. – A seguir, acrescento. – Pelo inverno, pelo menos.

10

Tiernan

– Disseste que não querias pescar – diz o meu tio atrás de mim.

Bobino a linha, espreitando por cima do ombro e vendo-o a aproximar-se.

Volto-me de novo para a frente.

Ele descobriu-me.

A minha camisa de flanela, atada pela cintura, esvoaça contra as minhas pernas enquanto sinto uma impressão na pele das minhas costas e ombros despidos.

Para junto a mim, mordendo o meu isco.

Depois de os rapazes terem ido a correr para mergulhar do penhasco, Jake tentou levar-me a pescar, dando-me uma seca sobre carreto, cana de pescar e como lançar uma linha, mas mal ouvi. O salto de Kaleb do alto da cascata afundou-me o estômago mais ainda do que durante a interação com Noah esta manhã.

Não quis que ele deixasse o chuveiro.

Esperei que ele me tocasse.

– Não gostas de ajuda, pois não? – pergunta-me Jake.

Inspiro fundo. *Nem por sombras.* E foi por isso que me escapuli até aqui quando não estavas a olhar para o fazer sozinho.

Observo o fluxo da água no ponto onde a minha linha desaparece abaixo da superfície. Os peixes nadam mesmo em regatos com uma corrente tão forte?

– Não estás a pedir, sabes? – prossegue ele, tentando apanhar o meu olhar. – Eu estava a oferecer.

– Sou uma solitária.

Resfolega entre dentes. A corrente puxa a linha e enrolo-a uns centímetros enquanto ele lança a dele, o carreto a cantar ruidosamente.

Aclara a garganta.

– Então, como é que sabes disparar e não pescar?

– Nunca me dei ao trabalho de aprender.

– E agora?

Lanço-lhe um olhar.

– Não quero ser a única que não sabe como.

Não quero os rapazes a fazer tudo por mim. E aprender coisas novas mantém-me a mente ocupada. Sei fazer origamis, tocar três canções no *ukulele*, datilografar setenta palavras num minuto e levei apenas três meses a aprender a fazer o pino.

– Competitiva, hein?

– Não, porquê? – Arqueio uma sobrancelha. – É uma característica da família de Haas?

– Não, dos Van der Berg.

Olho para ele. Contei com um comentário sobre a minha família.

– Agora, és nossa – disse ele, olhando para baixo para os meus olhos.

Agora, és nossa.

Aqui, és uma Van der Berg, dissera Noah.

Os olhos brandos de Jake sustêm os meus e a forma como me fita aquece-me o peito, e não sei porquê. Noah e Kaleb estão a quilómetros de distância.

Desvio o olhar, de repente consciente de que ele está semidespido, mas o olhar dele mantém-se em mim. Vejo-o pelo canto do olho ao enrolar de novo um pouco a minha linha. O odor dele cerca-me – uma mistura de erva, café e algo mais que não sei situar.

– Estas coisas são como cordas – diz ele e sinto-o a tocar numa das minhas tranças.

Aperta a minha trança grossa loura e larga-a, aclarando a garganta.

– Posso dizer-te uma coisa? – questiona.

Espreito para ele, o coração acelerado.

– O peixe por norma está onde há uma mudança na corrente ou uma mudança na profundidade – diz-me. – Estás a ver aquele redemoinho ali. A água parada junto à rocha?

Sigo o olhar para onde ele aponta, olhando para lá do pequeno rápido e da correnteza, para a pequena lagoa com um remoinho suave.

Assinto.

– É onde queremos pôr a tua linha – explica. – Vão estar à espera de insetos, vairões e todos os outros pequenotes que são apanhados pelos rápidos.

Oh.

Faz sentido. Pensei que os peixes nadavam por todo o lado.

Pousando a cana dele, pega na minha, bobina-a e depois agarra-me a mão, orientando-me para a corrente.

Cinjo o meu aperto, sentindo os sulcos da palma áspera dele na minha, quase desejando passar lá os meus dedos para sentir melhor.

O meu pé toca na água fria, os meus sapatos enchendo-se de imediato conforme avançamos uns passos, e ele põe-se atrás de mim, encaixando a minha mão na sua e pondo ambas as nossas na pega.

Imobilizo-me, o seu peito despido cobrindo as minhas costas nuas, e fecho os olhos por um momento.

Puxando os nossos braços para trás, em uníssono, ele lança a linha, deixando-a voar até à lagoa parada e enrolando-a de novo para trás.

– Se não gostas de pescar – diz ele atrás de mim, com uma voz grave e rouca –, há uma gruta muito porreira atrás da queda de água. Não é muito profunda, mas é sossegada.

Voltamos a lançar a linha, tentando chegar ao outro lado da lagoa.

– Parece o lugar ideal para os adolescentes fazerem umas coisas marotas – gracejo.

– Por acaso… – Ri-se.

Oh, fantástico. Imagino o que os rapazes armam lá, tendo crescido por estas bandas.

– Se um tipo te leva lá – diz-me –, já sabes o que ele quer.

– Então, se calhar devia levar-me lá.

Ele para de rebobinar o carreto e eu paro de respirar. Aquilo soou…

Oh, meu Deus.

– Consigo, estaria em segurança – apresso-me a acrescentar, virando a cabeça para olhar para ele. – Certo, não?

Fita-me, quase como se também não respirasse.

– Sim – murmura.

Termina de rebobinar a linha e pego-lhe. Puxando o braço atrás lentamente para lhe dar tempo para se desviar, lanço a linha, pressionando o polegar no botão assim que o meu braço dispara à minha frente. A linha – prateada sob a luz do sol – cintila ao voar e faço-a pousar precisamente na beira mais distante da lagoa.

– Muito bem – diz ele. – Outra vez.

O calor dele cobre-me as costas, levando o resto do meu corpo a sentir a falta desse calor. Enrolo a linha.

Segurando a pega, inspiro pelo nariz e finalmente identifico a parte do seu odor que antes me passara ao lado. Lenha queimada. Cheira à noite.

Incapaz de me deter, recosto-me um pouco, encostando as minhas costas ao peito dele conforme assenta a mão na pega.

– Estou muito em cima de ti?

– Não. – Abano a cabeça.

Aqui estou, a afirmar que não necessito de ajuda, mas, por favor, não tires a mão de mim.

Ele encaixa o seu aperto sobre o meu, ambos segurando a pega e o meu braço pousado sobre o dele.

Puxa o meu braço atrás.

– Atrás – sussurra, com o meu polegar no botão e o polegar dele em mim. E então lançamos, rodando os pulsos quando ele grita «Larga», projetando a linha até bem longe na corrente.

Esvoaça no ar, puxada pelo peso do isco e mergulha na água com um *pluc*.

O peito dele move-se rapidamente atrás de mim e mal ouço a voz dele quando diz:

– Muito bem, Tiernan.

Mas ele não se move.

Uma leve película de suor cobre-me a testa, os meus seios sobem e questiono-me se ele os fita. Espero…

– Desde a mãe dele que não tínhamos uma mulher na casa – conta-me. – Eu não tenho um… grande registo no que toca a cuidar de mulheres.

Olho por cima do ombro para ele.

Ele abana a cabeça, sussurrando.

– Por muito que me esforce.

A sua testa está marcada pela dor enquanto se concentra na corrente e eu sinto um aperto na garganta.

O seu primeiro amor suicidou-se e a mãe dos seus filhos foi enviada para a prisão. Ele sente-se responsável.

– Achei que protegia o Kaleb e o Noah, mantendo-os aqui isolados – conta, olhando para a sua linha. – Mas acho que desisti. Não quis voltar a falhar.

Fito os olhos dele e reparo como ainda são jovens. Como revelam tudo o que ele ainda deseja.

– Nem sequer tive o desejo de tentar – murmura.

Então, olha para mim e tudo o resto para.

– Mas, agora, temos-te a ti – diz-me.

O seu olhar ardente paralisa-me e algo me repuxa toda a pele, implorando por algo.

As mãos dele. As mãos ásperas dele.

Sinto calor a acumular-se na minha barriga e estou húmida. Sinto as minhas coxas escorregadias ao latejar, o embaraço a subir-me às bochechas.

A cana de pesca escorrega-me entre os dedos, assusto-me, inspirando fundo, e vejo a corrente a levá-la, balouçando nas águas.

– Desculpe – digo de pronto. Fico com a boca aberta e recuo, olhando para Jake. – Eu…

Esforço-me por me manter equilibrada sobre as pedras molhadas.

Ele abana a cabeça e fala num tom suave.

– Não tem mal – diz, observando-me. – Tiernan.

– Peço imensa desculpa – insisto e saio a correr, apressando-me pela praia e correndo para a lagoa.

Tenho de mergulhar. Tenho de enfiar todo o meu corpo em água fria.

Oh, meu Deus. O que foi aquilo? Ele sabia no que estava eu a pensar? Será que percebeu? Ele a abrir-se e eu a ficar toda excitada?

Corro para a lagoa, sem que se vejam os rapazes. Despindo os calções e descalçando-me, caminho uns metros na água e mergulho, com a água pura fria a cobrir-me o corpo e massajando-me o escalpe. Os meus poros abrem-se, libertando mais calor, e continuo a nadar, sem querer vir à tona e exibir a minha vergonha.

Apenas quando os meus pulmões estão penosamente no seu limite é que venho à superfície, inspirando fundo várias vezes. A queda de água ribomba, abafando todos os outros sons e envolvendo-me numa espécie de silêncio enquanto a névoa me açoita o rosto.

Jake deve achar que sou uma menininha. Emotiva. Errática.

Fecho os olhos e afundo-me de novo debaixo de água. *Credo*.

Nado à volta da cascata, agarrando-me à rocha enquanto a água me sova as costas. O sol desapareceu e venho acima, arfando por ar e afastando o cabelo para trás.

Olho em volta, a água a ribombar atrás de mim e es-cudando-me de tudo. Vejo a entrada da gruta referida por Jake e sigo pela saliência de pedra, rumando para lá, pois é um bom lugar para me esconder por uns momentos.

Os meus pés tocam em pedras afiadas debaixo de água, porções de água gelada a atingirem-me a pele enquanto me ergo ligeiramente para me apoiar. A água flui para a gruta, saliências de ambos os lados, e os pelos da nuca eriçam-se enquanto olho em volta pela caverna escura. Posso subir aos carreiros na lateral do túnel e entrar ainda mais. Quem saberá quantas grutas e espaços haverá dos lados?

Inclinando a cabeça para trás, sinto pingas a embater-me no rosto como se o teto sangrasse e inspiro o odor bafiento da pedra húmida e da terra escura que me invade os pulmões.

Há um polvo gigante vermelho pintado a *spray* na parede à minha direita, lascado e desbotado ao fim de anos de erosão. Estaria aqui da última vez que o meu tio cá veio?

Os rapazes terão vindo aqui?

Sinto o estômago às voltas ao fechar os olhos, deixando o meu coração acalmar e a cabeça vaguear.

Não deveria ter tido aqueles pensamentos sobre Noah no chuveiro. Devia ter travado Kaleb assim que ele começou.

Não devia sentir-me… nervosa junto de Jake Van der Berg. Estou desesperada por atenção e confusa.

Sabe bem.

E, neste momento, quero-o. Afastando-me por detrás das minhas pálpebras pesadas, mergulho bem fundo na minha mente, na gruta escura e cercada pelo troar da água, para que ninguém além de mim ouça os meus

pensamentos.

Aqui, estou a salvo.

Ele está ali. Perto, estendendo-me a mão.

Sigo enquanto me conduz mais para o fundo da gruta e quero acompanhá-lo. Quero que ele me queira num lugar escuro e recatado. O meu biquíni solta-se e o meu instinto é tapar-me, mas ele aproxima-se e cobre-me os seios com ambas as mãos antes de eu poder reagir.

Gemo face às imagens na minha mente, agarrando-me à rocha para me apoiar. A pequena pulsação entre as minhas pernas intensifica-se e enfio a mão debaixo de água e entre as pernas.

Respiro arduamente. *Merda*. Meu Deus, quero…

Quero…

Ele aperta-me, puxando-me com força contra o seu peito húmido e não fala. Isto é segredo.

Os meus mamilos enrijecem, as pontas duras e pequenas espetando-se através do meu *top* de natação, e massajo o meu dedo do meio sobre o meu clitóris em círculos pequenos e lentos. Agarrando a rocha junto à minha cabeça, imagino-o nas minhas costas e abano a cabeça, tentando imaginar outra pessoa.

Podia ser qualquer um.

Mas é o mesmo corpo rijo beijado pelo sol encostado ao meu, os seus dedos duros na minha carne macia, e estou tão húmida e quente e tão…

Vazia.

Massajo mais intensamente, arquejando e gemendo, sozinha na gruta, mas necessito de algo mais. Algo que não consigo dar a mim mesma.

Algo sólido dentro de mim e a minha boca nele e os olhos dele mirando um corpo que deseja tocar, mas não pode, e tomando-me com mãos possessivas com os seus olhos libidinosos e fazendo o meu coração bater com força no peito.

Ele odeia o meu pai, mas deseja-me.

O meu clitóris pulsa ao sentir o orgasmo chegar e quero que ele me faça gritar e vir e sentir tudo o que estou farta de não sentir. Quero sentir-me arrebatada.

Fode-me.

Fode-me.

– Não! – alguém grita de repente. – Para!

Abro os olhos, retirando a mão de dentro de mim. A pulsação entre as coxas enfurece-se quando o orgasmo desaparece com pesar.

– Não, eu disse… – Mas a voz baixa a um murmúrio e olho rapidamente em volta, em busca de alguém.

Quem é?

Meu Deus, se alguém viu…

Rodo o pescoço, observando a gruta vazia e nenhum corpo na lagoa ou junto à cascata.

– Ugh! – grita uma mulher e ouço um arrastar conforme recuo.

Não havia mais ninguém na praia quando chegámos e não reparei que tivesse aparecido alguém. Quem…?

Mas, assim que entro de novo na água, preparada para saltar, emerge uma figura da escuridão e paraliso quando uma jovem sai de algum túnel ou gruta anexa.

Ela vê-me e para.

Cici Diggins. A mulher da farmácia, que se mostrou um pouco interessada demais em saber quem eu era. Deve ter chegado enquanto eu pescava. Veste um biquíni azul, com o seu cabelo comprido escuro molhado e a pingar em volta dela, e vejo um fio de sangue a escorrer-lhe de uma das narinas.

Estreito os olhos. Porque sangra…

Passa por mim, mais acima na saliência, e mergulha na água, desaparecendo para lá da cascata.

O que diabo? Quem lhe bateu?

Nesse preciso momento, ouço seixos a remexer e viro-me a tempo de ver Kaleb sair do mesmo túnel por onde ela acabara de aparecer.

A água cintila nos seus olhos escuros quando me fita e ele avança, descendo para a água e afundando até à cintura, envergando apenas os seus *jeans*.

Avança para mim e recuo até à cascata, sem pestanejar.

Ele bateu-lhe? Observo-lhe o rosto e o corpo com atenção, e não vejo marcas de autodefesa.

O espaço é escuro e somos só nós, o olhar duro dele a incidir em mim quanto mais se aproxima e sinto o coração a bater na garganta.

Mas então… limita-se a passar por mim. Mergulhando sob a queda de água, também desaparece e o receio face ao que eu fazia a mim mesma debaixo de água com eles aqui é felizmente abafado pelo que raio se estava a passar naquele túnel.

Ela discutia o quê com ele? Não foi ele que lhe fez aquilo, pois não?

E como raio se discute com alguém que não fala? Como é que isso funciona?

Saio da gruta, nadando debaixo de água e de regresso ao meio da lagoa. O meu tio carrega a carrinha ao longe. Noah ajuda-o e vejo os tipos a trabalhar, as minhas faces a enrubescer ao recordar a minha fantasia. Não cheguei a pôr um rosto no sonho, mas sei quem era.

Não tem mal.

Toda a gente tem pensamentos. Toda a gente se toca a si mesmo. Um terapeuta diria que procuro um escape para lidar com os meus problemas. Era mesmo isso, e mais valia isso do que drogas ou álcool.

A brisa levanta uma leve ondulação na água e mergulho lá os lábios, molhando-os enquanto os vejo a carregar a carrinha.

Mas senti-me bem. A sensação dele nas minhas costas, o cheiro dele à minha volta, a ideia da cama dele coberta com aquele odor…

– Tiernan, vamos! – grita-me o Noah.

Pestanejo, olhando para ele. Monta a moto dele.

– Está a haver uma corrida *pop-up* em Gent – anuncia. – Vamos embora!

Uma corrida *pop-up*?

Kaleb passa a perna por cima da outra moto, enquanto Jake entra na carrinha, e eu assinto rapidamente, nadando para a margem.

Não sei bem o que será uma corrida *pop-up*, mas parece-me algo barulhento. E cheio de gente.

Duas coisas que por norma odeio, mas talvez Jake desta vez não tenha razão. Talvez uma distração agradável não familiar longe do cume seja, afinal, exatamente o que preciso.

É certo que os três tipos mais bem-parecidos da aldeia vivem sob o mesmo teto que eu, mas vamos a Gent, certo? Toda uma nova fonte de miúdas, como diria Noah.

– O que é uma corrida *pop-up*?

Jake olha na minha direção conforme avança por entre a multidão e se encaminha para uma clareira à esquerda.

Colinas verdes erguem-se de ambos os lados diante de mim conforme o sol lentamente se abate atrás e o fumo da fogueira pica-me os olhos. Bombinhas, restos provavelmente do 4 de Julho, rebentam ao longe e inalo o cheiro a churrasco.

– Uma boa oportunidade para conhecer gente – responde. – É quase fora da estação. É só um bando de corredores, vendedores e patrocinadores a fazer um bom último treino e a ganhar algum dinheiro.

A carrinha saltita pelo terreno de erva e terra e ele por fim para, puxando o travão.

– O que faço aqui? – pergunto.

– Não te afastes da nossa tenda, só isso.

Ele desce da viatura e sigo-o até à traseira enquanto ele baixa a tampa.

Franzo o sobrolho, mas ajudo-o a descarregar. Noah aparece a grande velocidade, com Kaleb atrás, e desvio o olhar, pegando na outra ponta da tenda para ajudar Jake.

Como é que Cici ficou com o nariz a sangrar? Preciso de falar com Jake sobre isso. Vivo com Kaleb e Jake não sabe como ele se tornou agressivo naquela noite. E se há mais que ele não sabe?

Olho de novo para Kaleb por cima do ombro, os seus *jeans* já praticamente secos e envergando uma *T-shirt* preta. Retira o capacete e pendura-o no guiador, ignorando quem o chama e dirigindo-se à arca para se servir de uma cerveja.

Não olha para mim e dá a volta e desaparece na multidão.

– Tiernan.

Devolvo a atenção ao meu tio e continuo a andar.

Nós os dois necessitamos apenas de vinte minutos – não houve escolha, porque os rapazes desapareceram – até montarmos toda a mercadoria, peças, cartazes e expositores montados. Jake posiciona as motos dos tipos em cada ponta da mesa e eu pego no altifalante *Bluetooth* que tínhamos enquanto pescávamos e sintonizo-o com o meu telefone, pondo em marcha uma lista de reprodução.

Começa a tocar «Nobody Rides For Free», dos Ratt, e ele ri-se entre dentes, mostrando-me um sorriso. Finalmente.

Arregaçando as mangas, pego nuns decalques pousados na mesa e ponho-me em frente à tenda, distribuindo por quem passa. Jake olha-me e mostro um esboço de sorriso enquanto ele vai falar com um casal que olha para uma das motos.

Não sei bem porquê, mas sinto-me um pouco mal por Kaleb e Noah o obrigarem a lutar por cada pedacinho de ajuda. Não sou de tomar o lado dos pais, mas depois de Jake ter passado pelo que passou para aqui chegar, merece uma família.

Acho que não gosto de o ver sempre sozinho.

– Vou indo – anuncia Noah, saindo de debaixo da tenda e agarrando o capacete.

Usa equipamento de competição, calças pretas e cor de laranja e camisola de manga comprida com o número setenta e oito na frente e costas. Vai correr?

Ao ver-me, para e sorri. Pousa o capacete e aproxima-se de mim, agarra-me pela cintura, puxa a minha camisa e ata as duas pontas bem acima. Dá-lhes um nó logo abaixo dos seios, deixando a barriga à mostra e depois pisca o olho com os seus olhos azuis petulantes. Franzo o sobrolho.

– Se despires, eles vêm – cantarola. – E quando digo vêm…

Dou-lhe uma palmada. *Porco*.

Ele limita-se a rir, afastando-se para apanhar o capacete e toco no nó, tentando alargá-lo para puxar a camisa para baixo.

Mas, de repente, está um tipo à minha frente.

– Olá – diz ele, estendendo a mão para um decalque de oferta Van der Berg.

Sorrio e retorço os lábios para o lado enquanto lhe entrego um.

Está beeeeem.

– Não fales com nenhum patrocinador – ouço o meu tio ordenar.

Volto-me e vejo Noah enfiar algo na boca que retirou da arca frigorífica e afastar-se.

– Se calhar até falo, se ganhar – murmura com a boca cheia.

– Se a *moto* ganhar – retruca Jake –, assegura que toda a gente saiba quem a fez.

Mais umas quantas pessoas passam por mim, detendo-se para pegar num decalque.

Noah passa apressadamente, saindo da tenda, e ouço o apresentador falar pelo altifalante, soando como se o microfone estivesse enfiado a meio da garganta.

Ouvem-se motores a acelerar e a multidão corre pela colina acima, para obter uma vista melhor, calculo. Espreito por cima do ombro, vejo o meu tio sentado numa cadeira com a cabeça enfiado no motor – ou no carburador, ou seja lá no que for – tentando fingir que o parafuso precisa mesmo de ser apertado.

– Não vai ver? – pergunto.

Não responde e agarro os decalques com força enquanto fito a multidão. A pista de terra passa por aqui, mas a linha de partida fica fora do alcance da minha vista. Estrelas ponteiam o céu escuro e o brilho dos holofotes do recinto sobre a colina atrai-me.

Kaleb está a vê-lo? Penso que alguém deveria fazê-lo.

Sinto uma impressão nas pernas com a necessidade de acompanhar toda a gente, mas fico ali plantada.

A pista fica desimpedida e o apresentador começa a gritar pelo sistema de som. Sei que as corridas por norma começam com o abaixamento de uma cancela, mas não sei se não é suposto ouvir também um disparo de uma arma ou isso.

Mas, ao fim de um momento, a multidão no alto da colina começa a aplaudir e a mover-se e sei que começou. A direção dos olhares deles muda, e endireito a coluna e saltito um pouco, desesperada por ver o que se passa.

Olho de soslaio para o meu tio, em busca de uma reação, mas está profundamente concentrado como se aquele pneu traseiro fosse a coisa mais importante do mundo.

Alguém devia estar a ver Noah.

Avançando um pouco, avalio a multidão na colina, observando os seus corpos a moverem-se lentamente para a esquerda enquanto acompanham os corredores com o olhar e lanço os olhos naquela direção precisamente a tempo de ver um grupo de motos de motocrosse a contornar a curva a grande velocidade. É levantada uma nuvem de poeira na pista, o rugido dos motores soa cada vez mais alto conforme se aproximam e avanço um passo, vendo-os desaparecer para lá de um alto, para depressa reaparecerem, voando antes de voltarem a sumir em baixo.

O som vibra sob os meus pés, o ruído da multidão e as máquinas a pulsar contra o meu corpo, e sorrio, pondo-me em bicos de pés para espreitar para Noah.

As motos passam a grande velocidade, sentindo o estômago a cair-me aos pés ao inclinar a cabeça para trás, vendo Noah subir no ar, o seu corpo com a camisola e calças cor de laranja e pretas debruçado muito direito sobre o guiador antes de voltar a descer. Rio-me, levando as mãos à cabeça ao vê-lo passar a grande velocidade com o seu capacete.

Sinto uma urgência em fazer concha com as mãos junto à boca e incentivá-lo.

Mas paro a meio e bato antes palmas. Tem tão bom aspeto.

Tem um ar incrível. E segue em primeiro.

A mesma moto verde que vi na casa dos Van der Berg há uns dias segue logo atrás e calculo que seja Terrance Holcomb.

Rodando o meu sorriso, vejo o meu tio ainda embrenhado no seu trabalho. Como é que ele não está a ver isto?

Sinto-me tomada por uma vaga de inveja. Noah está a divertir-se imenso.

Mas não aguento mais. Rapidamente, antes que Jake tenha a oportunidade de me impedir, corro para a pista de terra depois de as motos terem passado e subo a colina verde.

Olho em redor, procurando perceber se Kaleb está perto, mas não o vejo.

Juntando-me à multidão no cimo, espremo-me entre duas pessoas a tempo de olhar para baixo e ver Noah acelerar para a linha da meta lado a lado com Holcomb.

Acelera, erguendo a roda da frente, e dispara sobre a linha da meta, um instante antes de todos os restantes, ao mesmo tempo que volta a pousar a roda.

A voz do apresentador ecoa, ouvem-se aplausos e vejo Noah de punho no ar.

Aplaudo suavemente, com o meu coração demasiado acelerado para conseguir fazer mais. *Que bom para ele.*

Sinto uma certa inveja por ele ser bom em algo como isto. Eu nunca fui boa em nada.

Dando a volta, regresso à tenda, com os espectadores a dispersar e a música a recomeçar.

Jake permanece ocupado a trabalhar em algo que, estou certa, já está bem, e dirijo-me à banca da comida junto à nossa tenda, servindo-me de *nachos* e queijo.

Dando uma pequena trinca, aproximo-me do meu tio.

– É servido?

Ele olha-me nos olhos, mas não parece ver o que seguro.

– Não, obrigado.

Observo-o enquanto mergulho mais uma batata frita no queijo.

– Ele é mesmo bom – digo-lhe.

Ele limita-se a assentir, retomando o trabalho.

Semicerro os olhos. Jake não é como o meu pai.

Mas é.

Hannes não teria olhado para mim, pois nem se interessaria. Jake recusa-se a apoiar Noah. Porquê?

Aproximando-me, estou prestes a pousar a minha comida e voltar à distribuição de decalques, mas uma multidão ruma na nossa direção, com imensa gente a rodear Noah. Observo enquanto ele despe a camisola e a pousa na nossa mesa, lançando-me um sorriso petulante ao levar-me os meus *nachos*. Mergulha um dedo no queijo, passa-o pela ponta do meu nariz e depois lambe-o enquanto eu resmungo.

– Noah – repreendo-o, contorcendo-me para me afastar, mas limita-se a rir.

Ia dar-te os parabéns. Agora, esquece. Limpo o queijo e a saliva dele do meu nariz.

Roubando as minhas batatas fritas, abeira-se do pai.

– Sabes, posso ser muito mais útil à Van der Berg Extreme se aparecer na TV.

– Ai, sim, e depois? – Jake ergue o olhar para o filho. – O que achas que vais fazer depois de acabarem os teus quinze minutos de fama ou se um ferimento te puser numa cadeira de rodas?

Noah faz um som de desdém, abanando a cabeça.

– Mas tu viste, pelo menos? – questiona ele. – Ganhei! Bati-os a todos. Sou bom e isso é o máximo.

– Corridas de motocrosse…

– Não é uma carreira – terminou Noah com sarcasmo, soando como se tivesse tido esta conversa uma centena de vezes. – E manter-nos acorrentados no pico não é uma vida. Devias tratar disso.

Dá a volta para trás, devolvendo-me os *nachos* e afasta-se em passada larga, abraçando uma jovem qualquer pela cintura, desaparecendo ambos no meio da multidão.

Arrisco olhar para Jake, vendo o seu maxilar fletir ao puxar a chave de soquete no sentido oposto ao dos ponteiros de um relógio, como se trancasse a boca do seu filho e não um parafuso.

Então, é isso.

Não é difícil perceber aquilo que Jake adora e valoriza em relação a viver a vida nos seus termos, longe dos horrores da nossa família.

Mas Noah tem fome de algo mais. Não é preguiçoso, nem desinteressado, nem desinspirado. Sente-se infeliz.

Pousando a minha travessa, avanço até à mesa onde Jake trabalha e debruço-me sobre a mesma.

– Ele está bem? – pergunto, ouvindo o homem no sistema de som a anunciar outra corrida. – O tio está aqui em cima escondido?

Lança-me um olhar e depois levanta-se para procurar algo do outro lado da máquina.

– Baixa a camisa – resmunga.

Arqueio uma sobrancelha, esforçando-me por conter um sorriso.

Passa-me uma ferramenta e debruça-se sobre a mesa, suspirando.

– Malditos miúdos… – Abana a cabeça.

Olha para mim, sorrindo-me com pesar. Pode não querer que Noah se magoe como ele, mas se Jake sabe algo é que os pais nem sempre têm a noção do que é melhor. Quer dizer, quem diria que Flora seria a pessoa com quem ele iria ser feliz para sempre?

Mas ainda assim teria fugido com ela, pois queria o que queria. Noah fará o mesmo.

– Ei – diz alguém.

Viro-me e vejo Cici Diggins a entrar na tenda de mãos nos bolsos dos *jeans* enquanto me fita.

Estaco. Nenhuma das nossas interações foi particularmente agradável. O que quer ela?

O meu tio afasta-se, vai procurar algo na caixa da carrinha, e olho de novo para Cici, o seu nariz sem mostrar sinais de ter estado mais cedo a sangrar.

– Olá – reajo, por fim.

Ela estende a mão.

– Cici.

Apertamos mãos.

– Tiernan.

– Acho que ainda não fomos devidamente apresentadas.

– Estás bem? – Aponto para o nariz dela.

Mas ela limita-se a largar uma gargalhada.

– Sou a única que me magoa.

Largo a mão dela, sem perceber bem onde quer chegar.

Espreito por cima do ombro. Jake abre a porta da carrinha, procurando algo no porta-luvas.

– Então, queres dançar?

Viro-me de repente para trás, olhando para ela. Como?

As pessoas movimentam-se em redor da fogueira, a canção jorrando das colunas instaladas nas traseiras de carrinhas espalhadas por todo o terreno. Mas a canção é calma. Estão todos juntinhos.

Abano a cabeça.

– Não.

Mas ela mesmo assim agarra-me a mão e puxa-me, e eu afasto-a, só que ela é demasiado rápida. Agarra o nó da minha camisa e puxa-me para ela, quase me dando um jeito no raio do meu pescoço.

Mostro os dentes, sentindo a barriga a roçar na dela onde o *top* branco dela foi puxado para cima.

– Não tem mal. – Sorri com malícia. – Sei que és hétero.

Move-se, abanando as ancas e roçando ao de leve em mim, e o meu coração quase me salta do peito enquanto mexo os pés para não cair.

– Ai, sim, como é que sabes?

– Não me estás a dizer que há uma hipótese ou estás? – pergunta, provocando-me.

Reviro os olhos.

– Não devias dizer que não – diz. – Sou bem mais segura do que um gajo. Pelo menos, não te engravido.

Não consigo evitar. Deixo escapar uma gargalhada e descontraio um pouco.

Mas não muito.

– Porque não paras de fingir? – digo-lhe. – Fazes isto para atrair a atenção do Kaleb.

Um pouco de ação entre raparigas, em que ele por certo reparará, pois ela tenta-o com alguém que vive na casa dele.

Olho em redor. Ele provavelmente nem está por perto. Não o vejo desde que parou a moto. Provavelmente, arranjou boleia para casa com alguém.

Ela baixa as mãos até à cintura e avança, quase roçando com o nariz dela no meu.

Não sei porquê, mas não saio do sítio, inabalável.

– É preciso muito mais do que isto para lhe chamar a atenção – diz ela num tom baixo e ameaçador. – Estás disponível mais logo?

Desvio o olhar, sabendo exatamente o que ela sugere.

Sacudo a cabeça para a limpar. Não vou deixar que Kaleb me tire a virgindade numa *ménage à trois*.

– Ouviste a discussão na gruta – sussurra-me ao ouvido. – Estavas a escutar às escondidas.

Estava?

– Seguiste-nos – provoca –, pois também o queres. Tens ciúmes.

Faço um sorriso retorcido, balançando ao sabor da música enquanto deslizo os braços até ao pescoço dela.

Basta.

Inclino-me para o ouvido dela.

– Eu nem sequer sabia que vocês lá estavam – segredo. – Escondi-me lá porque me estava a tocar debaixo de água.

Ela resfolega, erguendo a cabeça e fitando-me, incrédula.

Ruborizo e não faço ideia do que me levou a contar-lhe aquilo, mas também não quero saber. Não aprecio joguinhos e é certo que não vou alinhar no dela.

– A sério? – questiona, mostrando-se quase impressionada. – Tu não és assim para o famosa? Podia ir para o *Twitter* contar a toda a gente o que me estás a contar.

Pois podias, seja ou não verdade.

Estratagemas desses não lhe vão dar o que deseja. Não estou atravessada no caminho dela.

– As pessoas fazem o que lhes apetece. – Aperto as ancas dela, dançando. – Por isso, quero lá saber. De nada. O teu comportamento não me diz respeito.

A seguir, espreito por cima do ombro dela e vejo-o.

Kaleb.

Está parado ao longe, para lá da multidão – sozinho – e encostado ao tronco de uma árvore. Olha para mim ao levar uma garrafa de cerveja aos lábios para beber e engulo em seco.

E, apesar do nó que se forma no meu estômago sempre que ele olha para mim, o meu coração bombeia sangue quente pelo meu corpo, deixando-me completamente ansiosa.

Ansiosa com algo prestes a acontecer.

Não consigo deter-me.

– E daqui a umas semanas – digo-lhe –, nem sequer saberei o que se passa *online* e não, porque estarei trancada no cume por meses e meses… – Faço uma pausa para dar mais efeito. – … e meses.

Com ele, não digo em voz alta, mas as palavras ficam a pairar no ar.

Quero que soe como uma ameaça, apesar de vã. Ela não precisa de saber que Kaleb me assusta ou que me trata pior do que aos animais que caça. Esses, pelo menos, têm valor para ele.

Voltando a endireitar-me, olho-a nos olhos, ciente de que de novembro a abril a vantagem será minha. Se a quisesse. *Queres mesmo irritar-me?*

– Atreve-te – ameaça.

– Nem sei se *terei* de fazer algo.

E incido o meu olhar para trás dela, apontando para os olhos verde-escuros de Kaleb que nos fitam num transe como se não houvesse mais ninguém na festa. Ela segue o meu olhar, dando com ele a observar-nos e, apesar de a minha ameaça não ter fundamento, a derradeira frase tem.

Afinal, ele já por uma vez veio atrás de mim.

De repente, uma mão agarra-me a parte de cima do braço e puxa-me e prendo a respiração, olhando para o meu tio.

– Tudo o que tem piça está a olhar para vocês as duas – rosna Jake, olhando de alto para mim.

A olhar? Hã?

Leva um momento, mas começo a passar os olhos pela fogueira, vendo as pessoas a olhar para Cici e para mim, em especial uns grupos de homens nos limites do círculo a sorrir e a sussurrar uns com os outros.

Lanço um olhar cortante na direção, tentando libertar o braço.

– Iria interromper se eu estivesse a dançar com um rapaz?

– Se estivesses a dançar assim com um homem em público, dava-te uns açoites.

Lança um olhar rápido a Cici e depois volta a incidir em mim.

– Vamos para casa.

Agarrando-me a mão, puxa-me de volta para a tenda.

O que raio? Posso importar-me se fizer algo que o deixe ficar mal, mas eu não estava a fazer nada de errado. Então, uns tipos estavam a ficar entesados por verem duas raparigas a dançar. Sinceramente, nem sequer estava a tentar dançar bem, tão embrenhada que estava na conversa.

Ele avança por entre a multidão e sinto o pulso a arder. Puxo, libertando-me, e caminho em passos pesados atrás dele na direção da carrinha. Abrindo a porta de trás, subo para trás do assento do condutor e bato com a porta.

Eles que desmontem a tenda.

Abano a cabeça.

É a segunda vez que me gritam por chamar atenções que não pedi. Esta obsessão possessiva em proteger a minha inocência é ridícula. Lá por serem «experientes» não significa que sejam mais maduros ou sensatos. Diria até que são menos. Isso é bem claro desde que cheguei.

A carrinha sacode e balança quando ele e Noah arrumam a tenda, mesa, cadeiras e o resto do material na caixa aberta e eu espreito pela janela, vendo um tipo qualquer a partir na moto de Noah com uma rapariga atrás. Parecem-me vagamente familiares – talvez um amigo que tenha levado a moto emprestada.

Ouço risos quando é fechada a tampa da traseira e olho para lá, vendo uma mulher a entrar para se sentar ao meu lado.

O sopro do seu perfume atinge-me e ela olha para cima, sorrindo-me ao fechar a porta.

– Olá.

– Olá.

Mais risinhos a ecoar atrás de mim e, quando Jake e Noah sobem para o assento da frente, fecho os olhos, tão furiosa que cerro os punhos.

Perfeito. Absolutamente perfeito. Não me viro para trás para ver quantos seguem na traseira da carrinha. Lanço apenas um olhar fulminante ao meu tio pelo espelho retrovisor.

Ele olha-me nos olhos, mas depois desvia o olhar ao ligar a carrinha.

Dançar com alguém faz de mim uma vadia, mas eles podem foder em série todas as noites e nem se apercebem da ironia.

Jake arranca com a carrinha e não faço ideia se Kaleb ainda se encontra junto à fogueira ou na caixa aberta atrás de mim, mas cruzo os braços sobre o peito, demasiado zangada para me importar.

Passa música na rádio conforme aceleramos na estrada às escuras, subindo a montanha a caminho de casa. Um aplauso extingue-se atrás de mim na noite ventosa e ouço Noah a abrir uma cerveja no lugar do passageiro à frente.

Então, devo passar a noite a ouvi-los a todos no rebolanço?

– Dar-me uns açoites… – repito, olhando Jake nos olhos pelo retrovisor. – Nunca na vida me bateram.

Ergue o olhar para me fitar.

– Se queres experimentar, continua.

A rapariga junto a mim remexe-se no seu lugar e o ambiente de repente fica mais tenso.

Idiota.

– Bate-me por eu fazer coisas de que não gosto?

– Chama-se a isso corretivo – riposta, olhando de novo para a estrada. – E assim o farei, por gostar de ti.

Noah olha para mim por cima do ombro e depois olha para o pai, sussurrando:

– O que se passa?

Jake abana a cabeça, ignorando-o.

– Não me pode impedir de estar com alguém ou de fazer sexo, se me apetecer – informo-o. – Chama-se a isso dois pesos e duas medidas, Jake. Vocês, homens, têm de estar com mulheres. Porque é que eu não posso apreciar a companhia de alguém?

– Podemos estar com mulheres porque não somos comprometidos.

– Eu não sou comprometida.

– És uma jovem que vive em minha casa – riposta ele. – És comprometida comigo até teres idade.

– No meu aniversário?

Ele soergue uma sobrancelha escura na minha direção, mas não responde enquanto se concentra na estrada.

Já terei idade suficiente daqui a umas semanas quando fizer dezoito anos? Na altura ele deixa-me em paz?

É claro que não. Terei idade suficiente quando ele entender, porque sou demasiado estúpida para não me meter em apuros.

E se estou ou não preparada para sexo é uma coisa, mas intimidade é outra. Todos queremos ser especiais para alguém. Família não é a mesma coisa. Gostaria de vir a conhecer alguém.

– A sua lógica tem falhas, sabe? – digo-lhe, olhando-o pelo espelho. – Se uma mulher se compromete consigo, ela também fará por si o que outras mulheres fazem. Mas se tenho de me comprometer com todos vocês, não vão fazer por mim o que outros homens fariam.

Noah cospe cerveja pela boca, engasgando-se e vertendo álcool por todo o lado ao olhar com olhos arregalados para o pai, e tosse para a mão.

Contenho um sorriso.

Noah tossica, tentando respirar, e limpa a porcaria no colo. Jake olha para mim através do espelho retrovisor.

Mas não reage.

E, desta vez, não sou a primeira a desviar o olhar.

11

Tiernan

– Ah! – soa-me um gemido aos ouvidos e sento-me de repente na cama, abrindo os olhos.

Tusso, com suor a cobrir-me a testa.

O cheiro… largo um suspiro ao sentir os olhos a arder. O cabelo cai-me sobre o rosto, soprando-o com a minha respiração pesada, e dói-me o estômago.

O que raio? Volto a tossir, incapaz de recuperar o fôlego.

Céus. Só permanecem restos do meu sonho, mas ainda sinto o fedor. As velas pungentes e com cheiro a sabão a sufocarem-me…

Sinto náuseas a percorrerem-me ao pressionar as costas da mão na boca e algo se ergue na minha garganta. Ecoa uma agitação na casa, mas a dor açoita-me o corpo e não aguento. Afastando a roupa da cama, cambaleio ao sair da cama, caindo apoiada nas mãos e joelhos, e rastejo até ao caixote do lixo.

Agarro o que está junto à cama e debruço-me, vomitando.

O odor cola-se às minhas narinas e enche-me a garganta. Não me recordo sobre o que era o sonho, mas não conseguia respirar. Ainda não consigo. Arquejo.

Sinto a bílis a subir e um arranco, tossindo e engasgando-me sobre o caixote, agarrada a ambos os lados. Porque lhe sinto ainda o cheiro? Está a toda a minha volta, tal como estava sobre todas as superfícies do mobiliário do quarto dos meus pais, e desato a chorar, massajando os braços para os aquecer ao mesmo tempo que a sujidade me pesa na pele.

Tremo, o meu soluçar a libertar-se conforme as náuseas diminuem e a tristeza se apossa de mim. Sinto como se estivesse de novo naquela casa. Não tinha percebido como já não o sentia há dias.

O frio. O silêncio estéril e o ar áspero a picar-me as narinas. Aquela casa onde as paredes eram demasiado duras e nada havia que não fosse afiado.

Inspiro fundo e prendo o cabelo atrás da orelha, o odor a madeira e às árvores no exterior a ensombrarem lentamente a recordação das velas.

Caindo de traseiro no chão, recosto-me contra a parede, os braços apoiados nos joelhos enquanto cerro os olhos e as lágrimas me humedecem as faces.

Ugh, aquela sensação.

Não quero senti-la de novo. Abano a cabeça. *Nunca mais quero lá voltar.*

Estou aqui. Estou no Colorado, com eles e com o vento e o fogo quente e os novos cheiros.

O chão range acima de mim e abro os olhos, erguendo-os lentamente para o teto escuro.

Kaleb. O quarto dele fica por cima do meu. Um móvel é arrastado pelo chão, um rangido aqui e um passo ali, mas depois ouço um grito atrás de mim e sinto algo a embater na parede.

Noah está no quarto ao lado e apoio as costas da mão na parede junto à cabeça, sentindo a cabeceira da cama a bater repetidas vezes, o ritmo das pancadas a acelerar.

Baixo a mão, escutando-os a arfar e a gemer. Acumulam-se de novo as lágrimas, mas deixo-as cair sem soluçar.

Quem me dera que ele estivesse sozinho. Provavelmente teria permitido que eu me enfiasse na cama dele esta noite, se eu quisesse. Como um irmão mais velho a manter os lobos ao largo, pois tive um sonho assustador.

Eu não tentaria, nem que ele estivesse sozinho, mas…

É uma bela pequena fantasia.

Aconchego.

Segurança.

Conforto.

Noah é assim.

Levanto-me e encosto a testa à parede, escutando os rapazes a fazerem sexo com raparigas e a dor preenche-me, pois estou aqui sozinha, esquecida e… com ciúmes. Porque é que sinto ciúmes?

Cerro bem os olhos, as lágrimas escorrendo sobre os meus lábios ressequidos, e abano a cabeça.

Avançando, abro a porta do quarto e acedo ao corredor, o barulho a encher ainda mais alto a casa. Raparigas aos risinhos no quarto de Noah ao mesmo tempo que lá em cima ecoa um grito, seguido por gemidos, e sigo em frente, uma névoa na cabeça enquanto desço vagarosamente as escadas.

O ar frio açoita-me as pernas despidas, mas é um alívio bem-vindo pois relaxa-me os músculos. Devia vestir um roupão, mas estou a cagar-me para isso. Tenho marcada para amanhã a entrega do meu primeiro trabalho para a escola, que está longe de se encontrar concluído, e provavelmente deveria aceder de novo ao *Twitter* para ver se a rapariga concretizou alguma das ameaças, mas esta noite sinceramente nem quero saber.

Atravesso a sala de estar às escuras, o fogo de mais cedo já extinto com a abertura negra da lareira a pairar à minha direita, manchada por fuligem. O relógio assinala as horas, mas perco a conta ao rumar à cozinha, tentando engolir apesar de ter a garganta seca.

Encho um copo de água, levo-o aos lábios e dou várias goladas, engolindo depressa e esvaziando o copo. Volto a enchê-lo de imediato e inclino a cabeça para trás, bebendo até por fim me dar por satisfeita.

Olho pela janela sobre a banca. Numa questão de semanas, a neve cobrirá as imediações. A casa cairá no silêncio, nenhuma mulher ao longo de quilómetros ou meses.

São como demónios. Como é que aguentam ano após ano?

Como é que vou aguentar este ano?

Não são meus pais. Eles envolvem-se comigo, e sempre que o fazem irrompe uma vaga de sentimentos aos quais não estou habituada e faço ou digo algo estúpido.

Ou o meu corpo quer reagir de formas que não devia.

Lavo o meu copo e volto a pô-lo no escorredor, apoiando-me na beira da bancada e espreitando pela janela, para o vazio.

Vou enlouquecer aqui trancada com eles ao longo de meses. Vão deixar-me louca. Vai haver mortos.

Algo soando como chaves a chocalhar tilinta à minha direita e assusto-me, rodando a cabeça.

Jake está sentado no canto escuro da mesa da cozinha e endireito-me, o coração batendo desalmadamente no peito. Olha fixamente para mim.

Tem o dedo enfiado na argola das chaves do carro enquanto as lança ao ar e as apanha com o punho, tendo uma garrafa de cerveja ao lado, e reparo nos *jeans* dele, sem a camisa.

Sinto um calor nas faces, todos os milímetros da minha pele de repente parecendo-me muito mais expostos agora que me observa. Pensei que estivesse no quarto.

Mas não parece nada que tivesse estado no quarto. Ainda tem as botas de trabalho calçadas.

Travo o meu arrepio, mas as pontas dos meus seios endurecem como pedras através do meu *top* e cruzo os braços sobre o peito. Percebo que ele repara, mas logo a seguir passa um dedo sobre os lábios.

– O que… – Engasgo-me e aclaro a garganta. – O que está a fazer?

É ligada música lá em cima, troando «Devil in a Bottle», mas Jake limita-se a permanecer sentado e percebo onde Kaleb vai buscar o seu silêncio. Não falar e não comunicar são duas coisas distintas.

Dou um passo em frente para a ilha, protegendo-me.

– Onde está a sua… amiga? – pergunto, baixinho.

– Em casa.

As mulheres vieram todas connosco das corridas, pelo que deve tê-las levado à vila. Penso no que terá interrompido a noite tão cedo.

– Sem vontade? – provoco.

Mas, em vez de sorrir, inclina a cabeça, com algo a saltitar por detrás dos seus olhos que me dá um safanão no estômago.

Ele não passou uma descompostura. Porquê? Estou aqui em baixo semidespida em calcinhas. Porque é que não me manda vestir algo? Ou não me manda para a cama?

– Tinha fome – explico, mal olhando para ele. – Também?

Uma vez mais, limita-se a ficar ali sentado, olhos postos em mim e só em mim.

Mas não diz que não e não me diz que me vista.

Diz-me que estou a portar-me mal. Diz-me para ir lá acima vestir um pijama.

Mas não o faz.

E recuo, o meu coração a bater com força, mas sentindo-me ousada ao virar-me para o frigorífico para pegar nuns ovos. Arrisco, certa de que a qualquer momento vai gritar comigo.

Forço ainda mais, dando a volta à ilha para ir buscar a frigideira, ainda à espera que me mande para cima.

Mas não o faz e sinto os olhos a arder. Talvez eu esteja a provocar uma discussão.

Ou talvez goste de ser apreciada.

Mas não vou lá para cima.

Movimentando-me pela cozinha escura, mantenho as luzes apagadas ao pousar a frigideira na boca do fogão – aquecendo alguma manteiga enquanto abro e bato ovos. Acrescento um pouco de alho e tempero crioulo, consciente dos olhos dele nas minhas costas e em cada um dos meus movimentos. Não faço ideia do aspeto do meu cabelo depois de dormir e do acesso que tive depois, mas adoro o modo como o sinto solto sobre os ombros e pelas costas abaixo. Tipo uma sensação igual a alguém tocar-me.

As minhas calcinhas de seda cor-de-rosa-claras são justas ao traseiro, as marcas do biquíni logo abaixo das ancas e deixando expostos cinco centímetros de pele entre estas e a minha blusinha cinzenta. Estico-me para cima, afastando as especiarias enquanto se fletem os músculos das minhas pernas e traseiro, querendo que ele veja.

– Porque é que estás acordada? – pergunta numa voz áspera.

Verto os ovos na frigideira.

– Quem consegue dormir com todo aquele barulho?

Seria capaz de dormir com o ruído de Kaleb, mas com o de Noah é mesmo impossível.

Olho para Jake enquanto passo o dedo para cima e para baixo sobre uma das chaves, com a fúria quente de Kaleb patente por detrás dos olhos dele.

O ruído deles é diferente do de Noah. Silencioso, mas ensurdecedor.

Volto a baixar o olhar, o calor espalhando-se pelo rosto enquanto perambulo descalça uma vez mais até ao frigorífico, para ir buscar queijo, raspando um pouco sobre os ovos e mexendo enquanto desligo o lume. Tem os olhos cravados em mim. Sinto-o e toda a minha pele está em alerta. Cerro os olhos por uma fração de segundo, com o calor a espalhar-se até abaixo da barriga.

Fico com um pouco de queijo derretido nos dedos e sopro para onde me queimei. Rapidamente, lambo o meu indicador e chupo o polegar, empilhando metade dos ovos num prato para Jake.

– Aqui tem – é tudo o que consigo sussurrar ao pegar-lhe.

Mas ele está de repente ali, atrás de mim. Pega no prato e volta a pousá-lo no balcão.

Paraliso.

O peito dele cobre as minhas costas e cheiro-o como o fiz hoje enquanto pescávamos, pele quente a tocar na minha e um formigueiro espalhando-se por braços e coxas, só que agora acho que não fugirei.

Quero sentir isto.

– Porque é que fugiste de mim no lago? – questiona.

Permaneço calada.

Mas a minha pele zumbe e tudo o que sinto é ele enquanto a música ribomba lá em cima.

– Porque é que fugiste?

Abano a cabeça. *Não sei. Eu…*

– Tiernan… – diz ele com a voz estrangulada, sussurrando.

Como um lamento. Como se soubesse exatamente do que fugi.

– Afinal, acho que não é boa ideia – diz ele, atrás de mim. – Não somos… boas influências para uma rapariga.

– Não sou uma rapariga.

– Alguma vez foste para a cama com um homem? – pergunta, numa voz rouca.

O meu coração falha uma batida.

Lentamente, abano a cabeça.

Inclina-se para baixo até junto do meu ouvido.

– Alguma vez foste beijada?

Assinto.

– Em lugares sem ser a tua boca?

Sinto calor a acumular-se no meio das pernas.

– Não, tio Jake.

O corpo dele ergue-se e baixa-se atrás de mim enquanto respira para o meu cabelo e não me volto, pois receio quebrar o feitiço.

Esticando o braço, pousa a mão sobre a minha no balcão, encaixando os nossos dedos enquanto um dedo da outra mão desliza suavemente sobre a minha coluna. Uma leve película refresca-me a pele.

Batem portas lá em cima quando ouço passos de alguém a correr saindo de um dos quartos, provavelmente para a casa de banho, e ouço o chuveiro a começar a correr enquanto uma rapariga desata a rir.

– Lamento que tenhas de assistir a isto – diz com uma voz sofrida. – Quando vem a neve, aproveitamos ao máximo, pois sabemos que não veremos nada de belo por todo o inverno.

O dedo dele desliza suavemente pela minha coluna.

Todo o inverno…

Olho para baixo para a possessiva mão dele sobre a minha, recordando o seu olhar a incidir em mim desde a mesa pouco antes, e penso como será quando algo se contém a custo, e ainda nem nevou.

Este ano, não vão aqui ficar trancados sem nenhuma mulher. Terão uma.

A respiração quente dele filtra-se pelos fios do meu cabelo até à minha nuca e a carne dos meus mamilos enrijece enquanto a sua mão me provoca de um modo tão penosamente gentil.

Todo o inverno…

– Acho que devias ir embora, Tiernan.

Estreito os olhos, mas viro a mão, ansiando agora pelo toque dele nas minhas palmas. Sabe tão bem, as minhas pálpebras tremelicam.

– Deixar o cume? – questiono.

Ou será que ele se refere à cozinha?

Não responde e o meu estômago afunda-se um pouco, ao perceber por fim o que ele me diz.

Sinto agulhas ao fundo da garganta.

– Disse que eu estava em casa. – Apanho a mão dele a meio da carícia, entrelaço os nossos dedos, e curvo os meus para lhe agarrar a mão com força. – Disse que eu era vossa.

– Isto não é lugar para ti.

Voltam a acumular-se lágrimas, mas afasto-as. Ontem de manhã convenceu-me a não ir embora e agora quer que vá. Quer que eu fique sozinha. *Estou sempre sozinha e fez-me saber como era não o estar, e mentiu.*

– Porque é que o meu pai me entregou a si? – sussurro, olhando pela janela e vendo o reflexo do meu tio impondo-se atrás de mim. – Eles sabiam o que iam fazer. Poderiam ter esperado umas semanas até eu ter dezoito anos. Poderiam ter-me entregado à Mirai.

Encosto-me ainda mais a ele, saboreando o seu calor e os seus olhos no meu corpo.

– Talvez não tenham pensado nisso – murmuro. – Ou talvez soubesse que era a única coisa boa que poderiam fazer por mim.

Pelo menos, fui mencionada no testamento. Não me surpreenderia se isso não tivesse acontecido.

Arranco a mão da dele, afastando-me do balcão, e vou embora repentinamente, mas nem dois passos dou. Agarra-me o braço, encosta as minhas costas ao peito dele e arquejo quando me envolve com os braços e me obriga a olhar para ele.

– Sentes isto? – rosna sobre os meus lábios ao empurrar-me para a bancada. A extensão grossa e dura do pénis dele roça-me no traseiro e gemo. – É isto que me fazes, Tiernan. Não está correto. Em vez de me enfiar nas mamas e traseiros bons com que vim para casa, estou aqui sentado em baixo, a tentar convencer-me a não ir ao teu quarto para dar um grande beijo de boas-noites a esse teu belo pedaço de traseiro de adolescente.

Sinto o clitóris a latejar e remexo-me sobre os meus pés, sentindo a humidade entre as pernas.

Ele cerra os olhos, gemendo como se estivesse a sofrer, e disponho apenas de um momento para inspirar rapidamente antes de a boca dele cobrir a minha, escapando-me um gemido face à dor doce.

Foda-se.

Foda-se…

Caramba, o meu coração quase me salta do peito conforme ele se move, tomando os meus lábios e o calor da sua língua a deslizar até à minha barriga, até ao meio das pernas. Grito, mas perde-se na boca dele.

Oh, meu Deus.

O sabor dele enche-me o corpo e deslizo a mão para cima, agarrando-lhe o pescoço por trás e prendendo-o a mim. Sinto-me esfaimada. Esfaimada e sem fôlego. Sinto o sangue a correr sob a pele e sabe tão bem, mas, céus, preciso de mais.

Preciso de mais.

Começo a mover a boca e devolvo o beijo, enfiando a boca por entre os lábios dele, aos poucos, gemendo e saboreando até chegar ao ponto de achar que nunca há de ser suficiente.

A boca dele devora-me, movendo-se sobre mim, beijando os cantos da minha e mordiscando a carne do meu lábio inferior, e pouso a minha mão sobre a dele no meu estômago e oriento-o para baixo, levando-o até ao V entre as minhas pernas.

Os beijos dele vacilam quando arqueja e aproveito a pausa para recuperar o fôlego. Volta a morder-me o lábio inferior, as nossas mãos massajando a minha rata enquanto a outra abandona o meu rosto e agarra uma mama, apertando.

Gemo.

– Jake.

Deixando a minha boca, desliza pelo meu pescoço e só consigo deixar cair a cabeça para trás e aproveitar quando ele puxa a tira do meu *top*, o leve som de um rasgar a soar-me aos ouvidos, mas não quero saber. Ele mordisca, morde e chupa o meu pescoço, ombros e sobre as omoplatas enquanto continua a acariciar a minha mama e a deixar as minhas calcinhas tão húmidas ao massajar-me através delas.

– Caramba, foda-se. – Empurra-me para cima da bancada, agarrando-me a cintuara com ambas as mãos enquanto percorre com a boca as minhas costas, as minhas coxas e de novo o traseiro, com a boca toda.

Grito, com as tiras rasgadas do meu *top* dependuradas enquanto agarro a beira do balcão.

Voltando a erguer-se, vira a minha cara para ele e beija-me enquanto eu levo a mão atrás de mim, encontrando a ereção dele através dos *jeans* e massajando-o.

Agarra-me a mão.

– Não, Tier…

– Nunca toquei num homem – digo, sôfrega. – Quero tocar-te.

Ele suspira, mas larga-me, beijando-me profundamente e com vigor, a língua dele despertando cada nervo do meu corpo conforme me agarra e passa as mãos por cada parte de mim que alcança.

Investe sobre mim desde trás quando estendo as mãos para trás e lhe agarro o pescoço.

– Leva-me para a cama e dá-me esse tal beijo de boas-noites.

– Sim – grunhe, fodendo-me a seco contra a bancada.

A minha mente deambula por detrás dos meus olhos fechados e sinto-me demasiado enlevada para pensar ou preocupar-me com algo exceto em fazer isto durar eternamente.

Volta a cobrir-me a boca e pego-lhe na mão e oriento-a para dentro das minhas calcinhas.

Mas, de repente, afasta a boca e retira as mãos.

– Foda-se, para. – Recua, respirando de forma ofegante conforme o frio me açoita a pele. – Não. Não podemos.

Tremo, com a dor da necessidade quase a fazer-me ceder os joelhos. Brotam lágrimas dos meus olhos.

– Isto não está a acontecer – rosna. – Sou teu tio. Sou a merda do teu tio.

– Nunca foste meu tio – digo, rangendo os dentes, e dando a volta. – És um estranho sem qualquer relacionamento para quem os meus pais me enviaram para viver.

Está corado, como eu, e cintila suor nas suas têmporas bronzeadas.

– Sou responsável por ti – diz-me.

– Mas soube bem.

A dor açoita-lhe o olhar e sei que ele sentiu o mesmo.

– Soube bem esta noite – diz –, mas de manhã vai saber a merda.

Abano a cabeça, sem querer. *Não me importo.*

– Sinto-me só e sou uma criança a nível sentimental e és a primeira mulher de quem estive perto tempo suficiente nos últimos vinte anos para criar laços. – Põe-se direito, passando uma mão pelo cabelo. – E tu não passas de uma órfã negligenciada, desesperada por atenções. Não passa disso.

– Desesperada… – Limito-me a olhar para ele, fazendo má cara.

Não.

Não me sinto desesperada. Tive oportunidades, mas nunca quis. Até agora. Escolhi isto.

Mas lança-me um olhar duro.

– Gritas à noite – diz ele. – Durante o sono. Nunca falas deles. Foges daquela vida o mais depressa que podes e não vou ser a tua droga de escape. Iria odiar-me.

Mordo o lábio. Ele ouve-me à noite?

– Isto é exagero.

– Não é nada. – Abano a cabeça, ouvindo uma porta a fechar-se lá em cima.

Ele volta a aproximar-se, falando baixo.

– Deitaste fora os teus doces – diz. – Não aceitas os convites do Noah para ir à pista quando ele vai treinar. Não reages ao Kaleb quando ele te irrita. É raro que te juntes a nós às refeições ou para ver televisão à noite.

Baixo o olhar e cerro os dentes, subjugada. Porque é que ele faz isto? Ainda há um minuto sabia tudo tão bem.

– Não te ris, nem brincas, nem queres mais, nem te entusiasmas com nada – prossegue. – Não tens passatempos, nem interesses, nem namorados à espera… Nunca, certo?

Desvio o olhar, mas aproxima-se e agarra-me o rosto. Afasto-me, mas segura com força e não consigo conter-me. As lágrimas começam a jorrar.

– Nunca sorris – diz, tranquilamente conforme a música e o ruído ecoam nos recantos distantes da casa. – Nunca sentes alegria. Não tens sonhos para o futuro. Nem planos. Não tens vontade de lutar. Mal estás viva, Tiernan.

Esforço-me por respirar, soluçando enquanto ele me agarra.

– Não foi sempre assim, pois não? – pergunta, mas sem esperar pela resposta. – Não pode ter sido. Deves ter gostado de coisas. Desejado coisas. Coisas que te fizessem feliz.

Beija-me a testa.

– És linda – diz-me – e afastar o meu corpo do teu é muito doloroso, mas fi-lo por ser o correto.

– Não foi isso o que senti.

– Porque sentir algo soube bem – riposta. – Tens muitas e grandes emoções a percorrer essa tua mente jovem neste momento e precisavas de um alívio. Cedeste. Podia ter sido qualquer um.

Abano a cabeça, afastando-me dele.

– Foi mais do que isso.

Mas ele olha-me com firmeza.

– Porque é que deitaste fora os doces, Tiernan?

O quê?

– Eu… – Procuro as palavras. – Eu não os queria. Obrigaste-me a trazê-los.

– Tretas. Porque é que os deitaste fora?

– Porque não os queria! – insisto. – São só doces. Que diabo? Qual é o interesse?

– Deitaste fora porque interessa – ruge.

Começo a afastar-me.

Mas ele agarra-me o braço.

– Não percebes? Foi o que aconteceu. – Vira-me para trás, mas desvio a cabeça, recusando-me a olhar para ele. – A dada altura, começaste a negar a ti própria tudo o que te fizesse feliz. Por vingança, talvez? Ou orgulho? Doces? Brinquedos? Afeto? Amor? Amigos?

Flito o maxilar, mas respiro a custo quando me sacode.

– E eu sei disso porque também o fiz – revela. – Não queres sorrir, porque, se o fizeres, significa que tudo o que te fizeram não teve importância. E teve de ter importância ou de contrário eles escapam, certo? E não podes aceitar isso.

Abano a cabeça, mas ainda sem conseguir fitá-lo nos olhos.

– Eles têm de saber o que te fizeram – diz Jake, comportando-se como se me conhecesse. – Mostrando-lhes como te magoaram também os magoa, certo? Têm de ver como arruinaram a tua vida. Não podes simplesmente deixar passar como se nada fosse, porque estás zangada. Precisas que eles saibam. Precisas que alguém saiba.

Não. Não é…

Eu tenho passatempos. Tenho coisas que gosto. Tenho…

– Portanto, vais desperdiçar a tua vida – prossegue ele –, dar cabo do teu futuro, sem te empenhares e mergulhar em algo que te faça sentir bem, nem que seja só por um momento…

Abano a cabeça, acumulando cada vez mais lágrimas.

Não. Eu tenho interesses. Permito-me apreciar coisas. Eu…

– E, então, um dia depois das discussões e do emprego que detestas e dos divórcios e dos filhos que não te suportam…

Continuo a abanar a cabeça. Não quero saber do que fizeram ou deixaram de fazer. Não preciso disto.

Mas a recordação das nossas férias nas Fiji quando eu tinha onze anos salta-me à mente e lembro-me como me levaram apenas porque a Imprensa reparara que eu raramente acompanhava os meus pais.

E como numa manhã acordei sozinha na suíte esperei dois dias por eles, porque foram passar uma noite fora por todas as ilhas e se esqueceram de mim.

Senti-me tão assustada.

– Vais olhar para o espelho para a rapariga de dezassete anos num corpo de cinquenta e perceber que desperdiçaste tanto tempo devastada com o facto de aqueles merdas não te amarem que esqueceste que existe todo um mundo que te amaria.

Vou abaixo. Fecho os olhos, o meu corpo treme e limito-me a choramingar, deixando sair tudo. A fúria, a dor, o cansaço de eles esgotarem praticamente todos os recantos do meu cérebro, porque por tanto tempo não vivi para mais nada além de tentar que eles reparassem em mim.

Ele tem razão.

Olho para ele, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

– Nem um bilhete me deixaram – digo. – Porquê?

Pega em mim, pousa-me sobre o balcão e volta a envolver-me com os braços, uma mão agarrando o cabelo enquanto enterro a cara no pescoço dele.

Choro com tal intensidade que nem que tentasse conseguiria travar.

– Porque eram uns merdas, querida – diz ele com uma voz grossa. – Eram uns merdosos de merda.

– Não sei quem sou – soluço.

– Chiu…

Conforta-me, passando os dedos pelo cabelo e agarrando-me com força. Os meus braços estão caídos frouxos nos flancos enquanto se esgotam todos os resquícios de energia, tudo o que guardei durante anos e não quis sentir. Dói.

– Chiu – sussurra ao meu ouvido. – Está tudo bem.

Mantém-me ali e não sei por quanto tempo choro, mas, quando as lágrimas começam a abrandar, sinto o embaraço a tomar-me as faces.

Tento erguer-me, mas não me larga, não me deixando escapar.

E, assim, sem mais nem menos, despejei tudo. A preocupação, a dúvida, a vergonha… Sou um raio de um frasquinho de vidro, mas ele não vai a lado nenhum.

Lentamente, envolvo a cintura dele com os braços, unindo as minhas mãos atrás das costas dele enquanto inspiro o odor do pescoço

Quente. Ele é tão quente e eles são tão quentes. Tudo aqui é quente. E mesmo que não acabemos o que começámos, isto sabe igualmente bem. Acho que Mirai foi a última pessoa a abraçar-me. Deixei que o fizesse no meu último aniversário, mas acho que não me permiti que me desse um verdadeiro abraço ao longo de anos.

Ao fim de algum tempo, acalmo, a dor a esmorecer, pois conheço a verdade. Os meus pais não me amavam.

E a culpa não era minha.

Mas fizeram uma coisa bem, penso agarrada ao meu tio e ele segurando-me.

– Então, queres que te ponha na cama? – pergunta Jake. – Posso fazer isso.

Não consigo evitar. Largo uma gargalhada e sinto o peito dele tremer também com uma.

Ergo a cabeça e limpo os olhos, vendo as lágrimas que secam pelo peito dele abaixo.

Limpo-as.

– Desculpa.

– Não tem mal.

Fungando, pego num pano da louça e limpo-nos a ambos.

– Sabes, eu estava a tentar ser feliz – informo-o. – Conhecer um tipo, e tal, mas não deixaste.

– Receei que os homens para ti neste momento seria apenas para fugir à realidade. Não quis que fizesses algo de que te arrependesses.

Olho fixamente para aqueles olhos azuis. *Então, se da minha parte era só para fugir à realidade, para ti era o quê?*

Engulo em seco. Ainda sinto as mãos dele em mim.

– E talvez também me tivesse assustado um pouco – diz-me, com um sorrisinho petulante. – Toda a gente vai querer-te e é o nosso tempo contigo.

Sinto uma agitação na barriga. Gosto quando ele diz coisas assim.

– Não tens problemas com isso? – pergunta.

Assinto. É agradável ter uma família.

Puxa-me para o chão e dá-me uma palmada no traseiro.

– Agora, toca a andar para a cama.

Mostro um débil sorriso e sinto de novo o toque dele quando tenta pôr a tira sobre o meu ombro. Mas cai sobre a mama.

– E, provavelmente, não devias andar por aí vestida assim – diz ele de novo numa voz calma.

Olho-o nos olhos.

Inclina a cabeça.

– Em especial, neste inverno.

12

Tiernan

Assento a minha mão nas costas de Jake, o meu rosto virado para o céu. Pequenas nuvens brancas ponteiam o azul e o ar fresco enche-me os pulmões com água e madeira. Não me lembro de alguma vez me sentir tão relaxada.

Não dormi muito depois de me ter mandado para a cama na noite passada, mas não sinto sono. Tudo agora parece mais leve.

– Para de puxar as rédeas – recomenda Jake.

Sorrio, os meus braços apertados em volta dele enquanto agarro as tiras de couro.

– Mas eu gosto de conduzir.

– Não é assim que se conduz um cavalo – repreende por cima do ombro. – Pensei que sabias montar.

– Também eu pensei, mas não me deixas montar sozinha – troço, pousando o meu queixo no ombro dele.

As nossas espingardas balançam contra as minhas costas enquanto cavalgamos em redor do celeiro e de volta pela rampa até à casa. Depois das tarefas desta manhã, Noah foi de carro levar todas as raparigas à vila e Jake levou-me para a floresta para treinar tiro ao alvo. Desde ontem à noite que não vejo, nem ouço, Kaleb.

Mas ao cavalgarmos diante da grande pilha de gravilha que Jake despejara para arranjar a rampa esta manhã, espreito e vejo Kaleb, de pé sobre uma escada a consertar o vidro no teto da estufa.

Não olha para trás.

– Tens fome? – pergunta Jake.

Para, desmontando, e agarro a mão dele para me ajudar a descer.

– Sim. – Estava com fome desde o pequeno-almoço e na altura também comi algo. Imenso, na verdade. Era capaz de comer três…

– *Cheeseburgers!* – ouço Noah gritar de repente.

Rodo de repente a cabeça e vejo-o a sair do celeiro, com os punhos no ar.

Sorrio e então olho para Jake.

Abana a cabeça e retira as chaves do bolso, largando-as na minha mão.

– Vai – diz ele.

Começo a dirigir-me à carrinha, mas paro e viro-me para trás, depositando um beijo na face de Jake.

Ele paralisa, olhando para mim.

Dispo a camisa de Noah e prendo-a à cintura enquanto me afasto, sorrindo.

– Disseste que devia fazer coisas que me deixem feliz. Disseste para encontrar a minha felicidade.

– Tenho a certeza de que nunca disse isso.

Mas avisto o sorrisinho que lhe baila nos lábios ao virar-se e pegar num ancinho para começar a espalhar a nova gravilha.

Abrindo a porta da carrinha, entro, mas Noah está lá de repente, travando-me. Baixo-me quando ele me tira as chaves.

Mas, enquanto me desvio para o lugar do passageiro, aquela porta abre-se e está lá Kaleb. Prendemos o olhar um no outro e ele levanta o queixo, ordenando-me que lhe dê espaço. Sinto os nervos à flor da pele. Instalo-me ao meio.

Os rapazes ocupam os seus assentos comigo ao meio e Noah liga a carrinha, com o braço de Kaleb pousado no assento atrás de mim.

Espreito por cima do ombro para Jake através do espelho retrovisor, tentando recuperar a descontração que sentira apenas há uns minutos.

– Não demorem! – grita ele, e despe a camisa, enfiando-a no bolso de trás enquanto volta a pegar no ancinho para espalhar a gravilha. – Preciso de ajuda com isto!

Ouço Noah troçar ao engatar a carrinha e sem abrir a boca acelera, provavelmente determinado a demorar o máximo de tempo possível.

Serpenteamos pela floresta, descendo a montanha pelas estradas estreitas enquanto a luz do sol brilha por entre as árvores e Noah enfia a mão entre os meus joelhos para aceder à caixa de velocidades da velha carrinha.

Não me saem da cabeça as palavras de Jake da noite passada.

Em especial, neste inverno.

Estão a aproveitar ao máximo agora, pois sabem que vão ter de passar sem isso, mas…

Se Jake não se tivesse afastado na noite passada, não teríamos parado.

Ora bem, acho que ele tem razão. Sentimo-nos ambos sós e fomos longe demais. Preciso muito mais de uma família do que de sexo e teria sido complicado lidar com o que estávamos a fazer na noite passada. Teve razão em parar.

Certo? Ainda sinto o sussurro dele na minha boca. *És linda e afastar o meu corpo do teu é muito doloroso.*

Esfrego as palmas das mãos no meu colo ao sentir uma impressão no estômago.

Não sei. Senti-me ótima ao acordar hoje, sabendo que não fiz nada de que poderia arrepender-me, mas… Se voltar a acontecer, não me parece ainda que seja eu a pôr um travão.

– Então, tu e o meu pai estão bem? – alguém pergunta.

Pestanejo, percebendo que veio da esquerda.

Olho para Noah.

– Hã?

Porque é que eu e o pai dele não haveríamos de estar bem? Ele sabe de algo?

Espreita para mim, tentando manter também os olhos na estrada.

– Aquela coisinha – alude ele –, ontem à noite na carrinha?

Levo um momento, mas então recordo. A discussão. Quando ele ameaçou bater-me.

– Ele é um tormento – prossegue Noah. – A sério. Não deixes que descarregue em ti. Ainda hoje me surpreende que ele alguma vez se tenha excitado o suficiente para nos fazer.

E depois desata a rir, engatando uma mudança mais veloz enquanto a carrinha rola pela estrada e o vento sopra através da cabina.

Um sorriso apossa-se dos meus lábios e baixo a cabeça, tentando escondê-lo. *Ontem à noite ele não teve problemas com isso.*

Mordo o lábio inferior para que o sorriso não se espalhe.

Esticando o braço, ligo a música, apanhando «Gives You Hell» ao sintonizarmos a estação local. Noah põe mais alto, Kaleb baixa a janela do seu lado e começo a relaxar ao ouvir a música.

As folhas verdes das árvores caducas misturadas entre as coníferas exibem tonalidades amarelas que em breve serão cor de laranja e vermelhas antes de os ventos violentos do inverno as arrancarem. Já nevou nos picos mais elevados do estado, mas aqui o ar cheira apenas a feno e fumo, comida robusta cozinhada em fogueiras que de certa forma me recordam as maçãs caídas deixadas a decompor sob as árvores em Brynmor. Parece a expectativa que se sente quando se espera que algo aconteça.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos enquanto Noah canta e a brisa me afaga os braços despidos.

Mas, então, a carrinha para de repente, sou sacudida para a frente e algo me bate no peito. Retraio-me com a dor, arregalando os olhos quando um carro para mesmo diante de nós.

– Au, vá lá! – ruge Noah, com a carrinha parada a meio da estrada.

O carro recua de uma rampa e segue em frente, tomando a estrada como se não tivéssemos estado prestes a chocar.

Inspiro fundo, de repente ciente de novo da dor no peito.

Olho para baixo e vejo que o braço de Kaleb está esticado à minha frente, impedindo que eu tivesse batido de cabeça no para-brisas. Ao meio, não tenho cinto de segurança.

Olho para ele enquanto faz uma carranca ao carro que desaparece ao fundo da estrada.

Sem sequer olhar para mim, retira o braço e devolve o olhar ao telemóvel.

Hmm.

Noah volta a arrancar, mas observo de relance Kaleb de poucos em poucos segundos. Então, ele sabe da minha existência.

Atravessamos a vila, virando para o Ferg’s Freeze à esquerda e parando no *drive-through*.

Ouve-se uma voz de mulher pelo altifalante e consulto rapidamente a ementa.

– *Cheeseburger* – digo-lhe quando ele se debruça na janela.

– Muito bem, são sete *cheeseburgers* – pede ele.

Sete?

Noah volta-se para mim.

– Queres o teu com *bacon?*

Assinto com a cabeça.

– Todos com *bacon* – diz ele à funcionária. – Três… não, quatro… doses grandes de batatas fritas.

– Não preciso de batatas – reajo.

– Eu como as tuas – diz-me. – E quatro batidos… dois de baunilha, um de morango e…

Olha para mim por cima do ombro.

– Também de morango – respondo.

– Que sejam *dois* de morango e junta uma *Cola*.

Ela diz-lhe o total e recosto-me no assento enquanto paramos atrás de outro carro, à espera da nossa vez.

Espreitando para Kaleb, vejo que ainda consulta o telemóvel e olho para baixo para ver o que tanto lhe atrai a atenção.

Sorrio.

– Já lá estive – digo-lhe, apontando para as imagens no hotel. – É um hotel no Oregon que é uma casa na árvore. Adoro as luzes nas árvores… é giro. Assim para o mágico.

Olha para mim, fitando-me em silêncio.

Provavelmente, estará zangado por eu me mostrar intrometida. Preparei-lhe o pequeno-almoço todas as manhãs esta semana, que ele devora, mas por algum motivo praticamente mantém-me fora do radar, a não ser que queira… comer.

– Alguma vez saíste do Colorado? – tento.

Mas como é evidente não responde.

Avançamos, e ouço uma voz chilreante.

– Olá, Kaleb – alguém diz.

Uma rapariga bonita com um corte de cabelo desgrenhado pelos ombros e franja espreita pela janela, com a sua blusa do uniforme às riscas azuis e brancas decorada com uma placa onde se lê Marnie.

Kaleb não reconhece a presença dela enquanto Noah lhe paga. Ela volta a abrir a janela para lhe entregar o troco.

– Sabes que a oferta se mantém – diz ela, olhando para Kaleb enquanto entrega os sacos de comida a Noah. – Tens a certeza de que não me queres meter no meio das provisões que levam para o pico no inverno? Podia manter-te quente.

Percebo que está só a provocar, a tentar brincar.

Mas Noah ri-se, pegando nos batidos e entregando-mos, e seguro-os no colo.

– Sim, mas só se ele te puser na despensa nas vinte e três horas do dia em que não te está a usar.

– Noah! – grito, de olhos arregalados.

Mas a miúda já vai muito à minha frente. Lança a mão à *Cola* que está pousada no parapeito e o seu conteúdo espalha-se sobre Noah antes de se fechar de novo a janela, deixando-o sem reação.

Caem salpicos em cima de mim, encharcando o assento, e arquejo com o gelo e o frio enquanto Noah resmoneia.

– A sério! – queixa-se ele, sacudindo *Cola* das mãos. – Que raio?

Rio-me, mal reparando que Kaleb me levanta e me afasta para longe da porcaria.

– Mereceste – digo a Noah, mas ainda a rir-me.

Ele resmunga, sacando de guardanapos do saco para se secar.

– Foi a brincar.

– Bem, eu gosto dela – troça.

Ouve-se uma buzina atrás de nós e Noah faz má cara ao arrancar, provavelmente por agora não ter a *Cola* para beber.

Kaleb limpa-me o braço com um guardanapo e paro de rir, percebendo que estou sentada no colo dele. Olho para baixo para o assento vermelho, vendo uma poça escura de *Cola* onde eu me sentava.

Atira o guardanapo para o chão e pega noutro, pressionando-o contra a coxa para embeber a imundície dos meus *jeans*. Fico sem fôlego e pouso a minha mão sobre a dele para o travar.

– Eu…

Olha para mim e da última vez que esteve assim tão próximo foi quando me teve no capô do carro.

– Eu… eu estou bem – asseguro-lhe, enxugando os meus *jeans*.

Retira a mão, deixando-me fazê-lo enquanto me rodeia a cintura como um cinto de segurança e regressa ao seu telemóvel para jogar, segurando-o com ambas as mãos à minha volta.

– Já me posso sentar.

Tento sair de cima dele, mas impede-me, sem desviar os olhos do telemóvel enquanto dá palmadinhas no assento para me recordar que está molhado.

Continuando a consultar o telemóvel, mantém o braço bem firme e a minha pulsação dispara.

Ao seguirmos para casa, só o sinto a ele. Noah não se encontra na viatura. Não há música. Apesar da brisa, a carrinha está quente no interior.

A dada altura, olho para ele e ele ergue o olhar, sustendo-o no meu.

E percebo então que me equivocara. Estou no seu radar.

– Não! – berro, desviando as pernas antes que ele conseguisse agarrar bem.

Mas não sou suficientemente rápida. Jake agarra-me os tornozelos enquanto eu tento deitar a mão ao rasgão no tapete para me segurar lá e espernear para me livrar dele.

Puxa-me para baixo e grito na garagem, desatando a rir sem conseguir parar.

Já passaram quase dois dias desde a cena na cozinha. Trabalhámos, cozinhámos, enfrascámos compotas de fruta, abastecemos a despensa com mantimentos para o inverno e engarrafámos alguma água, pois foi-me dito que é frequente os canos congelarem.

Obrigaram-me a ver toda a primeira temporada da série de karaté deles e eu fiz alguns gelados novos que encontrei no *Pinterest* para os cavalos e as galinhas pelos quais Noah me gozou, mas que os animais adoraram. Estive a observá-los por uma boa hora a bicar o milho gelado. Foi tão giro.

– Vamos – ruge Jake, agarrando-me com força. – Já devias saber fazer isto.

– Só passaram dois dias. Dá-me um descanso.

Paro de tentar espernear e aponto os meus dois punhos à cara dele. Recua, mas acerto de raspão no nariz.

Larga-me e levanto-me de pronto, enfrentando-o, a postos.

Ele agarra o nariz, com os olhos a lacrimejar.

– Au – grunhe.

Ontem, ele decidiu que eu precisava de um pouco mais de treino do que os rapazes, dado que eu dera por mim a sós com Terrance na lagoa há uns dias e queria ensinar-me algumas manobras de autodefesa. Kaleb foi caçar e Noah está a ver televisão.

Jake funga e esquece, voltando a levantar as mãos.

– Porque é que não me dás antes uma arma? – pergunto. – Não é a resposta do homem da montanha para tudo.

– Claro, assim que largares a tua tosta de abacate.

Rio-me, socando-o no peito.

– Eu não como isso.

Sinto o riso dele enquanto me fez virar e me prende.

– O que vais fazer? – provoca, cingindo os braços em meu redor enquanto me contorço. – Anda lá. O que vais fazer?

Ele hesita apenas por um momento antes de me largar e crava os dedos no meu estômago, fazendo-me cócegas. Enrosco-me, tentando não rir enquanto ambos caímos sobre o tapete, as minhas costas chocando com o peito dele.

– Não, não, não… – Abraço-me a mim mesma contra a chacina, contorcendo-me e meneando-me enquanto rio. – Para!

Ele finalmente assim faz, pousando as mãos na minha cintura enquanto deixo cair a cabeça sobre o peito dele e ambos tentamos recuperar o fôlego.

– Tenho a certeza que vão ter sempre de me acompanhar para todo o lado, porque não vale a pena – digo-lhe.

O peito dele treme com uma gargalhada silenciosa e num breve momento tudo cai no silêncio enquanto ali estou estendida.

O meu corpo começa a aquecer e o meu sorriso esmorece ao senti-lo por baixo de mim, consciente de todos os contornos dos seus músculos. Todas as saliências do seu… corpo.

Rodo a cabeça, olhando para ele, e vejo o embaraço no seu olhar, pois sabe que o senti.

Deixei-o teso.

Sinto a pele a formigar sob os dedos dele e, conforme ele acaricia as minhas ancas com o mais leve dos toques, as minhas pálpebras tremulam.

Ele cinge as sobrancelhas.

– O que é isto? – murmura.

E sinto os dedos dele sob o fio das minhas calcinhas.

Segue o tecido ao longo da anca onde saiu acima da cintura dos *jeans* até atrás onde praticamente não há nada.

Sabe que tipo de calcinhas uso e a respiração dele fica mais ofegante.

– Comprei umas hoje na vila – digo-lhe.

Gosto da forma como me assentam. Do aspeto delas. As raparigas na escola já há anos que usam roupa interior *sexy*.

Mas ele fita-me como se me temesse e coço o nariz, vendo a maçã de Adão dele a subir e a descer.

Não quis perturbá-lo. Não tem a ver com sexo. Simplesmente, aprecio sentir-me diferente e comprar algo que Tiernan de Haas nunca compraria.

É o que dá criar uma adolescente, Jake. A dada altura, ia vê-las na lavandaria.

– Tiernan? – chama Noah. – O teu telemóvel está a tocar!

Inspiro fundo e saio de cima de Jake, ouvindo-o a aclarar a garganta enquanto ambos nos levantamos.

Correndo para casa, pego no telemóvel pousado na ilha, vendo o nome de Mirai no ecrã.

Atendo.

– Olá.

– Tiernan – despeja ela, parecendo aliviada por me apanhar. Há quanto tempo estaria o telemóvel a tocar? – Que bom ouvir a tua voz – diz. – Nunca mais soube de ti. Estava ansiosa por ver como andavas.

Jake entra na cozinha, fechando a porta e prendendo o olhar no meu ao avançar para o frigorífico.

A minha pulsação dispara.

– Ando bem – digo-lhe.

– Estás a gostar disso aí? Está tudo… bem?

– Sim. – Contorno lentamente a ilha enquanto Jake abre uma cerveja. – Mantêm-me sempre ocupada. Muito sol e ar puro.

– Isso é bom. – A voz dela é suave. Doce. Soou sempre assim? – Desde que sejam amáveis contigo.

– Sim – respondo, sabendo que Jake escuta. – São bondosos comigo.

Olho-o nos olhos, sorrindo enquanto ele revira os olhos e sorri com malícia.

– Ouve, eu não queria incomodar-te – diz-me –, mas o funeral dos teus pais é depois de amanhã.

Pestanejo, desviando o olhar do meu tio. O funeral. Sinto-me tomada pela culpa. Há dias que não pensava nisso.

Na verdade, nem sequer pensei no funeral dos meus próprios pais.

– Desculpa lá a pressa – prossegue Mirai. – Com certos participantes, fomos pressionados a trabalhar em função das agendas deles.

Assinto.

– Claro.

Sinto Jake a olhar para mim.

– Não tens de vir – informa-me. – Toda a gente compreenderá.

Sinto o estômago a afundar-se só de pensar em apanhar um avião. A ideia de sair daqui… ir lá…

É a última coisa que me apetece fazer.

Mas não hesito.

– Arranja-me um voo, *okay*? Pode ser esta noite.

– Tens a certeza?

Jake pousa a garrafa no balcão, apoiando ambas as mãos enquanto olha para mim.

– Sim – digo-lhe. – Falamos em breve.

– *Okay* – diz ela. – Dá-me uma hora.

Desligo e Noah terá ouvido, pois aproxima-se assim que pouso o telemóvel.

– Vais embora? – pergunta.

Mas olho para o meu tio.

– O funeral dos meus pais é depois de amanhã – conto-lhe. – Ela vai tentar arranjar-me um voo para esta noite. Detesto ter de pedir, mais podes dar-me boleia até ao aeroporto?

– Tens a certeza de que queres ir? – Semicerra os olhos. – Não tens de fazer nada. Podes ficar. Ou eu podia ir contigo.

– Não podes – digo. – A preparação das motos do McDougall está atrasada. Eu fico bem. Não há crise.

Ele para, com a cabeça à roda.

Ao fim de um momento, avança para a parede e pega num conjunto de chaves.

Empurra-as sobre o balcão.

– Leva uma das carrinhas – diz. – Estaciona-a no aeroporto, para estar lá quando voltares.

Olho fixamente para as chaves.

Haverá coisas com que lidar em casa. A casa, as contas, Mirai, as condolências, compromissos que eles tinham com instituições de caridade e angariações de fundos…

– Não vais voltar – acaba por dizer Jake quando não aceito as chaves.

Abro a boca, mas nada sai. A minha garganta enche-se com um alto do tamanho de uma bola de *softbol* que dói imenso.

– Não sei o que vai acontecer. Isso é certo. – Por fim, olho para ele. – Há muita coisa para tratar lá. Não sei dizer quanto tempo leva.

Olha para mim e Noah não tem nada para dizer pela primeira vez desde que aqui cheguei.

Jake suspira e pega nas chaves, passando a sua cerveja a Noah antes de se afastar sem voltar a olhar para mim.

– Avisa-me quando estiveres pronta para sair.

13

Tiernan

Não chove.

Pensei que era o que supostamente acontecia durante um funeral.

Tal como nos filmes. Chove sempre.

As sombras das árvores deslizam sobre as janelas da limusina preta em que viajamos através de Glendale, a caminho do cemitério. Encosto-me à porta, com Mirai sentada à minha frente enquanto a procissão transporta os meus pais primeiro para a capela, o nosso carro seguindo-a.

Claro, é um dia maravilhoso. O sol nunca deixou de brilhar sobre a minha mãe.

Mas, então, reviro os olhos por detrás dos meus grandes óculos escuros, deixando escapar um suspiro. Sim, era mesmo isso que eu devia dizer no meu discurso fúnebre. Teria todos os presentes a rebolar de riso com a piroseira.

Credo.

Olho pela janela, unindo as minhas mãos enluvadas, mas, continua sem me vir nada à cabeça. Não aconteceu nas trinta e seis horas decorridas desde que regressei à Califórnia. Não me ocorre nada para dizer que não soe a mentira.

Ora bem, não lhes faltava talento ou beleza. Porque é que não me ocorre uma única palavra profunda para lhes dedicar naquele pódio que me sirva para cumprir o meu derradeiro dever de filha?

Eu deveria ser capaz de o fazer.

Mas não, qualquer mentira doce ou adocicada leva-me a sentir-me uma fraude e não consigo proferir as palavras, pois já não tenho estômago para viver de uma forma que não seja genuína.

– Estás morena – comenta Mirai.

Incido nela o meu olhar, vendo os óculos de sol dela dependurados nas pontas dos dedos, o cabelo puxado para trás num longo e baixo rabo-de-cavalo.

Adoro o aspeto dela. Usa uma saia justa preta e um casaco preto, com um cinto preto reluzente em volta da cintura e sapatos de salto alto. Em termos de escolha da parte de assistente de compras, ela parece achar que ainda tenho doze anos a ver pelo vestido que me preparou. Cubro-o com um casaco preto comprido e, dado que estou de luvas, Mirai deve referir-se à minha cara, a única pele visível.

Assinto com a cabeça.

– Gostas daquilo por lá?

– Sim – murmuro.

Gostei *deles*.

O lugar vazio ao meu lado pesa-me imenso e quem me dera que Jake lá estivesse. Ele ofereceu-se, não foi? Tinha de abrir a minha grande boca e recusar.

Além disso, não comi grande coisa desde que cheguei. A comida aqui tem um sabor diferente.

– Falei com ele ao telefone enquanto lá estavas – diz-me Mirai. – O teu tio, quero eu dizer. Temi que fosse um idiota. – Ri-se um pouco. – Mostrou muita personalidade.

Sorrio para mim mesma, olhando pela janela.

– Sim, tem – sussurro.

Mas sinto-me tremendamente orgulhosa. Gosto dele assim.

– Convidei-os – revela ela. – Convidei-os a vir cá.

– Eles nunca sairiam do Colorado.

Noah, talvez. Jake, sem vontade. E Kaleb… não o vejo em mais nenhum lugar.

A minha respiração torna-se rasa ao pensar que horas serão por lá e o que estarão a fazer neste momento. Noah andaria a testar as motos, a demorar muito mais tempo do que lhe era permitido, e Jake gritar-lhe-ia quando regressasse antes de o mandar para casa para me ajudar a preparar o almoço…

Mas, não, baixo o olhar.

Não estou na cozinha. Noah há de preparar o almoço sozinho.

Ou irá buscar *cheeseburgers* à vila.

Penso se terá limpado aquela mancha no assento. Conhecendo Noah, deixou-a ficar. É tão preguiçoso com algumas coisas.

– O reverendo é o primeiro a falar – diz Mirai –, seguido por mim, George Palmer, Cassidy Lee e Delmont Williams.

Recosto-me no meu assento e olho pelo para-brisas, para lá do motorista, para ver o carro funerário que transporta os meus pais. Primeiro, para o funeral. A seguir, para o crematório.

Sinto a garganta a ficar presa.

– O reverendo vai então perguntar se alguém deseja dizer algo – prossegue numa voz lenta e branda. – Se decidires falar, então estás à vontade, *okay*?

A voz dela soa como se explicasse isto a uma criança. Como se temesse que eu acordasse aos gritos caso falasse demasiado alto.

– Não tens de fazer isso – digo-lhe. – Não tens de falar assim. Não estou a dormir.

Olha fixamente para mim, inspirando fundo ao mesmo tempo que os seus olhos começam a brilhar. E depois vira a cara, para que eu não veja.

– Lembras-te das tuas noites com pesadelos? – pergunta, olhando para o exterior pela janela. – Conversámos sobre eles quando eras pequena.

Regressaram no Colorado. Não lhe contei isso, nem o farei.

– Acontecia todas as noites – explica. – Acordávamos-te, fazíamos com que parasses de gritar e depois adormecíamos-te outra vez.

Lembro-me vagamente. Era tão nova.

Ela engole sem seco.

– Uma noite, esperei que adormecesses – conta – e enfiei-me na cama ao teu lado.

Olha de novo para mim.

– Nada, nem um pesadelo – revela. – E, na noite seguinte, a mesma coisa. Nada de pesadelos quando dormia contigo.

O meu queixo treme e cerro o maxilar para o deter.

Escorre-me uma lágrima pela face enquanto ela só consegue proferir um sussurro.

– Só precisavas daquilo de que toda a gente precisa – diz-me. – Um lar.

Cinjo os punhos, tentando manter a respiração calma.

– Não se trata de um lugar, Tiernan. É uma sensação. – A voz dela treme. – Mesmo quando deixaste de ter pesadelos, naquela casa só conseguias dormir umas quatro ou cinco horas por noite. Com eles. Daí eu não ter ficado incomodada quando te enviaram para uma escola quando ainda só tinhas onze anos. – Funga, deixando escapar um soluço ao desviar o olhar. – Talvez, por fim, dormisses.

O carro para e abre-se a porta, com Mirai a pôr rapidamente os óculos de sol e limpando as lágrimas ao sair.

Demoro um pouco a pôr os membros em movimento.

É uma sensação.

Uma sensação. Não um lugar.

Fecho momentaneamente os olhos, sentindo o sol lá no cume a bater no meu rosto. E os meus braços em volta do meu tio enquanto sigo sentada no cavalo.

Saio do carro, mal dando pelas câmaras e pelo palavreado dos repórteres ao acompanhar cegamente os passos de Mirai rumo à igreja. As pessoas falam comigo, pegando-me na mão e agarrando-a com ambas, mas não consigo pensar.

Não me sinto bem.

Porque é que regressei? Achei que precisava disto. Estar aqui. É o correto, certo?

Engulo em seco, o enjoo a subir-me pela garganta.

Pessoas rodeiam-nos, todas ansiosas por algo, e apesar de não ter tido coragem para abrir as minhas redes sociais quando cheguei, é evidente que o suicídio dos meus pais ainda faz manchetes.

Caramba, já deve haver algum realizador a levar a história a uma produtora, para que a morte dos meus pais possa ser chorada em algum telefilme, onde serão retratados como perfeitos e apaixonados desde que se conheceram. E eu, a sua filha adorada – o produto da sua tragédia shakespeariana –, seria apenas uma personagem importante no fim… parada junto à lápide deles, sorrindo por os saber finalmente em segurança para toda a eternidade.

Sento-me na fila da frente com Mirai, sendo a única parte boa disto ninguém contar muito com a filha pesarosa, pelo que posso ficar tranquilamente sentada sem que, por uma vez que seja, pareça estranho.

Fecho de novo os olhos atrás dos óculos. Há dois dias, eu fazia brinquedos para cavalos – jarros de leite com cenouras e maçãs presas com que podiam brincar para obter os seus petiscos. Estariam os jarros agora vazios? Kaleb não quer saber e Noah provavelmente nem repararia.

Não sei quando começa o funeral, mas quando Mirai me dá um toquezinho com o cotovelo e me sussurra ao ouvido «óculos» para me lembrar de os retirar, abro os olhos e vejo os caixões à minha frente.

Retiro os óculos, dobrando-os com cuidado e enfiando-os no bolso.

Os oradores levantam-se, um a um, ao longo da hora seguinte, contando histórias que eu nunca ouvi e pintando um quadro de gente que nunca conheci. Fico ali sentada, a escutar Mirai falar do prazer que foi fazer parte da vida deles e apoiar o seu trabalho, enquanto Cassidy (sem dois «e») e o senhor Palmer contam histórias da juventude deles e início de carreiras, as obras de caridade deles ocupando grande parte da narrativa que o assessor de imprensa provavelmente lhes terá solicitado que destacassem para recordar às pessoas que o modo como deixaram este mundo não era o mais importante.

Quando Delmont, o amigo mais chegado do meu pai, se põe ali a falar dos tempos em que jogavam futebol americano universitário e dos verões com a mochila às costas na Turquia, no Chile ou onde fosse, Mirai assenta uma mão sobre a minha para me avisar que está quase na hora.

Sinto o estômago às voltas. Poderia falar sobre o trabalho deles, calculo. Como se revelaram uma inspiração para mim, e poderia mentir sobre todos os postais e presentes com que me surpreenderam na escola, apesar de ter sido obra de Mirai e eu sempre ter sabido que foi ela, apesar de ela lhes ter dado todo esse crédito.

Poderia falar sobre o que aprendi com o meu tio e primos. E depois dizer que tinha sido aprendido com os meus pais.

Já não quero permanecer calada. Quero provar-lhes que não me vergaram. Que não permito que me afetassem a voz e a minha capacidade de ser corajosa.

Mas ao tentar manter os pés bem firmes no chão para me levantar é-me impossível.

Não quero mentir.

– As coisas mudam, a vida continua e com ela o mundo – diz Delmont. – Mas, a morte? A morte é tão certa como a noite.

Ergo os olhos para ele, escutando as suas palavras.

– Faz parte de todos nós. – Olha em volta pelos presentes ao rematar o seu discurso. – A única coisa que deixamos efetivamente para trás é o trabalho que fazemos e as pessoas que nos amam.

As pessoas que nos amam…

– Amelia e Hannes não deixavam nada por fazer – conclui. – Sabiam sempre a resposta para a questão mais importante para a vida de cada um… onde quero estar hoje?

Fito os caixões dos meus pais, fechados, para que sempre nos recordemos de como eles eram.

E as lágrimas começam a escorrer pelas minhas faces, agora, ao fim de dias.

Odeio-os.

Odeio-os e desperdicei imenso tempo a odiá-los.

Não era aqui que eu queria estar.

Vocês amavam-se um ao outro. Limpo as lágrimas, olhando para eles, e as palavras que antes não logrei reunir surgem por fim. *Foram mais sortudos do que a maioria.*

Pelo menos, tinham-se um ao outro.

Foram capazes de tanto no que tocava ao amor. Baixo os olhos, olhando para o meu colo, os punhos a cerrarem-se em volta do meu casaco. *E pensaram no que seria viver sem amor, pois decidiram não viver um sem o outro. Pensaram no que foi para mim, todos estes anos, viver sem vocês.*

Lágrimas caem em silêncio e tudo se torna turvo. Fecho os olhos, todos os anos de raiva a erguerem-se conforme cerro os dentes.

Odeio a vossa casa, digo-lhes mentalmente. *Odeio o fedor do vosso perfume e das vossas velas e da vossa laca. Odeio a sensação das vossas roupas e as paredes brancas, as alcatifas brancas e os móveis brancos.* Tento acalmar a minha respiração. *A biblioteca cheia de livros que nunca foram abertos e como nunca havia nada de caloroso.*

Odiei-vos.

Sinto dificuldade em respirar. O ar é demasiado denso. Tenho frio.

Odeio nunca vos ter dito nada disto. Nunca ter dado luta ou dito algo ou desafiado, nunca ter saído para procurar no mundo aquilo de que necessitava. Como vos deixei ganhar.

Nunca vos ter dito que me destroçaram.

Era onde eu queria estar quando morreram. De pé.

É tudo o que quero.

Mas eu era demasiado cobarde para falar convosco, digo a mim mesma, as lágrimas já secas enquanto inspiro fundo. *Os cobardes passam a vida arrependidos, pois só demasiado tarde percebem que a jornada está cheia de gente que tem medo.*

Não precisavam de seguir sozinhos.

14

Noah

A motosserra zumbe lá fora e sento-me na cama, balançando as pernas na beira. Passo uma mão pelo cabelo. Será que ele vai discutir comigo se eu hoje não quiser sair do raio deste quarto?

Kaleb livrou-se de nós e ontem foi outra vez caçar e nas últimas quarenta e oito horas o pai mal me dirigiu a palavra. Que diversão. Parece que estamos de novo nos bons velhos tempos.

Abano a cabeça e levanto-me, vestindo uns *jeans* antes de sair do quarto. Vou sair desta casa. Desta vila. A meio da noite, como um cobarde, pois não sei lidar com confrontos, mas vou mesmo partir. Talvez ele perceba como eu era fantástico assim que não me tiver para me dominar. Porque é certo que não vai pegar com Kaleb.

E talvez Kaleb finalmente profira uma palavra não estando eu aqui para assumir toda a conversa por ele.

Não aguento outro inverno com eles. Enlouqueço.

Subindo ao primeiro andar, entro na cozinha e avanço diretamente para a máquina do café, vendo o meu pai a entrar vindo da oficina. Pego numa caneca e depois no bule, percebendo que está vazio quando ele também para para encher a dele.

Suspiro, sentindo a dor de cabeça a dilatar.

– Eu… – Passa-me a caneca e afasta-se. – Prepara outro bule.

Soergo uma sobrancelha, mas obedeço. Há quanto tempo está ele a pé?

Põe na mesa um naco de pão, *bacon* que fritou e um par de caixas de cereais, a par do leite e da manteiga, e eu deito fora o filtro de café usado, substituindo-o por um limpo.

Assim que é posto o café moído, encho o recipiente de água e começo a preparar, servindo-me de uma bolacha *Oreo* do pacote pousado na banca.

O que vou fazer hoje? O mesmo de sempre, mas há sempre a cerveja. Tenho pelo menos isso para me animar, agora que perdi a minha janela de oportunidade do patrocínio da DeltaCorps.

E agora que a casa está outra vez mergulhada num silêncio de merda, porque…

Ele senta-se, preparando uma sanduíche, e instalo-me à frente dele, trincando a bolacha.

Mas ao sentir o sabor o meu estômago revolve-se de imediato. Obrigo-me a engolir, mas atiro o resto para cima da mesa.

Sinto-me pior do que merda.

– Isto é uma grande merda – resmungo.

Sinto saudades dela. Todos sentimos. Até Kaleb, acho. Ele veio para casa há vinte e quatro horas com uma ave aquática qualquer, percebeu que ela partira e desapareceu no bosque ao longo de todo o raio do dia.

Sinto saudades de descer as escadas e dar com as luzes acesas. As raparigas gostam de sítios acolhedores e quentes. E vê-la lá fora no celeiro ou a andar de um lado para o outro descalça na nossa cozinha… A casa ficava com bom ambiente. Até as birras dela me divertiam.

A porta da frente abre-se e Kaleb entra, despindo a camisa, ensanguentada com o que quer que esteja a encher o nosso congelador para o inverno. Quase vejo Tiernan a levar a mão à boca, com ar de quem iria vomitar sempre que o visse naquele estado.

Sinto uma leve pontada de dor no coração.

– Vê lá se a vais buscar – digo ao meu pai, mas sem olhar para ele.

Kaleb enche um copo com água e espero que o meu pai discuta, pois não há mérito em nada do que eu pense ou diga. Ele nunca escuta, simplesmente reage com o exato oposto do que eu quereria.

– Ela está a lidar com a morte dos pais – diz ele, engolindo a sua comida. – É adulta. Não posso dizer-lhe o que fazer.

– Ela não é adulta – retruco. – O lugar dela é aqui. Tu é que mandas, não ela.

Ele recosta-se na sua cadeira, largando a sanduíche no prato. Sei o que lhe vai na cabeça. Soo maluco como o caraças. Queria mesmo que ele a arrastasse de volta para aqui a espernear e a gritar?

Não.

Talvez.

– O funeral foi apenas ontem – diz-me. – Ela ainda pode voltar.

Pois, está bem. Discutimos com ela como verdadeiros idiotas e não precisou de pensar duas vezes para decidir partir. Porque haveria de regressar? Eu não o faria.

Estendo o braço e pego no sumo, abrindo a tampa do pacote e levando-o à boca.

Mas, então, bate uma porta lá em cima e ouço o soalho a ranger.

Paraliso, prendendo o olhar no meu pai.

Ele estreita os olhos.

– Trouxeste alguém para cá esta noite? – pergunta.

– Não.

Baixo o sumo, ambos apurando os ouvidos.

Talvez Kaleb tenha trazido alguém…

Mas, antes de eu conseguir terminar o pensamento, ouvimos passos nas escadas e todos viramos a cabeça, vendo Tiernan contornar o corrimão, vestindo uns calções de ganga largos, a minha *T-shirt* e com o cabelo num caos, e óculos escuros a protegê-la da luz matinal enquanto se abraça contra o ar frio.

O que raio?

– Bom-dia – diz ela enquanto boceja.

Salto da minha cadeira, ficando de boca aberta a olhar para ela enquanto passa rente à mesa para chegar à máquina de café.

– Bom-dia? – digo de pronto. – De onde raio saíste?

Ela limita-se a vaguear, como se nunca tivesse partido. Estarei a sonhar?

– Quando é que chegaste? – questiona o meu pai antes de ela poder responder.

Ela empurra os óculos para o cimo da cabeça, voltando a bocejar. Kaleb olha-a com atenção quando ela se põe junto dele, servindo-se de um café.

– Na noite passada – responde.

– Como é que vieste do aeroporto para cá?

– Uber – esclarece.

– Regressaste – digo, ainda espantado enquanto o meu coração bate com força.

Ela está mesmo aqui? Tipo, esteve todo este tempo no quarto enquanto eu estava aqui em baixo cabisbaixo.

Ela roda a cabeça sobre o ombro, fitando-nos a ambos como se fôssemos idiotas.

Ela sem dúvida que não ia aceitar agora um abraço.

– Alguém pode ver a caixa de velocidades do trator? – pergunta ela, mudando de assunto. – Está perra. E o aspirador? Faz muito, muito barulho. – Despeja um pouco de leite no café e mexe. – Lá porque constroem motos, não significa que tudo nesta propriedade tenha de ser mexido para soar como um carro *kitado*.

Ela pega na caneca e abandona a sala.

– Eu trato da *Bernadette*, dou de comer aos cavalos e aos cães e apanho os tomates antes de tratar do pequeno-almoço – diz-nos. – Alguém se importa de levar lenha hoje para o meu quarto? Está a ficar muito frio à noite.

Abandona a sala, regressando ao piso de cima, e fico a olhar pasmado para o meu pai, com a boca meio aberta.

– Não vos dou de comer até os estábulos estarem prontos e a *Shawnee* tratada! – grita ao subir as escadas. – Vamos!

Os olhos do meu pai arregalam-se e ele salta da sua cadeira, enfiando o último pedaço de *bacon* na boca enquanto eu me rio, emborcando um grande gole de sumo de laranja antes de sair a correr da cozinha.

Sim, senhora.

Acabo de pôr uma manta sobre a égua e passo-lhe a mão sobre a cabeça, entre os olhos, antes de fechar o portão e sair apressadamente do celeiro.

Arrepio-me. Merda, arrefeceu imenso. O Sol mergulhou atrás do pico há já uma hora e, apesar de não estar escuro, sinto a falta do seu calor. Pegando na minha *sweatshirt* pousada sobre a lenha, enfio-a pela cabeça, voltando a ajeitar o chapéu.

– Tiernan! – grito, vendo-a a sair da estufa e puxando a mangueira de volta para o lado. – Vamos apanhar uma piela!

Brinda-me com um pequeno sorriso e inspiro, cheirando os bifes no grelhador.

Ela sobe a correr os degraus da casa, com as galochas cobertas de lama seca da última vez que as calçou, e corro atrás dela, ambos contornando o alpendre até às traseiras da casa.

Agarro em duas cervejas do barril, limpando o gelo e arrancando as caricas. Entrego uma a Tiernan quando paramos junto ao meu pai.

– Está frio. – Ela está aos saltinhos.

Dispo a minha camisola e dou-lha. Ela já veste a minha velha camisa de flanela azul e branca, mas não discute. Pegando no pulôver azul-marinho, enfia-o e aceita a cerveja extra que lhe ofereço.

– Nunca está demasiado frio para um churrasco – realça o meu pai.

Ela sorri.

– Cheira bem. Estou cheia de fome.

Ele empilha os bifes numa travessa, eu pego no milho assado e Tiernan corre até ao interior da casa para ir buscar a salada de macarrão e as batatas fritas.

Pousamos tudo na mesa de piquenique na oficina, as portas abertas e música a tocar conforme a noite vai arrefecendo. A cerveja embala-me as veias e deito abaixo a garrafa enquanto levo o braço atrás e pego na garrafa de *Patrón* pousada na mesa de trabalho.

Sirvo um *shot* a cada um de nós, entregando um a Tiernan.

– Hum, não – diz ela, pousando os condimentos na mesa.

– Sim – assinto com a cabeça, pousando-o junto ao prato dela. – Estamos por tudo.

Kaleb aproxima-se, sentando-se, e deito abaixo o meu *shot*, expirando o ardor. Bato com o copo e solto um grito ao chegar-me ao estômago, saltando em redor da mesa, agarrando Tiernan e pondo-a sobre o meu ombro.

– Porque ela é nossa todo o inverno! – Rodopio, enquanto ela guincha.

– Noah! – ruge ela.

Mas eu não paro de rir. Foda-se, este dia está a terminar bem melhor do que começou. Estive mesmo para tomar uma posição e partir de vez.

Tendo-a por perto, esta casa será suportável. Ela torna o meu pai suportável.

– Por amor de Deus, senta-te – ordena o meu pai. – Vamos comer como uma família.

Volto a pousá-la no chão, rindo e empurrando-a para a cadeira.

Abrindo outra cerveja, reparo no olhar dela a prender-se na tequila e ela ergue uma sobrancelha.

Vamos. O meu pai nunca bebe o suficiente para se embebedar e Kaleb seria capaz de beber o meu peso em *Jack*, *Jim* e *Jose*[2] sem o afetar em nada.

Ela inspira fundo e pega no copo enquanto o meu pai reparte o bife e deita-o abaixo, sorvendo todo o *shot* de uma golada.

E sem rodinhas para se equilibrar. *Linda menina.*

Volto a encher o meu copo e o dela.

– Para. – Ela estende a mão. – Não preciso de andar por aí a vomitar.

– Fazemos assim – digo, enquanto ela serve os nossos pratos com salada. – Vamos fazer uma aposta. Se eu limpar tudo o que tenho no prato antes de ti, tens de deitar abaixo mais dois *shots*.

Ela olha para a costeleta que tem no prato, maior do que a cabeça dela.

– E se eu limpar o meu primeiro? – questiona.

– Então, bebo *eu* os dois *shots*.

– Já ias bebê-los, e já.

Resfolego. Sim, é verdade.

– Trato da roupa esta semana – proponho.

– Obrigadinha, mas ninguém toca na minha roupa interior.

– Sim, isso é mais do que evidente.

Ela arregala os olhos e o meu pai ri discretamente, ele e ela partilhando um rápido olhar antes mesmo de ele se calar.

Ela franze os lábios e lança-me um olhar irado.

– Está bem, está bem – digo, assumindo um tom sério. – Se limpares primeiro o que tens no prato, trato do pequeno-almoço durante o resto da semana.

Ela pondera por uns momentos e assente uma vez com a cabeça.

– Combinado.

Pego na minha faca de carne e no garfo, reparando que ambos temos o mesmo corte de carne e a mesma porção de salada de macarrão.

Ela mantém as mãos no colo.

– Pronto? – pergunta ela.

– Não precisas de talheres?

Abana a cabeça, com um sorriso perturbador no rosto.

– Não.

Okayyy. *Vais mesmo ter de emborcar os dois* shots.

– Força! – grito.

Encho a boca e olho para ela, vendo-a a pegar no prato e pousá-lo no chão.

Hum?

Paraliso, vendo *Danny* e *Johnny* limparem tudo o que está no prato dela, um pegando na carne e o outro arrancando metade enquanto ambos fogem para um canto para saborear o saque.

Que merda é esta?

– Não foi isso o combinado! – exclamo de pronto, quase deixando cair a comida da boca.

– Disseste que eu tinha de limpar o prato.

– Tu! – vinco. – TU tinhas de limpar o prato!

– Semântica. – Bebe um gole de cerveja, com um ar de que se sente satisfeita consigo própria.

– Esse era o teu jantar, querida – avisa o meu pai.

Ela encolhe os ombros.

– Poupo calorias para o pequeno-almoço de amanhã. – E, então, olha para mim. – Panquecas, por favor. Com salsicha e torrada.

Ela ri-se e eu rosno entre dentes.

Pelo menos, ainda consigo beber-lhe os dois shots.

Sentamo-nos e comemos, com Tiernan a retirar um picle doce da taça e mordiscando-o.

– Vai nevar em breve – diz-nos o pai, erguendo a cerveja enquanto olha para Tiernan. – Vamos mais uma ou duas vezes à vila, talvez para te arranjarmos roupa que te sirva.

– Ela pode usar as minhas merdas. – Mastigo a minha comida. – Tenho muita roupa.

– Ela nada dentro dela. – E depois volta a olhar para ela. – Vamos arranjar uns *jeans* que sirvam que não custem trezentos dólares.

– Tre… zentos… dólares. – Arqueio uma sobrancelha na direção dela. – O que raio te passou pela cabeça?

Ela franze a testa e abre a boca para ripostar, mas para, detendo-se ao reparar em Kaleb a pousar um novo prato diante dela e despejando lá metade do seu bife, já cortado em pedaços pequenos.

Ele não estabelece contacto visual e volta a comer e beber como se nada se tivesse passado.

– Ah… – Ela busca por palavras. – Ob… obrigada.

Reviro os olhos e bebo um gole de cerveja. Deveria ter-me ocorrido aquilo.

Ela leva um minuto a recordar-se de onde estava, mas depois volta a lançar-me um olhar fulminante.

– Primeiro – diz ela –, a minha família conta com assistente de compras para comprar a minha roupa, ou *contava*, e, segundo, todas as peças… têm ótimo aspeto.

– Não precisas de ter ótimo aspeto – intervém o meu pai. – Por estas bandas, ter bom aspeto leva a que acabes casada e grávida aos dezoito anos.

– Os teus filhos sabem muito bem o que é um preservativo, tal como eu.

Resfolego.

– Além disso – acrescenta ela –, nunca tive um namorado que fosse. Depois de eu ter tido três, então podes preocupar-te com a possibilidade de eu acabar grávida e casada.

– Três? – balbucio com a boca cheia.

Ela hesita, com um ar de quem preferiria não ter de se explicar.

– A minha mãe disse que nenhuma mulher deveria casar antes de ter tido pelo menos três…

Acena com a mão, como se eu soubesse como termina a frase.

– Três…? – espicaça-a o meu pai.

– Amantes – despeja ela. – Namorados, o que seja.

Uno as sobrancelhas.

– Do que raio estás para aí a falar?

Ela solta um suspiro, endireitando as costas e parecendo sentir-se muito desconfortável. Por fim, pega no *ketchup*, molho *Heinze* e garrafa de molho de carne *A.1.*, juntando uns ao lado dos outros.

– Desejo, aprendizagem e amor – diz ela, indicando os condimentos e tocando com o dedo no *ketchup*. – A minha mãe disse que o primeiro rapaz, ou homem, é uma paixoneta. Achamos que o amamos, mas o que se ama mesmo é aquilo que ele *nos* faz sentir. Não é amor. É desejo. Desejo de atenção. Desejo de perigo. Desejo de nos sentirmos especiais. – Olha entre nós. – Anseiam pelo número um. Anseiam por alguém que vos ame.

O meu pai esquece a comida que mastiga e fica a olhar para ela boquiaberto.

– O segundo é para aprendermos sobre nós. – Toca no *Heinz*. – A primeira paixoneta já era. Estamos tristes, mas, principalmente, zangadas. Zangadas o suficiente para não deixar que volte a acontecer – explica. – Para não nos entregarmos tanto desta vez. Para não abdicarmos do poder e ser a foda amiga dele à meia-noite e estar sempre à espera até ele decidir aparecer.

Está a descrever-nos, percebo.

– O número dois é quando por fim percebemos aquilo de que somos capazes – prossegue, prendendo atrás da orelha um fio de cabelo solto do rabo-de-cavalo. – Começamos a ficar exigentes. Ficamos mais ousadas, sem medo de também começarmos a controlar. Também não temos medo de ser mais ambiciosas no quarto, pois tem a ver com o que queremos e não com o que ele quer. O número dois é para ser usado. De certa forma.

O meu pai pigarreia e rio-me só para mim ao largar o garfo e dar-lhe toda a minha atenção. Ela disse *quarto*.

– O que raio é que ela te ensinou? – murmura ele.

Mas quero que ela prossiga.

– E o número três? – pergunto, pegando na *A.1*.

– Amor. – Ela pega na garrafa. – Quando assentam as lições que aprendemos sobre as nossas fraquezas com o número um e o egoísmo com o número dois, estamos prontas a acolher tudo o que ele é, e já sem se ter medo. – Volta a pousar a garrafa no lugar. – Podemos não ter ainda um final feliz, mas vamos envolver-nos numa relação saudável e lidar com ela de uma forma que nos orgulha.

– E achas que a tua mãe é alguém a quem dar ouvidos? – reage o meu pai.

– Ela foi um fiasco enquanto mãe – vinca Tiernan. – Mas em nada mais. Na verdade, é o único conselho que alguma vez me deu, por isso agarro-me a ele.

Na verdade, não é um conselho assim tão terrível. Ainda bem que não casei com a minha primeira. Ou a minha quinta. As pessoas aprendem sobre si mesmas através do sexo. É verdade. E por vezes é preciso viver imenso

para nos tornarmos a pessoa que queremos ser. Estou contente por a minha futura mulher não ter tido de experimentar o verdadeiro idiota que eu era aos dezassete anos. Eu era muito pior. Muito pior, mesmo.

– Bem, parece que já sabes tudo o que precisas saber – diz-lhe o meu pai. – Porquê passar por três homens para chegar lá?

– Há lições que não podem ser ensinadas – diz ela, trincando um pedaço da carne que Kaleb lhe ofereceu. – Só aprendendo. Não te parece?

Observo divertido quando ele fica mudo, porque ela tem razão. Às vezes as pessoas têm de cometer os seus próprios erros e sentir a dor.

Ela pega na sua cerveja vazia e levanta-se.

– Seja como for, não há motivo para preocupações – assegura-lhe ela. – Tenho zero interesse em relacionamentos dados ao drama e, mesmo que tivesse, muito em breve vou ficar enterrada em neve ao longo de meses. O cinto de castidade perfeito.

Avança até ao lixo. Despejando lá a sua garrafa vazia e indo ao frigorífico buscar outra.

Os nossos olhos acompanham-na, mal respirando ao vê-la curvar-se nos seus *jeans* de trezentos dólares em busca de uma nova garrafa.

Remexo-me no meu assento, com um súbito inchaço a desenvolver-se no meio das minhas pernas.

– Sim – murmuro com sarcasmo enquanto levo a garrafa aos lábios –, porque aqui não há qualquer tipo de perigo.

O pai lança-me um olhar.

É evidente que neste momento ele já sabe que vai ser um inverno longo como o caraças.

Corresponde às bebidas alcoólicas *Jack Daniels*, *Jim Beam* e *Jose Cuervo*. (*N. do T.*)

15

Tiernan

– O que é isso? – Incido o meu olhar em Noah antes de pegar no saco que ele me passa.

Temos vindo à vila sempre que surge a oportunidade nas últimas semanas, antecipando o fim das nossas idas aos *cheeseburgers* e batidos. Hoje, também necessitei de vir à farmácia para acumular tudo o que houvesse para remediar o que me pudesse atingir este inverno lá em cima no pico, quando não puder vir à vila buscar o que me cure. Estou preparada para dores de cabeça, problemas nos seios nasais, dores nas articulações, dores de costas, cãibras, alergias – não que de momento as tenha, mas nunca se sabe – e estou prestes a ficar bem servida em termos de contraceção.

Pensei se devia desistir, mas… Acho que o melhor é manter a rotina.

Ele encolhe os ombros.

– Nunca ofereci uma prenda de anos a uma rapariga – diz ele enquanto espreito para o saco. – Se não gostares, não tens de usar.

Enfio a mão, retirando de lá uma *T-shirt* e um boné de basebol. Estamos no canto da loja, à espera que aviem o meu pedido e pouso o saco no chão, abrindo a camisola.

É azul-clara e tem o símbolo da vila no peito, e rodo-a, vendo o logótipo da Van der Berg Extreme a cobrir por completo as costas. É como a de Noah, só que a dele é em branco.

Sorrio.

– Isto é a tua forma de dizeres que queres a tua roupa de volta?

– Só achei que poderias querer algo que te assentasse… – Faz uma pausa, pensando melhor. – Na verdade, as minhas roupas ficam-te muito bem. Só achei que poderias querer algo que fosse novo.

Sim. Adorei. Não tenho muitas *T-shirts*. Apenas as da escola e essas não transportam boas recordações, por isso vai ser divertido usar esta.

Olho para o boné cor de vinho onde se vê escrito em letra cursiva SELVAGEM.

– Ou era isso ou DIVA – explica ele.

Rio-me e ponho-o na cabeça, espreitando por baixo da pala.

– Sou uma DIVA – reconheço. – Mas prefiro ser uma diva selvagem.

Estendo um braço para um rápido abraço em volta do pescoço.

– Obrigada.

Afasto-me, mas o braço dele está em volta da minha cintura, segurando-me para um genuíno abraço. Vacilo, apanhada de surpresa.

Mas, depois, aperto com força.

Sabe bem – abraçar alguém que não sente vontade de nos afastar.

– A minha mãe às vezes telefona-me – diz ele, falando num tom baixo e triste. – O meu pai não sabe.

Recuo, largando-o, para o poder fitar nos olhos.

– Não sei porque te conto. – A voz dele soa discreta. – Ela quer dinheiro na conta dela na prisão.

Observo-o, ouvindo com atenção. Ninguém fala dela. Nem sequer sei porque está presa.

– E ponho dinheiro na conta dela, pois permito-me a gozar da ideia de que por momentos ela precisa de mim. – Sorri com tristeza, de forma tão solene, tão séria. Nada que ver com Noah. – Embora saiba que sou apenas a primeira pessoa de quem ela acha que pode aproveitar-se. Sabe que o meu pai não falaria com ela. Que o Kaleb não consegue falar com ela.

Noah não consegue falar com Jake. Percebi isso na minha primeira semana aqui.

Ele não conta com ninguém na casa com quem possa criar laços a sério. Eu antes nunca percebi verdadeiramente isso.

– Quem me dera que ela estivesse morta. – Noah olha para o chão, mas depois ergue o olhar para mim. – Gostava que ela estivesse morta, pois assim poderia amá-la.

Olho fixamente para ele e ele para mim, ambos mal respirando, mas calmos.

Aproxima-se:

– Preferias ser usada nem que fosse só para pensarem em ti?

– Preferias que nunca pensassem em ti e nunca se aproveitassem de ti? – riposto.

Mesmo agora, não tenho a certeza. Pelo menos, a mãe dele sabe que ele existe e é capaz de demonstrar amor, mesmo sendo falso.

Mas… pelo menos, os meus pais não me mentiam. Não brincavam comigo, nem me tratavam mal. Eu sabia sempre que chão pisava.

Quem estava pior? Ele ou eu?

– Experimenta a *T-shirt* antes de irmos – diz Noah.

Pestanejo face à súbita mudança de tema.

Ele aproxima-se, com uma dureza no olhar, que não se encontrava lá há pouco, enquanto me faz recuar mais para o canto.

– Não quero que seja demasiado justa – explica.

Fica ali, a um par de centímetros do meu corpo ao olhar-me.

O quê? Aqui? O meu olhar incide na loja à nossa volta.

– Noah…

– Sinto-me muito feliz por aqui estares – sussurra, interrompendo-me. – Estou contente por teres regressado.

– Porque é que me queres tanto aqui?

– Porque não?

Observo-lhe os olhos.

– Porque quando partes, não estou onde quer que vás.

Cala-se, mas o olhar dele não se desvia do meu. Ele deseja tanto sair daqui, e há de fazê-lo. A seu tempo.

A seu tempo, também eu partirei. Ele não necessita de mim. Ele necessita de um bote salva-vidas.

Olhando em volta, e não vendo ninguém por perto, protejo-me entre ele e o canto enquanto dispo a *T-shirt* velha dele e lha entrego.

Reajustando o boné, enfio os braços pela nova, o olhar dele em mim a arrepiar-me a pele enquanto o evito.

O meu sutiã tapa mais do que um biquíni, e ainda tenho os *jeans*. Globalmente, estou muito mais vestida do que estava no lago há umas semanas quando me levaram a pescar.

Mas com o meu cabelo com duas tranças desalinhadas, um boné de basebol e terra por baixo das unhas pela primeira vez na vida, nunca me senti tão bela.

O modo como ele me olha…

O modo como Jake me olha…

O modo como Kaleb se recusa a olhar para mim, mas sabendo eu que está consciente de todos os meus gestos quando nos encontramos na mesma divisão.

A pele dos meus seios, apenas parcialmente tapada no meu *sexy* sutiã cor-de-rosa, arde sob o olhar de Noah, e enfio a camisola pela cabeça, sentindo as mãos de Noah a roçar-me nos braços ao esticá-los para me ajudar a baixá-la pelo corpo.

Volto a endireitar o boné, os dedos dele ainda a agarrar a bainha abaixo das minhas ancas.

Receio olhá-lo nos olhos, mas sinto o calor que emana dele.

– Os tipos da terra não falam contigo – ordena ele com uma voz áspera. – Não te tocam esta noite. Entendido?

Assinto, sem cruzar o meu olhar com o dele. O meu coração bate com tal força que até dói, e o meu estômago revira-se como se eu estivesse numa montanha-russa.

Ele finalmente larga-me e recua.

– Bom aspeto.

O quê?

Oh, a *T-shirt*. Pois.

– Tiernan – alguém chama.

E passo a correr por ele para ir levantar as minhas compras da farmácia, tudo o que servisse de pretexto para me pirar dali.

Horas mais tarde, rodopio no meu quarto, sorrindo enquanto o meu novo vestido de alças esvoaça a par do meu cabelo. Está demasiado frio para o vestir esta noite, mas ainda assim vou levá-lo. Depois de o ter visto em saldo na loja, fiquei em pulgas para limpar a terra das unhas e pôr alguma maquilhagem para o meu jantar de aniversário, pois pode muito bem ser a última vez que vimos à vila. Vem aí uma tempestade.

Está a passar «Dancing Barefoot», dos U2, e movo-me fechando os olhos e passando as mãos sob o meu cabelo. Os meus trabalhos de casa estão desesperadamente atrasados, não atendi telefonemas – provavelmente gente a querer dar-me os parabéns, como Mirai e amigos dos meus pais – e a minha encomenda de livros de bolso para me ajudar a passar o inverno está atrasada em Denver, mas… Apaguei todas as minhas contas nas redes sociais e sou agora legalmente adulta, completamente responsável por onde queira ir ou pelo que queira fazer, pelo que qualquer peso que pudesse sentir nos ombros é agora mais leve. Sinceramente, sinto-me entusiasmada, embora os rapazes estejam ocupados a temer os meses de tédio que se aproximam.

Giro e giro, mas depois vejo um vulto pelo canto do olho e tropeço e paro atabalhoadamente, vendo Kaleb parado no corredor. Parece ter acabado de descer do quarto, tendo parado a meio de vestir a *T-shirt* enquanto me observa.

A minha pulsação acelera. É perturbador ser o alvo da atenção dele, pois nunca sei o que lhe vai na cabeça, mas acho sempre que não é nada de bom.

Avançando, fecho a porta com o pé, sorrindo a mim mesma enquanto pego nos sapatos de salto alto e me sento na cama, enfiando lá os pés. Sinto-me bem e não vou permitir que ele me arruíne a noite. Carter, o segurança dos meus pais, está a tomar conta da casa em Los Angeles, Mirai e o nosso advogado estão a lidar com todos os negócios de propriedades dos meus pais e pela primeira vez na vida posso ser uma miúda esta noite. Sorrindo, rindo, brincando, estando na companhia de pessoas que gostam de mim… Parece estranho que finalmente obtenha isso no dia em que me torno adulta, mas não vou analisar. Vou aceitar.

Apertando os meus *Louboutins*, uma prenda de Natal dos meus pais no ano passado – cortesia de Mirai, naturalmente –, decorados com belos cristais e com tacões com mais de doze centímetros, pego num xaile creme a combinar com o meu vestido cor-de-rosa e saio do quarto.

Kaleb já foi embora há muito e levo o xaile levemente sobre os meus caracóis soltos e amacio o meu vestido. É simples e inocente, mas não tem nada a ver comigo. Sem costas e curto – caindo até meio da coxa –, tem um decote pronunciado e alcinhas. Os meus tacões fazem *clac-clac* nos degraus de madeira e atravesso a sala de estar, vendo os rapazes em volta da mesa enquanto pouso o meu xaile e o telemóvel e vou buscar a minha bolsa.

Retirando de lá a minha carta de condução e dinheiro, dou a volta e entrego ao meu tio.

– Podes guardar isso na tua carteira? – peço. – Assim, escuso de levar bolsa.

Mas ele limita-se a olhar para mim, com má cara.

– O que foi? – questiono.

– Exageraste na roupa.

Faço um som de repreensão, mostrando um sorriso tímido enquanto enfio o meu cartão e o dinheiro na mão dele.

– Isso é algo que não existe.

É claro que em comparação com eles exagerei na roupa. Estão todos de *jeans*, Noah segurando em duas *Budweiser*.

– Aqui, as pessoas não se vestem assim – realça Jake.

Ele não precisava de ter dito aquilo. Não é que eu não tivesse reparado.

– Eu nunca encaixo em lado nenhum – digo-lhe. – Estou habituada.

A sério. Sinto-me bem. Parem de hiperventilar.

Ele ergue uma sobrancelha e vira-se, e vejo o olhar de preocupação de Noah a incidir no dele.

Jake finalmente entrega-me um grande embrulho, muito bem embrulhado em papel prateado com um grande laço de prata.

Pego-lhe.

– O que é?

Tem uma forma estranha.

Mas tudo o que ele diz, é:

– Abre.

O papel parece tão bonito como tudo o que havia sob as minhas árvores de Natal quando era pequena e não consigo evitar um sorriso. Sei que ele sabe o que está no interior. O que significa que foi ele que escolheu. Que diabo, se calhar também foi ele a fazer o embrulho.

Rasgo o papel em pedaços grandes, e arrancando os restos até tudo ficar à vista, e olho para o arco composto por um padrão de camuflado cor-de-rosa e seis flechas.

Pego-lhe.

– Uau.

– Sabes disparar? – pergunta o meu tio.

– Mais ou menos. – Aperto o punho e puxo a corda, apontando ao frigorífico. – Já há muito que não uso um.

Nunca usei um arco composto. Não havia desses no acampamento.

– O Noah instalou um alvo no celeiro – informa-me. – Podes treinar antes de o levarmos para caçar.

Baixo os braços e olho para ele.

– Caçar?

Mantêm-se todos em silêncio e olho em volta como se me tivesse escapado alguma alínea no meu contrato para morar aqui.

– Acho que não quero fazer isso. – Volto a pousar o arco na mesa. Cozinho a carne. Mas não sou eu que a forneço.

Mas Noah limita-se a rir e Jake abana a cabeça.

– Havemos de conversar sobre isso – diz ele.

Desde que não seja hoje.

– Bem, obrigada. – Dou-lhe um beijo na face. – Adorei imenso.

Assente uma vez com a cabeça, mas sem me olhar nos olhos. Aclara a garganta.

– Vou aquecer a carrinha.

Pego no meu xaile e assento-o sobre os ombros. Uma camisola das Ilhas de Aran de Mirai para me manter quente este inverno, uma camisa e chapéu para me misturar com os locais e um brinquedo. Até agora, melhor do que qualquer outro aniversário.

Mas assim que me preparo para seguir Jake, Kaleb põe-se à minha frente, detendo-me.

Olho para ele.

Para por uns momentos antes de enfiar a mão no bolso de trás e retirar de lá uma fita comprida de couro preto.

Estreito os olhos quando ma oferece.

Ouve-se a buzina no exterior, mas não saímos, com Noah aproximando-se do meu flanco.

– O que é isto? – Estendo o braço e pego-lhe, enroscando-o na mão e virando-o.

– É ele que os faz – diz Noah.

É um cinto. Escuro e curtido com entalhes no couro e uma fivela de prata de aspeto antigo. Observo os entalhes. Há árvores, uma cascata, o pico – a vista da janela do meu quarto, na verdade – algo que parece uma trança

de cavalo, um cavalo e um espanta-espíritos.

Engulo em seco. Porque é que ele haveria de pôr aqui um espanta-espíritos?

Mas é lindo. Ele fez isto sozinho?

A seguir, reparo em algo mais e rio-me.

– Os furos dão a volta a todo o cinto – realço. – Sinto-me lisonjeada, mas a minha cintura não é assim tão fina.

Noah inclina-se para mim, segredando:

– Mas são os teus pulsos.

O meu coração falha uma batida e incido o olhar em Kaleb enquanto ele me fita.

Como?

Mas Noah limita-se a rir, ambos deixando-me ali e saindo.

E não percebo que estou a olhar pasmada para o cinto, distraindo-me, até Jake voltar a buzinar, assustando-me.

– Dá-me isso! – grito enquanto Noah mantém o meu telemóvel fora de alcance. – Vá lá.

Assenta a mão na minha testa e empurra-me enquanto nos sentamos à mesa e ele inspeciona a foto.

– Oh, merda – diz, suficientemente alto para toda a gente à nossa volta ouvir. – Porque é que escondes isto?

Lanço-me para cima e arranco-lhe o telemóvel da mão, voltando a afundar-me no meu assento.

– Porque é uma foto estúpida.

– Então, para que a guardas no teu telemóvel?

– Porque sim – respondo. – É a única coisa que fiz de que me orgulho.

Vou a sair do *link* do único artigo sobre mim alguma vez escrito, a par da sessão de fotos que a revista insistiu que o acompanhasse, mas Jake arranca-me o telemóvel da mão, sendo a sua vez de ver a foto.

Lanço-lhe um olhar furioso, abrindo a minha grande boca para protestar, mas opto por não o fazer, lançando um olhar preocupado em volta para as outras famílias que tentam ter uma refeição sossegada na churrascaria.

A culpa foi minha, ao mostrar a Noah. Na última primavera, a *Vanity Fair* publicou um artigo sobre filhos de estrelas e incluiu-me na «coleção». Infelizmente, incluía uma sessão fotográfica, uma foto específica minha com tranças francesas, sutiã desportivo e material de lacrosse. Eu parecia suada e suja, mas até estava *sexy* e, apesar de tudo ser uma mentira fabricada pelos assessores de imprensa dos meus pais para me fazer parecer e soar incrível, apreciei imenso a experiência. Apesar de nunca ter jogado lacrosse na vida.

Foi a altura em que me senti grande.

Sim, o artigo era uma treta sobre o quanto eu estava envolvida na escola. Nada era verdade em relação ao meu ativismo e passatempos e só apareci por causa dos meus pais. Detestei a ideia quando me obrigaram a fazê-lo.

Já a sessão de fotografias… Senti-me bonita. Até eu me senti estúpida depois de terminar.

– É uma grande fotografia. Vamos pô-la no *website* – diz Noah ao pai, após o que levanta os braços, faca e garfo nas mãos, enquanto recita as palavras de uma manchete imaginária. – A Nova Aquisição da Van der Berg Extreme.

Reviro os olhos, incidindo a minha atenção em Jake.

– Dá cá isso.

Ele passa-a a Kaleb, que a agarra e mal espreita para lá antes de a devolver a Noah.

– Já – digo com os dentes cerrados, tentando manter a brincadeira discreta. Só me quis gabar de como já me vestira com menos em público quando Jake, ao jantar, ficou uma vez mais incomodado com o meu vestido sem costas. Não queria que ficassem de boca aberta a olhar para o meu sutiã. Em público.

Vidros e talheres chocalham no velho restaurante rústico e o cheiro a molho barbecue e batatas fritas enche o ar, fazendo picar ocasionalmente o meu nariz.

O bife estava demasiado passado, a *Cola* estava aguada e o chão é tão gorduroso que consigo lá escrever o meu nome com o tacão do meu sapato.

Mas não quereria nada diferente para o meu décimo oitavo aniversário. Esta noite já me diverti mais do que em todos os meus anteriores aniversários juntos.

Noah devolve-me o telemóvel e aceito-o, desligando-o e enfiando-o debaixo da coxa, para que não voltem a apanhá-lo.

– Então, o que me dizes? – pergunta. – Queres aparecer assim *sexy* no nosso *website*?

– Cala-te.

Volto a encaixar a minha cadeira e bebo um gole do meu refrigerante.

– É mesmo uma bela ideia – argumenta Noah, virando-se para o pai. – É o que nos falta no nosso marketing. Algo giro.

– Noah, caramba… – Jake remexe-se desconfortavelmente e leva a garrafa aos lábios.

– Não, a sério – prossegue. – Olha para todos os outros *sites*. Todos os salões e exposições a que vamos. O que têm todos em comum? Raparigas giras. Podíamos chamar um fotógrafo lá a casa e fazer uma sessão dela nas motos. Vai ser o máximo.

– Amanhã de manhã já neva – frisa Jake. – Não há fotógrafos que subam a montanha. – Olha para mim. – E ninguém vai descer.

Uma pausa, com um arrepio praticamente a percorrer-me enquanto sustenho o olhar no do meu tio. Não percebo se vejo ali um aviso ou um desafio no que toca aos meses pela frente, mas ergo o copo num brinde, preparada para tudo.

Jake sorri, erguendo a sua cerveja, sendo imitado por Noah, todos fazendo tilintar os copos. Kaleb come a sua refeição.

– Além do mais – acrescenta Jake, pousando a cerveja –, podemos nunca mais a ver na vida depois da primavera. Não sei se a quero acrescentar já ao cabeçalho das nossas cartas.

Abano a cabeça, sabendo que ele não se importaria se eu ficasse para sempre e que adoraria que eu lhe assegurasse isso desde já.

Adoro ser desejada.

Mas a universidade está à porta. Em breve, terei de tomar decisões.

Noah olha para mim.

– Não vais embora, pois não?

Rio-me, sem saber o que responder.

Em vez disso, aponto o queixo ao meu tio.

– Posso beber uma cerveja a sério no meu aniversário?

Ele sabe perfeitamente que aproveito a permissão neste estado para qualquer um com menos de vinte e um anos beber em propriedade privada, desde que com supervisão parental.

Então, vamos para casa para propriedade privada, para eu poder fazê-lo.

Mas Jake tem planos diferentes.

– Vamos ao bar – diz ele.

Arregalo os olhos. E salto da cadeira antes de qualquer um deles.

Noah, Kaleb e eu saímos do restaurante ao mesmo tempo que Jake paga a conta e Noah dá-me a mão enquanto percorremos um longo corredor, entrando no *saloon* com isolamento de som ligado ao restaurante. Passa música *country* na *jukebox* e esmago cascas de amendoins com os meus tacões ao passarmos os candeeiros de iluminação ténue e diante das mesas de bilhar e dos banquinhos do bar.

Incidem de imediato olhares na nossa direção enquanto as pessoas se juntam em pequenos grupos e a música berra. De repente, sinto-me desadequadamente vestida, como sugeriu Jake.

Uns quantos pares de olhos interessados apreciaram de alto a baixo o meu conjunto quando nos sentámos mais cedo no restaurante, porque eu não conhecera muita gente na vila e terão pensado quem seria eu, mas agora… a minha pele aquece sob todos aqueles olhares e aperto com força a mão de Noah, algo desconfortável. O lugar está repleto de *T-shirts*, *jeans* e barbas e quem é a parva que aqui vem vestida como se fosse para um *cocktail* em Malibu?

Cruzo o olhar com vários pares de olhos ao passarmos por mesas de gente a beber e a fumar.

Kaleb lança algum dinheiro para o balcão e indica-nos a todos ao *barman*, mas o tipo inclina a cabeça, fitando-me com desconfiança.

– Não há problema, Mike – ouço de repente o meu tio atrás de mim.

Volto-me, vendo-o a sorrir ao tipo, e parece resultar, pois o *barman* assente com a cabeça e baixa a mão para retirar quatro *Buds* da arca frigorífica, arrancando as caricas a todas.

– Vamos. – Noah dá-me um toque no braço.

Sigo-os a todos – exceto Kaleb, que desapareceu assim que deitou a mão à cerveja – até à mesa de matraquilhos e eu e Noah fazemos par contra Jake. Ignoro os olhos que sinto nas minhas costas e beberico da minha cerveja antes de a pousar na mesa junto das de Noah e Jake.

– Jogaram isto em *Momento da Verdade*, certo?

Os olhos de Jake iluminam-se.

– Muito bem.

Quase rio com a expressão de prazer dele. Parece que ainda há esperança para mim.

Jogamos umas quantas partidas, com Jake a ganhar sempre apesar de estar sozinho, e tenho de prender o cabelo sobre o ombro para o afastar das costas ao terminarmos o terceiro jogo, pois começo a suar.

A música aqui não é do meu estilo habitual, mas a multidão anima-se com ela, de forma sonora e alegre, e mal reparo nas frias correntes de ar que passam pela porta sempre que alguém chega ou sai. Um velhote entra, sacudindo neve do chapéu, mas nada perturba o bom ambiente.

– Vou buscar outra – diz-nos Jake após o último jogo, indicando a sua cerveja.

Pego na minha ainda pousada na mesa, intocada, e olho em volta pela sala conforme ele se afasta.

Alguns pilotos de moto instalam-se nos fundos e reconheço uns quantos dos rapazes e raparigas do grupo de os ver em casa do meu tio um par de vezes, e vejo uma mulher com um pequeno véu barato rodeada por outras ao balcão, todas a deitarem *shots* abaixo. Na *T-shirt* justa dela lê-se «Marissa's Last Stand» em brilhantes ostensivos que reluzem sob a luz ténue.

A canção na *jukebox* termina e uns quantos casais aconchegados numa pequena pista de dança largam-se uns aos outros e regressam às suas mesas.

– Alinhas numa bilharada? – grita Noah sobre o ruído.

Olho para a *jukebox*, levando a garrafa à boca.

– Quero pôr a tocar alguma música – digo-lhe, lançando-lhe um sorriso apologético enquanto estendo a mão por dinheiro. – Por favor?

Ele revira os olhos, mas enfia a mão no bolso e retira de lá uns trocos. Jake tem o meu dinheiro. Noah sabe que posso pagar.

Passa-me umas notas e agarro-as.

– Obrigada.

Afastando-me, avanço até à música.

Jake está no balcão, a falar com um tipo, e ainda não vi Kaleb desde que aqui chegámos. Paro diante da *jukebox* e olho em volta à procura dele. Kaleb mal olhou para mim desde que me ofereceu o cinto, mas há algo no

presente que me incomoda, embora não saiba ao certo o quê.

Ele fê-lo. À mão. Para mim.

Ele sabia que o meu aniversário vinha aí.

Adoro que cada um deles tenha pensado em algo que eu pudesse gostar, embora na verdade não tivesse de me dar nada. Foi agradável abrir uma prenda que eu teria comprado para mim, em vez de um presente luxuoso que se esforça demasiado por impressionar alguém.

Mas Kaleb dedicou-lhe horas de trabalho. Pensar nele na sua área de trabalho no celeiro, a trabalhar em sossego, a cabeça tombada sobre o meu cinto, ali fora sozinho todo aquele tempo… por mim.

Mas, então, abano a cabeça.

Estou a analisar em excesso. Ele, provavelmente, já teria o cinto feito e pousado por lá. Pegou-lhe ao sair do quarto e provavelmente terá alguma insinuação sexual bizarra com todos aqueles furos, tal como frisou Noah.

Vou passando à frente a lista de canções, vendo por fim algo que não é *country*, e enfio uma nota na máquina, marcando a letra e o algarismo. «Do You Want to Touch Me There», de Joan Jett, começa a tocar e de repente ouvem-se alguns aplausos. Rodo a cabeça sobre o ombro para ver o pessoal da despedida de solteira a levantar os braços e avançando para mim, já a dançar.

Sorrio, pronta a desviar-me, mas começam a gritar a letra, uma delas agarrando-me a mão e puxando-me para junto delas. Rio-me, sem saber o que fazer.

Olho em volta em busca do meu tio ou de Noah, para que me resgatem, mas num instante fico encurralada e não vejo ninguém. Estamos amontoadas numa zona pequena e mal há espaço para me mexer enquanto saltamos, balançamos e curtimos o som, sentindo o chão a vibrar.

Outras fecham os olhos e ao fim de um momento inspiro fundo e faço o mesmo, deixando-me alimentar pela música e pelas pessoas.

A minha cabeça gira.

Sempre me senti pouco à vontade com outras mulheres. Sempre. Ou temo que achem que têm de me dar a mão em situações sociais ou que se sintam irritadas por terem de o fazer. Detesto ser uma fonte de problemas ou ser tratada como uma maninha ignorante que têm de manter debaixo da asa.

Mas, isto não é assim. Só tenho de dançar.

Acompanho a letra da canção, sacudo cabelo e movo o corpo ao ritmo da música, rindo com elas e sentindo a energia a zumbir em cada milímetro da minha pele. Se tivesse de falar com estas raparigas, seria um desafio, mas por ora posso apreciar a música.

Erguendo os braços, abano a cabeça ao sabor da letra, sem vergonha de me deixar levar pela loucura, pois todas o fazem, e descontraio.

Finalmente, descontraio.

Até abrir os olhos.

Jake parou com a cerveja parada a caminho da boca, observando-me desde o balcão. Tem os lábios ligeiramente apartados e parece que nem respira. Sinto o coração a afundar no estômago e abrando por um momento, elaborando mentalmente uma lista de razões para assegurar que ele não está zangado.

Não danço com um rapaz da terra.

Não estou nua.

Vim com três homens da família, por isso não estou desarmada ou desprotegida.

Ele não está zangado, parece-me. Está apenas… a observar-me.

Sinto uma impressão no estômago.

Desviando o olhar, vejo Noah na mesa de bilhar com uns compinchas, bebendo um *shot* de algo castanho, o seu olhar incidindo de imediato em mim como se estivesse de olho desde sempre. O seu olhar é brando, mas tem os lábios tensos.

Um sorriso apodera-se da minha boca, mas não o liberto.

A futura noiva envolve-me a cintura com um braço e eu apoio o meu braço sobre o ombro de outra mulher, e cantamos e dançamos, mas todos os sorrisos que ostento é para outra pessoa. Tudo o que faço, espero que Jake veja, e cada um dos meus movimentos espero que Noah observe.

Adoro a atenção deles.

Quando a canção termina, rio-me com as raparigas, todas dispersando ao começar a soar um *slow*, e viro-me para ir ter com o meu tio ao balcão.

Mas assim que dou a volta, está ali alguém e olho e vejo Terrance Holcomb.

– Olá, Califórnia – diz ele, enfiando a mão na minha cintura.

Começo a empurrá-lo.

– Larga.

Jake não teria mentido sobre o clube noturno deste tipo. Não quero ter nada a ver com ele.

– Conheceste a minha amiga? – pergunta ele.

Hum?

Naquele momento, aparece mais alguém atrás de mim e rodo a cabeça e vejo Cici nas minhas costas. Agarra-me a anca, também, assentando o queixo no meu ombro.

Eles são amigos? Como é que isso funciona com Kaleb metido ao meio?

Tento libertar-me, esforçando-me por não fazer uma cena, mas sempre que me solto voltam a agarrar-me.

Olho em volta em busca de Jake, mas de repente estamos cercados de gente. Imensa gente.

Homens.

O que raio?

Todas as mulheres na pista de dança desapareceram, substituídas agora pelos compinchas de motocrosse de Holcomb.

A constatação abate-se sobre mim. Estamos a ser cercados para funcionar como cobertura, para que Jake e Noah não vejam.

– E se eu te disser que naquele dia na gruta o Kaleb bateu-me? – diz Cici atrás de mim. – Ainda quererias passar o inverno fechada com ele no pico?

Estaco, espantada. Como?

– E se eu te disser – prossegue Cici, percorrendo com os dedos a alça do meu vestido – que ele está ansioso por te fazer sangrar, também, e está só a deixar passar o tempo para depois não teres como escapar.

A minha boca seca e a minha pele arrepia-se. Kaleb…

Kaleb não é assim.

Holcomb abana a cabeça, com um sorriso malicioso.

– Avisaram-te em relação a mim, não foi? – diz ele. – Tu devias ser avisada em relação a eles. Só te quiseram por seres rica e bela. Pensa no que o teu dinheiro fará pela Van der Berg Extreme e no que o teu corpo fará nas camas deles.

Abano a cabeça. *Não*.

– O Noah deixa de precisar de um patrocinador – prossegue Holcomb. – Vai ter-te a ti. Mais dinheiro do que os restantes de nós conseguiriam angariar e sem ter de se dar a grandes trabalhos para o obter, porque o amas e vais dar-lhe tudo o que ele quiser.

– Não.

– Nenhum deles te tocou, ainda? – questiona Cici.

Cerro os dentes. Mas a ideia está plantada e recordo Kaleb e eu no capô do carro e Jake e eu na cozinha.

– Já te sentiste ameaçada? – pressiona Holcomb. – Nem por uma vez?

Se estivesses a dançar assim com um homem em público, dava-te uns açoites.

Respiro com dificuldade e de forma rasa, recordando a ameaça do meu tio há umas semanas. Cici provavelmente tê-lo-á ouvido quando ele me puxou e contou a Terrance.

– E, agora, tens dezoito anos – acrescenta Terrance. – Completamente legal em todos os cinquenta estados, mesmo a tempo da neve.

Palavras alojam-se na minha boca e liberto os braços do aperto deles.

– Eles não gostam efetivamente de ti – diz-me Cici. – És útil. Tal como os restantes de nós que os servimos. – Traça um círculo na minha barriga ainda com a cabeça apoiada no meu ombro. – E quando te foderem e engravidarem, vão controlar-te, e à tua conta bancária, para sempre.

Não. Eles são o meu lar. O pico é o meu lar.

– Fica connosco – segreda Holcomb, aproximando-se. – Vem comigo para casa.

Começam a formar-se lágrimas enquanto me mantêm ali ensanduichada e, quando Holcomb mergulha a sua boca no meu pescoço, desato a gritar.

Não.

Mas, nesse preciso momento, uma mão agarra-me o pulso e liberta-me deles. Arquejo, cambaleando para fora da pista de dança e diretamente contra Kaleb conforme me puxa para o seu corpo. Agarra-me, a minha testa encontrando a dele, e ergo os meus olhos lacrimejantes.

Ele pressiona os lábios na minha testa e paraliso por momentos.

Kaleb…

As palavras de Holcomb e Cici redemoinham na minha mente, mas, quando sou tomada pelo calor de Kaleb, tudo o que disseram começa a desvanecer, até nada restar além dele.

Expiro, fechando os olhos.

Eles não são meus pais. Isto é real. Preocupam-se comigo e querem-me aqui.

Kaleb recua, as nossas testas voltando a encontrar-se quando me olha nos olhos, sem pestanejar. Passando os polegares sob os meus olhos, seca-me as lágrimas.

Vou a assegurar-lhe que estou bem, mas, antes que o consiga fazer, ele larga-me, o seu olhar tornando-se sombrio, e passa-me para trás dele antes de se lançar a Holcomb.

Agarrando-o pelo pescoço, atira Terrance contra a *jukebox*, acertando pelo caminho noutras pessoas que ocupavam a pista de dança.

Retraio-me ao ver o tipo a bater na máquina, rachando o vidro.

Está lançada a confusão. Os tipos do motocrosse lançam-se a Kaleb, uma garrafa parte-se no chão, e um grupo de mulheres é empurrado contra uma mesa, com as pernas desta a raspar no chão.

– Kaleb! – grito.

Cici aproveita a oportunidade enquanto ele está distraído, empurrando-me no peito, e caio para trás, com os meus olhos a arder de raiva. Noah agarra-me a mão e puxa-me dali, os meus olhos cravados nela com ira enquanto ela desaparece no meio da multidão.

Ele puxa-me sobre o balcão e olho para trás para o núcleo da briga na pista de dança, sem ver Kaleb em lado algum. Será que o têm no chão?

O *barman* salta sobre o balcão com um taco de basebol e Jake pega em mim, enquanto Noah corre para junto do irmão.

– Estás bem? – pergunta Jake.

Assinto de pronto com a cabeça, demasiado preocupada com os rapazes. Nem posso dizer que foi outra pessoa que começou. Tecnicamente, o primeiro passo coube a Kaleb.

O beijo dele aquece-me a testa.

– Vai para a carrinha. – Jake enfia-me as chaves na mão e empurra-me para a porta.

Recuo, a música parou e os mirones observam a luta. O meu coração bate com força no meu peito, achando que por algum motivo tudo isto é culpa minha, mas sei que não é.

Mas se eu não estivesse aqui…

Jake avança pelo meio da refrega, procurando os filhos, e eu dou a volta, correndo para o exterior para a nossa carrinha estacionada na berma.

Cai neve, flocos grossos embatendo no meu cabelo e nos ombros despidos, e descalço os sapatos de tacão, correndo pelo passeio gelado e húmido até à carrinha.

Entretanto, atiro os sapatos para trás e ligo o motor.

Tremo, ligando o aquecimento e os limpa-para-brisas. Felizmente, não se formou geada na janela e sopro para as mãos, tentando aquecê-las. Raios, deixei o meu xaile lá dentro.

A porta do bar abre-se e espreito para lá, vendo Kaleb a sair disparado, rapidamente seguido pelo pai e pelo irmão. Ele contorna a carrinha até ao lado do condutor.

– Estás bem? – pergunto quando ele abre a porta.

Mas sei que não obterei resposta.

Afastando-me, entra na carrinha e engata a primeira enquanto Jake se senta ao meu lado e Noah sobe para trás.

Percebo a deixa e apresso-me a juntar-me a ele atrás.

A porta do bar volta a ser aberta e saem uns tipos de lá a correr, com Terrance a liderar o grupo, e mal tenho tempo para olhar para Kaleb antes de ele voltar a engatar a viatura, desta vez em marcha-atrás.

– Au, foda-se – diz Noah, como que percebendo o que Kaleb está prestes a fazer, e rodo de repente a cabeça no preciso momento em que ele acelera. A nossa carrinha ruma diretamente a uma fila de motos e agarro a pega sobre a minha porta com força e fecho os olhos conforme a carrinha se dirige para as mesmas.

– Kaleb! – grita Jake.

Mas já é demasiado tarde. Balançamos de um lado para o outro, passando por cima das motos, e o meu coração aloja-se na minha garganta, mas ao mesmo tempo também sinto vontade de rir.

Eles mereceram.

– Seu filho da puta! – ouço alguém gritar.

E, então, um sonoro rugido.

– Estás morto!

Olho de relance pela janela e de repente vejo dois polícias do outro lado da rua, envergando casacos grossos e chapéus de inverno ao saírem do seu carro-patrulha.

– Oh, merda – arquejo.

– Kaleb, arranca já! – grita Noah ao ver o que eu vejo.

Ele não hesita mais. Antes de os agentes conseguirem detê-lo, Kaleb carrega prego a fundo, parte a grande velocidade e eu espreito pelo vidro traseiro, vendo os tipos a correr para as suas motos e os polícias a saltar de novo para o seu carro.

A carrinha acelera pela noite, a neve a vergastar o para-brisas na escuridão e eu volto a calçar os sapatos.

Kaleb desliga os faróis, como se toda a vila não soubesse onde rumamos, e observo por cima das costas do assento dele, tentando ver o que ele vê no retrovisor.

Luzes seguem-nos lá ao longe e ouço pneus a girar por baixo de nós enquanto a neve escorregadia se transforma em gelo. Jake liga o desembaciador.

– Eles estão mesmo a perseguir-nos com este tempo? – despejo, olhando para trás. – Se calhar, era melhor parar.

Eles estão em motos de motocrosse. Está um frio de rachar. Isto pode tornar-se ainda pior do que já está se houver um acidente.

No entanto, ninguém me ouve.

– Abranda – ordena Jake.

Mas Kaleb não lhe dá ouvidos. A carrinha derrapa e Kaleb guina o volante para a berma, usando a gravilha para alcançar a tração conforme adentra cada vez mais nas montanhas.

As motos ganham terreno, pois transportam menos peso, mas então vejo um par de faróis a tombar como se as motos tivessem derrapado. Os outros seguem o exemplo de Kaleb e usam a berma enquanto as luzes vermelhas e azuis da polícia giram atrás.

Não, não, não… isto é mau.

Seguimos em frente e reparo que há menos luzes atrás de nós agora que alguns dos pilotos em perseguição decidiram desistir entre a densa queda de neve e esperar por outro dia.

Mas, porque é que estamos a fugir? Uma briga de bar não é nada de transcendente, mas Kaleb destruir propriedade é. A perseguição não terminará depois de transpormos a porta da nossa casa.

De repente, as luzes da polícia desaparecem. Vejo os faróis deles a dar a volta e a regressar também à cidade.

Acho que sabem onde poderão encontrar Kaleb amanhã.

Os pneus deslizam por baixo de nós e a carrinha começa a escorregar para trás. Prendo a respiração, cravando as unhas nas costas do assento de Kaleb. Não devíamos estar a fazer isto.

– Oh, meu Deus – murmuro, olhando para o penhasco do meu lado da carrinha, o medo a paralisar-me face à queda.

As motos atrás de nós debatem-se para subir a estrada e, quando estou prestes a sugerir que paremos para seguirmos a pé, dado que estamos a cerca de um quilómetro e meio de casa, Kaleb roda o volante para a direita e leva-nos para fora da estrada. A carrinha mergulha numa vala e ele carrega no acelerador, levando-nos para a floresta, com a carrinha a avançar com mais estabilidade entre as árvores.

Olho para a retaguarda, vendo as motos a ficar para trás, perdidas na escuridão, na neve, e sem as luzes traseiras de Kaleb para seguirem não sabem por onde vão.

Acho que não respiro todo o caminho até casa.

Kaleb conduz sobre o piso da floresta, levando-nos até à casa e, quando para a carrinha, todos saímos, olhando em volta em busca de sinais da polícia ou de pilotos.

– Entrem já! – ordena Jake.

Corremos para a casa, fechando a porta com força ao entrar, e Noah encosta-se à porta e deixa-se cair, ofegante.

O que fizemos?

Vai haver castigo por isso. Eles não vão esquecer.

Mas, de repente, Noah desata a rir.

Com histerismo.

Ponho-me diante dele e mostro má cara.

– Isto não tem piada – resmungo. – Podia ter morrido alguém. Assim que a neve parar eles vêm cá acima. A polícia vai prendê-lo.

Olho para Kaleb, que está fresco como uma alface, dirigindo-se à cozinha e despindo a camisola como se se preparasse para se deitar ou uma merda assim.

O riso de Noah esmorece e ele levanta-se, colocando-se ao meu lado.

– A neve não vai parar – diz-me.

Olho-o nos olhos enquanto me dá uma palmadinha no ombro.

– Até abril – termina.

E acompanha Kaleb até ao frigorífico para ir buscar uma cerveja.

16

Tiernan

Já atinge os oito centímetros na minha varanda. A tempestade de neve não dá tréguas, grandes flocos brilhantes e brancos a cair no chão com tal densidade que mal percebo que é noite. Largo uma gargalhada silenciosa ao espreitar através das janelas da minha porta dupla. Reina o silêncio na casa, os rapazes deitaram-se há um bom bocado, mas não consigo dormir. Quero ver isto.

É tão belo. E, por alguma razão, sinto-me no céu, apesar do lamento de Noah de não haver civilização ao longo dos próximos seis meses. Tenho aqui tudo aquilo de que preciso.

Jake pôs-nos a tratar dos cavalos antes de nos deitarmos, mas ainda me sinto mal pelos animais lá fora no celeiro. A neve veio sem dúvida para ficar, não derrete, o que significa que a temperatura no solo é tão baixa como nas nuvens.

Dou a volta, tremendo enquanto cerro os punhos por baixo dos braços. Devia ter vestido a roupa interior mais comprida que comprei, mas detesto calças por baixo dos lençóis. Avanço, decidindo permanecer com os calções de seda, blusa de botões e embrulhada num cobertor ao enfiar-me na cama.

Mas deteto algo pousado ao fundo da cama e paro, indo até lá para pegar no cinto de Kaleb.

Ou melhor, aquele que ele me ofereceu. Atirei-o para aqui quando cá vim mais cedo.

Segurando numa ponta, passo-o pelo punho, esticando-o para ver os entalhes decorativos.

Ele é a modos que um artista, não é? Imagino-o a trabalhar nisto, provavelmente no sótão ou numa das divisões no celeiro que não explorei, onde tem um lugar em que não é incomodado. Ou talvez no seu quarto.

Afinal, como é o quarto dele? Nunca me atrevi a ir lá e na única ocasião que o meu tio me pediu para dobrar uma roupa, não havia lá nada que pertencesse a Kaleb, por isso nem na altura tive um pretexto para ir ao quarto dele, como faço no do Noah.

Passo o meu polegar pelo espanta-espíritos.

Em que pensaria ele ao esculpir todas estas coisas? Deve ter pensado em mim.

Gastou tempo com isto. Imenso tempo.

Olho para os furos, andando distraidamente até junto do espelho de corpo inteiro enquanto enfio a ponta na fivela e meto o pulso na abertura.

Puxo o cinto, passando o resto pela fivela e sentindo o couro frio a cingir a minha pele.

Algo ascende na minha garganta, quase como se fosse vómito, mas também quase como se fosse o meu estômago, e como está às voltas. O meu peito sobe e desce numa respiração rasa.

Olho para o espelho.

O cinto assenta como uma algema no meu pulso, a ponta dependurada, e paro de respirar, com a imagem de Kaleb a agarrá-lo e atá-lo à cama por cima da cabeça de uma rapariga a surgir-me na mente.

Ele puxa a tira, o corpo dela estremece e eu gemo.

Credo. Abano a cabeça e tiro-o, atirando-o de volta para a cama.

Ainda não tenho idade para isso. E… tenho dois pulsos. Só me deu um cinto. Belo susto que tentaste pregar-me, Noah.

Volto a arrepiar-me, olhando para a minha lareira. Sem lenha. Fantástico.

Largo o cobertor na cama e percorro apressadamente o corredor, descendo em passo rápido as escadas. Não vou à oficina. Está um frio do caraças.

O fogo da sala principal ainda crepita e apresso-me na direção da pilha de lenha junto à lareira.

Mas não resisto.

Dou a volta e curvo-me um pouco, deixando que o calor me aqueça as coxas. Também aproximo os dedos das chamas, agitando-os e aconchegando-os ao calor.

Inclino a cabeça para cima e vejo Kaleb sentado na cadeira de couro de costas altas a menos de um metro de mim, a observar-me.

Tem uma caçadeira no colo e segura uma cerveja pelo gargalo.

Endireito-me, com os pelos dos meus braços a eriçarem-se.

– Está tudo bem?

Ele deixa-se abater um pouco, as suas pernas compridas dobradas a noventa graus pelos joelhos enquanto a luz do fogo cintila no seu peito despido.

– Eu sei que me percebes – digo. – Sei que consegues assentir com a cabeça, ou escrever, ou isso. Porque é que não queres falar comigo?

A luz faz o seu olho cintilar enquanto me observa, e eu franzo o sobrolho.

Ele comporta-se como um animal. Come, dorme e…

A porta da oficina abre e fecha e desvio os meus olhos de Kaleb e vejo Noah, a atravessar a sala principal.

Olha para mim e também ele transporta uma caçadeira.

– Também não consegues dormir? – questiona.

Vejo-o a verificar as fechaduras.

– Estava frio – respondo. – Vim buscar lenha.

Porque é que ainda estão ambos acordados? E armados? Achei que estávamos em segurança.

– Queres ver um filme connosco? – sugere.

– Pensei que tinhas dito que eles não conseguiam chegar cá acima – opto antes por dizer.

– E não conseguem.

– Então, porque é que estão os dois de guarda?

– Precaução.

– Por causa de quê? – pressiono, quase divertida. – O vosso plano passa por disparar sobre agentes da polícia se eles aparecerem?

Noah abana a cabeça.

– Não sobre eles.

Lanço um olhar a Kaleb, que observa o fogo enquanto bebe da sua cerveja, e depois fito de novo Noah.

Ele deve ver uma expressão de espanto no meu rosto, pois não demora a explicar-se.

– O Holcomb e os capangas dele sabem que estamos a salvo deles durante o inverno – realça –, mas também… seja o que for, ou quem, na vila… está salvo em relação a *nós*. – Pega na cerveja pousada na ponta da mesa e arranca a carica, atirando-a para junto do candeeiro. – Se a neve não for tão espessa como queremos, não poria de parte a possibilidade de ele nos emboscar esta noite e tentar levar-te de volta à montanha antes de acordarmos e perdermos a oportunidade de te seguir no meio da intempérie.

Portanto…

Olho entre um e outro.

– Estão a guardar-*me*?

A única resposta dele é um sorriso dissimulado.

Estão despertos à uma da manhã, armados e alertas por mim?

– Auuuuu – cantarolo, fingindo olhos chorosos e levando a mão ao coração.

– Cala-te – resmoneia Noah.

Rio discretamente, avançando para a cozinha e retirando uma cerveja do frigorífico.

– Então, e a seguir, o que se passa? – questiono, sentando-me de pernas cruzadas no sofá junto a Noah. – Quando a neve derreter, o Kaleb vai estar em apuros?

O que aconteceu esta noite foi culpa dos locais, mas sei que, se eu não estivesse aqui, nada teria sucedido.

– Não é culpa tua – assegura-me Noah, apontando o telecomando e ligando o televisor. – Procuravam-te por um motivo.

– Porquê?

Ele inspira fundo e suspira.

– Porque, para algumas pessoas, não lhes basta a parte deles – explica. – Querem tudo.

Observo-o enquanto ele vai passando as opções de *streaming*. Não sei se percebo o que ele diz, mas pelo menos parece que isto não começou comigo. Pego na manta pousada nas costas do sofá e cubro as pernas, bebendo um gole de cerveja.

Instala-se o silêncio na divisão enquanto escolhemos, mas não me concentro muito. Noah veste umas calças de pijama pretas e um *T-shirt* branca sem mangas, a sua pele ainda morena e macia, e apetece-me revirar os olhos a mim mesma por ter reparado. É que não tenho muitas

oportunidades de estar descontraidamente com eles. É frequente ficarem a ver televisão à noite, mas sinto-me tão estourada ao fim do dia que só quero ir para a cama.

Ele escolhe um filme, algo com Tom Cruise quando era mais novo, e deixo cair a cabeça para trás, segurando a cerveja enquanto tento ver.

A única coisa que sei sobre este filme é que ele dança em roupa interior e dou por mim constantemente a olhar para Kaleb para detetar algum sinal de diversão. Ou talvez um pé a bater ao ritmo da música.

Mas ele tem a cara escondida atrás da curva das costas da cadeira e o corpo dele mal se mexe ao longo do filme.

Mas conta com uma banda sonora interessante dos Tangerine Dream. Infelizmente, Tom (ou Joel) é um bom rapaz, a tentar perder a virgindade por insistência dos amigos estúpidos quando os pais dele vão para fora por uns dias. Então, o que faz ele? Contrata uma prostituta e transforma a casa dos pais num bordel. Não passa de uma fantasia de adolescente masculina e nem acredito que foi este filme que o transformou numa estrela.

Reviro os olhos e cruzo os braços sobre o peito.

– Este filme é tão pateta.

– É? – questiona Noah, observando Joel e Lana a fazerem sexo – em público – num comboio. – Os teus risos estão a passar-me mensagens confusas.

Nunca me ri. A comédia é fraca.

– Isto é parecido com o modo como perdi a virgindade – revela Noah, bebendo um gole de cerveja.

Ergo uma sobrancelha e olho para ele.

– Com uma prostituta?

– Uma mulher mais velha que só queria uma coisa.

– O teu dinheiro?

Ouço uma risada contida e olho para lá, vendo o peito e a barriga de Kaleb a tremerem um pouco. Eu…? Ele…?

Oh, meu Deus. Ele riu-se. Da minha piada.

Termino a minha cerveja e pouso a garrafa na mesinha de café, o brilho do fogo sendo a única coisa a iluminar a sala escura.

– Bem, lamento que esta noite as coisas não vos tenham corrido bem.

– Como assim?

– Última oportunidade para visitantes externas – troço. – Nada com que brincar com este inverno.

Noah fica ali parado por uns momentos, como se contemplasse algo.

– Talvez – diz.

Estreito os olhos.

Talvez…

Assinto com a cabeça.

– Tens razão. Quer dizer, não hão de ser as únicas pessoas cá em cima, certo? – questiono. – Tem de haver outros homens da montanha?

Ele fita-me.

– Desculpa?

– Mais corpos quentes – esclareço, sempre muito séria. – Tem de haver tipos enfiados em cabanas cá em cima, não é? Não tem mal. Acontece na prisão. *Gay* por conveniência.

Ele ergue imenso as sobrancelhas.

– Desculpa?

Mas, antes de eu conseguir responder, atira-se a mim, agarra-me as pernas e puxa-me para fora do sofá para ele enquanto me enfia os dedos nas costelas.

Tento suster as gargalhadas, mas uma parte escapa.

– Para.

– O que disseste? – Faz-me cócegas na parte de dentro das coxas e dou-lhe palmadas nas mãos.

– Bem, tu és um pouco «metro».

– E tu?

– E eu, o quê? – Enrosco-me, protegendo-me dos dedos dele na minha barriga.

– Vi-te dançar com a Cici na corrida. – Debruça-se sobre mim, prosseguindo o ataque de cócegas. – Talvez *te* excites com pessoas do mesmo sexo.

Largo gargalhadas tristes e breves, mas imploro-lhe com o olhar.

– Para com isso. – Afasto as mãos dele, mas elas regressam sempre. – Ora bem, não tem mal. É preciso lidar com o isolamento, certo?

Ele rosna e agarra-me os pés, fazendo cócegas por baixo. Esperneio, rindo alto.

– Para!

Mas, então, de repente, agarra-me pela gola e puxa-me para o seu colo.

Envolve-me com os braços, sussurrando-me ao ouvido.

– Queres mesmo ver como lidamos com o isolamento?

O meu sorriso esmorece, o meu riso sumiu, e observo enquanto ele passa os arquivos de televisão e por fim clica num.

Tenho o traseiro bem assente no colo dele, as minhas costas coladas ao seu peito, e sinto apenas o corpo dele sob o meu, através do tecido fino que vestimos.

O ecrã fica a preto, toda a sala às escuras de novo, com a exceção do fogo, e Noah recosta-se, puxando-me com ele.

Reteso-me.

Um outro brilho suave ilumina a sala, mas receio erguer os olhos pois sei o que ele pôs a dar no televisor.

Não posso olhar.

Mas também não quero ir embora.

Ouço beijos. E chuva.

A representação é má – o meu rosto ruboriza com vergonha por eles – mas… não sei.

Deixo-me ficar sentada em cima de Noah.

No filme vê-se um rapaz e uma rapariga. Adolescentes. Estão a curtir no carro e percebo pela conversa que estão no bosque numa noite de chuva. Isolados e sozinhos.

Ou assim pensam.

Ergo o olhar, observando a imagem típica de porno, os vidros do carro embaciados enquanto a chuva martela o tejadilho, mas então veem-se luzes de lanternas e dois polícias batem na janela.

Noah agarra-me a mão, passando o polegar pelas costas da minha mão enquanto vemos.

«Não, por favor», implora o jovem aos polícias. «Não tenho dinheiro para isso. Eu compenso-vos. Não há maneira de esquecermos isto?»

Aparentemente, o falhado tem um par de mandados por multas por pagar e o seguro expirado. Querem levá-lo para a prisão.

Mas, então, naturalmente, apontam as lanternas para o interior do carro e olham com atenção para a sua pequena namorada.

O polícia número um inclina a cabeça e oferece ao idiota um cartão para se livrar da prisão.

Vejo os dois agentes fardados retirar a rapariga do carro e a coagi-la a alinhar. O namorado dela pode ir para casa, os mandados são apagados e o papá dela não terá de a ir buscar à esquadra naquela noite. Se ela lhes der o que eles querem.

A chuva ensopa a pequena blusa branca dela que traz atada sob os seios, os mamilos e a pele bem visíveis sob o tecido enquanto o polícia olha com avidez. Sinto um ardor entre as pernas, latejante e quente.

– É isto que fazemos – sussurra-me Noah ao ouvido. – É isto que fazemos durante o inverno, Tiernan.

Olho para Kaleb, com o rosto escondido, mas vejo o peito e a barriga dele e subir e a descer com a respiração ofegante.

– É também o que farás – acrescenta Noah.

Com eles? Ou…

Baixo o olhar, ouvindo as roupas da rapariga a serem rasgadas.

A respiração de Noah torna-se ofegante e remexe-se por baixo de mim, o seu membro a enrijecer e a roçar em mim.

Inspiro fundo.

– Acho que é melhor ir para a cama agora – diz em voz baixa.

Com gentileza, levanta-me do colo e desce no seu assento, pondo-se mais confortável quando o polícia empurra a rapariga contra a janela do namorado, as mamas despidas coladas ao vidro molhado para ele poder ver.

Eu deslizo pelo sofá abaixo e devia partir. Eu…

Ele baixa-lhe os calções, rasga-lhe a blusa e puxa as calcinhas para o lado, agarrando-lhe o cabelo enquanto se enfia dentro dela.

Ela geme, com um ar culpado e envergonhado, mas não protesta quando a imagem corre para o namorado dentro do carro, que vê as mamas molhadas dela a saltitar contra o vidro enquanto ela é fodida mesmo à frente dele.

Espreito para Noah e reparo que ele não está a ver o filme, mas antes a observar-me.

– Última oportunidade – diz ele baixinho, massajando o pénis através das calças. – É melhor ires.

Mas eu não quero. Sinto as faces a arder, mas puxo a manta sobre as pernas e sustenho o olhar dele no meu enquanto me dá mais uns segundos para assegurar que tenho a certeza.

Um sorriso baila na boca dele, mas o humor que sempre se vê lá desapareceu. Neste momento está em brasa. Os músculos tensos, os olhos ardentes e sabe que estamos prestes a cruzar uma linha.

Sustendo o meu olhar, enfia a mão dentro das calças, afagando-se sob o tecido e observando-me à espera de uma reação. Mas vendo que não me movo, tira-o para fora.

O meu olhar incide para o que ele segura na mão e sinto de imediato o estômago às voltas com calor e agitação.

Merda.

Está grosso e duro, a luz do fogo a bailar na ponta gorda, e observo enquanto ele despe a *T-shirt* e lambe a mão, massajando para cima e para baixo, vezes sem conta, sem nunca desviar os olhos de mim.

– Queres ver? – sussurra tão baixo que quase não ouço.

Sim. O seu corpo lindo reluz e reflete enquanto se afaga e eu lambo os lábios, desejando apenas isto. Desejando apenas ver.

Ele contorce os lábios num sorriso e volta a olhar para a televisão, enquanto eu olho para ele e para o filme, ambos fazendo o meu coração saltar com mais força e intensidade. Sinto a humidade entre as minhas pernas e recosto-me contra o braço do sofá, com os gemidos da rapariga e os grunhidos do polícia a preencherem o nosso pequeno espaço enquanto o suor brilha no tronco de Noah.

A rapariga está a ser usada com tanta dureza, o primeiro polícia a vir-se dentro dela e apertando-lhe as mamas, enquanto o segundo a atira de imediato para o banco traseiro do carro do namorado, desaperta as calças e põe-se em cima dela, aproveitando a sua vez.

O namorado dela observa pelo retrovisor, a perna dela projetada para cima do assento da frente para ela se abrir mais enquanto o agente entra e sai dela, sacudindo-lhe o corpo.

Respiro de forma curta e rasa, com a dor no meio das minhas pernas cada vez mais intensa e latejante. Dói-me o fundo da barriga e mordo o lábio inferior ao ver o inchaço nas calças de Kaleb a crescer.

Céus.

Deslizo para baixo, deitando-me de barriga para cima no sofá e cingindo as coxas para tentar dominar o desconforto. Noah pega na minha perna e estende-a sobre o colo dele, pousando a mão na minha coxa ao fechar os olhos e continuando a masturbar-se com a outra.

O polícia senta-se, puxa-a para o colo e ela monta-o de costas, olhando para o namorado pelo retrovisor.

«Sua puta», rosna ele, mas percebe-se que está excitado.

Ela morde o lábio inferior para disfarçar o sorriso.

Gemidos, gritos, pele contra pele, o cabelo molhado dela a colar-se ao corpo quando finalmente chega a vez do namorado e mal consigo respirar quando todo o meu corpo desperta para a vida, os nervos em ebulição sob a pele e com uma necessidade tal que não consigo parar de massajar a minha rata com a base da minha palma.

Mais nervos disparam. Gemo.

Com a mão sob a manta, enfio os dedos por baixo dos calções, dentro das calcinhas, e brinco com o meu clitóris. Kaleb começa a massajar o pénis dele através das calças e Noah puxa o seu, longa e lentamente, sugando ar entre os dentes ao ficar ainda mais excitado.

Levanto a minha camisola, o tecido de lã da manta a arranhar da melhor maneira os meus mamilos, e baixo um pouco mais os meus calções, para encaixar melhor a mão.

Fecho os olhos, deixando-me levar pela fantasia. Deixando-me levar pela ideia de fazer parte disto e deles, não havendo aqui ninguém que nos trave.

Mergulhando os meus dedos no interior, giro a humidade por todo o meu clitóris e esfrego cada vez mais depressa, imaginando uma boca entre as minhas coxas, lambendo-me e saboreando-me.

Balanço o meu corpo para trás e para a frente, pensando na boca dele. A cabeça dele ali em baixo, tomando o que quer e dizendo-me o quanto a minha rata é doce.

Oh, céus. Massajo cada vez mais depressa, mal reparando na corrente de ar ou que a manta caiu, pois não quero saber. *Não quero saber.*

As minhas ancas rolam, a pele dos meus mamilos enrijece no ar frio, arqueio para trás o pescoço, enfiando em mim metade do dedo e tremendo de prazer.

Meu Deus… Sabe tão bem. Mordo o canto da boca, a necessitar de mais.

Eu preciso de mais. Eu…

De repente, percebo que o som desapareceu. O som do filme. A sala está em silêncio e não ouço gritos ou gemidos. Continuo a esfregar em círculos enquanto vou abrindo os olhos a custo.

Noah e Kaleb já não veem o filme. Veem-me a mim.

Inspiro rapidamente, parando de massajar.

Fico com a boca aberta e olho para baixo, reparando que a manta se foi, caída no chão. Noah ainda se encontra no seu assento ao meu lado, mas já sem se afagar, e Kaleb levantara-se da cadeira, estando de pé a observar-me.

Tenho o *top* puxado para cima, as mamas à mostra, e retiro a mão dos calções, incapaz de falar e mal logrando respirar.

Merda.

Endireito-me, mas Noah está ali debruçado para a frente antes de eu ter a oportunidade de sair do sofá.

– Não pares – sussurra.

Tem as sobrancelhas unidas – vulnerável, quase como se estivesse a sofrer.

Agarra-me a mão. Fico tensa, mas não a afasto ao vê-lo enfiar os meus dedos na boca dele. Os mesmos dedos que ainda há pouca usava.

Chupa-os um a um e depois volta a enfiar a mão no meio das minhas pernas.

– Volta a esfregar.

Não, eu…

Ele beija-me a testa ao voltar a enfiar o pénis dentro das calças.

– Não tem mal – diz ele. – Massaja o teu clitóris.

O meu corpo ainda está destroçado com a necessidade, um fio de suor escorrendo-me pelas costas. Os olhos de Kaleb incidem em mim, sem pestanejar, e todo o seu corpo está rígido.

Olho entre um e outro, nervosa, mas enfio os dedos de volta nas calcinhas e brinco como ele me pediu. Os olhos de Noah percorrem lentamente o meu corpo, observando tudo.

– Olha o que ela tem escondido debaixo da minha roupa – diz ele a Kaleb.

Kaleb passa para o sofá, sentando-se atrás da minha cabeça, e espreito para cima, olhando-o nos olhos. Afasta-me uma madeixa de cabelo da testa enquanto Noah deposita beijos leve e doces no meu rosto.

Os meus dedos começam a trabalhar com mais força enquanto ambos pairam sobre mim, observando-me.

– Isso mesmo – diz Noah num tom de voz turvo, agarrando-me a cara enquanto me beija o nariz e os lábios. – Linda menina.

Sinto os dedos dele por baixo da cintura dos calções e começa a puxá-los.

Olho para ele, suplicante.

– Não.

– Sim.

Puxa-me os calções e as calcinhas por cima do traseiro, para poderem ver os meus dedos a laborar no meio das pernas.

Os lábios de Noah mergulham até ao meu estômago, descendo, e por reflexo vou afastá-lo com a outra mão – ou talvez prendê-lo a mim –, mas Kaleb agarra-me o pulso e puxa a minha mão para trás.

Olho-o nos olhos, gemendo com os pequenos círculos húmidos que traço sobre a minha rata.

– Afinal, parece que neste inverno sempre vamos ter algo para brincar – diz Noah ao irmão.

Contorço os lábios numa rosnadela, prestes a protestar, mas Noah cala-me com beijos.

– Chiu – sussurra.

Meu Deus, os lábios dele são macios. Arquejo contra a boca dele.

– Tiernan – arfa ele, observando a minha mão trabalhar a rata despida.

– Porra, meu – diz ele a Kaleb. – Olha para ela. Alguma vez viste alguma coisa assim tão bonita? E aposto que também é muito apertada.

Ele mergulha para baixo, lambendo-me o mamilo, e algo dispara dentro de mim como se eu estivesse prestes a explodir.

– Noah – gemo.

– Tiernan. – Ele beija a minha pele, estimulando o mamilo com os dentes. – Quero foder-te. – Ele sobe, pairando sobre a minha boca enquanto esfrega o pénis dele na minha mão entre as minhas pernas. – Quero foder-te. Todo o inverno.

Olho para a boca dele, pronta a puxar-lhe as calças e deixá-lo entrar. Olho para cima, prendendo o olhar de Kaleb enquanto beijo o irmão.

– A mais bela esteve sempre debaixo do nosso teto – geme Noah, roçando-se em mim. – És nossa. – Encosta a testa à minha. – O nosso docinho. Toda nossa. Entendes? – Beija-me a testa, o nariz e afasto a mão, apreciando ainda mais a sensação do pénis dele. – O nosso pedaço de traseiro. Nosso.

Sim. Assinto. Não quero saber. Não quero mais ninguém.

Parecemos estar na mesma página, pois lança um aviso ao irmão.

– Não a magoes. Pelo menos até ela estar habituada a nós.

O quê? Sinto que deveria assustar-me, mas olho para Kaleb, vendo-o a erguer a boca num sorriso sombrio. Ali mesmo, não quero saber do que ele me faz. Só o quero.

– Fico com a tua cerejinha – sussurra Noah sobre a minha boca, sorrindo. – Desde que prometa não te tocar no traseiro. Ele há de querer isso.

E aponta com o queixo para o irmão.

Cerro os punhos, o meu estômago dando um nó, mas saltando de excitação, também, ao arquear o pescoço para trás para a boca de Noah.

Mas, então, ouve-se uma voz firme rugir:

– Noah.

Paraliso, momentaneamente incapaz de me mover.

Oh, merda.

Não.

Noah para com os beijos e abro de repente os olhos ao reconhecer a voz de Jake.

Sinto-me tomada por náuseas. Volto a vestir os calções e baixo a blusa, tapando-me.

– O que raio estás a fazer? – rosna Jake.

Noah levanta-se e vejo a tensão e o esforço na expressão dele, antes de o seu olhar o enfrentar, mostrando um sorriso malicioso.

Levanta-se e vira-se para o pai.

– Nada que ela não queira.

Sento-me, com Kaleb a levantar-se atrás de mim, sem coragem de olhar para o meu tio. Apenas para os seus pés descalços e para o fundo das calças de ganga com ele ali parado no último degrau.

– Vão para a cama – ordena.

Noah hesita, mas depois desliga a televisão, pega na camisola e sobe as escadas, seguido por Kaleb. Não sei se olham para mim ou se tudo isto os diverte, mas levanto-me de um pulo e saio a correr.

– Tu, não. – Jake agarra-me.

Desvio a cara, sentindo o seu olhar a incidir em mim.

– O que teria acontecido se eu não tivesse vindo cá abaixo? – questiona.

Não sei. E não sei porque me sinto envergonhada. Numa situação normal, sim, deveria sentir. Tendo em conta os nossos laços familiares, tudo isto é errado. Percebo como as pessoas o podem achar errado.

Mas a verdade é que ainda há umas semanas ele também deu em cima de mim.

– O que teria acontecido?

– Não sei – respondo.

Porque é que não lhes perguntei isso?

– O que querias que acontecesse? – pergunta.

Limito-me a encolher os ombros, olhando-o nos olhos enquanto procurava uma resposta.

– Eu… eu não sei.

– Não sabes? – Arranca-me a manta e desce, agarrando os meus antebraços enquanto me leva para a sala de estar de novo. – O que querias que acontecesse?

– Não sei! – grito. – Eu…

– O quê?

– Eu…

Porque é que sou eu que estou em apuros? Ele está mesmo zangado?

Ou apenas desiludido?

– O que querias que acontecesse?

– Queria que acontecesse tudo – digo baixinho, olhando por fim de volta para ele com lágrimas nos olhos. – Não sei o que se passa comigo. Eu só… sinto-o por todo o lado.

Olha fixamente para mim, com os olhos semicerrados.

– Sentes o quê em todo o lado?

– A ti – sussurro, baixando os olhos. – E a eles.

Este lugar, esta casa, a terra, o vento… eles. Estou viva.

– Ficaste com tesão, sentiste-o – digo, recordando-lhe a nossa noite na cozinha. – E não é suposto eu também sentir?

– Tens dezassete anos!

– Dezoito – rosno em resposta. – Até agora, podia ter fodido com quem quisesse. Os meus pais nunca quiseram saber, mas eu sim. – Olho para ele conforme se aproxima, a sua respiração quente e zangada incidindo sobre a minha testa. – Nunca houve quem me parecesse bem… antes.

Agarra-me, apertando-me nos braços, inquieto.

Cerra os punhos, cravando os dedos na minha pele, e gemo.

– Jake…

Dói.

Larga-me e faz-me rodar, curvando-me sobre um braço. Mal tenho tempo para inspirar antes de me dar uma forte palmada no traseiro, com a estalada a penetrar o ar de forma penetrante.

Arquejo, cerrando os olhos com o choque.

– Ainda te sentes bem? – pergunta, respirando a custo.

Não olho para ele. Sinto a raiva a fervilhar no meu sangue e por um lado quero gritar e ripostar, mas por outro…

Por outro, sinto os nós no estômago a desemaranharem-se. O meu coração salta uma batida e sinto adrenalina a correr.

Ainda me sinto bem?

Lentamente, assinto com a cabeça.

O que raio vais fazer-me? Por algum motivo, sinto-me animada. Quero descobrir.

Ele mantém-se calado por uns momentos e depois ouço a sua ameaça.

– Queres mais?

Assinto duas vezes.

Ainda me agarra e ergo-me para trás, sentindo os músculos do braço dele tensos e rijos, e o corpo dele quase parece vibrar. Não o ouço respirar.

Ele está tão duro. Sei que está.

– Tira os calções – ruge. – Para sentires a minha mão.

Sinto o coração a pulsar nos ouvidos e as minhas mãos começam a tremer, mas baixo os calções pelas pernas, ficando apenas com a blusa e as calcinhas.

Ele senta-se no sofá, recostando-se, e olha para mim, o olhar a percorrer o meu corpo até ao meio das pernas.

– Anda cá – ordena. – No meu colo, princesa.

Os meus nervos estão em polvorosa, mas mesmo assim… a minha rata retesa-se quando ele diz «princesa». Quero que volte a dizê-lo.

Lentamente, rastejo sobre o colo dele e deito-me de barriga para baixo e ele assenta um braço sobre as minhas costas para me prender.

Não quero a mão dele. Quero apenas os dedos.

Baixa-me as calcinhas e fico sem fôlego, fechando por reflexo os olhos com a vergonha.

Mas gosto. Quero. Quero que faça o que lhe apetecer. Eu…

Dá-me uma palmada no traseiro, com a dor a espalhar-se pela minha nádega direita enquanto me sacudo e gemo.

Ele expira e juro que quase o ouço gemer.

Volta a bater-me, uma e outra vez, com o fogo a percorrer-me por baixo da pele, e agarro com força a manta pousada no sofá conforme atiro a cabeça para trás e grito.

– Três – ruge. – Vais deixar que aqueles rapazes voltem a tocar-te?

Abano a cabeça.

– Não.

Volta a bater-me e retraio-me sempre que o meu traseiro arqueia para ir ao seu encontro.

– Não, o quê? – sussurra.

– Não, tio Jake – respondo de forma adequada.

A mão dele volta a assentar no meu traseiro despido.

– Cinco – expira ele. – Vais deixar que eles vejam o teu corpo?

Outra palmada.

– Não – gemo. Não.

E outra.

– Vais portar-te bem?

– Sim, Jake. – Roço a minha rata entre as pernas dele enquanto o suor perla a minha testa. – Porto-me bem. Porto-me bem.

Volta a bater-me e impulsiono-me para a frente, com o meu clitóris a latejar intensamente. Meu Deus, estou tão molhada. Enterro a mão no sofá. Preciso dele. Preciso do pénis dele.

Outra vez. Outra vez. Outra vez. Cada vez mais depressa, açoita o meu pequeno traseiro. Outra vez, outra vez e outra vez, e sinto o membro rijo dele a tentar espreitar por entre as calças.

Gemo, estiro-me e anseio, as minhas calcinhas esticando-se sobre a parte de cima das minhas coxas ao tentar abrir as pernas, mas, foda-se… Céus, estou tão molhada.

– Vais portar-te bem? – Volta a esbofetear e sinto-o. Está quase lá. Estou quase a vir-me.

– Sim – arquejo. – Sim, sim, sim.

Agarro a manta, respirando a custo e esperando por outra palmada.

Mas… não surge.

Cerro as coxas, cada músculo do meu corpo tão retesado como um elástico, mas ele para. *Oh, meu Deus, por favor.* Puxa as minhas calcinhas para cima e os meus olhos enchem-se de lágrimas, pois sofro. Dói, e entre Noah, Kaleb, e agora Jake, vou enlouquecer.

Erguendo-me, baixa a minha blusa e beija-me a testa húmida, o nariz e as faces.

Está a parar e fecho os olhos para não chorar.

Passa os dedos pelo meio das minhas pernas e vejo-o a erguê-los, brilhando com o que escorre de mim para a minha coxa. Olha para os dedos dele e esfrega-os.

– Não me obrigues a voltar a fazer isto – diz-me, com os lábios tensos. – Dói-nos a ambos.

E afasta-me dele, com os seus passos pesados nos degraus a ecoarem por toda a casa antes de bater com a porta do quarto.

As lágrimas escorrem-me pela face enquanto ali estou sentada, o meu orgasmo escapando-me e o meu corpo grita com a necessidade.

Não aguento isto.

Não vou sobreviver ao raio do inverno.

17

Jake

O raio da rapariga.

A rebeldia dela e como está sempre a desafiar-me, o seu tratamento de silêncio na última semana parecendo um parafuso a cravar-se cada vez mais no meu crânio enquanto os seus olhos belos e tristes noutras alturas me puxam o coração como ganchos.

A culpa não é minha. Ela teve sorte de eu estar ali. Era assim que ela queria fazer sexo pela primeira vez? Com dois ao mesmo tempo?

Eles não a amam.

É evidente que se sentem atraídos por ela, provavelmente mais do que por outra mulher qualquer, mas Noah nunca leva nada a sério e Kaleb não se abre com ninguém. Eu senti-me tão feliz quando ela voltou do funeral, mas temi que todo um inverno com ela fosse uma tentação demasiado grande.

Para mim.

Como é que não me ocorreu também a merda que eles iriam arranjar?

E só piora tudo não tendo ela um pingo de vergonha. Ela desceu vagarosamente as escadas na manhã seguinte, recusando-se a olhar para mim ou a dirigir-me respostas com mais do que uma palavra, mas, por outro lado, sem mostrar o mínimo embaraço. Sorrindo a Noah quando ele lhe serviu o raio do sumo e uns ovos e mostrando um aspeto lindo com as suas tranças e boné de basebol, os *jeans* justos e o cinto de Kaleb bem cingido na cintura.

Meu Deus, é tão agradável olhar para ela.

A única coisa que me evocou a noite anterior foi quando ela fez uma careta ao sentar na maldita cadeira o traseiro que sovei.

O meu pénis dilata, só de pensar no quanto a quis no momento – semidespida no meu colo e o odor doce a suor ao ser castigada.

Gemo, remexendo-me encostado à árvore, o vapor da minha respiração escondido dentro do meu casaco. Uma cauda branca agita-se atrás da duna e lentamente ergo a mão, indicando a Tiernan e aos rapazes para que se concentrem naquela direção. Os rapazes há anos que praticam caça furtiva e sem dúvida que por esta altura já teriam apanhado este veado, mas está na altura de Tiernan «perder a virgindade».

Ela dá um passo cauteloso e silencioso, ocultando o seu bafo como lhe ensinei e erguendo a espingarda com gentileza. Por norma, estaríamos num dos abrigos que fomos construindo ao longo dos anos, mas caçar ao frio pode condenar-nos a dias numa árvore até vermos algo. Ela tem de aprender a encontrar a sua presa.

Noah fala-lhe ou ouvido, dando-lhe instruções. *Aponta, respira, marca o teu alvo, respira…* E assim que o corpo estiver sincronizado com o animal, dispara.

Mas ela não o faz. Baixa a espingarda de novo e levanta-se.

Flexiono o maxilar.

Avanço até lá, com cuidado ao pisar a neve fria. Estendo a mão para ela e agarro-lhe o queixo para a obrigar a olhar para mim.

Mas ela liberta-se.

– Não consigo, está bem?

– Se não o fazes, passas o inverno a comer picles.

– Deixa-a em paz – murmura Noah. – Eu trato disso.

Mas, antes de Noah poder apontar a arma dele, interrompo.

– Ela fá-lo. – Aponto com o queixo para que ele se ponha junto de Kaleb, que está agachado ao pé de uma árvore. – Ela faz a parte dela.

– Vai-te lixar – rosna ele.

Noah recua hesitantemente na direção do irmão, fazendo-me má cara enquanto eu me agacho.

– Chega-me aqui esse traseiro. – Puxo-a para baixo junto a mim.

Baixo a minha barriga sobre a neve, o frio a passar através do meu camuflado e lanço-lhe um olhar de aviso.

Ela retorce os lábios num resmungo, mas deita-se ao meu lado, apontando os olhos ao veado através da vegetação.

O chapéu branco dela cobre-lhe as pontas das orelhas, mas os lóbulos encontram-se vermelhos, tal como a ponta do nariz. Usa duas tranças compridas e vejo os olhos a brilhar com lágrimas.

Credo.

– Queres saber aquilo por que passa a bela carne muito bem empacotada que vês no talho? – rosno-lhe. – Estes animais têm uma vida muito melhor do que a carne que compras, rapariga, por isso ganha juízo e alimenta o raio da tua família.

O queixo dela treme ao olhar para o animal, fletindo o maxilar.

– Odeio-te.

– Não tanto quanto adorarás a comida na tua barriga.

Ela levanta a arma, apoiando os cotovelos por baixo do corpo e olhando pela mira.

Pressiona o gatilho, enquanto choraminga.

Vai perdê-lo. Vai falhar, pois não consegue ver entre as lágrimas e o veado vai fugir.

– Tiernan – digo. – Olha para mim.

O céu azul sem nuvens e o cheiro a gelo cercam-nos, mas, mesmo agora, ao olhar para o rosto inocente dela e lábios perfeitos, sinto um leve suor a arrefecer-me os poros.

– Querida, olha para mim – volto a dizer, num tom brando.

Ela gira a cabeça, os seus olhos cinzentos a incidirem nos meus.

Limpo-lhe uma lágrima da face.

– Se algo me acontecer, ou aos rapazes, preciso que saibas que consegues sobreviver aqui em cima. – Falo suavemente, passando o dedo sob o olho para recolher outra lágrima antes que caia. – O que temos na despensa não dura para sempre. Tenho de te ensinar isto, está bem?

Ela treme, mas assente com a cabeça, com um ar tão querido e vulnerável. Céus, sinto um aperto no coração.

Inclino-me para a frente, depositando um beijo na têmpora dela.

– Fico de rastos só de te pensar desprotegida. Por favor, faz isto.

Ela engole em seco e inspira fundo, aplacando as lágrimas e respirando antes de voltar a fazer pontaria.

– *Okay* – sussurra.

Observo-a, não ao veado, e fico hipnotizado. Tão inocente e pura. Intocada e a nascer para a vida pela primeira vez. Há algo imenso contido sob a superfície dela e quero sentir tudo nos meus braços. Tiernan é uma pulsação na casa.

Ela é *a* pulsação.

Talvez eu sentisse ciúmes naquela noite em que dei com Noah em cima dela e Kaleb a olhá-la como um animal esfaimado. Ou talvez temesse o que isto lhe faria. Todos a desejámos antes da neve e agora ela é um lembrete permanente de que é tudo o que temos para olhar ao longo de todo o inverno. Preocupa-me a possibilidade de começar a diluir-se a ideia que defendo, se é *mesmo* necessário passar o inverno sem algo belo. Se é duro agora, quanto mais duro será resistir-lhe conforme vamos passando pelos meses mais frios, escuros e solitários?

Mas o que realmente acaba por se impor é que a desejo.

E não devia.

Um disparo perfura o ar e pestanejo, regressando à realidade. Ela soluça em silêncio conforme a cabeça tomba e fecha os olhos, e pego nos binóculos, vasculhando o terreno em busca do veado.

– Apanhou-o! – grita Noah.

A respiração dela é agitada pelo choro silencioso, e ela por hoje já fez o que tinha a fazer, não vai sequer olhar.

– Vão buscá-lo – digo-lhes. – Levem-no para casa. Nós vamos atrás.

Os rapazes passam por nós, esmagando a neve sob as botas, e o meu corpo arde com o frio que se infiltra pela pele.

– Não queria desiludir-te – diz ela, de cabeça baixa a olhar para o chão.

– E não o fizeste.

Ela aponta a cabeça de repente para mim, penetrando-me com o seu olhar feroz.

– Só fiz aquilo por não querer desiludir-te – explica. – Porque é que me importo em agradar-te? Não quero agradar-te.

Volta a desviar o olhar, retirando o chapéu e parecendo desgostosa consigo própria.

Fios de cabelo soltos caem-lhe sobre os olhos e quero afastá-los.

A minha voz soa estrangulada como um sussurro.

– Tudo o que fazes agrada-me.

Poderia culpá-la quanto quisesse. A beleza dela, o aroma, o riso e rebeldia, os olhos ao sorrir e o modo como nos torna um pouco felizes, o modo como até um saco de lixo ficaria bem nela enquanto caminha em redor da minha casa, mas, sinceramente, é só o que eu disse. Todos os dias vou perdendo a força para lhe resistir e odiar-me por isso.

E odiando-a mais por ser algo que não posso ter.

– Para a próxima vai ser mais fácil – digo-lhe.

– Não haverá próxima.

– Se queres comer, tem de haver.

Ela lança-se para cima e dá-me um soco no maxilar enquanto ruge. Sinto a dor a percorrer-me o rosto e, quando dou por ela soca-me repetidamente enquanto chora.

Desvio a cara, tentando proteger-me enquanto lhe agarro os pulsos. Cerro-os dentro dos meus punhos, viro-a para o lado e ponho-me em cima dela, ainda a sentir-lhe o corpo através das camadas de roupa que vestimos.

Ela consegue libertar a mão, debatendo-se por baixo de mim, e começa a bombar sangue na minha virilha enquanto ela se contorce e mexe.

– Odeio-te – arqueja, batendo-me. – Odeio-te. És um triste de merda.

Rosno, tentando apanhar-lhe os punhos agitados. Putinha de um raio.

– Os meus pais mandaram-me para aqui por me odiarem. – Tenta afastar-me dela. – Queriam que eu sofresse e és o pior que podiam arranjar-me.

– Talvez… – deixo escapar, interrompendo-a. – Talvez se tenham sentido mal por aquilo que me tiraram e por isso ofereceram-me a filha. – Agarro a parte de trás do escalpe dela e puxo-a para a minha boca. – Um pagamento da dívida deles. É isso o que és, Tiernan. Uma merda de um pagamento.

O corpo dela treme ao olhar para os meus olhos, a mesma paixão desesperada que vi na cozinha na noite em que a beijei pela primeira vez.

Ela sussurra-me ao ouvido, as lágrimas ainda bem patentes na sua voz.

– Um pagamento que nunca hás de receber, porque és demasiado velho e amargo para o saber gastar.

O meu olhar arde.

E o meu pénis fica duro como uma pedra.

Esmago a boca dela contra a minha, sorvendo-lhe a respiração e sugando-lhe de tal maneira os lábios que ela até geme.

Mas corresponde ao beijo. Foda-se, corresponde, sim.

Abro-lhe de repente o casaco, enfio a minha mão por baixo da camisola e depois por baixo da blusa, enchendo a mão com a mama volumosa dela.

Ela geme, rodando a cabeça para a esquerda e depois para a direita, mordiscando e beijando a minha boca freneticamente enquanto me abre as calças de caçar e enfia as mãos nos meus *jeans*, agarrando-me o pénis.

– Ah – gemo, latejando na palma dela. – Tiernan.

Ela afaga-me, mergulhando a língua na minha boca para saborear e alimentar-se, e o mundo gira por detrás das minhas pálpebras. Quero-a na minha cama. Quero-o já.

Encosto a testa à dela, abraçando-a. Ela é extraordinária.

E nossa. Que se foda o pai dela.

Os nossos corpos começam a mover-se enquanto me agito na mão dela e ela rola as ancas para se encontrar comigo, ambos arquejando e beijando até eu estar pronto a rasgar-lhe o raio das roupas, mas está um gelo do caraças e não posso fazer isso aqui. Mas também não quero parar o tempo que demora a levá-la a casa.

– Foda-se, pá, vê lá por onde vais – grita Noah, e inspiro ar gelado.

Ela continua a depositar beijos ao longo do meu pescoço, mas depois para, ambos escutando a neve a ser esmagada pelos passos deles.

Merda.

Largo a mama dela e puxo-lhe a blusa e a camisola para baixo antes de retirar a mão dela do meu membro.

– Entra no raio da carrinha – sussurro entre dentes.

Levanto-me, vendo Noah a caminhar atrás de Kaleb, que leva o veado aos ombros, e viro-me de imediato, fechando as minhas calças da neve.

Foda-se.

Ela deveria ser de um deles. Porque é que os travei naquela noite? Se os tivesse deixado avançar, isto não estaria a acontecer.

Tiernan levanta-se e pego na arma dela e na minha, regressando às carrinhas e sentindo-a seguir-me.

– Nós vamos atrás – digo aos rapazes enquanto depositam o veado na caixa aberta da *Chevy* preta. – Comecem a tratar desse veado.

– *Okay* – reage Noah, abrindo uma cerveja enquanto se liberta da camada de roupa de exterior.

Ligo a outra carrinha, acionando o aquecimento enquanto Tiernan abre a porta de trás do outro lado e despe o casaco e as calças de caça, atirando-os para a caixa aberta.

Bato a minha porta e contorno a carrinha, despindo o casaco e atirando-o para a traseira com uma mão e envolvendo Tiernan com o outro braço.

Cinjo-a, inspirando o ar enquanto nos escondo a ambos do outro lado da cabina, longe da vista dos rapazes.

Ela vira-se, enfiando as mãos sob a minha camisa e pelo meu estômago acima enquanto tento despir-lhe a camisola.

– Ei, Tiernan! – grita Noah.

Ergo uma sobrancelha através da porta aberta para a janela glaceada. Ele não consegue ver-nos enquanto puxo a camisola dela por cima da cabeça, os nossos corpos roçando um no outro enquanto ela desabotoa a camisa de flanela dela.

– Vem connosco – grita ele. – Temos cerveeeeeeja.

Ela arqueja, olhando para a minha boca, e agarro-lhe as ancas, esmagando o corpo dela contra o meu.

– Eles podem levar-me para casa – sussurra-me ao ouvido. – Se quiseres.

Gemo, com o raio do meu pénis a estender-se dolorosamente dentro das calças.

Agarrando-a nos meus braços, volto a abraçá-la, beijando-a profundamente.

– Não – digo, colado aos lábios dela. – Fica comigo.

Olha para mim, em desespero, e assente.

Mexendo nos *jeans* dela, abro-os e enfio lá a mão, afagando a rata dela enquanto geme, agarrando-me a camisa.

Sorrio um pouco.

– Vão indo! – grito aos rapazes. – Eu levo-a para casa!

As minhas pálpebras tremulam face à pele macia despida dela e a ratinha quente emite calor que me percorre a mão, o braço e o corpo.

Céus, ela é incrível. Roço os meus lábios pela testa dela, beijando-a enquanto a massajo.

– Matar o veado não é a única parte de pôr comida na mesa! – ruge Noah. – Ela tem de aprender isto.

Rosno enquanto ela geme.

– Ela hoje fez a parte dela! – grito. – Vão!

Ouço a gargalhada suave dela enquanto me deposita beijos pelo pescoço fora. Fecho os olhos, ouvindo a outra carrinha partir.

Foda-se, sim.

Agarro-a pela nuca e puxo-a para mim, cobrindo-lhe a boca com a minha enquanto as tranças pairam por cima. Movo-me sobre a sua boca e ela mordisca avidamente a minha e espreito, sem nunca descolar os meus lábios dos dela enquanto veja as luzes traseiras da outra carrinha desaparecerem na colina a escurecer.

O Sol já se pôs. Em breve vai ficar escuro, mas não me importa.

A carrinha contorna uma curva e… desaparece.

Dispo a minha camisa e ela tira-me a *T-shirt* enquanto mergulho para o pescoço dela e lhe baixo as calças.

Passo-as sobre o alto do traseiro, puxando a comprida roupa interior com elas, e olho para baixo ao massajar-lhe a rata despida.

– Não há calcinhas? – digo entre dentes.

A camisa dela desliza pelos dois braços e ela reclina-se no meu abraço, inclinando a cabeça para trás enquanto a minha boca lhe roça pelo pescoço até aos seus seios firmes e belos e pela barriga até ao V entre as pernas dela. Lambo e mordisco, puxando-lhe a pele, o calor e o sabor deixando-me a cabeça à roda.

Ela agarra-me a cabeça enquanto lhe beijo a rata e tento puxar-lhe o raio dos *jeans* justos pelas coxas abaixo.

– Tenho frio – arqueja.

Volto para cima, envolvo-a com os braços e beijo-a.

– Não consigo parar para te pôr dentro do raio da carrinha – digo, entre risos.

Chupa-me os lábios, devorando-me, mas afasta-se ao fim de um momento e entra para a carrinha para o assento. Recosta-se apoiada nas mãos e fita-me, exibindo um sorrisinho tímido ao estender o pé.

Sorrio e descalço-lhe uma bota. A seguir, trato da outra e atiro-as a ambas para a caixa aberta. Mas, quando ele recua mais para dentro da carrinha, agarro-lhe os tornozelos e puxo-a de novo para fora, a blusa solta no ombro e a visão da coxa dela e os mamilos rijos secam-me a boca. Agarro-lhe os *jeans* e puxo-os pelas pernas abaixo, atirando-os para o assento da frente, enquanto ela também atira para lá a blusa.

Entro.

Fechando a porta com força, inclino-me por cima dela enquanto recua para o outro lado, dando-me espaço. Deixo o meu olhar incidir sobre o corpo dela, sendo a única roupa que lhe resta umas meias brancas até às coxas com umas riscas azuis e brancas no cimo. Recosta-se apoiada nas mãos, mas curva os joelhos para cima, cruzando as pernas pelos tornozelos enquanto baixa o olhar, envergonhada.

Uma trança tomba sobre o peito e apanho-a, passando-a por entre os dedos.

Por favor, alguém que me detenha. Por favor.

Agarro a parte de trás do joelho dela e afasto a perna, abrindo-lhe as coxas para mim. A rata dela, rosada e apertada e bela, está ali à espera que a tomem, mas…

Foda-se.

Baixo a cabeça, falhando a respiração.

– Tenho a minha sanidade por um fio, Tiernan – digo com os dentes cerrados. – Trava-me. Por favor, trava-me.

Ela arqueia o corpo para cima, deixando beijos provocadores no meu pescoço, sobre o maxilar e pelo meu queixo e boca.

Olho-a nos olhos, vendo lá lágrimas.

– Sabes porque é que os meus pais me mandaram para ti? – questiona, a voz pouco mais do que um sussurro. – Porque és alguém que não há que temer.

Reteso-me enquanto ela prossegue com os beijos.

– Nunca te apossarias da minha herança antes de eu ter idade para a reclamar – diz ela, com uma diversão doentia na voz enquanto os dedos deslizam pelo meu estômago. – Nunca te passaria pela cabeça obrigares-me a morar aqui ou – beija-me os lábios e olha-me nos olhos – teres a coragem de me enfrentar… uma de Haas.

Mostro os dentes, com o meu coração a bater intensamente. Como?

– Por isso, não te preocupes – diz baixinho. – Não tenho medo de ti. Não levas tudo o que queres. És seguro. Fraco. Assim o disse o meu pai. – E então mostra-me um sorriso condescendente. – Nunca me senti preocupada.

Avança para mais um beijo, mas afasto os meus lábios, lançando-lhe um olhar fulminante.

Ai ele disse isso?

Riposto, agarro as mãos da menina de Hannes de Haas e puxo o traseiro dela para baixo, ouvindo-a gemer enquanto desliza pelo assento.

Mergulho a minha boca na rata rosada dela e abrindo-lhe bem as coxas.

– Ah – grita ela. – Estava a gozar. Desculpa.

Passo um braço por baixo das coxas dela e seguro-a enquanto ela arqueia para trás e se contorce.

– Tu o quê? – espicaço, girando a minha língua em círculos firmes e tensos na pequena saliência dela.

– D-desculpa – gagueja. – Desculpa, Jake. Oh, céus.

É isso mesmo, caramba. Quero que aquele merdas ouça a sua menina a gritar o meu nome, esteja lá ele onde estiver. Quero que saiba o quanto ela adora o seu querido tio Jake.

Chupo-a e lambo-a, mordiscando e beijando em redor da rata dela e na parte de dentro das coxas e espicaçando o buraquinho dela com a ponta da língua. Ela geme quando o faço e volto a fazê-lo, saboreando o sabor e a rijeza dela. O meu membro dilata e tenta libertar-se e continuo a comê-la enquanto desaperto as minhas calças de caça e os *jeans*. *Credo, só de pensar como está apertada…*

Ela crava as unhas nas próprias coxas e sugo-lhe o clitóris, gentilmente enquanto o estômago sobe e desce, cada vez mais depressa.

Ergo-o, massajando o pequeno nó com o polegar e vendo as mamas dela a subir e a descer.

– Estou tão contente por teres vindo viver connosco, querida – digo. – Queres que pare?

As mãos dela observam a minha mão a laborar.

– Não – apressa-se a dizer num sussurro. – Por favor, faz mais.

Arranho as coxas dela.

– Faço mais o quê?

– Lambe-me.

– Lambo o quê? – provoco, levando a putinha a morder a língua por me ter chamado fraco.

– A minha rata – diz ela, humedecendo os lábios. – Gosto quando fazes isso. Por favor, faz mais.

Deixa-se cair para trás no assento, fechando os olhos e rolando as ancas para a minha mão, esfomeada por mim.

– Por favor, volta a lamber-me lá em baixo.

Céus, o efeito que aquelas palavras têm em mim. Devíamos estar numa cama. Agarro o pénis com uma mão, afagando-o, enquanto me baixo para continuar a comê-la, porque ela adora.

Giro e mordisco, chupo e lambo, em sincronia com os peitos dela e indo cada vez mais depressa e com mais força enquanto os pulmões dela se enchem uma e outra vez.

– Sim, sim – arqueja ela, abrindo-se ainda mais, com uma perna entre a abertura que separa os dois assentos da frente e a outra sobre o assento traseiro. – Foda-se, estou a vir-me. Oh, meu Deus. – Ela treme, com a respiração curta e rasa a agitar-lhe o corpo. – Oh, céus, Jake, sabes tão bem.

Inspira e sei que o orgasmo dela se aproxima e…

Paro, a minha língua detida sobre o clitóris dela por um momento antes de erguer a cabeça.

Ela mantém os olhos fechados, mas ao fim de um momento a dor toma-lhe o rosto e pestaneja ao abrir os olhos. Dá por mim a fitá-la.

– Não – implora. – Não pares, por favor. O que fazes?

Deixo um pequeno beijo no clitóris dela, sentindo a pulsação a vibrar no interior como se ela tivesse corrido uma maratona e quase sinto pena dela.

Levanto-me, olhando-a.

– Jake – diz ela, parecendo na iminência de chorar.

Mas, então, enfia as mãos entre as pernas enquanto tenta ela terminar, mas puxo-lhe os pulsos, prendendo-os de lado.

– Por favor. – Ela contorce-se com a necessidade.

Baixo-me, depositando-lhe beijos no estômago.

– Nunca te tiraria a herança, pois o teu dinheiro não me interessa – digo-lhe entre beijos. – Nunca me ocorreria obrigar-te a viver aqui, pois não tenho de o fazer. Gostas de mim.

Sorrio com malícia enquanto deixo um rasto de beijos até às mamas dela, lambendo um mamilo.

– Por isso, não te preocupes – provoco. – Não quero que tenhas medo de mim. Eu detestava o raio dos teus pais nojentos, mas eles deixaram-me um belo pedaço de cu que adora que lhe lamba a rata.

Encaixo a mão entre as pernas dela, esfregando a palma sobre o seu clitóris mergulhando bem no fundo da rata o dedo do meio.

As ancas dela saltam do assento.

Empurro para baixo o estômago dela e volto a fazê-lo, espiralando alguma humidade em volta dela.

Enfio um pouco mais fundo.

Arqueia as costas, agarrando o meu pulso com ambas as mãos.

– Não…

Beijo-lhe a boca, os lábios suaves dela correspondendo ao meu carinho.

– Eu sei. Ainda tens a tua virgindade. Não tem mal – apaziguo-a, gerando mais humidade e enroscando-a em volta da rata dela. – Eu preparo-te.

Deixando a ponta do dedo dentro dela, mergulho de novo e começo a trabalhar o clitóris, trazendo-a de volta e dando-lhe o orgasmo que lhe retirei em castigo por falar demais.

– Tio Jake – geme ela. – Não pares. Por favor, não pares.

– Não paro, querida – digo-lhe. – É teu. Aproveita.

Chupando e lambendo, acelero com a boca ao ouvir o corpo dela cada vez mais excitado, arfando com mais intensidade. Enfio e retiro o dedo – apenas a ponta – vezes sem conta e, quando ela começa a vir-se, plantando a mão na porta atrás da cabeça para projetar o corpo contra o dedo, sorrio para mim mesmo, pois está pronta a ser preenchida. Ela sabe do que precisa.

Geme, as mamas a balançar para a frente e para trás, e a minha boca e o meu dedo labutam, estou a morrer, porque a rata apertada e pequena em volta do meu dedo deixa-me o corpo em brasa. Está húmida e mole, as dobras dela em volta do meu dedo dando-me um pequeno sabor do que o meu pénis sentirá dentro de um minuto.

A rata dela cinge-se, a respiração vacila, ela morde o lábio inferior e eu próprio estou quase a vir-me.

Foda-se.

Erguendo-me, olho para baixo para ela a estender a mão para a consola central, pegando num preservativo.

– Não – lamuria-se ela, erguendo-se e fitando-me. – Sem nada. Por favor? Quero senti-lo todo na minha primeira vez.

O meu pénis retesa-se, também o desejando. Não quero nada entre nós.

No entanto, abano a cabeça.

– Não vou conseguir sair de dentro de ti – digo-lhe. – Na primeira vez, não.

Ela beija-me o estômago.

– Costumas usar preservativo?

Agarro-lhe a cabeça, deleitando-me com a boca dela.

– Sempre.

A última mulher que fodi sem um foi a minha mulher há dezasseis anos.

Ela fita-me.

– Há muito tempo que tomo a pílula – diz ela. – Fode-me sem nada.

Ela lambe-me os abdominais e o meu estômago retesa-se.

Uma leve camada de suor reveste a nuca dela e volto a empurrá-la para o assento, pondo-me em cima dela e cobrindo-lhe a boca com a minha.

Ela assenta as mãos nas minhas ancas, ambos puxando os meus *jeans* e calças de caça para baixo, e assim que o meu pénis se liberta, ela envolve com a mão o comprido e duro pau.

Tudo dilata e aquece, com o meu estômago em chamas.

– Foda-se, Tiernan – murmuro sobre os lábios dela – Foda-se.

Ela lambe-me os lábios enquanto me abeiro da entrada dela e ergo-me para poder olhá-la ao mesmo tempo que me enfio nela.

– Abre as pernas – ordeno.

Ela assenta uma na abertura entre os assentos da frente e pressiona a outra contra o assento traseiro e eu agarro a porta sobre a cabeça dela com uma mão e a anca com a outra, forçando as minhas ancas e empurrando o pénis para dentro dela.

– Ahhh! – grita ela, cravando as unhas no meu peito.

Os meus braços quase cedem.

– Tiernan – gemo, fechando os olhos com o prazer. É tão quente e apertada. Foda-se, como está molhada.

Ela treme, a boca aberta de surpresa ou de dor, não sei.

Debruço-me para a beijar.

– Estás a ir bem. Agarra-te a mim.

A respiração dela abranda e detesto ter de fazer isto, mas é melhor não lhe contar. Puxo para fora, quase tudo, e depois volto a fazer força, afundando bem dentro dela desta vez, até ao fundo.

Ela arqueia as costas para fora do assento, com um olhar de dor estampado no rosto, e geme, fechando os olhos com força.

Beijo-a suavemente nos lábios.

– Linda menina.

– Oh, meu Deus.

Ela leva um momento a abrir os olhos, mas assim que a respiração abranda e o corpo relaxa, desliza as mãos pelas minhas costas e beija-me.

– Essa foi a parte difícil. – Mordisco-lhe os lábios e repouso entre as coxas dela. – Esta é a parte divertida.

Movo-me, enfiando nela o pénis, deslizando lenta e profundamente como ela gosta. As pernas dela abrem-se ainda mais e mantenho-me erguido, olhando para o corpo dela ali à minha disposição e a tomar-me.

Os seus belos seios balançam para um lado e para o outro e passo a minha mão livre sobre o corpo dela, apertando-lhe a mama, o pescoço e agarrando-lhe a cara.

– Céus – geme ela –, quando vais fundo…

Sorrio e volto a inclinar-me para baixo, bombando em cima dela até arquear as ancas ao meu encontro.

Foda-se, sim. *É isso.* Um calor líquido percorre-me o corpo e dou com cada vez mais força dentro dela.

– Sim – arqueja ela, agarrando-se a mim enquanto se arqueia para me beijar o pescoço. – Sabes tão bem. Não pares. – Assenta os lábios dela nos meus, com uma respiração quente e húmida. – Não pares. Não pares.

Sinto os nervos sob a minha pele a arder e o calor dela a envolver-me ao puxar-lhe as coxas cada vez mais para cima e ao enfiar-me nela.

– Tiernan…

Beijo-a com sofreguidão, lambendo o suor dela, deleitando-me com o calor no interior da cabina e saboreando a minha vida de há tantos anos quando teria morrido feliz a fazer isto com alguém até ao fim dos meus dias.

Olho para baixo para Tiernan, o corpo dela a aceitar tudo o que dou, e juro que quero sorvê-la por completo. Esquecera ao que isto sabia.

Querer efetivamente fazer alguém feliz.

Ela vem acima, madeixas de cabelo coladas ao rosto, e afunda a língua na minha boca, o corpo dela a retesar e a tremer enquanto o seu gemido vagueia pela minha garganta.

A rata dela contrai-se e sei que já não tenho de me conter.

Liberta um grito e eu dou com força, projetando a cabeça para trás e investindo nela repetidamente, com uma intensidade cada vez maior.

Sinto calor na virilha, o sangue a correr e venho-me, jorrando dentro dela com uma derradeira investida.

Os meus pulmões esvaziam e quase colapso, deixando cair a cabeça sobre o ombro dela.

– Caramba – murmuro, respirando a alta velocidade.

Os braços dela envolvem-me, as coxas cingindo-me pela cintura, e passo a mão pela perna dela, pelas meias giras acima e coxas quentes, sobre a curva do traseiro e pelo tronco.

Erguendo a cabeça, olho para ela.

– Não fales – diz ela de pronto. – Vais estragar isto. Sente-te culpado mais tarde.

Rio-me, beijando-lhe a testa e os lábios antes de me curvar para lhe tomar o mamilo com a boca.

– Não quero ir embora – digo-lhe –, mas, se ficamos sem combustível, ficamos sem calor.

– Não tem mal. – Arqueia o seio para cima até à minha boca, gemendo. – Já estou a suar.

Arrasta as unhas pelas minhas costas e beijo o corpo dela antes de me recostar para trás para a observar.

Ela reluz e cintila, maravilhosamente derreada no banco de trás da minha carrinha.

Sentando-se, abre um pouco as coxas e enfia uma mão entre as pernas, tentando olhar para baixo como se procurasse ver algo.

Sorrio maliciosamente.

– Contavas que algo tivesse um aspeto diferente?

Sorri para si mesma, corando ao de leve.

A seguir, fita-me, de olhos arregalados.

– Podemos fazer outra vez?

Fico de boca aberta e estou outra vez teso.

Credo.

Sim, caramba. Está bem. Como queiras. Quanto mais tempo ficarmos nesta carrinha, por mais tempo consigo evitar olhar-me ao espelho.

– Alguma vez montaste um touro mecânico? – pergunto-lhe.

Assente com a cabeça.

– Uma vez, numa festa.

Sento-me e puxo-a para o meu colo, para que me monte com uma perna para cada lado.

– Isto é parecido.

E beijo-a, deslizando de novo para dentro dela.

18

Jake

Estão sete graus negativos e suo como um porco. Ergo Tiernan nos meus braços, os braços e pernas dela envolvendo-me consoante subo os degraus da casa, os nossos lábios unidos, beijando-nos ao avançar para a porta.

– Não caias – murmura ela entre beijos.

– Não vou cair.

Nesse preciso momento, bato com a canela no alpendre e tropeço, grunhindo.

Foda-se.

Cingimos os nossos braços em volta um do outro, mas mesmo assim ela ri-se baixinho.

Ainda tem os *jeans* abertos, a camisa mal abotoada e a minha completamente desabotoada. Neste momento, está um calor do caralho. Chegamos à porta e ergo-a ainda mais, olhando-a nos olhos.

– Já te sentes mal em relação a alguma coisa disto?

Não me refiro a algo físico, apenas… não sei.

Sou demasiado velho. Ela é demasiado jovem. Isto é um erro.

Mas sei muito bem que o faria de novo se me fosse dada a mínima oportunidade. Há imenso tempo que não era assim bom para mim.

Toca-me no rosto, com um olhar gentil.

– Não – responde por fim. – Ainda bem que foste tu.

Olho para cima para ela.

Ela debruça-se e fecho os olhos enquanto me beija a testa, a face e depois a boca.

– Outra pessoa qualquer não o teria tornado tão perfeito – diz-me. – Foste gentil e vagaroso e fizeste com que soubesse bem. – Inclina a testa para a minha. – Ainda bem que foste tu.

Sinto um aperto na garganta e agarro a parte de trás do pescoço dela, puxando-a para mim, para a beijar. Ainda me sinto culpado, mas… pelo menos, ela não, e só posso sentir-me grato por isso.

E parte do que ela me diz acalma-me um pouco os nervos. Imbecis como Holcomb não iriam querer saber se ela apreciava ou se alguém da idade dela não teria muita experiência para saber *como* assegurar que ela apreciasse. Eu, aos dezoito anos, é certo que não tinha. Pelo menos, isso pude dar-lhe.

Mas terá sido especial?

Sou varrido pela sensação da boca doce dela e pelo sabor e pelo calor entre as pernas a aquecer-me o estômago e seguro-me, sentindo-me altamente pedrado e a querer sorrir pela primeira vez em muito tempo. Ela sabe a…

Ao que sabia Flora.

Só que com Tiernan de certa forma parece mais simples. Como se eu não conseguisse magoá-la. É forte.

– Mas isto não pode voltar a acontecer – digo-lhe.

Ela assente com a cabeça com diversão nos olhos ao mirar-me.

– Está bem.

Mas o tom dela é demasiado submisso. Como se não acreditasse em mim.

– Estou a falar a sério – disparo. – Vais para a universidade. Que nem te passe pela cabeça apaixonares-te por mim.

– Não apaixono.

Não está a levar-me a sério.

– Libertámos alguma frustração acumulada e espero ter-te dado uma experiência de chegada à maioridade que tenha valido a pena – digo. – Mas só isso. Acaba agora.

– Entendido.

Cabra.

Tateio a maçaneta da porta e pouso-a no chão, ambos tentando conter os nossos sorrisos. Sabe que tem meses de noites frias e solitárias para me emboscar com o seu corpo maravilhoso.

– Tens mais dessas meias até às coxas? – questiono, abrindo a porta.

– O que te interessa? – provoca.

Rio-me, entramos ambos em casa, mas vemos os rapazes sentados em frente na sala de estar, girando de imediato a cabeça na nossa direção e fitando-nos. O nosso riso esmorece e ambos paramos, cruzando os olhares com eles.

Noah olha-me de alto a baixo e percebo uma vez mais que a minha camisa está aberta, enquanto o cabelo dela parece ter sido apanhado no meio de um furacão.

Merda. O meu sorriso desaparece por completo.

Kaleb está sentado na sua cadeira junto à lareira, os olhos postos em nós, enquanto Noah nos observa por cima do ombro, com um som como o de baralhar de cartas a chegar-me ao ouvido, mas não vejo o que segura nas mãos.

Tiernan retesa-se, olhando para mim.

– Porque é que não vais para a cama? – murmuro para ela.

Assente com a cabeça, lança uma olhadela aos rapazes e sobe as escadas, mantendo a blusa fechada.

Sem voltar a olhar para os rapazes, dispo a camisa e avanço para a cozinha e entro na oficina, ouvindo-os a levantarem-se dos seus lugares para me seguirem.

Ligando a torneira da banca, enfio a cabeça por baixo da água fria, os meus músculos e nervos saboreando e relaxando sob o banho gelado.

A água jorra sobre o meu cabelo e escorre pelo pescoço e bebo um pouco antes de a desligar e pegar na toalha pousada na máquina de secar.

Vejo Kaleb ainda nas escadas, apoiado na parede, enquanto Noah para perto, observando-me.

– Fiz merda – digo, secando a cara e o pescoço.

O que raio vai ela pensar disto daqui a vinte anos?

– Sei que fiz merda.

Noah permanece ali parado como uma parede, quieto como uma pedra, mas depois começa a descarregar. Atira com o braço, derrubando tudo o que estava em cima da máquina de secar.

Recipientes e um cesto de roupa caem no chão e ele pega num balde de tinta e atira-o contra a porta da garagem. Estrondeia e embate no chão, balançando por uns segundos até parar.

Está ofegante.

– E se eu também a quisesse?

– Tu não a queres. – Abano a cabeça, atirando a toalha. – Atiras-te a tudo que te prenda aqui.

– E tu? Não vais casar com ela e mantê-la aqui. Ter bebés e essas merdas todas – ruge. – Ela vai embora na primavera. Vai para a universidade e seguir com a vida dela. Posso partir com ela.

Flito o maxilar e avanço para ele, os seus olhos um mero milímetro abaixo dos meus.

– Não vou partilhar uma mulher com os meus filhos.

– Que conveniente – riposta. – Depois de a teres tirado de nós naquela noite. Nós tivemo-la primeiro.

– Não tiveram, não. Na noite da última corrida quando vocês estavam lá em cima com sei lá quem? Nós estávamos cá em baixo na cozinha. Tive de… – Desvio o olhar, com a vergonha a aquecer-me a pele. – Não avançou muito, mas algo começou naquela noite.

– O Kaleb já tinha estado com ela na noite em que regressou da cabana há umas semanas – riposta Noah.

O quê? Lanço um olhar penetrante a Kaleb, o olhar dele vagarosamente a erguer-se para o meu.

Só podem estar a gozar comigo.

– Mas tiraste-lhe a virgindade, portanto… – acrescenta Noah, com sarcasmo.

Olho intensamente para ele. Sei que tem razão. Eles seriam mais adequados para ela do que eu.

Mas…

– Eu gosto dela – diz Noah, com uma voz invulgarmente suave. – Há momentos em que só quero estar com ela.

Olho-o nos olhos.

– Não vou parar, a não ser que ela me pare – avisa-me.

E o que devo eu dizer?

– Ela é minha. Afasta-te. Não podes ficar com ela, porque… porquê? – Porque não pode tê-la?

Não estou a reclamar a posse dela. Ela há de partir e isto acaba, porque tem de ser. Não lhe vou furtar a vida e prendê-la aqui.

Não lhe devia ter tocado.

Lentamente, começo a assentir com a cabeça.

– Sê apenas correto – digo-lhe. – Ela é livre de escolher. Sê correto.

Um sorriso toma-lhe os lábios e recua, ele e Kaleb desaparecendo na casa.

É o mais correto, certo? Antes de mais, eu nem devia ter fodido com ela. Não quero que ela pense que não a quero, mas também não a quero presa. Mais vale que ponha um travão cedo e não tarde.

Descalço as botas com os pés e rumo à casa, retirando uma cerveja do frigorífico enquanto os rapazes veem televisão quando passo, detetando o olhar de Kaleb ao subir as escadas, sem que ele sustenha o olhar mais do que é habitual. O que o meu filho mais velho tem de bom é que a sua raiva nunca é verbalizada. O que tem de mau é que por norma acaba com ele a desaparecer por semanas a fio nas montanhas. Amanhã terei de conversar com ele. Não gosto nada quando vai para a neve, mas é sempre estúpido para fazer exatamente o que quer.

Nenhum dos meus filhos alguma vez quis ficar comigo e depois desta noite não posso culpá-los se me odiarem. Também não vão casar com ela, nem apaixonar-se, mas eu não tinha o direito.

Bebo um gole da minha cerveja, rumando ao meu quarto e vendo a porta de Tiernan fechada, sem luz a escapar por baixo pela frincha. Deitou-se depressa. Não ouviu a nossa conversa, pois não?

Dispo-me no quarto e visto umas calças de flanela, lavando-me e escovando os dentes.

Devia tomar um duche. Mas gosto do cheiro dela no meu corpo.

Massajando a nuca, tento avançar para a cama. Estou cansado e amanhã será mais um longo dia a trabalhar nas motos, tarefas e reparações para estarmos a postos para a próxima tempestade, venha quando vier.

Mas não vou para a minha cama. Abrindo a porta do meu quarto, atravesso o *hall* até ao dela, e bato. Só quero assegurar que ela está bem. Se estiver a chorar, mato-me, foda-se.

– Entra – diz ela.

O meu coração começa a bater com mais força. Abro a porta.

O quarto está às escuras, iluminado apenas pelo brilho do aquecedor, e apoio-me no caixilho da porta e dou com ela na cama.

Ela senta-se, o cobertor a cair pela cintura enquanto me fita.

Deslizo o olhar pela sua miniblusa branca, a minha boca de súbito a secar ao ver as suas calcinhas a espreitar pelo lençol.

– Tomaste um duche? – pergunto.

Assente com a cabeça.

Não lhe vejo bem os olhos, mas, quando endireita a coluna, esticando o corpo e atraindo os meus olhos para o seu estômago despido, sinto os braços a doer com o vazio.

– Fome? – Debato-me para manter um tom equilibrado.

Abana a cabeça.

Bebo um gole de cerveja, olhando para ela.

– Suficientemente quente?

Inclina a cabeça com um ar trocista. E volta a abaná-la.

Sorrio para mim mesmo, apesar de sentir o estômago a afundar.

Gostava mesmo de me ter surpreendido mostrando-me mais forte. Gostava de não ser um verdadeiro merdas.

Ela sai da cama e abeira-se de mim, retirando-me a garrafa da mão e envolvendo-me o pescoço com as mãos, para eu poder pegar-lhe.

As pernas dela prendem-me como um cinto e agarro-lhe o traseiro.

– Queres vir para a minha cama esta noite?

Enterra o rosto no meu pescoço e segura-me com força, a respiração e o corpo quentes e desejosos na minha pele.

Meu Deus, isto sabe bem.

E levo-a para o meu quarto, batendo a porta para que ninguém nos veja.

Isto vai acabar.

Mas não esta noite.

19

Tiernan

Acordo de repente, os dedos a doer conforme os abro lentamente ao largar o lençol. Pestanejo umas quantas vezes, vendo a hora no relógio a formar-se.

1:21.

O quarto está às escuras e viro-me sobre as minhas costas, o ar fresco a açoitar-me os seios despidos. Puxo rapidamente o lençol para cima, tapando-me ao recordar tudo o que fiz umas horas antes.

E ontem na carrinha.

Estico o braço para baixo, enfiando a mão entre as pernas, a pele áspera a arder um pouco e os músculos das coxas a doer.

Esboço um sorriso.

Sinto-me grata por ter sido ele.

O que lhe disse na noite passada era verdade. Não há quem tenha uma primeira vez boa, mas eu tive. Dói, mas ele foi cuidadoso comigo.

Não se mostrou egoísta, maldoso ou impaciente.

Olho em volta, mas ele não está na cama. Na verdade, deveria ser melhor eu regressar para a minha.

Brilha uma luz proveniente da casa de banho e sento-me e enfio a mão por baixo dos lençóis à procura das minhas calcinhas e blusa. Balançando as pernas sobre a beira da cama, visto-as e levanto-me, espreguiçando-me. Humedeço os meus lábios secos e retiro o elástico do pulso para prender o cabelo atrás, avançando para o lavatório para beber um copo de água.

Mas assim que entro na casa de banho, vejo Jake parado de lado diante do espelho, com o braço levantado e a olhar para a tatuagem na anca.

My Mexico.

Prende o meu olhar através do espelho e baixo os olhos, recuando para fora da casa de banho.

– Onde vais? – ouço-o a perguntar.

Paro e volto a aparecer-lhe no raio de visão, mas agora só quero sair. Da frente dele.

Esfrego os olhos.

– Estava só a dar-te privacidade – murmuro, voltando a escapar.

– Porquê?

Hesito, passando o peso de um pé para o outro.

Porque…

Não me convidaste a entrar. Não quero intrometer-me.

Porque sei o que isto é.

E não sou ela.

Ele fita-me através do espelho ao ligar a água e encher um copo.

Sem refletir, avanço e pressiono a minha testa nas costas dele, fecho os olhos e envolvo-lhe a cintura com os braços.

Ele imobiliza-se, permitindo.

Não sei o que me leva a fazê-lo, mas senti-lo – sentir alguém quente e forte – nos meus braços leva esta estranha sensação a dilatar no meu peito e encosto a face à coluna dele, ouvindo o coração bater.

Esta sensação sabe bem. Ser tocada. Pedir o que necessito, mesmo querendo ele que eu saia. Só por um minuto.

Por fim, suspiro e afasto-me, só que ele agarra-me os braços e põe-nos em volta da barriga dele antes de eu escapar e volta a puxar-me para onde eu estava.

– Fica.

O meu queixo treme, o meu coração acelera e lágrimas enchem-me os olhos.

Apoio de novo a cabeça nas costas dele e tento não chorar.

Ele não é os meus pais.

Ele não é os meus pais.

Quer-me por perto.

Não tem mal.

Inspiro fundo e liberto lentamente o ar. *Não tem mal.*

Ele deixa-se ali ficar em silêncio, felizmente sem me fazer perguntas de merda sobre o que me leva de novo quase a chorar ao abraçá-lo. Limita-se a segurar-me à frente dele, de certa forma agarrado a mim.

– Estás a pensar nela? – questiono.

Mas ele permanece em silêncio ao despejar água e pousar o copo.

– Não tem mal, se assim for.

– Eu, na verdade, nunca falei a sério sobre ela – diz, quase num sussurro – a ninguém a não ser a ti.

Deslizo a minha mão em volta da cintura dele, inspirando o odor da pele dele.

– O que fazia ela que tu gostasses? – pergunto.

Inspira fundo e agarra-me a mão, encaminhando-me para o chuveiro.

– As mãos dela no meu cabelo – responde, ligando o chuveiro.

Experimenta a água e a seguir dá a volta, pondo-se atrás de mim e puxando o meu elástico para poder atar-me o cabelo acima da cabeça num puxo.

Sorrio com o gesto. Ele seria assim com ela? Provavelmente, mais ainda. Se é assim querido comigo, como seria com a mulher que amava?

Sinto os dedos dele sob a bainha da minha blusa e travo-o, rodando e abanando a cabeça.

Sustendo o olhar dele, afasto a cortina e entro para o duche, deixando que a água me ensope. O olhar dele incide no meu corpo enquanto a água escorre pelo estômago e coxas, a blusa branca e as calcinhas de seda a moldarem-se à pele.

Tal como ela deveria parecer ao nadarem juntos.

Encosto-me à parede e observo conforme ele baixa as calças pelas pernas, o seu membro já rijo.

Céus. Três vezes na carrinha. Uma na cama. Aparentemente, eu não era demasiada areia para a camioneta dele. Ou vice-versa.

Fecha a cortina, a escuridão e o vapor a encherem o duche e os nossos olhos presos um no outro.

Encosta-se a mim, mas mantenho as mãos de lado.

– E o que fazias então? – pergunto. – Depois de ela passar as mãos pelo teu cabelo?

Ergue a minha perna e mordo o lábio enquanto ele puxa as minhas calcinhas molhadas para o lado e se enfia dentro de mim.

Cravo as unhas nos braços dele, a dor e a picada de ser penetrada uma vez mais a misturar-se com o prazer de ser preenchida. A boca dele paira sobre a minha, respirando entre os dentes enquanto investe com o pénis.

– Fecha os olhos – arquejo face aos impulsos dele. – Faz amor com ela.

Cerra os olhos e passo os braços em redor do pescoço dele, agarrando-me enquanto ele ergue Flora nos seus braços e a fode contra a parede. Passo a mão pela parte de trás da cabeça dele até ao topo, correndo os meus dedos pelo cabelo, satisfazendo-me com a dor doce bem profunda.

Gemo entre os nossos beijos, a água na sua boca quente e doce. Também eu fecho os olhos, deixando-o recuar. Deixando-o mergulhar na fantasia, pois quero que recorde como a amou e a sorte dela em tê-lo. Que não foi culpa sua.

Que os meus pais não foram culpa sua.

Entra e sai de mim, resmoneando quando inclino a cabeça para trás e deixo a boca dele percorrer o meu pescoço ao passar uma vez mais os meus dedos pelo cabelo dele.

– Amo-te – murmura. – Mas a Tiernan usa as unhas, e gosto mais disso.

Sinto uma impressão intensa no estômago e inclino a minha testa para a dele, enroscando de imediato as minhas garras para as fazer deslizar pela parte de trás da cabeça dele.

– Abre os teus olhos, querida – diz-me.

Assim faço, vendo-o a olhar diretamente para mim enquanto o vapor serpenteia à nossa volta.

– Nunca poderia fingir que não eras tu – diz ele. – Não quero.

Sustenho o olhar dele, os nossos corpos a moverem-se mais depressa conforme os seus dedos se cravam no meu traseiro.

– Recordas-me imenso ela – segreda, sem quebrar o ritmo. – Estou a recordar coisas nas quais há muito não pensava.

A ponta do pénis atinge o meu ponto e projeto a cabeça para trás e arqueio as costas, gemendo.

– O quanto era possessivo com ela. – Agarra-me o rosto e puxa-me, beijando-me. – Esquecera isso. Como discutíamos imenso por causa de coisas idiotas. Como eu era irrefletido e impaciente.

Também discutimos sobre assuntos idiotas, mas não lhe digo isso. Se ele não me tivesse feito frente, eu agora não seria diferente.

Agarra-me, e agarro-o, respirando arduamente contra os lábios um do outro.

– Como o sexo era opressivo – prossegue –, porque os nossos sentimentos eram muito maiores do que nós e perdemos o controlo. E como éramos jovens e mandávamos à merda qualquer problema. Não quero mais isso.

– O que queres? – pergunto.

Abre a boca para falar, mas nada sai.

E então baixa o tom de voz para pouco mais do que um sussurro.

– Quero que gostes disto.

Gosto.

Mas, antes de ter sequer a oportunidade de responder, assenta-me no chão, roda-me e prende-me à parede. Arquejo quando me abre as pernas e volta a enfiar-se dentro de mim, pondo-me em bicos de pés enquanto me abre a coxa com uma mão. Com a outra, contorna e enfia-a nas minhas calcinhas.

– Quero-te feliz, Tiernan – diz em voz baixa e rouca ao meu ouvido. – Quero os meus filhos felizes.

Fode-me contra a parede, penetrando-me cada vez com mais força enquanto giro a cabeça para procurar os seus lábios.

– E quero que saibas que onde quer que vás – diz-me entre beijos –, serás sempre nossa. Somos o teu lar.

– Eu sei – emociono-me.

Testa com testa, sustemos o olhar um do outro.

– E quero-te à minha mesa de manhã e na minha cama à noite.

Balanço contra a parede de azulejo, os meus seios esmagados contra a superfície, mas não quero saber. Olho por cima do ombro, adorando ver o que ele me faz.

– Afinal, aquele canalha de merda fez algo bem. – Volta a puxar-me contra ele, beijando-me profundamente e beliscando-me o mamilo. – Deu-te a nós. A nossa princesinha. Nossa. Toda nossa.

E isso faz, a pequena picada de dor e as palavras possessivas dele, e estou a recuar contra ele, ansiosa por me vir. Agarra-me as ancas, ajudando-me enquanto ambos gememos e gritamos, a minha rata a fechar-se sobre ele.

– Vamos acordá-los – arquejo.

Mas nenhum de nós consegue parar.

O meu orgasmo aproxima-se e esfrego o meu clitóris quando ele bate fundo.

– Oh, céus, não pares – imploro. – Não pares.

– Foda-se – rosna. – Foda-se.

Investe cada vez com mais força e bato com as mãos na parede, gritando uma vez mais quando todo o meu corpo se despedaça, uma explosão de formigueiro sob a minha pele.

Respiro arduamente, gemendo quando se abate sobre mim, ainda a apertar-me as coxas com as mãos.

– Foda-se – sussurra, sem fôlego. – Devíamos… – O peito dele sobe e desce contra as minhas costas. – Se calhar devíamos usar preservativos. Mesmo tomando a pílula, é um risco demasiado elevado.

Assinto, deveras cansada para discutir. Ele terá razão. Cinco vezes em doze horas não será algo diário, com certeza, mas quanto mais vezes acontecer, maiores as probabilidades.

Ergue-se.

– Mesmo que isto seja a coisa mais *sexy* que alguma vez vi – acrescenta ao esfregar o polegar na parte interior da minha coxa. Coro, sentindo-o a sair de dentro de mim. Não sei que aspeto tem, mas gosto da sensação.

Dispo a minha roupa, torcendo-a, e lavo-me, saindo ambos do duche para nos secarmos.

Vou ao quarto dele e pego num par de *boxers* azuis das dele, enrolando-as para me servirem, e numa das suas *T-shirts*. Preciso de algo seco para vestir para ir até ao meu quarto.

Pego nas minhas roupas molhadas e dou-lhe um beijo na face.

Ele para a meio de vestir uma camisa.

– O que estás a fazer?

– Voltar para a cama – respondo. – Enquanto ainda me aguento das pernas.

Ergue uma sobrancelha, mas apercebo-me do sorriso que tenta ocultar.

A sério. Preciso de dormir.

E de espaço. Demasiada coisa e demasiado depressa assusta-me um pouco. Gosto do que aqui descobri. Não quero perder-me outra vez.

– Vemo-nos amanhã à noite – segredo ao aproximar-me e ao beijá-lo de novo, desta feita nos lábios.

– Amanhã à noite – reage.

Viro-me para partir, mas então paro e pergunto:

– Ainda tenho de me levantar para as tarefas matinais?

Ele estreita os olhos, baralhado.

– Ora bem, é que as minhas agora prolongam-se pela noite.

Arregala os olhos e mostra os dentes, dando-me uma palmada no traseiro.

Rio-me e apresso-me porta fora, fechando-a ao sair.

Mas não antes de lhe ver o sorriso ao abanar a cabeça.

Gosto do sorriso dele. É tão raro vê-lo. Expiro profundamente e avanço para o meu quarto, mas um odor de repente atinge-me e paro, olhando para a minha direita.

Ali, nas escadas estreitas e escuras de acesso ao segundo andar, uma brasa cor de laranja arde com brilho e escapa da escuridão uma nuvem de fumo.

O meu sorriso esmorece.

Kaleb. Espreito para a porta de Jake, avaliando se o seu quarto está ao alcance do ouvido nas escadas. Há quanto tempo estaria Kaleb ali sentado?

Move-se, o soalho rangendo ao levantar-se, e reteso-me quando sai da sombra, olhando para mim ao dar mais uma passa, largando depois a beata no chão, pisando-a com o pé descalço.

O meu estômago encolhe e incido de novo o olhar no dele.

– O que foi? – pergunto.

Mas, como é evidente, permanece em silêncio.

Avança para mim e movo-me, regressando ao meu quarto, mas estica um braço e trava-me. Bato contra a parede, largando as minhas roupas quando ele se aproxima, até muito perto.

Merda. Então, o que lhe vai na cabeça? Vamos até à oficina terminar o que começámos há umas semanas? Agora sou fácil?

O corpo quente dele e o peito despido abeiram-se e desvio a cara, quase a tremer com o hálito quente dele na minha face.

Curvando-se, apanha as minhas calcinhas vermelhas ainda húmidas do duche e endireita-se, esfregando o tecido entre os dedos ao olhar para elas.

Sinto uma pontada de culpa, mas não sei porquê.

Agarro a peça de roupa interior, mas arranca-ma e o meu estômago endurece como uma parede de tijolos. Esbofeteio-o.

Abana um pouco, mas não vacila.

Volto a agarrar as calcinhas, mas o tecido rasga quando ele puxa o braço. Amarfanha a minha roupa interior na mão, com um olhar zangado e ardente ao dar um soco na parede junto à minha cabeça. Retenho a respiração, encolhendo-me por reflexo.

O que fiz eu? Como se ele se importasse.

Tudo o que senti momentos antes com Jake desapareceu. Endireito-me, pronta para empurrar o filho dele, mas antes de o poder fazer Kaleb agarra-me.

Pegando-me pelo braço, leva-me para o meu quarto e atira-me para a cama, prendendo-me lá.

– Larga-me! – rujo, debatendo-me com os braços dele, mas rapidamente se firma.

Recua um pouco e mal disponho de tempo para perceber antes de me virar e fechar os olhos, com o cuspo dele a cair-me no cabelo.

Desato de imediato a chorar e o meu peito incha com um grito.

Ele pega em algo na minha mesinha de cabeceira e, quando o passa sobre a minha testa, percebo que é o meu marcador.

Sai rapidamente de cima, atira o *Sharpie* e fica ali parado, por uns momentos demasiado espantado para se mover.

Não preciso de ir ao espelho para ler o que escreveu.

Abandona o quarto, os seus passos pesados nas escadas até ao sótão, e quando ouço a porta bater finalmente sento-me.

Tenho lágrimas suspensas nos olhos, mas já não choro.

Olho em frente, de repente sentindo-me zangada e porca.

Mas, ao fim de um momento, a vergonha passa a mais raiva e quase sorrio.

Ele está chateado.

E eu estou quase divertida.

Ele teve pelo menos três mulheres no quarto dele desde que aqui cheguei, sem contar com Cici no celeiro naquele dia. Mas eu é que sou a puta em quem se cospe. Ainda o seria se tivesse permitido que ele e Noah me partilhassem naquela noite da semana passada?

O raio do cuspo dele pesa-me no cabelo e é tudo o que sinto. A raiva que se intensifica nos meus pulmões a cada vez que respiro quase basta para abafar a dor.

Nossa, dissera Jake. *Toda nossa.*

Mas no silêncio do meu quarto, com o ribombar abafado da música de Kaleb a vibrar em cima, abano a cabeça.

– Tua – murmuro. – Não dele.

– Nada de portáteis à mesa – diz Jake ao pequeno-almoço.

Ele pega no meu computador e eu agarro no meu bloco de notas e no lápis mesmo a tempo de não caírem ao chão.

– Este trabalho de casa está feito – argumento. – Há uma hora que tento enviá-lo, mas a internet está sempre a ir abaixo.

– Eles entendem. – Fecha a tampa e pousa-o sobre o balcão. – Tenta outra vez mais tarde.

Franzo o sobrolho, mas atiro o bloco e o lápis para o balcão junto ao computador, cedendo. Os estudos corriam-me bem. Nunca tive problemas até hoje para me motivar a fazer os trabalhos de casa. Quem haveria de pensar que uma terrinha remota enfiada na isolada Chapel Peak, no Colorado, pudesse apresentar tantas distrações, mas a verdade é que desejo constantemente fazer um milhão de outras coisas.

Tratar dos animais.

Fazer prendas para os animais.

Brincar com os animais.

Espreito para Jake enquanto ele serve papas de aveia na minha tigela. *Enfiada num sítio qualquer sossegado com um animal em particular.*

Ele deve pressentir que o olho, pois espreita na minha direção, encontrando os meus olhos ao pôr grandes colheradas de papas nas taças dos rapazes. Deteto a leve curva de um sorriso, pois ele sabe exatamente no que penso, mas depressa disfarça ao deixar cair a concha na panela.

Escondo o meu sorriso entre os dentes, pegando na minha colher.

Os rapazes entram, Noah a tremer ao despir o casaco e sentar-se na mesa, enquanto Kaleb ruma à banca, lavando as mãos. Espreito pela janela.

Não há o brilho do sol que por norma a esta hora incide no alpendre e a roupa deles não me cheira a celeiro – o feno e os animais –, que por norma é muito pungente. Está tudo frio.

– Quantos centímetros esperamos para esta noite? – pergunto, sabendo que vai nevar sem ter de olhar para fora.

Noah larga um risinho como se eu tivesse contado uma piada e Jake estaca, inclinando a cabeça e lançando-lhe um olhar.

E, então, ocorre-me. *Centímetros*. Reviro os olhos e polvilho algum açúcar sobre as minhas papas de aveia. *Idiota*.

Ele olha para o pai, erguendo as mãos na defensiva.

– Fosse qual fosse a situação, teria feito essa piada.

Kaleb saca da cadeira diante de mim e começa a comer e observo-o por momentos, quase esperando que me olhe nos olhos. Ainda me arde a testa de ter esfregado para apagar o marcador.

Mas nem olha. Uma vez mais, nem existo.

Baixo o olhar e enfio uma colherada na boca. Devia contar a Jake o sucedido na noite passada depois de sair do quarto dele, mas isso não magoaria Kaleb. Ele não quer saber o que pensam os outros e Jake não consegue controlá-lo. O mais irritante que posso fazer a Kaleb é continuar a fazer exatamente o que tenho feito.

Enfio mais um pedaço na boca e olho para baixo para o meu exemplar de *Beloved*, virando a página.

– Já alguma vez tinhas visto neve? – ouço Noah perguntar. – Oh, esquece. Erro meu. És uma verdadeira miúda dos Alpes Suíços.

– Franceses, obrigada – digo, sem levantar os olhos do livro.

Como uma colherada, recordando a última vez que esquiei. Outra atividade que podia fazer sozinha, por isso adorava. Inverno e neve não são uma seca se nos divertirmos lá.

Volto a olhar para cima.

– Sim, já vi – digo a Noah, ignorando a piada. – Mas nunca brinquei muito. Nem conduzi nela ou vivi. Mas vi o *Shining* e sei o que acontece às pessoas enfiadas num local remoto durante um longo inverno no Colorado. Pode ser bem fatal.

Ele ri-se e volto a olhar para a comida, mas apanho o olhar de Kaleb e paro por um momento. Observa-me, o corpo imóvel e os seus quentes olhos verdes a fitarem-me intensamente.

Aclaro a garganta.

– Tanto trabalho e nenhuma diversão torna as pessoas enfadonhas. – Noah faz-me cócegas nas costelas, provocando-me.

Contorço-me no meu assento.

– Para.

– Tanto trabalho e nenhuma diversão significa que tenho um brinquedo novo – cantarola ele, deslizando a cadeira dele para junto da minha, fazendo ainda mais cócegas.

– Noah, para! – protesto, mas rio-me na mesma ao contorcer-me nos braços dele.

Antes de vir para aqui, nunca me tinham feito cócegas, e não gosto.

Mas não consigo parar de rir.

Abano a cabeça e dou-lhe um forte pontapé por baixo da mesa, com os talheres a chocalhar. Estou morta por lhe acertar, mas demasiado ocupada a contorcer-me para me libertar dos dedos enquanto me desfaço a rir.

– Tira as mãos – ouço Jake a ralhar. – Já.

Mas Noah não lhe dá ouvidos.

Põe a mão abaixo do meu pescoço e vou a morder, mas ele afasta-a. Espeto-lhe também os dedos, fazendo-lhe cócegas, e fazemos recuar as nossas cadeiras, as pernas a raspar na laje quando começo a ripostar.

Quando eu era pequena, uns amigos dos meus pais tinham uma filha que me convidava para ir dormir a casa dela na sua festa de aniversário… Por os meus pais serem quem eram, e não por ser minha amiga… Mas recordo-me de ver o pai dela a lutar com a sua bebé no chão nessa noite. Foi tão estranho ver famílias a brincar.

Lanço a mão ao copo dele, pronta para o ameaçar com um leve chuveiro, mas, antes de lhe pegar, Kaleb atira a sua tigela, acertando na panela a meio da mesa.

Choca com o meu copo de leite, levando a minha bebida a tombar, bater na mesa e espalhar-se. Não consegui desviar-me antes de escorrer pelo lado diretamente para o meu colo.

Empurro a cadeira para trás, as minhas coxas despidas e calções de pijama já ensopados enquanto lanço um olhar fulminante a Kaleb.

– Merda – murmura Noah e vejo-o a levantar-se, calculo que para ir buscar um pano enquanto Jake lança um olhar fulminante a Kaleb.

Cerro os maxilares.

Falei demasiado cedo. Nem toda a gente nesta família alinha pela mesma bitola, calculo, e há sem dúvida alguém que não está na onda. Ergo os olhos, cruzando-os com os de Kaleb.

Ele fita-me por cima da mesa, a cozinha agora em silêncio, e se alguma dúvida houvesse sobre se foi ou não deliberado, agora já não a havia. O leite frio escorre-me pelas coxas e pinga no chão e Jake olha para Kaleb, com uma respiração ofegante.

Noah atira uma toalha para o meu colo e pega noutra, limpando rapidamente a confusão. Eu e Kaleb mantemo-nos a olhar um para o outro.

Tanto dá em cima de mim, como logo a seguir não me suporta. Puxa-me para o seu colo, para eu não ficar cheia de refrigerante na roupa, e na vez seguinte encharca-me.

Enfiando os meus dedos por baixo da camisola, sustenho o olhar no de Kaleb ao baixar os calções para os despir. O meu *top* paira pouco acima do traseiro e inclino a cabeça, observando o olhar dele a vacilar quando o baixa por momentos para as minhas pernas. Vou ficar aqui. Não vai obrigar-me a fugir. Ou a chorar. Pode não gostar de ter alguém novo em casa – ou uma rapariga na casa –, mas também não pedi por isto.

Fico ali sentada, mostrando-lhe que já não me vai obrigar a fugir ou esconder e, quando se descontrai na sua cadeira, a tensão nos músculos sob a camisa a relaxar, acho que por fim consegui.

Mas, depois, vejo-o a enfiar a colher na taça de papas de aveia e a erguê-la, olhando para mim em vez de a meter na boca.

– Kaleb, não. – Jake avança para ele.

Mas ele atira a ponta do talher, o pedaço de papa atravessando a mesa. Viro de repente a cara para o lado, fechando os olhos mesmo a tempo de ele me acertar no maxilar, a pasta quente a espalhar-se pela minha cara.

– Caramba! – ruge Jake, levantando-se, para deitar a mão a Kaleb.

Mas eu intervenho, travando a dor no peito.

– Não tem mal.

– O que raio se passa contigo? – grita-lhe Jake, agarrando-lhe a camisa.

– Não tem mal – digo mais alto, deixando aquela porcaria colar-se à pele e sem mostrar intenções de limpar.

Mas Noah repreende-o.

– Kaleb.

Jake puxa Kaleb para este se pôr de pé.

– Para! – digo de súbito. – Não tem mal.

Jake espreita por cima do ombro na minha direção.

– Tem mal, tem.

– É assim que comunicam os bebés – explico.

Ele estreita os olhos e olho para Kaleb, erguendo o queixo por um milímetro.

– Certo? – provoco-o. – Atiram coisas, porque não sabem usar as palavras. – Retiro um pedaço da cara e limpo-o na minha taça. – Queres mais? Era isso que querias dizer, Kaleb?

Uno os dedos de cada mão e inclino as pontas de ambas a par.

– Assim – ensino. – Mais.

Tal como os bebés que aprendem linguagem gestual antes de saberem falar. Só que Kaleb sabe falar. E escrever e fazer sinais. Eu achava que ele não queria comunicar, mas não. Ele não tem problemas em comunicar.

– Consegues fazer isso? – pergunto-lhe, falando num tom leve e doce, como quem fala com uma criança. – Maaaaais.

Ele rosna, liberta-se do pai e agarra a mesa, virando-a. Arquejo, vendo a mesa tombar de lado no chão, com tudo o que estava por cima a espalhar-se sobre a laje. Pratos partem-se, as papas na panela espalham-se sobre o frigorífico e o sumo de Noah acerta nos *jeans* de Jake antes de se estilhaçar no chão.

Não sei quais as expressões de Jake ou Noah, mas não me mexo enquanto tento esconder como o meu coração martela no meu peito.

Olho para Kaleb e quase sorrio, apesar do medo. Ele está a perder a cabeça.

E é mau.

Será que eu ganhei e ele agora para?

Ou piorei as coisas e agora vou ter de esperar que volte a atacar?

Antes que alguém se mexa, ele partiu. Rodopiando, abandona a cozinha e ouço a porta abrir e bater com força conforme abandona a casa.

Infelizmente, não pode ir longe.

Jake vai a segui-lo, mas eu chamo-o.

– Para.

É entre mim e Kaleb.

Jake vira-se, observando-me por um minuto.

– O que raio se passa? Ele nunca se comportou *assim*.

Sinto uma espécie de pontada de orgulho ao ouvi-lo.

Mas limito-me a encolher os ombros e a levantar-me, com a minha camisola comprida a tapar a minha roupa interior ao pegar nos toalhetes de papel para me limpar.

– É só a brincar.

O pobre Noah ficou a limpar a cozinha, porque Jake foi procurar o seu filho, tendo percebido que Kaleb levara a moto de neve para caçar. Ótimo. Espero que passe todo o dia fora.

Que diabo, caçar pode levar vários dias. E, dado que ainda ontem apanhámos um veado, não necessitamos de carne, o que significa que quer estar ausente tanto tempo quanto eu quero que ele esteja ausente.

Não o compreendo. Eu queria, mas ele é como um animal. Come. Acasala. Luta. E pronto.

Não pode ter ciúmes. Não pareceu zangado quando Noah estava em cima de mim na outra noite.

Noah. Baixo os olhos.

E Jake.

As minhas faces aquecem e a culpa que tenho andado a afastar volta a insinuar-se.

Nunca hei de perceber porque é que aconteceu com Jake. Ou porque é que poderia ter acontecido com Noah. Há algo nesta casa – nestas pessoas – que todos os dias dá credibilidade ao que sempre soube que precisava. Não é sexo. Não é um homem.

Simplesmente, um lugar. Um lugar ou alguém para me fazer sentir em casa.

E, ontem, Jake Van der Berg necessitou isso mesmo de mim. Acho que me sinto culpada porque os outros não compreendem. Terão as suas opiniões, mas o que é fantástico é que provavelmente nunca descobrirão. Mirai não está aqui. Não há estranhos com *smartphones*. A TMZ não está cá.

Somos livres.

Passo o resto da manhã a pôr em dia os trabalhos de casa para a escola e finalmente submeto-os *online* quando apanho rede e a seguir pego no meu casaco, botas, luvas e chapéu e saio. Cai uma neve levezinha, pequenos

flocos molhados atingem-me o rosto enquanto fecho a porta, e paro, inclinando o rosto para o céu nublado.

Adoro isto. O ar penetra os meus poros e acaricia-me o rosto, fazendo com que os meus cabelos soltos que espreitam sob o chapéu esvoacem e rodopiem ao sabor da brisa. Por momentos, está tudo tranquilo, com a exceção do som dos flocos de neve atingindo os trinta centímetros de bela e intocada neve no alpendre.

A queda de neve não é como a queda de chuva. Chuva é paixão. É um grito. É o meu cabelo a ficar colado à cara enquanto o envolvo com os braços. É espontâneo e ruidoso.

A queda de neve é como um segredo. É sussurros e luz de lareira e busca pelo calor dele entre os lençóis às duas da manhã quando o resto da casa dorme.

É agarrá-lo com força e amá-lo lentamente.

Abro os olhos, soltando uma baforada de vapor para o ar e vendo-a a dissipar-se.

A chave de fendas elétrica zumbe na oficina e dou um passo, a neve a ficar prensada sob os meus pés conforme me dirijo às escadas. Noah e Jake trabalham atrás de portas fechadas e passo diante da oficina, desejando de certa forma que me deixasse ir dar uma caminhada sozinha.

Mas eu percebo. A natureza só por si é perigosa e sou uma novata na neve.

Entrando nos estábulos, avanço na direção de *Shawnee*, uma égua baia tão bela com um corpo castanho-arruivado e patas, olhos e crista negros. Até as pontas das orelhas são pretas. Parece uma raposa e percebo que está a maquinar a sua próxima fuga.

– Ei. – Sorrio e levo a mão ao bolso, retirando um tubo de plástico com o petisco preferido dela. Abro-o com os dentes, empurro para cima o sumo de fruta congelado e parto-o, dando-lho a comer na minha mão. O focinho dela mergulha na minha palma, apoderando-se do gelo com sabor, e aproximo-me, com a cabeça dela a passar sobre a porta do estábulo. Parto mais um pedaço e depois outro, dando-lhe a comer o resto. Enquanto ela mastiga, descalço a luva e afago-lhe o focinho até à testa.

– Tens-te mantido quente? – pergunto, afagando-lhe toda a cabeça e encostando lá a minha. É espantoso o quanto ela está quente. Jake tapa os cavalos mais velhos com mantas à noite, mas não quer mimar *Shawnee*. Ela

recebe feno mais do que suficiente e ele assegura-me que está habituada aos invernos frios desde que não molhe a sua pelagem de inverno. E até agora tudo tem corrido bem. Calculo que seja tudo relativo. Um dia com quatro graus é melhor do que um dia com sete graus negativos, mas um dia com sete graus negativos é também bem mais quente do que vinte e três negativos.

Mostro-lhe um meio-sorriso.

– A realidade é volúvel, não é? – questiono. – Habituamo-nos praticamente a tudo.

Todos nos adaptamos. Aprendemos, solucionamos, mudamos de ideias – nada se torna na verdade mais fácil ou mais difícil. Tornamo-nos apenas melhores a lidar com as situações. Não sei se estes três homens virão a ser diferentes por minha causa, mas eu serei diferente por causa deles. Aprecio isso.

E não aprecio.

Pego noutro gelado de sumo e *Shawnee* de imediato bate com os cascos e balança a cabeça. Sorrio, abrindo o tubo. Há tanta coisa que adoro hoje em dia.

Acabo de dar de comer e de tratar de todos, assegurando que os três cavalos têm feno e água que chegue, e depois volto a calçar a luva e avanço vagarosamente para o celeiro dos estábulos. Noah deixou aqui os baldes de que preciso.

Procuro em todos os cantos, atrás dos fardos de feno e em todos os ganchos nas paredes, mas não encontro nada. Parando, abano alheadamente a cabeça. Como é que ele perde tão facilmente as coisas?

Mas, quando vou a sair, ouço um sonoro estrondo e assusto-me. Pensei que estivessem na oficina.

Mais três estrondos e espreito em volta pelos estábulos, sem ver nada, nem ninguém. O que…

Esquecendo os baldes, guino à esquerda e percorro a fila de estábulos, com o som a tornar-se mais audível conforme me aproximo da porta. Mais um baque e pestanejo, estendendo devagar a mão e assentando a palma na porta. Não está trancada e apesar de ver movimento para lá das fendas e saber quem é. Empurro ainda assim a porta por completo, com as dobradiças a ranger conforme vou vendo o espaço.

Um forno enorme arde no canto da divisão escura, e há fogo a cuspir pelas suas saídas de exaustão enquanto Kaleb se encontra numa mesa de costas para mim. Ergue o seu machado, baixando-o com força. Sangue espalha-se, ele afasta uma pata e depois pega na faca de caça. Sinto um aperto na garganta e não consigo respirar.

Oh, meu Deus.

Recuo, mas não escapo a tempo. O som dele a rasgar a pele seja lá de que animal for que apanhou, a ponta serrilhada a penetrar a pele, músculos e caixa torácica atinge-me os ouvidos enquanto o sangue escorre para os pés dele.

Engulo a bílis.

Ele vira-se e vê-me, os seus olhos verdes paralisando-me ao erguer os dedos. Tem o peito e braços cobertos de suor, o cabelo colado às têmporas e vejo um leve sorriso a formar-se nos lábios, e leva um dedo à boca, lambendo o sangue.

Segura a faca na outra mão, baixando o queixo e olhando para mim como se nada mais existisse no mundo, e se eu gritasse eles nunca me ouviriam lá fora com o barulho das máquinas que utilizam na oficina.

Pois, não.

Agarro a porta e fecho-a conforme me apresso a sair da divisão. Ouço o leve riso dele enquanto lhe desapareço da vista. Imbecil.

Mas, depois, paro, reparando. Ele ri-se. Alto.

Não foi muito, mas ouvi a sua voz grave. Ele rosnou ou grunhiu umas quantas vezes, mas deixou-me ouvi-lo a rir-se. Estreito os olhos, perdida em pensamentos. Penso se ele terá sequer noção.

Ele deixou-me ouvi-lo.

Encolho os ombros, afastando o pensamento e avanço para a saída. Mas, então, algo me chama a atenção e olho para a direita, reparando num escadote. Não venho muito ao celeiro, em especial por ser o local onde Kaleb se refugia.

Espreitando de novo para a porta, por detrás da qual ele trabalha, aproximo-me do escadote, assentando a minha bota no degrau de baixo e agarrando o que me fica ao nível da cabeça.

Subo, saindo por um alçapão no chão e ergo-me numa pequena divisão, repleta de objetos tapados por lençóis.

Móveis?

Estendo o braço, agarro um dos panos e puxo.

20

Tiernan

– O que queres fazer com isso? – pergunta-me Jake.

Ele e Noah seguram cada um uma ponta enquanto transportam a cómoda de três gavetas para a oficina e eu sorrio aos entalhes na madeira a representar folhas e filigrana.

– Tudo o que deixares, calculo. – Encolho os ombros, sem saber ao certo, na verdade. – É um móvel enorme e há lá tantos em cima.

Havia mais três cómodas, um par de aparadores, algumas mesas de canto e uma mesinha de cabeceira, um par de portas e uma escrivaninha. Nenhum dos móveis estava em condições, mas assim que vi tudo o meu coração agitou-se. Quando eu era pequena, na nossa casa era tudo tão novo.

Aproximo-me, passando a mão sobre o tampo de madeira granuloso da cómoda. No novo, não há história. Nem mistério. Gosto do antigo.

Jake recua, olhando para o móvel ao meu lado. Parece algo saído de *A Bela e o Monstro.* A versão da Disney. As curvas da madeira, a cómoda a alargar ao subir e há imensos pormenores em voltas das beiras e pés. No seu tempo deverá ter sido uma peça espantosa.

– Eu e a minha ex recolhemos montes de material em vendas de jardim para quando acabássemos de construir este lugar – conta Jake –, mas depois tudo correu mal, portanto…

Abro as gavetas, verificando a sua funcionalidade.

– Assim sendo, sim, é tudo teu – acrescenta. – Mais uma coisa para te manter ocupada este inverno.

Viro a cabeça sobre o ombro, lançando-lhe um olhar intenso.

Mais uma coisa.

Sorri maliciosamente.

Noah dá-me um toque com o cotovelo.

– Vou mostrar-te as tintas.

Sigo-o.

Horas mais tarde, eu e Noah trabalhamos na oficina, as nossas taças do jantar vazias, do chili preparado por Jake, pousadas no chão de cimento. O vento uiva no exterior da porta da baia, mas o forno a lenha crepita de fundo e aqui nem preciso de um casaco.

No entanto, uso um par de meias aconchegantes dentro das minhas socas enquanto ando por aqui com os meus *jeans* e a camisa de flanela de Jake.

Arregaçando as mangas, mergulho o pano na terebentina e levanto-o, passando-o sobre o topo da cómoda e esfregando o que restava do polimento.

– Está a correr bem? – pergunta Noah.

Ergo o olhar, vendo-o a enfiar a mão numa caneca de café, as porcas e os parafusos no interior a chocalhar.

– Sim.

– Porquê o súbito interesse em reabilitação de móveis?

Rio entre dentes, enfiando de novo o pano na lata.

– Talvez seja uma desculpa para estar perto de vocês – troço. – Todos nós a trabalharmos juntos.

Os dentes brancos dele espreitam ao formar um sorriso.

– Ou, se calhar, simplesmente não quero ser deixada sozinha lá dentro com a ira do teu irmão – murmuro.

Tive de lavar o cabelo esta manhã depois do caso com a papa de aveia. Kaleb por vezes ajudava com as motos, mas desde cedo percebi que Jake não exigia tanto dele em relação às tarefas em comparação com Noah. Provavelmente, por não poder pressionar muito Kaleb, sendo esse um risco que não podia correr.

Ocasionalmente, Kaleb ajudava aqui na oficina. E por vezes tratava dos animais, cortava lenha, reparava vários equipamentos da propriedade, caçava, brincava com os cães ou trancava-se no seu quarto. Não se limitava apenas às coisas que queria fazer, por norma tinham de ser coisas onde pudesse ser deixado a sós. Isso eu sabia.

Prossigo, com as minhas duas tranças a balançar contra o peito conforme esfrego a madeira até recuperar a sua cor natural.

Talvez seja uma desculpa para estar onde vocês estão.

Poderia não estar a brincar quando disse isso. Os panfletos da universidade e os catálogos do curso encontram-se pousados na mesa da cozinha neste preciso momento, pois assim que me sentei mais cedo com o meu portátil para tentar aceder à internet para preencher as candidaturas, de repente precisei de ar. Todas as universidades me afastam daqui.

– Não é pessoal, sabes? – diz Noah.

Olho para ele.

– O Kaleb – esclarece.

Baixo o olhar, voltando a concentrar-me no meu trabalho. É-me difícil acreditar em tal. Ele cospe no cabelo da maioria das pessoas? Noah não está a par de tudo.

Enfiando de novo o pano na lata, avanço para a pia e lavo as mãos. Noah agacha-se para se deitar de costas, enfiando-se debaixo da moto.

– Não queres saber o que lhe aconteceu? – pergunta.

– Se quiseres contar…

Na verdade, estou interessada, mas o meu orgulho não me permite demonstrá-lo.

Sacudo as mãos, libertando-me do excesso de água e desligo a torneira.

– Ele é como o nosso pai. – Noah roda uma chave inglesa, mirando o seu trabalho. – Não confiam nas mulheres. Pelo menos, até tu apareceres.

Agora confiam em mim? E quero apostar que foi uma mulher que estragou a vida a todos? Que original. E não completamente parvo.

Noah larga a sua ferramenta e vejo o preto espalhado pelos seus dedos.

– Passas-me essa chave de parafusos com a tira amarela, por favor?

Avanço para a mesa de trabalho dele e pego na ferramenta comprida prateada com uma pega preta e tira amarela. Abeirando-me dele, baixo-me e enfio-me debaixo da moto com ele.

– E tu? – pergunto, passando-lhe a chave de parafusos. – Confias em mim?

Ele usa a ferramenta, apertando ou desapertando algo, sem estabelecer contacto visual. Mas ainda não sei o que significa isso. Confiam em mim para os apoiar? Para não lhes fazer mal? Para ser fiel? Para nunca os abandonar?

Mantém-se em silêncio por mais uns momentos e os segundos começam a esticar conforme o medo se revolve dentro de mim.

– Ouvi-te na noite passada – diz ele, quase num sussurro.

Ouviu-me…

Cinge os lábios ao apertar o parafuso.

– O teu papá não te amava, por isso deixas que o meu te foda para que ele te ame.

Lanço-lhe um olhar duro enquanto trabalha e apesar da raiva dele me abalar, pois trata-se de Noah e Noah é sempre meu amigo, as suas palavras não me magoam propriamente. Ele necessita de dizer algo.

Prossegue.

– Talvez tenhas vivido tanto tempo sem isso que achas que sexo é igual a amor.

Passa-me a chave de parafusos e aceito-a.

– Talvez faças tudo para garantir que ele nunca esqueça que existes – quase sussurra. – Nem que isso implique abrires as tuas belas pernas.

O maxilar do seu rosto brando e moreno flete-se e continua sem olhar para mim, mas apesar das suas palavras cortantes não me sinto zangada.

Franze o sobrolho e apercebo-me das engrenagens a funcionar na sua cabeça.

– Ou talvez… – diz ele. – Talvez sejas como eu e fazes tudo para te sentires bem. – Incide finalmente o olhar em mim. – Nem que seja nunca recordar os apelidos.

Sustenho o olhar dele, ambos deitados de costas, e Jake e Kaleb algures na casa.

As manchas de verde nos olhos azuis escurecem e sinto-me quase confortável até ver o olhar dele endurecer.

– Eu queria estar lá contigo – segreda.

O espaço escuro sob a moto esconde-nos face à porta e não fujo, pois não sinto medo de Noah.

E sinto medo dele. Aprecio que ele fale comigo.

Mas às vezes também receio isso.

– Eles também não falam comigo – murmura. – Eu ia fazer amor contigo, sabias?

O meu olhar vacila. Di-lo como se nunca o tivesse feito antes.

– Eu ia fazer amor contigo – repete.

E finalmente chego lá.

Não era fornicar, nem foder.

Ele ia fazer com que fosse importante.

O peito dele sobe e desce e, apesar de eu saber que tenho uma cama quente lá dentro preenchida com um homem que me agarra com tanta força e que irá sempre preocupar-se comigo, eu…

Eu quero ver Noah.

Eu quero ouvir Noah.

– Fala comigo – diz ele.

– O que queres que diga?

Hesita, com o seu boné de basebol virado para trás sobre a cabeça enquanto observo os lábios macios dele a começarem a mover-se.

– Gostaste de olhar para mim no sofá naquela noite? – prossegue.

Inspiro e expiro, sustendo o olhar dele, e de repente estamos de volta ao sofá. O espaço é pequeno, o ar denso, algo se passa, e não sabemos o quê ou se devíamos, mas sabemos que para já não queremos parar.

Ele baixa a mão, mas não vejo o que faz. Em vez disso, ouço o cinto dele a tilintar e o fecho-éclair a abrir. O olhar dele procura o meu, provavelmente pensando se vou fugir. Ou se espera que eu fuja.

Mas não o faço. Não quando ele enfia a mão dentro dos *jeans* e não quando pelo canto do olho o vejo a afagar-se.

– Até onde? – quer saber.

Até onde eu teria permitido que ele e Kaleb fossem naquela noite? Teria permitido que me possuíssem à vez? Ou teríamos ido para uma cama e teria permitido que me possuíssem ao mesmo tempo? Nunca saberemos, mas uma coisa eu sei.

– Eu não ia parar – digo-lhe. Viro-me de lado, enfiando as mãos sob a bochecha ao olhar para ele. – Só queria deixar ir e viver o momento. Mesmo que estivesses a usar-me para te sentires bem, pois eu também queria sentir-me bem.

Ele assente vagarosamente.

– É uma treta, não é? – Um belo sorriso toma-lhe os lábios. – Ansiar tanto por aquele escape, por outra pessoa o ter deixado vazio?

Chego-me a ele, pousando uma mão sobre o peito ao mesmo tempo que o meu nariz roça na face dele.

– Nada em ti é vazio – sussurro. – Sinto o teu coração.

Ele bate contra a minha mão e fecho os olhos, sentindo o corpo quente dele a mover-se e pensando ao que saberia ele. O que ele teria sentido na noite em que fomos interrompidos.

Não era um mero escape, Noah. Era uma ligação.

Uma ligação que sinto com ele provavelmente mais forte do que com qualquer um deles aqui. Ninguém o amou o suficiente. O respeito de Jake tem sido difícil de conquistar e Kaleb não fala com ele. Tal como eu, Noah não tem um lugar onde pertença. Entende tudo o que sinto, vê o que vejo, e sabe aquilo que carrego, pois apesar de não estar sozinho sente-se só. Ele não tinha com quem conversar aqui e, tal como a casa dos meus pais não era um lar, o pico também não o é para ele. Não se sente bem aqui.

Até agora, talvez.

Acelera o ritmo e abro os olhos, olhando para a mão dele, a mover-se dentro dos *jeans*. O meu clitóris lateja, mesmo contra a minha vontade, e instala-se o calor no meio das minhas pernas.

– Noah… – expiro, implorante. – Vai mais devagar. Gosto de te observar. Gosto que seja lento.

Vira a cara para mim, os nossos lábios a roçar-se.

– Tiernan…

Lambo os lábios.

– Baixa mais as calças.

Dobra os joelhos para cima e baixa os *jeans* e os *boxers*.

Saca o pénis para fora, grosso e rijo, e vejo-o a passar o polegar sobre a ponta húmida e a continuar a massajá-lo. Sei que me observa a observá-lo, mas não me importo.

Alguém – talvez eu – monta-o e imagino-o na minha cabeça. Faz amor com ela desde baixo, impulsionando as ancas contra ela.

Lentamente, desabotoo a camisa dele com uma mão. Abro a camisa, a sua pele despida do pescoço até à virilha à minha espera. Os meus dedos vibram de desejo. Quero tocar-lhe.

Mas não o faço.

– Mais devagar – digo. Não quero que se venha já.

– Abre a camisa.

Olho-o nos olhos.

– Ele não vê – murmura Noah. – Abre-a para mim.

Vacilo, a pulsação no meu pescoço a latejar. Eu quero.

Eu…

– Ele não descobre – diz Noah, lançando um olhar para trás de mim para a porta da cozinha.

O que aconteceria se ele descobrisse? Aquela porta poderia abrir-se a qualquer momento.

– Abre – resmoneia Noah entre dentes –, o raio da tua camisa, princesa.

Levanto a mão, sustendo o olhar nele enquanto se masturba e desabotoo a camisa dele que visto. Por baixo, trago um *top* e ele nem sequer pede. Mostra os dentes, puxando-o do meu peito. Esvazia os pulmões ao fitar o meu corpo e volto a deitar-me de costas, permitindo que me absorva.

Os meus mamilos enrijecem, ficando bicudos com o ar frio.

– Noah…

Ele lambe a palma da mão, passando a língua, e voltando a afagar-se com mais intensidade, sem que o seu olhar se desvie.

Agarra o pénis duro, com esperma a escorrer-lhe pela ponta. Mexe-se para me tocar e abano a cabeça.

Não.

Para, com o seu olhar irado a incidir em mim.

– Ninguém me diz não – sussurra.

Um leve sorriso.

– Quero a minha boca a passar por todo o teu corpo – diz, olhando para os meus seios. – Deixa-me saboreá-los.

Volto a abanar a cabeça, mas a minha pele arrepia-se face a tal ideia. A boca dele a sugar-me avidamente… *Céus*.

Ele faz com que me sinta poderosa. Com Noah, não me sinto embaraçada em exigir ou recusar. Ele está nas minhas mãos, e não o contrário.

– Mais depressa. – Empurro as minhas mamas para ele. – Faz mais depressa.

Ele respira entre dentes, massajando-se cada vez mais depressa, e vejo a boca dele abrir e fechar ao ansiar pelos meus seios.

Enfio a mão por baixo dos meus *jeans* e das calcinhas.

Ele geme, observando-me a tocar-me.

– Baixa-as.

Abano a cabeça, rodando o dedo no clitóris.

Ele volta a rosnar.

– Despe as calcinhas e mostra-me algo húmido.

– Noah, não.

Não posso. Perderei o controlo. É isto que adoro em Noah e o que quero manter. Posso amá-lo, mas ao mesmo tempo manter-me equilibrada.

Arqueja.

– Quero tanto ver as tuas calcinhas amarfanhadas no chão do meu quarto, mas fodo-te aqui mesmo se for preciso, Tiernan.

Olho para o sofá no canto da oficina, quase a render-me.

– Deixa-me ir esta noite para a tua cama – pede. – Ele não descobre.

Abro a boca para dizer algo, para recusar, mas não consigo forçar as palavras. Não quero negar-lhe. Quero que seja feliz.

– Ele não descobre – volta a segredar. – Nunca há de saber, Tiernan. Larga o peso. Deixa-te levar.

Sinto tudo a passar por mim ao mesmo tempo e quase digo «sim».

Larga o peso.

Tal como aquele dia no mar e tudo o que eu carregava que me arrastaria para o fundo, afogando-me. *Deixa-te levar.*

Quase o faço.

Em vez disso, mergulho, segurando-lhe o rosto e beijando-lhe a têmpora enquanto se masturba.

– Desculpa.

E saio de debaixo da moto e levanto-me, correndo para a porta da cozinha enquanto baixo o meu *top* e ajeito a camisa.

– Tiernan – geme ele atrás de mim, soando desapontado, mas não paro.

Correndo para a casa, bato com a porta da oficina e disparo pelas escadas acima, dirigindo-me ao meu quarto.

O que raio se passa comigo? Noah é o único que não me assusta. Porquê complicar isso?

Eu desejava-o. Queria pôr-me em cima dele e amá-lo e segurá-lo e assegurar que ele não estava sozinho.

Abro a porta para trás e dispo a camisa, descalçando-me, pois estou a suar.

O raio destes homens. Cerro os olhos com força, ainda com um ardor no meio das coxas. A roupa faz-me impressão e o meu coração bate intensamente.

– Tiernan.

Ao ouvir o meu nome, pestanejo. Rodo a cabeça, olhando para lá da porta, para o *hall*, e vejo Jake no seu quarto com uma toalha à volta da cintura. Usa outra para secar a parte de trás do cabelo enquanto o vapor se espalha da casa de banho para o quarto.

– Está tudo bem? – pergunta.

Olho para o seu tronco despido e barriga das pernas, a toalha presa logo acima da virilha, e a pulsação no meu clitóris intensifica-se.

Abano a cabeça.

Lentamente, desaperto os *jeans* e baixo-os sobre as pernas, o seu olhar em mim enquanto passo o *top* sobre a cabeça.

Reparo na respiração dele a tornar-se ofegante conforme o olhar incide no meu corpo e não hesito nem por um momento. Baixo as calcinhas, expondo a minha rata, e ele passa-se. Largando a toalha que segurava na mão, atravessa o *hall* até ao meu quarto, batendo a porta ao entrar, para depois me agarrar. Disponho de um momento para inspirar antes de me erguer nos seus braços, as minhas pernas envolvendo o corpo dele, e a mão dando-me uma palmada no traseiro.

Gemo, mas sorrio, quando me prende contra a parede, agarrando o meu peito ao enfiar-se dentro de mim, impulsionando com força e depressa, os seus grunhidos quentes no meu pescoço.

Gemo, tudo quente e vivo sob a minha pele. Amava em Jake as exatas coisas que amava não ver em Noah, mas… terei percebido mal.

Jake também não controla.

21

Tiernan

Agarro a folha e amarfanho-a no punho, atirando-a para cima da mesa. Detesto desenhar. Estou nisto há duas horas e todos os desenhos saem a parecer dez vezes piores do que a ideia que possa ter na minha mente. Não sei desenhar.

Pego num lápis acabado de afiar e recomeço, recordando as linhas e as curvas da arca na oficina enquanto passa «Blue Blood» de LAUREL no meu telemóvel pousado na mesa. Com passagens leves, preencho as penas e as filigranas, não me preocupando verdadeiramente com a estrutura do *design*, apenas as cores. Todos os esquemas a que recorro parecem infantis, mas quero ter uma ideia do que faço antes de aplicar alguma cor.

Pouso a cabeça sobre o braço, pegando no lápis dourado e «pincelando» os pontos mais altos das penas conforme a neve cai do lado de fora da janela. Gosto desta altura do dia. O Sol mesmo antes de nascer, a casa em silêncio, com a exceção da minha música a tocar baixinho, e tudo a dormir. A minha caneca de café está perto, com vapor a erguer-se no ar, e acordei antes de todos os outros, mas fiquei a descansar. Não como acontece à noite, onde desabo sobre a minha almofada às dez por me sentir exausta.

Os meus dedos laboram, espreitando pela minha camisola comprida, mas uma sombra abate-se sobre a folha quando alguém se põe atrás de mim. Paro.

Mas apenas por um momento.

Inspiro fundo e prossigo, polindo o rebordo da arca enquanto Kaleb avança para o bule de café e se serve de uma caneca. Sabia que era ele, pois Jake e Noah teriam dito «bom-dia».

Fica parado junto ao balcão e, apesar da tentação de erguer o olhar para ver se ele me observa, não o faço. Troco de lápis, com a minha mão a pairar sobre as opções até por fim me decidir pelo violeta e pelo azul-claro. Mantendo a cabeça apoiada no braço, sombreio a ponta esquerda da arca, trabalhando na diagonal antes de passar para o azul para dar seguimento ao *design*.

Ele aproxima-se, voltando a parar atrás de mim.

O que foi, Kaleb?

Cinjo as sobrancelhas, com o meu corpo tenso e preparando-me para a sua próxima malvadez de merda, mas ao fim de um momento opto por ignorá-lo.

Continuo a sombrear a azul.

Infelizmente, acontece o mesmo e paro. Quero que as cores se misturem, mas a mudança de violeta para azul é demasiado abrupta. Carrego mais, mudando de direção, tentando fazer com que as cores se fundam umas nas outras, mas ele está parado nas minhas costas e não consigo concentrar-me. Ergo a cabeça, esforçando-me para que resulte ao passar de sombreados em traços para sombreados em círculos.

Mas, ainda assim… a transição é demasiado abrupta. Levanto a mão para rasgar a folha e deitá-la fora.

Mas a mão dele abate-se sobre a minha, detendo-me. Estou em vias de o espantar, mas ele tira-me gentilmente o lápis da mão, pousa o café e assenta a outra mão sobre a mesa, debruçando-se sobre mim. Observo enquanto segura o lápis entre os dedos, mesmo na ponta, traça um sombreado circular ao longo do meu traço e depois usa o polegar para esfregar e unir as cores, misturando-as tal como eu desejava.

Ele continua, com o vento a soprar no exterior enquanto uma cortina de neve se abate para lá da janela e os meus ombros relaxam um pouco quando ele volta a pegar no violeta, juntando traços e pontos ao azul, quase como…

Como uma aguarela. Quero sorrir. Era exatamente o que eu via na minha mente.

Pego no lápis verde e inicio a secção final, pintando em círculos tal como ele faz. Ele acompanha, misturando o seu azul com o meu verde-mar e as nossas mãos roçam ao esfregarmos as cores com os dedos.

Será que desenha imenso? Movo a cabeça, desejando olhar para ele, mas contenho-me a tempo.

Termino as pernas e acrescento uns puxadores requintados às gavetas, vacilando apenas um pouco ao vê-lo desamarrotar alguns dos meus desenhos anteriores. Assenta um sobre a mesa, alisando-o e entregando-mo.

Engulo em seco. É o desenho a azul-petróleo e preto.

– Eu gostava desse – murmuro.

Mas parece muito… Não sei… *Beetlejuice*? Achei que era infantil.

Olho para o desenho amador e pego no lápis e na régua, acrescentando mais listras às gavetas.

– Quando era pequena, desenhava imenso – conto-lhe. – A minha casa com árvores e um arco-íris. Colava no frigorífico para os meus pais verem. Punha-o muito bonito e giro, bem alto, para que reparassem ao chegar a casa.

A mão dele permanece pousada na mesa ao meu lado, e volto a pegar no lápis preto, desenhando listras.

– Eu estava tão entusiasmada por a imagem ser tão sonhadora – prossigo. – Tinha tanta cor que só me apetecia saltar lá para dentro como se fosse um dos desenhos a giz em *Mary Poppins*. – Rio um pouco. – Era assim para o precioso e mágico.

Largo o lápis, pegando num azul-petróleo ao mesmo tempo que começo a sentir um aperto na garganta.

Só me sai um sussurro.

– Horas mais tarde, dava com os desenhos no caixote do lixo. – Flito o maxilar ao sentir picadas na garganta. – Não combinavam bem com a decoração.

Sinto lágrimas a formarem-se no peito. Esquecer aquilo. Mas agora, anos mais tarde, dói mais do que nunca. Não o podiam ter guardado por um dia que fosse? Era impossível dizer algo agradável?

Quero ceder, deixar sair, mas ele apanha-me a tempo. De repente, sinto-o. Os lábios dele no meu cabelo ao curvar-se sobre mim.

Fecho os olhos e paro de respirar enquanto somos cercados pela casa silenciosa. Ele agarra-me. Mal me tocando, agarra-me.

Sinto arrepios nos braços quando a boca dele roça o meu cabelo. Ele inala, como se inspirasse o meu odor, e paro o meu trabalho quando me agarra o rosto.

O nariz dele percorre a minha têmpora, o seu hálito quente na minha face.

Como se ele estivesse a fazer um grande esforço.

Levantando a sua outra mão, agarra-me junto dele enquanto todo o meu corpo aquece sob o seu manto.

Sem beijos, sem toques noutro lugares.

Apenas calor. Ele não está a controlar, nem eu, e, apesar de os meus nervos dispararem sob a minha pele e o meu sangue fervilhar, os meus dedos já não se cerram e os meus músculos já não se retesam. Sinto-me segura.

E, quando me envolve com os braços, agarrando-me com força, debato-me para conter as lágrimas.

Kaleb.

Ele limita-se a agarrar-me. Ou sente-se agarrado por mim. De uma maneira ou de outra, não quero que acabe.

Mas sei o que ele quer, por isso nem posso começar. Não posso fazer isto e não posso permitir que aconteça.

Desvio a cara, para longe do aperto dele, e isso quase me deixa doente, pois não quero perder o seu toque, mas…

– Acho que uma puta basta – murmuro. – Quando estás mesmo desesperado.

Afastando-me dele, pego no lápis, sentindo-o ali paralisado enquanto seco rapidamente os olhos e continuo a trabalhar.

Conto que ele expluda. Que me cuspa ou me trate como sempre o faz, porque faz birra quando não alcança o que quer, mas…

Limita-se a partir – afasta-se da mesa, dá a volta e parte.

Não o vejo durante o resto do dia.

Enrosco os meus dedos secos dentro das meias e das botas quentes, com o frio da neve a começar a infiltrar-se ao inclinar a cara para trás, deixando que se cole ao meu nariz e pestanas.

Rodopio, imitando uns passos de *ballet*, e vejo Jake a observar-me desde o celeiro, provavelmente abanando a cabeça enquanto lança bolas de ténis aos cães.

O que foi? Tendo sido criada na Califórnia do Sul, não me era habitual lidar com tanta precipitação de neve. Simplesmente, faz-me feliz.

Paro, com o mundo a rodopiar, e por fim prendo o olhar nele e vejo que se esforça por não sorrir, mas fracassando em absoluto.

Não me importa se pareço uma imbecil. Há três meses, sentia-me péssima e agora não. Corro até junto dele, esmagando a neve sob os meus pés enquanto Noah e Kaleb carregam a moto de neve dele e desaparecem no interior da oficina.

Olho para Kaleb.

– Ele vai contigo? – pergunto a Jake.

– Não.

– Não costuma ir?

Estava a contar que Kaleb se juntasse a Jake na incursão dele de quatro dias à outra cabana. Era onde Kaleb se encontrava quando cheguei à vila e desde então vim a saber que ele e Jake gostavam de passar lá algum tempo quando não tinham um prazo a cumprir à porta. Utilizavam-na para saídas de caça mais prolongadas ou quando queriam estar mais perto para uma pescaria melhor.

É um lugar que sem dúvida não se adequa a nós todos, não tem eletricidade, *Wi-Fi* ou água canalizada, por isso estou fora, mas foi-me dito que era um lugar lindo, em especial no verão.

Mas poderei não estar cá para ver.

Jake limita-se a encolher os ombros face à minha pergunta e percebo que também ele não sabe por que motivo Kaleb prefere ficar. Consigo lidar sozinha com Noah. Em especial desde que ele se mantém afastado a partir daquela noite na oficina por baixo da moto há umas semanas.

E desde então também Kaleb mal olhou para mim.

Olho desejosamente para a barba a crescer no rosto de Jake como um revestimento de inverno ou algo assim. Acho que com ele fora sou capaz de adiantar os trabalhos da escola.

– Isto foi boa ideia – diz ele.

Sigo o seu olhar enquanto entra no celeiro. Paramos junto à capoeira e aos pneus gigantes que Noah me ajudou a cortar a meio. Há três metades empilhadas umas em cima das outras, com as entranhas cheias de feno e galinhas.

Sorrio.

– Reaproveitamento de materiais, e é suposto proteger do vento – informo-o.

Outro dos meus projetos «faça você mesmo». Os animais parecem satisfeitos nos seus lares de inverno.

– Ficas bem esta noite? – questiona.

Quase rio.

Mas, então, recordo a última vez que fiquei a sós com os dois rapazes ao mesmo tempo.

– Provavelmente, não – troço. – Devias levar-me contigo.

O olhar dele aquece e vejo os olhos dele a apreciarem o meu corpo.

Não queria pô-lo assim de forma tão direta, mas não seria uma tarefa fazer-lhe companhia.

– Passaria todo o meu tempo a tentar manter-te quente – murmura.

Sim, provavelmente.

A minha mente é inundada por visões de nós, de uma cama e de uma lareira. Quem precisa de comida?

Sorrio maliciosamente a mim mesma.

– O que foi? – quer ele saber.

Obrigo-me a desfazer o sorriso.

– Nada.

Olha desconfiado para mim e volto a sorrir, contrariada.

Revira os olhos e puxa para baixo as tiras do meu boné, com o topo a cobrir-me os olhos enquanto se afasta.

– Gosto do chapéu – diz ele.

Volto a pô-lo no sítio, fingindo uma careta quando saímos ambos do celeiro.

Avançando a página no meu *Kindle*, ouço o zumbido da máquina de secar a desligar e deito a mão ao cesto da roupa. Hesito, passando rapidamente os olhos pelo resto do parágrafo antes de pousar o aparelho.

Abrindo a máquina, retiro de lá a minha roupa. *Sistemas económicos comparados em diversos tipos de governo…* Esta aula teria sido mais interessante de forma presencial. Não que seja particularmente difícil de acompanhar, mas tenho dúvidas e conversar com os homens Van der Berg sobre questões mundiais seria como ver Yoda ir à manicura.

Jake não vota, porque «desde que se mantenham longe do meu pico, não teremos problemas». Como se as leis sobre impostos, a poluição e a guerra nuclear respeitassem as fronteiras da sua propriedade. Noah não vota, porque «isso parece ser algo semelhante a trabalho», e tenho a certeza de que Kaleb não quer saber.

Mirai serviria bem para uma conversa. Já lhe devia ter ligado, ainda por cima.

Estendo o braço, para retirar o resto da roupa, e pego no cesto, fechando a porta da máquina de secar com o pé antes de rumar lá acima. Assim que chego ao meu quarto despejo a roupa na cama.

Pego nos meus *jeans* e em toda a roupa que precisa de ser pendurada, formando um monte separado com essa, e volto a estender o braço, à procura das calcinhas e sutiãs.

Remexo no meio da roupa, retirando as calcinhas rendadas azuis e o sutiã preto, mas ao vasculhar o resto não encontro mais nada.

Franzo o sobrolho.

A carga corresponde a seis dias de roupa. Onde foram parar cinco pares de calcinhas?

Volto a procurar, dando com dois dos meus entediantes sutiãs desportivos, mas nada de roupa interior. Pode estar presa nos *jeans* ou em alguma camisa, mas ao procurar no monte de roupa não dou com nada.

O que raio?

Paro para pensar. *Jake rasgou um par há umas semanas na carrinha, mas deviam ser as únicas em falta.* Procuro nas gavetas, debaixo da cama e na casa de banho antes de voltar a descer à lavandaria para procurar no chão. Verifico dentro da máquina de lavar e da gaveta inferior, achando que poderiam lá ter ficado sem querer.

Mas, nada.

O único lugar seria…

Regressando ao piso dos quartos, entro no de Jake, ouvindo-o no duche enquanto se prepara para partir na sua viagem de pesca, e ajoelho-me, procurando debaixo da cama, das mesas e dentro dos lençóis.

Só as despi aqui no quarto.

Onde…

E, então, chego lá.

Retraio-me.

– Que nojo, meu Deus.

Avançando para o quarto de Noah, dou com ele vazio já que ele e Kaleb ainda trabalham na oficina, e começo a procurar na cama, na fronha da almofada, debaixo da almofada…

Que nojento. Por favor, digam-me que ele não fez isso. E com cinco pares? Por amor da santa, ele tem catorze anos?

Mas ao fim de uns minutos de buscas, ainda não dei com nada.

Bato com a almofada dele na cama, perdendo a paciência. Elas não ganharam pernas.

A seguir, ergo os olhos, ocorrendo-me o único lugar onde me falta procurar.

Kaleb.

A minha pulsação acelera. *Ele não o faria.*

Faria?

A ideia de Kaleb enrolar as minhas calcinhas no seu…

E depois bater uma… Eu…

De repente, sinto um calor no meio das coxas, mas abano a cabeça. Não deixa de ser uma violação. E dado que o quarto dele é o único lugar onde falta procurar, vou desde já invadi-lo.

Saindo do quarto de Noah, fecho a porta e subo a escadaria estreita e escura enquanto o chuveiro ainda corre na casa de banho. Hesito apenas por uns momentos antes de subir os degraus, o meu coração a bater face à ideia de ir a um sítio que nunca vi.

E face à ideia de ele me apanhar. Terei de ser rápida. Ele é muito irritadiço.

Rodo a maçaneta da porta, já a contar que tenha sido trancada por fora, mas cede e entro, vendo de imediato a luz do sol a jorrar pela janela mais afastada. *Graças a Deus.* Não queria ter de acender a luz para que ele visse do exterior.

Entrando, fecho suavemente a porta atrás de mim e olho em volta pelo quarto amplo, de repente esquecendo onde me encontro.

Expiro, com um sorriso a bailar-me nos lábios. Há uma cama grande entre duas janelas que devem ser as cumeeiras na parte ocidental da casa – o mesmo lado para onde se encontra voltada a minha varanda logo abaixo dele. Estantes de livros embutidas nas paredes, a transbordar enfiados e

encaixados em todos os lugares disponíveis. Na vertical, na horizontal, uns em cima dos outros… Não há qualquer camada de pó e sei que alguns devem ser bastante antigos. Ele não lê isto tudo, pois não? Nunca o vi a ler.

Um tapete ao estilo persa cobre o chão, com a madeira escura visível arranhada e por envernizar, havendo uma pequena lareira uns metros ao fundo da parede face à porta por onde acabei de entrar. Aproximo-me, vendo os restos carbonizados do tronco que ele queimou. Inalo o ar, cheirando a casca ardida, assim como algo mais. Quase tipo patchuli. Ou bergamota.

Há uma mesa junto à parede com os cintos e apetrechos para os trabalhar e dou com mais livros no chão perto da cama. As paredes encontram-se bastante despidas, mas não são da madeira clara utilizada no resto da casa. Este quarto parece algo que existiria no topo de um antigo *pub* inglês. Surpreende-me não ver uns quadros nas paredes.

Avanço para a mesa, pegando nuns dos ossos de animais e procurando mais informação. Este quarto revela tanto.

E, no entanto, tão pouco.

Ele gosta de trabalhar em couro. Gosta de ler. Não vejo um televisor, um computador ou aparelhos eletrónicos, embora saiba que ele tem aqui umas colunas, pois por vezes ouço música.

Mas é acolhedor. Escuro, quente e confortável – um grande cadeirão estofado no canto do quarto com mais uma pilha de livros ao lado.

Aproximando-me da mesinha de cabeceira, abro a gaveta, dando apenas com um exemplar de *Os Três Mosqueteiros,* uma caneta e alguns preservativos. Pego no livro, cheirando-o.

Sinto um arrepio na espinha. Cheira ao quarto.

Aposto que é um lugar agradável com a lareira acesa. Sossegado, pacato… quente. Olho para a cama, com a minha boca a secar.

Puxo o lençol e o cobertor para trás, passando as mãos sobre a cama à procura das minhas calcinhas. Calculo que fosse aqui que batesse uma com elas.

Não dando com nada, baixo-me apoiada nas mãos e joelhos, rastejando para baixo da cama para verificar no chão.

Mas, ao chegar aos pés da cama, vejo algo e paro. Há três sulcos na madeira e estendo a mão, encaixando lá de pronto o meu indicador, o médio e o anelar.

Algo arranhou o chão. Ou alguém.

Lambo os lábios ressequidos, com a realidade da distância entre mim e a polícia finalmente a abater-se. Já deveria ter-me ocorrido isso há meses.

Levantando-me, procuro nas gavetas, na outra mesinha de cabeceira e noutros recantos e fendas que possa encontrar, mas nada. Isto é ridículo como a merda. Jake não é do tipo de montar calcinhas e Noah não roubaria praticamente todos os meus pares *sexy*, pois quereria ver-me vestida com eles! Sei que foi Kaleb.

Agarro uma almofada dele e procuro no interior, buscando no último lugar que me ocorre, e depois pego na outra, enfiando lá a mão.

Sinto algo e paro, esfregando entre os dedos. Tecido, sedoso… Puxo para fora e olho para a fita vermelha na minha mão.

A fita do cabelo vermelha.

A minha fita do cabelo vermelha.

Sinto um calor a percorrer-me a pele depois de se acumular na barriga.

O canto da minha boca ergue-se num sorriso malicioso. Bem, não são as minhas calcinhas, mas é meu. Voltando a pousar a almofada dele, ato a fita no meu cabelo num lacinho giro.

Não é muito, mas, pouco a pouco, começo a formar uma imagem de Kaleb.

Ele até pode odiar-me.

Mas pensa em mim.

– Está tão sossegado.

Noah senta-se à minha direita, no lugar do pai, e espreito para cima, mal cruzando os olhos com ele antes de voltar a olhar para o meu manual. Dou mais uma trinca no meu biscoito, não respondendo.

Jake partiu há umas horas. Gostava que ele tivesse partido mais cedo, pois recomeçou a nevar e agora já escureceu. Odeio a ideia de o imaginar sozinho lá fora. Porque é que Kaleb não o acompanhou? Ou todos nós? Eu teria aguentado. Não precisamos assim tanto de peixe.

Viro a página, mastigando a comida quando uma telha bate com o vento e a máquina de gelo larga mais uns cubos no congelador. A fita faz-me cócegas na têmpora e esforço-me por não sorrir ao sentir os olhos de Kaleb cravados em mim desde o outro lado da mesa.

– Nunca tinha percebido que o meu pai era o grande animador ao jantar – acrescenta Noah, tentando levar-nos a falar.

Mas estou a apreciar demasiado as atenções de Kaleb para me pôr agora a conversar.

Noah estende o braço e toca-me na fita.

– É gira.

Sorrio, mas de pronto incido o meu olhar em Kaleb, ao ver o seu maxilar a fletir.

– Então, logo à noite queres ver um filme? – questiona Noah.

– Um filme?

– Há uma sequela onde os mesmos polícias a apanham por fumar erva e a levam para a esquadra – diz-me, agitando as sobrancelhas. – Toda a noite, com montes de presos.

Ri-me.

– Parece *sexy*. – Fecho o meu manual e largo o resto do biscoito no prato, esfregando as mãos. – Mas tenho aí uns quinze relatórios críticos para acabar.

Levanto-me, pegando no meu prato e no copo.

– Mas vou fazer por evitar a sala de estar – acrescento, pousando a louça na bancada e dando a volta para pegar no meu manual e no marcador fluorescente.

Porém, ao contornar a mesa para me dirigir ao meu quarto, Noah desliza da cadeira à minha frente, bloqueando-me a passagem.

Paro, ficando muito direita.

O olhar dele percorre-me o corpo, como se a camisola demasiado grande e os calções de dormir fossem exatamente o que aprecia, mas a realidade é que já não está com uma mulher há muito tempo e neste momento tudo lhe parece bem.

O olhar dele volta a subir, encontrando de novo o meu.

– Anda cá – diz ele.

– Sai-me da frente.

Os lábios dele ficam tensos, sumido o seu habitual bom humor.

– Eu disse, anda cá.

Espreito para Kaleb, que olha entre mim e o irmão, tenso, mas ainda não pronto a defender-me.

– Ele não vai ajudar-te – diz-me Noah, como se me lesse os pensamentos.

E, então, estende a mão, agarra-me a camisola e puxa-me para ele, o meu livro caindo ao chão enquanto ele posiciona os meus joelhos em redor dele. Fico sentada de pernas abertas no colo dele, rosnando enquanto me envolve um braço pela cintura e prende um punho atrás do meu escalpe.

Cravo as mãos no peito dele, tentando afastar-me, mas prende-me o cabelo com força.

– Noah, para, estás bêbado.

As quatro garrafas de cerveja vazias na mesa tilintam enquanto me debato, pontapeando a perna da mesa.

– Não, estou aborrecido. – Aproxima-se da minha boca. – Quero fazer amor contigo, Tiernan. Quero foder a putinha do meu pai.

Puxo a mão atrás e esbofeteio-o na face com tanta força quanto consigo. A cabeça dele é sacudida para o lado e ele suga o ar. Mas ri-se, quase gemendo de prazer.

– Tu também queres – continua, olhando para mim enquanto se encosta a mim com a virilha. – Monta-me assim. Aqui mesmo nesta cadeira. Diz-lhe que eu te obriguei. – O seu hálito quente na minha boca arrepia-me a pele. – Diz-lhe que te obriguei a fazer o que é suposto fazeres por todos os homens da casa. Aqui mesmo na mesa da cozinha, depois de nos servires o raio do teu pequeno-almoço.

Agarro a *T-shirt* dele, o alto do membro dele nos *jeans* a esfregar-me através dos calções finos, e respiro a custo, ainda a tentar libertar-me do aperto.

Larga-me o cabelo e encosta a testa à minha, sussurrando-me.

– Quero-te. – A respiração dele torna-se rasa, como se sofresse. – Quero-te.

O desejo na voz dele é penetrante e apesar de as minhas coxas estarem quentes e de haver um desejo por algo mais que não sei explicar – ou não quero – afasto-o.

– Até as estradas estarem desimpedidas – digo, entre dentes cerrados.

Assim que os dois tiverem acesso às mulheres da vila, não serei necessária.

Dou-lhe uma palmada no peito e empurro-o, levantando-me atabalhoadamente. Recuo face a ele, apanhando o meu manual caído no chão.

Noah levanta-se, avançando para mim, e Kaleb também se levanta.

– Precisavas de carinho da parte dele – diz Noah, referindo-se ao seu pai. – Ele abusou da sua autoridade contigo. Comigo, podes brincar. Comigo, podes tomar a iniciativa.

Estreito os olhos na direção dele, baralhada. É isso que ele acha que se passa entre mim e o pai dele? Uma pequena órfã perdida a precisar que a amem?

Ele acha mesmo que Jake se aproveitou de mim.

– Quando eu tinha dezasseis anos um tipo de dezanove anos levou-me de uma festa para casa e quis fazer algumas coisas que o teu pai me faz – disse eu a Noah. – Não deixei, porque não sentia nada de especial nele.

Ambos permanecem em silêncio enquanto prossigo.

– Quando o filho do senador De Haven me encurralou no Baile do Governador com um par de amigos da fraternidade… – prossigo –, prometendo tratar-me bem, também não quis e ele ficou com o lábio a sangrar para ver se percebia. Quando o Terrance Holcomb entrou naquele lago com o seu belo corpo e com tantas palavras petulantes a sair-lhe da boca, como no teu caso, não me deixei levar só por uns momentos de gratificação.

Podia ser virgem ao chegar aqui, mas não era estúpida.

– E quando todos vocês me levaram no meu aniversário e eu estava a dançar e uns tipos da terra olhavam para mim, não quis saber, pois só queria saber de ti, do Jake e… – Lanço um olhar a Kaleb – em como vocês me observavam. De como não quis nem necessitei de nada da parte de outros, pois tenho aqui tudo o que preciso nesta casa.

Não sou uma palerma que se agarra a qualquer um que lhe dê atenção ou que vá buscar afeto a quem se aproxime. Jake não me marcou. Eu escolhi.

– Sei como travar coisas que não quero – digo a Noah. – Sei como dizer não.

– E?

– E, não – respondo.

Pego no meu livro e passo rente a ele ao abandonar a cozinha.

22

Noah

Se ela ao menos me desse acesso…

Sei que me deseja. Vi-o no sofá na noite do aniversário dela e vi-o na oficina quando estávamos a trabalhar por baixo da moto. Eu tinha razão quando lhe disse que faria amor com ela. Eu não fugiria do quarto, nem estaria desejoso que acabasse. Adoraria fazer com que ela se sentisse bem.

Olho para cima para o teto, com o braço enfiado por baixo da cabeça enquanto tento perceber como é que esta noite correu mal. Fodi tudo. Bebi demais e estraguei tudo.

Kaleb dorme e Tiernan está há horas na cama. Engulo em seco para travar o aperto na garganta e fecho os olhos quando o meu pénis dilata com calor. Levo lá a mão e agarro-o através dos *jeans*, quase gemendo com a dor.

Ela devia estar aqui. A montar-me de forma tranquila e doce, aproveitando-se do facto de ele não estar cá esta noite e de Kaelb não nos denunciar. Fecho os olhos, afagando-o e sentindo-o de imediato a endurecer.

Ou eu devia estar lá. Beijando-a e agitando-lhe o corpo. Levando a que fosse impossível recusar, pois iria comê-la tão bem que ela imploraria por mais.

E, antes que ela pudesse pensar duas vezes, estaria dentro dela, a dar-lhe o tratamento que só um jovem é capaz de dar.

Aperto o meu pénis, gemendo com a necessidade. Porra. Tenho de bater uma. Não vou conseguir adormecer.

Levantando-me da cama, ponho-me de pé e aperto os *jeans*, deixando a minha camisa no chão ao avançar para a porta.

Mas, pelo caminho, ouço um grito abafado e paro, apurando os ouvidos.

O que é aquilo?

Ouço um grito vindo do quarto de Tiernan e aponto os olhos para a parede que nos separa, baralhado. O meu pai não está. Ela não está lá com ele. Porque…

Ouve-se outro gemido, seguido pelo que parece ser um soluçar. O que raio?

Abro a minha porta e olho para a esquerda para a porta do quarto dela, vendo que está fechada. Avanço até lá, mas nesse momento Kaleb desce as escadas em passos pesados vindo do seu quarto, usando também *jeans* escuros e sem camisa. Tem os olhos semicerrados e o cabelo desalinhado de quem acabou de acordar.

Não para nem estabelece contacto visual comigo, simplesmente abre a porta dela como se fosse rotina. Entra e sigo-o, ouvindo Tiernan gritar quando ele discretamente caminha em volta da cama dela. Retraio-me, vendo-a a agarrar a *T-shirt*, de olhos fechados e a cara enterrada na almofada enquanto volta a gritar. Deixo de respirar por uns momentos. Ela parece estar a sofrer. O que…

O cabelo dela cai-lhe sobre o rosto, a pele húmida com suor, e todo o seu corpo está tenso como um elástico.

Olho para ela, ao perceber o que se passa.

Não está acordada.

– O que se passa com ela? – pergunto, parado junto à porta.

Mas Kaleb limita-se a acenar, enxotando-me ao deitar-se junto dela, puxando-a para si. Fico a olhar quando ela de imediato se deixa levar, enterrando a cabeça no pescoço dele enquanto os gritos esmorecem e a respiração dela acalma. Ele boceja, puxando o lençol para cobrir a ambos como se isto fosse normal.

– Ela faz isto muitas vezes?

Os pesadelos não deveriam soar assim, pois não? Mas logo que Kaleb se acomoda, ela cala-se por completo, aninhando-se nele enquanto o seu sono prossegue, pacífico e tranquilo.

Kaleb fica do seu lado a segurá-la e encaixando a cabeça sob o queixo enquanto ambos voltam a adormecer.

Eu fico ali parado, a observá-los. Será que ela sabe que grita assim à noite?

Será que sabe que ele entra? Nunca a ouvi a fazer aquilo.

Naturalmente, ela nem sempre dorme sozinha. Talvez Kaleb só tenha de aparecer quando assim é.

Ele costumava ter pesadelos quando éramos pequenos, mas acordava.

Um cheiro atinge-me o nariz e pestanejo, ouvindo os cães a ladrar enquanto inalo. Olho na direção do corredor, fazendo uma careta, com o odor intenso quase a fazer-me lacrimejar.

Sussurro a Kaleb.

– Sentes o cheiro?

Cheira a fogo, mas não deixámos nada a arder. Saindo do quarto, desço ao rés-do-chão e espreito para a lareira, assegurando-me que está apagada, antes de sair pela porta principal. Ao avançar, vejo um brilho a passar pela janela da cozinha. Estreito os olhos e estaco. O que…?

Atravessando a cozinha a correr, quase tropeço nos cães que se apressam na minha direção antes de me debruçar sobre a bancada e espreitar pela janela. O meu estômago revira-se.

– Oh, foda-se – arquejo. – Kaleb! – grito, dando a volta para trás e correndo para a porta da frente. – O celeiro está a arder!

Os animais. O celeiro fica logo ao lado dos estábulos. Merda.

Visto a camisola pendurada na parte de trás do armário e calço as botas, pegando nas luvas guardadas no bolso do meu casaco.

– Kaleb! – volto a gritar. – Despacha-te!

Os passos dele ecoam com força lá em cima e ouço-o a correr pelas escadas abaixo, mas não espero. Abrindo de repente a porta de entrada, corro para o exterior, quase escorregando e caindo de cu enquanto agarro o corrimão e desço a correr os degraus do alpendre. Sinto a neve a esmagar-se sob as minhas botas, alguma entrando, pois hoje temos mais quinze centímetros dela e não tive a oportunidade de as apertar.

Mas não quero saber. Para e olho para o celeiro, praticamente incapaz de me mexer. O que raio? Chamas envolvem o alto do telhado e será um milagre se a mangueira não estiver congelada, porque, se assim for, perdemos tudo. Como é que isto começou?

Kaleb agarra-me a gola e travo o ar, olhando-o nos olhos. Franze a testa e aponta com o queixo para o celeiro, despertando-me. Assinto.

Corre para a oficina, abrindo as portas das baias, e eu apresso-me para o celeiro. Entro a correr, o fumo denso e sufocante quando tento respirar. Tapando o nariz e a boca com o braço, puxo os pneus de Tiernan, com as galinhas no interior a cacarejar e a dar às asas. Tossindo, volto a entrar e deito a mão a uma corda, dando um laço em volta do raio da cabeça da vaca e puxando-a para o exterior. Tento aspirar ar, mas é-me impossível parar de tossir. Tudo arde e queima enquanto me debato para dar com o caminho por entre o fumo.

Do alto, ouve-se um gemido e olho a tempo de ver um pedaço do sótão a ceder, ficar dependurado e cair. Corro, com a tábua a atingir o animal enquanto a puxo para o ar frio da noite.

Kaleb puxa a mangueira de incêndio da oficina e tento afastar tudo o mais possível do celeiro.

– O que aconteceu? – grita Tiernan.

Olho para cima, vendo-a parada na neve com as suas botas, mas nada a cobrir a *T-shirt* e os calções de dormir.

Viro-me para Kaleb, observando-o às voltas com a alavanca, mas nada sai. Nada de água.

– Foda-se! – rosno, socando o ar.

– Vai ver se está congelado! – grita Tiernan.

Olho para ela e vejo que grita a Kaleb e aponta para a torre da água.

Abano a cabeça. Ontem tivemos um dia quente. Pode não estar congelada, mas não vai ajudar de maneira nenhuma. O que vamos fazer? Encher baldes e atirar água às chamas desde aqui?

Kaleb ainda assim vai lá, largando a mangueira, e estou prestes a seguilo, mas Tiernan passa a correr por mim e sinto o coração preso na garganta.

– Os cavalos! – grita ela.

Destroços do sótão tombam no celeiro e com toda a lenha e feno é uma questão de tempo até atingir os estábulos. Ela salta lá para dentro, desaparecendo.

– Tiernan, não! – grito.

Corro atrás dela, mas antes de conseguir entrar já puxa *Rebel* para o exterior, debatendo-se para que ele se mova enquanto o cabelo dela lhe esvoaça no rosto e o vento sopra contra nós.

Raio de cavalos idiotas. Podem ser muito inteligentes, mas ficam ali parados enquanto o edifício cai à volta deles.

Ajudo-a, ambos puxando os arneses, e então… Ouço uma chapada e o cavalo sai disparado do estábulo e corre para a noite.

Ouço um motor a ligar e olho para lá da esquina, vendo Kaleb sentado na escavadora e tentando avançar pela neve, rumo à torre de água.

Paraliso. Ele vai…

Oh, merda.

– Kaleb! – grito, mas depois calo-me, percebendo que ele tem razão. É a única forma. Temos de tirar os cavalos daqui.

Tiernan volta a entrar e eu sigo-a, correndo para *Ruffian* enquanto ela vai por *Shawnee*. O calor envolve-nos enquanto o estrepitar do fogo nos cerca e ouço um gemido no celeiro quando as traves provavelmente começam a ceder. *Porra*.

– Tiernan, vamos! – berro. – Fora daqui.

Dou uma palmada em *Ruffian*, levando-o a correr porta fora, mas um grito alto penetra o ar e rodo de repente para trás, vendo Tiernan entalada na entrada da baia quando *Shawnee* passa por ela. Fumo serpenteia ao mesmo tempo que escorre sangue pela madeira e ela grita, voltando a dar uma palmada na égua. *Shawnee* desata a correr e salto da frente quando passa por mim e corre para Tiernan. Escorre sangue do braço esquerdo dela e agarro-a, envolvendo-a com um braço.

Tossimos, saindo aos tropeções dos estábulos, e Tiernan cai no chão quando algo estala e tomba atrás de mim. Volto-me para trás a tempo de ver Kaleb levar a escavadora contra a torre de água, fazendo cada vez mais força até o reservatório tombar e a água esguichar e depois verter, caindo em cascata sobre o celeiro e os estábulos e apagando as chamas.

Sinto os ombros a abater, o vento mordendo-me os lábios e orelhas enquanto vejo o brilho a esmorecer, o fumo a infiltrar-se no ar, com o fogo extinguindo-se aos poucos.

Expirando, viro-me e deixo-me cair de joelhos.

Tiernan.

Agarro-lhe o braço com uma mão e o rosto com outra, tentando estancar o fluxo, mas ela silva, com os olhos a lacrimejar.

– Como é que sabes dar palmadas a cavalos? – pergunto, para que ela esqueça a dor.

– Não sei – diz com a voz sufocada. – É o que fazem nos filmes.

Rio-me só para mim.

Ela treme. Temos de a levar para dentro.

– Como é que começou o fogo? – pergunta olhando por cima do meu ombro.

Abano a cabeça.

– Pode ter sido um problema elétrico. Pode ter sido a caldeira. Quem sabe?

– Ele vai culpar-nos.

– Sem a mínima dúvida – resmoneio, pondo o braço bom dela em redor do meu pescoço e erguendo-a de novo. – Mas estiveste bem.

Olho-a nos olhos. *Sem hesitação. Lançou-se a correr aos cavalos.*

Assustou-me como o caraças, mas foi corajosa.

– Mas não voltes a fazer o mesmo, está bem?

Começo a ajudá-la a seguir para casa, mas Kaleb aparece de repente, pega-lhe ao colo e tira-ma, apontando com o queixo para o celeiro.

Não tenho tempo para argumentar antes de ele se virar e a levar para casa, com os olhos pesarosos dela a fitá-lo apenas a ele.

Cerro o maxilar, vendo-os desaparecer na casa.

E, então, dou a volta para limpar o raio da confusão no celeiro, como me foi ordenado.

23

Tiernan

Inspiro o ar entre os dentes. O corte é demasiado profundo.

Suspirando, desvio os olhos do sangue enquanto Kaleb me observa o braço.

O que faço? Estamos a quilómetros de um hospital em estradas perigosas cheias de neve, e dói. E se infetar?

Os meus joelhos tremem. Quero Jake aqui.

Depois de Kaleb me ter trazido para dentro, pousou-me na mesa da cozinha, ligou o meu braço e acendeu uma lareira antes de correr para o exterior para ajudar Noah. O fogo parecia já completamente extinto, mas tinham de voltar a recolher os animais e, dado que a oficina era a única construção ainda intacta e sem fumo, observei-os através da janela da cozinha a levar feno para a garagem e a trazer os animais. Deixaram a porta da baia entreaberta para entrar ar puro, mas isso não solucionaria o caos nocivo que Jake iria encontrar ao regressar a casa nos próximos dias.

Céus, ele ia passar-se. Metade do seu celeiro estava agora inutilizado e a oficina em breve iria cheirar a estrume de cavalo.

Mas, ei, pelo menos os animais iriam desfrutar por uns tempos de um ambiente com temperatura controlada.

Os pobres cães davam voltas à mesa da cozinha, olhando-me com preocupação.

Kaleb aperta-me o braço e sinto uma dor profunda a percorrer-me.

– Kaleb… – imploro.

Não sei se dói mesmo assim tanto ou se simplesmente me sinto assustada. Não tenho como ir a um médico se necessitar.

Virando-me, olho-o nos olhos, a sua testa sulcada ao pegar numa toalha limpa e pressionando a minha mão para que eu faça pressão enquanto vai ao armário por cima do frigorífico.

– Foda-se, porra – ouço Noah rosnar e a porta da frente a bater. – Nunca houve um incêndio aqui em cima. Nem por uma vez! – Abre o armário junto à pia e retira de lá a garrafa de *Cuervo* que ali têm guardada. – Exceto daquela vez em que disparei uma seta em chamas contra o bidão de gasolina quando tinha doze anos, mas eu até sabia que ia acontecer – murmura. – A única coisa danificada na altura foi a minha pele.

Quero rir-me, mas faltam-me as forças. A minha mão está húmida com o sangue que escorre através da toalha enquanto as minhas pernas balançam na beira da mesa. Ouço a tequila a chapinhar atrás de mim quando Noah dá duas goladas e olho para lá, vendo Kaleb pousar uma lata vermelha em cima da mesa.

A minha pulsação acelera ligeiramente.

Mas, em vez de regressar para a mesa, ele caminha atrás de mim e ouço a torneira. Espreito por cima do ombro, vendo-o a lavar as mãos.

Sinto o estômago em convulsão e mordo o lábio.

– Toma. – Noah dá-me um toque, com o vidro frio a bater-me no ombro. – Bebe isto.

Abano a cabeça. Neste momento, já não aguento mais nada.

Kaleb aproxima-se e abre a caixa, retirando de lá várias ferramentas.

– Vocês estavam acordados? – pergunto, olhando de um para o outro. – Quer dizer, graças a Deus que deram com o fogo a tempo.

O olhar de Noah incide em Kaleb, mas nenhum responde. Kaleb pega-me no braço, puxando gentilmente a toalha pegajosa, e gemo, com uma lágrima a escorrer.

Mudando de ideias, retiro a garrafa da mão de Noah e levo-a à boca, bebendo duas grandes goladas.

O ardor queima-me a garganta e tusso, com alguém a tirar-me a garrafa da mão, e sinto náuseas, preparada para deitar a merda toda cá para fora. É nojento.

Mas volto a agarrar a garrafa e deito abaixo mais uma golada.

Kaleb debruça-se sobre a caixa, retirando uma agulha e uma linha, e eu observo, com a tequila a lavrar um caminho a fogo até ao estômago enquanto ele usa uma espécie de grampo para prender a agulha e depois

acende um isqueiro por baixo, desinfetando-a.

O que raio?

E, então, chego lá.

Oh, não.

Abano a cabeça.

– Kaleb, não.

Olha-me de repente, com os seus olhos verdes a fitarem-me de forma inabalável.

Mas o estômago dele – a parte de cima do corpo dele despida, pois nunca chegou a vestir-se por completo quando correu para o exterior – retesa-se com a sua respiração intensa. Quase como se estivesse… nervoso.

Pega-me no braço, cerrando os maxilares, e pressiona os dedos no meu braço, unindo a carne rasgada.

Grito.

– Não, Kaleb, para.

Não posso fazer isto. Viro a cara, respirando de forma rasa.

– Tens de o fazer – diz Noah, passando-me de novo a garrafa. – Se não o fizeres, pode infetar, e depois vais preferir estar morta.

Emborco outra golada de tequila.

O olhar de Kaleb encontra o meu uma vez mais e então os seus dedos – vermelhos e manchados com o meu sangue – unem a pele para a fechar enquanto lá enfia a agulha.

Sinto o estômago às voltas e tremo, percorrida por um suor frio enquanto ele puxa a linha. Mordo o lábio inferior até saber a sangue.

– Noah – soluço.

Dói como o caralho. Quero Jake. Eles não sabem o que fazem. Não há agora uma supercola? Estão a ver, com a qual colam a pele?

Kaleb estica a linha com força, uma serpente causticante a morder-me o braço, e cerro os dentes, com as lágrimas a ameaçarem tombar.

Foda-se.

Noah volta a passar-me a garrafa, mas rejeito. O meu estômago está quente e sinto a cabeça zonza, mas estou quase a vomitar.

Inspiro fundo várias vezes, inspirando e expirando e tentando acalmar o maldito estômago, mas Kaleb volta a enfiar a agulha na carne e sinto o sangue a pingar pelo braço com uma dor intensa a percorrer-me o corpo.

– Por favor – choro. – Por favor, para.

Afasto-o, tentando tirar a mão dele do meu braço. Não consigo fazer isto. Temos de esperar. Jake saberá o que fazer. Não posso fazer isto. Não vou ver um médico nos próximos cinco meses. E se a dor nunca desaparecer? E se não sarar?

Afasto as mãos dele.

– Larga-me – rosno. – Dói!

Ele levanta-se e, antes de eu dar por isso, a mão dele esbofeteia-me e o meu pescoço torce com tal força que um tendão quase rebenta.

Os meus olhos arregalam-se, a minha boca abre-se e paro de chorar, inspirando ao sentar-me, os ouvidos a tinir e o corpo paralisado.

O que raio?

Ele bateu-me.

Ele bateu-me!

Assenta os punhos nos lados das minhas coxas e debruça-se sobre a minha cara e levo um momento a recompor-me de novo pois sinto as paredes às voltas.

– Que merda é esta? – rosno e dou a volta.

Ergo uma mão e esbofeteio-o, a cabeça dele a vergar de repente para trás com o ataque.

– Bateste-me! – grito, com a raiva a fervilhar nas minhas entranhas.

Empurro-o no peito com ambas as mãos, voltando a bater-lhe.

– Mas já não te dói, pois não? – diz-me Noah ao ouvido, atrás de mim.

Lanço um olhar irado a Kaleb, mas processo as palavras de Noah, concentrando-me na sensação no braço.

A dor está lá, mas mais fraca – a raiva na minha mente agora demasiado forte.

Já não me sinto mal.

A minha respiração fica rasa e olho para Kaleb, ainda debruçado sobre mim.

Mas ele não espera que o meu choque se extinga. Recosta-se na cadeira e ergue o queixo para Noah, como se pretendesse indicar algo, e volta a beliscar-me, perfurando a pele com a agulha.

Noah sobe para a mesa atrás de mim, envolvendo-me com um braço pela cintura e enfiando uma mão na parte de trás do meu escalpe.

Agarra o meu cabelo e retraio-me com a picada, mas expiro já que isso me fez desviar a atenção da dor no braço.

Kaleb puxa a linha com força e fecho os olhos, com o suor a escorrer por todo o meu corpo com a chacina. *Porra, foda-se.*

Kaleb sutura, Noah cinge o punho e eu fecho os olhos e deixo a cabeça cair para trás contra ele, virando os lábios para o pescoço dele para chorar.

Uma e outra vez, mais duas vezes, e o meu estômago revira-se. Respiro a custo.

– Kaleb – suplico.

Incide o olhar de repente em mim e olho para ele, assentindo com a cabeça.

Faz lá isso. Faz…

Une as sobrancelhas e respira a custo, mas ergue-se, hesitando apenas um momento antes de me esbofetear de novo. Grito, cerrando os olhos e deixando escorrer lágrimas pelo rosto.

Expiro longa e demoradamente enquanto o mundo dá voltas.

Mãos de repente aconchegam-me, acariciando agora suavemente – como penas – e depois uma boca cobre a minha, beijando-me os lábios suavemente. Ele mordisca e conforta-me, os dentes dele segurando o meu lábio inferior e aquecendo o meu sangue até às pontas dos dedos dos pés.

O calor preenche o meu corpo e é como se eu flutuasse. A língua dele toca a minha, abrasadora e… Oh, céus. Sinto-me leve. Sabe tão bem.

Passo as mãos pelo estômago dele acima e começo a enroscar as minhas pernas em volta dele, mas detenho-me.

– Aca… – gaguejo num sussurro. – Aca… acaba isto. Acaba lá, por favor.

Os lábios abandonam-me e rodo a cabeça conforme a agulha espeta e largo um grito, mas perde-se dentro de Noah. A boca dele agora na minha e grito enquanto me agarra e eu tremo.

Merda.

– Tiernan – sussurra. – Chhhhiu…

O fogo na roupa vagueia até mim e, quando dou por ela, enterra a cara no meu pescoço, sem beijar, enquanto aperta a parte da frente da minha garganta.

– Com mais força – arquejo.

Crava os dentes no meu pescoço, apertando-me, e quando sinto a picada da agulha de Kaleb agarro a parte de trás da cabeça de Noah e viro-me para ele, inspirando e expirando com ardor contra os lábios dele.

– Tiernan – sussurra Noah, e sinto sabor a sal, mas sem perceber se a lágrima é dele ou minha. – Amo-te. Foda-se, és toda nossa. Amamos-te.

Beija-me a face e a testa enquanto Kaleb trabalha e tento aplacar a respiração quando se manifesta o formigueiro gerado pela boca dele na minha pele.

Uma garrafa roça os meus lábios e bebo outro gole enquanto Kaleb corta a linha com os dentes, limpa o sangue do meu braço e envolve uma ligadura em volta.

O álcool começa a aquecer-me as entranhas, a dor no braço menos intensa do que antes.

Mas arde-me a face.

Abre bem os olhos, inspirando fundo.

– Podias ter avisado – digo a Kaleb, a minha voz turvada com lágrimas ao olhar para ele. – Podias ter-me batido noutro lado qualquer.

Porquê a cara?

Fecha o *kit* e levanta-se, deitando a gaze ensanguentada para o lixo.

Pouso a garrafa e deslizo da mesa para o chão.

– Naquele dia na cascata, a Cici Diggins saiu da gruta contigo com o nariz a sangrar.

– O quê? – Noah também desce da mesa.

Mas Kaleb não dá sinais de ter ouvido o que digo. Olho para as suas costas enquanto lava as mãos na pia. Os seus músculos fletem-se e a sua respiração é lenta e metódica. Demasiado calma.

Não quer defender-se? Ela podia estar a dizer a verdade. Já o vi a ser abusivo. A atirar coisas, a cuspir, não aceitar um «não» por resposta…

Esta noite esbofeteou-me sem hesitar.

Mas os cães adoram-no, não é? Seguem-no, dormem com ele e fazem-no sorrir quando ele acha que ninguém vê.

Está sempre pronto a proteger-me e evitar que eu sofra. Tenta estabelecer ligação, como quando estava a desenhar.

Seja qual for o comentário sarcástico de Noah ou o que lhe exija o pai nos seus tons duros, ele nada diz, nem começa uma briga. Só faz o que for necessário para as pessoas o deixarem em paz.

Desvio o olhar, abanando a cabeça. É o que o fazem as mulheres, não é? Procurar significados nos pormenores mais minúsculos para que signifiquem mais do que valem na realidade.

Os cantos da minha boca contorcem-se ao sentir picadas nos olhos.

– Kaleb – sussurro, implorando.

Mas é Noah quem fala.

– A Cici Diggins diria qualquer coisa só para chamar a atenção.

– Ela estava a sangrar – esclareço. – Ela não sabia que eu poderia vê-la.

– Ele não bate em mulheres, Tiernan. – Noah passa por mim retirando Ibuprofeno do armário. – A não ser que estejam histéricas e a impedir que ele lhes salve a vida – reage, largando um par de comprimidos na minha mão e olhando-me nos olhos. – Tu disseste-lhe que o fizesse.

Enfio os comprimidos na boca e engulo-os a seco, sentindo-os a arranhar a garganta.

Sim, eu disse-lhe.

Da segunda vez.

Disse-lhe que me batesse, em parte por amenizar a dor e em parte por…

Baixo o olhar. *Em parte por ter gostado.* Gostei da raiva e do desejo de lhe bater em resposta, pois apesar de doer eu estava aqui. Estava envolvida e nunca quis que parasse. Nunca quis que essa sensação desaparecesse.

A dor recorda-me sempre que estamos vivos. E o medo que a acompanha que queremos permanecer dessa forma.

Kaleb é assim. Se nada mais, recorda-me que sou mais do que acho que sou.

Mas, quando segurou a minha cara depois de me bater e me beijou com suavidade, o meu coração de pronto afundou até à minha barriga e esqueci tudo.

Esqueci porque me devo manter o mais possível afastada dele.

Passo a mão pelo cabelo, mordendo o lábio enquanto o álcool aplaca a dor no braço.

– Quero o Jake – sussurro a mim mesma.

E se isto ainda assim infetar? Ele saberia o que fazer. Eles não conseguem lidar com isto. Voláteis, irresponsáveis…

– Não foi ele que teve a tua língua na boca há uns minutos – despeja Noah, espreitando por cima do ombro enquanto me enche um jarro. – Na altura, gostaste de nós.

Remexo os pés, desviando o olhar.

Mas ele vira-se, limpando as mãos a uma toalha.

– Sabes, acabou de me ocorrer. – Enruga os olhos ao observar-me com atenção. – Na realidade, sou o único homem nesta casa que não te bateu – declara. – E sou aquele que não queres. O que raio se passa contigo?

Estreito os olhos ao ser atingida pelas palavras. Isso não é… Como?

Eu não…

– Talvez se te baixar sobre o meu joelho também fiques húmida? – pergunta.

E então fico muito séria. Ele viu-nos. Viu o pai a bater-me naquela noite.

O meu coração bate intensamente no peito e vejo-o a abanar a cabeça, o primeiro verdadeiro sinal de desprezo que vi em Noah, e dirigido a mim.

Agora está chateado.

A minha mente recua uns momentos – os lábios de Kaleb tão gentis e a boca de Noah tão ardente.

Há uns momentos, ele amou-me. *Amo-te. És toda nossa. Amamos-te.*

Acho, até, que ele chorava, por ter odiado magoar-me tanto e ter odiado não ser capaz de afastar a dor.

O meu braço ainda lateja, mas sinto-me melhor do que antes.

Eles trataram de mim. Não Jake. Eles trataram disto.

Noah acha que não dou por ele.

Volta-se para encher outro jarro enquanto Kaleb limpa a mesa e olho para ambos, mal reparando quando as luzes se apagam.

A cozinha fica às escuras, as luzes do lado de fora da janela também esmorecem com a tempestade e os rapazes param o que estão a fazer conforme a neve cai na noite escura e a casa cai no silêncio.

Noah deita uma toalha de mão ao chão.

– Porra, foda-se.

Kaleb sai em passada larga da cozinha, rumando à lavandaria, e vejo Noah a despir a camisa e a largá-la enquanto mexe na torneira.

– Só nos resta a água quente do depósito – queixa-se. – Foda-se.

Cerro os punhos, de repente sentindo os braços tão vazios.

Dou um passo, posicionando-me lentamente atrás de Noah.

E envolvo-lhe a cintura com os braços.

– O Noah está sempre quente – digo em voz em baixa. – É com ele que adoro conversar.

Imobiliza-se e encosto a testa às costas dele enquanto os meus braços o envolvem e as mãos lhe tocam o tronco quente.

Eu vejo-te.

– É ele que me sorri e que faz com que eu sinta os meus pulmões sempre cheios.

O vento sopra pelo sótão, rangendo na casa em silêncio e escura, e ele mal respira.

– Os meus braços encaixam nele na perfeição e adoro vê-lo cozinhar. Só me apetece ficar na cozinha a olhar para ele. – Sorrio para mim mesma, inspirando o odor. – Cheira suficientemente bem para se comer e não quis que ele deixasse o chuveiro naquele dia antes de irmos pescar. Quis que ele me tocasse.

O peito dele afunda-se e olho para baixo para ver os seus punhos cerrados sobre o balcão de madeira.

Engulo em seco.

– Até fantasiei com isso – sussurro. – Connosco no duche, escondendo-nos lá todas as manhãs e mantendo o nosso segredo.

Volta-se de repente para trás, com um esgar de raiva. Agarra-me por baixo dos braços e põe-me em bicos de pés.

Arquejo quando cola as nossas caras.

– Estava tão molhada para ti no sofá na noite do meu aniversário – sussurro entre nós. – Tão molhada.

Quero-te.

Algo estrondeia no chão atrás de mim e Noah lança-me um olhar fulminante, parecendo prestes a perder a cabeça. Parece Kaleb quando me fita assim.

Levantando-me, pousa-me numa bacia de latão, os meus pés enroscando-se na superfície enferrujada.

– Não fales mais – diz ele.

Mas soa como uma ameaça. Reteso-me.

– Tenho de…

– Chiu. – Larga-me, levando o dedo à boca. Todo o meu ar escapa-se.

O seu olhar revela-se penetrante e não sei o que vai fazer, mas sei o que quer. Este tipo de Noah assusta-me.

Sinto as coxas tensas. Tenho de ir à casa de banho.

Mas não vou sair. Não quero quebrar o feitiço.

Kaleb está ao meu lado e vejo apenas as suas pernas, pois sinto-me demasiado assustada para lhe olhar para a cara.

Passo o peso de um pé para o outro na bacia.

A bacia de latão, penso para mim mesma.

Os jarros de água quente.

Isto é um banho.

Noah ergue a bainha da minha camisa, detendo-se um momento para me dar tempo para o travar, mas limito-me a olhar para o chão quando por fim a passa sobre a minha cabeça.

Ouço-o a inspirar quando o ar fresco me atinge os seios e a minha camisa tomba no chão. Os olhos de Kaleb queimam-me a pele de onde ele se encontra na escuridão e mal consigo respirar.

Sim.

A sensação suave entre as pernas torna-se mais pesada e roço uma coxa na outra. Lentamente, Noah afaga-me o cabelo, apartando-o nas costas, e deixo-me ficar quieta enquanto o entrança.

– Não quero que molhes a cabeça – diz, tenso.

Os meus mamilos enrijecem enquanto entrança um lado e depois o outro, com Kaleb a começar a circular à minha volta como um tubarão. Ainda uso a fita que roubei do quarto dele.

Noah prende-me o cabelo com um dos elásticos foleiros da gaveta e brinca, abanando as minhas tranças.

– Ela fica gira, assim – diz a Kaleb. – Não achas?

As pontas das tranças fazem-me cócegas na pele e olho para cima a tempo de ver Noah a humedecer o seu polegar e depois a traçar círculos no meu mamilo esquerdo, brincando com a pequena ponta bicuda.

Gemo, cruzando as pernas face ao ardor.

– Vou mijar nas calças.

– Então, as calças têm de sair – reage calmamente.

Fecho por momentos os olhos. Não sei se tenho de ir à casa de banho ou se estou apenas nervosa.

Ele apoia-se num joelho e olha para cima para mim enquanto me baixa os calções. Saio de dentro deles, sentindo Kaleb como uma ameaça quando ele para e observa.

Noah volta a estender o braço, agarrando as minhas calcinhas de seda azuis e puxando-as pelas pernas, com o meu corpo a ficar despido para eles.

Olho para Kaleb. Olha fixamente, cada músculo dos seus braços fletidos com os punhos cerrados enquanto o seu olhar percorre o meu corpo. Parece que nem sequer respira.

Noah despeja água na bacia e depois ergue-se, ambos à minha volta. A minha pulsação acelera e parece que a qualquer momento eles vão atacar.

A água chapinha nos meus tornozelos e ouço Noah atrás de mim quando Kaleb se põe à minha frente, passando um dedo pelo meu tronco e parando logo abaixo da linha das calcinhas. Arrepio-me.

Um pano quente assenta-me na nuca e ouço as bolhas a borbulhar quando Noah aperta o pano.

– Importaste-te, Bebé Van der Berg?

Abano a cabeça, os meus olhos a revirar até à parte de trás da cabeça. Desce o pano quente pelas minhas costas e de novo até acima aos ombros.

Sabe tão bem.

– O que farias sem nós? – Noah inclina-se para o meu ouvido, sussurrando.

Inclino a cabeça para trás, para ele, fechando os olhos.

– Nós tomamos muito bem conta dela – diz ele a Kaleb, contornando-me com o braço para espremer água quente sobre os meus seios. – Ela não precisa do papá, pois não?

Kaleb agarra-me a perna, pousando o meu pé no seu joelho enquanto me lava. Passando o pano pela coxa, mergulha para o interior, perto, mas não lá, e gemo.

– É isso. – Noah morde-me a orelha. – Linda menina.

Dando-me o pano, usa as mãos e ensaboa ambos os seios, massajando-os em círculos. Uma poça de calor assenta entre as minhas pernas, e quero mais. Quero as mãos deles em todo o lado.

Noah pega na minha mão com o pano e puxa-a para baixo.

– Lava a tua rata.

Mordo o lábio inferior, mas sigo instruções. Usando o pano, enfio-o no meio das pernas e espremo para ter mais sabão, lavando-me.

Kaleb levanta-me a outra perna, banhando-me, mas os olhos dele estão na minha mão, vendo-me a ensaboar a minha rata despida.

– Molhas outra vez? – peço-lhe, passando-lhe o pano.

Mergulha-o na água e devolve-mo, o peito dele a subir e a descer arduamente enquanto me observa a lavar-me e a água a escorrer-me pelas pernas.

O seu olhar duro não pestaneja e deixa escapar um gemido. Olho para baixo, vendo o seu pénis a debater-se contra os *jeans*.

– Está lavada? – pergunta Noah.

Por momentos, penso que me pergunta a mim, até que Kaleb mergulha, com a sua língua quente a lamber toda a extensão da minha racha para verificar.

Estremeço. *Foda-se.*

Agarro a cabeça de Kaleb, segurando-o ali, e Noah roda a minha para o lado, tomando a minha boca.

Kaleb lambe e chupa, enquanto Noah me tira o fôlego, tornando impossível respirar.

Meu Deus, não pares.

– Diz que sim a nós – sussurra Noah junto à minha boca.

Olho para cima para ele, em silêncio por um momento.

Se fizermos isto, podemos não ser capazes de voltar atrás. Não quero perdê-lo. Eu…

A boca de Kaleb labora para entrar e passo os meus dedos pelo cabelo dele enquanto lambe e chupa o meu clitóris.

Noah empurra-me o queixo.

– Abre a boca, Tiernan – ordena.

Assim faço e ele mergulha lá a língua, o seu beijo a formigar até à ponta dos dedos dos pés.

– Diz que sim a nós – volta a pedir.

Kaleb volta a aproximar-se, agarrando-me o traseiro com ambas as mãos e puxando-me para ele. A boca dele cobre-me o meio das pernas.

Gemo.

– Sim – arquejo. – Sim.

Noah larga-me e rosna.

– Foda-se, sim.

Kaleb ergue-se, iça-me pela parte de trás das coxas e envolvo-o com os meus braços e pernas, olhando-o nos olhos.

Meus.

Daqui a uns meses, a neve há de derreter e o mundo invade-nos de novo, mas agora… são meus. *Por este inverno, são meus.*

Os nossos narizes tocam-se e Kaleb abre a boca como se fosse a dizer algo, mas depois limita-se a beijar-me a testa.

Sinto uma impressão de esvoaçar no estômago. Adoro quando ele faz isso.

Vira-se, levando-nos para a cama.

Abraço-me a ele, vendo Noah a seguir-nos pela casa às escuras, e enterro o meu nariz no pescoço de Kaleb, inalando-o.

Quero isto. Quero-os a eles. Quero-o a ele.

Kaleb é um *bully* e um bebé, mas também eu sou, e quero que ele fale comigo, mas às vezes acho que já o faz, só que eu não ouço. A forma tensa como o seu braço me cinge a cintura. Como me sinto segura com a sua outra mão a segurar a minha cabeça na curva do seu pescoço.

O modo como cheira o meu cabelo e me afasta dos perigos, mesmo quando acho que para ele mal existo. Sabe sempre o que se passa e onde estou.

Sinto lágrimas a arder nos olhos ao pensar nos últimos meses. Dando-me a sua carne ao jantar, dando-me o seu colo quando o meu assento se molhou e levando-me para longe de Cici e Terrance na pista de dança. Está sempre a pensar em mim.

É assim que fala comigo.

– Kaleb – sussurro ao ouvido dele, depositando beijos da sua têmpora ao maxilar e ao pescoço.

Ele expira e sobe-me ainda mais, agarrando o meu traseiro ao chegarmos ao primeiro andar. Olho para baixo para ele, os nossos lábios quase tocando-se. Abre a porta, Noah comprime-se para passar, porque eu e Kaleb por momentos perdemo-nos um no outro.

A porta ao cimo das escadas range ao abrir e ouço Noah a respirar desde lá.

– Põe-me aqui esse traseiro – expira. – Estou a morrer.

Espeto a língua para fora, lambendo o lábio de Kaleb, antes de mergulhar na sua boca. Movo-me sobre os lábios dele, mordiscando e saboreando, enquanto ele fecha a porta de baixo e sobe os degraus até ao quarto dele. Sinto o coração a dilatar e quase me apetece rir ou chorar, pois há muita coisa a acontecer dentro de mim.

Chegamos ao cimo, também essa porta fechando-se. A lareira está acesa e o ambiente apresenta-se quente, com o odor de Kaleb a fazer a minha pele zumbir.

A minha rata cinge-se ao sentir atrás de mim a grande cama dele.

Começo a baixar os pés para o chão, mas, de repente, Noah envolve o meu tronco com os braços e puxa-me para ele. Os meus dedos dos pés tocam no chão de madeira e olho para Kaleb enquanto o seu irmão me sussurra ao ouvido.

– Ele pode estar dias fora – diz, estendendo o braço e beliscando o meu clitóris. – Dias, Tiernan.

Arqueio as costas, com a pequena dor e a promessa do que podem fazer-me na ausência do pai a projetar ondas de choque pelo meu corpo.

Foda-se, sim.

A dor no meu braço desapareceu e neste momento nada mais sinto do que a batida do meu coração.

Afastando-nos, cambaleio para trás, os meus pulmões a encolher. O ar não me é suficiente. Eles olham-me, caminhando lentamente na minha direção, com Kaleb a massajar o pénis através das calças.

A parte de trás dos meus joelhos toca na cama e caio de traseiro sobre os lençóis.

Rastejando para trás, percorro a cama apoiada nas mãos e joelhos, vendo-os a avançar por mim.

– Nós tratamos de ti – diz Noah, mostrando um sorriso malicioso ao afagar-se também através dos *jeans*. – Agora, trata de nós.

Lança-se a mim, aproximando-se, apanhando-me e agarrando-me o rosto enquanto ambos tombamos na cama.

Aterro de costas, a minha cabeça a embater na almofada enquanto Noah se deita ao meu lado.

– Noah… – deixo escapar um gritinho.

– Chhhhiu.

– Tenho medo – sussurro.

Kaleb dá a volta à cama, observando enquanto Noah me afaga o cabelo.

Passa a minha trança por entre os seus dedos.

– Vamos foder-te, querida.

A mão dele mergulha no meio das minhas pernas e Kaleb agarra-me o tornozelo, apartando-me as coxas.

Noah enfia dois dedos dentro de mim e arquejo quando deslizam sem dificuldade, húmida como estou.

Os lábios de Noah dão com os meus e beija-me enquanto vai dando lentamente com os dedos.

– Abre mais, querida – implora.

Abro bem as coxas enquanto a língua dele se move na minha boca e depois desce aos meus seios, chupando e mordendo-me o mamilo.

Olho para Kaleb ao mover-me para a mão do irmão, procurando os seus dedos e desejando mover-me ao meu ritmo.

– Caramba – diz Noah com os dentes cerrados. – Meu, ela é apertada.

Preenche-me, mas quero-o mais fundo. Anseio por mais, pelo seu corpo, pelos seus músculos. Quero aquilo tudo a foder-me.

– Não pares – gemo. Meu Deus, como ele sabe bem.

Mas, mais, preciso de mais.

Agarro o rosto dele, levando a boca dele à minha, e continua a mexer-me com os dedos enquanto a sua boca se move sobre a minha, provocando até à barriga.

Algo lhe toca, desfazendo o beijo, e antes de eu conseguir abrir os olhos os lábios de Kaleb estão sobre os meus, beijando-me com força desde cima. Noah mergulha no meu pescoço, beijando-me atrás da orelha, e agarro o cinto de Kaleb, tentando abri-lo.

Ele detém-me, todavia, e abro os olhos e vejo-o a erguer-se da cama e desapertando-o ele mesmo.

Segue-se Noah, levantando-se e baixando as calças, o seu cinto caindo no chão. Para por uns momentos, olhando fixamente para mim, e a minha rata quer os dedos dele de volta. Ou algo.

Baixo o olhar, vendo o seu membro muito espetado como um mastro e levanto-me de repente, a fita do meu cabelo dependurada sobre a têmpora.

Abro a boca, desejando saboreá-lo.

Mas ele volta a empurrar-me para baixo, colocando-se em cima de mim e puxando o lençol por cima de nós.

– Vou primeiro – rosna sobre a minha boca. Estende o braço e ouço a gaveta a abrir e ele a tirar algo de lá.

O pénis dele roça na minha rata e esfrego-me lá, completamente a postos para o ter dentro de mim.

– Tiernan, para com isso. – Mostra os dentes, frustrado, e rasga o invólucro do preservativo para o enfiar.

Beijo o maxilar dele um milhão de vezes, envolvendo-o com os braços e depois puxando o seu lábio inferior entre os meus dentes.

Prepara o pénis dele à minha entrada, ergue-se para me olhar e agarra-me a anca, enfiando-se em mim.

Estico-me, tensa em volta do pénis dele, e fecho os olhos enquanto ele atinge o meu ponto fundo. Gemo.

– Porra – rosna, com uma expressão de dor. Respira de forma ofegante ao mover-se para dentro e para fora. – Ela é tão apertada, meu Deus.

Agarro as ancas dele, cravando-lhe as minhas unhas na pele enquanto abro ainda mais as pernas.

O Noah está sempre quente. É ele que me sorri e que faz com que eu sinta os meus pulmões sempre cheios.

– Sabes tão bem – digo, baixinho. – Não pares, Noah.

Sorri e baixa-se sobre mim, apertando-me um seio ao começar a bombar com as ancas, mais depressa e mais intensamente.

– Não paras de falar e eu venho-me demasiado cedo – diz-me, num tom divertido.

Procuro os seus lábios e pego-lhes com os meus, beijando-o lenta e profundamente enquanto fodemos na cama do irmão. Deslizando para fora, volta a entrar depressa em mim, e aperto-lhe as ancas, orientando-o e rolando as minhas ancas na direção dele a cada um dos seus movimentos.

Gemo quando nos beijamos, o mundo à minha volta a rodar. Passa a sua mão sobre o meu corpo, tocando-me em todo o lado e a boca dele roça a minha testa.

– Que linda menina, Tiernan – sussurra enquanto os seus lábios mergulham para a seguir me sugarem os mamilos. Agarro a cabeça dele contra mim, as palavras dele a darem-me vontade de sorrir. Ele sabe que não sou boa menina.

Sou má. Mas sou a menina má *deles*.

Gemo, arqueando as costas para a boca dele e para o bem que me sabe o pénis dele.

Ele volta para cima, bombeando cada vez com mais força, e a minha rata fecha-se em torno dele com o aproximar do meu orgasmo.

– Temos uma sorte do caraças – arqueja ele, beijando-me nariz e lábios. – Que coninha doce.

Gemo, ambos em sincronia conforme o nosso ritmo acelera, e começo a vir-me.

Mas, então, olho para cima, vendo Kaleb.

O meu corpo imobiliza-se, mas Noah continua a investir, mal reparando.

Kaleb está parado no canto escuro, os *jeans* desapertados, mas ainda vestido enquanto me observa. Agarro-me a Noah conforme o meu corpo se move para cima e para baixo no colchão com os impulsos dele, com o olhar de Kaleb a deixar-me ainda mais excitada. A minha rata contrai-se, não pestanejo, e o meu corpo retesa-se, todos os músculos enrijecendo ao vir-me.

Grito bem alto, olhando para Kaleb enquanto tremo, tentando respirar. O orgasmo abala-me por completo, sem que o olhar dele vacile enquanto o irmão me fode e a minha rata aquece conforme se humedece mais. Quero saber o que lhe vai na cabeça. Quero que saiba o que isto significa para mim, e amá-los é o único momento em que me sinto corajosa.

Faço com que eu e Noah rolemos e prendo-o de barriga para cima enquanto o monto.

Agora, é a vez de Kaleb.

Noah suga o ar por entre os dentes, agarrando o meu corpo com força, mas não fico ali. Dando a volta, ofereço-lhe o meu traseiro e olho por cima do ombro para Kaleb, para que ele possa observar.

Levo a mão abaixo de mim, volto a encaixar Noah dentro de mim e baixo-me de novo sobre ele.

Lentamente, meneio as ancas, olhando para trás para ele ainda no canto enquanto monto o irmão. O pénis de Noah entre e sai e ele agarra o meu traseiro com ambas as mãos, grunhindo.

– Foda-se, Tiernan – geme.

Ele curva os joelhos para cima, para me poder apoiar nele enquanto me movo, mas sustenho o olhar no de Kaleb.

Quero ver-te feliz.

Desfaço as tranças, deixando apenas a fita, e o olhar dele percorre as minhas costas até ao meu traseiro enquanto este se move, rolando para cima e para baixo em cima do corpo de outro homem.

Curvo o dedo.

E juro que vejo um pequeno sorriso.

Ele aproxima-se e indico o espaço na cama à minha frente. Percebendo o que eu pretendo, aproxima-se do fundo do colchão e baixa os *jeans*, subindo para a cama e ajoelhando-se ao fundo.

Olho para baixo, o coração falhando uma batida e a boca a secar ao mirá-lo. Naquele dia, no celeiro, não tinha conseguido ver tão bem.

Fodendo Noah, inclino-me para a frente e tomo Kaleb na minha boca, com o seu músculo comprido e grosso duro como uma rocha. Agarro a base, pois não consigo enfiá-lo todo, e chupo lenta e gentilmente, lambendo e provocando com a língua.

Ele passa os dedos pelo meu cabelo e balanço em cima de Noah, os nossos gemidos a encher o quarto enquanto o inverno mostra a sua fúria no exterior. Recorrendo ao meu braço são para me manter erguida, afago-o suavemente enquanto deposito beijos pelos abdómens deles acima, deleitando-me com a sua pele macia e retesada e com o seu sabor.

Voltando a descer, mergulho mais a minha boca nele, sentindo-o a tocar ao fundo da minha garganta. Ele agita-se, soltando um gemido estrangulado desde o fundo da garganta.

Movo-me para cima e para baixo em cima dele, rolando o meu traseiro para Noah enquanto chupo Kaleb, parando de vez em quando para lhe chupar a ponta, saboreando um pouco do seu sémen.

Noah crava os dedos nas minhas ancas, investindo em mim desde baixo, e sei que está prestes a vir-se. Mas Kaleb agarra-me e arranca-me do seu pénis tenso, beijando feroz e intensamente a minha boca. Desce da cama, puxando-me com ele, e empurra-me de novo para a cama, desta vez virada para Noah.

Estreito os olhos, sem compreender. O quê?

Empurra-me desde trás, forçando-me de volta para a cama, e ponho-me em cima do irmão, uma *cowgirl* normal desta vez. Deslizo para cima de Noah, com Kaleb a empurrar-me para a frente para cima do corpo do irmão. Por momentos, deixo de respirar. O que está ele…?

Então, sinto-o.

Ele, atrás de mim. Entre as nossas pernas, os dedos dele a entrar no meu… outro espaço.

Reteso-me.

Ahh… Alinho em muito, mas não me parece que isto seja… boa ideia.

Kaleb puxa-me para cima e vira-me a cara para ele, orientando as minhas ancas. Movo-mo sobre Noah, sustendo o olhar de Kaleb enquanto ele me provoca o traseiro, movendo a ponta do dedo dentro de mim.

Engulo em seco, retesando-me, mas ele leva a minha mão para a minha rata, indicando-me que me prepare.

Massajo o clitóris em círculos suaves e lentos e é onde permaneço por um minuto. Noah a afagar-me as mamas enquanto eu brinco comigo e o dedo de Kaleb permanece dentro de mim. Lentamente, relaxo.

E, ao fim de uns minutos, começo a recuar na direção dele, o meu orgasmo de novo a aproximar-se.

O dedo dele sabe bem. Sabe mal, mas de todas as maneiras boas.

Com suavidade empurra-me para a frente e mergulho na boca de Noah, subindo e descendo sobre o pénis dele.

O pénis de Kaleb pressiona-me, começando a entrar em mim, e expiro longamente, movendo-me para lá enquanto ele pressiona.

Sinto um fogo líquido a percorrer-me e inspiro com força por entre os dentes enquanto ele entra muito devagar. A cada respiração, penetra mais e aceito-o lentamente, ajustando-me e relaxando.

– Linda menina – diz Noah. – Bem te avisei.

Solto uma gargalhada débil. *Avisaste, pois.*

Ele disse-me que Kaleb queria desta forma.

O meu corpo aceita-os a ambos e lentamente começamos a mover-nos. Noah cobre um seio com a mão e com a outra segura-me o pescoço, enquanto Kaleb toma o outro seio e me agarra a anca. Rolo sobre Noah, tomando Kaleb dentro de mim e balanço para trás, saindo de Kaleb ao entrar em Noah.

Fecho os olhos, arqueando as costas e espetando o traseiro para fora para Kaleb. Kaleb investe em mim, com o nosso ritmo a acelerar depressa, e ao fim de um momento cabe aos rapazes todo o trabalho. Noah fode-me desde baixo, enquanto Kaleb bombeia no meu traseiro uma e outra vez, tudo preenchido e com o meu corpo em brasa.

– Gostas? – questiona Noah.

Assinto com a cabeça, delirante de prazer.

– Sim.

Kaleb fode-me o traseiro, mas puxa-me para ele para que o beije e os seus lábios são absolutamente macios e doces.

Olha para mim, com ambos os rapazes a não largarem enquanto não tomam o que desejam.

Mas, para mim, o tempo parou.

O olhar dele sustém o meu enquanto me acaricia o rosto e sinto que ele quer dizer tanto, mas não o faz. Só que eu sinto-o.

Sinto-me segura.

– Kaleb – digo, sobre os lábios dele. – Amanhã, voltas a fazer-me isto?

Ele assente e enterra a boca no meu pescoço. Sorrio.

Afagam-me os seios e esforço-me por controlar os meus gemidos.

Céus, o que vai dizer Jake? Ou fazer?

– O nosso segredinho – diz Noah, vindo acima para me chupar o mamilo. – O nosso doce segredinho.

Beijo Kaleb e Noah beija-me e agarro a cabeça dele junto ao meu corpo, adorando a sua língua na minha carne.

Pele em pele enche o quarto enquanto o meu traseiro bate em Kaleb e Noah se retesa por baixo de mim, gemendo.

Arrasto as minhas unhas pelas coxas enquanto Noah investe dentro de mim e se vem, e Kaleb segura-me a cara virada para ele, fitando-me intensamente enquanto fodemos.

Aperto-me em volta dele, sentindo o meu orgasmo a surgir de novo, e massajo o clitóris para ajudar.

O meu corpo aquece, os meus nervos a disparar dentro de mim quando a sensação de ambos os orifícios preenchidos me faz perder a cabeça. Grito, vindo-me enquanto Kaleb me agarra o cabelo e me penetra com mais força, enterrando-se até ao fundo.

– Oh, céus! – grito.

Os meus seios saltam enquanto ele monta o meu traseiro e já não aguento mais, arquejando por ar enquanto ele verte dentro de mim.

– Meu Deus – arquejo, tremendo.

Escorre-me suor pelas costas e Kaleb larga-me, deixando-me tombar sobre Noah. Os nossos corpos molhados colam-se, mas não me importo. Noah envolve-me com os braços enquanto Kaleb tenta acalmar atrás de mim, a sua mão a pressionar o fundo das minhas costas.

Fecho os olhos, saciada e nas nuvens. Não faço ideia do que trará o amanhã, mas sinceramente nem quero saber. Estou exatamente onde desejo e por esta noite, pelo menos, vou ficar.

Los Angeles e a vida que lá tive em tempos está a um milhão de quilómetros. Este é o meu lar.

Um pouco mais tarde, o fogo crepita enquanto Noah dorme profundamente e Kaleb me agarra junto ao seu corpo. Vou dormitando, ouvindo o vento a soprar, mas cá dentro sinto-me quente e segura.

Algo me puxa o cabelo com tal gentileza que noto vagamente a seda macia a correr sobre a minha testa. Pestanejo ao abrir os olhos e vejo Kaleb a segurar a minha fita vermelha na mão e a levá-la sob a cabeça, enfiando-a de volta para dentro da fronha.

Sorrio, contendo o riso, e volto a adormecer.

24

Tiernan

Desperto, a luz matinal a incidir no meu rosto, e sacudo-me, fechando de novo os olhos ao virar-me para o outro lado.

Mas ao rodar sobre o meu braço esquerdo, a dor irradia até à ponta dos meus dedos e tudo regressa a mim numa torrente. Gemo, erguendo-me de repente.

O lençol tomba até à minha cintura enquanto olho em redor pelo quarto – o quarto de Kaleb – e dou por mim sozinha.

Olho para o meu braço ligado, vendo sangue a escorrer. Meu Deus, onde estava eu com a cabeça na noite passada?

Sinto uma dor na cabeça e retraio-me, massajando a nuca. Depois do incêndio e do ferimento, decidi perder a cabeça e…

Surgem de repente imagens de nós os três e abano a cabeça para clarear as ideias. Não consigo enfrentar. Ainda não. Não é que não tenha adorado em absoluto tudo o que aconteceu aqui na noite passada, mas não o deveria ter feito.

Credo. Cambaleio para fora da cama, as pernas fracas enquanto deito a mão à primeira peça de roupa que encontro no chão. Sinto-me necessitada de um Ibuprofeno e de um duche. Todo o meu corpo arde.

A hora que cintila no relógio da mesinha de cabeceira marca 2h16, mas sei que já é mais tarde. Devem ter voltado a ligar a eletricidade, graças a Deus.

Visto a *T-shirt* preta, com o odor de Kaleb a vaguear até mim, e sinto pele de galinha a espalhar-se pelas minhas pernas ao recordar como soube tão bem.

E, por momentos, dou por mim de novo perdida. Noto uma leve dor no coração, ao sentir ainda os olhos dele. A sua boca. Os seus braços.

Algo começa a fazer bip no exterior e pestanejo, ao ouvir a escavadora. Faz esse som em marcha-atrás. Devem estar a tratar dos estragos.

Saio do quarto, rumando ao rés-do-chão, e espreito através da porta aberta de Noah ao entrar na casa de banho. O quarto dele está vazio. Não é nada dele estar a pé a esta hora a lidar com as tarefas da casa, pelo menos por vontade própria. Deve estar com imenso receio do pai.

Como é que começou o incêndio? Agora que já clareei a mente, não faz sentido. Vivem aqui desde sempre. Jake ensinou-os a serem diligentes a desligar as máquinas e a não deixarem fogos acesos sem ninguém por perto.

Entro cuidadosamente na casa de banho e levo a mão atrás da cortina do chuveiro, ligando a água. Deve ser algo que não encaramos como um problema. Tal como disse Noah, talvez um problema elétrico.

Apoiando-me sobre o lavatório, ergo um pouco o braço, gemendo ao doer-me. Os músculos estão tensos e olho para lá, começando a desenrolar a gaze.

Mas ouço passos a entrar na casa de banho e olho, dando com Kaleb. Duche tomado, barbeado, envergando *jeans* lavados e uma *T-shirt* azul-marinho, e as minhas faces ruborizam ao pensar como adorei tudo nele na noite passada.

E aqui estou eu, suja, com o cabelo escorrido sobre a cara e com uma noite de sangue e suor sobre mim. E não apenas o meu suor.

Ele transporta a caixa de lata vermelha e aproxima-se, pousando-a e puxando o meu cabelo para trás, inspecionando-me o rosto. A minha pele aquece ao seu toque e, quando ele roda a minha cabeça, acariciando-me a face, levo um minuto a perceber o que faz.

As chapadas. Está a verificar se não fiquei marcada.

Olho para a boca dele, desejando que tivesse sido possível ouvir-lhe a voz na noite passada. Quase me pareceu que a ouvi uma ou outra vez.

Levanto a mão, tocando-lhe também na face, começando a acreditar que imaginei tudo o que saiu dele na noite passada, mas… ele vira-se, recuando um pouco.

A minha mão fica ali, suspensa enquanto baixa a sua e começa a remexer na caixa.

Surgem-me lágrimas nos olhos. O velho Kaleb está de volta.

– Kaleb… – murmuro.

Ele não estabelece contacto visual – os seus olhos estreitaram ao remover o resto das ligaduras e começa a limpar os pontos.

– Não sei o que dizias na noite passada – digo-lhe. – Mas senti-o.

Ele faz-me sentar na beira da banheira e agacha-se, envolvendo uma nova ligadura sobre o meu braço.

Fito-o, a vergonha a começar a tomar conta de mim ao ver que não olha para mim.

Ontem à noite não me senti mal. Na altura, não senti a vergonha.

Agora, ele há de estar a pensar na agenda da puta. Quem fica comigo à quinta-feira? À terça? Encontramo-nos na minha cama ou vou ter à tua?

Tento engolir com a boca seca, as lágrimas acumulando-se.

– Senti-o – sussurro de novo.

Senti-o e o quanto foi perfeito e o quanto quis enroscar-me para sempre dentro dele. Foi um momento perfeito quando me alinhei por completo num instante do raio, e senti-me plena e forte. Tais momentos são raros.

Os lábios dele contorcem-se, as mãos abrandando, mas então volta a concentrar-se, prendendo a ligadura à volta do meu braço.

Estendo a mão.

Lentamente, ergo o meu braço direito, quase como se estendesse a mão a um cão para que farejasse ao cumprimentá-lo.

Sinto-o a retesar-se quando as costas da minha mão deslizam pelo rosto dele, e sustenho a respiração.

Só quero saber que foi real. Naqueles momentos, pertenci-lhe.

Por fim, fecha os olhos, expira e recosta-se na minha mão, cedendo.

Sinto um aperto na garganta, mas travo as lágrimas ao acariciar-lhe a têmpora.

– Não quero voltar a brigar contigo – digo-lhe. – Eu vou embora, está bem? Não tens de temer-me.

Abre os olhos, as suas sobrancelhas carregadas de dor, mas não olha para mim.

– Eu vou embora. Não vou estragar-te este lar. Não vou magoar-te – sussurro. – Prometo que parto.

Deixa-nos apenas aproveitar este tempo.

Ele abana a cabeça e não sei o que pretende transmitir, mas, quando penso que vai levantar-se e partir, a sua cabeça tomba, afundando-se no meu colo.

Imobilizo-me, olhando para baixo, para ele. O seu cabelo preto não é verdadeiramente preto agora que posso aproximar-me o suficiente para ver a tonalidade em cima. E a tatuagem, que se estende desde debaixo da orelha e pelo pescoço na vertical, até assim tão próximo a letra cursiva é demasiado fina para ler.

Não interessa. Kaleb tem coisas a dizer. Só não precisa que alguém escute.

Ali sentada, agarro a beira da banheira, com qualquer coisa no meu peito a sentir como se algo se estilhaçasse enquanto ele se debate por ar com a cabeça baixa.

Vejo-o desfocado à minha frente quando os meus olhos se enchem de lágrimas. Não vai ser fácil… deixá-los.

Engulo em seco. Um sentimento, não um lugar.

Amá-los despertou tudo dentro de mim e não quero voltar a ser quem era. Posso desejar que esta mudança tivesse ocorrido de maneira diferente, mas alguns de nós não vão lá só com calor. Têm de se queimar com o fogo.

Estendendo os braços, deslizo as mãos pelas costas dele e curvo-me, abraçando-o.

Cerro os olhos, saboreando o momento.

Mas nesse instante ouço passos fortes a subir as escadas e uma sombra abate-se sobre a casa de banho.

– O que raio aconteceu? – alguém grita.

Arregalo os olhos. *Jake*.

Fungo, secando os olhos ao sentar-me, mas evito o seu olhar quando surge à porta. Kaleb ergue-se e recua face a mim.

O que raio faz Jake já de volta? O que lhe digo?

Mas ele parece não ter reparado que eu e Kaleb estávamos abraçados.

Aproxima-se rapidamente de mim.

– Porra… – Pega no meu braço, erguendo-o com gentileza para inspecionar as ligaduras e depois baixando-se para apanhar a ensanguentada do chão.

– Está tudo bem – asseguro-lhe.

Ainda assim, lança um olhar fulminante a Kaleb.

– Deixo-vos sozinhos uma noite!

Kaleb devolve o olhar e sinto o estômago de imediato a afundar-se. Céus, zangados são iguaizinhos.

Mas, então, Kaleb mostra um sorriso malicioso e, não sei bem porquê, isso irrita ainda mais Jake, que sacode a cabeça, ordenando-lhe que saísse.

Kaleb sai, mas não sem antes voltar a olhar para mim.

– Está tudo bem – volto a afiançar-lhe assim que Kaleb parte. – Os animais estão bem, eu estou bem.

Jake bate a porta e aproxima-se, ajoelhando-se no lugar de Kaleb e desenrolando a ligadura para ver. Tem as faces e o nariz queimados pelo vento e os pelos de barba no queixo são um pouco mais escuros do que o cabelo.

– Houve um incêndio a meio da noite – conto-lhe. – Graças a Deus que acordámos. Conseguimos apagá-lo, mas magoei-me ao tentar tirar a *Shawnee* do celeiro. Não foi culpa dos rapazes.

Ele larga a ligadura e inspeciona os pontos.

– Porra – dispara. – Malditos sejam.

– Não foram eles a fazer isto – explico. – Mas foram eles que me trataram.

Abana a cabeça, sempre a olhar para o ferimento. Levantando-se, retira uma toalha da estante e humedece-a, ao mesmo tempo que pega na vaselina guardada na farmácia.

Olho para ele, com a preocupação a instalar-se no meu estômago.

– Voltaste mais cedo.

Se tivesse regressado dez minutos mais cedo, teria dado comigo na cama de Kaleb.

Se tivesse regressado na noite passada, ele…

Não é algo que tivesse planeado esconder-lhe, mas não quero que pense que a ausência dele foi motivo de regozijo ou que foi planeado.

– Fui obrigado a voltar – conta-me, pousando material e despejando uns comprimidos de Ibuprofeno na mão para mos passar. – A neve ficou demasiado profunda e o vento demasiado forte. Não ia aguentar outra noite lá fora.

Baixa-se sobre um joelho e limpa em volta dos pontos, adicionando vaselina enquanto engulo os comprimidos.

Olho para ele, os seus lábios a uns trinta centímetros enquanto me trata os ferimentos.

– Aconteceu outra coisa ontem à noite – segredo.

Abranda por um momento, mas depois prossegue, sem olhar para mim.

– Depois do incêndio… – prossigo. – Com os rapazes.

Não pestanejo, nem ele evita o meu olhar. Sinto o estômago às voltas.

– Eu…

– Com ambos? – questiona, olhando para baixo para pegar em gaze que deixara cair ao chão.

– Eu… hum…

Mas não consigo dizê-lo, nem ele me obriga.

Cinge os lábios enquanto me envolve o braço na ligadura.

– Trataram-te bem?

Os meus olhos ficam marejados e assinto com a cabeça. Ele não grita. Não sei ao certo se estou magoada por ele não ter ciúmes ou grata por não sentir repulsa.

Mas ele tem ciúmes. A sua expressão tensa e as palavras suprimidas indicam-me isso.

Abro a boca para explicar. Amo-o, mas…

Não sei.

Deixo cair a cabeça. Não sei como explicar isto. Ou o que sinto em relação a eles.

Simplesmente, nunca me pareceu errado. É tudo o que sei.

Antes, pareceu errado. Mas aqui não. Não com eles.

– Eu…

– Já acabaste de preencher as candidaturas para a universidade? – pergunta, interrompendo-me.

Pestanejo, calando-me.

Hum?

Candidaturas para a universidade?

Então, é isso? Não vai complicar isto?

Procuro palavras, aproveitando a saída fácil que me estende.

– O quê, estás a tentar livrar-te de mim? – troço.

– Bem, só com um braço já não serves para cozinheira.

Rio-me, com o alívio a tomar-me enquanto abano a cabeça.

E, então, lanço-me a ele, envolvendo-o com os braços pelo pescoço para o abraçar. Ele paralisa por um momento, mas depois relaxa, correspondendo ao abraço enquanto nos levantamos.

Obrigada.

– Já estás bem? – Ergue a cabeça e olha-me de alto. – Ou precisas de ajuda com o chuveiro?

Ele aponta para o chuveiro ligado, agora quente e a encher a casa de banho de vapor.

– Estou bem.

Acho que sou capaz de lavar o cabelo com uma mão.

Coço a cabeça, perplexa. Não faço ideia do que sucederá com os três quando sair desta casa de banho.

Mas nada tem de acontecer, a não ser que eu queira. Há sempre isso.

Posso pôr um fim a tudo agora mesmo.

Dispo a camisa e ele pega-me na mão, ajudando-me a entrar no chuveiro. Vou a fechar a cortina, mas cruzo os meus olhos com os dele e vejo ali o olhar. Aquele que indica que está a pensar entrar comigo.

Mas ao ver a tentação a passar-lhe pelos olhos, reparo por fim que simplesmente suspira, abana a cabeça e revira os olhos, fechando a cortina entre nós.

Logo de seguida, a porta da casa de banho abre-se e volta a fechar, e sorrio para mim mesma. *Graças a Deus que ele tornou tudo simples.*

Mas uma coisa é certa. Quando a esmola é grande o pobre desconfia.

Esta noite vou dormir sozinha.

– Leva os cavalos para o picadeiro e começa a limpar os destroços.

– Já está feito – ouço Noah dizer ao pai enquanto desço as escadas. – Vou agora passar o ancinho pelos estábulos. Oh, e o Henderson enviou um *email* por causa da encomenda dele, por isso vai tratar das especificações novas que eu trato do celeiro.

Entro na cozinha e vejo Noah a retirar um pequeno prato do micro-ondas enquanto contorno a ilha na direção da bancada para me servir de água.

Ele pousa o prato no balcão, com o olhar a incidir no meu braço.

– Está bom?

Encho um copo e assinto, mostrando-lhe um meio-sorriso.

– Está bom.

Um pouco melhor após o meu duche e o Ibuprofeno, na verdade. O calor aplacou a maior parte das dores no meu corpo.

Ele fita-me, com um leve sorriso a bailar-lhe nos lábios, e sinto uma impressão no estômago, que me tira o fôlego. Fez exatamente o que dissera que ia fazer na noite passada. Fez amor comigo. Beijou-me tanto.

Beijou-me tanto na noite passada. As minhas faces ruborizam, ao recordar.

Empurra o prato na minha direção, sorrindo maliciosamente, pois sabe exatamente o que me vai na cabeça.

– O teu *muffin* está quente.

Soergo uma sobrancelha e retiro o *muffin* do prato, pegando no meu copo e afastando-me. Ouço-o a resfolegar atrás de mim.

Pouso o prato na ilha e dou uma trinca enquanto Noah sai. O sabor doce deixa-me com água na boca. Jantei na noite passada, mas tenho uma fome tal que parece que não como há dias.

Ergo o olhar, vendo Jake com as sobrancelhas franzidas a fitar a porta por onde Noah acabou de sair.

– O que se passa?

Jake pestaneja, sacudindo a cabeça.

– Ele está a ser prestável – responde –, de livre e espontânea vontade.

Avança para o bule de café e serve-se de uma caneca enquanto eu baixo a cabeça, para que não me veja sorrir.

– E o café já está preparado – acrescenta, olhando para o bule com espanto.

Dou outra trinca. As pessoas felizes são mais agradáveis. Isso eu sei. Hoje, Noah mostra-se responsável porque hoje sente-se feliz.

– Não tens frio? – ouço Jake perguntar.

Olho para lá, vendo-o a fitar o meu braço despido, pois visto um *top* com apenas um braço dentro da camisola. O outro lado está enfiado por cima do ombro.

– A manga irrita-me a pele. – Prendo o cabelo atrás da orelha e dou outra trinca.

Aproxima-se.

– Devias ficar na cama. Não devias andar por aí às voltas. Nós conseguimos tratar de tudo.

– Não quero ficar na cama.

Pensei nisso. Quanto mais não fosse para pôr o sono em dia, mas…

Não quero estar no meu quarto. Não quero estar onde eles não estão.

Mastigo mais devagar. Vai doer partir quando a neve derreter, não vai? Sinto a falta deles quando não estou perto. Como é que vai ser estando num estado diferente quando nem sequer quero estar num quarto diferente do deles?

– Foste tu que desenhaste isto?

Como? Regresso à realidade e viro-me, seguindo o olhar dele. Ambas as portas do frigorífico encontram-se pejadas de esboços para as alterações que estou a fazer nas peças de mobiliário. Endireito a coluna e avanço para o frigorífico, baralhada. Pensei que os tinha deitado fora.

Uma das folhas de papel vegetal está amarrotada, pois foi atirada ao lixo e depois de lá retirada. Os outros desenhos, enfiei-os por baixo do sofá quando acabei de trabalhar há dias na sala de estar e não queria que alguém os visse.

Agora estão ali pendurados.

Levo apenas um momento a perceber quem os pôs ali. Viro a cabeça, vendo Kaleb pôr uma sela sobre o ombro e levar *Shawnee* de volta ao estábulo. Sorrio sozinha.

– São bons – comenta Jake. – Mal posso esperar para ver o produto pronto.

Não sei o quanto conseguirei fazer com um braço inutilizado, mas estou entusiasmada por regressar à oficina. Jake pega na sua caneca e vai a sair da cozinha, mas depois vira-se e olha-me, de repente sério.

– Não quero que te aventures para fora da propriedade – diz-me. – E não vás lá fora à noite, está bem?

– Porquê? – Ele ensinou-me a lidar com animais selvagens.

Mas ele diz-me:

– O fogo começou no sótão. Não há lá nada que o pudesse ter causado.

Olho para ele. Então… Não foi um problema elétrico ou algo feito pelos rapazes? O que…

Então, percebi. Foi fogo posto?

– Pensei que tivesses dito que não chega ninguém cá acima? – digo.

– Não. – Abana a cabeça. – Eu disse que as estradas estão fechadas.

Sai da cozinha e fico de boca aberta a olhar para ele. Não pode estar a falar a sério. Pode ter estado alguém aqui na noite passada?

Ajusto a minha pistola de *spray*, rodando o botão para uma definição mais baixa, e recuo, pulverizando uma leve camada de tinta dourada sobre as partes mais pronunciadas da cómoda azul. Violeta e verde. Lixo o perímetro do topo, assim como as pernas e os quatro cantos.

Desligando a pistola, pouso-a e retiro a máscara e os óculos de proteção, e adoro o modo como o azul passa a verde. O dourado dá-lhe um brilho e assim que os puxadores forem aplicados de novo acho que vai ficar um espanto.

Sorrio. Gosto.

Removo o suporte para o braço que Jake me aplicou, olho para a ligadura, não vendo sangue a escorrer. Não preciso mesmo do suporte, em especial por me ter magoado no braço esquerdo, e hoje tenho-me desenrascado bem com a mão direita, mas Jake tem razão. Mantê-lo imóvel ajuda a controlar a dor.

Engulo duas aspirinas com um pouco de água e passo por Noah e Jake ao regressar a casa.

Enquanto lavo as mãos, espreito pela janela, vendo os ramos e agulhas carregados de neve, um leve vento a sacudir uma espécie de pó nos rochedos em redor do celeiro e dos estábulos. Desta perspetiva, o celeiro parece estar bem. Não vejo o outro lado e todo o canto ardido. Graças a Deus que a maior parte ainda é utilizável. Os rapazes passaram a manhã a limpar os destroços e a remendar o que fosse possível com o material que tínhamos à mão antes de voltar a pôr lá o feno.

A luz vermelha no meu telemóvel acende-se enquanto seco as mãos e viro-o e vejo uma chamada não atendida de Mirai. Suspiro.

Se falar com ela, devo começar por onde? Conto que me feri com destroços em queda num celeiro em chamas ou que estivemos envolvidos numa perseguição policial ou que terei sorte se sair daqui no próximo verão sem engravidar?

Não. Não me sinto preparada para deixar entrar o mundo.

Ignoro a chamada.

Mas olho duas vezes ao ver a data no telemóvel. É quase dezembro. *Natal*.

De repente, olho para o exterior e vejo as árvores que nos rodeiam. Parecem árvores de Natal. Debruço-me sobre a bancada para ver onde estão. Duvido que Jake tenha posto muitas decorações quando os rapazes eram crianças, mas tenho a certeza de que fez uma árvore. Ele não é o Grinch.

E tenho a certeza que cortou uma árvore do seu próprio pátio das traseiras.

Afasto-me do balcão e quase salto para o armário, agarrando o meu casaco, chapéu e luvas. Visto tudo rapidamente e depois descalço as sapatilhas e calço as botas. Envolvendo o pescoço com o cachecol, corro pela cozinha até à oficina, retiro uma tesoura de poda da estante das ferramentas e saio antes que Jake ou Noah levantem as cabeças das motos e me façam perguntas.

O frio mordisca-me as faces e nariz, mas as nuvens rolam no céu, prometendo mais neve, e nada me afasta o sorriso do rosto. Caminho sobre a neve, enterrada até ao joelho ao subir a pequena inclinação entre os estábulos e a oficina rumo à árvore mais perfeita que se encontra em frente. Reparei nela há meses, mas com a neve por cima é ainda mais bela. Tem quatro metros e meio de altura e conta com um círculo perfeito na base, crescendo até uma ponta afiada, a forma perfeita.

Mas não vou derrubá-la. E não vou pedir a Jake. Isso seria uma vergonha.

Mas preciso de podar-lhe umas franjas. Isso não lhe falta.

Avançando, enrosco os dedos dos pés nas botas face à neve fria que se infiltrou e bato nos ramos, limpando a neve.

Inclino-me para a frente, fechando os olhos.

O aroma a pinheiro e a neve cheira a Nárnia e a Natal. Quase dá para sentir o cheiro a papel de embrulho.

Estendo a tesoura de poda e corto um dos galhos preso a um ramo. Aperto os punhos, rodando o pequeno galho para a esquerda e para a direita, mas está gelado.

A neve cristalina tomba de um ramo e aterra na faixa estreita despida do meu pulso e quase dá para sentir o sabor puro no ar. Puxo o galho, torcendo-o, mas de repente alguém passa um braço por mim e corta-o num

movimento único.

Viro-me de repente, vendo Kaleb a olhar para mim. A hesitação por norma presente no seu olhar desapareceu, substituída pela calma. Passa-me o galho e aceito-o.

– Queria fazer algo para a casa – digo tranquilamente.

Mas ele não responde, naturalmente. Kaleb não quer saber do que eu faço ou porquê.

Estendendo o braço, arranca outro galho, com as agulhas espalhando a sua neve sobre as minhas botas enquanto ele segura o ramo para mim.

Assinto com a cabeça, aceitando-o. Abro a boca para agradecer, mas detenho-me. Em vez disso, olho-o nos olhos e digo-lho através de um leve sorriso. Sem esperar que ele se afaste, aponto para outro e estica os braços à minha volta até lá e corta o galho, depositando-o no meu colo. Indico um ramo mais alto e ele estica-se por cima da minha cabeça, voltando a usar a sua faca.

Contornamos a árvore, escolhendo galhos giros e compridos com muitas agulhas e não sei ao certo quanto tempo durará a nossa trégua, mas tenho a certeza de que mais se prolongará quanto menos eu falar.

O ramo seguinte parte-se, espalhando neve por cima de mim e aterrando nas minhas pestanas e nariz. Um pingo aterra em cheio na face e arrepio-me, sacudindo a cabeça e limpando a cara. Sorrio, mas sem rir. Não faço qualquer som. Ao olhar para cima, Kaleb fita-me com um toque de diversão nos lábios.

Agarro o ramo e bato-lhe com ele, a sua cabeça a desviar-se para evitar a vergastada da neve, mas deteto o sorriso dele.

O meu some-se, sentindo uma picada atrás dos olhos ao olhar para ele. É a primeira vez que vejo algo assim. Algo parecido com felicidade no seu olhar.

Olha-me nos olhos e depressa pestanejo para afastar as lágrimas, sem saber ao certo o que raio se passa comigo. Trata-se apenas de um sorriso maravilhoso, porque nunca o vira.

Passamos ao galho seguinte e indico-lhe com um aceno para que corte aquele e mais uns quantos ali perto. Deposita-os nos meus braços quando o vento se espicaça e ouvem-se trovões. Um arrepio percorre-me a espinha.

Ele volta a estender as mãos à minha volta, abrangendo-me com os braços ao pousar o último galho no meu colo, e fico ali, à espera de outro ramo, mas…

Não vem.

Fecho os olhos, sentindo a neve leve a tocar-me nas faces.

Quero dar a volta.

E não quero.

Kaleb assusta-me. Fazer amor com ele foi como… *Se eu nunca mais voltasse a acordar.*

Como se estivesse suspensa. Não gostei.

Mas amei.

Perdi-me, mas em paz. À deriva. Com Noah e Jake consigo ver o futuro. Sei o que vai acontecer. No entanto, com Kaleb, não há nada. Não vejo os próximos cinco minutos, porque os sentimentos evoluem. Ele muda-me.

Tenho medo de ficar sem pé. Não quero voltar a ser quem era. Assustada, à espera, incerta… Não quero que volte a haver alguém com tanto poder sobre as minhas emoções.

Ele limita-se a ficar ali atrás de mim, com o seu calor a eriçar-me os pelos da nuca, e olho para os braços dele ao meu lado, sentindo a sua cabeça a tombar sobre a parte de trás da minha.

Sinto um alto na garganta.

Mas mesmo assim recosto-me nele, com um fogo a correr através do meu sangue.

É assim que ele fala comigo.

O seu hálito quente atinge a parte de trás do meu cabelo conforme me retira lentamente o chapéu, o cabelo a esvoaçar-me na cara ao mesmo tempo que me reteso.

A seguir, baixa o braço com força, derrubando os galhos que eu seguro.

Sinto um aperto no peito.

Os galhos caem ao chão e cerro os punhos, com o meu sangue a fervilhar. Um tornado açoita-me o estômago e paraliso. *Merda*.

As suas mãos percorrem os braços do meu casaco preto, os dedos cingindo-me, e decorre apenas um momento até assentar a mão nas minhas costas e me empurrar para a frente.

Arquejo, cambaleando na neve. O medo leva o meu estômago a encolher um pouco, mas também aquece, fazendo o mundo girar. Endireito-me, prestes a dar a volta, mas ele dá-me um leve empurrão, não para a casa ou para a oficina, mas… na direção do celeiro.

Espreito para a porta fechada da oficina. Noah e Jake provavelmente ainda trabalham tranquilamente no interior.

Volta a empurrar-me. E uma vez mais até eu começar a caminhar por mim.

Vapor ergue-se em volutas da minha boca, o meu cabelo caindo-me sobre os olhos, e olho para trás de mim para ver o seu olhar preso em mim, seguindo cada passo.

Não sejas gentil. Não deixes que me esqueça o que sou para ti.

Continua a empurrar-me e desta vez rodo de repente para trás, pronta a rechaçá-lo, mas ele investe contra mim, empurrando-me contra o celeiro.

Ele é assim. Uma brisa num segundo, um ciclone no seguinte.

Faz exatamente o que quer.

Mal respiro enquanto paira sobre a minha boca. Abrindo as minhas mãos fechadas, arranca-me as luvas e desabotoa o meu casaco preto. Agarrando as lapelas, puxa-me para ele, avançando para os meus lábios.

Mas viro a cabeça para o lado.

Nada de beijos desta vez.

Cingindo os dedos, volta a puxar-me para ele, baixando a boca, mas só chega a um par de centímetros. Mantenho-me atrás, abanando a cabeça.

Não.

A sua carranca queima-me a pele.

Agarra-me pelo maxilar e cerro os dentes quando me vira a cara para cima, os lábios dele a chocar com os meus. A boca dele arde de raiva, mas mantenho-me firme, aguentando os lábios fechados conforme o afasto.

– Ugh! – rosno.

Ele cambaleia para trás e lanço-me em frente para fugir, mas agarra-me novamente, uma mão no casaco, outra no cabelo, segurando-me enquanto força a língua dele na minha boca. O calor quente projeta uma onda de choque por mim fora e os meus joelhos cedem. Quero envolvê-lo com os braços.

Quero desfrutar disto.

Mas desvio a cara, os lábios dele afundando-se no meu pescoço.

– Kaleb, não – digo, sufocada.

Nada de beijos.

Descola a boca de mim, abre a porta e enfia-me lá dentro, seguindo-me e fechando a porta atrás de nós. Dispo o casaco, a lã a roçar nos meus pontos quando me liberto atabalhoadamente dele. Inspiro fundo face à dor no meu braço, mas quase de imediato esqueço-a.

Apresso-me a recuar, enfrentando-o, mas incapaz de olhar para ele. Se olhar para ele, vou perdê-lo. Desejo-o mesmo muito.

– Só não quero beijos – murmuro, mais para mim do que para ele. – Por favor.

Assustas-me.

Avança para mim e lanço um olhar de preocupação à porta atrás dele, mas agita-se quando o vento espicaça e uiva lá fora, e sinto-me encurralada. Estamos aqui sozinhos.

Avança lentamente na minha direção e recuo, batendo numa viga de madeira e retraindo-me ao contorná-la. Olho para os pés dele, vendo a sua camisa de flanela azul e preta a cair no chão, seguida pela *T-shirt* preta.

Mas não ergo o olhar ao parar e ele encurta a distância entre nós. Cingindo a minha cintura, ergue-me com gentileza e leva-me até à parede, pousando-me.

Abano a cabeça. Não gosto dele assim. Não gosto dele gentil.

Cravando o braço na parede acima da minha cabeça, inclina-se e toca-me no rosto.

Sinto uma impressão na pele onde foi tocada pela ponta dos dedos dele e tenho de cerrar os punhos para não desatar a tremer. Suavemente, volto a abanar a cabeça.

– Não sejas gentil – sussurro.

Fechando a mão em volta da minha nuca, puxa-me para ele e quase sorrio de alívio. Até os seus lábios me tocarem na testa. Pressiona a boca na minha pele, o calor a espalhar-se pelas minhas têmporas e sobre as faces conforme o seu polegar massaja o meu maxilar. A minha boca abre-se, babando-se com o sabor dele.

Kaleb. Lágrimas marejam-me os olhos. *Por favor.*

O calor do seu corpo rodeia-me e qualquer outra pessoa aqui estaria a gelar, mas nem me apercebo. Os lábios dele abatem-se sobre a minha têmpora enquanto respira contra a minha pele e a minha barriga aquece,

desejando imenso abraçá-lo.

O nariz dele desce pela minha face e depois agarra-me o queixo, erguendo-o para me obrigar a olhar. Mas mantenho os olhos baixos, respirando a custo.

Verga-me e pronto. Despachamo-nos os dois e posso sair daqui. O que está ele a fazer?

Agarra-me a mão e planta-a no seu peito despido, mas cerros os maxilares, avançando antes de imediato para o seu cinto. Desaperto-lhe os *jeans* e enfio lá a mão, agarrando-lhe o membro e massajando-o com força. Mas agarra-me de imediato o pulso e retira-me a mão.

Volta a plantar a minha mão no peito dele.

Sinto calor a correr-me pelos dedos, levando o resto do meu corpo a arrepiar-se, ansioso pelo mesmo calor.

Volta a inclinar o meu queixo para cima, fazendo mais força ao ver que não ergo os olhos e, quando mergulha, tomando os meus lábios, apoio ambas as mãos no peito dele, tentando mantê-lo afastado.

– Não! – Rodo a cabeça para o lado e a mão dele bate na parede junto à minha cabeça, com fúria.

Retraio-me. Volta a agarrar-me a mão, desta vez assentando-a na sua cara, implorando-me para que lhe toque – que olhe para ele, que o veja – conforme os seus lábios se movem sobre as minhas maçãs do rosto e imploram pela minha boca. O seu hálito quente procura desesperadamente o meu.

– Kaleb, não.

Finalmente, afasta-se de repente de mim, o ar frio subitamente a correr entre nós, e ouço a respiração pesada dele, pois voltei a irritá-lo.

Finalmente, olho para cima.

O olhar fulminante dele esventra-me e todos os músculos dele estão retesados. Ele não entende.

Olho para o pai dele. Olho para o irmão dele. Toco-lhes.

E, na noite passada, não me contive na cama dele, mas hoje sei que não posso voltar a ir por aí e ele não percebe, porque é como o raio de uma criança. Toda a gente tem de aceitar que ele não tem de se explicar. Agora, já sabe como é.

Agarrando-me a gola, iça-me para ele, abre a minha camisa à força e projeta os botões pelo ar ao arrancá-la do meu corpo. Levanto os braços para me tapar só com o meu sutiã, sentindo um aperto no estômago ao vê-lo amarfanhar a camisa de Noah com as duas mãos e rasgá-la ao meio, o tecido a gritar enquanto assegura que nunca mais a visto.

Agarrando-me pela nuca, puxa-me para o capô do carro tapado por uma cobertura cinzenta e nem sequer tenho tempo para me endireitar antes de ele me puxar os *jeans* para baixo, descalçando-me botas e meias ao mesmo tempo.

Rosno, erguendo-me, mas levo com a camisa rasgada de Noah na cara e hesito apenas um momento antes de o esbofetear no rosto. Sorri, com o desafio e a ira no olhar ao empurrar-me para trás, puxa-me para ele na beira do capô e assenta uma mão entre as minhas pernas, cerrando os dedos e mostrando-me o que é seu. Arquejo, mas ele leva a mão à minha boca, calando-me enquanto me puxa o sutiã para baixo com a outra mão e cobrindo-me o mamilo com a boca.

E, por um segundo, estamos precisamente a terminar o que começámos na noite em que nos conhecemos. Num carro, ele a tomar o que quer, e eu sem protestar a tempo, pois não quero que pare. Agarro a camisa de Noah, tentando cobrir-me, mas ele expõe a minha outra mama, com a fúria bem patente no seu rosto enquanto afaga a minha abertura, massajando e enfiando os dedos através das minhas calcinhas. Então, pondo-me os braços por cima da minha cabeça, devora a carne dos meus mamilos e o meu coração bombeia intensamente enquanto reviro os olhos para trás. Foda-se.

Não pares. Faz só isto. Não me beijes os lábios, nem me olhes, nem me segures, caralho. *Faz só isto.*

Ergue-se, agarra-me os joelhos por trás e põe-me em posição, abrindo-me as pernas enquanto solta o pénis.

Agarra a camisa do seu irmão junto ao corpo, cobrindo os meus seios, e disponho apenas de um momento até ele me agarrar as ancas e se enfiar dentro de mim.

Cerro os punhos sobre a camisa e fecho os olhos com força quando ele começa a bombar entre as minhas pernas, as minhas costas a roçar no carro conforme investe com força e depressa até por fim estar todo lá dentro.

Deixo escapar um gemido. *Oh, meu Deus.* Pestanejo para o ver curvar-se sobre mim e a olhar para baixo enquanto uma mão me agarra com força. Tira-o para fora, lançando-me um olhar fulminante ao voltar a deslizar para dentro, com um impulso crescente. Assenta num ritmo, o esforço a retesar-lhe o rosto enquanto olha para mim e agarra a camisa de Noah, tentando arrancar-ma.

Mas agarro-a com força. *Fode-me e pronto.*

Olha para baixo para mim, algo que sabe que o irmão deseja – algo que pertence ao irmão e ao pai, nem que seja só um bocadinho – e sabe que lá fora não sou algo que possa guardar.

Mas, aqui? Pode sacar um pedaço. Isto é o que ele pode obter. O pedacinho de lixo que ele detesta, mas que pode castigar com uma estocada à bruta quando a quer recordar para o que ela serve. É isto que somos.

O pénis dele preenche-me bem fundo e o meu estômago aperta-se, porque sabe bem e não quero que assim seja.

Arquejando, fecho os olhos, recusando-me a gemer, mas sinto a camisa a ser-me arrancada das mãos. Abro bem os olhos, rosnando ao levantar-me. Imbecil…

Mas ele não me dá tempo para me debater. Envolve-me com os braços e cobre-me a boca com a dele, sustendo-me com força.

Deixo de respirar.

As investidas cessam de repente e o odor dele cerca-me enquanto os seus dedos deslizam pela parte de trás do meu cabelo e me seguram a cabeça, o mundo a girar por detrás das pálpebras face ao calor em nosso redor.

Kaleb.

Respirando intensamente sobre os meus lábios, mordisca-me, de repente raspando os seus dentes sobre a minha pele de forma lenta e suave, e abro a boca, como se estivesse em piloto automático, deixando que obtenha o que pretende. A ideia de o impedir dói.

Pegando-me, leva-me para a porta, ergue a cobertura e abre o carro, com o metal pesado a ranger. Enfiando a cabeça, deita-me no assento da frente do automóvel antigo, com o couro estalado a arranhar-me as costas.

E baixa-se sobre o meu corpo, enfiando-se dentro de mim.

– Não abrandes – imploro com uma vozinha. – Por favor?

Escorre suor dos poros sobre o meu lábio superior conforme passa a ponta da língua sobre a minha boca. Morro por beijá-lo.

Em vez disso, agarro-lhe a anca e incito-o a ser mais vigoroso.

– Por favor? – sussurro-lhe ao ouvido. – Não sejas brando. Não faças com que me seja difícil ir embora.

Brando com Jake é bom. Brando com Noah é bom.

Gosto de brando.

Mas brando com Kaleb… magoa. Lágrimas enchem-me os olhos.

Ele afunda na minha boca lenta e profundamente e um tornado rasga-me o corpo, rodopiando até ao meio das minhas pernas. Choro no beijo dele.

– Tiernan! – ouço alguém chamar. – Kaleb? Está aqui alguém?

Abro os olhos e inspiro fundo. *Noah*.

Kaleb tapa-me a boca com a mão e começa a bombar enquanto chupa e puxa o meu mamilo numa ponta apertada.

– Está alguém aí? – volta a gritar Noah, num tom mais irritado por não nos encontrar. Mas a lona está pousada sobre o carro e mesmo com a porta entreaberta a cobertura ainda tapa as janelas, pelo que ninguém nos vê.

Kaleb preenche-me, o seu gemido a vibrar sobre o meu peito enquanto lambe e chupa e o som da sua voz espalha-me arrepios pela espinha. Sugo ar entre os dedos dele, encostando-me e tentando contorcer-me para me libertar, mas a outra mão aperta-me o seio, levando-o à sua boca, para poder devorar-me.

Arqueio as costas para lá, gemendo atrás da sua mão.

Foooooooda-se.

As suas investidas lentas excitam-me conforme beija e mordisca, levando as minhas entranhas a começar a redemoinhar como um ciclone, e cerro os punhos, querendo possuí-lo, envolvê-lo com os braços e dedicar-lhe a mesma atenção.

Quero tocar-lhe. *Meu Deus, quero tocar-lhe.*

O meu orgasmo começa a formar-se e abro a boca para gritar – para chamar a atenção de Noah, para que ele ponha um fim a isto ou para que se junte a nós, ou isso. Qualquer coisa que trave o seu irmão e o que está a acontecer, mas…

Sustenho a respiração, prestes a vir-me, e…

Não chamo.

Abro os olhos, arranco a mão de Kaleb da minha boca e envolvo-o com os braços, beijando-o tão profundamente que ele até para, foda-se, o seu corpo retesando-se com a surpresa.

Kaleb.

Kaleb Van der Berg, foda-se.

Mantenho os olhos abertos e movo-me sobre os seus lábios, observando os vincos da sua testa a aprofundarem-se conforme lhe lambo a língua e gemo para a sua boca. Tenho lágrimas suspensas nos cantos dos olhos, mas cinjo as coxas em redor dele e reteso-me face às suas investidas.

Ainda não quero vir-me.

Afundando-me na sua boca, enredo os meus dedos no seu cabelo e sobre a parte de cima da cabeça, sentindo-o a derreter nos meus braços. Deslizo as mãos pelo peito dele, em volta do pescoço e pelas suas costas, antes de as passar pela cintura, abraçando-o com força.

A porta do celeiro finalmente bate, com Noah provavelmente a sair, mas já não quero saber. Isto não é real. Não está realmente a acontecer. Kaleb vai voltar ao que sempre é quando sair deste carro e eu vou voltar a preencher as minhas candidaturas à universidade, mas aqui já não posso dar-lhe mais luta. Quero sentir isto. Quero sentir o que senti na noite passada na cama dele.

O ferimento no meu braço está a um milhão de quilómetros de distância.

Beijo-o em todo o lado. Ao longo do maxilar, nos pelos da barba ralos que me fazem cócegas, pelo pescoço fora, atrás da orelha, e regressando pelo meio aos seus lábios. Quando ele não se apressa a mover-se dentro de mim e fecha os olhos, seguro-lhe a cabeça e roço os lábios sobre as pálpebras e a testa, pressionando suavemente a boca, quase entontecida com o sabor dele. A sua testa encosta-se suavemente à minha e lenta e silenciosamente fodemos, agarrados um ao outro. Olho para baixo entre nós, vendo-o a entrar em mim enquanto a sua boca paira a um par de centímetros da minha, e sei que ele me observa. Quero dizer-lhe coisas. Implorar-lhe por mais. Mas, mais ainda do que isso, quero ouvi-lo dizer-me coisas.

Olho-o nos olhos. Relaxando o seu corpo no meu, agarra-me o rosto, segurando-nos testa com testa enquanto abro mais as pernas. A nossa pele cola-se com o suor e cravo as unhas no traseiro dele, sentindo os *jeans* logo abaixo.

A minha barriga aquece, algo cresce, e cerro os olhos com força, pronta a gritar enquanto investe com cada vez mais intensidade, mas empurra-me o rosto com a mão, exigindo que mantenha o olhar preso nele.

Sustenho os seus olhos verdes, o orgasmo a despedaçar-me o corpo e o prazer a escorrer-me por entre as pernas quando começo a vir-me.

Mas, ainda assim, não pestanejo enquanto o fito.

A respiração passa pelos nossos lábios, cinjo o estômago e depois… explode, uma onda de formigueiro a espalhar-se pelas minhas pernas e até ao peito sem que desvie os olhos de mim por um momento que seja.

Abro a boca, sentindo aquilo a fluir por mim e sem fazer um som enquanto aperto o pénis dele, com o calor a tomar-me em absoluto.

Por fim, escapa-me um gemido.

Deixo-me cair sobre o assento, os meus olhos finalmente a fecharem-se enquanto me cobre a boca com a dele e impulsiona mais umas vezes antes de ele próprio se vir. O seu hálito quente é como uma droga, deixando-me fraca conforme o eu pénis lateja e jorra. A pulsação no meu pescoço bate a mil e não consigo abrir os olhos. Tudo o que consigo fazer é agarrá-lo com força enquanto a sua cabeça assenta no meu ombro, a respiração a atingir-me o pescoço enquanto arfa.

Quero outra vez aquilo. Quero aquilo um milhão de vezes, para que dure toda a vida.

Mas tenho uma leve impressão de que me vai ser difícil encontrá-lo numa outra pessoa qualquer.

Viro a cabeça, a minha testa de imediato a encontrar-se com os lábios dele enquanto a sua mão possessiva me aperta a coxa.

Kaleb Van der Berg, és uma treta.

25

Tiernan

– Tiernan? – ouço Noah chamar desde o exterior.

Olho para trás, vendo Kaleb a vestir a sua *T-shirt*, os *jeans* com o fecho apertado, mas o cinto por afivelar em volta do seu estômago estreito e tenso. Mordo o lábio, a minha boca a secar de novo por ele.

Reviro os olhos a mim mesma. *Credo.*

Abotoando a gola da camisa de Kaleb em volta do meu pescoço, olho para a camisa rasgada de Noah pousada em cima do carro e ponho o chapéu na cabeça antes de abrir a porta.

– Tiernan!

– Estou aqui – respondo, saindo para a neve e puxando o casaco enquanto se vira de repente ao ouvir a minha voz.

– O que raio? – diz ele, franzindo o sobrolho e avançando para mim, as faces tão rubras como a sua camisola de capuz enquanto o vento sopra as pontas do cabelo dele que espreitam por baixo do chapéu. – Procurei-te em todo o lado. Estive ali dentro. Onde te escondeste?

Abro a boca, mas a porta atrás de mim range ao abrir-se, com o olhar de Noah a incidir por cima do meu ombro. Kaleb sai, a neve a cair no seu cabelo enquanto aperta o cinto e lança um olhar duro ao irmão.

Gemo só para mim.

– Oh – murmura Noah.

Expirando com força, viro-me, olhando para trás para ele.

Os seus olhos hesitantes saltitam entre Kaleb e eu, mas felizmente contém o que quererá dizer. Segurando o meu telemóvel, atira-mo.

– Telefonema. Não para de tocar.

Desbloqueio o ecrã, vendo várias chamadas perdidas de Mirai.

Merda. Isto não pode ser bom.

Devolvo a chamada e seguro o telemóvel junto à orelha enquanto me encaminho para casa.

– Tiernan – atende ela ao fim do terceiro toque.

– Olá, o que se passa?

Subo as escadas e rumo à porta, os meus nervos em alerta ao aperceber-me da voz alarmada dela.

– Não queria ligar-te – diz ela –, mas também não queria que descobrisses por terceiros.

Abro a porta e sacudo a neve das botas antes de entrar em casa. Descobrir o quê?

– O *Daily Post* publicou um artigo, citando várias fontes, dizendo que o teu pai…

Sinto o medo a infiltrar-se e quase desligo o telefone. Não tinha percebido o quanto tem sido agradável não deixar o mundo entrar, e acho mesmo que não quero saber.

Mas, se não fosse importante, ela não teria ligado.

– O quê? – pergunto, despindo o casaco.

– Que o teu pai era abusivo com a tua mãe – revela-me. – Que a obrigou a morrer com ele.

– O quê? – deixo escapar.

Como é que chegaram a tal conclusão? E têm fontes?

É que não recordo que estivesse mais alguém em casa naquela noite para testemunhar algo.

Aperto o telemóvel na minha mão, mas afrouxo de imediato. Porque é que alguém haveria de especular sobre algo assim? Qual o propósito?

– Tiernan? – diz Mirai.

Engulo em seco.

Entro na cozinha, o cheiro do ensopado de veado que Jake tem a cozer em lume brando a preencher o ambiente no momento em que Kaleb e Noah entram em casa atrás de mim. Jake vira-se para trás na bancada e cruza o olhar com o meu. Desvio o olhar.

– Sei que não é verdade – prossegue Mirai –, mas pouco podemos fazer em relação a isto e…

Abano a cabeça, desligando. Pegando no meu computador portátil pousado na mesa, rodo-o e acedo à internet.

Porque é que estou irritada? Quero lá saber do que dizem sobre os meus pais. Talvez revele que não eram perfeitos, apesar de o atual assunto em discussão ser uma profunda treta.

Eles rodeiam a mesa, sem dúvida à espera de saber o que se passa, mas assim que a página carrega e escrevo os nomes dos meus pais sou de imediato atacada pelas manchetes.

Sinto o coração a bater contra o peito.

– O que diz? – pergunta Noah, espreitando por cima do ombro.

Abano a cabeça, com a raiva a subir-me pela garganta e não sei como travá-la.

– Várias fontes alegam que o meu pai era controlador – conto-lhe, lendo rapidamente um artigo –, dominador e que a minha mãe tinha medo dele. Levou-a com ele por não confiar na fidelidade dela assim que morresse.

Isto é uma treta. O meu pai vivia para a ver prosperar.

Saio do artigo, procurando outros títulos, referências no *Twitter* e ligações para vídeos no *YouTube*. A sério? *Vlogs* conspirativos assim tão depressa?

Uma mão agarra o ecrã e roda o portátil, desviando-o de mim.

– Não vejas isso. – Jake fecha a tampa com força. – Já sabias que iam despejar um monte de merdas cá para fora, e foi por isso que te mantiveste desligada da internet.

Cravo as unhas na mesa.

– Bem, é possível? – ouço Noah intervir.

O pai lança-lhe um olhar fulminante.

– Ora bem… Não é que agora interesse muito, certo? – Apressa-se Noah a acrescentar. – Eram uns idiotas.

Inspiro fundo, tentando não o ouvir.

Mas ele tem razão. Interessa alguma coisa? Porque é que me irrita?

– Este problema não é teu – diz-me Jake com uma voz firme.

Ergo os olhos, dando com o olhar calmo dele. Paciente, mas… a postos, se precisar dele.

Levanto-me e volto a pegar no meu telemóvel, consultando os meus contactos.

Marco um número.

– Bartlett, Snyder e Abraham, qual o assunto que pretende abordar?

– Daqui fala Tiernan de Haas – anuncio. – Preciso de falar com o senhor Eesuola.

Segue-se uma breve pausa e depois:

– Sim, menina De Haas. Aguarde, por favor.

Kaleb deixa-se ficar atrás, encostando-se a uma viga de madeira entre a cozinha e a sala de estar, o olhar baixo, enquanto o pai e o irmão me fitam desde junto da mesa.

– Tiernan – atende o senhor Eesuola. – Como é que está?

Rodopio, virando-me para o outro lado em busca de um pouco de privacidade.

– Viu o artigo no *Daily*? – pergunto discretamente.

– Sim, esta manhã. – A sua voz é solene. – Já enviei uma carta para que façam um desmentido.

Abano a cabeça.

– Não.

Ele permanece por momentos em silêncio.

– Quer antes a publicação de uma retratação?

Suspiro e começo a andar de um lado para o outro na cozinha.

– O dano está feito – digo-lhe. – Os leitores vão acreditar, faça o que fizer. Mas não quero que volte a acontecer.

– Quer fazer deles um exemplo?

– Sim.

Permanecemos ambos calados e espero que ele perceba o que pretendo sem ter de o dizer. Estou certa de que deve parecer mesquinho, e posso mudar de ideias, mas tanto quanto sabem amei e adorei os meus pais. É uma merda publicar uma história que não pode ser provada sabendo-se que a órfã está a assistir.

– Falamos em breve – diz ele, compreendendo-me.

– Adeus.

Desligo e encaminho-me para a bancada, enchendo um copo de água.

Jake aparece ao meu lado.

– Podes fazer uma declaração.

Rio-me entre dentes, desligando a torneira.

– A filha deles a defendê-lo? É credível – balbucio. – Se for a tribunal, vão ter de revelar as fontes.

– E apostas que não existem?

– Sei que não as têm. – Levo o copo aos lábios. – Eu e a Mirai vivíamos naquela casa. Ninguém controlava a minha mãe. Junto dele era exatamente onde ela queria estar.

Bebo um gole e dou a volta, saindo da cozinha na direção das escadas. Preciso de um duche.

– O que é que te interessa? – ouço Noah perguntar. – Eram horríveis contigo.

Paro no terceiro degrau, tentando obrigar-me a prosseguir, pois não sei o que responder. Levo um momento a dar a volta e a olhá-lo nos olhos.

A verdade é que não sei. O que sinto por eles não se alterou, mas algo mudou desde que vim para aqui. Foi traçada uma linha que antes não existia. Há um limite para o que tolero agora.

Encolho os ombros, procurando as palavras, mas não sei como explicar.

– São meus pais – digo-lhe.

Ele estreita os olhos enquanto todos olham para mim.

Mas é tudo o que tenho a dizer.

Viro-me e continuo a subir as escadas, quase desejando sorrir um pouco. A minha mãe e o meu pai podem ou não merecer a minha lealdade, mas sinto-me bem ao marcar posição.

Torço o cabo, atando os galhos ao cabide que roubei no armário de Jake. Só tenho dos de plástico, pelo que foi impossível contorcer o meu num círculo.

Usando a tesoura de poda, corto o cabo em excesso e amacio as folhas perenes em volta da grinalda, sorrindo ao modo como se abrem de uma forma que é um pouco caótica e selvagem. Quando era pequena, a minha casa era decorada nas festas por profissionais, com montes de branco, e entusiasmo-me com o ambiente natalício mais natural. E com o cheiro.

Vejo os outros nós da grinalda e rastejo de quatro na sala de estar, tendo os cães passado em frente ao fogo enquanto inspecionava a grinalda que fiz para a cornija da lareira com os galhos que eu e Kaleb cortámos há uns dias. Os meus dedos, com as pontas douradas devido à tinta que usei na estante de livros esta noite, puxam a folhagem para ver se são necessários mais cabos.

Mas sinto-me a ser observada e lanço o olhar para cima e vejo que Jake me fita desde o sofá onde se encontra sentado. O seu olhar sustém o meu por momentos e depois pestaneja e desvia os olhos, devolvendo a atenção ao filme. Incido o olhar em Kaleb na cadeira, e apesar de ele ter os olhos postos no filme, está ciente de tudo o que se passa na sala, exceto a televisão. Tem o maxilar fletido e as minhas faces ruborizam.

Noah verifica as portas para assegurar que estão trancadas e aproxima-se.

Levanto-me do chão.

– Ajudas-me?

Ele pega numa ponta da grinalda e eu na outra, com a dor do meu braço a intensificar-se por o efeito da aspirina estar a dissipar-se. Erguemos a decoração e pousamo-la sobre a cornija, a peça completa atingindo os três metros de comprimento. Noah recua, deixando-me dar um jeito àquilo, e curvo-me, levantando a grinalda do chão. Segurando-a pelo gancho, entrego-a a Noah e aponto para a porta.

Ele pendura-a e eu recuo, admirando a minha obra. Se eu ao menos tivesse fita vermelha para acrescentar. O Natal é daqui a umas semanas e pela primeira vez na vida sinto-me tomada pelo espírito natalício.

Mas, quando olho para Jake, as suas sobrancelhas estão soerguidas como se esperasse que acontecesse algo mais depois de todo o trabalho que tive durante a noite. Tipo os galhos começarem a brilhar ou isso.

Afasto-me um pouco, mordendo o canto da boca.

– Se não gostas…

É só um pouco de espírito natalício. Não cosi propriamente apliques às cortinas dele.

Todavia, ergue-se do seu assento e puxa-me para si, beijando-me a testa.

– Está lindo, Tiernan. Adoro.

Sorrio.

– Ótimo. – Assinto com a cabeça. – Não queres que eu apanhe uma seca.

Ele ri-se, mas Noah agarra-me, puxando-me para o seu colo no sofá.

– Se precisares de coisas para fazer…

Tenta fazer-me cócegas, mas salto logo do colo dele.

Jake dá uma palmada na cabeça de Noah a caminho da cozinha.

– O que foi? – diz, sem se conter. – Não me referia a isso.

Pois, está bem. Tenta conter o riso, mas o seu sorriso é demoníaco. Não consigo travar também um sorriso. Desvio a cara, para que ele não veja.

Mas, quando o faço, Kaleb ainda se encontra sentado na cadeira, com dois vincos profundos entre as sobrancelhas ao olhar para a televisão, mas sem ver.

Sinto um arrepio a percorrer-me as pernas, despidas face aos meus calções de dormir de seda, e puxo para baixo a minha camisola a combinar, protegendo do frio a barriga destapada.

– Olha – diz Noah. Viro-me e ele levanta-se do sofá, dando-me a mão. – Anda.

Jake desaparece na oficina, fechando a porta ao entrar, enquanto eu e Noah seguimos para a cozinha às escuras. Ele leva-me até à bancada e saca de uma cadeira, sentando-se ao levar a mão dentro da minha camisola.

– Dá-me o teu braço – diz-me.

Estendo o braço e ele pega no *kit* de primeiros socorros que deixámos pousado no balcão. Começa a desenrolar a ligadura enquanto seguro a camisola acima do seio despido.

Observo-o a limpar a ferida, com o seu olhar preocupado a fitar-me quando silvo. O inchaço passou, mas qualquer tipo de pressão é como se estivessem a marcar-me com um ferro em brasa.

O seu toque é gentil e calamo-nos, eu a morder nervosamente a parte de dentro do lábio. Ele só se mostra sossegado quando tem coisas a dizer.

– Fiquei contente por teres defendido os teus pais – diz, falando em voz baixa. – Mesmo que eles não mereçam.

Observo-o, com o seu invulgar tom sincero ainda mais tocante por ser tão raro.

– Sei que faria o mesmo pelo meu pai – explica. – Mas ele mereceria.

Fico contente por ele perceber isso.

Atira o lenço ao chão e ri amargamente.

– Sou mesmo um merdas. Ele tem passado todos estes anos sozinho. A fazer tudo sozinho. A lutar sozinho por esta família. – Abana a cabeça, mas para si. – Nós, na realidade, nunca tomámos conta uns dos outros. Até agora.

Recordo a surpresa de Jake na outra manhã quando Noah ajudou sem discutir. Sempre cuidaram uns dos outros. Comida, abrigo, trabalho… Acho que se refere a algo mais. Tipo como eu estou feliz e não penso no meu

passado. Quando alguém se preocupa connosco, também nos preocupamos com os outros.

A respiração de Noah torna-se rasa e continua a não olhar para mim.

– O que vai acontecer quando partires? – pergunta.

Mas é mais como se estivesse a pensar em voz alta. Ainda vão investir uns nos outros enquanto família?

E, então, ocorre-me… O que vai acontecer *comigo* quando partir? Isto tornou-se um lar.

Eles tornaram-se o meu lar.

Envolve o meu braço com uma ligadura limpa e levanta-se, impondo-se diante de mim.

Mas, foda-se, continua sem olhar para mim e começam a arder-me os olhos. Só hei de partir daqui a meses. Não quero pensar nisso agora.

Aponto o queixo dele para mim e de imediato aproxima-se encostando a testa à minha.

– E se eu nunca te deixar partir? – murmura, com a sua respiração a fazer-me cócegas nos lábios.

O meu queixo treme.

– E se…

Prende-me o lábio inferior entre os seus dentes, levando-me a sugar ar antes de o largar.

– Se te montarmos tanto até engravidares? – sussurra.

– Para me prender aqui? – desafio.

Engravidar-me de propósito?

Mas ele abana a cabeça.

– Para te manter comigo.

Estreito os olhos.

Abro a boca para falar, mas não sei o que dizer. Noah deveria ser aquele com quem estou. Se fosse para ficar com alguém. É jovem, amável, atencioso… Conversa comigo. Posso crescer com ele.

Ele é bom.

Então, por que não dizer-lhe isso?

Agarro-lhe o rosto, sem saber ao certo o que quero dizer, mas antes de ter uma oportunidade de falar surge uma forma escura atrás dele.

Espreito por cima do ombro dele e vejo Kaleb. Largo o irmão.

Noah vira-se e ambos vemos o olhar de Kaleb em brasa a incidir entre um e outro. Estende o braço, quase me retraio, preparando-me para que me agarre ou bata a Noah, mas limita-se a agarrar-me a mão e sustém calmamente o olhar em mim enquanto me puxa para ele.

Vou, com o calor de pronto a viajar pelo meu braço acima, desde o ponto onde os seus dedos me tocaram.

Esfrega um fio do meu cabelo entre os dedos enquanto me olha nos olhos.

Abro a boca para falar, mas não sei o que quero dizer. Ele é jovem, não é amável, nem atencioso. Não conversa comigo, nem posso crescer com ele.

Kaleb não é bom.

Mas é aquele que quero. Todo para mim. Neste momento.

No chuveiro, às escuras e só nós, com os braços dele a envolver-me.

Rapariga estúpida.

Os seus olhos escuros incidem no irmão e espeta o queixo, ordenando a Noah que vá embora.

Ouço Noah a remexer os pés.

– Isto não te incomoda? – pergunta-me.

Sem desviar os olhos de Kaleb, assinto com a cabeça.

Lamento, Noah. Há lições que só se aprendem da maneira mais dura.

Noah larga um suspiro e dirige-se à oficina para se juntar ao pai enquanto Kaleb entrelaça os meus dedos nos dele, levando-me pelas escadas acima. Sinto-me dorida, cansada e culpada, como se devesse sentir-me confusa agora com imensa coisa, mas não acontece isso. Tudo o que interessa são os próximos cinco minutos. A próxima hora. O tempo que estiver com ele.

Em vez de me levar para o seu quarto, empurra a porta do meu e puxa-me para lá, fazendo-me passar por ele. Cambaleio quando me larga a mão, detendo-me.

O que raio?

Rodo em volta e vejo-o ali parado. Olha para a minha cama, o olhar de repente intenso, e aponta com o queixo, dando-me ordens.

O quê?

Levo um minuto a perceber o que quer.

– Dormir? – pergunto.

Quer que eu vá para a cama?

– Mal passa das nove – argumento.

Aponta o dedo na minha direção e depois para a cama, desta vez com uma carranca.

A seguir, dá a volta e abandona o quarto, batendo a porta ao sair. Que merda é esta?

E depois ouço. Metal a chocar em metal. Um trinco a deslizar. Arregalo os olhos.

Corro para a porta, rodando o puxador.

– Kaleb?

A porta não abre e bato com uma palma e agito a maçaneta com a outra mão.

– O que é isto? – berro. – Estás a gozar?

Sabia que isto era demasiado bom para ser verdade. A sua calma lá em baixo era uma treta. Estava chateado.

Puxo e empurro a porta, batendo com a mão do braço saudável.

– Isto não tem piada!

Trancou a minha porta. Esta manhã não tinha trinco. Quando é que ele o pôs? Está a gozar? Oh, meu Deus.

– Jake! – grito. – Noah!

Mas não conseguem ouvir-me, pois encontram-se na oficina.

Ouço os passos dele a descer as escadas, mas em vez de lágrimas, é raiva que fervilha no meu sangue. Foda-se, vou matá-lo. Ciumento, imaturo, doido filho da puta. Vou matá-lo!

Pontapeio e soco a porta.

– E se tiver de ir à casa de banho? – berro.

Ugh.

26

Ele dá voltas à cama, sem desviar os olhos da forma escura dela sob os lençóis. Ela ficou esgotada. Gritou por uma hora aqui quando a trancou e agora adormeceu.

Raios de luar brilham sobre o chão dele, o silêncio na casa tornando a queda de neve contra as portas de vidro praticamente um metrónomo. *Tap, tap… tap, tap… tap.*

Sobe para a cama, pairando sobre ela apoiado nas mãos e joelhos enquanto ela dorme.

Felizmente, o pai e o irmão dele nunca souberam do que aconteceu. Estavam na oficina, bem longe da pequena birra dela, mas, mesmo que não estivessem, estava pronto caso decidissem vir resgatá-la.

Está farto de a ver comportar-se como uma puta. Hoje a foder com ele no celeiro, a deixar que o pai dele lhe tocasse e a beijasse esta noite e depois prestes a entregar-se ao seu irmão quando ele estava de costas voltadas.

Está farto de a ver sorrir ao trabalhar nas merdas idiotas dela na oficina.

Farto de a ver entusiasmada com a neve ou feliz a dar de comer aos cavalos.

Farto de ver o cabelo dela cair sobre a face enquanto lê à mesa ou do modo como contorce os lábios para o lado concentrada num trabalho para a escola.

Farto dos gritos dela à noite e de como soa patética durante os pesadelos.

Olha-a, inclinando a cabeça enquanto a respiração dela fica rasa e ela agarra a camisa pela gola. O rosto dela fica tenso e ele agita-se. O pesadelo está a começar.

Debruçando-se, roça o seu nariz no dela, fechando os olhos e sentindo-lhe o ofegar e o modo como o corpo dela fica tenso e flete enquanto sonha. Ela enruga a testa e o queixo treme-lhe e ele em parte quer fazer o que

sempre faz. Pegar-lhe ao colo, acalmá-la e voltar a pô-la a dormir.

Mas esta não é a mesma que conhece quando está acordada. Ela é má e está farto de esquecer isso.

Mergulhando a boca na dela, beija-a, com a lamúria dela a desaparecer na garganta dele enquanto o corpo dela se retesa e depois descontrai. Ele quase se ri. Podia ser qualquer um agora. Podia tirar-lhe as calcinhas e enfiar-se dentro dela e ela não abriria os olhos para dizer qual deles era, porque na verdade não interessa.

Deposita um carreiro de beijos pela face dela, ela ainda com os olhos fechados, ainda sem despertar. Faz pairar os seus lábios sobre a pele dela, movendo a boca, mas incapaz de proferir as palavras. *Putinha linda.*

Esfrega-se uma vez nela. É o que ela é. Uma puta.

Saindo de cima dela, observa-lhe o rosto enquanto lhe baixa suavemente os calções. Larga-os no chão e volta a pôr-se a pairar sobre ela, observando enquanto lhe enfia a mão no raio das calcinhas.

Os dedos dele deslizam entre as pernas dela, estimulando-a a abri-las para ele, mas tem de se deter por um momento para cerrar o punho, pois ela é tão mole e macia. Adora tocar-lhe. Abrindo caminho nela, descobre o clitóris e, tal como uma puta de merda, os joelhos dela afastam-se. Ele sorri, traçando círculos no seu pequeno nó. O pai dele também lhe faz isto? Talvez o seu irmão? Ela geme por eles, não é?

Ergue o seu dedo, lambendo-o, e depois volta a enfiá-lo nela, escutando a sua doce respiração e gemidos ao massajá-la. Olha para a cara dela. Em breve vai saber que é ele.

Ela solta um belo gemido a arquear o pescoço para trás e começa a mover-se para ele, desejando-o. O pai dele e de Noah dormem e ele tem-na só para si.

– Kaleb… – murmura ela, estendendo o braço para lhe agarrar a mão, mas na verdade sem a afastar dela. – És um imbecil.

Ele sorri com malícia. Ele é-o mesmo e ela gosta de se comportar como se se importasse. Num momento armando uma briga e no seguinte implorando para que ele lhe enfie a piça. Ela não o impediria, porque enquanto alguém a fode, ela não tem de se lembrar que não é nada.

– Mais devagar. – Arqueja. – Por favor…

Mas ele não abranda. Afasta a mão dela da sua e passa-a pelo peito dela, obrigando-a a levantar a blusa para si.

Ela puxa o seu *top*, mostrando as suas belas mamas e ele observa-as a balançar enquanto ela se move ao sabor do massajar. Recosta-se, sentando-se apoiado nos calcanhares enquanto mantém uma mão no clitóris dela e move os dedos da outra mais para baixo.

Estimula-lhe o traseiro, massajando o buraco estreito e vendo-a a suster a respiração.

– Kaleb? – diz ela, nervosa.

Mas ele não para. Massajando-lhe o buraco sem parar, pressiona a ponta do dedo até dentro dela e mantém-o lá enquanto a fode mais depressa no clitóris. O pequeno traseiro dela retesa-se em redor do dedo dele, quente, levando a que o membro dele dilatasse penosamente, mas isso só o irrita mais.

Passa um dedo dentro da rata dela, humedecendo os dedos e continuando a masturbá-la enquanto o dedo no traseiro dela permanece imóvel. Ela acaba por se ajustar e relaxar, ficando excitada e confortável enquanto se move nas mãos dele. Ela gosta de ter ambos os buracos preenchidos.

Porque é claro que gosta.

Ao fim de uns momentos, consegue enfiar o dedo ainda mais fundo e agora alcançaram um ritmo, com o quarto a encher-se de gemidos e arquejos enquanto ela caminha rumo ao orgasmo.

Ele quase vacila. Olhando para ela, quase quer que ela tenha isto, pois é tão bela e adora vê-la sorrir.

Ele adora vê-la excitada com a neve e feliz a alimentar os cavalos e como é adorável com os animais e como souberam bem os seus braços quando o abraçou no carro hoje no celeiro.

Mas ele retira as mãos de dentro das suas calcinhas vermelhas, deixando o corpo dela tremer e os gemidos dela ficarem sem resposta.

– Não, por favor – diz, num sussurro sufocado. – Eu estava quase lá.

O suor reveste a testa dele e sente-se tão doente, mas sai da cama, deixando-a suspensa.

Até aqui, tudo a correr bem.

Agora, para a segunda volta.

– Kaleb… – implora ela.

Ele ignora-a, largando os *jeans* no chão e arrancando-a da cama. Ela fica ali, vacilando no seu cansaço, e ele agacha-se para lhe tirar as calcinhas pelas pernas. Ela passa os pés para as despir, com as mãos nos ombros dele.

– Gostas de mim? – pergunta ela num tom discreto.

A pergunta leva-o a parar.

– De todo?

E se ele não estivesse a olhar para o corpo de uma mulher, poderia pensar que uma criança falava com ele, de tão inocente e querida que soou.

Ela engole em seco.

– Achei que, por um lado, até gostava que não falasses. – Ela ergue os braços ao levantar-se e despir a *T-shirt* pela cabeça. – Posso dizer coisas e não ter de esperar pela tua resposta. Também odeio falar.

Ele não olha para ela ao retirar o preservativo do bolso e abrindo-o, enfiando-o.

Ela fica ali parada.

– Tudo o que podes fazer-me é afastares-te – murmura, após o que suspira. – Odeio quando te afastas.

Ele volta a empurrá-la para baixo na cama e sobe para cima dela, evitando o seu olhar.

– Odeio o modo como às vezes me olhas – sussurra ela e ele ouve-lhe as lágrimas. – Como se eu nada fosse.

Levanta-lhe o joelho e mete-se dentro. O pénis dele cresce, sentindo-a a abrir-se e a aceitá-lo enquanto ele entra e sai até o enterrar até à base. Monta-se em cima dela, afastando o prazer e o calor que lhe percorre o corpo e sacudindo as palavras dela da cabeça.

– E depois, noutras ocasiões… – Beija-o, envolvendo o corpo dele com os braços e deslizando a ponta da língua para dentro da boca dele. Ele endurece ainda mais, sugando ar entre os dentes.

– Às vezes, também não sei como falar – conta-lhe ela. – É assim que conversamos. Este é o único momento que sinto como se gostasses de mim.

Dói-lhe a parte de trás dos olhos e beija-a intensamente, provando as lágrimas nas suas faces. Beija-a por todo o lado. Ele gosta dela. Desde o primeiro momento que a quis tocar e tem estado aqui, a observar, enquanto ela aos poucos começou a rir e a tornar-se parte deles todos.

Ele investe com mais força, a parte de cima do seu corpo moldado a ela ao encaixar a cabeça dela nos seus braços e beijá-la.

– Kaleb… – arqueja ela, a sua rata cerrando-se. – Kaleb. Céus.

Ele sente-a prestes a vir-se. Ela vem-se sempre tão bem. Ele rola as ancas cada vez mais depressa, querendo amá-la. Querendo que ela o tenha, pois foi feita para ele. Nenhum dos dois sabe como permitir que as pessoas os amem, mas também não têm de falar um com o outro. É assim que o transmitem.

Ele não saboreia ninguém da forma que a quer saborear. O aroma dela, o som, o toque… o sabor. A sensação dos braços dela em redor dele, de uma forma que ele nunca achou possível.

Ele quer amá-la.

Ele quer agradar-lhe.

Ele quer confiar nela e vê-la um dia segurar o bebé deles.

Ele investe devagar enquanto pensa como eles também a amam. Todas as palavras que ela sussurrou nas camas *deles*.

Ela não é difícil de agradar.

E conforme surgem as imagens do pai e do irmão com ela esta noite, ele recorda…

As mulheres que ele ama esquecem-no.

Para e ela choraminga, o corpo dela tremendo enquanto o segundo orgasmo tenta percorrê-la, mas perde a força e escapa-se, deixando-a de novo com os pés assentes na terra.

– Não – diz ela entre dentes. – Por favor… Kaleb, o que estás a fazer?

27

Tiernan

Ele levanta-se, agarra-me e vira-me para o lado. Algo circula no meu pulso e sei do que se trata antes sequer de olhar.

O cinto que me ofereceu no meu aniversário tem estado pousado na minha mesinha de cabeceira e ele pega-lhe, prendendo-o em redor do meu pulso e enlaçando-o na cabeceira da cama em ferro forjado.

Oh, merda. Puxa com força, levantando-me, e não tenho escolha a não ser agarrar as barras com ambas as mãos para me apoiar enquanto me prende.

Afasta-me os joelhos à força.

– Kaleb… – vou a protestar.

Sinto a humidade no lado de dentro da minha coxa e todos os meus músculos ardem. Tremo. O que faz ele?

Crava os dedos nas minhas ancas e puxa-me para ele, enfiando rapidamente o pénis dentro de mim. Fecho os olhos com força, a picar com a aspereza enquanto ele praticamente escava um buraco dentro de mim. Isto não sabe bem.

– Kaleb…

Mas não sei o que quero dizer, sentindo a cabeça à roda.

Ele fode-me, investindo com força com as ancas atrás de mim enquanto me agarro à cabeceira e o meu cabelo balança nas minhas costas.

Passa-me uma mão pelo cabelo, agarrando a parte de trás do meu escalpe, e por um momento não consigo respirar. Tudo o que ouço é o som de pele a raspar em pele enquanto cerra os punhos e me magoa o corpo.

– Kaleb, para.

Empurra as minhas costas mais para baixo, deixando o meu traseiro ainda mais empinado ao mesmo tempo que me larga o cabelo e passa o braço à volta para me agarrar os seios e cravar os dentes no meu pescoço.

Sinto lágrimas suspensas nos cantos dos olhos e por momentos só me resta aguentar enquanto me penetra com mais força e intensidade.

Mas é demasiado fundo. Dói.

Ele está a tomar o que quer, fodendo-me como se eu nada fosse.

– Kaleb, para.

Mas não me dá ouvidos, com a sua mão a aterrar no meu traseiro com um baque sonoro e a sua respiração a sair e entrar nos pulmões. Contenho um grito, o cinto a cravar-se na minha pele.

– Para! – grito.

Alargo o cinto, libertando o meu pulso, e então viro-me, batendo-lhe não sei quantas vezes. Desato a chorar, vendo a ira no seu rosto, e saio apressadamente da cama. Nua, fujo do quarto. Ele apanha-me e puxa-me com força, mas esbofeteio-o com toda a minha força e corro para o quarto de Noah, trancando a porta. Ele bate com força na madeira e ouço Noah a mexer-se na cama.

– Que merda é esta?

Recuo face à porta, a contar que Kaleb a arrombe, mas…

Não o faz. Tento recuperar o fôlego, mas os meus joelhos começam a ceder.

– Tiernan? – diz Noah.

Subo para a cama dele, empurrando-o para baixo e enroscando-me nele desde trás. Envolvo-o com os braços com grande firmeza.

– Dorme – murmuro, tentando aplacar as lágrimas.

– O que fez ele?

– Nada. – Enterro a cabeça nas costas dele, a pele quente a cheirar ao meu gel de banho que ele sempre rouba. – Deixa-me só ficar agarrada a ti.

– Ele magoou-te? – pergunta, tentando voltar-se, mas não o permito. – Conta-me a verdade.

Não consigo falar. Limito-me a abanar a cabeça. *Só eu me magoo a mim.* Acreditei que era real. O que quer que estivesse a acontecer entre nós desde sempre.

Ele odeia-me. Aquilo não era amor.

Kaleb não regressa à porta de Noah e a dada altura parece-me ouvir os passos dele nas escadas, mas, ao fim de uns minutos, a minha respiração acalma e as lágrimas secam. Noah fica simplesmente ali, permitindo que eu o agarre.

Aperto-o ainda com mais força.

Não entendo o que se passa. Num minuto quer-me e no seguinte deita-me fora. É gentil e horrível. Vulnerável e odioso.

Partilha-me com Noah e depois torna-se possessivo. O que quer ele?

– Ele estava com a nossa mãe – diz-me Noah, quebrando o silêncio.

Abro os olhos, sentindo a sua voz a vibrar contra o meu corpo.

– Era um dia chuvoso de primavera e um gajo qualquer com quem ela andava estava com eles – prossegue Noah. – Tinham ido à loja… ou pelo menos foi isso que ela contou ao meu pai. Em vez disso, foram a uma casa branca qualquer à face de uma estrada de terra algures e ela deixou o Kaleb no carro. Trancou-o e disse que regressava daí a pouco. – Faz uma pausa, após o que prossegue. – Ela entrou e a breve paragem transformou-se numa festa. Apanhou uma pedrada, perdeu a noção das horas e adormeceu na casa.

É apenas a segunda vez que Noah menciona a mãe. Na altura ainda devia estar na idade de aprender a andar.

– Ele ficou sozinho no carro sem ninguém num raio de quilómetros que o ouvisse chamar ou gritar enquanto os minutos se transformavam em horas. E as horas em dias. – Fecho os olhos, não querendo ouvir o resto. – Não havia comida no carro e a única água vinha da fenda no tejadilho quando chovia.

Tentei não imaginar a cena, mas a imagem de um rapazinho sozinho – cheio de frio e de fome – surge-me na mente. Kaleb em tempos foi uma criança. E então era indefeso.

– A dada altura ficou afónico de tanto gritar – explica Noah –, mas, quando o meu pai finalmente o encontrou, ele já não chorava ou chamava por ajuda. Já não. Estava apenas sentado no assento sobre a sua própria porcaria a olhar para o vazio e mal percebendo que a porta finalmente se abriu.

– Quanto tempo? – pergunto. – Quanto tempo esteve perdido?

Ele leva um momento a responder.

– Quatro dias.

A minha expressão abate-se e tombam lágrimas silenciosas.

– Algo se danificou na cabeça dele – conta-me Noah. – O que te passa pela cabeça quando acontece algo assim, imaginas? Um dia passa a dois e a três? Tens quatro anos. Não podes sair. Não sabes o que fazer para te ajudares a ti próprio. Morres de fome. Tens frio. Estás sozinho. Não podes fazer nada. Não sabes quando chega ajuda…

Dou a volta a tudo aquilo na minha cabeça a tentar imaginar que dimensão teriam as horas para uma criança de quatro anos. Minutos carregados de medo parecem horas e horas de medo parecem uma eternidade.

– Deve ter parecido que foi enterrado vivo – acrescenta Noah. – Os médicos disseram que ele cedeu. Ergueu-se uma parede e os anos sem falar tornaram-se a única forma de controlo dele, depois de nada ter tido durante os quatro dias naquele carro. A voz dele era a única coisa que ninguém podia exigir-lhe. Era a sua forma de castigar toda a gente. Uma forma de levar o mundo a partilhar a sua dor.

Sinto uma impressão incómoda na garganta. Pois sei o que isso é. Negar a mim mesma o que quer que me fizesse feliz, porque não o podia largar. Eu não podia ser indiferente.

Kaleb tem passado a vida a castigar o mundo, quase como eu. Infelizmente, o mundo segue o seu caminho e depois o castigo passa a ser aplicado apenas a nós próprios.

– Não chores por ele – sussurra por fim Noah –, em especial diante dele.

Ao fim de um momento, Noah volta a adormecer e não sei ao certo quanto tempo ali fico a pensar no que me contou.

Kaleb quase morreu. Lenta e penosamente. Seria um pesadelo para qualquer pessoa em qualquer idade. Quanto recordará ele?

Não muito, espero.

No entanto, aquilo mudou-o. Virou-se para dentro e perdeu a confiança nas pessoas. É por isso que não fala. Não necessariamente por despeito. Não quer entregar nada de si a terceiros, nunca mais. As pessoas magoam.

Pode até já nem saber falar. Para começar, as crianças de quatro anos não andam propriamente por aí a discursar. Não se pode perder uma capacidade de que nunca se dispôs.

E magoa toda a família. A mãe deve estar na prisão também por outros motivos para a manterem lá por tanto tempo, por isso para eles morreu. Jake teve de criar sozinho dois rapazes, a quilómetros da ajuda de que Kaleb necessitava, e Noah nunca conheceu verdadeiramente o irmão. Nunca soube o que poderia ter sido Kaleb. Têm estado sozinhos e a dada altura, desde que aqui cheguei, todos aprendemos a cuidar uns dos outros, mas eu criei também uma nova barreira. Kaleb não conseguiu aprender a viver com outra mulher na casa e, quando tentou, os limites estavam todos lixados. Onde é que eu encaixava? Era prima? Amiga? Era do irmão dele?

Dele?

Largo Noah e balanço as pernas sobre a beira da cama, sentando-me, interiorizando o peso do meu papel em toda a situação. Ele age de forma errada. Esta noite tratou-me mal. Também me sinto confusa. Também estou a cometer erros.

Mas não quero magoá-lo. Tudo o que sei é que posso estar presente. Talvez com o tempo venha a confiar em mim como amiga.

Pelo menos, vendo-me como alguém que se importa com ele.

Levanto-me, olhando para o relógio e vendo que já passa das quatro da manhã. Retiro uma camisa lavada do cesto da roupa de Noah, que ele nunca arruma, e visto-a. Saindo do quarto, fecho a porta e rumo ao chuveiro.

Mas assim que abro a porta sou atingida pelo vapor. O chuveiro está ligado e vejo Kaleb sentado na beira da banheira. Paro, com o coração de novo a mil.

Tem os cotovelos apoiados nos joelhos com os *jeans* vestidos e a cabeça descaída, em silêncio. Não olha para cima.

Quase dou a volta e vou embora. Preciso de espaço. Ele precisa de espaço. Pelo menos, agora.

Mas não o faço. Entro e fecho a porta.

Lentamente, avanço na direção dele e paro diante dele, à espera. Talvez de que ele se mexa ou que se levante de repente e saia porta fora. Mas não vou partir nos próximos meses, não pode fugir de mim.

Vendo que não mostra tenções de fugir, estendo a mão e aperto ao de leve o seu cabelo macio e escuro.

Ele agarra-a de imediato e aconchega lá a cabeça.

Expiro.

Ajoelhando-me, aproximo-me e envolvo-lhe a cintura com os braços, encostando a cabeça no peito dele, abraçando-o. Quem dera ter sabido o que ele queria. Quem me dera ter confiado nele e quem me dera que ele tivesse confiado em mim.

Amigos é um melhor começo. Podemos voltar atrás?

Tem os braços frouxamente descaídos de lado e, apesar de permitir que o abrace, não me abraça a mim. Largo-o, deixando-o ter o seu espaço.

Olhando para ele, não me olha nos olhos. Belisca a minha camisa, observando-a. A camisa de Noah.

– Não tem mal – digo-lhe suavemente. – Não fiz nada com o Noah. – Deslizo as minhas mãos pelos braços dele. – Não vou…

A minha mão direita avança para a mão direita dele e reparo que agarra algo. Paro, pegando-lhe e retirando-lhe a peça de madeira do punho.

– O que é isto? – Mas nem um segundo levo a perceber do que se trata.

A perna azul-esverdeada da minha arca que pintei com tons de dourado. Rodo-a na minha mão, o meu coração a bater com tanta força que um suor frio irrompe na minha testa.

– O que aconteceu? – O meu olhar incide de repente no dele. – O que fizeste?

Brotam-me lágrimas dos olhos e largo a perna, correndo para a porta. *Não*. Saio a correr da casa de banho e desço as escadas a grande velocidade, com a dor e a raiva enroscadas no meu estômago enquanto parto disparada para a oficina. O ar gélido atinge-me ao ver a porta da baia aberta e desço as escadas de um salto, entro na oficina e rodopio, freneticamente em busca da minha arca. A minha primeira peça. Aquela que ele me ajudou a desenhar.

E percebo de pronto que não se encontra aqui e vejo o barril na rampa coberta de neve, a cuspir fogo, restos da madeira pintada visíveis no topo.

Levo as mãos à cabeça, com tudo a desfocar-se diante de mim enquanto um soluçar silencioso me destroça.

Não.

Fico parada na porta aberta, a ver as faúlhas voar na noite negra e quaisquer vestígios da minha peça rapidamente destruídos no barril. O meu cabelo esvoaça-me na cara e tapo os olhos com as mãos, incapaz de aguentar aquela vista.

Mas, na minha mente, tudo o que vejo são os meus desenhos infantis e estúpidos no lixo.

Estúpida, estúpida… E choro nas minhas mãos.

As escadas rangem atrás de mim e cerro os dentes, desejando matá-lo. Quero fazer-lhe mal. Porque é que ele fez aquilo?

Dando a volta para trás, rumo descalça à parede e pego num tubo na coleção de peças. Quando me volto, ele está ao meu alcance. Ergo o cano como um taco de basebol, lançando-lhe um olhar fulminante, e pronto a matá-lo. Cheguei ao meu limite. Não aguento mais.

Rodo o braço, mas em vez de lhe bater na cabeça dou com a merda do aço na estante de livros que concluí hoje. A lateral racha, cedendo, e passo-me. Perdida na minha raiva, espanco a merda da peça – dando com o taco com toda a força que posso nas laterais, em cima e avançando para a escrivaninha que comecei há uns dias.

– Não podes magoar-me! – grito. – Não há nada que me possas tirar! Não quero saber de nada. Eu não sou nada – rosno, destruindo tudo o que fiz e batendo com tanta força quanto quero bater-lhe a ele, porque é isto. Foda-se, agora ele sabe que não pode fazer-me nada. Ninguém pode fazer-me nada. Já ninguém detém esse poder. Ninguém tem importância.

Choro, disfarçando com outra rosnadela. *Ninguém*.

Sou mais forte do que tu. Não há nada que me possas fazer.

– Que diabo? – ouço alguém gritar. – Que merda é esta?

Alguém me agarra, retirando-me o cano das mãos e dou a volta repentinamente, vendo Jake. Tem a camisa aberta e está descalço e Noah está parado junto à porta, a olhar horrorizado.

Jake olha entre mim e o filho, ofegante.

Cerro os punhos, com um belo entorpecimento a tomar conta de mim.

Kaleb sustém por momentos o meu olhar, a pulsação no seu pescoço a latejar, mas depois vira-se e retira a roupa da máquina de secar, acabando de se vestir. Nem sequer tem os atacadores das botas apertados antes de vestir o casaco e pegar na sua mochila cheia, avançando para a porta.

– Espera, o que raio se passa aqui? – Jake agarra o filho.

Kaleb liberta-se com um safanão e segue caminho.

– Não vais a lado nenhum com este tempo! – berra ele a Kaleb.

Kaleb para, vira-se e olha para mim. O seu olhar vacila por um momento, parecendo arrependido, ou uma merda assim, e chego a pensar que vai voltar para trás.

Mas limita-se a suster o meu olhar, assenta a mão no seu peito liso e bate duas vezes.

Não sei o que significa e nem quero saber, caralho.

Sem perder mais tempo, dá a volta e parte, desaparecendo na noite fria.

28

Tiernan

Mordisco a minha torrada, segurando-a entre os dedos enquanto mantenho o livro aberto sobre a mesa. Os olhos deles queimam-me as faces, mas evito-lhes os olhares enquanto copio anotações do texto para o meu manual.

Dou outra trinca.

– Estás bem? – quer saber Jake.

Folheio o bloco, dando seguimento à frase que escrevo.

– Estou bem.

O vento uiva no exterior e a neve esvoaça e bate nas janelas. Os animais foram tratados, mas não faremos muito mais lá fora hoje. Está perto dos vinte graus negativos.

Não é que eu ultimamente tenha sido de grande ajuda e não quero saber do que Jake tem para dizer sobre o assunto. Ele que ouse iniciar uma discussão.

– Tu estás bem – repete Noah. – Disseste isso todos os dias na última semana. E, no entanto, mal falas connosco.

Sinto uma pontada de culpa e esqueço o que escrevo. Levo um momento a recordar a palavra que anotava e prossigo.

Noah não merece o meu tratamento de silêncio. Nem Jake, na verdade.

Mas magoa. Não sei exatamente o que magoa, nem porque magoa, mas sinto-me zangada e não posso fingir que não. Jake seguiu Kaleb naquela noite e eu fui diretamente para o duche que ainda estava a correr, sentando-me lá por meia hora até esmorecerem os arrepios e o choro.

Mas, quando ele regressou, regressou sozinho e desde então não chorei. Nunca mais vimos Kaleb.

– Lamento que tenha feito aquilo ao teu móvel – diz-me Jake, segurando a sua caneca de café.

Mas limito-me a encolher os ombros.

– Não interessa. Não ia levar aquilo comigo em abril de qualquer forma.

– Abril? – não se contém Noah e ouço-o a remexer-se na cadeira. – A universidade só começa em agosto.

– Em breve termino o meu trabalho letivo – respondo, sem erguer os olhos. – Assim que as estradas estiverem desimpedidas, regresso a casa.

Tenho dezoito anos, sou independente a nível financeiro e este não é o meu lugar. Porquê ficar?

Sinto Jake a debruçar-se, tenso.

– *Esta* é a tua casa.

Sinto os olhos a arder e flito o maxilar para disfarçar as minhas emoções e não revelar que até gosto de ouvir aquelas palavras.

– Nós amamos-te – acrescenta.

Mas limito-me a rir entre dentes.

– Então, o que te parece? – pergunto, ainda a escrever. – Vou saltando de cama em cama todas as noites pelo resto da vida, como se não fôssemos todos completamente loucos? Eu nunca iria ficar.

O que esperava ele que acontecesse? Casava com um deles? Vivia no mato e dava à luz bebés deles?

Ou talvez voltássemos a ser apenas uma família. Tio, primos, sobrinha? Eu traria aqui um dia o meu marido para os conhecer, sem que o pobre tipo alguma vez soubesse que fui para a cama com toda a gente nesta casa?

Como é que Jake acha que isto vai acabar?

– Nós teríamos recuado – diz ele. – O Kaleb está apaixonado por ti.

– O Kaleb… – Solto uma gargalhada. – É um animal. Surpreender-me-ia se ele neste momento se lembrasse da cor dos meus olhos. Tal como com qualquer rapariga, para ele não passo do próximo pedaço de traseiro. Para ele, só sirvo para isso.

Acabo de escrever a minha frase.

– Ele não tinha razão. – Jake observa-me enquanto Noah permanece sentado e calado diante de mim. – E ele comunica perdendo a calma. Estava errado, sim, mas estava também magoado. A única mulher que alguma vez amou esqueceu-se dele. Quase o matou. – Faz uma pausa. – Está apaixonado por ti, Tiernan. Estava com ciúmes.

Brotam lágrimas, com um grito que não liberto a magoar-me a garganta. Quero abanar a cabeça. Quero gritar e dizer-lhes que não interessa. Ele não pode tratar assim as pessoas e a forma de comunicar dele é uma escolha sua. Ninguém o impede de dizer o que precisa.

Então, tem ciúmes. Então, o pai e o irmão estão atravessados no caminho dele. Não teve problemas em partilhar-me na noite do incêndio. E é suposto eu ler-lhe a mente sempre que de repente muda de ideias? Ele não é humano. É um urso. O amor dele é uma merda.

Endireito-me, fechando com força o meu livro e recolhendo as minhas coisas na mesa. Percorro a cozinha, afastando de pronto os meus pensamentos ao sair.

– Tiernan – chama-me Jake.

Paro, hesitando um pouco antes de rodar a cabeça.

Jake senta-se na cadeira, olhando para mim.

– Quando o Kaleb deixou de falar, tentei usar linguagem gestual com ele – revela-me. – Ainda recordo uma parte.

E, então, leva a palma ao peito e bate duas vezes, imitando o gesto de Kaleb antes de partir na semana passada.

– Isto… – diz ele – significa «minha».

Escapa vapor da minha boca, formando nuvens no ar, a vista praticamente igual à primeira vez que vim à varanda em agosto. Mas, também, tão diferente.

O vento infiltrou-se no meu chapéu branco tricotado e cinjo-me bem com a manta castanha lisa que Mirai me enviou no outono, segurando uma caneca de chocolate quente nas mãos.

Os meus dentes batem. O frio do vento está bem abaixo dos vinte graus negativos.

E, por um momento, baixo as guardas e penso. Onde está ele?

Observo a vista, as árvores cobertas de neve espalhando-se até ao cume coberto de neve, belo e desolado. Frio e sozinho.

Ele só poderia ter tomado duas direções. Mais para o meio da floresta, até à cabana de pesca. Ou até à vila.

Kaleb odeia a vila.

O ar gélido morde-me os lábios. Se descer aos vinte e quatro graus negativos em quinze minutos pode surgir uma queimadura de frio. Os meus dedos aproveitam o calor da caneca, mas, mesmo agora, o sangue corre frio, tornando difícil que se estiquem.

Tento ficar mais tempo, para tentar sentir o que ele deve sentir lá fora, só que está demasiado frio. Adoro a neve, mas quando atinge esta temperatura deixa de ter graça. Viro-me para trás, com a neve na minha varanda a esmagar-se sob os chinelos de solas grossas.

Deslizando a porta de vidro, descalço-me de imediato ao entrar no quarto, fechando e trancando a porta. O fogo crepita à minha direita.

Avanço até à minha cama e pego na almofada, cheirando a fronha. Cheira a amaciador *Snuggle*. Lavei os lençóis depois de Kaleb ter partido, mas o cheiro dele ainda permanecia aqui. Agora desapareceu.

Pouso a almofada, largo a minha manta na cama e tiro o chapéu, ficando ali uns três segundos até deixar que os meus pés me levem. Saindo a vaguear do quarto, deambulo pelo *hall*, arrastando os pés por um momento até desaparecer pelas escadas de Kaleb acima. Ainda são apenas umas três da tarde e, apesar da conversa tensa ao pequeno-almoço esta manhã, Jake e Noah trabalham alegremente na oficina, unindo-se na ausência de Kaleb. Como é que não se sentem preocupados? Estou chateada com ele, mas é inverno. Pode morrer ali fora. E se nem sequer chegou à cabana?

Rodando a maçaneta, abro a porta do quarto, com a divisão às escuras com a exceção da luz proveniente da janela, e entro.

Fecho os olhos, inalando o seu odor. O mundo gira atrás das minhas pálpebras e sinto-me zonza. Porque é que o cheiro de Noah não tem este efeito em mim? Ele sentir-se-ia tão feliz se me tivesse nos braços esta noite. Tem-se esmerado em não se mostrar óbvio, mas sei que quer agarrar-me. Quer que eu o veja.

Entrando ainda mais no quarto, abeiro-me da cama e pego numa das almofadas de Kaleb, os seus lençóis emaranhados e o cobertor parcialmente tombado para o chão. Pressiono a almofada contra o nariz, com a frieza gelada da fronha a arrepiar-me antes de conseguir inspirá-lo.

Inalo, sem nada cheirar de início, mas depois ali está. Ainda ali presente. As árvores e cardos, madeira e couro. E algo mais. Algo que só se percebe quando nos enterramos no pescoço dele. Calor redemoinha na minha barriga e sento-me na cama, fraca.

Aqui está frio. Escuro e empoeirado. A lareira está enegrecida com anos de cinza acumulada e, apesar de ele não ter levado nada que eu tivesse reparado, o lugar parece abandonado.

Avançando para a parede mais distante, paro diante da janela panorâmica e observo o bosque, com a paisagem nevosa bela e pacífica.

Ainda me sinto zangada.

E, se ele entrasse agora mesmo por aquela porta e quisesse corrigir as coisas, eu provavelmente cederia e receberia quaisquer migalhas que desejasse oferecer. Ele venceria.

Ele neste momento vence. Já lá vai uma semana e estou precisamente aqui onde estava quando vim para cá. A fazer-me infeliz, porque…

Porque só valho algo se alguém quiser amar-me.

Tal como com eles.

As lágrimas que perpetuamente ardiam ao fundo dos meus olhos secaram na última semana e inspiro profunda e demoradamente, libertando tudo, a par do peso dos meus ombros.

Sou maior do que isto. Quero viver.

Rodopiando, abandono o quarto e fecho a porta, espreitando uma derradeira vez para este espaço.

Então, desço ao rés-do-chão até à oficina, subindo o volume à música que estão a ouvir quando me lanço ao armário.

Noah sorri-me, ponho os meus óculos de proteção e todos nos lançamos ao trabalho.

29

Tiernan

Girando o punho, acelero, o pneu traseiro roda sob mim e faz uma meia-lua na neve. Sento-me, prendo as botas nos pedais e parto a grande velocidade, subindo a rampa com sal espalhado enquanto lá no alto pairam as nuvens escuras.

Adoro este tempo. Anda à volta dos seis graus negativos e, apesar de dezembro e janeiro terem sido penosos, não levei muito a ambientar-me. Hoje em dia, é raro vestir casaco no exterior.

Nem sei ao certo que dia é, apenas que estamos em fevereiro. Acho.

Paro à porta da oficina e retiro o capacete, pendurando-o no guiador ao descer da moto.

– Adoro! – digo a Jake.

– Queres uma?

Sorrio, vendo-o a limpar o óleo das mãos.

– Talvez algo que seja legal para circular na rua.

Abana a cabeça e debruço-me sobre a máquina da roupa, descalçando as botas. O punho da minha bela camisola das Ilhas de Aran está a desfiar, com um fio de lã dependurado na mão, mas até sabe bem, pois sei que as minhas roupas agora foram vividas, gastas ao longo de horas e dias a fazer coisas que adoro.

Há cinco peças de mobiliário espalhadas pela oficina – duas mesas de canto, uma cabeceira de cama, outra arca e um guarda-roupa. Poderia ter concluído mais nos últimos meses, mas assim já terminei o meu plano de trabalhos escolares, preparei as minhas candidaturas à universidade e experimentei uma série de novas receitas, utilizando a nossa comida perecível enquanto ainda estava boa.

Mas ainda terão de decorrer pelo menos oito semanas até poder saborear uma maçã fresca e suculenta. Estou ansiosa por regressar à vila.

No entanto, noutros dias, espero que a neve nunca derreta.

Tenho terra sob as unhas e nunca apliquei maquilhagem pois vou ao exterior todos os dias, rosando as minhas faces.

Jake atira o pano para o chão e olha para mim.

– Não tem de ser legal para circular na rua – diz-me. – Se não a tirares daqui.

Olho-o nos olhos, mas depois curvo-me para retirar a roupa da máquina de secar.

– Para quando nos visitares, é onde quero chegar.

Assinto, mas não volto a olhar para ele. Sei o que ele quer. Adoraria que eu ficasse, mas aceitaria um compromisso em que esta fosse a minha base nas férias escolares.

Parte do princípio que acalmei e que ficarei durante o verão.

Mas não vai dar. Posso ser o motivo para Kaleb não regressar a casa. Talvez ele o faça quando eu partir.

Sem responder, pouso a roupa lavada em cima da máquina de secar, enfio lá dentro as peças molhadas e corro pelas escadas até casa.

Aqueço as mãos com o meu bafo, esfrego-as enquanto o fogo da lareira aquece a zona. Sinto-me tomada pela culpa ao reabastecer a comida e a água dos cães. Não quero ignorar a proposta de Jake, mas ainda disponho de dois meses. Pelo menos.

Para já, não tenho de temer deixá-los.

É claro que parece que foi ontem quando disse o mesmo em dezembro.

Atravessando a sala de estar, subo as escadas, mas a porta da frente abre-se atrás de mim e olho por cima do ombro, dando com Noah a entrar. Descalça as botas de neve e arranca o chapéu e as luvas de trabalho.

Ergue os olhos e o meu olhar cruza-se com o dele.

Sorri como um demónio e o meu coração falha uma batida.

Não.

Arquejo e corro pelas escadas acima, ouvindo os passos dele atrás de mim, atacando o meu traseiro. Guincho, agarrando-lhe o braço quando passa por mim, com ambos a tropeçar e a rir enquanto corremos para o chuveiro.

– Eu primeiro! – grito.

Ambos nos despachamos rumo à casa de banho, chocando com a porta e desabando lá para dentro. Tropeço e caio e ele segue-me, agarrando-me as pernas para que eu não me levante. Dou-lhe com os pés, gritando e rindo, e estico o braço para o lavatório, içando-me.

Corro para o chuveiro, mas ele levanta-se, prendendo-me e encostando o seu corpo ao meu.

Sinto o estômago em agitação, com o calor e hálito dele a rodearem-me.

E, num momento, tudo acalma. Os risos param.

Ele paira sobre mim, o seu peito a subir e a descer encostado ao meu, e cheiro a lenha na sua roupa da fogueira que fez no exterior.

O pénis dele roça em mim através da roupa e remexo-me.

– Podes ir primeiro – digo. – Parece que tens de tratar de algo.

Tento afastar-me para o lado, mas ele detém-me.

– *Tu* é que tens de tratar de algo, melhor dizendo.

Olha para baixo para mim e sinto o calor a emanar dele. No caminho dele estou apenas eu.

– Ama-lo? – pergunta. – Porque, se não for o caso, então vem comigo para o duche, pois o meu corpo está em pulgas.

Permaneço imóvel.

Talvez devesse fazê-lo. Saberia bem.

Kaleb está fora por uma razão, afinal de contas. Ou está a tentar esperar até à minha partida, para não ter de me ver, ou sabe que não pode contar voltar agora e dar comigo intocada após a sua longa ausência, em especial numa casa habitada por homens com quem já estive.

Toda a gente quer que isto aconteça.

Mas, quando se inclina sobre mim, cravo-lhe as mãos no peito.

– Não.

Abano a cabeça, mantendo-o ao largo.

– Ama-lo? – quer saber.

– Não sei. – Franzo o sobrolho.

Mas não te amo. Não dessa forma.

Noah necessita do irmão muito mais do que necessita de mim. Não quero pôr-me no meio.

– Não gastes a água quente toda – digo, abandonando a divisão.

Descendo ao rés-do-chão, sigo para a cozinha para ver o estufado na panela, mas um grito débil atinge-me os ouvidos e olho para cima, vendo Jake ao telefone.

– Se não a põe ao telefone, juro que a tiramos daí com meio aéreos!

– Credo, foda-se – rosna Jake, afastando o auscultador do ouvido e lançando-me um olhar furioso. – Tiernan…

Atira-me o telefone, segurando o café na outra mão.

– Não quero essa mulher a voltar a telefonar para cá – diz-me. – Atende o teu telemóvel.

Hum?

Levo o telefone ao ouvido.

– Essa mulher? – repete Mirai, com desdém. – O que significa isso? Ele é um bárbaro.

– Olá.

– Olá – diz ela, percebendo de repente que estou em linha. – Boas festas, Tiernan.

Encolho-me.

– Pois, eu sei. Desculpa.

Temo-nos limitado às trocas de *emails* e mensagens nas últimas dez semanas, mas, apesar de ela ter telefonado, não atendi. Não me apeteceu conversar. Através de mensagens, podemos dizer rapidamente como estamos sem ter de inventar merdas para conversar.

– Tiernan…

– Peço imensa desculpa – volto a dizer-lhe. – Só tenho andado…

– A viver a tua vida – termina ela por mim. – Eu entendo. Mas não te livras de mim, *okay*?

– Eu sei. – Apoio-me na ilha e Jake deixa-se ficar, olhando para o frigorífico e tentando dar a ideia de que não está à escuta. – Recebeste o meu presente, certo?

Ela larga uma gargalhada.

– Sim, muito generosa. Estás a dizer que preciso de umas férias?

– Ou de um caso – provoco. – Um caso intenso, ardente e louco com um homem. Ou homens.

Jake roda a cabeça, espreitando para mim por cima do ombro.

Ofereci a Mirai uma viagem às Fiji. Para ela e para outra pessoa.

– O que sabes tu? – Mirai volta a rir.

– Ela é gira? – sussurra-me Jake ao ouvido.

Espreito na direção dele, com a irritação na expressão dele de repente sumida. Reviro os olhos.

– Então, sentes-te feliz? – questiona.

Noah liga a música lá em cima e Jake levanta a tampa do meu estufado, mergulhando a colher para provar. Esta noite vão obrigar-me a ver pela primeira vez *Soldados do Universo*. Sinto-me quente, bem alimentada e amada.

Não me falta nada de que necessite.

Mas, ainda assim, baixo o olhar.

– Quase – murmuro.

Conversamos por um bocado e ela informa-me que o senhor Eeusola a contactou por causa dos mexericos e obrigaram o jornal a retratar-se publicamente, bem como a despedir o jornalista. Espero que sirva de exemplo para mostrar que não estou interessada em tolerar rumores sobre os meus pais para o resto da vida.

Depois de desligarmos, vejo como está o jantar, acrescentando batatas que descasquei esta manhã.

Lavando as mãos, olho pela janela, vendo como a neve em volta da rampa começou a derreter. Ainda aí vêm mais tempestades, mas os últimos dias foram um alívio agradável face às temperaturas amargas.

Debruço-me, espreitando para cima para o que logro ver do céu. As nuvens parecem pesadas. *Mais neve a caminho.*

Sinto Jake atrás de mim e espreito, vendo-o também a espreitar pela janela.

Baixa o olhar, havendo algo de íntimo no modo como os seus olhos incidem na minha boca.

Recua um passo.

– Desculpa.

– Não tem mal.

Não estivemos juntos desde o incêndio. Tenho dormido sozinha desde que Kaleb partiu.

Seco as mãos enquanto ele beberica o café.

– Vem aí uma tempestade – anuncia.

Assinto com a cabeça, olhando para lá das árvores. Começa a escurecer.

– Ele alguma vez esteve tanto tempo fora?

Detesto ter perguntado, mas todos os dias o queria perguntar. Já lá vão mais de dois meses. Alguma vez ele falhou o Natal? Alguma vez ele ficou lá tanto tempo?

– Não – acaba por responder Jake.

– Não estás preocupado?

Faz uma pausa, explicando com uma voz calma.

– Não vou levar-te para o interior tão profundo do bosque no inverno. E não podemos deixar-te aqui sozinha. Se ele não regressar quando partires, então vamos.

Quando eu partir…

Pela primeira vez, percebo. Posso nunca mais voltar a ver Kaleb.

– Tiernan, quero que leves o Noah contigo quando partires – diz Jake.

Viro-me.

– E tu?

Estará ele a ceder? Noah está desesperado por partir. Quando é que por fim aceitou isso?

E Kaleb partiu. Se eu levar Noah, Jake fica sozinho.

Limita-se a olhar para mim, com um esboço de sorriso de resignação a bailar-lhe nos lábios.

– Não te preocupes comigo.

Pestanejo para afastar as lágrimas. Não quero que Jake fique aqui sozinho. Se Kaleb sobreviveu ali todo este tempo, pode nunca regressar. Imaginar Jake sozinho nesta altura no próximo inverno… Dói.

Ponho-me em bicos de pés e envolvo-o com os braços, sentindo também os braços dele a envolver-me.

Segurando-lhe a cabeça, enterro o meu nariz na face dele, o choro alojado na minha garganta. Abro a boca, quase avançando para a dele. Quero beijá-lo. Quero cuidar dele e dar-lhe amor, porque ele vai morrer aqui em cima, sem nunca partilhar a sua vida com alguém.

Posso fazer com que se sinta bem.

A boca dele paira sobre a minha e sei que ele o quer. Enterra os dedos na minha cintura.

Mas o cabelo na parte de trás do escalpe é demasiado curto. Arranha-me a mão, não tem nada a ver com o cabelo negro macio de Kaleb.

Lentamente, baixo os braços e ele puxa-me, acabando antes por me abraçar.

Envolvo-o com os braços e fecho os olhos. Não posso deixá-lo sozinho. Ou Noah fica, ou Jake vem, ou…

Não sei.

Deambulo até lá acima sozinha. O que vai acontecer quando as estradas abrirem daqui a umas oito semanas? Não é assim tanto tempo. É assim que tudo acaba?

Parada ao fundo das escadas de Kaleb, fito a porta dele. Não a abri desde dezembro. Ninguém o fez, mas estou certa de que nada mudou. Ainda frio, mas provavelmente um pouco mais empoeirado.

Subo as escadas.

A ténue luz vinda do exterior da janela deixa o quarto no crepúsculo e fecho a porta atrás de mim, massajando os braços para afastar o frio. Avanço até à lareira e pego num par de pedaços de lenha, depositando-os dentro com um pouco de acendalha. Risco um fósforo na cornija da lareira, acendo o fogo e vejo as chamas a crescer, com o calor e a luz a vaguearem de imediato na minha direção.

O brilho suave tremeluz sobre o chão e levo o fósforo para acender umas quantas velas que ele pôs na cornija e aquela que está junto à sua cama.

Kaleb tem velas. *Heh*.

Ligo o seu velho suporte *iPod*, com uma canção de Amber Run a começar a tocar enquanto me abeiro da cama e puxo o lençol e o cobertor para os arejar. Deito-me por cima, estendendo-me a olhar para o teto enquanto estico o braço e acaricio a minha face.

Tal como ele me fez quando me trouxe para esta cama.

Sinto um aperto no coração.

Fecho os olhos, com lágrimas suspensas nos cantos. *Meu*. Ele é meu. Devia ter ficado para lutar comigo.

Deixo-me ficar deitada por um bocado, olhando para o vazio e deixando a minha mente vaguear. O quarto escurece conforme o Sol se põe, mas aquece com o fogo e perco a noção do tempo, até que por fim ouço alguém a bater à porta.

– Tiernan?

Pestanejo, pretendendo ser deixada em paz. Mas sento-me.

– Sim?

– O jantar está pronto – anuncia Noah.

Deve ter-me procurado por todo o lado, até perceber por fim que eu estava aqui.

– Desço mais tarde – digo-lhe. – Sinto-me cansada.

Nem sequer olho para o relógio, mas deve andar perto das seis. Hoje à noite não me apetece ver um filme.

Reina o silêncio do outro lado da porta, mas ao fim de uns momentos as escadas rangem com os passos de Noah.

Rolo para o lado e enterro a cara na almofada.

Mas sinto algo duro e movo a mão, agarrando o objeto no interior da fronha. O que é? Ergo a cabeça e enfio lá a mão, puxando para fora.

Seguro um livro de capa dura castanho gasto e espreito sob a luz ténue da vela, rodando-o para ler a lombada.

Dom Quixote Vol. II.

Sorrio e sento-me, abanando a cabeça. Ele é um poço de surpresa. Ele lê.

É evidente, as estantes à minha direita estão pejadas de livros, mas até cheguei a pensar que estariam apenas aqui guardados, tendo ele sido demasiado preguiçoso ao longo de anos para os tirar.

Sentando-me de pernas cruzadas, puxo o livro para o meu colo e folheio-o, com o cheiro a papel velho, amarelecido, a vaguear até mim.

Abro-o ao meio, ouvindo a lombada a estalar.

Quase rio. *Bem me pareceu.*

Apesar de velho, não tem dobras. Ele não está a ler isto.

Então, porque o tem na cama?

Deixo as páginas correr, mas vejo algo precisamente quando o livro vai a fechar. Apanho-o, abrindo de novo a capa e aproximando-o para ler a escrita a negro.

É engraçado como as mulheres vêm agora até mim com tanta facilidade, leio. *Na escola, costumavam dizer que eu era estúpido.*

Estúpido.

Estúúúúpido.

Estúúpido.

Estreito os olhos, enxergando a escrita irregular no interior da capa.

Sou estúúpido.

Mas sem dúvida que gostam de foder comigo.

Sinto um alto na garganta e a minha respiração fica rasa.

Kaleb.

Apressadamente, volto a folhear o livro, verificando no interior da contracapa, mas não vejo mais escritos, e fico ali sentada, entusiasmada e chocada. Estas palavras pertencem a Kaleb?

Giro a cabeça para a estante, as montanhas de obras espalhadas, enfiadas nas prateleiras e a transbordar. Saltando da cama, corro até lá, pegando num livro. À sorte.

Desenhos de uma cabana delimitam a contracapa no início do livro e folheio até ao fim, o coração prestes a parar quando vejo mais escritos à mão.

Profundo. Quero sempre estar lá. Odeio isto aqui. Quero estar lá. No vale, onde o rio se arrasta e o vento corre sobre mim. Rodeado por rangidos. Cheira a profundo. Sabe a profundo. Quero que o mundo seja mais pequeno.

Odeio isto aqui.

Mal dou pelas lágrimas que jorram conforme retiro os livros das estantes, freneticamente em busca de mais.

Ele não lê os livros. Escreve neles.

Depois de vasculhar uns quantos vazios, dou com outro rabiscado e com marcas entalhadas bem fundo no papel, como se tivesse cortado a folha com a caneta.

Foda-se, ele escreve.

FODA-SE.

E mais rabiscos, violentos e sombrios como se a página sangrasse tinta. Quando é que escreveu isto? O que é que aconteceu?

Abro outro livro.

Hoje, vi-a sorrir. Gosto de ter uma rapariga por perto.

Li mais cinco vezes, procurando por mais nas páginas, mas não havia mais nada. Nada de datas. Está a referir-se a mim ou…?

Agora, só me gritas, escreve noutro. *Sei que a culpa é minha. Sei que não posso falar. Posso. Só não posso. Eu… Eu não estou aqui. É tudo o que tenho e tudo o que sou. Não posso. Não estou aqui.*

Reparo no marcador de livros que ele pôs aqui. Viro-o para trás e vejo uma foto de Jake com os rapazes. Noah não pode ter mais de cinco anos e está sentado numa moto de motocrosse, com o pai atrás.

Kaleb terá por volta de seis anos, o cabelo muito mais comprido enquanto se mantém mais afastado, a olhar para o vazio. Está sempre noutro lugar.

Retiro mais livros da estante, dando com um com anotações riscadas por cima, mas ainda dá para ler.

O senhor Robson perguntou-nos hoje o que queríamos para nós. Eu tinha tantas respostas.

Seria Robson um professor?

Quero estar lá fora, prossegue ele. *Quero estar numa árvore. Quero estar molhado. Quero estar no chão da floresta com a chuva a cair nas folhas no alto. Gosto do som.*

Quero estar quente. Quero agarrar algo. Quero falar com o meu pai. Quero sentir-me cansado, para poder dormir mais, e quero caminhar.

Quero apaixonar-me. Quero sentir-me seguro.

Quero acabar.

Quero que as coisas na minha cabeça desapareçam.

Mas, então, tudo isto está riscado por cima, sobrando uma simples linha.

Quero ser tudo o que ela vê.

Olho para a caligrafia. Ela? Abano a cabeça, mais para mim. Não há nenhuma data? Não há nada preenchido numa ordem discernível. Algumas coisas estão escritas em letra maiúscula, outras em cursiva. Alguma da cursiva é tipo da terceira classe, outra é a escrita de um homem. Há anos de reflexões nestas contracapas e ele esconde-os aqui, pois sabia que ninguém abriria estes livros velhos e esfarrapados.

Escreve tudo o que não podia dizer.

Já me conhecias há muito tempo. Sabes que agora não me conheces. A tentar ensinar-me linguagem gestual, como se eu não pudesse falar. Mantenho-me calado porque quero que me deixes em paz. Linguagem gestual não ajuda.

Pego noutro livro, separando numa pilha aqueles que já li.

Hoje, vi uns lobos a derrubar uma corça. Devia ter abatido o cervo jovem. Não vai aguentar o inverno sem ela. Anda lá fora a morrer à fome, foda-se. Foda-se, devia…

Amanhã vou procurá-lo e abatê-lo.

O Noah não diz nada, pois não? Quando eu preciso sempre das janelas baixadas no carro, mesmo no inverno, pois é muito difícil respirar. Gosto do Noah. Deixa-me ser eu. Deixa toda a gente ser quem é e não precisa de compreender tudo. Não está sempre com perguntas. Ele deixa ser o que é.

Seco os olhos e humedeço os lábios secos, enquanto pego noutro livro. Noah sabe porque precisa ele das janelas do carro baixadas.

Hoje voltei a vê-la sorrir. Virou a cara para o céu e fechou os olhos. Eu até percebo. Tal como eu não preciso de estar sempre a falar, ela não precisa de abrir os olhos para ver o pico. Ela gosta de estar cá. Percebo pelo sorriso quando acha que ninguém a vê. Sinto picadas na garganta e a minha visão turva de novo. *Expira sempre quando o faz, como se tivesse estado a suster a respiração.*

Sou eu. Sei que se refere a mim.

Encontrei um doce no lixo e couve-galega na minha piza. Ela é esquisita como o caralho.

Rio-me entre as lágrimas.

Meu Deus, ela sabe bem. Tem ar de que pareceria pudim no nosso punho. Macia. Demasiado macia. Mas foi tão bom. Aqueles segundos no carro em que me deixou enterrar a cara no corpo dela. A pele dela é como água. Quero o cheiro dela na minha cama. E no meu cabelo. E nunca longe de mim.

Imagino-o aqui em cima todas aquelas noites sozinho. A rabiscar nos livros. Todas essas noites desperdiçadas. Talvez tenha escrito isto antes de me ter visto sair do quarto do pai. Podíamos ter feito tudo de maneira muito diferente.

Puta. Foda-se, porque é que eu não consigo partir? Está na hora de ir para lá. Passei aqui muito tempo. Aquela puta de merda. Aquela puta estúpida.

Ir para lá. Mais para o interior das montanhas, quer ele dizer. É para onde foge quando tudo é sofrimento.

Tiernan… lê-se noutro livro. Mas é isso. Só o meu nome.
Folheio até ao fim e inspiro fundo, ao ver mais.

Dormem tão profundamente, não te ouvem à noite. Apenas eu. Quando toquei no teu rosto, sossegaste. Quando tentei partir, o pesadelo recomeçou. Por isso, fiquei. Apareço todas as noites. Enfias os teus pés frios no meio das minhas pernas e abraço-te, pousando a mão nas tuas costas e sentindo o teu corpo a acalmar ao aconchegar-se a mim. Faço sentir-te segura? Gosto de tomar conta de ti.

Olho para o texto. Como é que eu não sei disso? Há quanto tempo aparecia ele? Mesmo quando discutimos?

Sei que tens medo de mim e sei que a culpa é minha. A Cici tentou esbofetear-me na gruta naquele dia, porque eu não a queria e, em vez disso, cair para cima do meu ombro e encher o maldito do nariz dela de

sangue acabou por ser a menor das tuas preocupações. Fiz-te coisas horríveis sozinho. Detesto nunca ter feito nada que te levasse a amar-me. Nunca me hás de amar.

Cerro os dentes, esforçando-me por ver entre as lágrimas.

Deixas-me a tremer. As minhas mãos tremeram na árvore hoje contigo e não entendo o que é ou porque acontece. Apenas o sinto. Não quero que alguma vez te afastes de mim.

A árvore. Em dezembro, quando cortámos galhos para as decorações. Escreveu isto depois de termos feito amor no celeiro.

Assustas-me. Assusto-te. Não permitas que volte a magoar-te. Porque é que não consigo deixar de ter vontade de te magoar? Fode-os, está bem? Continua a fodê-los para eu não te querer tanto, caramba. Estou desfeito, porque querer-te sabe bem e não sei o que fazer quando as coisas sabem bem. Está tudo uma confusão e vou tornar tudo uma confusão, mas…

Vou sentir a tua falta.

Sinto a tua falta.

Expiro o pouco ar que sustenho.

Ele mata-me.

Todo este tempo, afastei isto, tentando sobreviver e agir como se conseguisse vencer, mas ele tem razão. É uma confusão e nós somos uma confusão, mas sempre soube que, se ele entrasse pela porta e me dissesse algo – ou comunicasse de alguma forma – eu derreteria. Tudo o que sempre quis foi um mero vislumbre da mente dele.

Recuo, observando as estantes e as dezenas de livros ainda à minha espera. Até agora, nem por uma vez referiu a mãe.

Ele não quer saber.

As páginas estão preenchidas com o que ele ama.

Não vou deixar Jake aqui sozinho. Não vou partir sem eu e Kaleb esclarecermos as coisas. Não vou levar Noah sem que se despeçam.

Quero-o em casa.

Não sei quanto tempo passo a procurar em mais livros e a reler partes que adorei, mas a casa está às escuras e em silêncio quando por fim abandono o quarto dele e desço as escadas. Perdi o filme, mas não tem mal. Ainda bem que Jake já dorme.

Enfio-me no quarto de Noah, ouvindo o débil som da música dele, e avanço até à sua cama, abanando-o para o acordar.

– O que foi? – resmoneia e dá a volta, limpando o sono dos olhos.

Curvo-me para baixo.

– Vamos lá buscar o Kaleb.

30

Tiernan

– Estão sete graus negativos – digo a Noah, exalando o ar dentro do meu casaco para acumular o calor. Olho para o céu carregado. – Aquelas nuvens estão a menos de dois mil quilómetros. Temos de nos despachar.

A neve redemoinha à nossa volta, mas é apenas o princípio. Vem aí uma tempestade.

Enfio os meus óculos de proteção e cinjo o capuz do casaco, seguindo-o pela neve com as minhas botas e calças impermeáveis enquanto ele ruma a norte.

Depois de o ter feito sair da cama na noite passada, carregámos as nossas motos de neve, embrulhámos o nosso material e saímos enquanto o tempo ainda se mantinha bom. Assim que o Sol nascia, o frio era suportável, mas agora as nuvens rolam e, foda-se, avaliei mal ao achar que não vinha uma tempestade.

Veio.

Jake vai ficar lixado. Deixei-lhe um bilhete em cima da mesa, informando-o que íamos pelo bosque até à cabana de pesca. Naturalmente, não há garantia de que Kaleb lá esteja, mas é a escolha mais provável. Não quero saber se Jake nos segue. Só me contive a acordá-lo por saber que ele nos impediria.

Noah para à minha frente, com os flocos a ganharem espessura ao vergastarem-nos os rostos.

Olha para o mapa, retirando os óculos e limpando os olhos.

– Pensei que conhecias o caminho – digo-lhe, parando ao seu lado.

– Tem lá calma. – Dá a volta ao mapa e procura o terreno. – Estive aqui em cima cinco vezes na vida, sempre antes dos doze anos. O Kaleb e o meu pai gostam de vir cá acima, eu não.

– Fantástico. – Abano a cabeça.

Retirando o documento plastificado das mãos dele, observo o desenho de Jake. Ele mapeou a área há uns anos, assinalando os seus próprios pontos de referência – lagoas, ribeiros, grutas. Coisas que reconhecia.

Mas, para mim, é chinês. As montanhas e as árvores no mapa parecem-me todas iguais ao vasculhar a zona em nosso redor.

Devolvo-o a Noah, soltando um forte suspiro. Não há já aquelas coisinhas de GPS? Algo que vai buscar dados a um satélite? Enrosco os dedos nas botas, com as pernas a tremerem um pouco. Dou um passo, afundando até ao joelho na neve ao fazer uma rotação de 360 graus para olhar em meu redor.

Os três ramos cintilam a branco, montes de pinhas coníferas dependuradas nos galhos, e vejo uma ravina estreita à esquerda. Saco a minha garrafa de água da mochila, ambos carregando tudo o que foi possível quando finalmente abandonámos as motos de neve devido ao terreno difícil. Já seguimos a pé desde as oito desta manhã, com as nossas espingardas atadas às mochilas.

Volto a olhar para as nuvens, incapaz sequer de localizar o sol. Devem ser umas duas da tarde, contudo.

– O Kaleb disse que ficava «no vale» – digo a Noah. – Onde o rio «se arrasta e o vento corre».

– O Kaleb disse?

Olho para ele, murmurando.

– Encontrei um diário. Uma espécie.

Fica por momentos a olhar para mim, mas depois fixa o olhar no horizonte da isolada floresta branca.

– Vale com um rio… – murmura para si mesmo.

Observando o mapa de novo, morde o seu lábio gretado, com um ar baralhado.

– Não faço ideia – acaba por dizer. – Não vejo isso aqui. Ele disse mais alguma coisa?

– Rodeado por rangidos? – revelo, sem saber se terei lido bem no livro. – Rangido, será algum tipo de som.

Noah endireita-se, olhando para o vazio enquanto dá voltas à cabeça. Ponho-me à frente dele, de costas para o vento.

Foda-se, que frio.

– O que foi? – pergunto.

Ele pestaneja.

– Era como um cano – diz ele. – Um cano de chaminé. O vale era pequeno, cercado por paredes de rocha e árvores. Quando o vento lá soprava, soava como o cano de uma chaminé.

Ergue o queixo, os ombros a relaxar ao expirar. Estala um trovão no alto e olho para o céu, encolhendo-me.

– E a neve do pico derretia e descia numa cascata que não conseguíamos ver atrás das paredes do vale, mas o fluxo bifurcava em duas correntes – recorda ele por fim. – Uma alimenta o local onde pescamos. A outra… – Olha-me nos olhos. – Sei onde ele está.

Fecho os olhos. *Graças a Deus.*

Sem mais palavras, lança-se para a esquerda, junto à ravina, e tira o capuz, ficando apenas com o barrete de esqui preto para ver melhor. Dá-me a mão enquanto cambaleamos e descemos a colina.

O céu volta a urrar e o vento açoita o vale estreito, com flocos a picar-me a cara. Tapo a boca e o nariz com a máscara, vendo o relâmpago a correr pelo céu.

Rodopio para trás, preocupada.

– Merda – exclama Noah. – Vamos.

Seguimos o mais depressa possível pela neve funda, mas sinto os músculos a arder e os meus dedos gelados dentro das luvas. Cerro os punhos.

O vento corre, encurralado entre as duas montanhas, e consigo ouvir apenas a pulsação nos meus ouvidos.

– Estamos longe? – grito.

– Não faço ideia! – responde Noah, apontando para a linha de neve entre as árvores. – Seguimos isto!

Surge de repente um relâmpago, atingindo um abeto na encosta acima de nós, levando-me a gritar.

Noah cai, assustado, e curvo-me para o agarrar.

– Noah!

Cerro os dentes, recorrendo a todos os meus músculos para o erguer da neve.

Volta a pôr o capuz e agarra-se a mim, abraçando-me para me manter quente.

– Só vai piorar – anuncia. – Temos de montar uma tenda e esperar que passe!

– Não vamos montar uma tenda com varas metálicas durante uma trovoada! – digo-lhe, afastando-me dele. – Vamos!

Abro caminho, levando-nos pelo vale e trepando rochedos cobertos de neve para chegarmos a Kaleb. Murmuro para mim mesmo, abrindo e fechando os punhos para manter o sangue a correr, sabendo que cada passo nos aproxima da cabana.

Receio que ele não esteja bem. Já passou tanto tempo.

Temo também sentir vontade de matá-lo por desaparecer desta forma. Como é que se atreve a vir para aqui viver como se nada mais interessasse. Quero lá saber se discutimos. Estou na verdade ansiosa por isso. Desde que ele lá esteja e desde que ainda respire.

Sinto pedrinhas a bater-me no capuz, a batida no tecido esporádica, mas dura. Inclino a cabeça para cima, com balas de gelo a fustigar-me o rosto.

Volto a baixar a cabeça, agachando-me sob o feroz ataque.

– Granizo!

– Só podem estar a gozar comigo – rosna Noah.

Agarra-me a mão e corremos, vendo uma gruta à frente. Correndo para a entrada, lançamo-nos lá para dentro, escapando ao vento, neve e gelo, e baixo o capuz e a máscara, limpando o rosto com uma mão enluvada.

– Estás bem? – pergunta Noah.

– Sim.

Sinto o rosto a arder e receio olhar para lá. Agora só consigo ouvir Jake. *O que te levou a fazer algo tão estúpido?*

E teria razão, isto foi uma estupidez.

Mas, provavelmente, voltaria a fazer o mesmo.

Noah treme, sacudindo o casaco e aquecendo as mãos com o seu próprio bafo.

– Pensei que tinhas sido criado por estas bandas? – provoco-o.

– Cala-te.

Sorrio. *Novato*.

Preparo-me para pousar a mochila, mas então olho para cima, sentindo ainda neve a cair-me no rosto. Penetra luz acima de nós e olho para a direita, vendo mais luz à frente.

Isto não é uma gruta.

É um túnel.

Avançando para a saída, aperto as tiras da minha mochila e avanço para o exterior, voltando a puxar o capuz para a cabeça. A neve cai, o vento sopra e sinto a leve batida do granizo no meu casaco, mas está mais calmo do que do outro lado.

Muito mais calmo.

Árvores impõem-se sobre nós, aglomerados de pinheiros e abetos vestidos de branco, e ouço a água. Paredes de rocha cercam o vale, que tem cerca de metade do tamanho de um campo de futebol, com a única entrada que vejo a ser aquela por onde acabámos de passar. A zona está protegida por rochas e árvores, mas o estado do tempo ainda se faz sentir através de cima, aberto ao céu e deixando entrar o frio, a neve e o vento, embora não de forma tão feroz.

Olhando para cima, vejo a cabana na colina.

– Oh, graças a Deus! – grita Noah atrás de mim.

O meu coração salta e fecho os olhos, sorrindo.

– Kaleb! – berra Noah.

E ele corre, e eu corro atrás dele, pela pequena colina acima na direção da cabana. Deixo cair a mochila e arrasto-a até ao pequeno alpendre.

Noah também larga a sua, as nossas espingardas presas às mochilas e ambos batendo com as botas cobertas de neve contra a casinha.

– Pelo menos, não vou morrer já – grunhe –, porque se eu te tivesse deixado morrer, eles matavam-me.

Rio-me, largando a mochila e abrindo a porta.

– Kaleb! – chamo, entrando na casa.

Mas, antes sequer de me recompor, o meu sorriso esmorece.

Ele não está aqui.

Um calor líquido bombeia o meu corpo e acho que nem respiro. Jake tinha razão ao dizer que este lugar não era para mim. É uma única divisão com um fogão, uma lareira e duas camas. Há três janelas, mais nenhuma outra porta e não há casa de banho. É um lugar para cozinhar e dormir quando pescam, e nada mais.

O ambiente é húmido e olho em redor, agarrando-me a algo que me desse a esperança de que isto não era em vão.

– Ele não está cá – diz Noah, passando rente a mim.

– Mas esteve? – questiono. – Pode ter ido caçar.

Avança até ao fogão, pegando num tacho. De onde estou, vejo os restos de algo lá dentro.

– Está gelado. – Abana a cabeça. – Esteve aqui, acho. Os pratos não têm pó, por isso foram lavados recentemente, mas já lá vai um par de dias, no mínimo.

Avançando para a cama desfeita, levo o lençol ao nariz. Mas o frio e a cabana são os únicos odores que sinto.

– Onde mais poderia ele ir? – Baixo o lençol. – Poderia regressar à casa e não nos termos cruzado?

– Não teria deixado estas armas. – Noah pega numa espingarda e vejo outras pousadas num canto.

As armas.

Deixaste-te desprotegida.

Recordo as palavras de Noah e aproximo-me, vendo as três espingardas pousadas no canto, uma delas era muito usada por Kaleb. Se ele está fora, tê-la-ia consigo. Porque não a tem?

Recuo, com o choro travado na minha garganta. Onde raio está ele?

Os pratos, o tacho sujo, as armas… ele esteve aqui. Então, onde foi e quando?

Respiro a custo, incapaz de controlar os meus receios enquanto se acumulam lágrimas nos meus olhos.

Noah aproxima-se, agarrando-me os ombros.

– Vamos ter calma. Não sabemos o que se passa.

Todavia, liberto-me dele, pegando numa das espingardas pousadas no canto e verificando se está carregada. Ouve-se um novo trovão no exterior e a neve açoita as janelas.

– Vamos – digo-lhe.

– Não vamos voltar a sair com o tempo assim.

– Noah! – Rodopio para ficar cara a cara com ele. – Ele não andaria lá fora de livre vontade com este tempo. Pode estar ferido ou…

– Se vais lá fora, morres! – rosna. – E a seguir morro eu, pois vou ter de te seguir e sei quase tão pouco como tu sobre sobreviver cá em cima! Não cedo. Esperamos que passe o temporal.

Ele tem razão. Sei que tem razão, mas fala a sério? Não posso passar aqui a noite parada. Como é que ele aguenta?

Olho para a porta.

E se um lobo ou um urso o apanharam? E se ele tem frio e está a morrer?

Jorra uma lágrima e sinto os pés prontos a correr. *E se ele morreu lá fora há meses, com os ossos agora a apodrecer na neve?*

Pondero correr para lá.

– Nem penses nisso – diz Noah, irado, enquanto despe o casaco e acende o fogo no fogão. – Eu amarro-te, Tiernan. Juro por Deus.

E fecho os olhos antes de me plantar à janela pelo resto da noite, à procura de Kaleb.

Bocejo, sentindo as pálpebras pesadas e os braços como se pesassem dez toneladas. Levo a mão ao peso sobre o peito e reparo que se trata do braço de Noah, que me abraça por trás numa das camas. Pestanejo para afastar o sono, aninhada no corpo dele e ainda envergando os meus *jeans*, camisola e meias de lã.

– Ei – diz ele com uma voz de sono.

Viro a cabeça.

– Acabou? A Tempestade?

– Sim. – Cinge-me mais. – Ouve.

Apuro os ouvidos, escutando a queda constante sobre as janelas e o telhado em latão, tilintando no espanta-espíritos pendurado no alpendre da frente. É um som diferente do da neve.

Oh, meu Deus.

– Está a chover?

– É, não é? – brinca ele.

Mas o vento desapareceu, assim como as pedras de granizo que batiam na casa na noite passada.

Chuva. Nada de neve, o que significa que não está tão frio.

– A chuva vai tornar a neve mais escorregadia? – pergunto.

Noah ergue-se e largo um longo bocejo.

– Significa provavelmente que não vamos apanhar muita neve.

Desce da cama e veste a camisa e eu sento-me, prendendo o cabelo atrás das orelhas. Como é que ele aguenta estar apenas de calças de ganga? O fogo ajudou, mas ontem à noite continuava a fazer frio.

Veste o casaco e passa-me a granola que empacotámos e a seguir pega numa cana de pesca.

– Fica na cama, come, hidrata-te – diz ele. – Vou apanhar o pequeno-almoço e depois saímos.

Reteso-me.

– Não vamos para casa.

Abre a porta, com um ar extremamente cansado.

– Eu queria dizer que saímos para o procurar, querida.

Descontraio, aliviada.

– Ei – chamo por ele.

Vira-se e olha para mim.

– Tem cuidado.

O olhar dele suaviza e mostra-me aquele sorriso.

A seguir, fecha a porta e parte. O rio corre atrás da casa, por isso ele não deve ir longe, e aproveito a oportunidade enquanto ele está ausente para ir lá fora aliviar-me, derreter neve para me lavar e comer e hidratar-me, como me foi dito.

Calçando um par extra de meias, mudo de camisola e prendo o cabelo num rabo-de-cavalo. Até dormi bem, pois Noah manteve-me quente, mas acho que insistiu que partilhássemos uma cama por temer que eu saísse disparada a meio da noite para ir procurar Kaleb.

Ainda bem que nem tentei. Já foi uma grande estupidez vir aqui apenas com Noah. Sair sozinha seria o suicídio.

Depois de lavar os pratos que utilizámos e de verificar o estado das minhas botas junto ao fogo para assegurar que tinham secado, pego na minha mochila para ver como estou de mantimentos.

Mas vejo algo a mover-se do lado de fora da janela e paro.

Ergo o olhar, semicerrando os olhos.

Largando a mochila, avanço até à porta e rodo o puxador com cuidado, abrindo-o suavemente.

Aplacando a respiração, espreito para a chuva, abrindo cada vez mais a porta, retraindo-me quando as dobradiças rangem, mas não quero assustá-lo.

Saio para o alpendre, com água a escorrer do telhado para o chão enquanto o veado está ali parado diante de mim como uma estátua.

O meu peito incha. *Uau*.

A sua galhada estende-se na forma de um U gigante sobre a sua cabeça, abrindo-se em galhos mais pequenos enquanto os seus enormes olhos castanhos me fitam como se aguardasse por algo.

A chuva tomba à nossa volta, ele tem os cascos enterrados na neve e eu vacilo, tateando pela minha arma atrás de mim na casa. Jake dir-me-ia para disparar contra ele. Estamos aqui sem muita comida e quem sabe se a neve nos vai cortar o caminho esta noite ou amanhã. Não devo recusar a comida que me põem no prato.

Ele teria razão.

Mas estico os braços e sussurro e grito ao mesmo tempo:

– Vai embora!

Ele parte de repente, passa por mim a correr e sigo-o com o olhar para assegurar que escapa antes que Noah o veja.

E, então, avisto algo e paraliso, prendendo o olhar em Kaleb na vegetação enquanto ele aponta a arma à cauda branca.

Fico de boca aberta. *Kaleb*.

Ouço levemente o trote do veado a desaparecer quando a espingarda de Kaleb se detém em mim, já sem seguir o animal, enquanto espreita pela mira. Ergue a cabeça, com vapor a flutuar no ar saído da sua boca.

Pestanejo para assegurar que realmente o vejo e que não se trata de uma qualquer alucinação. Usa um carapuço cinzento-escuro, barrete de esqui preto e tem o maxilar coberto de barba rala. Olha-me, deixando cair os braços ao longo do corpo, e o seu peito sobe e desce numa respiração rasa.

Sem pensar, desço em meias os degraus molhados enquanto ele avança lentamente na minha direção.

– Olá – digo.

Está ali parado e não sei bem o que fazer. Encontrámo-lo. Ele está bem.

Acho.

Passo os olhos pelo corpo dele, assegurando que não perdeu peso ou não está ferido.

Onde raio passou ele a noite?

Mas, nem quero saber. Os seus belos olhos. As maçãs do rosto. A boca e o pescoço queimado pelo sol que sei que estará quente. É evidente que estaria bronzeado no inverno.

Engulo em seco.

– O Noah desceu ao ribeiro à procura de algo para o pequeno-almoço – digo, em voz baixa. – Estávamos preocupados contigo.

Aproxima-se um pouco e baixo o olhar para os tornozelos dele, reparando que os seus *jeans* estão ensopados dos joelhos para baixo.

– Faltaste ao Natal – digo.

Alojam-se lágrimas na minha garganta. Desespero para que fale. Que me queira como naquela noite do incêndio com Noah e na tarde no celeiro.

Acima de tudo, quero apenas vê-lo.

Mordo o lábio.

– Podemos ir para casa? – sussurro.

Simplesmente, ir para casa.

Vamos começar de novo e ser amigos. Eu serei simpática, tu serás simpático e não tens de falar. Rimo-nos e trabalhamos e damos passeios e podes ensinar-me a usar um arco e flecha e…

Corre para mim, envolvendo-me com os braços, e deixo escapar apenas um gemido antes de a sua boca cobrir a minha.

O mundo gira e sinto-me tomada por uma onda de euforia. Beija-me profundamente, a sua língua a mergulhar e fazendo o meu corpo gritar da cabeça aos pés. Envolvo o pescoço dele e devolvo o beijo, demasiado alterada para ir devagar, pois sinto-me esfomeada.

– Amo-te, Kaleb – choro discretamente. – Amo-te.

Larga a espingarda e leva-me para a casa, fechando a porta com o pé assim que entramos. Mordemos e beijamos, regressando para mais e mais, e dispo-lhe a camisola e ele descalça as botas com os pés. Tiro a minha camisola e descalço as meias enquanto ele me desaperta os *jeans*, sem nunca descolarmos os lábios.

Não vamos ser amigos. Vamos discutir e rir e um dia fazer bebés e enlouquecer, porque estou apaixonada por ti, caralho.

Afasta-se e ergue-me o braço, inspecionando o pequeno alto na pele em que mal se repara.

– Está bom – asseguro-lhe. – Coseste-me bem.

Estava ferida da última vez que me viu. Agora resta apenas uma leve cicatriz.

Respira arduamente, mas relaxa os ombros aliviado. Segurando-me a cabeça com as mãos, beija-me com força, sem língua, apenas de modo feroz, forte e possessivo. Sentiu saudades minhas.

Caímos na cama, o seu cabelo mais comprido e a tombar-lhe sobre os olhos enquanto nos livramos da roupa e ele se instala no meio das minhas pernas, já quente e duro. Seguro a cabeça dele na curva do meu pescoço, passando as mãos por todo o seu corpo.

Enfia-se dentro de mim e abraço-o com força, temendo deixar que volte a afastar-se demasiado de mim. Testa com testa, olha-me fundo nos olhos.

– Não houve ninguém depois de ti – segredo.

Talvez ele não necessite de o ouvir, mas quero que saiba.

Beija-me a boca, o nariz e as faces, enfiando as ancas entre as minhas pernas, e não posso deixá-lo ir.

Não quero deixá-lo ir nunca. Nem em abril, quando a neve parar. Nem em agosto, quando as aulas começarem. Nunca.

Olha-me fixamente e ergo os olhos para os dele, sorrindo e ouvindo vagamente uma batida à porta.

– Ei! – berra Noah. – Abre a porta!

Abraço Kaleb enquanto ele prossegue, fechando os olhos enquanto me preenche e chega fundo. A cama balança contra a parede e gemo quando Kaleb me agarra o cabelo.

– Então, calculo que tenhas encontrado o Kaleb? – ruge Noah. – Vá lá, está um frio de rachar cá fora!

Mas estou a vir-me e não consigo parar. Agarro Kaleb e beijo-o com força, mal dando pelo som do que quer que Noah atire contra a porta.

31

Tiernan

Toco-lhe no rosto, traçando o alto do nariz, descendo até ao sulco sobre o lábio e a seguir sobre a boca. Mantém os olhos fechados, mas sei que não dorme, pois agarra-me na cama.

Noah dorme do outro lado do quarto e não sei ao certo que horas serão, mas sei que é cedo de manhã. A chuva ainda açoita o telhado e as janelas.

Amo-te.

Mas ele não o disse em resposta.

Pode nunca vir a dizê-lo.

Oh, a ironia. Há seis meses, fugi a uma vida de gente que não falava comigo e acabei apaixonada por um tipo que pode vir a nunca me dirigir uma palavra. Olho fixamente para ele, passando os meus dedos pelo seu cabelo preto e imaginando o rapazinho que perdeu toda a esperança naquele dia no carro aos quatro anos.

Baixo o olhar para a tatuagem estreita na parte de trás do pescoço, entre a orelha e a coluna.

Crença. Agora encontro-me suficientemente perto para a ler. Significa, «convicção quanto à veracidade de algo».

Não sei se percebo.

E, se calhar, até percebo.

Se ele não me diz que me ama, então como sei que ama? E se sou aquilo que ele quer até a neve derreter e ele poder ter Cici ou alguma das raparigas da vila?

E se eu não percebo verdadeiramente o que se passa aqui e pertenço-lhe mais do que ele me pertence?

A verdade é… não interessa? Vou amá-lo por tanto tempo quanto puder, pois é o que me faz feliz.

– Posso ficar aqui contigo? – pergunto-lhe.

Abre os olhos, espreitando para baixo para mim. A seguir, abana a cabeça, unindo as sobrancelhas como se fosse a pior ideia de sempre.

Sinto o orgulho ferido até optar por acreditar apenas que não me quer a viver nesta cabana sem água canalizada.

– Não te tens sentido só? – pressiono.

Limita-se a deslizar os dedos pelo meu braço até que por fim assente com a cabeça.

Pouso a cabeça no peito dele, ouvindo Noah ressonar.

– Lembro-me da sensação de estar nos braços da Mirai quando estava doente – conto a Kaleb. – Eu era pequena, mas recordo-me como era bom sentir-me agarrada. – Cinjo os braços em volta dele. – E ter algo a que me agarrar. É provavelmente o momento mais tranquilo da minha vida que recordo. Até entrar neste vale, claro.

Não me apercebi na altura, pois estava tão concentrada na minha localização e em ver a cabana, mas isto aqui é maravilhoso. Recatado, sereno, puro… As entradas do diário dele agora fazem sentido ao ver isto. Não rejeitaria mais algumas conveniências modernas e talvez mais umas pessoas com quem conversar, mas percebo porque ele o adora.

Aqui não tem de enfrentar nada. E eu entendo. Por vezes, todos necessitamos de nos esconder.

– Quando o mundo parece pequeno, nada pode magoar-te. – Acaricio o estômago dele, sentindo os abdominais a fletir sob a minha mão. – Queres ficar aqui, pois estás protegido. Pelo menos, por uns tempos. – Olho para o vazio, pensando nele e em mim e em como me escondi todos aqueles anos por não querer mais ser rejeitada ou magoada. – Mas, depois, percebes que és o único que encaixa nesse pequeno mundo, e estar sozinho é uma sensação pior do que a sensação de insegurança.

Evitar o que é mau implica que também se evite o bom, e eu preferiria sofrer a nunca sentir isto. Inalo a pele dele.

– E por falar em segurança… – Inspiro fundo e inclino a cabeça para olhar para ele, mudando de assunto. – Onde raio estavas na noite passada? Enfiado numa gruta? Quase fomos eletrocutados.

Ele sorri e vira-me, depositando uma fileira de beijos sobre o meu estômago.

– Oh, não. – Detenho-o, obrigando-o a olhar para mim. – Agora que percebo, sinto-me zangada contigo. Estávamos preocupados. Muito preocupados. Pede desculpa.

Dá um beijinho na minha barriga, sustendo o olhar no meu.

– Outra vez.

Sobe um pouco e volta a beijar, com um sorriso no seu olhar sombrio.

– Ainda estou zangada.

Prende-me o mamilo com os dentes e puxa-o devagar. Arquejo.

– Agora, estás só a tentar calar-me – resmoneio, mas, sério, o calor dele acumula-se na minha barriga. – Só por gostares de me deixar a adivinhar tudo o que te vai na cabeça…

Mergulha mais para baixo e começa a mordiscar e a estimular no meio das minhas pernas.

– *Okay*, sim – digo, sufocada. – Agora, sei o que te vai na cabeça.

Sinto o riso dele no meu clitóris antes de ele voltar a chupar.

Os lençóis já não me tapam minimamente e olho para Noah, adormecido sobre a sua barriga.

– O Noah está ali – digo baixinho a Kaleb.

Ele para e ergue uma sobrancelha.

– Cala-te – digo-lhe. – Ontem à noite não estávamos a pensar.

Tenho bem presente que já fizemos sexo com o irmão dele a dormir a poucos passos, mas afasto Kaleb e tapo-me com o lençol. Ele pode esperar até estarmos sozinhos.

Bufa e volta para cima, estendendo-se e prendendo-me debaixo do braço. Aconchego-me nele, deleitando-me com o seu calor.

Ele agarra algo que está na bancada junto à cama e mostra-me.

Seguro no livro de capa mole.

– O que é isto? – pergunto, ao ler o título. – *The Sirens of Titan?*

Olho para ele e abre o livro onde tem o canto da página dobrado.

Entrega-mo, apontando.

– Queres que leia? – pergunto.

Anui com a cabeça.

Mostro um esboço de sorriso. Acho que ele lê.

E se não vou permitir que me faça coisas ao corpo, então calculo que ele ainda me entretém. Permaneço sob o seu braço, mas viro-me de barriga para cima e aclaro a garganta.

– Capítulo dez…

Puxando bem o guiador, cravo o pé no chão, deixando que a moto deslize até parar, antes de acelerar de novo na direção da casa. Rio-me por detrás do meu capacete, sentindo Kaleb bem no meu traseiro enquanto os cães o perseguem, de caudas a abanar.

Já estamos em casa há umas semanas e Noah e eu não tivemos problemas em arrastar Kaleb de volta pela montanha. Acho que ele percebeu que não me sentiria confortável na outra cabana e não ia permitir que eu fosse para longe dele.

Jake escavou a rampa e espalhou lá sal esta manhã e assim que virou costas pegámos nas motos.

Acelero na direção da casa, com o meu estômago revolto devido ao vento e à velocidade, e travo, parando. Olhando para trás, vejo Kaleb a derrapar ao estacar, com a veia daquele pescoço perigosamente belo a retesar-se ao fletir os braços.

Quero voltar para o chuveiro. Com ele e com as suas mãos e todas as coisas que os seus olhos e sorrisos me segredam quando estamos sozinhos.

Desde que regressámos, nunca mais dormi na minha cama.

– Vocês os dois! – ouço Jake berrar.

Rodo de repente a cabeça, endireitando-me quando ele sai disparado da oficina. *Merda*.

– Fora daí! – ruge. – Já!

Estaciono a moto e desmonto, tentando disfarçar um sorriso.

Ele avança em passada larga na nossa direção, olhando para as motos de McDougall.

– Fantástico. Agora, estão sujas – resmunga. – Vou ter de voltar a lavá-las… Não, sabem que mais? Vocês é que as lavam. – Aponta para Kaleb e a seguir para mim. – *Ambos* vão lavá-las!

– Já íamos fazê-lo – digo-lhe, retirando o capacete. – Queres umas panquecas ou algo do género?

Ergue uma sobrancelha e dá a volta, ignorando a minha súbita mudança de assunto.

Lanço um olhar a Kaleb. Limita-se a abanar a cabeça.

Ultimamente, o estado de espírito de Jake tem andado afetado e temo que seja culpa minha. Será que se sente culpado? Estará preocupado comigo? Terá ciúmes?

Não tive a oportunidade de conversar com ele. Eu e Kaleb estamos sempre juntos.

Ou Kaleb assegura sempre que estejamos juntos.

Não que eu tivesse preferido de outra forma. Só espero que ele acredite que tenho a perfeita noção de por quem me sinto apaixonada e que não tem de se preocupar com o pai e o irmão à minha volta.

Corro atrás de Jake.

– Sentes-te bem?

– Tudo ótimo.

– Não me parece.

Avança para a mesa de ferramentas e pega no que precisa antes de se dedicar a mais um trabalho em curso.

Não olha para mim.

– Sinto-me feliz – conto-lhe, pois sei o que verdadeiramente lhe interessa.

– Eu sei.

Então, o que se passa? Fico ali parada, sentindo Kaleb a passar por mim em direção à pia. Lava as mãos, mas tenho a consciência de que nos observa.

– Só quero… que não engravides – acaba por dizer, a custo. – Tens só dezoito anos.

– Eu sei – descanso-o. – Não vai acontecer.

– E vais para a universidade.

– Vou.

Acho.

Lança um olhar irritado à moto em que trabalha, inquieto.

– E diz àquela mulher – despeja, fechando os olhos como se a mera menção a ela o deixasse no limiar da loucura – que se não para de telefonar todos os dias só para me chatear e arruinar o raio da minha paz de espírito com as perguntas dela e réplicas arrogantes eu deito fogo a todos os

computadores e telemóveis desta casa, para ela nunca mais te apanhar! E depois monto uma vedação elétrica antes que derreta a neve para que não entre na propriedade!

Prendo os lábios com os dentes, sustendo a respiração, pois estou prestes a irromper em gargalhadas.

Então, é isso que se passa. Mirai liga para falar comigo, mas telefona bem mais do que o necessário. E, se não atendo, liga para o telefone dele.

A melhor parte é que… por muito que ele se sinta frustrado, atende sempre.

Passam a vida a discutir. Ninguém o irrita tanto como ela. Nem sequer nós.

Tento disfarçar o quanto acho tudo isto divertido e assinto.

– Eu digo-lhe.

Atira uma chave inglesa para cima da mesa de trabalho e pega noutra. Eu e Kaleb dirigimo-nos à casa.

– Troquem a lâmpada! – grita-nos Jake antes de fecharmos a porta.

Largo uma gargalhada e Kaleb sorri, beijando-me a testa.

Ele avança para o armário e retira de lá uma lâmpada, piscando-me o olho ao dirigir-se às escadas.

O aroma aos rolinhos de canela que pus no forno há meia hora preenche o ar e desligo o cronómetro, quando faltam apenas uns segundos, e retiro a bandeja.

Desligando o forno, pouso os rolinhos numa prateleira de arrefecimento e espreito para Kaleb quando ele salta para o corrimão e depois trepa para uma viga para a escalar até ao candelabro. Há dias que se fundira uma lâmpada. O meu coração falha uma batida, ao vê-lo subir cada vez mais.

– Oh, isso cheira bem – comenta Noah, entrando na cozinha.

Lanço-lhe um olhar, mas sem desviar a atenção de Kaleb.

– Tem cuidado aí em cima – aviso-o.

Desvio por fim o olhar e pego numa faca pousada no bloco, separando os rolos. Noah paira junto à ilha, olhando para mim.

– Então, a neve está a diminuir um pouco – comenta.

Adiciono um pouco de leite à cobertura que preparei esta manhã e mexo, aquecendo-a sobre o fogo.

– Sim. – Mas ainda vamos em final de fevereiro, pelo que o inverno está longe do fim.

Gostava imenso que ainda fosse novembro, com o inverno no seu início.

– Já fizeste todos os teus trabalhos escolares? – questiona.

Desligo a boca do fogão e levo a cobertura até à travessa, vertendo-a sobre os rolinhos.

– Estão a avaliar os meus exames, mas tenho de escrever uma dissertação e submetê-la com um diário fotográfico até treze de abril.

Pelo canto do olho, vejo-o a assentir.

– Na primavera vou a Los Angeles – anuncia. – Tenho uma reunião com um patrocinador e quero ver como é a cena por lá. Posso ficar contigo?

Ficar comigo?

E, então, recordo – como se realmente tivesse esquecido – que tenho lá uma casa. Eu disse-lhes que partia em abril, não foi?

– Sim – respondo, mal me fazendo ouvir. – Claro que podes ficar na casa. O tempo que quiseres.

Posso é não estar lá.

Mas ele bem pode usá-la.

Mantém-se calado e não tenho coragem para olhar para ele. Sei que se sente preocupado. Talvez um pouco zangado. Merece melhor.

Tem-se revelado muito correto em relação a tudo. Afastou-se e deixou-me ser feliz.

Mas isso não significa que deixou de se importar. Em parte, sinto falta de conversar com ele. Noah espera algo diferente da minha parte e não vai ficar contente comigo se eu decidir ficar. Mas as coisas mudaram.

Aproximando-se baixa o tom de voz, pois Kaleb trabalha acima de nós.

– Eu lutaria contra quem quer que fizesse mal ao meu irmão – declara. – Adoro-o, Tiernan, mas esta vida não é para ti. Tu vais comigo.

O meu queixo treme, pois receio que tenha razão.

– Amo-te – segreda. – Enquanto prima, enquanto amiga, o que seja, mas vou arrastar-te daqui para fora, pois quando se esgotar a sensação de novidade vais sentir a falta do mundo. Ele vai fazer-te sofrer.

Incido o olhar nele, a cobertura a jorrar sobre um rolinho, e quero que pare. Como é que pode dizer aquilo? É irmão dele.

Os seus olhos azuis estreitam-se ao fitar-me.

– Ele necessita de alguém oco que não se importe de morrer nesta vila onde nada muda a não ser as estações do ano – diz-me. – Antes, podes não ter querido saber, mas sei que há todo um vasto mundo que agora não te

importarias de conhecer. Ele é demasiado volátil, demasiado teimoso e nunca abandonará este cume, Tiernan. Nunca.

Desvio o olhar, pestanejando para suavizar as picadas ao fundo dos olhos. Maldito sejas, Noah.

– Tu queres mais. – Retira-me o tacho das mãos e pousa-o. – Eu sei que sim.

Talvez. Talvez queira ver e experimentar coisas e ter uma carreira e tentar fazer do mundo um lugar melhor e deixar a minha marca.

Ou talvez nada disso valha a pena sem alguém com quem partilhar.

Olho para Noah, sempre ciente de que, de muitas formas, ele é melhor para mim.

Ele é a minha cabeça. A parte de mim que me diz o que já sei. O que preciso de ouvir.

Mas o meu coração… Sente tudo aquilo que me é essencial para viver.

Inclino a cabeça para trás, olhando para cima para Kaleb enquanto ele nos fita, tendo terminado de trocar a lâmpada.

– Ele é o teu primeiro – ouço Noah dizer. – Não é suposto ser com ele que passas a vida, certo?

32

Tiernan

Dois Meses Mais Tarde

Olho para baixo para o rolo de papel higiénico e vejo uma mancha vermelha, sentindo de imediato os ombros a relaxar enquanto largo o ar que retinha.

Graças a Deus. Rio-me sozinha e termino rapidamente, pondo fim a três dias de preocupação, finalmente.

Eu sei que deveria ter posto um implante. Tenho tomado a pílula, mas não é tão eficaz como outros métodos contracetivos, e ser mãe adolescente não é algo que deseje para mim neste momento. A Imprensa e Chapel Peak iram enlouquecer se eu descesse desta montanha grávida.

E também não sei como reagiria Kaleb.

Estamos em finais de abril, a propriedade permanece coberta de neve, mas os dias estão mais quentes e já se veem pedaços de relva. Jake já trabalha na limpeza das estradas.

Os dois últimos meses desde que trouxemos Kaleb de volta para casa têm sido… como um sonho. Depois de Noah me ter dado na cabeça naquele dia em fevereiro, afastei tudo da mente e decidi aproveitar o tempo que nos restava aqui. O isolamento, a paz e as noites longas. Nunca dormi melhor nem me senti tão feliz com os meus pesadelos – ou terrores noturnos – a terem parado há muito. Eu e Kaleb lemos, todos vimos filmes e jogámos cartas e ensinei Noah a valsar na sala de estar no Dia de São Patrício. Trepei a árvores, aprendi a fazer um cinto e aprendi sozinha a atualizar o *website* da Van der Berg Extreme.

E tornei-me muito boa em motos de motocrosse.

Em breve deverá ser possível reunirmo-nos de novo com o mundo e nunca desejei tanto que o tempo passasse devagar. Vai ser necessário tomar decisões e não desejei que este dia chegasse.

Saio da casa de banho e vou até ao nosso quarto no segundo andar, abraçando-me na minha *T-shirt* de manga comprida enquanto o frio se espalha pelas minhas pernas, despidas com os meus calções de dormir.

Mirai chega esta noite e tenho-me esforçado para que a casa pareça o mais limpa e agradável possível, para ela não ter um motivo para discutir com Jake. Se conseguir cá chegar, claro. Se ele não conseguir limpar as estradas, fica enfiada num motel na vila e terá de esperar.

Mas, pelo menos, não estou grávida. E, se estivesse, pelo menos ainda não seria visível. Eu e Kaleb fazemos sexo todos os dias, às vezes mais do que uma vez, e ainda bem que o meu método contracetivo não falhou. O atraso de três dias na chegada do período pregou-me um valente susto.

Paro diante do espelho alto que trouxe do meu quarto e viro-me de lado, passando a mão pela barriga. A *T-shirt* justa e branca está lisa e macia sobre a minha barriga, mas, por uns dias assustadores, achei que poderia ter parte de Kaleb ali dentro. Parte de Kaleb e de mim.

Levanto a *T-shirt*, imagino a minha barriga a crescer com a criança dele e tento ignorar a forma como o meu corpo aquece com a ideia, pois não deveria desejar isso. Que cliché. Felizes para sempre com um bebé.

Mas, adoraria ter um filho dele. Um dia. Adoraria ser sua para sempre e vê-lo como pai.

Fecho os olhos, abanando a cabeça a mim mesma, pois sei qual é a verdade. Só desejo um filho dele por não ter a certeza de que o tenho a ele. Se eu engravidasse, não teria de tomar decisões, pois o meu destino estaria traçado, e eu ficaria. Sem stresses.

Batidas e pancadas soam de repente nas escadas e Noah e Kaleb entram a correr pela porta, desabando no chão e rindo. Paraliso, com a *T-shirt* ainda levantada e as mãos na barriga.

O riso deles esmorece e erguem as cabeças, olhando para mim com atenção.

Baixo rapidamente a camisola.

Kaleb levanta-se, fitando-me sem pestanejar, e Noah ergue-se, ficando por momentos num limbo antes de por fim se decidir a partir.

O olhar de Kaleb incide no meu estômago.

– Não estou – digo-lhe. – Eu estava só… a brincar.

Estreita os olhos sobre mim e deteto ainda ali uma incerteza.

– O meu período estava atrasado – explico. – Veio hoje de manhã. Eu estava só… a pensar… como… seria… Eu… – Passo uma mão pelo cabelo. – Eu sou estúpida.

Apanhada, rio nervosamente. Estava a fantasiar e agora ele deve estar preocupado que eu sabote a ação da pílula.

Mas aproxima-se de mim e coloca uma mão no meu estômago, olhando para os seus dedos enquanto se esticam sobre a barriga. Sinto uma impressão dentro de mim e fico algo zonza.

Prendemos o olhar um no outro e antes que eu perceba agarra-me a mão e leva-me para baixo.

– Kaleb – protesto. O que faz ele?

Leva-me até à casa de banho e abre a farmácia, retirando a caixa das pílulas.

Virando-se, olha-me nos olhos, tantas emoções a cruzarem a sua expressão. Abre a boca e sustenho a respiração, pois até parece que ele vai falar.

O seu bafo passa entre os meus lábios e agarra-me, beijando-me a testa, nariz e boca.

E, depois, sustém o meu olhar e despeja as pílulas no lixo.

– Kaleb, não. – Lanço-me para baixo e volto a agarrá-las.

Tenta tirar-mas da mão, mas seguro com força. Encosto a testa à boca dele, fechando os olhos e quase sorrindo. Ele quer que tenhamos um bebé. Ele não ficaria zangado, nem se sentiria encurralado.

Ele quer-me.

Era tudo o que eu queria saber.

– Nunca quero deixar-te, nunca, mas… – Olho para cima para ele. – Somos demasiado jovens. Somos demasiado… Passou-se demasiada merda entre nós. Ainda não estamos preparados.

Lentamente, agarra cada vez mais as pílulas e debato-me para as segurar.

– Amo-te – sussurro. – Temos a vida pela frente.

Beija-me, a sua boca movendo-se com uma intensidade e profundidade crescentes enquanto me agarra o rosto com uma mão e tenta arrancar-me as pílulas com a outra. A sua língua gira como um ciclone até aos meus pés e

gemo, os meus músculos fraquejando. Largo as pílulas e no segundo seguinte ouço-as a cair de novo no caixote do lixo.

Envolve-me com os braços e não percebo que me carrega até me deitar na cama lá em cima.

Alcança sempre aquilo que quer. *Maldito seja.*

Anoto mentalmente que tenho de ir buscar as pílulas antes que Jake queime o lixo.

Eu e Kaleb olhamos um para o outro enquanto ele trinca o frango e me dá a comer a outra metade do pedaço. Estou sentada ao seu colo na mesa, tentando ocultar o meu sorriso, mas ele não consegue fazer o mesmo, pois sorri amplamente como se partilhássemos um segredo.

E partilhamos. Não estamos mesmo a tentar que eu engravide, pois não? Ainda não recuperei as pílulas, mas deixá-lo é a última coisa que desejo. Ele parece pronto para tudo.

Expiro com força, comendo uma garfada de ovos mexidos e voltando a encher o talher, alimentando Kaleb. O pequeno-almoço é uma mistura de sobras, pois voltámos para a cama esta manhã e não tive tempo para mais.

Tecnicamente, acho que ainda não estamos a fazer um bebé. O meu período começou agora mesmo e nos próximos dias é mesmo impossível engravidar. Ainda posso voltar à pílula.

– Bem, está feito – diz Jake, entrando calmamente na cozinha e descalçando as luvas, atirando-as a par das chaves para cima do balcão. – As estradas estão abertas.

Uma moto acelera lá fora e calculo que seja Noah, sem perder tempo a ir visitar os amigos.

Mas eu baixo o olhar, com o meu estômago a encolher um pouco. Preferia ter mais inverno. Olho para Kaleb, vendo-o a observar-me, e neste momento em parte sinto-me tentada em arrastá-lo para a garagem, preparar as motos de neve e correr para a cabana de pesca. A neve lá em cima há de durar mais um mês. Mais um abençoado mês de sossego.

– Onde vai dormir hoje aquela mulher? – pergunta Jake.

Vira-se para nós com o café na mão.

Oh, pois. Não podemos fugir para a cabana. Agora que as estradas estão desimpedidas, Mirai pode fica esta noite cá em casa.

– No meu quarto. – Desço do colo de Kaleb e limpo o prato. – Obrigada por… a receberes – digo a Jake.

Olha-me de cima, com os olhos toldados pela irritação.

– Eu preferia ter mais uns meses de inverno.

E parte, enfiando-se na oficina.

Pois.

Concordo.

Enchendo uma boa colherada de *Swedish Fish*, despejo-os no saco de papel branco e fecho o recipiente.

Tenho argolas de pêssego, ursinhos de canela e gomas *gourmet* e Spencer está a encher-me um saquinho de aglomerado de amêndoas revestidas a chocolate.

Espreito pela janela, vendo Kaleb do outro lado da rua, a carregar tábuas de madeira na caixa da carrinha. Vai experimentar fazer um pouco de carpintaria fazendo uma cabeceira de cama para nós, que eu vou pintar.

Quem me dera que ele não tivesse insistido em vir à vila comigo. Depois do que aconteceu no bar no meu aniversário, é apenas uma questão de tempo até a polícia – ou os tipos do motocrosse – saberem da nossa presença na vila.

Ouço uns risinhos junto a mim e espreito por cima do frasco de tamales picantes para ver duas jovens junto à coleção de doces *retro* a olhar para mim e a segredar. Contornam o corredor, baixando o olhar para a minha roupa e depois desatam a rir antes de voltarem a sair.

Olho para mim mesma, baralhada. Não estou vestida de forma esquisita.

Embora calce as velhas botas de montar enlameadas de Noah e os meus *jeans* estejam um pouco sujos das tarefas desta manhã.

Depois de Jake ter limpado as estradas, decidimos vestir-nos, tratar das nossas incumbências individuais e vir à vila. Mais valia arrancar o penso depressa e habituar-me de novo a estar no mundo. Fomos ter com Noah para comer uns *cheeseburgers*, abastecer de gás na eventualidade de ocorrer outra tempestade e ir à mercearia comprar produtos frescos.

Kaleb foi à drogaria e eu fiz um desvio até aos doces.

Olho para a minha roupa. Não estou assim tão deslocada. Talvez com as unhas menos arranjadas do que em setembro, mas…

Olho para as minhas unhas, sujas de terra, e para os pequenos cortes nas mãos de tanto ter trabalhado no inverno.

Okay, não tenho sequer as unhas arranjadas. Olho-me ao espelho na parte de trás de uma prateleira, vendo os fios soltos na minha camisola de malha azul-escura entrançada, que tem também uma nódoa preta de me ter deitado demasiado perto do fogo. O meu cabelo necessita desesperadamente de um corte e estou bronzeada de andar no exterior, com as minhas sardas realçadas como nunca.

Não usei maquilhagem nem alisei o cabelo ao longo de meses. Mirai não vai reconhecer-me.

Rio-me e dirigi-me à caixa registadora.

– A minha mãe disse-me para um dia levar para casa uma rapariga como tu – diz alguém.

Olho para lá, pousando o saquinho no balcão enquanto um jovem se aproxima de mim. Spencer pesa o meu saco e eu observo o estranho. Parece-me vagamente familiar. Um dos amigos de Noah?

– És a prima deles, certo? – questiona, debruçando-se sobre o expositor de doces em vidro. – Do Noah e do Kaleb Van der Berg?

Assinto, vendo Spencer a devolver-me os doces.

– Eu ponho na tua conta – anuncia.

Sorrio. *A minha conta.* Fixe.

Devolvendo a atenção ao tipo, estendo a mão.

– Tiernan. Olá.

Ele aperta-a.

– Kenneth. – Olha fixamente para a minha cara. – Queres ir comer piza?

Oh. Ah… Abro a boca para recusar, mas depois surge ali mais alguém, afastando a minha mão da de Kenneth. Ergo os olhos e vejo Kaleb a lançar-lhe um olhar fulminante, com o tipo louro a pôr-se muito direito e a inspirar fundo como quem sabe que tem de recuar.

Kaleb passa os dedos pelos meus e afasta-me do atraente jovem, porta fora, até ao outro lado da rua.

– Ele estava só a namoriscar – gozo.

Kaleb soergue a sobrancelha e contorce os lábios para o lado.

– Já sabes como é, certo? – brinco. – É um trabalho duro, proteger uma beleza como eu.

Ele resfolega e eu sorrio quando paramos junto à carrinha.

– Trouxe umas gomas em forma de minhoca. – Balanço o saco diante dele, mas não está minimamente interessado. Agarrando-me o rosto, opta antes por me roubar um beijo e deleito-me com aquele queixo, maxilar e faces macias. Adoro beijá-lo. Em especial, quando está barbeado.

– Toca a andar. Vamos chegar atrasados – digo-lhe, deitando a mão ao puxador.

Vai a abrir-me a porta, mas detém-se, o seu olhar erguendo-se e espreitando por cima do meu ombro, a cor a escorrer-lhe do rosto.

Sigo o seu olhar.

Cici Diggins passa ociosamente por nós, o seu passo a abrandar e os olhos postos em Kaleb.

Mas o meu olhar incide na barriga dela. Na barriga de grávida.

Sinto os pulmões a esvaziar. *Não*.

Incido de repente o olhar em Kaleb, vendo o seu maxilar fletir e o peito subir e descer numa respiração rasa. De quanto tempo estará ela? Há seis meses que não descemos à vila.

A não ser que esteja grávida de gémeos, ela já vai muito além disso, o que significa…

Será de Kaleb?

Não consigo engolir em seco. Não consigo respirar.

Espreito por cima do ombro para a ver menear-se na nossa direção.

– Deixa-me adivinhar – diz ela. – Estás a fazer contas nessa cabecinha?

Sorri com malícia, olhando entre um e outro.

– Falamos mais tarde – sussurra ela a Kaleb.

Afasta-se e pestanejo, tentando conter as lágrimas. *Por favor.* Levo as mãos à barriga porque dói. *Isto não.*

– Kaleb? – murmuro.

Ela engravidou antes da neve. Ela engravidou muito antes da neve.

Mas ele nada diz, limitando-se a abrir a porta da carrinha e fazendo-me imediatamente sinal para entrar.

Bate com a porta, contorna a frente do veículo e sobe para o lugar do condutor, acelerando rumo a casa. As tábuas na caixa da carrinha batem contra a porta traseira e as compras de mercearia espalham-se no banco de trás.

– Sabias que ela estava grávida? – pergunto.

Os nós dos dedos dele ficam brancos devido à força com que aperta o volante e não olha sequer para mim.

– Já está grávida há algum tempo. É teu?

Ainda nada. Ele saberia? Pareceu surpreendido. Mas, se calhar, era por isso que ela estava perturbada naquele dia. Ela estava grávida e ele não a quis.

Sinto a raiva a coalhar dentro de mim e respiro a custo.

– Sabias? – exijo saber. – No outono passado, sabias?

Ele carrega a fundo no acelerador, levando-nos a atravessar a linha férrea, na direção da estrada que dava para casa.

Se for dele, Cici estará para sempre presente nas nossas vidas. Ela terá o primeiro filho dele, e não eu. Eu nunca terei isso.

Ele não vai dizer nada? Assentir ou abanar a cabeça? Porque é que não faz nada? Eu sei que consegue!

– Deixa-me sair – digo, com a voz embargada, as lágrimas a ameaçar. – Para a carrinha.

Continua a conduzir.

– Para a carrinha! – grito.

Por fim, olha para mim, abanando a cabeça.

– Não? – pergunto. – Não, o quê? Fala. Sei que sabes fazê-lo! O bebé é teu?

Comunica. Faz algo! Mas ele mantém a boca fechada e por mim basta.

Deslizando para o lado, carrego no travão, estacando a carrinha, e ele guina o volante ao parar. Salto para o exterior, vendo-o a seguir-me.

Para-me em frente à viatura, aproximando-se de mim.

Mas eu recuo.

– Não – digo-lhe. Nada de beijos. Nada de agarrar. – Fala. Agora. É teu? Sabias?

Ele inspira ar rapidamente, numa respiração rasa, olhando para mim, mudo. Se ele não soubesse, então poderia abanar a cabeça e eu não o odiaria. Poderíamos partir desse ponto.

Se ele sabia, talvez se tenha mantido em silêncio por saber que passaria todo o inverno na montanha, talvez sem prever que nos apaixonaríamos. Talvez tenha pensado que poderia fugir disto como foge de tudo.

Fala comigo.

O seu belo olhar verde incide no espaço entre nós e não há nada que queira dizer-me.

O zumbido de um motor intensifica-se e sei que é Noah a caminho de casa.

Para junto a nós, pondo os pés no chão.

– Ei, o que se passa?

Dou mais quatro segundos a Kaleb, à espera que faça ou diga algo.

Quando não o faz, subo para a moto atrás de Noah, envolvendo-o com os braços.

– Vamos. – Enterro a cabeça nas costas dele. – Depressa.

Aceleramos e pela primeira vez Kaleb não me puxa de volta para ele.

33

Tiernan

Subo a correr as escadas do alpendre, passando disparada pelo meu tio e por toda a agitação na oficina ao mesmo tempo que ouço os pneus da carrinha a moer a gravilha atrás de mim. Estugo o passo.

Noah concretizou a ameaça de me pôr no *website* e agendou uma sessão fotográfica com as motos. Hoje, não vou ficar bem nas fotografias, mas pelo menos mantêm-me longe de Kaleb.

Limpo a lágrima do rosto.

– O que se passa? – ouço Jake perguntar.

– Não sei – responde-lhe Noah enquanto eu corro para a porta da frente. – Ela fugiu do Kaleb.

– Tiernan! – grita o meu tio.

– Vamos lá despachar isto – grito, abrindo a porta. Onde está o fotógrafo?

Vê-se um SUV e um jipe estacionados na rampa e sei que estão a montar a iluminação e o resto na garagem, mas eu devia tomar um tempo para me arranjar.

Tenho de ir ao meu quarto – *o meu quarto* – e trancar o raio da porta por uns minutos.

Porque estava ele com tanta pressa em deitar fora as minhas pílulas esta manhã? Ele nem sequer pensou no assunto. Nem hesitou. Foi como se se acendesse uma lâmpada e lhe ocorresse a solução para um problema com que se debatia.

Atravesso a sala de estar em passada larga, mas uma mão agarra-me e vira-me para trás. Liberto-me rapidamente do aperto de Kaleb, lançando-lhe um olhar irado por entre os meus olhos lacrimejantes.

– Kaleb, para – ordena-lhe o pai, entrando em casa.

É seguido por Noah.

– O que se passou convosco?

Limito-me a olhar firmemente para Kaleb.

– Era por isso que querias que eu ficasse grávida – digo-lhe. – Queria encurralar-me antes que eu soubesse dela.

– Grávida? – repete Jake. Olha de repente para Kaleb. – O que fizeste?

Kaleb ruboriza, com suor a brilhar no pescoço e o seu olhar parece ser de sofrimento. Está destroçado.

E calado. Sempre calado, porque, se não tiver de abordar os problemas, estes não existem.

Mal me restam forças para respirar.

– Nem sequer agora falas comigo – digo, calmamente.

Jake aproxima-se um pouco.

– Estás grávida?

– Não. – Abano a cabeça, com a minha tristeza a passar a raiva ao olhar para Kaleb. – Graças a Deus – digo, não me contendo.

Kaleb avança, pairando sobre mim com algo na sua expressão. Agora, está zangado.

Noah puxa-o para trás.

– Kaleb, sai de ao pé dela.

Jake pressiona uma mão no peito dele.

Mas Kaleb afasta-o, rosnando, e eu recuo, com as lágrimas a formarem-se de novo quando ele avança e me agarra, segurando-me o rosto e forçando a sua boca contra a minha. Contenho o choro, com a investida do odor dele a recordar-me como éramos felizes esta manhã.

Antes de regressarmos ao mundo.

Afasto-o, gritando enquanto Noah e Jake me apartam dele.

Respiro a custo, sentindo os pés a ceder e recuando para mais longe dele.

– A Cici Diggins está grávida – conto a Jake e Noah. – Muito grávida.

Kaleb não olha para mais ninguém além de mim, e vejo Jake e Noah a fitarem-me, espantados.

– Pode ser de qualquer um – argumenta Noah.

– Teu?

– Não – retruca ele, como se eu fosse louca. – Céus, não. Não fui com ela para a cama.

– Ela disse que era do Kaleb? – Jake endireita-se, largando o filho.

– Não foi preciso – respondo-lhe, mas sem desviar o olhar de Kaleb.

Se for dele, poderia aprender a viver com isso, apesar de significar tê-la nas nossas vidas.

Mas se ele já sabia desde há muito…

– Diz alguma coisa – exijo. – Diz-me algo.

Qualquer coisa, por favor.

– Ou então escreve algo – peço. – Conta-me algo. Diz-me que me amas.

Mas ele fica ali parado.

E eu paro de chorar, com o meu coração destroçado, ou não. Talvez já nem esteja ali, porque inspiro fundo, sabendo que alguém há de ter filhos dele, mas nunca serei eu. Não posso voltar a viver numa casa onde alguém que eu amo não fala comigo.

– Estamos prontos – diz uma mulher, desde a cozinha.

Leva apenas um momento, mas pestanejo para limpar as lágrimas e sigo-a para a cozinha, desesperada por me escapar.

– Vamos preparar-te – chilreia ela.

Assinto, afastando Kaleb e Cici da cabeça.

Fazem-me trocar de roupa para uns calções de ganga e um *top* sem alças preto que exibe a minha barriga. Sento-me para que me componham o cabelo e me maquilhem. Noah deve ter previsto tudo quando chamou aqui o pessoal. Sinto como se estivesse num dos *sets* dos filmes dos meus pais.

– Demasiado não – diz a fotógrafa de cabelo azul ao maquilhador. – Quero-a natural. Quero que tenha o ar de que poderia ser levada para a cama por um tipo qualquer.

Alguém pigarreia atrás de nós.

– Estava a brincar – reage de pronto a mulher e acho que é Jake quem está atrás de mim. A seguir, dirigindo-se de novo ao maquilhador, diz: – Percebeste o que eu queria dizer, certo? Gira, não tipo porno.

O homem de cabelo louro rente e tatuagens nos dedos assente com a cabeça, aplicando corretor sob os meus olhos, provavelmente para se livrar das manchas de ter chorado.

O cabeleireiro dá volume ao meu cabelo, aplica laca e eu abro a boca, retesando a cara, pois há imenso tempo que não uso maquilhagem, é como ter uma crosta na cara.

Noah puxa de um banquinho e instala-se, agitando as sobrancelhas na minha direção enquanto o cabeleireiro passa então à cabeça dele.

– Mantém o Kaleb longe de mim – digo-lhe em voz baixa, mas é mais uma súplica.

– Claro. – Suspira. – Hoje estava mesmo numa de sangrar.

Sorrio com pesar. Acabamos de nos preparar e movo-me, tipo em piloto automático. O voo de Mirai chega esta noite e se ela vai reconhecer-me ou não é irrelevante. Saberá que se passaram coisas por aqui e não a culparei se não compreender. Acho que já nem eu compreendo.

Sinto-me magoada, mas pelo menos parto mais forte do que cheguei.

– Noah? – chama a fotógrafa de nome Juno.

Monto a moto de motocrosse avistando a *T-shirt* preta de Kaleb à minha esquerda junto às portas da oficina, mas não ouso olhar. Noah sobe para a moto atrás de mim, de *jeans* e em tronco nu, pois é suposto parecermos *sexy*, como se esta imagem tivesse alguma base na realidade. Os pilotos de motocrosse provavelmente vão rir-se e realçar a nossa falta de fatos e equipamento adequado, mas o sexo vende, dizem-me.

Então, cá vamos.

Ele encaixa-se atrás de mim, assentando as mãos nas minhas ancas. Kaleb remexe-se à minha esquerda e acho que Jake avança, travando-o.

Recosto-me para trás em Noah, com o ar a atingir a minha barriga descoberta ao arquear um pouco as costas.

– Não demasiado perto – alguém diz a Juno. – Ela é prima dele.

Noah resfolega, o seu peito a agitar-se nas minhas costas.

Cerro os dentes.

– Não tem piada.

– É hilariante.

Reviro os olhos. Acho que também devia rir, de contrário vou chorar. Os primos nesta casa são bem mais próximos do que eles podem pensar. As minhas ancas foram o menos em que Noah tocou.

Sem que consiga deter-me, o meu olhar incide em Kaleb. Está apoiado no caixilho da porta, de braços cruzados sobre o peito, e a expressão dele é a mais sofrida que alguma vez lhe vi. Olha fixamente para nós – para mim – como algo que já perdeu, sem fazer a mínima ideia de como recuperar o que mais deseja no mundo.

Tudo o que tem a fazer é falar. Encontrar uma forma de comunicar.

Deixo descair os olhos conforme inclino a cabeça para o lado e me viro para uma foto cândida, porque não posso olhar para a câmara na eventualidade de ter arruinado o rímel.

– Adoro isso, Tiernan – arrulha. – Estás um espanto, querida.

Pouso as mãos nas coxas, erguendo um pouco o queixo. Acho que o objetivo é realçar os rostos jovens da Van der Berg Extreme e Noah sabia que isto não era coisa para Kaleb. Sinto-me grata por ser Noah atrás de mim. É com ele que me sinto segura.

– Agora, olha para ele – indica-me Juno.

Sinto um aperto na garganta e dou por mim assoberbada. Inspiro fundo várias vezes, tentando concentrar-me de novo na sessão.

– Olha para mim, Tiernan – sussurra Noah.

Lentamente, ergo os olhos, encontrando o olhar dele sobre o meu ombro.

A fotógrafa capta algumas fotos.

– Não vamos deixar-te partir – murmura-me ele, para ninguém mais ouvir. – Isto é família.

Não consigo evitar um sorriso. Para o melhor ou para o pior, não vou fugir deles, pois não? *Isto é família.*

Eles não vão fugir de mim e, independentemente do que aconteça entre mim e Kaleb, também amo Jake e Noah. Deram valor todos os dias ao que me aconteceu e à minha necessidade de participar nisto. Deram-me valor quando eu nada tinha.

Jake estava preso ao seu passado e a castigar-se a si próprio, tal como eu. Noah não tinha com quem falar, tal como eu. Kaleb debate-se para comunicar, devido ao seu sofrimento por ter sido esquecido por alguém que deveria amá-lo o suficiente para *nunca* o esquecer.

Tal como eu.

Acreditaram que eu estava perdida e que não tinha mal sentir-me magoada. Encontrámo-nos uns aos outros e, independentemente do que alguém possa dizer sobre o que se passou aqui em cima neste inverno, sou a única que precisa de compreender.

– Encosta-te a ele, Tiernan – indica Juno.

Obedeço e encosto-me a Noah, olhando para ele com um pequeno sorriso que não consigo evitar que se espalha pelos meus lábios. Ele pisca-me o olho.

– Isso mesmo. – Mais uns disparos. – Agora, Noah, olha para o lado e para baixo.

Ele hesita, mas por fim desvia o olhar, parecendo-se com Kaleb quando ele fita o vazio como um herói torturado.

– Oh, isso é o máximo. Estão ambos fantásticos!

Deslizo para fora da moto e agora subo para trás dele, abrindo os joelhos e assentando as mãos na cintura dele.

– Está com bom aspeto – comenta Juno, movendo-se à nossa volta para fotografar.

Ouço alguém aos risinhos e olho para cima e vejo que chegou mais gente, pilotos e as suas namoradas, os quais vagamente recordo de terem andado pela oficina no outono passado.

Uma das raparigas para junto de Kaleb e olha para ele, parecendo nervosa, mas embevecida.

Engulo em seco. Pelo menos, ele não lhe presta atenção.

– Agora, Noah, sai da moto – ordena Juno. – Tiernan, quero que te debruces para a frente e agarres os punhos do guiador. Noah, faz o mesmo do outro lado, põe-te em cima da roda da frente com uma perna de cada lado, e desafiem-se um ao outro. Tipo irmão.

Noah volta a rir-se, mas obedece às ordens. Subo ao assento, com ambos os pés no chão, enquanto Noah posiciona uma perna de cada lado da roda dianteira e se inclina para mim, agarrando os punhos.

– Tiernan, podes arquear-te para trás? – pede ela.

Assim faço, espetando um pouco mais o traseiro ao fletir os músculos das minhas coxas.

– Mais, amor.

Suspiro, tentando inclinar-me mais para a frente e espetar o traseiro.

Mas Noah incentiva-me mais.

– Mais – segreda. – Como se tivesses um homem atrás de ti.

Arqueio uma sobrancelha. Só ele para dizer agora uma piada de teor sexual.

Incido o meu olhar em Kaleb, vendo os seus olhos enrugados nos cantos enquanto nos observa. A rapariga afastou-se um passo, mas mantém o ar enlevado.

Acho que, quando eu partir, não lhe faltarão mulheres para o ajudar a esquecer-me.

– Estás pronto para ir para Los Angeles? – pergunto a Noah enquanto Juno nos fotografa.

– Estou a postos. E tu? – desafia ele. – Estás pronta para te pirares desta pocilga?

Quero lançar-lhe um olhar, mas não quero estragar a foto.

– Não quero que ele esteja zangado contigo – digo a Noah, referindo-me a Kaleb.

Se eu partir com Noah, Kaleb vai assumir uma ideia errada.

– Se ele quiser seguir-nos e trazer-te de volta, então talvez seja o que ele precise de fazer – riposta Noah. – Se não, fico contigo para mim. Saio sempre a ganhar.

Dou volume ao meu cabelo e ajusto a postura.

– Tu não me queres. Tu queres correr.

– Mas adoraria ter a família comigo.

Sim.

Posso fazer isso.

– Não vou deixar que te afastes – digo-lhe.

Sorri. Mas depois para, recordando algo a si próprio.

Olha para Kaleb e depois de novo para mim.

– Ele está a cinco segundos de fazer uns arranjos na minha cara.

Não quero saber se Kaleb está zangado.

– Ugh, aquilo não é mesmo irritante? – comenta alguém algures junto às portas. – Adoro mulheres naquela posição. Basta-lhe aguentar assim quieta.

Alguém se ri, mas não imagino quem. Ignoro-os.

– Está a mostrar-se um pouco mais *sexy* do que no outono passado – diz o mesmo tipo. – O que terá mudado?

– Não sei, mas quem me dera ter ficado aqui trancado com ela toda a estação – acrescenta o outro homem.

Ouve-se algo a remexer, um arquejo e depois estoura a confusão quando uma mesa é derrubada e se segue uma gritaria.

– Kaleb! – berra Jake.

Ergo o olhar, vendo Kaleb atirar um dos pilotos ao chão da oficina e Jake corre para segurar o filho. Juno e o cabeleireiro recuam, saindo da frente, e as raparigas que vieram com os tipos correm para a nossa rampa.

Desço da moto, vendo Noah a correr e a proteger Kaleb enquanto o pai ajuda o tipo caído a levantar-se.

– Filho da puta! – rosna o tipo a Kaleb.

Mas Jake expulsa-o e aos amigos da oficina.

– Façam-se à estrada – diz-lhes. – A sessão acabou, seus merdas!

Deviam ser os idiotas que estavam a fazer comentários.

Kaleb lança-se de novo a ele, mas Jake é rápido a segurá-lo.

– Para! – grita. – Para já!

Aponta para a cara do filho, mas Kaleb está agitado. Os pilotos pegam nas suas raparigas, sobem para as suas motos e partem a grande velocidade com todos os que estavam na oficina a ficarem ali parados, chocados.

Por fim, Jake acena-lhes.

– Muito bem, já chega – diz, irritado. – Já temos o que precisamos.

Juno assente com a cabeça e desliga a câmara, com toda a gente a despachar-se a fechar a loja e a reunir o equipamento.

Kaleb avança para mim em passos largos.

Mas Jake agarra-o.

– Não – diz ele. – Entra na carrinha. Já.

Lança um olhar fulminante a Kaleb, empurrando-o para fora da oficina.

Kaleb cambaleia para trás, olhando para mim.

– Já! – dispara de novo Jake.

Vejo a veia no pescoço de Kaleb a latejar e ele hesita, mas… parte na direção da rampa.

– Tu também – ordena Jake a Noah.

Noah deita a mão à sua *T-shirt* e segue o irmão rumo à carrinha.

Jake avança para mim. Para perto, mantendo o tom de voz o mais baixo que pode, dado que ainda há gente por perto.

– Vou falar com o xerife e vou levá-los ao raio do bar para resolver as merdas.

– Um bar – digo, entre dentes. – E eu tenho de ficar aqui?

– Sim. – Lança-me um olhar sério. – Não saias daqui ou vais arrepender-te.

– O que é que eu fiz? – riposto. – Não quero ficar aqui enfiada toda a noite, enquanto vocês vão sair atrás de uns rabos de saia.

– Ficas aqui, porque o Kaleb não vai deixar-te em paz se não o afastar de ti! – ruge, agora indiferente a quem possa ouvir-nos. – Ao longo de dois meses não te separaste dele e toda a gente precisa de espaço por umas horas. Faço isto *por* ti. Toma um duche e acalma-te.

Abano a cabeça. Ele acha que um duche resolve isto? Tenho todo o direito de estar chateada. Não vou acalmar-me.

Ele faz uma pausa, descontraindo os ombros e recompondo-se.

– Tiernan, eu preciso de conversar com ele – diz, suavizando o tom. – Tenho de ter a certeza de que não há um mandado contra ele e precisamos de conversar com a tal Cici Diggins. Tens de ficar aqui. Voltamos mais tarde.

E vejo-o a partir, retirando as chaves do bolso.

Fico ali plantada, mesmo depois de a fotógrafa e o seu pessoal terem partido, dando por mim sozinha na casa, sabendo que eu e Kaleb temos apenas um problema, e a única coisa que o resolveria não estava na agenda de Jake para esta noite.

É algo que o seu pai não pode tratar por ele. É algo que tem de ser iniciativa de Kaleb.

Até breve.

Olho para a mensagem de Mirai que chegou há quatro horas quando embarcava em LAX.

Não pode vir aqui. Nada tem rédeas em Kaleb. Não vai querer saber das aparências, vai assustá-la e ela vai tentar levar-me daqui.

Parada junto à minha cama, olho para baixo para a minha mala meio cheia que comecei a preparar quando chegou a mensagem. Comecei por atirar para lá umas roupas para ficar com ela no motel na vila, para a manter longe daqui.

A seguir, comecei a emalar mais do que necessitava, mas sem saber ao certo porquê. Talvez Jake tivesse razão em levá-los esta noite, para podermos ter algum espaço. Talvez espaço seja exatamente o que toda a gente precisa agora. Eu podia ir uns tempos para casa. Há mensagens de texto, *email*, *FaceTime*… Mantenho o contacto. Poderia dizer que levo Noah para ele se instalar em minha casa enquanto reúne com patrocinadores e ao mesmo tempo eu aproveito a oportunidade para respirar um pouco. Analisar as perspetivas.

Mas parei de fazer a mala ao perceber que não regressaria. Não, a não ser que o próprio Kaleb me venha buscar.

Estou preparada para traçar essa linha?

Esta noite?

Enfiando o meu telemóvel no bolso detrás, subo ao quarto de Kaleb para ir buscar algo que precise no futuro imediato. Veem-se relâmpagos do lado de fora da janela quando entro no quarto dele e ligo o candeeiro, com o odor a madeira, fogo e livros já a levar com que me sinta em casa, pois passei horas infindáveis neste quarto nos últimos meses.

Pegando no livro de capa dura esfarrapado pousado na mesinha de cabeceira dele, abro-o onde está enfiado um lápis e olho para o desenho em que o vi trabalhar uma destas noites. Eu no chuveiro, água a jorrar sobre a parte de cima do meu corpo enquanto lavo o cabelo.

Contei-lhe que li algumas das entradas do diário dele e, apesar de não ter ficado chateado, nunca mais o vi escrever desde então. Agora, quando mergulha nas contracapas, só o vejo desenhar.

Garanti-lhe que não lia mais, a não ser que ele o desejasse, mas não se sente seguro. De certas maneiras, abriu-se mais comigo. De outras, retraiu-se.

Pego no lápis e começo a escrever na página oposta.

O Noah disse algo há uns meses. Disse que foste o meu primeiro e, se eu seguisse o conselho da minha mãe, então não era suposto ficar contigo.

A chuva começa a bater no telhado e vê-se um relâmpago, seguido pelo estrondo de um trovão.

Mas, na altura, na minha cabeça, não eras o primeiro. Eras aquele com quem eu devia estar, porque finalmente eu gostava de mim e gostava do modo como me pressionavas, pois obrigava-me a pressionar em resposta. Ensinaste-me a exigir.

E, por isso, hei sempre ser-te grata.

Por sentir um aperto na garganta, só consigo respirar de modo sôfrego e raso.

Estás agora no bar com eles e eu estou aqui sozinha no teu quarto, consciente de que deveria continuar a fazer a mala, mas sem o querer fazer, porque os pontos altos contigo são tão bons. Não quero que parem.

Mas os baixos…

Os baixos são como se eu tivesse outra vez nove anos e ainda esperasse que eles me amassem.

Não posso continuar a dar-me por satisfeita com migalhas. Preciso de mais da parte dele.

Tu não mudas e a questão é… Eu não vou ficar. Tu não és os meus pais. Não me ignoras. Mas castigas-me. Brandes o único poder que deténs e não sei o que me levou a pensar que poderia obter mais de ti, porque se não falaste com o Noah e o Jake ao longo de dezassete anos, porque haverias de falar no meu caso?

Talvez tenha a ver com controlo. Uma forma de nos dominares. Não sei, mas dói.

No entanto, acho que me amaste. E eu amo-te. Fui tua naquela primeira noite em que me pegaste ao colo na oficina e nem sequer sabias o meu nome. Foi um caminho árduo que percorremos até aqui chegarmos e mesmo na altura sabia que eras o tal.

Olho para o teto à escuta do temporal. Kaleb era a chuva. Paixão, um grito e o meu cabelo colado à cara enquanto o envolvia com os braços. Espontâneo e sonoro por toda a minha pele.

Mas era também sussurros. Neve, luz de fogo e busca pelo calor dele entre os lençóis às duas da manhã quando o resto da casa dorme.

Lembras-te de quando te falei de Desejo, Aprendizagem e Amor? Há mais um elemento. Um do qual a minha mãe não me falou e que não sei bem onde encaixa, mas sei que é necessário.

Preciso de algum tempo para estar sozinha.

É o tempo de Ouvir.

A minha cabeça e o meu coração dizem o mesmo. Necessito de mais da parte dele. Enfio o lápis no livro e fecho-o, pousando-o na cama e desligando o candeeiro.

Fechando a porta, desço as escadas e pelo caminho escrevo uma mensagem ao meu tio.

Vou buscar a Mirai ao aeroporto.

Ele não precisa de saber que decidi que vamos ficar no motel na vila. É uma opção sensata, seja como for. O pico pode voltar a ficar coberto de neve e não me parece que ela e Jake estejam a precisar de ficar trancados com tanta proximidade.

Atiro alguns artigos de higiene pessoal para a mala e fecho-a, levando-a para o andar de baixo. Pousando-a à porta, calço as galochas e visto o casaco, ouvindo os cães a ladrar no celeiro.

Avanço até à janela e espreito para o exterior. Estão mais do que habituados a trovoadas por estas bandas. Porque ladram tanto?

A porta do estábulo abre e fecha com o vento, a luz deixada acesa e a projetar um brilho conforme a chuva tomba. Poças de lama agitam-se com a queda dos pingos. Aperto a minha gabardina, dirigindo-me à porta da oficina.

Atravesso a sala, abrindo a porta da baia e saindo.

Correndo para os estábulos, guincho quando a água me atinge os *jeans* e corro para o interior, baixando o capuz.

Danny uiva enquanto *Johnny* corre para mim e faço-lhe uma festa rápida, ouvindo *Shawnee* a remexer-se na sua baia. Relincha, dando saltos, com os cascos a bater na porta de madeira.

O que raio se passa?

Corro até lá, agarrando-lhe a crina e puxando-a para baixo, para mim. Afago-lhe o focinho.

– Ei, ei, é só chuva. – Rio-me, acariciando-lhe longamente o pelo. – Já te devias ter habituado aos temporais.

– Não é o temporal que a perturba – diz alguém.

34

Tiernan

Viro-me para trás, com o coração a bater intensamente no peito enquanto um vulto encapuzado sai do estábulo ao lado. Fumo ergue-se no ar quando larga um cigarro no chão e o esmaga com o pé no cimento.

A luz no alto balança para um lado e para o outro com a brisa, projetando-o na sombra a cada passo.

– Quem…?

Mas detenho-me assim que ele baixa o capuz do casaco e vejo Terrance Holcomb virar-se de frente para mim. A chuva escurecera a sua camisola e cintila na sua cara quando me fita de alto a baixo.

Não.

Não ouvi motos a aproximarem-se. Não há viaturas lá fora. Ele chegou sem ser visto.

Enfiou-se aqui às escondidas.

Rapidamente, olho em volta para ver se está mais alguém e recuo um passo, na direção da saída.

– Não te convidámos a vir à propriedade – digo, num tom mordaz. – Ninguém te quer ver aqui.

– Mas não está aqui ninguém além de ti – frisa, sinistramente. – Estás sozinha, não é?

Mantendo o olhar preso nele, estico o braço e pego num ancinho que vejo pendurado na parede pelo canto do olho, enquanto lentamente estendo a mão para retirar o meu telemóvel do bolso de trás. Os olhos dele estão fixos na minha arma.

Ele ri-se, avançando para mim à medida que recuo.

– Pelo menos, não é uma caçadeira – brinca, e recordo Kaleb e Noah, há uns meses, armados e a correr para a lagoa para me livrar deste tipo. – É giro como eles tentam proteger-te.

– Não precisam. – Aperto a pega com força. – Fora daqui.

– E se eu tiver vindo só para conversar contigo?

– Escondendo-te nos nossos estábulos numa noite escura e chuvosa?

Sim. Não se trata de uma visita social. Ou viu os Van der Berg na vila sem mim e aproveitou a oportunidade, ou tem estado aqui à espera que eles saíssem.

Recuo mais um passo, enquanto ele arrasta a bota e se aproxima.

– O Kaleb vai ser acusado pelos danos causados naquelas motos em novembro – diz.

Pressiono o botão de ligar do meu telemóvel e tento traçar com o dedo o meu padrão de segurança atrás das costas, a querer ouvir o pequeno clique sobre o ruído da chuva que me indica que está desbloqueado.

– E, no entanto, és tu quem aqui está e não o xerife – realço.

Tento mais umas vezes, com os dedos a tremer, até que por fim ouço o clique.

– Direi que foi um acidente – diz-me. – Ponho-me do lado dele e defendo-o.

– O que te levar a crer que isso me interessa? – Toco no ecrã onde se encontra o ícone do meu telefone.

Terrance sorri com um ar de quem está a par.

– Toda a gente vos viu aos dois na vila hoje – responde. – Foi mesmo óbvio. As mulheres adoram imbecis, em especial os calados. Ele ia sempre ter-te, nem que fosse um pedacinho.

O meu peito está demasiado pesado para respirar. Tenta aproximar-se de mim e recuo, a chuva a intensificar-se do lado de lá da porta na minha retaguarda.

– Tu patrocinas-me e eu não vou atrás dele – propõe Terrance. – Digo ao xerife e à minha equipa para esquecerem o assunto e tu e ele podem viver felizes para sempre.

– Tu tens patrocinador.

– Tinha patrocinador – riposta ele. – Retiraram o apoio depois de o Kaleb ter destruído as motos.

Inclino a cabeça, olhando-o nos olhos. Kaleb provocou uns estragos e então perdeu o patrocínio? A sério?

Ele encolhe os ombros, percebendo que não estou a engolir essa.

– E também souberam de outras coisitas – admite.

Assinto com a cabeça. Sim, tipo o clube noturno dele, talvez. Ou algumas das milhentas coisas nublosas em que ele por certo está metido, dado que não é flor que se cheire. Um negócio respeitável não quer ser representado por alguém como ele.

Kaleb pode ser multado – sem dúvida que vai ter de pagar os estragos –, mas não vai ser preso.

– Então, o que me dizes? – questiona.

Sustenho o olhar dele.

Ele não quer ouvir um não. Veio aqui sabendo que eu estaria sozinha, pois está preparado para me obrigar.

Irá embora se eu mentir e concordar?

Um toque penetra o ar, o meu telemóvel a vibrar na minha mão, e o meu coração para.

Atira-se a mim e atiro-lhe com o ancinho antes de rodopiar para trás e correr para a casa. Chapinho em poças, com a chuva a sovar-me a cabeça, a tempestade já mais intensa, e não olho para trás enquanto grito e corro através das portas abertas da baia para a oficina às escuras, e subindo os degraus para a casa.

Abrindo a porta, entro de rompante e atendo o telefone, vendo o nome de Jake no ecrã.

Levo-o ao ouvido, mas vejo um vulto escuro na cozinha e paro, baixando a mão.

Os meus pulmões esvaziam-se.

– Estou? – ouço o meu tio a falar do outro lado do telefone.

Mas olho em volta, incidindo toda a minha atenção nos dois outros homens na cozinha que eu não conheço. Com a luz ténue, não dá para vê-los bem.

– Estou? – insiste Jake.

– Saiam! – grito, mais para alertar Jake do que para dar ordens aos estranhos.

Sinto o estômago às voltas e contorno a ilha, atirando-lhes tachos e panelas para os manter ao largo. Porque haveria ele de trazer apoio? O que planeia ele?

Não quero que saibam que está alguém ao telefone, pois assim tiram-mo. Enfio-o no bolso, deixando-o ligado.

Terrance entra de rompante pelo mesmo sítio por onde eu vim, ofegante, e os seus olhos azuis fitam-me, quase divertidos. Olho para eles os três.

– Pensa só nisso – pressiona. – Tu é que controlas os cordões da bolsa, ou seja, controlas-me a mim e às minhas corridas. Também sou bom para outras coisas… quando quiseres.

Abano a cabeça. Ele acha que isto vai por aí? Apoio a carreira dele, por ser uma pobre órfã patética e rica a precisar de amor?

– Não sou romântico. – Olha-me fixamente, determinado. – Não serei fiel. Mas estarei ao teu serviço. Podes ditar as regras como quiseres. Não queres estar agora por cima?

Está a propor-se a ser um joguete nas minhas mãos? Alguém a quem ir buscar afeto sem preocupações românticas. Sem ter de esforçar o meu coração.

Em troca, só tenho de lhe pagar.

– Estás a pensar nisso, não estás? – cantarola, baixinho.

Mas endireito-me, nunca me tendo sentido tão enojada. Conheço a perfeição. Não quero menos do que isso.

– Estava a pensar que me fazes lembrar o meu pai. – Pego numa faca do bloco de talhante. – Pessoas como tu fazem mal à alma.

– Tiernan de Haas…

– Sou uma Van der Berg – rosno, corrigindo-o e atirando a faca.

Ele desvia-se, protegendo-se, e saco de mais duas, que também lanço, com os tipos a escaparem para a sala de estar.

Não perco tempo. Corro de volta para a oficina, mantendo as luzes apagadas e as portas da baia abertas.

– Apanhem-na! – ouço Holcomb gritar.

Sinto o coração a saltar-me até à garganta e preparo-me para fugir, mas penso melhor.

Se conseguisse fazê-lo sair da casa…

Enfiando-me atrás do guarda-roupa na oficina que pintei há uns meses, imobilizo-me, cingindo bem os braços, para que não me vejam.

Ouço passos no pequeno lanço de degraus e um arrastar no chão de cimento da oficina.

– Ela não pode estar longe! – grita Holcomb. – Foda-se, vão buscá-la!

Vejo um dos tipos a correr para o exterior e encolho-me ainda mais, temendo que me veja.

Mas, então, afastou-se e as luzes da oficina acendem-se, com os outros dois às voltas.

O que acha ele que vai conseguir? Acho que na ideia dele, se alcançar o que quer ganha. Se não, eu não posso provar que fez algo mais do que assustar-me. Ainda nem me tocou.

Assento a palma sobre a boca para silenciar a minha respiração.

– Leva as motos – diz Holcomb entre dentes. – Eles devem-nos.

– E ela?

– Vou foder essa puta assim que mandar o louco do namorado dela para a prisão – riposta ele. – A idiota da vaca há de ir para a minha parede.

A parede dele. O quadro sobre o qual Jake nos avisou. *Credo*…

– Tens a certeza de que não há um mandado contra nós? – pergunta antes o tipo. – Hoje vi o Jake na vila, a ir à esquadra com o Kaleb e o Noah.

– Não podem provar que fomos nós a atear o incêndio. – Ferramentas a mexer, armários a abrir e algo a ser fechado com força. – E, se voltar a não dar com as chaves, desta vez deito fogo aos estábulos, com os cavalos lá dentro.

As minhas mãos gelam ao perceber. *Fogo*.

Chaves.

Jake tinha razão. Alguém ateou o fogo no celeiro. Não conseguiram levar as motos que pretendiam roubar naquela noite, por isso atearam um incêndio.

– Isto está a ficar descontrolado – diz-lhe o outro tipo. – Quase morremos a tentar chegar cá acima no inverno passado. E se o incêndio se tivesse espalhado? Eles podiam ter morrido. – O tom dele é cada vez mais duro. – Se precisarem, cá em cima não têm ajuda!

– Eu sei – diz Terrance, entre risinhos. – Aí é que está a beleza da coisa.

Espreito para lá da esquina, vendo-o a vasculhar a mesa de trabalho e a secretária. O outro tipo não está virado para mim, mas percebo que tem cabelo rapado escuro e anéis nos dedos.

Terrance vira-se para olhar para ele e eu enfio-me ainda mais atrás do armário, vendo o meu arco nas mesas atrás de mim. Ouve-se um trovão no exterior e agarro o arco, pegando-lhe discretamente.

– Então, o que preferes fazer? – pergunta-lhe Holcomb. – Ir para o exército, como o teu pai quer que vás, ou competir? Estou a arranjar motos para nós e um novo patrocínio, e não saio daqui sem isso!

Enfio umas quantas flechas na parte de trás dos meus *jeans* e carrego o arco com uma.

– Ela vai passar-me um cheque e então, talvez, eu vá embora – diz. – Depois de a virar do avesso, mas não tens de ficar para assistir a essa parte.

Kaleb, onde andas?

A corda do arco range e retraio-me, esperando para ver se deram pelo som.

– Ou também podes ficar para essa parte, mas eu vou primeiro – acrescenta.

Expiro em silêncio, prendo a flecha entre os dedos e preparo-me.

– Aqui está! – diz ele de repente, e ouço chaves a tilintar. – Vamos ver se funciona.

As motos despertam para a vida e percebo que encontraram as chaves dos projetos finalizados que Jake está prestes a despachar. Não sei onde anda o terceiro tipo e escorre-me um fio de suor pelas costas.

Vão lá embora. Peguem nas motos e vão. *Por favor.*

Vão lá embora.

– Não vamos escapar-nos com isto – diz o outro tipo.

– Vamos – vinca Terrance. – Perderam-se no incêndio.

– Que incêndio?

Ouço risos e detenho-me, ao interiorizar o plano dele.

Holcomb vai ameaçar-me quando me encontrar. Sei que Kaleb não se meterá em apuros sérios por uns danos em propriedade de terceiros, por isso a tentativa de chantagem falhou.

Portanto, o Plano B, caso eu não obedeça, passa por lhe assinar um cheque, dar-lhe o que queira de mim. Vai levar tudo. Vai atear outro incêndio.

E tem duas testemunhas que jurarão que estava noutro lugar qualquer que não aqui esta noite. Fogem com as motos e os bombeiros nunca hão de chegar aqui a tempo.

Engulo a bílis que me subia pela garganta.

Jake, Noah e Kaleb construíram este lugar. É o lar de Kaleb. O único lugar onde se sente bem, sem ser a cabana de pesca.

Quase paro e levo de novo a mão ao telefone. Podia chamar a polícia.

Mas, quando tentasse alertá-los, Terrance Holcomb estaria em cima de mim. E quando localizassem a chamada, ele já teria acabado.

Saindo repentinamente de detrás do armário, puxo a corda do arco, aponto a minha seta e disparo rápida e firmemente, roçando o ombro do outro tipo.

Ele cai para trás, desabando no chão enquanto a flecha se crava na parede atrás dele, e Terrance corre dali, para fora do espaço, espantado.

Contorno-os, avançando de novo para os degraus da casa e carregando nova flecha, apontando a Holcomb e disparando de pronto.

Só quero que fujam. *Vão embora!*

Ele desvia-se rapidamente, tombando com estrondo no chão e desfazendo a minha mesa de canto pelo caminho.

Eles levantam-se apressadamente, o outro tipo olhando para mim com olhos arregalados como se de repente tivesse percebido que cometera um erro.

Mas não fogem. Holcomb lança-se a mim e eu grito.

Foda-se!

Corro para o interior da casa e tranco a porta, apressando-me pela sala de estar e pelas escadas acima. Vou trancar-me no meu quarto, chamar a polícia e, caso seja necessário, escapo pela varanda. Quis impedir que ele lançasse fogo ao lugar, mas não correndo o risco de ele me magoar.

Ele é completamente louco.

Tropeço nas escadas, batendo com a canela num degrau. Grito e então ouço um par de pancadas na porta lá em baixo, escutando então madeira a rachar ao abrir-se para trás, acertando no frigorífico.

A minha respiração para.

Reerguendo-me, cravo os pés no chão e corro para o primeiro andar, ouvindo passos nas escadas atrás de mim. Passo pela minha porta e prossigo, subindo as escadas de Kaleb e fechando a porta ao entrar, trancando-a. Recuo face à porta, engatando outra seta, mas tropeço no meu pé e desabo no chão, segurando-me com as mãos.

Afastando-me mais, encaixo a seta, ouvindo os passos deles a subir as escadas, e puxo a corda atrás quando ele abre a porta a pontapé.

Disparo.

O ombro dele salta para trás e levanto-me de um pulo, sacando da derradeira seta dos meus *jeans*.

Mas, antes de conseguir encaixá-la, vejo-o a cambalear, balançar e cair de joelhos, com a seta cravada no ombro direito.

Expiro, com os pulmões e o estômago em brasa.

Mais sons nas escadas e puxo atrás a última seta, vendo o amigo dele a ocupar a porta.

Está preocupado, os seus olhos negros a incidirem em Holcomb caído no chão.

Aponto-lhe a seta e ele retesa-se, erguendo as mãos na defensiva.

– O exército já te parece uma ideia melhor? – rosno.

Assente com a cabeça e aponto com o queixo, indicando-lhe que se ponha a andar.

Lança mais um olhar ao amigo e sai então a correr, os seus passos a desaparecerem nas escadas.

Terrance grunhe, com um esgar de dor ao tentar levantar-se, e vejo a *sweatshirt* dele ensopada em sangue.

Dou-lhe um pontapé para voltar a derrubá-lo. Aterra sobre a ponta da seta que lhe sai pelas costas e uiva quando lhe aponto a última.

Preciso de telefonar à polícia, mas ainda não vou desviar a seta dele.

– Foda-se – grita ele, rangendo os dentes.

Rola para se apoiar nas mãos e joelhos e levanta-se. Recuo, prestes a disparar de novo contra ele, mas cambaleia para fora do quarto e apoia-se na parede, descendo a escadaria. Quero lá saber se escapa, desde que vá embora.

Sigo-o, vendo-o a cair de novo, rastejando até à escadaria. A mão cede por baixo dele e cai, escorregando pelas escadas e gritando com a seta espetada no ombro.

– Tiernan! – chama Noah desde a sala de estar. – Tiernan, responde-me já!

– Aqui! – chamo.

Holcomb desaba pelo resto dos degraus e seguro no arco e na flecha, vendo Kaleb a correr para mim, agarrando-me o rosto.

Noah retira-me a arma das mãos e ouço a porta da frente novamente a ser aberta.

– Credo – não se contém Jake, ao observar a cena.

– Não te mexas – ordena Noah a Holcomb, cravando-lhe a bota nas costas e pressionando-o contra o chão. – Ou mostro-te como lidamos com um ferimento desses aqui em cima sem uma ambulância.

Kaleb olha-me nos olhos, respirando a mil antes de me sacudir e pressionar os lábios na minha testa.

– Estás bem? – pergunta Jake, correndo na nossa direção.

Assinto com a cabeça, com o coração ainda a bombar.

– Está tudo bem.

Acho eu. Não sei, tudo me dói, mas nem sei bem o quê.

Afasto-me, fitando Jake a olhar entre Holcomb e eu.

– Tiernan, lamento – diz. – Estás mesmo bem? A sério?

– Tudo bem.

– Não pensei direito. – Leva a mão à cabeça. – Não devíamos ter-te deixado sozinha.

– Ouviste o telefonema? – questiono.

– Sim. – Sorri debilmente. – Viemos a correr até cá.

Eu sabia que viriam.

– Tens a certeza de que estás bem? Ele não… tentou nada?

– Tentou imensa coisa. – Não sei se me apetece rir com o miserável fracasso dele ou chorar de alívio. – Mas estou perfeitamente bem.

Holcomb geme no chão e Jake mostra-lhe má cara, pegando no telemóvel enquanto se afasta.

– Vou ligar ao Benson.

O xerife. E, dado que eles o visitaram esta noite, e Kaleb ainda aqui está, acho que ninguém vai apresentar queixa, ao contrário do que ameaçou Terrance.

– Ei, pelo menos não falhaste? – tenta brincar Noah.

Finjo uma gargalhada.

– Foi à queima-roupa.

Ele sorri. A seguir, exerce mais pressão com o pé, moendo com a bota nas costas de Holcomb.

– Filho da puta – provoca. – Acabas de me deixar muito contente.

Pois. Kaleb pode estar livre, mas Holcomb vai ter de prestar contas ao xerife.

Olho para Kaleb.

Mas já não olha para mim.

Está a poucos passos, olhando para a minha mala junto à porta. O seu olhar incide em mim, de repente duro.

Engulo em seco com a garganta tensa.

– Havia outros? – pergunta Jake ao regressar ao quarto.

Levo um pouco de tempo a desviar os olhos de Kaleb.

Por fim, assinto.

– Havia. Fugiram. Não os reconheci. Mas consigo descrever um deles.

Kaleb sai com o pai para verificar a propriedade e eu sento-me nas escadas com Noah, pousando a cabeça nas mãos por longos minutos a tentar acalmar.

Ao fim de algum tempo, o xerife aparece, com a ambulância não muito atrás, e põem Holcomb na maca enquanto Benson recolhe o meu depoimento. Conto-lhes do incêndio do inverno passado e da confissão de Holcomb quando não sabia que eu estava a ouvir e ele diz-nos que passaram pelo carro dele na estrada a caminho de cá. Acham que estacionou num sítio discreto algures para poder vir à propriedade sem ser visto.

Kaleb e Jake voltam para dentro, com o primeiro a olhar para mim durante todo o tempo desde o outro lado da divisão como se estivesse assustado e arrependido, mas o seu distanciamento é ainda mais assustador. Porque é que não se aproximou de mim?

De repente, está tão distante. De vez em quando, o olhar dele incide na minha mala.

A polícia e a ambulância partem por fim e Noah vai ao exterior fechar os estábulos e ver como estão os animais, enquanto Jake fica no alpendre, a acabar a conversa com Benson.

Vou à cozinha e vejo Kaleb sentado à mesa às escuras. Tem os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto está debruçado para a frente, com a cabeça curvada e as mãos unidas.

Ergue os olhos, olhando para mim.

A realidade abate-se sobre mim.

Acho que não sabia com o que contar. Obviamente. Não pedi a Holcomb que aqui aparecesse, mas talvez quando Kaleb entrou a correr, agarrou o meu rosto e viu o que poderia ter acontecido, pudesse ter percebido que queria uma vida comigo.

Que queria viver em vez de se esconder dentro de si mesmo.

Em vez disso, viu a minha mala e fechou-se, pois acha que sou como a mãe dele e que vou abandoná-lo. Está a ser traído, mas o que não percebe é que, quando se é adulto, não é abandono. Chama-se partir e ele tem o poder de me impedir.

Esta noite podia ter corrido muito pior. Ele não entende isso?

– O bebé não é dele – sussurra Noah atrás de mim. – O meu pai conseguiu sacar a informação ao médico. A Cici engravidou em agosto e o Kaleb passou todo o mês na cabana de pesca. Só apareceu no início de setembro.

A noite em que nos conhecemos.

– O Holcomb? – ponho-me a adivinhar.

– É também o que achamos.

Holcomb é o pai. Ele e Cici estavam juntos no bar no meu aniversário. Ela hoje estava a gozar-nos.

Olho para Kaleb, com uma sensação horrível a abater-se sobre mim em vez de alívio. Não vai lutar por mim. Não vai escrever-me. Não vai comunicar por gestos.

Nunca falará comigo.

Nunca comunicará com os filhos se vier a tê-los.

Adora toda a gente nesta casa, mas nem sequer nos diz.

Algo se esmaga no meu peito e acumulam-se lágrimas ao olhar para ele.

– Tiernan! – grita uma mulher no exterior. – Oh, meu Deus!

Pestanejo.

– A Tiernan está aqui? – Ouço a voz de Mirai enquanto sobe pesadamente os degraus do alpendre.

Jake diz algo que não ouço e depois ela grita.

– Saia-me da frente!

Mirai?

Escorrem-me lágrimas pelo rosto e dou a volta para trás, vendo-a a correr para dentro da casa, o olhar preso no meu, e larga a carteira, lançando-se a mim.

Envolve-me com os braços e eu faço uma breve pausa e depois… Puxo-a com força contra mim, segurando-a com tanta força que ela provavelmente nem consegue respirar.

Contenho os soluços, mas não dá para esconder as lágrimas. Até agora, não percebera quanta falta ela me fizera. Cinjo-a com tanta força, com tudo a atingir-me ao mesmo tempo.

– O que diabo se passou? – quer ela saber.

Largo-a, secando os olhos.

– Está tudo bem. Eu estou bem.

– Não estás nada bem – grita ela e vejo Jake a regressar à casa atrás dela. – Estás a sangrar!

Vira a cabeça para inspecionar a minha face e toca-lhe, afastando a minha mão para ver um pouco de sangue. Devo ter-me arranhado algures no meio da correria.

Volto a abraçá-la, com o seu longo cabelo preto macio como só é possível com champô de estilista e a cheirar a *spa*. Sou tomada por uma série de recordações.

Afasto-a para olhar para ela. Tem o ar que eu costumava ter. Eu esqueci como em tempos me produzia. As unhas dela, a maquilhagem, o cabelo…

– Como é que chegaste cá? – pergunto. – Pensei que te ia buscar ao aeroporto.

– Arranjei uma ligação mais cedo e aluguei um carro – explica, ainda a inspecionar o meu corpo para garantir que está tudo bem comigo. – Tive um estranho pressentimento que ias tentar manter-me longe daqui ou algo assim.

Muito astuta, na verdade.

Olho em volta e dou com Noah e Jake a observar, e Kaleb em silêncio na cozinha.

– Vamos lá para fora – digo-lhe.

– Tiernan… – diz Jake quando vou a passar, mas ignoro-o.

Pego no meu casaco, na carteira de Mirai e entrego-lhe enquanto a encaminho de volta para o carro, que ainda permanece com o motor ligado e os faróis acesos. Deve ter saltado do carro ao ver o carro-patrulha de Benson. Pode até ter-se cruzado com a ambulância a caminho de cá.

– É ele? – Olha para trás de nós enquanto a faço descer os degraus. – O teu tio?

– Vamos lá. – Visto o casaco.

Devia apresentá-la. Devíamos todos sentar-nos a conversar.

Mas não consigo fazê-lo. Necessito de desanuviar a cabeça antes de decidir o que ela precisa de saber ou não, e aconteceu demasiada coisa nas últimas doze horas que eu própria ainda não processei. Tenho de a mandar embora, lidar com Kaleb e depois lidar com ela.

– Preciso que vás para um motel na vila – digo-lhe, parando junto ao carro. – Daqui a pouco vou ter contigo. Encontramo-nos lá.

– O quê? – não se contém ela. – Não!

– Por favor? – imploro, olhando para os seus olhos castanhos com aqueles calorosos flocos ambarinos. – Preciso de resolver aqui uma coisa. Por favor. Não te preocupes.

– Tiernan… – vai ela a dizer.

Mas alguém se aproxima e olho para lá, vendo Kaleb a abrir a porta de trás do carro, a pôr lá a minha mala e a voltar a fechá-la.

Paraliso.

Observo enquanto ele passa para o lado da porta do passageiro e a abre, olhando-me nos olhos.

E, de repente, Mirai não está aqui. Jake e Noah não observam desde o alpendre e não sinto a chuva que agora é mais leve, batendo-me na cabeça.

Ele está a ajudar-me a partir.

Ele está a dizer-me para partir.

Olho para ele, com os olhos a arder, mas sinto-me demasiado chocada para chorar. Está a traçar uma linha. A linha que eu antes temi traçar ao fazer a mala. Eu não queria partir.

Pensei apenas em dar-nos algum espaço.

Ou talvez tenha esperado que ele ao dar pela minha partida fosse atrás de mim.

Mas ele diz-me que vá. Prefere que eu parta a ter de dizer-me alguma coisa.

Sustenho os seus belos olhos verdes, vendo as emoções por detrás que ele tenta esconder, mas ao procurar o que dizer para resolver isto – para nos salvar – não me restam palavras.

Talvez as palavras nunca tenham sido verdadeiramente o problema. As ações falam mais alto, não é o que se diz?

E as dele soam bem alto e nítidas.

Entro no carro, como quem está em modo de piloto automático, fechando imediatamente a porta, com as minhas entranhas em profunda revulsão, porque a ideia de partir não é real. Isto não pode estar a acontecer.

Isto não está a acontecer.

– Kaleb – ouço Noah rugir.

Mirai dá a volta ao carro, instala-se ao volante e engata marcha-atrás.

– Tiernan! – berra Jake, e pelo canto do olho vejo-o a descer apressadamente os degraus.

– Não! – grita Noah.

Jake coloca a mão no capô do carro, fitando-nos através do para-brisas.

– Para!

– Arranca! – digo a Mirai, rodando a cabeça para que Kaleb não veja as lágrimas. – Por favor… por favor, arranca.

Ela tranca as portas, carrega no acelerador e eu enterro o rosto nas mãos até nos embrenharmos na estrada escura, para longe da casa, e não consigo ver-lhe de novo o rosto.

35

Tiernan

Movo a colher pela sopa, ouvindo o silêncio. Meu Deus, esta casa parece um túmulo. Sempre o soube, mas, caramba.

Neste preciso momento, os rapazes devem estar a ver televisão, Noah a rir alto enquanto Jake lhe grita desde a cozinha por causa dos pratos por lavar.

Haverá música.

Piadas e brincadeira.

Vida.

Haverá Kaleb.

O meu queixo treme. Já lá vão vinte e duas horas desde que o vi.

Agora, tudo me parece estranho. Olho em volta para a cozinha branca dos meus pais, bancada, com um mármore pristino e eletrodomésticos cromados. Este não é o meu lar.

Mirai empurra uma pasta de couro sobre a ilha na minha direção. Espreito para lá.

– Deixaram-te tudo, naturalmente – diz ela. – Isto é para os teus arquivos.

O testamento dos meus pais olha para mim e eu desvio o olhar para a minha sopa.

Céus, quero lá saber. O meu coração foi arrancado e ainda está caído na rampa deles em Chapel Peak.

Pestanejo para afastar as lágrimas. Tenho de evitar compreender como é que ele pôde deixar-me ir. Não é nada a que não esteja habituado.

Pelo menos, os meus pais deixaram-me o dinheiro. Pelo menos, fui uma referência no testamento. Uma prova de que gostavam o suficiente de mim para assegurarem que eu ficava bem.

Com eles sempre tive, pelo menos, uma garantia de uma vida confortável. Sou tão rica que nunca terei de mexer uma palha ou até deixar esta casa, se não o desejar.

Há seis meses poderia ter-me sentido grata por isso.

– Não fiques aqui – implora ela. – Fica comigo. Ou aluga um apartamento? Precisas de gente à tua volta.

Endireito-me no banco, afastando a tigela.

– Já me conheces – digo-lhe. – Posso ter a personalidade de um tijolo, mas… não preciso de ninguém.

Estou a brincar. Preciso das pessoas que fazem doces e… das da Netflix.

– Não é uma fraqueza precisar de alguém – diz Mirai, olhando para mim. – Exceto daqueles palermas. Se eu soubesse o que te iam fazer, não teria permitido que te metesses naquele avião. Duas vezes.

– Para. – Abano a cabeça, de repente fatigada. – Não foi isso que aconteceu e não sou uma criança. Já há muito tempo.

Ela desvia o olhar, os lábios tensos, mas permanece calada.

Contei-lhe tudo durante a viagem de carro ontem à noite rumo ao aeroporto. Ficou lívida, quase nos fazendo sair da estrada, e quase deu a volta para regressar à casa para poder lidar com o meu tio. Tive de lhe implorar que reconsiderasse. Chorei durante todo o voo até Los Angeles.

Não era minha intenção despejar tudo, mas necessitava de uma perspetiva diferente. Acho que precisava de uma nova amiga.

– Eles são a minha família – friso, num tom gentil. – Fomos obrigados a ficar juntos e as merdas aconteceram.

Eu estava lá. Ela não.

O meu único passo em falso foi apaixonar-me por um deles.

Ela parece querer dizer algo mais, mas acaba por anuir com a cabeça, esquecendo por ora o assunto.

– O Carter foi tratar de uns assuntos – informa ela, voltando a calçar os seus sapatos de tacão. – Volto mais tarde com umas roupas.

– Eu estou bem – garanto-lhe.

A segurança está cá. Não preciso que venha cá alguém dormir.

Mas ela olha-me nos olhos.

– Deixa-me tratar de ti, está bem?

Algo no tom de voz dela faz-me calar, como se estivesse farta de ser simpática e de pedir.

Tipo Jake. Sorrio-lhe levemente.

Abraça-me e fecho os olhos, cingindo-a com força.

Despede-se e parte e eu apoio os cotovelos no balcão, olhando para o testamento.

Mas o estojo prateado à minha esquerda que vislumbro pelo canto do olho é tudo o que verdadeiramente vejo.

Olho para a urna que parece uma grande caixa de joias, prata de lei com gravações decorativas. Mirai guardara-a até ma trazer esta noite. Uma única urna para ambos.

Os meus pais queriam ser sepultados junto à árvore do baloiço no pátio, nitidamente nunca questionando se eu ficaria aqui ou venderia a casa.

Enterro o rosto nas mãos, largando um gemido. Esta dor, como se algo se alojasse no meu estômago, e sei que tenho os olhos inchados, apesar de não me olhar ao espelho desde ontem de manhã quando me imaginei grávida de Kaleb.

Céus, ontem de manhã. Como pode ter mudando tanta coisa num único dia?

Deslizando do banco, enfio as mãos no bolso da minha camisola de capuz e deambulo pela casa, observando o quanto mudou. Tudo ainda no seu lugar, nada verdadeiramente diferente. A não ser no modo como a vejo.

A lareira era só para exibição, acesa apenas para festas e fotos de épocas festivas, e funciona a gás. Não necessita de lenha, os troncos não crepitam, nem cheira a lenha queimada.

A cada poucos anos, as divisões eram redecoradas, mobiliário que mal fora utilizado substituído por um novo estilo. Não houve nenhuma altura em que tenha estado a vegetar a ver televisão ou a preparar pipocas para uma noite de filmes.

Os rapazes destruiriam este lugar num instante. Abano a cabeça, imaginando uma cabeça de veado sobre a cornija da lareira.

Vagueio até ao andar de cima e paro no patamar, pronta a virar à esquerda para o meu quarto, mas detenho-me, olhando à direita. A porta do quarto dos meus pais permanece fechada e rumo até lá, agarrando a maçaneta.

O bronze frio infiltra-se nos meus ossos e ainda ouço a voz dela por detrás da porta. O copo por onde bebe a tilintar nos tampos de mármore das mesas e os comprimidos no frasco do meu pai a chocalhar enquanto tenta preparar-se para os seus dias stressantes.

Deveríamos ter falado.

Gritado, berrado, chorado…

Eu devia ter pedido.

Largo a maçaneta, deixando a porta fechada, e avanço para o meu quarto e abro a porta. Mas, assim que entro algo me enche os pulmões, e não sei o que é, mas uma ligeira gargalhada escapa-me ao mesmo tempo que me escorrem lágrimas.

Os funestos pósteres e fotografias tipo Virginia Woolf de mim mesma em poses meditativas a olhar fixamente para o vento.

Credo.

Os meus pais tinham sempre fotos recentes minhas para usar em entrevistas, mas o decorador achou que não seria nada estranho ter algumas expostas no meu quarto.

E cinzento. Cinzento por todo o lado.

Cinzento para a manta. Paredes cinzentas. Tapete cinzento. Parece Pleasantville. Quase me assustei ao ver-me ao espelho.

Fico ali parada, sem desejo de me mover. Este nunca foi o meu quarto.

Rodopiando em volta, desço as escadas e regresso à cozinha, sem saber o que raio vou fazer, mas sei que será algo. Retiro uma vela e um isqueiro da gaveta e enfio a urna dos meus pais debaixo do braço enquanto percorro a casa na direção da garagem. Remexendo em algumas gavetas, dou por fim com uma pá e pego-lhe.

Trata lá disso. Não podia aparecer no funeral deles e mostrar-lhes, a mim e a qualquer um, que a minha alma não estava desfeita, mas posso tratar disto por eles.

Apressando-me a ir para o exterior, contorno a casa e rumo à árvore, com o baloiço de pneu que Mirai cortou e pousou no chão agora já desaparecido.

Ajoelho-me, acendo a vela e pouso-a na relva, facultando-me luz suficiente.

Começo a escavar. Espetando a pá na erva, arranco um pedaço e continuo a cortar o solo, abrindo o buraco e escavando mais fundo. Sinto a barriga às voltas, com a caixa ali pousada como se fosse a merda de uma bomba em vias de explodir. Nem acredito que são cinzas.

Uma merda de cinzas. Eles eram tanto mais, antes. Grandes. Importantes.

E agora… cabem numa caixa de sapatos.

O raio de uma caixa de sapatos.

Deixo escapar um soluço, mas travo os restantes e atiro a pá para o lado.

Céus.

Lentamente, abro a caixa e, com muito cuidado, retiro o saco de plástico transparente.

Parece o peso de um camião, embora mal tenha o peso de uma criança.

Com cuidado, espalho as cinzas no buraco, enfio o saco vazio na caixa e despejo a terra por cima, voltando a fechar o que escavei.

Controlo as lágrimas e limpo as mãos, colapsando no chão e encostando-me à árvore.

É tão fácil, não é? É tão fácil enterrá-los – descartar coisas –, mas isso não significa que deixem de ser sentidos. Que desapareçam, também, porque não acontece.

Quem me dera que eles me tivessem conhecido.

Quem me dera que não tivesse sido necessário morrerem para eu ter a possibilidade de me conhecer a mim própria.

Às vezes, as nuvens não bastam, calculo eu. Necessitamos de todo o raio da tempestade.

Permaneço no exterior por muito tempo, olhando para o ramo grosso no alto onde o meu pai atou a corda para o baloiço. A marca na casca da árvore revela anos de todas as noites em que brincaram. Ainda é surreal para mim que eu nunca tenha vindo cá fora para me sentar no baloiço.

Mas também não havia quem me empurrasse.

Sopro para apagar a vela e levo tudo de volta para o interior, pousando e fechando a casa. Apago as luzes, assegurando que a porta das traseiras está trancada, mas sem aferrolhar a frente, pois Mirai vai regressar.

Subindo as escadas, bocejo, tremendamente esgotada. Aqui já passa das sete, por isso em Chapel Peak ainda são apenas oito. O que estará ele a fazer agora? Não estará a ir para a cama já. Não, a não ser que eu fosse, e

ele depois vai para onde eu vou.

Sinto um aperto no coração. Acho que não contava que ele ligasse, mas também não achava que aceitasse que nos separássemos. Mas aqui estamos, um dia mais tarde, e nada.

Paro ao cimo das escadas, pronta para ir para a cama, mas viro antes à direita rumo ao quarto dos meus pais e desta vez abro a porta.

O cheiro a baunilha e bergamota assola-me e, por reflexo, quase prendo a respiração. Adoro os aromas, apenas não juntos. Recorda-me sempre dela.

Ao entrar no quarto, olho em volta e reparo que se encontra tudo tão pristino como se ainda estivessem vivos. A cama está feita, não há sinal de que os seus corpos aqui tenham estado estendidos todas aquelas horas há uns meses e o tampo de vidro da mesinha de maquilhagem da minha mãe brilha ao luar através das cortinas de um branco puro. Os cristais pendurados no candeeiro brilham e acendo uma luz, dando uma volta de 360 graus pelo enorme quarto.

Contudo, por muito que tente encontrar uma ligação com eles, tal não surge. Aqui não há recordações. Não há noites a subir para a cama deles. Nada de brincadeiras com a maquilhagem da minha mãe, nem ajudar o meu pai com a gravata.

Entro no quartinho de vestir e acendo a luz, olhando para a longa fila de vestidos maravilhosos que eu desesperadamente quis experimentar ao longo dos anos e nunca consegui.

– Olá – ouço Mirai dizer atrás de mim.

Está de volta.

Viro lentamente a cabeça, olhando para o armário de roupa e para os expositores de joias e relógios. Penso em toda a arte existente na casa e nos carros na garagem que já nada têm a ver comigo. Um lar cheio de coisas que nunca fizeram parte de mim e que já não desejo que venham a fazer.

– Podes ligar à Christie’s de manhã? – pergunto a Mirai, fechando a porta do quartinho e rodopiando para olhar para ela. – Vamos organizar um leilão. Doo o que render às instituições de caridade preferidas deles.

– Tu tens…

– Sim – interrompo-a. – Tenho a certeza.

– Obrigada. – Sorrio, pegando no meu *burrito* de pequeno-almoço e no recibo.

Saindo do pequeno estabelecimento, puxo o capuz da minha *sweatshirt* para cima, protegendo os meus *AirPods* da chuva leve enquanto ouço «The Hand That Feeds». Atravesso a passagem, passando pelo cais, e rumo à praia, com areia a espalhar-se dentro das minhas *Vans* conforme se enterram.

As nuvens escuras pairam baixo enquanto as ondas rolam, o sol matinal escondendo-se e a praia abençoadamente vazia com a exceção de dois corredores. Dois surfistas afastam-se da costa remando com as mãos, os seus fatos pretos a reluzir. Baixo-me e retiro a mochila das costas, pegando na minha garrafa de água e sentando-me de pernas cruzadas enquanto desembrulho o meu *burrito*.

Dou uma trinca e olho para o mar, o sal e a água no ar a fazerem-me sorrir um pouco.

Seis semanas.

Seis semanas desde que voltei à Califórnia e os dias começam a revelar-se mais simples. O leilão terá lugar em breve, redecorei o meu quarto e renovei parte da mobília da casa, e escolhi uma escola de *design* de Seattle enquanto universidade, a começar no outono. Disponho de uns quantos meses para viajar ou simplesmente fazer o que me apetecer antes do início das aulas.

Liguei a Jake. Ele ligou-me.

Mas ele não é de grandes conversas ao telefone, inflexível na ideia de que tenho de regressar a casa e que ele fala comigo quando eu o fizer.

Mas não vou para casa. Preciso disto.

Acabo o meu *burrito* e enfio o lixo na mochila, levando a garrafa de água à boca. Posso não sentir-me mais feliz do que era na altura, mas respeito-me, pelo menos. Não há outra opção.

Deito-me para trás, tombando sobre a areia, preparada para sentir os pequenos pingos na cara.

Mas, ao olhar para cima, está alguém ali parado, a olhar para baixo.

– Olá – diz ele.

Noah?

Arranco os meus *AirPods* e levanto-me, baixando o capuz.

– Então, isto é que é Surf City? – diz, largando as botas no chão e sentando-se na areia ao meu lado.

Olho para ele de boca aberta, incapaz de pestanejar.

– O… de onde vieste?

Ele mostra aquele sorriso de Noah e não me controlo. Lágrimas agitam-me o peito e lanço-me a ele, envolvendo-lhe o pescoço com os braços.

– Como é que sabias que eu aqui estava? – pergunto.

– Bem, não estavas em casa – diz-me, cingindo-me com força com os braços. – E estava a chover, por isso arrisquei.

Desatei a rir, recordando o que lhe contara sobre adorar vir à Huntington Beach quando chove. Esperto.

– Na verdade… – Ele larga-me e volto a sentar-me para observar o seu novo corte de cabelo e o rosto beijado pelo sol. – O meu pai meteu às escondidas uma aplicação de localização no teu telemóvel depois do incidente Holcomb no lago em agosto.

Ai, sim? Reviro os olhos.

Holcomb.

Já há algum tempo que não pensava nele. Deu-se como culpado, contou-me Jake, e apanhou quinze meses por fogo posto, a par de mais umas outras acusações.

– Então, quando é que chegaste?

Reflete por uns momentos.

– Umas seis semanas?

– Seis semanas? – despejo. – Estás em Los Angeles há seis semanas? Porque é que não apareceste lá em casa?

Ele está cá há tanto tempo quanto eu. Não consegui contactá-lo além de umas trocas de mensagens. Ele pretendia que fosse surpresa? Porque, se sim, levou-lhe muito tempo.

Seis semanas…

O tom dele suaviza e parece pensativo.

– Eu também precisava de estar sozinho.

Olho para ele, mas nada tenho a dizer. Percebi. *Houve merda.*

O vento sopra sobre o meu cabelo e afasto-o da testa enquanto a chuva o molha lentamente.

– É tão bom ver-te – digo-lhe.

– Esperei que fosse.

Então, ele tem onde ficar? Não passou todo este tempo em hotéis, certo?

De uma maneira ou de outra, espero que isto signifique que agora vou vê-lo mais vezes. Pelo menos, até começarem as aulas.

– Arranjei um patrocinador – trina ele.

– Isso é fantástico. – Sorrio com gosto. – Então, agora tens uma equipa.

– Ele está a formar uma, sim. – Assente com a cabeça. – Sou o sortudo do primeiro recruta.

– Ele?

– Jared Trent da JT Racing – diz-me. – É um tipo interessante. Uma espécie de cruzamento entre o meu pai e o Kaleb.

A menção a Kaleb leva-me a parar. Como se eu fingisse que nada disto era real e aqui surge Noah para me dar um soco no estômago. De repente, tudo dói.

Mas obrigo-me a rir.

– Porra – digo.

– *Yeah*. – Curva os lábios para cima, tipo em desespero. – Ele não é de muitas falas e quando o faz quase desejas que não o fizesse.

Sim. Kaleb e Jake são assim.

– Mas… ele aprecia o que eu posso fazer – prossegue Noah. – É de gente assim que preciso a apoiar-me.

Ainda bem que encontrou o que procurava. Mas detesto que ache que nunca teve isso.

– Tens tanta gente a apoiar-te. – Olho fixamente para ele. – Espera e vais ver.

Envolvo os meus braços em volta dele e pouso a cabeça no seu ombro, ambos a olhar para as ondas. Estarei presente em todas as corridas que puder e vou gabar-me dele a todos os meus amigos.

Assim que arranjar alguns.

– Podes perguntar-me por ele, se quiseres, sabes? – diz, em voz baixa.

Baixo o olhar, sem dizer nada. Estou desesperada por saber algo sobre Kaleb.

E não. Obviamente, está vivo, pelo que tem comido, dormido e respirado bem sem mim, eu que em alguns dias sinto as minhas entranhas do avesso.

– O pai disse que ele partiu para a cabana de pesca depois de ires embora e ainda não voltou.

Abano a cabeça.

– Não vamos falar dele. – Ergo os olhos para os de Noah. – E tu? Estás feliz?

Olha-me e eu penso porque é que não podia ser ele.

É tão fácil amá-lo.

– Estás magoado comigo? – sussurro, vendo que ele não responde.

Esconde os olhos, com um leve sorriso a formar-se nos lábios.

– Tinhas razão, Tiernan – diz ele. – Eu estava apaixonado, mas por outra coisa.

Corridas.

– Agora, tenho o meu futuro – conta-me. – Sinto-me mesmo feliz.

Volto a pousar a cabeça, expirando ar que não sabia que retinha há meses.

Encosta a cabeça dele à minha, beija-me o cabelo e apreciamos o mar.

– Ele morre de amor por ti, sabes? – diz.

Sinto um ardor na garganta enquanto me escorre uma lágrima pela face.

– Ele ainda não saiu daquele carro, Noah.

36

Tiernan

Noah regressa ao hotel de longa estadia pelo qual paga um balúrdio para ir buscar as suas coisas enquanto eu volto a casa para lhe preparar um quarto. O seu patrocinador tem sede algures às portas de Chicago, pelo que Noah poderá ter de viajar imenso, mas têm também uma filial aqui, por isso será a sua base quando estiver na cidade.

Passámos o resto do dia a caminhar e a conversar e depois do almoço levei-o a um dos alfaiates preferidos do meu pai para ele ter roupa adequada para qualquer situação que possa surgir nesta aventura em que seja necessário vestir-se a rigor. Quando terminámos, já era tarde. Jantámos, ele voltou ao seu hotel para dormir e fazer as malas e sair amanhã e eu voltei para casa.

Tinha mandado trocar a cama do quarto antigo dos meus pais, pelo que vou instalá-lo lá, dado que tem casa de banho privativa. Não preciso de correr o risco de me cruzar com uma hóspede noturna, caso ele queira trazer alguma.

– Devia ser abatido! – ouço Mirai gritar ao entrar em casa.

Paro, detendo-me antes de fechar suavemente a porta enquanto escuto. O que raio?

– Quem desenhou este quarto é que devia ser abatido – riposta Jake. – Estas cortinas parecem a mesma merda que forra os capacetes.

Jake? Fico um pouco mais animada. Ele também cá está.

– Ugh! – rosna ela.

Algo cai, estilhaçando-se no chão, e sigo em bicos de pés pelo *foyer* e escondo-me atrás da parede da sala de estar.

– Ups! – diz Jake. – Lá se vai um prato de doces. Deve ter custado uns trezentos dólares e nunca foi usado, pois esta casa não vê um carboidrato desde dois mil e dois.

Fungo, mas tapo a boca, para que não percebam que estou aqui.

– Saia – diz ela.

– Não.

– Chamo a polícia!

– A TMZ chega cá antes deles.

Abano a cabeça, espreitando pela esquina para o ver enfiar as mãos num saco das minhas batatas *veggie* enquanto Mirai se mantém perto, de mãos nas ancas e a bufar.

Ela ergue as garras como se quisesse estrangulá-lo.

– Nunca me apeteceu tanto bater em alguém desde…

– Desde a última noite em que sonhou comigo?

Recuo e encosto-me à parede. A fúria de Mirai relativa ao que se passou na montanha entre mim e os Van der Berg ainda é intensa – mas, caramba, ele não tem medo disso.

– Onde está ela? – quer ele saber.

– Não sei.

– Mirai? – cantarola ele.

– Vá-se foder.

Volto a espreitar pela esquina, vendo-os de costas para mim, ele atrás dela, pressionando-a.

– Não aconteceu como acha que aconteceu – explica ele. – Éramos o lar dela. Mataríamos para a proteger.

As minhas faces aquecem ao ouvir aquilo, mas Mirai ainda não está convencida.

– Vá à merda – diz ela.

Passo pela arcada e despacho-me para as escadas antes que me vejam, sem forças para me meter no meio daquilo esta noite. Amanhã cumprimento Jake.

– Vou chamar a segurança – ouço-a a avisá-lo.

– Eu não me vou embora – desafia ele. – Fico aqui toda a noite, se for preciso. À espera, consigo…

– Isso é que não fica.

– Perto de si… – prossegue ele.

– Boca. Calada.

– A vê-la…

– Eh…

– Só nós os dois – provoca ele.

Dá-se uma pausa e então:

– Au! – urra Jake. – Isso dói! Tenho o nariz a sangrar, porra!

– Na alcatifa não! – grita ela.

Apresso-me a ir para o meu quarto, deito a mão à maçaneta e fecho discretamente a porta.

Não sei se Noah me procurou por saber que o pai vinha aí, ou se Jake veio ver como estava Noah e decidiu passar por aqui, mas, de uma maneira ou de outra, sinto-me feliz por cá os ter a ambos. Só espero que Jake tenha deixado provisões para alguém ficar na propriedade a tratar dos animais na sua ausência se Kaleb ainda não tiver aparecido.

Mas, por ora, deixo-o e a Mirai sozinhos. Precisam de passar algum tempo juntos para resolverem as suas merdas. Quer ela aprove ou não o que aconteceu, ele não vai a lado nenhum. Se ela quer continuar a estar aqui por mim, vai ter de lidar com ele.

Deixo-me cair na cama, enterrando o rosto na almofada. Foi um dia bom, mas longo. A agitação sempre presente que eu sentia no coração quando abandonei o pico há seis semanas de certa forma voltou. Eles estão cá e sinto-me mais em casa. Um pouco mais, pelo menos.

O catálogo de cursos da minha escola paira como um elefante na minha mesinha de cabeceira, mas sinto-me bem, e olhar para aquilo faz-me sentir menos bem. Esta manhã queria ir para a universidade.

Mas agora que aqui estão…

Malditos sejam. Sempre a confundir-me. Esticando o braço, puxo o fio do meu candeeiro e fecho os olhos quando o quarto tomba na escuridão.

Acordo de repente, com algo a agitar-me. Pestanejo para afastar o sono e viro-me de barriga para cima, à espera de ver o quarto a surgir à vista.

O que foi aquilo? Parecia granizo. Em Los Angeles não cai granizo.

Acendo o candeeiro e sento-me, esfregando os olhos. Olho para a janela, a noite escura nítida e calma do outro lado.

Levantando-me da cama, aproximo-me da janela e puxo para o lado a cortina fina.

Levo a mão à boca ao bocejar, observando o tom azul da relva e a sombra da árvore projetada no relvado escuro.

Mas, então, a sombra move-se e olho com mais atenção.

Há uma corda pendurada no mesmo ramo que os meus pais usavam e tem um pequeno pneu lá pendurado. A minha pulsação acelera. Estarei a ver bem? Mirai retirou o pneu em agosto e quando regressei a corda desaparecera. Eu…

Corro para a porta do meu quarto e abro-a, seguindo a grande velocidade pelo corredor. Ouço risos vindos da cozinha e o cheiro a chili de Jake flutua até mim, fazendo o meu estômago rosnar, mas ignoro-o e percorro o corredor até à porta das traseiras.

Quando foi a última vez que espreitei por aquela janela? Ontem, talvez? Será que Mirai o mandou pendurar? Um para mim, desta vez?

Acho que seria atencioso da parte dela.

Ou talvez o tenha pendurado para os meus pais, dado que sabe que enterrei ali as cinzas. Tipo uma espécie de derradeiro memorial.

Contorno as traseiras da casa e vejo-o em frente, a balançar ao sabor da brisa suave.

Não se trata do mesmo pneu. Este é um pouco mais pequeno e tem uma faixa branca. Talvez algo onde coubesse uma criança.

Alguém avança vindo de detrás da árvore e estaco, olhando-o nos olhos.

Kaleb olha para mim.

Deixo escapar todo o ar dos meus pulmões e isto não me parece real, mas ele avança, assentando a mão na corda sobre o pneu, segurando-o para mim.

Ele fez isto?

Quando…? Como…?

Abeiro-me um pouco mais dele, os meus pés avançando por si próprios.

– O que fazes aqui?

A minha voz mal se faz ouvir, pois de repente sinto a boca seca e não acredito que Kaleb se encontra longe de Chapel Peak. Veio de avião?

Ou talvez tenha conduzido até cá, mas, de uma maneira ou de outra…

É surreal. Não o imagino noutro local que não lá, mas aqui está ele.

– Como é que aqui chegaste? – pergunto-lhe.

Não responde, naturalmente, limitando-se a estender a mão para que lhe pegue.

Olho para a veia nas costas da mão, recordando as noites em que tracei todos os milímetros do seu corpo, aquela noite, em particular.

Agarro-lhe a mão, e em vez de me encaminhar para o pneu, pega-me por baixo dos braços, levantando-me bem alto. Enrosco as pernas na corda, agarrando-me enquanto ele me senta no pneu.

Sinto-me nas nuvens e feliz, quase enjoada. Meu Deus, amo-o.

Está aqui. Posso tocar-lhe.

O que significa isto?

O tronco range com o meu peso e o meu estômago agita-se, aqui sentada em cima. Sempre imaginei como seria isto. Quero sorrir, mas não o faço.

Puxando-me para trás, larga-me, balançando pela brisa, e já não aguento. Sorrio, apesar de contrariada, fechando os olhos e sentindo o corpo a voar. Volto para trás e volta a empurrar-me, desta feita com mais força. Agarro também a corda com força, segurando-a bem junto ao corpo, e deliro com a leveza na minha mente e com o redemoinho no meu estômago.

Agarra o pneu e roda-o, enviando-o e a mim a rodopiar na noite enquanto voa para longe, vagueando na direção da casa e depois de volta para ele. Rio e sorrio, finalmente esticando bem os braços e inclinando a cabeça para trás enquanto o ar corre por entre o meu cabelo.

É belo e maravilhoso e sinto-me livre. Não admira que ela adorasse estar cá fora.

Quase basta para me fazer esquecer o quanto me sentia magoada. Não quero que ele parta.

Mas não sei se ele deveria ter vindo.

O pneu rodopia, abrandando quando Kaleb para de me empurrar e me deixa parar. O meu estômago volta a acalmar e o mundo para de dar voltas. Olho para o chão quando ele detém o pneu, parado atrás de mim.

– Como é que sabias do baloiço de pneu? – questiono, mas, como é evidente, não espero que responda.

Entrega-me um pedaço de papel, dobrado muitas vezes, e eu pego-lhe, abrindo-o.

Assim que a imagem surge, reconheço-o de imediato. É uma impressão de um artigo – um dos muitos sobre os meus pais. O meu pai empurra a minha mãe no baloiço neste preciso local, com os sorrisos mais radiantes

que alguma vez lhes vi.

Ao longe, por cima e mal visível, estou eu. Não mais de sete ou oito anos, a olhar para eles desde a minha janela com o queixo apoiado nas mãos.

Volto a dobrar a folha e entrego-lha.

– Não acredito que aqui estás – digo-lhe, praticamente num sussurro. – Deixaste mesmo o Colorado.

– Estava na hora – diz ele.

Travo a respiração, as palavras dele a atingirem-me como um camião.

O quê?

Deslizo do pneu para o chão e viro-me para ele, não acreditando no que acabei de ouvir. Profundo, mas suave. Nítido e forte. Ele falou.

Kaleb falou.

Dando a volta ao pneu, avança para mim.

– O meu lar é onde tu estás – diz, calmamente.

Abano a cabeça e não sei se simplesmente não acredito que finalmente ouço isto ou se não consigo acreditar por que raio estava eu sequer zangada. É como se tudo estivesse a ser levado e aquelas palavras fossem tudo o que eu necessitava de ouvir.

Enfiando a mão no bolso de trás, retira de lá um livro de capa mole cinzenta que me parece familiar.

– Encontrei o livro. – Entrega-mo.

Aceito-o, vendo que se trata de *The Sirens of Titan* que estávamos a ler na cabana de pesca. Era suposto terminarmos a leitura quando regressássemos a casa, mas percebemos que nos esquecemos dele.

– Depois de teres partido, passei muito tempo na cabana e comecei a lê-lo do início.

Escuto, adorando o som da sua bela voz. Aveludada e tranquilizante, mas as palavras são ainda espessas. Estas palavras são todas novas para ele.

– Em voz alta – acrescenta.

Passou as últimas seis semanas a treinar a ler em voz alta.

Limpo o canto do olho.

Ele aproxima-se, afaga-me o rosto e detém uma lágrima antes que caia.

– Já te ouves melhor? – pergunta. – Sozinha?

Sorrio um pouco. Ele descobriu o meu bilhete. Os seus olhos continuam formidáveis como sempre, mas o seu tom… Revela a sua insegurança. Teme que eu não o queira mais.

– Acho que agora já estou preparada para nos ouvir a ambos – digo-lhe. – E tu?

Assente com a cabeça.

– Também precisava de aprender – explica. – Precisava de me ouvir a mim próprio. Desculpa… levou tanto tempo.

Sorrio e ele aproxima-se e beija-me. Envolvo-lhe a cintura com os braços, sentindo de imediato o calor a percorrer-me o corpo.

Kaleb…

Ele beija devagar e a seguir depressa, mergulhando a língua e depois mordiscando e puxando o meu lábio inferior.

– Vou onde fores – segreda entre beijos.

– Serás feliz?

Adoraria instalar-me em Chapel Peak – ou, melhor ainda, um dia naquela cabana. Mas com algumas renovações e acrescentos. Mas, primeiro, tenho coisas a fazer. Ele vem comigo para o mundo?

Ele para e olha-me nos olhos.

– Não serei feliz sem ti – declara. – Isso, eu sei.

E não preciso de saber mais nada. Desde que estejamos juntos, estamos em casa. Não interessa onde.

– Amo-te – digo-lhe.

Encosta o nariz ao meu.

– Também te amo.

O meu peito agita-se e tento não chorar como uma imbecil. Mas sabe tão bem ouvir aquilo. Finalmente.

Beijamo-nos e agarramo-nos e já estou a fazer planos na minha cabeça sobre como passaremos os meses até começarem as aulas na escola de artes.

– Continua a falar – imploro.

Adoro a voz dele.

Ele ri-se, baixo e de forma inebriante.

– O que devo dizer?

– Qualquer coisa. – Sorrio. – Ler-me qualquer coisa, se calhar?

Agarra a parte de trás das minhas coxas e levanta-me, envolvendo o corpo dele com as minhas pernas.

– Mostra-me os teus livros – murmura contra a minha boca.

– Estão no meu quarto.

Prende os meus lábios entre os seus dentes, uma promessa no seu tom sombrio.

– Tinha a esperança de que lá estivessem.

Sorrio e abraço-o enquanto me leva para a casa.

EPÍLOGO

Kaleb

Cinco Anos Mais Tarde…

Passo o polegar sobre os lábios dela enquanto se move em cima de mim, roçando-se e tomando-me dentro dela.

Céus, esta rapariga adora tendas. *Foda-se, que máximo.*

As costas dela arqueiam e o cabelo tomba sobre a coluna enquanto me monta e recosto-me para trás apoiado numa mão, segurando a anca dela com a outra.

Foda-se, querida. Gemo.

– Kaleb – murmura Tiernan.

Crava as unhas nos meus ombros e chega-se, beijando-me, o seu sabor e calor fazendo a minha cabeça rodar. É a segunda vez em seis horas, ela a subir para cima de mim e despertando-me no alvorecer nem há dez minutos.

Mas como desperto facilmente para ela. Minha linda menina.

Pedras agitam-se e chocalham na praia e sei que anda mais alguém no acampamento. Agarro-lhe o cabelo, segurando-a com força para a acalmar.

Ela abranda, suavizando a respiração, para não nos envergonharmos em frente aos outros, mas não para de rolar as ancas. Suavemente. Silenciosamente. Passando a língua pelos meus lábios, o raio do meu estômago a remexer enquanto ela me deixa à beira da loucura.

– Sabes tão bem – murmura sobre os meus lábios. – Amo-te, querido.

O meu coração incha. Afago a mama dela, apertando e desejando-a na minha boca.

Mas o meu pénis pulsa, aquece e sustenho a respiração enquanto ela intensifica o ritmo, o seu corpo ardente fodendo-me tão bem.

Vimo-nos, a nossa respiração a vacilar e debatendo-nos para não fazermos barulho enquanto a rata cingida dela me aperta com um calor húmido. Jorro dentro dela, puxando a minha cabeça para trás enquanto latejo e me agito, indo o mais fundo possível.

Arquejo por ar. *Merda*.

Ela deixa-se cair em cima de mim e voltamos a tombar sobre os sacos-cama, com pingos do orvalho matinal a pontuar o teto da nossa tenda vermelha.

Ao longo dos anos, entre tendas, cabanas, motéis e caixas de carrinhas em que dormimos nas nossas caminhadas e viagens, é nas tendas que mais se excita. Não sei porquê.

Beijo-a, agarrando o cabelo dela no topo da cabeça enquanto a seguro junto a mim.

– Nunca te hei de largar – digo entre dentes. – Nem sequer para mijar.

Ela ri-se.

– Tens de o fazer – diz ela. – É a tua vez esta manhã.

Resmungo o meu descontentamento face ao lembrete. Odeio ter de o obrigar a comer aquela merda nojenta.

Ela rebola de cima de mim e olho avidamente para o traseiro dela por mais uns preciosos momentos antes de vestir os *jeans* e pegar na pequena saca que me passa.

Saio da tenda e levanto-me, espreguiçando-me com os braços por cima da cabeça e inspirando o ar quente de julho. O lago e a cascata ficam logo em frente, o meu pai está lá em baixo na praia rochosa, já a tratar da cana de pesca. Sorrio. Caçar e pescar era a única coisa que efetivamente gostávamos de fazer juntos. Devíamos ter feito isso mais vezes quando eu era pequeno.

Lavo as mãos e a cara no tacho de água e seco-as, e depois levo a saca que Tiernan me passou até à tenda verde junto à nossa. Abrindo o fecho, baixo-me e entro, vendo Noah ainda a dormir de barriga para cima com o nosso filho preso no braço.

Fico ali parado, a apreciar a vista por uns momentos. Griffin tem dezoito meses e, apesar de ter sido complicado para Tiernan concluir o curso enquanto recém-mamã, conseguiu-o. Com alguma ajuda da minha parte. Ficámos em Seattle por um ano depois de ela se ter licenciado, criando-o e viajando de carro, mas, finalmente, agora estamos em casa em Chapel Peak.

Noah abre os olhos, bocejando.

– Olá.

Ajoelho-me, esfregando o cabelo de Griffin enquanto ele ainda dorme.

– Obrigado por tomares conta dele – sussurro. – Estávamos a precisar de uma noite a sós.

Tento tirar o miúdo dos braços dele. Sem dúvida que precisa de mudar de fralda.

Mas Noah cinge o braço em volta dele.

– Não. – Faz uma careta. – Eu e este merdinhas criámos laços.

Resfolego, puxando-lhe o meu filho dos braços.

– Arranja um teu.

Seguro o meu filho nos braços enquanto ele se contorce e boceja. Tem cabelo louro-escuro e olhos verdes, os seus pés descalços com metade do tamanho da minha mão. Ele é incrível.

Beijo-lhe umas quantas vezes as bochechas, tentando acordá-lo. Pegando no biberão que Tiernan me deu, levo-o aos lábios, os seus olhos finalmente abrindo e bebendo o leite.

– Que merda é essa? – pergunta Noah, ao olhar para o saco.

Retiro o recipiente de plástico, abrindo-o e pegando na colher.

– Uma merda qualquer de abacate e tofu – digo-lhe, enchendo uma colher.

Tiernan está determinada a que ele seja tanto um rapaz da Califórnia como do Colorado. Ela que se iluda, porque este miúdo será todo meu assim que provar costeletas de churrasco.

– Ele não pode comer tofu em Chapel Peak – frisa Noah. – Vai ser alvo de gozo.

– Cala-te.

Dou de comer a Griff, com os seus lábios pequeninos e a fazer beicinho a devorarem a comida, e rio-me sozinho. Ele há de comer de tudo. Acho que quanto mais tempo ele não souber o quanto isto sabe mal em comparação com particamente tudo, melhor.

– Feliz por estar em casa? – pergunta Noah.

Assinto, alimentando cada vez mais a criança.

– Sim.

– Vais manter-te longe de problemas?

– Não – respondo.

Noah ri-se ao deitar-se junto de nós.

O meu pai vai agora imensas vezes à Califórnia, tendo a Van der Berg Extreme fundido com a JT Racing há uns quatro anos. Dado que os donos da JTR preferiram ficar na sua sede em Shelburne Falls, no Illinois, acabou por resultar na perfeição. O pai gere a filial da Califórnia e Noah corre nas nossas motos com os motores deles.

Eu e Tiernan mudámo-nos para a casa aqui, mas apenas até acabarmos de construir o nosso próprio lar, um pouco mais abaixo na montanha. O que ainda vai levar mais de um ano, sem dúvida.

A única outra coisa que Tiernan exigiu na nova propriedade além da casa foi um heliporto. De maneira nenhuma ela ia permitir que fosse eu a suturar o nosso filho se ele se magoasse. Ela quis que ele pudesse ser levado anestesiado por via aérea.

Eu vou continuar a transformar motos, ela a desenhar casas, decoração e móveis enquanto o estado do tempo o permitir, e viveremos para o inverno e para o calor e para a nossa família com algumas aventuras paralelas.

Continuo a alimentar Griffin, mas sinto o olhar de Noah em mim, como se ele tivesse algo mais a dizer.

– O que queres que faça às cinzas dela? – pergunta, por fim.

As cinzas dela.…

Não olho para ele, rapando o recipiente e dando o resto ao miúdo.

Encolho os ombros.

– Leva-as.

Foi por isso que ele voltou. Que o meu pai voltou. A razão para acamparmos e estarmos juntos e recordar o que temos para nos sentirmos gratos enquanto família.

Anna Leigh morreu. A minha mãe.

A nossa mãe.

Sinto um aperto na garganta enquanto Griff olha para mim, os seus grandes olhos esmeralda fitando-me.

Obrigo-me a sorrir-lhe.

– É surreal – diz Noah baixinho. – Acho que lá no fundo ela seria alguém bastante diferente. Se não fosse pelas drogas.

Porque é que ele pensa isso? Ela na prisão não consumia droga. Esteve lá quinze anos, com algumas saídas de permeio, e a única vez em que tentou estabelecer contacto foi para pedir dinheiro. Furto, roubo, tráfico… negligência com o filho. Ela era má pessoa.

E eu recordo. Ainda hoje tenho de ter os vidros do carro abertos.

– Talvez ela quisesse ser diferente – prossegue. – Alguém que se risse com os filhos. Que brincasse connosco e quisesse um homem que a tratasse com amor.

Vem-me à mente uma imagem dela de barriga para o ar comigo equilibrado nos seus pés para eu voar. Ela sorriu. Eu ri-me.

– É o que toda a gente quer, não é? – pergunta Noah. – Não estar sozinho?

Ele não tem quaisquer memórias dela. Apenas um ano mais novo do que eu, mas demasiado novo. O cancro surgiu em março e avançou depressa. Ela morreu na prisão há umas semanas.

Talvez ele tenha razão. Se ela não tivesse experimentado daquela primeira vez, talvez tivesse sido uma pessoa diferente.

– Só quero recordá-la como ela deveria ter sido. – A voz dele esmorece para um sussurro. – Neste momento, estou demasiado cansado para continuar a odiá-la. Agora que tudo acabou, talvez tudo o que ela deseje é não estar sozinha. Saber que às vezes pensamos nela.

Os meus olhos ficam marejados por lágrimas e, foda-se, não quero fazer isto, mas não consigo parar. Tusso para disfarçar as emoções que me sufocam, por causa do raio de Noah. Maldito seja.

Ela morreu e todas as noites sou acolhido no seio de uma família que amo. Porquê odiá-la?

– Ah, que se foda. – Seco os olhos e pego na comida e no biberão. – Deixa-me metade das cinzas. Espalho-as na montanha.

Não olho para ele ao sair dali e pego no meu filho, escapando da tenda antes que me envergonhe ainda mais.

Agarrando Griff bem junto a mim, inspiro fundo umas quantas vezes, deixando sair o ar lentamente. *Raio de Noah.*

O meu pai está junto à água e avanço até lá, virando o miúdo para que possa ver a cascata. Da primeira vez que trouxemos aqui a mãe dele, ela sentou-se numa toalha de praia mesmo aqui.

O pai espreita, sorrindo a Griff.

– Não sei com quem é mais parecido.

Olho para o meu filho. O cabelo dele é mais escuro do que o de Tiernan, mas muito mais claro do que o meu. Mas tem os meus olhos.

– Desde que seja amado, isso não interessa – digo-lhe.

– Isso ele é. – Puxa a linha no carreto. – Se quiseres ter mais uns quantos, eu não me queixo – diz ele. – É agradável ter outra vez um miúdo a correr à nossa volta. Posso ser melhor com ele do que fui contigo.

Olho para a paisagem, pensando na minha infância. Nunca me senti ressentido com o meu pai, enquanto fui crescendo. Nunca me passou pela cabeça que ele não estivesse a dar o seu melhor.

Até ele a ter. Aí, fiquei magoado por uns tempos.

Mas baixo o olhar, demasiado feliz para me incomodar com isso. Andávamos perdidos e destroçados, cada um à sua maneira, e ela precisava de nós tanto quanto nós precisávamos dela. Morreríamos por ela.

– Não andamos a assaltar bancos nem somos bêbados – reajo, por fim. – Eu e o Noah até demos certo.

E, então, viro-me para ele.

– Queres ter mais uns quantos e eu não me importo de ter uma irmã.

Ele ri-se e espreito para a tenda azul, sabendo quem ele tem lá dentro, embora continue a tentar disfarçar o que todos sabemos que se passa há anos. Ela tem trinta e sete anos e não tem filhos. Talvez queira um.

Ele suspira, rebobinando a sua linha e mudando de assunto.

– Trataste da encomenda do Robinson?

– Sim, está descansado. – Volto a olhar para a esquerda e dou com Mirai a sair da tenda dele. Vê-nos e enfia-se de pronto na sua, como se fôssemos todos estúpidos.

Mas é divertido.

– Ele tem a tua camisa vestida – digo-lhe. – É melhor ires buscá-la.

Ele lança-me um sorriso.

– Eu vou.

Tiernan sai da nossa tenda quando ele se afasta e espreito por cima do ombro, sorrindo.

Ela vestiu o biquíni castanho que mais aprecio e acena-me com uma fralda de natação.

Vou ter com ela, deixando que pegue em Griffin e o mude enquanto vou à tenda buscar os meus calções de banho e o colete salva-vidas dele.

Preparámo-nos e levamo-lo para a lagoa.

– Ohhhhhh. – Ela sorri entusiasmada a Griffin enquanto ele chapinha com os braços e pernas na água. – Está fria, não está?

Caminhamos pela água, segurando-o e brincando, com a cascata a prender-lhe a atenção enquanto ele arrulha.

– Sabes dizer «cascata»? – pergunta ela.

O olhar dele ilumina-se, olhando para ela e falando à bebé.

Enfiamo-nos atrás da queda de água, encharcando as cabeças e rindo enquanto ele suga o ar, algo chocado.

Tiernan olha em volta, ambos apreciando as novas obras de arte desenhadas nas paredes.

– Assustaste-me imenso da última vez que aqui estivemos – diz ela.

Seguro Griffin pelo colete, deixando-o dar livremente aos braços e pernas.

– Assustas-te com facilidade – brinco.

– Não é verdade. Foste intenso.

– Fui? – pergunto, fingindo-me ofendido.

Ela sabe que agora sou intenso onde interessa.

Avançamos mais para o fundo, rodopiando o bebé na água.

– Na altura devia ter-te trazido aqui – digo-lhe. – Ou ter ficado aqui contigo naquele dia.

– O que te leva a pensar que eu não teria fugido?

– Deixei-te com as coxas a tremer.

Ela funga.

– Não deixaste nada.

– Não eras tu a gemer em cima daquele carro na noite em que nos conhecemos?

– Eu disse-te para parares!

– Desculpa – digo, com ternura. – Não te ouvi com os teus arquejos.

– Cala-te.

Agarro o miúdo com uma mão e puxo-a com a outra.

– Queres tentar outra vez a tua sorte?

As sobrancelhas dela erguem-se face ao meu desafio.

– Posso deixar o Griffin com o Noah por um bocado logo à noite. – Olho para baixo para os olhos dela, o corpo dela a pressionar o meu, excitando-me outra vez. – E se calhar podemos encontrar-nos aqui às dez? Podes mostrar-me como és boa a odiar tudo o que eu faço.

Morde o lábio inferior, olhando para a minha boca, e ainda a vejo naquele dia – a recuar em relação a mim e nervosa, mas, meu Deus, eu só queria ficar com ela.

Mas ela ri-se e liberta-se de mim, agarrando o nosso filho e regressando à queda de água e à saída do túnel.

– Vai estar muito escuro aqui às dez – avisa.

Muito escuro.

Avanço para ela, olhando-a como fiz naquele dia há tanto tempo.

– Eu encontro-te.

– Se conseguires… – provoca-me.

E, então, desaparece com Griff através da queda de água e eu sorrio face a todas as noites que temos pela frente.

FIM

Agradecimentos

Em primeiro lugar, aos leitores. Quando comecei a publicar em 2013, sinto que me prendi a uma fórmula. Queria agradar às pessoas, elas gostavam do que eu tinha feito da última vez, por isso continuei com o que resultava. E a verdade é que alguns leitores gostaram. Afinal, é bom saber com o que se pode contar da parte de um escritor quando se está com disposição para mais do que se gostou da última vez.

Contudo, percebi rapidamente que não me sentia satisfeita. Não estava a desenvolver-me e sentia-me aborrecida. Por isso, esforcei-me e deixei-me levar pela imaginação, criando *Corrupt* (Devil's Night #1) como criei *Bully* – uma mistura de tudo de que gostava e reconhecendo a minha própria personalidade durante o processo. *Corrupt* acabou por irritar muitos leitores. Mas… é também o livro favorito de muitos leitores.

Isso, percebi eu, tinha valor.

Acho que o meu maior medo enquanto escritora é acabar numa posição em que produzo livros pouco memoráveis a cada seis semanas, como uma linha de montagem. Sei que para alguns de vocês posso ser um pouco imprevisível, e isso não é necessariamente uma virtude. Por isso, obrigada àqueles que leem as minhas histórias e regressam para ler mais. Espero que saibam sempre que o que quer que eu escreva para vocês é resultado de muito tempo, amor e imaginação. Foi especial para mim, e eu tive a melhor das intenções. Sempre.

Beijos, Pen

Agora o resto…

À minha família – o meu marido e filha aguentam com o meu horário de loucos, com os meus papéis de rebuçados e quando fico a olhar para o vazio sempre que penso numa conversa, numa reviravolta no enredo ou numa cena que acaba de surgir na minha mente à mesa de jantar. Vocês aguentam mesmo com muito, por isso, obrigada pela vossa paciência.

A Jane Dystel, a minha agente na Dystel, Goderich & Bourret LLC – não há hipótese nenhuma de eu alguma vez te deixar, por isso vais ter de levar comigo.

Aos membros do grupo de leitores PenDragons – vocês são o meu lugar feliz no *Facebook*. Obrigada por serem o sistema de apoio de que preciso e por serem sempre positivos. Especialmente às diligentes administradoras: Adrienne Ambrose, Tabitha Russell, Tiffany Rhyne, Kristi Grimes e Lee Tenaglia.

A Vibeke Courtney – a minha editora independente que passa tudo o que faço a pente fino. Obrigada por me ensinares a escrever e dizeres as coisas como elas são.

A todos os maravilhosos leitores, especialmente no *Instagram*, que criam arte para os livros e mantêm-nos a todos entusiasmados, motivados e inspirados… obrigada por tudo! Adoro a vossa visão.

A todos os *bloggers* e *bookstagrammers* – há demasiados para nomear, mas sei quem vocês são. Vejo as publicações e as identificações e todo o vosso trabalho árduo. Passam os vossos tempos livres a ler, a fazer crítica e a promover, e fazem-no sem remuneração. São a força de vida do mundo dos livros, e quem sabe o que seria de nós sem vocês. Obrigada pelo vosso esforço incansável. Fazem-no por paixão, o que torna tudo ainda mais incrível.

A T. Gephart, que se esforça por confirmar se estou bem e se preciso de um carregamento de *verdadeiros Tim Tams* australianos. (Sempre!)

E a B. B. Reid, KD Kimber Carrillo e a Charleigh Rose por lerem, serem positivas e darem *feedback*.

A cada autor e aspirante a autor – obrigada pelas histórias que partilharam, muitas das quais me fizeram uma leitora feliz na busca por um escape maravilhoso e uma melhor escritora, tentando corresponder aos vossos padrões. Escrevam e criem, e nunca parem. A vossa voz é importante, e desde que venha do coração está correta e é boa.

Contents

1. Ficha Técnica
2. 1 Tiernan
3. 2 Tiernan
4. 3 Tiernan
5. 4 Tiernan
6. 5 Jake
7. 6 Tiernan
8. 7 Tiernan
9. 8 Tiernan
10. 9 Noah
11. 10 Tiernan
12. 11 Tiernan
13. 12 Tiernan
14. 13 Tiernan
15. 14 Noah
16. 15 Tiernan
17. 16 Tiernan
18. 17 Jake
19. 18 Jake
20. 19 Tiernan
21. 20 Tiernan
22. 21 Tiernan
23. 22 Noah
24. 23 Tiernan
25. 24 Tiernan
26. 25 Tiernan
27. 26
28. 27 Tiernan
29. 28 Tiernan
30. 29 Tiernan
31. 30 Tiernan
32. 31 Tiernan

33. 32 Tiernan
34. 33 Tiernan
35. 34 Tiernan
36. 35 Tiernan
37. 36 Tiernan
38. EPÍLOGO Kaleb
39. Agradecimentos

Landmarks

1. Cover
2. Title-Page
3. Table of Contents
4. Acknowledgments